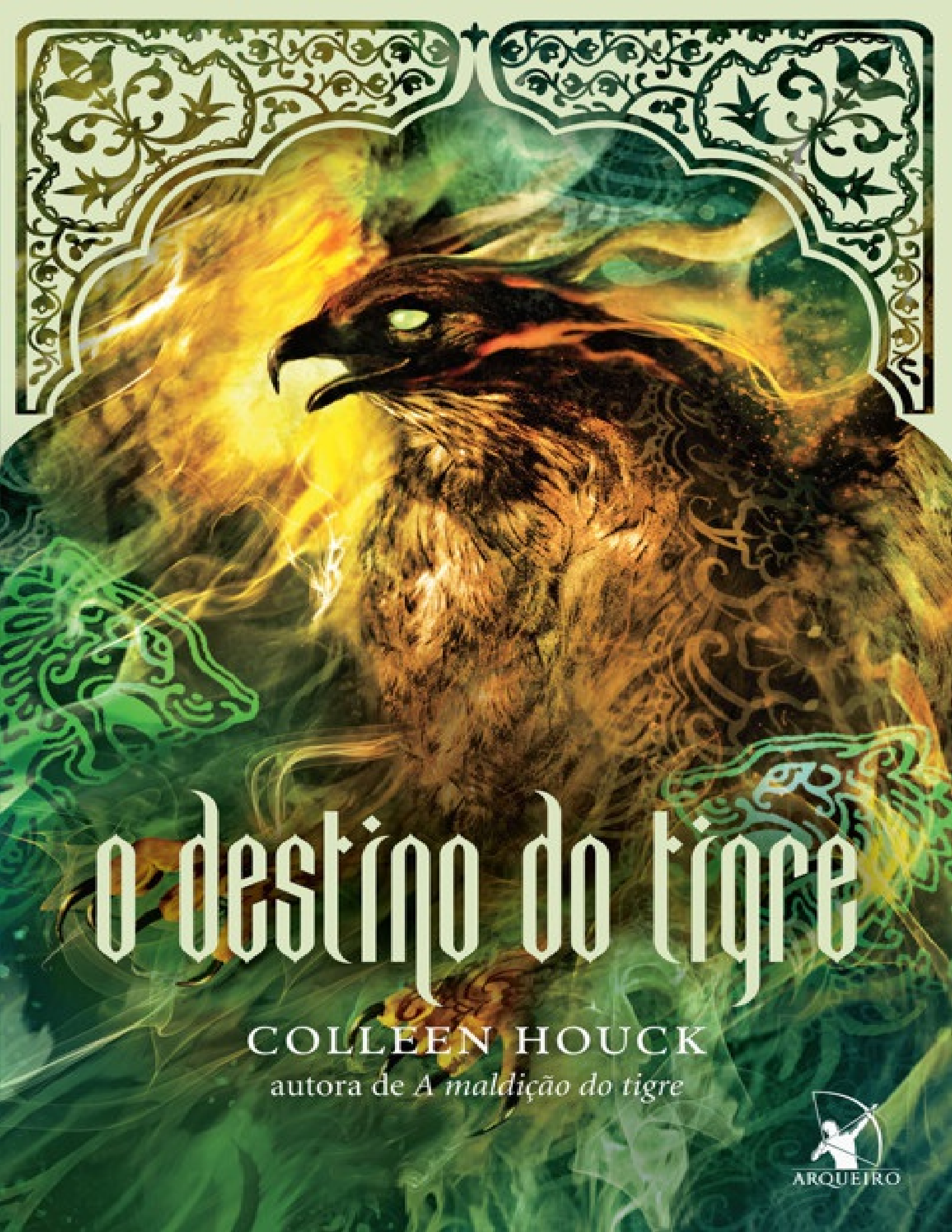




o destino do tigre

COLLEEN HOUCK

autora de *A maldição do tigre*



ARQUEIRO



o destino do tigre



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

COLLEEN HOUCK

o destino do tigre



Título original: *Tiger's Destiny*
Copyright © 2012 por Colleen Houck
Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado originalmente por Sterling Publishing Co., Inc.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Tradução do Soneto XXX, “Quando à corte silente do pensar”, de Shakespeare, por Barbara Heliodora (In: *Poemas de amor de William Shakespeare*, Ediouro, 2001). Reproduzido mediante prévia autorização da tradutora.

Tradução do Soneto L, “Com que pesar enfrento a jornada”, de Shakespeare, por Thereza Christina Rocque da Motta (In: *154 Sonetos*, Ibis Libris, 2009). Reproduzido mediante prévia autorização da tradutora.

tradução: Raquel Zampil
preparo de originais: Melissa Lopes Leite
revisão: Natália Klusmann e Rebeca Bolite
projeto gráfico e diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial
capa: Katrina Damkoehler
imagem de capa: Cliff Nielsen
adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

H831d
Houck, Colleen
O destino do tigre [recurso eletrônico] / Colleen Houck [tradução de Raquel Zampil]; São Paulo: Arqueiro, 2013.
recurso digital.

Tradução de: Tiger's destiny
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-154-6 (recurso eletrônico)

1. Tigre - Ficção. 2. Ficção americana 3. Livros eletrônicos. I. Zampil, Raquel. II. Título.

13-1614
CDD: 813
CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54
Vila Olímpia – 04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para meu irmão, Jared, e sua mulher, Suki,
que me ajudam a dar assistência aos fãs, me oferecem suporte
técnico, colaboram com as cenas de luta, me dão apoio moral
e, mais importante, me ajudam a manter tudo divertido.*

SUMÁRIO



PRÓLOGO	Espaço e tempo
CAPÍTULO 1	Prisioneira
CAPÍTULO 2	Ascensão
CAPÍTULO 3	Ofensiva
CAPÍTULO 4	Reencontro
CAPÍTULO 5	Juntando os pedaços
CAPÍTULO 6	Templo de Vaishno Devi
CAPÍTULO 7	Destino
CAPÍTULO 8	Um adeus
CAPÍTULO 9	Vozes dos que partiram
CAPÍTULO 10	O nascimento de Durga
CAPÍTULO 11	Comprometida
CAPÍTULO 12	Disfarce
CAPÍTULO 13	Ilha Barren
CAPÍTULO 14	Fênix
CAPÍTULO 15	A esposa <i>sati</i>
CAPÍTULO 16	Fruta do fogo
CAPÍTULO 17	A Caverna do Sono e da Morte
CAPÍTULO 18	<i>Rakshasas</i>
CAPÍTULO 19	<i>Qilins</i>
CAPÍTULO 20	Bodha – Cidade de Luz
CAPÍTULO 21	Lordes da Chama
CAPÍTULO 22	No calor da batalha
CAPÍTULO 23	Quimera
CAPÍTULO 24	Um novo mundo
CAPÍTULO 25	Rivalidade entre irmãos

CAPÍTULO 26	Aliados
CAPÍTULO 27	Guerra
CAPÍTULO 28	Dois lados da mesma moeda
CAPÍTULO 29	A derrota de Mahishasur
CAPÍTULO 30	Amuleto reunido
CAPÍTULO 31	Troca de lugares
CAPÍTULO 32	Promessas
CAPÍTULO 33	Corda do Futami
EPÍLOGO	Nova geração

Fênix que Renasce

Colleen Houck

A Fênix que Renasce conhece seu destino?
De vir ao mundo, tornar-se forte, aprender a voar.
Construir um ninho, um companheiro procurar.
Dormir, ansiar e caçar no céu infinito?

Será que sabe que o fogo é seu futuro?
Que uma chama irá lhe pôr fim à vida?
Quando o calor que purifica animar a pira,
O esforço terreno tornando-se obscuro?

Será que o pavor o peito lhe penetra?
Será que se arrepende de escolhas feitas?
Será que a mágoa a crista lhe enfeita?
E que tem consciência do preço que perpetra?

Antes extraordinário, seu corpo queima
Enquanto lança gritos de pavor e dor.
Carbonizadas, suas penas perdem a cor,
Negando a vida, uma lágrima teima.

De morte tão medonha, outra alma
Nova, assumindo seu lugar, emerge.
Com determinação e propósito elege
Um glorioso amanhecer sem trauma!

Porventura a Fênix que Renasce agradece
As cinzas negras que lhe dão a vida?
Sabe ela que o fogo seu destino lapida?
Desfruta a Terra enquanto não perece?

PRÓLOGO



Espaço e tempo

Sem mais nem menos, estavam perdidos, rodopiando através do negro redemoinho do tempo. Segundos se passaram. Éons se passaram. Moléculas se deslocaram e se agitaram. Então uma luz atravessou a poeira cósmica e, igualmente súbita, uma onda de compreensão o varreu.

Pelo processo de tentativa e erro, ele havia aprendido a controlar o vórtice e saltar através dos anos. Se corresse rápido demais, entrava em um futuro desconhecido. Se recuasse apressado, o mundo deixava de existir. O tempo requeria uma mão delicada, um toque preciso. De início, ele ricocheteava bruscamente através dos milênios, como uma pedra lisa quicando na superfície de um lago. Mas logo estava se movendo em uma dança com o cosmo, treinando passos que o levariam aos lugares que precisava ver.

Ele examinou os séculos como se fossem livros numa biblioteca. Quando terminou, sabia qual era seu lugar no Universo e como servir melhor àqueles a quem amava.

Sentindo que ela estava pronta, ele sorriu e apertou-lhe a mão. Então a puxou para si e deslocou ambos entre as estrelas, movendo-os para o começo do fim, ou o fim que levaria a um começo.



Prisioneira

Embalada pelas ondas do oceano, sonhei que nadava com um imenso dragão que piscou para mim. Enquanto ele deslizava ao meu lado impulsionado pela cauda, senti meu corpo ser empurrado. Gemi e lutei quando mãos ásperas prenderam com força meus braços e pernas. O ronco de um motor tomou o lugar do barulho das ondas, e meu sonho se modificou. De repente, eu me encontrava numa floresta e podia ouvir claramente o ruído constante de patas de tigre sobre as folhas no solo, correndo na minha direção.

Depois, vieram os pesadelos. Tubarões na água, piratas no *Deschen*, a captura pelos homens de Lokesh.

Uma voz à distância sussurrou com urgência: *Acorde, Kelsey.*

Aturdida, abri os olhos. Eu estava deitada numa cama com dossel. *Foi só um sonho horrível*, pensei agradecida.

O sol poente lançava sua luz fraca pela janela acima da cama. A janela tinha vidros grossos e grades, impedindo que qualquer pessoa entrasse... ou saísse.

– Não! – gritei para o quarto vazio.

Não era um sonho coisa nenhuma. Tentei me lembrar de tudo. Eu me lançara em três buscas para libertar Ren e o irmão, Kishan, da Maldição do Tigre. Tínhamos que encontrar apenas mais um presente para a deusa Durga a fim de quebrar o feitiço. Estávamos em um navio, e houve uma batalha contra Lokesh. Até aí eu sabia. Depois, três minúsculas picadas (dardos de tranquilizantes?), uma lancha... eu colocando Fanindra e o amuleto na água, e então a escuridão.

Eu estava trancada num estranho quarto, uma prisioneira em uma jaula. Corri para a porta e girei inutilmente a maçaneta. Concentrando minha energia interior, ergui o braço para explodir a fechadura, mas nada aconteceu. Confusa, levei minha mão ao pescoço para tocar o Colar de Pérolas Negras de Durga.

Como foi que perdi meu poder de raio? Onde estou? Onde estão meus tigres, Ren e Kishan? Será que Fanindra os encontrou? O que aconteceu ao Sr. Kadam e à Nilima? Estarão vindo me resgatar? Como vou sair daqui?

Tentei avaliar a situação. Eu tinha o Colar de Pérolas, e o Lenço Divino ainda estava trançado pelas presilhas do cós da minha calça jeans, mas o arco e as flechas e o Fruto Dourado da Índia não estavam em nenhum lugar visível. Reprimindo uma risada amarga, percebi que poderia fazer toda água e todo tecido que desejasse com o que me restava dos presentes de Durga, como se isso

pudesse me ajudar...

Apalpei a área entre os dedos, procurando o pequeno mecanismo de rastreamento que o Sr. Kadam havia dolorosamente implantado. Ainda estava ali, o que significava que existia uma chance de a cavalaria vir correndo me salvar. Era uma chance pequena, mas era tudo que eu tinha.

Minha cabeça doía e minha boca parecia estar cheia de algodão. Tentei engolir e acabei tossindo, o que fez com que eu me sentisse ainda pior.

Controle-se, Kelsey Hayes!, pensei e me forcei a tentar analisar o ambiente. Pela janela, eu via árvores e neve, e estava a pelo menos três andares de altura. Pensei que podia avistar algumas montanhas, mas não tinha como saber onde se localizava meu cativo.

Meu estômago se revirou e corri para o banheiro. Depois de lavar a boca, olhei para o meu reflexo. Uma mulher assustada, exausta e desmazelada me fitou de volta. *O que aconteceu com a garota do Oregon?*

Naquele exato momento, uma voz sedosa irrompeu meus pensamentos. Fiquei paralisada. Era meu captor, Lokesh.

– Por favor, vista-se para o jantar, minha querida. Como pode ver, não há meios de fugir e eu confisquei suas armas. Está na hora de nos encontrarmos novamente. Tenho uma proposta, Kelsey Hayes. Creio que é chegado o momento de você abraçar o seu destino.

Minhas entranhas se reviraram outra vez enquanto eu imaginava o tipo de destino que Lokesh tinha em mente para mim. Eu não via câmeras nem microfones no quarto, mas sabia que estava sendo observada. Estranhamente, eu me sentia distanciada da situação. O medo frio que eu havia experimentado ao enfrentar Lokesh em cada visão fora substituído por uma trêmula determinação.

Considereei minhas opções. Primeiro, eu precisava sair daquele quarto e identificar possíveis rotas de fuga. Esse suplício só poderia ter um entre quatro desfechos: eu fugiria por conta própria (possível); Ren e Kishan me resgatariam; eu morreria (essa decididamente não era minha primeira opção); ou eu passaria minha vida sendo a prisioneira de um psicopata, o que também não parecia muito divertido. Além disso, eu deveria recuperar o Fruto e meu arco e as flechas. Durga havia me advertido de que, se suas armas caíssem em mãos erradas, os resultados seriam desastrosos. Mordi o lábio e torci para que não precisasse escolher entre salvar a mim ou as armas.

Se sair deste quarto significa jantar com o demônio, que seja. Por ora, vou entrar no jogo dele, mas, se eu tiver que sucumbir, vou sucumbir lutando.

Instintivamente, eu sabia que bancar a donzela em perigo não funcionaria. Para vencer Lokesh em seu jogo, eu deveria me tornar algo que não era – uma mulher forte, bonita, poderosa e segura de si.

Depois de examinar o armário e encontrar apenas um tubinho justo com decote profundo, decidi assumir um risco calculado. Pedi ao Lenço que criasse roupas novas para mim, da forma mais discreta possível, e o instruí a não fazer nenhuma de suas mudanças de cor caleidoscópicas.

Tirei o novo traje do armário e fiquei maravilhada diante de seus detalhes. O Lenço havia criado uma glamourosa *lehenga* em dourado e azul-cobalto. A blusa de jacquard de mangas curtas marcava minha cintura, e a saia longa e justa delineava minhas curvas. Usar as cores de Ren e de Kishan me deu uma dose muito necessária de coragem, e achei que o conjunto elegante me

ajudaria com o papel que eu pretendia desempenhar. O Lenço produzira inclusive um par de brincos pendentes imitando safiras, feitos de um tecido leve.

Assim que terminei de me vestir, um criado esguio e de aparência ameaçadora abriu a porta do quarto. Implorei para que me deixasse fugir, mas ele sacudiu a cabeça e replicou algo incompreensível em híndi. Enfiei o Lenço por dentro da manga, tentei lembrar as poucas palavras que conhecia naquela língua e repeti minha súplica por ajuda:

– *Trahi!*

O homem, porém, apenas me conduziu por um corredor onde se alinhavam mais janelas gradeadas, grossos tapetes e paredes com lambris.

Em seguida, atravessamos uma série de portas trancadas, cada uma delas guardada por uma sentinela. Quando outra porta se fechou ruidosamente e se trancou às minhas costas, me veio a lembrança de que era assim que a jaula de Ren no circo era disposta – portas dentro de portas a fim de proteger os humanos do tigre. Rapidamente fiz uma observação mental: *Fugir por conta própria será difícil, se não impossível. Mas o bom disso é que Lokesh acredita que precisa de um alto nível de segurança para me conter. Talvez exista alguma forma de usar isso contra ele.*

A última porta se abria para uma sala de jantar onde uma mesa estava posta para dois. O criado puxou uma cadeira e gesticulou, indicando que eu me sentasse, antes de deixar a sala silenciosamente. Brinquei com a faca da manteiga enquanto esperava. Meu estômago se contorcia de nervosismo e eu me perguntava como conseguiria encarar Lokesh sozinha. Em nossa última busca para quebrar a Maldição do Tigre, eu tinha lutado contra um *kraken* e um tubarão gigante. Mas, de certa forma, aquelas feras não pareciam tão perigosas quanto a personificação do mal que eu enfrentava agora, o monstro que havia transformado meus dois príncipes indianos em tigres mais de três séculos atrás.

– Que bom que você aceitou meu convite para jantar – disse Lokesh, surgindo de repente na cadeira à minha frente.

Ele parecia diferente desde a última vez que o tinha visto. Mais jovem. Embora eu ainda reconhecesse a maldade sombria por trás de seus olhos negros, consegui me controlar. Lokesh pegou minha mão e a beijou rudemente.

– Não que eu tivesse escolha – repliquei.

– Exato. – Ele sorriu e apertou minha mão com um pouco mais de força. – Tampouco lhe dei uma opção de roupa – prosseguiu ele –, e no entanto aqui está você, usando um traje diferente. Posso perguntar onde o conseguiu?

Em um movimento suave, cobri minha faca com o guardanapo e os coloquei no colo, deslizando o utensílio cuidadosamente para o bolso. Esperando que ele não tivesse notado, comentei com ironia:

– Quando você me contar de onde vem o *seu* poder, ficarei feliz em lhe mostrar como criar um guarda-roupa do nada.

Uma nova onda de coragem percorreu meu corpo agora que eu finalmente tinha algum tipo de arma.

Para minha surpresa, Lokesh riu.

– Como é encantador estar na companhia de uma mulher espirituosa. Creio que serei tolerante com você, *por ora*. Mas não teste a minha paciência.

Seu sorriso se transformou numa expressão maliciosa. De perto, Lokesh parecia mais asiático que indiano. O cabelo escuro era cortado curto, partido de lado e alisado para trás – bem diferente de Ren, cujo cabelo sempre caía nos olhos azuis.

O feiticeiro se movimentava de forma contida, mantendo os ombros e as costas rígidos. Ele estava mais musculoso e bonito do que antes, até mesmo atraente. Mas eu sabia que um louco espreitava sob a superfície, e suas feições ainda carregavam sua propensão ao mal.

A comida foi servida e nossos pratos rapidamente se encheram com os condimentados sabores indianos. Os criados eram eficientes e extremamente silenciosos. Belisquei a comida, lutando para recuperar o apetite.

– Você usou magia para parecer mais jovem? – perguntei com cautela.

Seus olhos negros ficaram ainda mais escuros, mas em seguida ele sorriu.

– Usei. Você está me achando bonito? Sente-se mais confortável ao me ver com uma idade mais próxima à sua?

Estranhamente, eu me sentia.

Dei de ombros.

– Eu me sentiria desconfortável independentemente da sua aparência. De qualquer forma, por que se importa com isso? Estou surpresa que não tenha me acorrentado no porão e não esteja se preparando para cravar pregos nos meus polegares.

Uma centelha azul chamou minha atenção e levantei os olhos. Mas, se estava ali antes, já havia desaparecido. Lokesh franziu a testa e esfregou os dedos.

– Você preferiria ser acorrentada no porão? – perguntou com casualidade, me provocando de maneira perturbadoramente lasciva.

– Não, só estou curiosa. Por que estou recebendo tratamento especial?

– Está recebendo tratamento especial porque você é especial, Kelsey. Como demonstrou esta noite, você tem poderes próprios e eu não quis reprimi-los. – Ele estalou a língua, desapontado. – Parece que você não me compreende nem um pouco. Tenho certeza de que minha causa foi deturpada. Agora que você tem a chance de me conhecer melhor, acho que vai descobrir que não sou um homem difícil de agradar.

Inclinei-me para a frente, vendo a oportunidade de desafiá-lo.

– Por alguma razão, duvido que Ren concordasse com essa avaliação.

Lokesh deixou o garfo cair com um grande ruído e então encobriu habilmente sua ira.

– O *príncipe* se rebelou em todas as oportunidades. Por isso foi tratado tão... severamente. Espero que *sua* reação a mim seja diferente.

Pigarreei e respondi:

– Suponho que tudo dependa do que você quer de mim.

Lokesh tomou um gole de sua taça enquanto me olhava com sagacidade por sobre a borda.

– O que quero, minha querida, é a oportunidade de lhe mostrar como é um verdadeiro homem de poder. Seria um erro continuar a se aliar com os tigres. Eles não têm nenhum poder de verdade,

não como você ou eu. Na realidade, o amuleto os amaldiçoou. Nunca foi concebido para eles. Sou eu quem está destinado a unir os pedaços. É por mim que o Amuleto de Damon clama.

Limpei os lábios com o guardanapo, protelando, enquanto um plano louco começava a se formar na minha cabeça. *Se é uma adversária poderosa o que ele quer, então é o que vai ter. Chegou o momento de dar utilidade às minhas aulas de teatro. Primeiro Ato: Jantar com uma garota misteriosa com poderes sobrenaturais, atitude insolente e nervos de aço. É hora do espetáculo...*

– Como sabe, não tenho mais um pedaço do amuleto. Se esperava conseguir a minha parte me bajulando, vai ficar muitíssimo decepcionado.

– Sim, seus preciosos tigres devem estar com ela. Talvez a tragam com eles quando vierem em seu resgate.

Desconcertada, fiz uma pausa, mas só por uma fração de segundo.

– E o que o faz pensar que eles virão?

– Ora, minha querida Kelsey. Eu vi como eles olham para você. Você os cativou com mais eficiência do que a minha filha, Yesubai. Não é tão bonita quanto ela, mas há ousadia e desafio em seu olhar. Suspeito que Dhiren só sobreviveu às minhas técnicas de interrogatório porque queria voltar para os seus braços. Ambos os príncipezinhos estão aleijados por causa de seu amor por você. Isso os deixa fracos e burros.

E lá vamos nós... Dirigi um sorriso afetado a Lokesh.

– Talvez você caia na mesma armadilha que eles – ameacei.

– Está dizendo que iludiu os príncipes, fazendo-os se apaixonarem por você? Porque, se fez isso, meu conceito sobre você acaba de aumentar.

Embora aterrorizante a princípio, a encenação acabou me dando ânimo. Meu medo se dissolveu até se tornar um carocinho no fundo do estômago, pequeno o bastante para que eu pudesse ignorá-lo. Passei a língua pelos lábios numa tentativa deliberadamente lenta de distraí-lo.

– Uma mulher esperta usa todas as ferramentas à sua disposição para obter o que deseja.

Lokesh estreitou os olhos, disposto a encarar meu ataque verbal.

– E o que você deseja, Kelsey?

Fazendo um tipo Scarlett O'Hara, dei uma risada insolente.

– Certamente você não espera que eu entregue todos os meus segredos no nosso primeiro encontro. Não sou tão ingênua assim. Mas... se quiser colocar nossas cartas na mesa agora, me diga: o que quer de mim?

– Quero que você se alie a mim, não aos tigres.

– De que maneira? – perguntei, tentando desesperadamente não estremecer com o pensamento.

De repente, senti um formigamento avançando em minha pele. Não doía, mas era íntimo, invasivo. Uma brisa leve pairou sobre meus braços nus e envolveu meu pescoço. Dedos invisíveis subiram pela minha nuca, penetrando em meus cabelos, e então tornaram a descer para a clavícula. Embora Lokesh não houvesse movido um só músculo, eu tinha certeza de que ele era o responsável. Fiz de tudo para ignorar aquela sensação.

O feiticeiro se inclinou para a frente e soltou uma risada artificial.

– Tenho um duplo propósito aqui: sinto prazer em roubá-la dos príncipes. Imaginar o sofrimento

deles é gratificante. Mas a verdadeira razão é combinar nossos poderes de todas as maneiras possíveis... com um filho.

– Um filho – repeti suavemente, apesar de meu estômago estar dando cambalhotas. – Por que eu? Quer dizer, por que depois de todos esses anos? Acho que só estou chocada por você ainda não ter encontrado a Bonnie para o seu Clyde, a Mortícia para o seu Gomez. A união com a mãe de Yesubai não foi suficiente?

Lokesh sibilou:

– A mãe de Yesubai era uma idiota. Era bonita, mas se acovardava diante de mim. Não estava à minha altura.

– Provavelmente não ajudou em nada o fato de você tê-la matado.

Dessa vez ele não se deu ao trabalho de esconder as faíscas azuis de raiva nas pontas dos dedos.

– Cuidado – adverti. – Se você me mostrar os seus, terei que mostrar os meus, e acabariamos estragando nossa deliciosa conversa.

Ele fechou os olhos e conseguiu se controlar.

– Suponha que eu concorde com a sua proposta, lhe dê um herdeiro e partilhe meu poder com você – continuei. – Quero algo em troca. Você já disse que, se eu ficasse com você de bom grado, iria permitir que os tigres vivessem. Vai manter a palavra?

– Você concordar ou não é irrelevante.

Hora do Segundo Ato: Garota misteriosa exhibe seus poderes. Puxei o Lenço da manga. Segurando-o na palma da mão, pedi que mudasse de cor. Ele obedeceu, passando primeiro ao vermelho e depois ao azul quando o pressionei no rosto. Lokesh olhava o Lenço com fascinação. Ergui uma sobancelha e o Lenço lançou fios pela sala, criando uma grande teia. Então ele se encolheu, transformando-se num guardanapo branco, que dobrei e coloquei ao lado do prato.

– E se eu dividisse esse poder com você? – perguntei, indiferente.

Se ele ficou impressionado, foi só por um momento. Lokesh estreitou os olhos, atirou o próprio guardanapo no prato e se aproximou do meu lado da mesa. Com brutalidade, pegou meu braço e me puxou, forçando-me a ficar de pé. Ele sorriu ao ver a expressão de terror no meu rosto.

– Vou considerar a possibilidade de deixar os tigres viverem se você fizer de boa vontade o que eu quero.

Como se para selar o acordo, Lokesh acariciou meu rosto e inclinou-se para sussurrar no meu ouvido.

– Diga-me, Kelsey, o que a diverte? Do que – ele respirou fundo – você tem medo?

Diante do meu silêncio, ele riu – e então me puxou para mais perto e me beijou violentamente, mordendo meu lábio com força. Quando enfim me soltou, limpei com o polegar a boca machucada e o fuzilei com o olhar.

Lokesh deu risada outra vez, contente.

– E ainda me desafia... Você vai me dar muito prazer, Kelsey.

– Que bom que pensa assim.

Cuspi as palavras, agora com mais raiva do que medo.

– Saiba, minha querida, que não dou a mínima para os tigres; só quero pegar seus amuletos. Se

você me der um filho e me ajudar a conquistar o poder que eu busco, deixarei os tigres em paz. Agora que os termos estão estabelecidos, vou acompanhá-la de volta ao quarto para que possa refletir sobre sua decisão. Estou ansioso para conhecê-la melhor – declarou ele com uma expressão sórdida que me fez estremecer.

Respirando fundo, peguei o Lenço, enfiei cuidadosamente a mão no bolso e deixei que Lokesh me escoltasse de volta à minha prisão.

– Vamos conversar mais sobre alianças amanhã, meu bichinho – sussurrou ele, ofegante, no meu ouvido. – E devolva a faca que você pegou da mesa.

O comentário me apanhou de surpresa, mas tentei manter a expressão impassível. Sorrindo, retirei a pequena faca do bolso e pressionei de leve a ponta contra o seu peito.

– Não se pode culpar uma garota por tentar.

Deliciado, ele envolveu meus dedos com os seus e puxou a faca da minha mão, raspando a lâmina rudemente contra a pele da minha palma. Vendo o sangue verter, Lokesh levou à boca o corte que ardia. Vi o êxtase infame dominá-lo enquanto ele beijava minha mão e lambia as gotas vermelhas em seus lábios.

Finalmente ele me soltou com uma última ameaça.

– Estarei vigiando cada movimento seu, minha querida. Espero ansioso por nossas... futuras interações.

A porta se fechou atrás de mim, e eu ouvi o clique de uma fechadura pesada. Fiquei feliz por estar separada dele por dezenas de grossas barras de metal.

Cai a cortina, pensei e desabei na cama, completamente esgotada e me perguntando como conseguiria sair dessa última enrascada.



Ascensão

No dia seguinte, Lokesh mostrou-se ainda mais desafiador, e eu fiquei mentalmente exausta com a constante luta verbal de alto risco. Eu não tinha a menor ilusão. Mesmo que ele me deixasse viver o bastante para ter um filho, eu sabia que não estaria presente para criá-lo.

Fui liberada do quarto durante o dia, mas nunca sem um guarda ou o próprio Lokesh ao meu lado. O lugar parecia uma fortaleza. A decoração era escassa: não havia quadros e a mobília, em quantidade mínima, era de aparência pesada e cara. E o mais importante era que não parecia existir portas que levassem à parte externa da casa.

Enquanto caminhávamos, ele me machucava com apertos e beliscões. Todas as vezes que Lokesh agarrava meu braço ou me puxava para muito perto dele, eu fechava os olhos, pensava em como ele havia torturado Ren e quebrado seus dedos no acampamento dos baigas e dizia a mim mesma que eu tinha sorte.

Para distraí-lo, eu mostrava mais de meus “poderes”. Fiz uma réplica do amuleto com o Lenço, usei o Colar de Pérolas para tornar a encher um copo d’água e criei um magnífico casaco com acabamento dourado. A princípio, Lokesh mostrou-se alegre, mas logo se cansou da exibição. Dava para notar que ele estava ficando impaciente.

No jantar daquela noite, pensei com saudade no Fruto Dourado e desejei que Lokesh não o tivesse tirado de mim. Os deliciosos crepes do Sr. Kadam me vieram à mente... e, para a minha surpresa, uma travessa de crepes com calda de frutas vermelhas e chantili apareceu diante de nós.

Corri os olhos pela sala, procurando possíveis esconderijos. *O Fruto Dourado deve estar aqui perto!* Lokesh levantou-se de um salto.

– Este é mais um de seus poderes?
– É, sim – repliquei, erguendo os olhos e o encarando. – Posso criar qualquer comida ou bebida que você desejar.

Aconteceu muito rápido; eu estava completamente despreparada para o que veio a seguir. Lokesh me esbofeteou com força e puxou meu queixo em sua direção, torcendo meu pescoço dolorosamente.

– Você devia ter me contado isso antes. Nunca mais minta para mim – ameaçou.
Uma lágrima escorreu pelo meu rosto. Cerrei os dentes e tremi de raiva. Pensei em todas as coisas que poderia fazer com ele, mas nenhuma delas seria letal. Só o deixariam ainda mais furioso.

Meu rosto queimava e formigava no lado em que ele batera, mas me recusei a esfregá-lo ou a

admitir a dor. Tentei mudar de assunto, distraí-lo de sua fúria. Imaginando que um homem como Lokesh adoraria falar sobre si mesmo, voltei a me recostar na cadeira, bebi um gole de água e disse:

– Conte-me sobre o seu passado. Se vamos ter um filho, quero que ele conheça sua herança. Já sei que ele teria ascendência americana por parte de mãe.

– Um fato que eu preferiria apagar da mente.

– Então me fale mais sobre a *sua* história. Você não se orgulha o suficiente dela para contá-la? Seu rosto ficou novamente coberto por manchas vermelhas e ele falou com os dentes trincados.

– Ninguém irá julgar a mim ou a meus descendentes e nos considerar inadequados.

Ergui uma sobrancelha.

– Muito bem. Então me conte.

Lokesh me avaliou por um momento, em seguida recostou-se e começou:

– Nasci como primogênito ilegítimo do imperador Shu durante a era dos Três Reinos. Minha mãe era uma jovem escrava indiana capturada numa caravana no ano 250 da era cristã. Era bonita, de modo que despertou o interesse do imperador. Ela se matou um ano após o meu nascimento.

– Um imperador?

– Sim. – Lokesh sorriu, malicioso. – Nosso filho terá sangue real.

– Como foi crescer como filho de um imperador?

Ele bufou.

– Meu pai, em um atípico gesto de generosidade e humanidade, tomou-me sob sua guarda e me ensinou o que significa ter poder. Ele dizia que um homem verdadeiramente poderoso escuta apenas a si mesmo porque não pode confiar em mais ninguém, toma o que quer porque ninguém lhe entregará nada gratuitamente e usa armas que outros temem manejar. Observei seu exemplo com atenção ao longo dos anos e aprendi muito bem suas lições. Ele possuía um pedaço do amuleto e me falou do poder daquele objeto.

Baixei o garfo, esquecendo os deliciosos crepes enquanto Lokesh prosseguia.

– Meu pai me disse que eu só poderia exercer o poder do amuleto se ele morresse sem um herdeiro adequado. A partir do momento que tomei conhecimento do amuleto, eu o cobicei e não pensava em mais nada.

Lokesh tinha um brilho diferente no olhar ao me contar sua história.

– Quando eu ainda era garoto, a guerra chegou ao nosso império e, pela primeira vez, estávamos no lado perdedor. Desesperado, meu pai tentou uma barganha de último minuto e ofereceu-se para tomar a filha adolescente de um líder dos bárbaros como noiva. Ele esperava que isso salvasse o império. Fiquei enojado com essa atitude. Ele havia se tornado fraco, temeroso. Já não era o homem que inspirava medo nos outros. Sua esposa bárbara lhe deu um filho e, à medida que o menino crescia, fui dispensado da companhia de meu pai. Ele já não confiava em mim. Eu não tinha mais direito ao trono. Jurei então que tiraria a vida de meu meio-irmão e de meu pai. Eu estava com 10 anos.

Tive que disfarçar meu horror. Não ousaria interrompê-lo.

– Quando meu irmão tinha 7 anos e eu, 17, levei-o para caçar. Dispensando os guardas, saímos em cavalcada seguindo o rastro de um cervo. Foi muito fácil empurrá-lo do cavalo. Passei por cima

de seu corpo diversas vezes usando seu próprio animal até ele estar praticamente morto. Então matei o cavalo e levei o corpo pisoteado da criança de volta para o meu pai. Eu disse ao imperador que o cavalo havia derrubado meu irmão caçula e enlouquecido, pisoteando-o até matá-lo. Para tranquilizá-lo, contei que a fera já havia sido morta, e por mim. O fato de ele ter acreditado em minhas mentiras era uma prova de quanto se tornara fraco.

Seu relato continuava, e eu mal piscava, atenta e apavorada.

– Alguns meses mais tarde, cravei uma faca entre as costelas de meu pai enquanto ele dormia e peguei o amuleto. O velho nem sequer acordou. Quando ascendi ao trono, imediatamente mandei matar sua esposa bárbara e peguei os anéis do império. Meu pai usava um e a princesa bárbara, o outro, o que ele dera a meu meio-irmão quando de seu nascimento. Era um símbolo de que ele seria o próximo imperador.

Lokesh girou um anel em seu dedo indicador direito.

– Este é o emblema do Império Shu e este – ele agitou o dedo mínimo – é o anel do príncipe herdeiro. O anel que meu meio-irmão usava.

Engoli minha repulsa e perguntei:

– Por quanto tempo você foi imperador?

– Não muito. A fraqueza do meu pai tinha se tornado uma desculpa para que outros chefes militares nos pusessem constantemente à prova na batalha. Eu não tinha o menor interesse em ocupar o trono de meu pai e, quando meus exércitos fugiram por covardia, também escapei. A essa altura, meu único objetivo era conseguir as outras partes do amuleto.

– Então o amuleto o manteve vivo todo esse tempo?

– Isso, combinado com um pouco de magia negra que aprendi ao longo dos anos.

– Entendo. Mas como você...

Lokesh me interrompeu.

– Chega de perguntas. Agora é a minha vez. Quero vê-la demonstrar o uso de sua arma.

– Minha arma? – perguntei, hesitante.

– Seu arco e as flechas douradas.

Devagar, amassei o guardanapo entre as palmas subitamente suadas de minhas mãos. *O arco e as flechas de Durga também estão em algum lugar por aqui!*

– Tudo bem – concordei.

Ele esfregou o queixo e chamou um guarda. Contei o tempo que o guarda levou para trazer o arco. *Sessenta segundos.*

Quando a arma estava de volta em minhas mãos, ajustei uma flecha – no momento em que Lokesh advertia:

– Nem sequer pense em usá-las contra mim. Desviei suas flechas antes e posso facilmente fazer isso de novo.

Deduzindo que ele provavelmente tinha razão, mirei numa estátua do outro lado da sala e observei a flecha penetrar no mármore.

– Estes foram presentes da deusa Durga – expliquei. – As flechas se reabastecem magicamente e também desaparecem do alvo para que não possam ser rastreadas.

– Interessante.

Lokesh indicou o alvo e pediu que eu repetisse a performance.

Dessa vez, tentei imbuir a segunda flecha com meu poder para tornar o efeito mais impressionante. Minha mão começou a brilhar, mas se apagou rapidamente. *Eu ainda estou sem o poder do fogo.*

Lokesh fitou minha mão brilhante, fascinado.

Inventei uma mentira o mais rápido que pude.

– Quando disparo uma flecha, minha mão brilha. Acredito que seja para ajudar na pontaria.

– Muitíssimo interessante. Então me conte como encontrou isto – disse ele ao colocar o Fruto Dourado sobre a mesa.

Pus o arco e as flechas de lado e lhe contei sobre a cidade perdida de Kishkindha. Expliquei que Durga pediu que localizássemos quatro itens, todos com propriedades mágicas, e, em troca, os tigres voltariam a ser homens. Não contei toda a verdade nem entrei em detalhes, calculando que seria melhor Lokesh não saber de tudo.

– Por que você se importa se eles são tigres ou não?

– Quando descobri os presentes que Durga partilhou comigo, eu quis mais – menti tranquilamente, jogando com a sede de poder de Lokesh.

Ele assentiu, pensativo, e girou o Fruto Dourado entre as mãos.

– Talvez possamos juntos completar a sua busca e oferecer a Durga os prêmios. Em troca, nós dois conquistaremos o poder que você deseja.

Sorri. *Talvez este plano maluco esteja dando certo...*

– Eu me sentiria... honrada em partilhar os poderes dela com você.

Lokesh chamou um criado para recolher o Fruto e o arco e flechas. Num impulso, instruí o Lenço a prender um fio invisível ao arco e lhe disse que seguisse minha arma até seu esconderijo. Fiz com que prendesse sua outra ponta à estátua e pedi ao fio que se enterrasse no tapete e se confundisse com seus fios.

Assumindo o risco, elevei o desafio.

– Agora que partilhei alguns de meus poderes com você, talvez você retribua o fav...

Antes que eu pudesse terminar a frase, um arrepio gélido me envolveu, e eu me vi paralisada, incapaz de me mexer, falar ou reagir.

Lokesh tocou meu rosto, sorriu diabolicamente e se aproximou.

– Você dividiu alguns de seus talentos comigo com tanta generosidade... Achei que deveria retribuir.

Ele rasgou o ombro do meu vestido, então gemeu e traçou uma trilha de beijos dolorosos do meu ombro nu aos meus lábios congelados. Correu as mãos rudemente pelas minhas costas, subindo e descendo, e puxou meu cabelo. Eu queria vomitar, mas não conseguia. Seu hálito quente e pungente era tudo que eu respirava.

Arfando, ele se endireitou. Seus olhos cintilavam com um prazer selvagem. Lokesh passou os dedos levemente pela minha clavícula e brincou com o tecido rasgado em meu ombro.

– Você me agrada muito, Kelsey – murmurou.

Então depositou um último beijo em meu ombro nu e se afastou, sorrindo.

– Se eu quisesse, poderia matá-la congelando-a num piscar de olhos – Lokesh regozijou-se. – Você só está respirando porque não congelei seus pulmões nem o sistema cardiovascular. – Ele segurou meu queixo quase amorosamente. – Aí está. Não foi uma demonstração eficaz?

Lokesh me soltou, e eu pisquei e me dei conta de que podia me mexer novamente. Meu ombro doía. Segurei o pedaço rasgado de meu vestido de encontro ao ombro e assenti, engolindo com dificuldade.

– Muito eficaz.

– Você tem outras perguntas? – indagou ele.

– Vai saber quando eu tiver – murmurei, enquanto tentava desesperadamente controlar meus membros trêmulos.

Eu estava com esperança de fazê-lo abrir o jogo, o que talvez me permitisse descobrir um ponto fraco, mas não estava preparada para *aquilo*.

Enquanto eu me recompunha, Lokesh dirigiu-se à lareira e atçou o fogo. As chamas crepitaram e dançaram. Senti-me grata por ele estar mais distante.

Contei-lhe sobre as outras buscas de Durga sem divulgar os prêmios verdadeiros para ter tempo de me recuperar de seu ataque perturbador. O que mais o interessou foi o tesouro do dragão dourado. Falei-lhe da teoria do Sr. Kadam de que esses prêmios haviam sido roubados de Durga e que ela os queria de volta.

– Qual é a idade desse Sr. Kadam? Eu sei que ele usa a outra parte do amuleto – disse Lokesh.

– Ele é alguns anos mais velho que Ren e Kishan. – Esperando saber mais sobre o amuleto, prossegui: – Como você consegue parecer jovem? É por causa do amuleto?

– Em parte. Logo depois de eu ter encontrado o segundo pedaço, percebi que minha vida havia sido prolongada. Embora minha aparência natural seja a de um homem de 50 anos, posso alterá-la para parecer mais jovem quando quero. Costumo escolher a idade que vai me ajudar a alcançar meu objetivo.

– Sei que o amuleto impede que o Sr. Kadam envelheça, mas ele não tem a habilidade de parecer mais jovem como você – comentei, voltando ao amuleto.

– Ele só tem uma parte do amuleto e nenhuma delas foi usada pelos seus antepassados.

– Que diferença isso faz?

– O poder é intensificado segundo o número de partes que você tem – explicou Lokesh. – Os descendentes daqueles que usaram o amuleto têm vidas muito longas, mesmo que nunca o tenham usado.

Preciso saber mais. É a única maneira de desvendar todo esse enigma.

– Sim. O Sr. Kadam mencionou que seus filhos e os filhos de seus filhos vivem mais do que a média das pessoas. Você acha que é por isso que Ren e Kishan estão vivos há tanto tempo mesmo sem usarem o amuleto?

– O amuleto os amaldiçoou. Por me desafiarem, eles sofrem uma vida eterna como feras.

A maldição. Mordi o lábio e revi tudo que tínhamos aprendido em nossas buscas anteriores. Será que o amuleto não está protegendo Ren e Kishan? Preciso saber mais.

– Essa expressão significa que você ainda se importa com as feras, minha querida?

– Não é isso. Só estou preocupada com a possibilidade de eles retornarem e tentarem pegar as suas partes do amuleto – menti, mostrando um semblante preocupado.

– Não se atormente. Se voltarem, podemos facilmente tecer uma armadilha para eles com seus fios mágicos, e, é claro, eu conheço mais do poder do amuleto do que eles.

Sorri timidamente, bajulando-o com palavras insinceras.

– Posso perguntar como você encontrou as partes do amuleto, meu... soberano? Desculpe-me se é atrevimento da minha parte chamá-lo assim, mas você foi um imperador, e um homem de sua grandeza deve ser tratado adequadamente.

Sorrindo, ele me examinou com ar astuto e então disse:

– Perambulei por muitos anos, pedindo informações a eruditos, monges e reis sobre uma grande batalha que uniu os reinos da Ásia. Durante esse tempo, comecei a estudar magia negra e bruxaria. Procurei aqueles tidos como magos negros, aprendi tudo que se dispunham a me ensinar e arranquei deles aquilo que ocultavam. Segui muitas pistas que levavam apenas a becos sem saída. No entanto, uma a uma, descobri todas as cinco partes do amuleto. Ren e Kishan foram as últimas peças do quebra-cabeça. O fato de terem me escapado durante todo esse tempo me irrita até hoje.

– Por que você simplesmente não matou logo Ren e Kishan? – perguntei.

Lokesh se recostou e replicou:

– Uma resposta breve para essa pergunta muito sagaz é que eu queria saborear o momento. Quando conheci a família real, Dhiren tinha 5 anos e Kishan, 4. Seus pais, Rajaram e a mulher, Deschen, nunca usavam suas partes do amuleto em público. Eles também se cercavam, assim como a seus príncipezinhos, de guardas fiéis, graças aos quais era impossível se infiltrar no palácio. Passei vários meses observando a família real. Foi quando fiquei fascinado por Deschen. Ela participava de todos os aspectos do governo do reino. Era inteligente, bonita e tinha uma sedutora combinação de força e delicadeza. Qualquer tolo podia ver que seus filhos cresceriam e se tornariam os maiores líderes de seu tempo. Para minha surpresa, descobri que, além de querer reunir o amuleto, eu também desejava ardentemente Deschen e ter meus próprios filhos fortes.

– Hum...

– Fingindo ser um rico mercador no vizinho reino de Bhreenam, chamei atenção suficiente para conquistar uma posição no conselho do rei e, por meio de roubo, traição e astúcia, fui apontado comandante de sua força militar. Desviei dinheiro do governo, tomei bens do povo e trabalhei para destruir o reino. Também enviei espiões para a terra de Rajaram. Por essa ocasião, um rico mercador ofereceu a filha em troca de tratamento favorável. Ela era bonita, esguia e jovem. E tinha os mais impressionantes olhos cor de violeta.

– A mãe de Yesubai.

Ele assentiu.

– Mais tarde, quando ela contou que estava grávida, fiquei satisfeito. Imaginei um menino forte como Dhiren, mas com olhos violeta. Eu a mimei e papariquei...

Reprimi um tremor enquanto me perguntava qual poderia ser, para Lokesh, a definição de mimar e paparicar.

Ele prosseguiu.

– ...e foi bem no início de sua gravidez que nos casamos. Na noite em que deu Yesubai à luz, eu aparei a criança. Os olhos do bebê eram de fato violeta, e levei vários segundos para me dar conta de que se tratava de uma menina. Coloquei a criança de volta no berço. Estava furioso. Eu desejara um filho e agora tinha uma menina inútil. Sem remorso nem piedade, estrangulei a mãe de Yesubai.

Engoli em seco, pensando na pobre garota, e soube que meu destino provavelmente seria o mesmo dela.

– Qual era o nome de sua mulher? – perguntei baixinho.

– Yuvakshi. – Ele estalou a língua. – Ora, ora. Sei o que está pensando. Vários séculos se passaram desde que isso aconteceu. Garanto a você que minha atitude em relação às mulheres progrediu com o tempo... pelo menos um pouco. Além disso, você é muito mais valiosa para mim do que minha primeira mulher, e eu não tinha nenhum controle sobre meu temperamento. Se descobrirmos que a criança que você estiver gerando for uma menina, simplesmente a tiraremos e tentaremos novamente.

Respirei fundo e procurei transformar minha careta em sorriso.

– Claro, você está certo. Não estou nem um pouco preocupada – consegui dizer. Quando percebi o brilho em seus olhos, pigarreei, nervosa. – Então, quando você decidiu usar Yesubai para ter acesso ao reino de Rajaram?

– Como você é esperta, minha querida – disse Lokesh, ainda me olhando de modo muito perturbador. – Yesubai aprendeu muito cedo a me obedecer sem questionar. Era linda, como a mãe. Quando ela estava com 16 anos, matei o velho rei e tomei o trono. Comecei a expandir as forças militares e tentei várias vezes me infiltrar no palácio de Rajaram sem sucesso. Seu exército era mais forte. Recorri à diplomacia, o que levou a família Rajaram a me abrir os braços, mas, todas as vezes que os visitava, um dos garotos estava ausente.

Era muita informação, e eu me esforçava para assimilar tudo aquilo. Ele prosseguiu rapidamente:

– Yesubai contou que vira o mais jovem usando o amuleto. Numa tentativa de encontrar os dois irmãos no palácio ao mesmo tempo, negocie o casamento entre Yesubai e Dhiren, mas planejei que ela se casasse com o irmão que fosse mais facilmente influenciável. Então eu mataria o outro e Rajaram, tomaria Deschen para mim e requisitaria suas partes do amuleto.

– Ah...

– Acabamos por comprovar que não havia como controlar Dhiren. O irmão, Kishan, porém, era mais suscetível a um rostinho bonito.

Pensei no que Kishan havia me contado sobre Yesubai. Não podia imaginá-la sendo tão fria e enganadora. Decidi dar a ela o benefício da dúvida. O que quer que a filha de Lokesh houvesse de fato feito e sentido, não merecia a vida que teve.

– Então você não queria mesmo matar Ren quando ele e Kishan se transformaram em tigres? – perguntei, tentando entender como e por que a maldição ocorrera.

– Não. Eu queria usá-lo. Mantê-lo sob o meu poder e causar-lhe dor. Prolongar sua morte. Tentei controlá-lo por meio de magia de sangue. Comprei um medalhão de um sacerdote da magia negra.

Aqueles contra os quais eu usara o medalhão haviam se tornado servos estúpidos, dispostos a fazer qualquer coisa que eu pedisse. Mas não parecia afetar Dhiren ou Kishan. Os amuletos que eles usavam podem ter afetado o feitiço e os transformado em tigres, em vez de servos. Não fui eu quem ativou a Maldição do Tigre. Olhando para trás, eu deveria ter matado Dhiren quando tive a oportunidade, mas eu achava que já havia vencido. Obviamente, as coisas não correram como eu queria.

Com um floreio, Lokesh pegou minha mão e pousou a boca rudemente nela – sua versão de um carinho. Com os olhos negros faiscando ameaçadoramente, ele sustentou meu olhar e disse as palavras que fizeram meu sangue congelar:

– Chegou a hora, meu bichinho. Vai se oferecer a mim de boa vontade em troca da vida dos tigres?



Ofensiva

Engoli em seco. Eu sempre pensara em “me oferecer de boa vontade” a alguém que eu amasse de verdade e que também me amasse. Não fazia muito tempo eu tivera o privilégio de escolher se essa pessoa seria Ren ou Kishan. Eu havia escolhido Kishan, mas nada disso importava agora. Eu estava totalmente sem opções. Se eu não concordasse com os planos de Lokesh, todos nós morreríamos.

Sabendo que não havia mais nada que eu pudesse dizer, coleí um sorriso forçado no rosto:

– Sim, decidi aceitar sua oferta. Há muitas vantagens em um homem maduro e experiente. E seu poder... me excita. – Em pânico, mas tentando desesperadamente não demonstrar, hesitei: – Mas... tenho um pequeno pedido a fazer.

Os olhos de Lokesh brilharam, impacientes.

– E qual seria ele?

Minha mente se pôs a vasculhar possíveis maneiras de adiar seus avanços quando de súbito a resposta me ocorreu. Expliquei rapidamente:

– Meus pais morreram quando eu ainda era uma garota, e eu fiquei sozinha. Não quero que isso aconteça com nosso filho.

– Isso não irá acontecer. – Lokesh levou meu pulso à boca e o mordiscou de forma brusca. – Tenho toda a intenção de instruir meu filho em todos os aspectos do meu poder, assim como você o instruirá em relação ao seu. Pretendo ser um pai *participativo*.

– Tenho certeza de que será – tranquilizei-o. – Mas o que estou tentando dizer é... quero que ele tenha o seu nome. Não quero trazer um filho ilegítimo ao mundo. Você sofreu muito por causa desse status, e não permitirei que meu filho seja usurpado de seus direitos. Quero que você... que você... – engoli em seco, sem acreditar que estava de fato dizendo aquelas palavras – se case comigo.

Lokesh deu um passo para trás e me fitou.

– Você quer ser minha esposa.

– Certamente não espera que eu seja sua concubina, não é? Você deu isso à mãe de Yesubai. Desejo a mesma coisa. Quero que nossa união não seja apenas uma estratégia, mas também que seja confirmada pela tradição, se não legalmente. Você pode usar o nome que desejar, mas quero me casar antes de nós... tentarmos ter um filho.

Baixei o olhar e peguei a mão dele, apertando-a levemente.

Após um momento de silêncio ele declarou:

– Um pedido sábio. Mostra que está pensando em nosso filho e no lugar dele no mundo. Vou fazer como você deseja. Nós iremos nos casar e, como um presente a você, vou permitir que permaneça casta até que venha ao meu leito nupcial. Isso é satisfatório?

– Sim, obrigada, meu... marido.

Lokesh sorriu como um gato encurralando um rato.

– Então vou deixá-la para que crie um vestido de noiva enquanto providencio a cerimônia e um banquete. Mandarei um servo buscá-la amanhã para nossa ceia de casamento. Eu mesmo a escoltaria, mas tenho muito o que fazer e ainda não confio em você o bastante para deixá-la por conta própria. Você compreende, naturalmente...

– É claro – respondi, aliviada por ter conseguido mais 24 horas para bolar um plano de fuga.

Beijando-me antes de partir, Lokesh me puxou, apertou, mordeu e empurrou, como se eu fosse um pedaço de argila sendo moldada no formato que ele desejava. Quando enfim se afastou, consegui dar um sorriso tímido, embora doesse.

Dando tapas em meu ombro, ele disse:

– Amanhã, a essa hora, você será minha esposa. Durma bem, meu bichinho. Vai precisar desse descanso.

– Boa noite – repliquei rigidamente e voltei à liberdade de minha prisão vazia.

Não dormi praticamente nada naquela noite. De olhos fechados, rezei silenciosamente para que Ren ou Kishan, o Sr. Kadam ou mesmo Durga me ajudassem. O tempo estava se esgotando para mim.

Durante os breves momentos em que cochilei, sonhei que estava sentada em uma cama, tendo nos braços um bebê. Era a visão que Kishan tivera no Bosque dos Sonhos. O menininho dormia, e eu não podia deixar de me perguntar se seus olhos eram da cor de um oceano vibrante ou se cintilavam como um deserto dourado.

Alisei seu cabelo escuro e beijei a testa macia. Dedos minúsculos envolveram o meu enquanto o bebê se mexia. Quando ele bocejou e piscou, eu me encolhi, horrorizada. Os olhos dele eram negros como breu. Aos poucos, sua expressão doce de bebê se dissolveu e seus lábios se contorceram cruelmente. Então ouvi as palavras de um impiedoso garotinho sussurrar: “Oi, *mãe*.”

Acordei gritando. Rapidamente me recompus e me virei na cama, enfiando um travesseiro sob o rosto. Fugir parecia impossível, mas a morte, fosse de Lokesh ou a minha, seria meu objetivo. Eu não permitiria que ele me tocasse, muito menos consideraria a possibilidade de gerar um filho seu. Ele era um predador letal e, quando um predador quer devorá-lo, você pode fugir, pode se esconder ou pode matá-lo primeiro. Eu não tinha escolha a não ser lutar pela minha vida.

Mas como poderia matar meu captor? Tudo o que eu tinha como arma eram o Colar de Pérolas e o Lenço, o que significava que eu poderia tentar enforcá-lo ou afogá-lo em sua banheira. Não era exatamente um plano infalível. Eu sabia que não conseguiria ter acesso ao arco e às flechas e não contava mais com o poder do raio.

Passei a noite me revirando na cama, considerando estratégia após estratégia até ouvir um barulho em minha janela. Na escuridão que antecede a aurora, olhei a paisagem vazia, coberta pela neve.

Então ouvi o sussurro de algo roçando no parapeito. O Lenço havia bordado uma mensagem:

Kelsey?

Você está aí?

Sou eu, Kishan.

Kishan está aqui! Talvez eu ainda tenha que matar Lokesh, mas não precisarei fazer isso sozinha!
Perguntei-me se o Sr. Kadam e Ren também estariam por perto.

Não fossem pelos olhos indiscretos de Lokesh, eu teria pulado de alegria. Em vez disso, pedi ao Lenço que bordasse uma resposta e pressionei o tecido contra a janela.

Estou bem.

Lokesh vai se casar comigo hoje à noite.

Câmeras e guardas por toda parte.

Reprimi um soluço quando o tecido se retorceu e o Lenço obedeceu às instruções de Kishan. Virando-o, li:

Retarde-o o máximo possível.

Temos um plano.

Nós vamos buscá-la.

Pressionei minhas mãos contra a vidraça e assenti. Olhando pela janela, observei a floresta por um longo tempo à procura de um lampejo preto ou branco.

Pela manhã, levantei-me ansiosa e segui para o chuveiro. Estava completamente exausta, tentando controlar minhas emoções. Saber que minha prisão estava quase chegando ao fim, de um jeito ou de outro, era uma ideia que me dominava ao ponto de não poder mais refreá-las.

Eu me preocupava com Ren e Kishan desafiando Lokesh. Imaginava se permaneceria trancada em meu quarto enquanto eles lutavam e talvez morriam. Pensei no que aconteceria se fracassassem e eu acabasse tendo que me casar com um monstro.

De pé sob o chuveiro escaldante, chorei silenciosamente, esperando que o vapor que encobria o espelho também embaçasse alguma câmera oculta. Esgotada, fui abaixando até ficar recostada na banheira e deixei a água quente golpear o meu corpo.

Hoje pode ser o dia da minha morte.

Com esse pensamento mórbido, eu me preparei para o meu casamento.

Levei muito tempo secando e escovando meu cabelo. As horas passadas no sol, andando pela selva e nadando no oceano, haviam clareado meu cabelo castanho, que agora tinha luzes cor de

champanhe. *Mamãe teria gostado.* Eu me perguntei o que ela teria pensado de minhas núpcias iminentes. Certamente não era o casamento que *eu* havia imaginado para mim.

Eu tinha pedido ao Lenço que criasse um vestido de casamento condizente com uma antiga princesa chinesa. Ignorei meu traje pelo máximo de tempo que pude, mas por fim abri o armário. Arquejei diante do vestido vermelho e sedoso, semelhante ao que a noiva havia usado no casamento a que fui com Li.

A peça era elaborada, e fiquei contente de saber que levaria pelo menos 20 minutos para vesti-la. Era debruada com contas e uma sofisticada costura em ouro. Havia uma gola em estilo mandarim presa a uma túnica dourada adornada com uma grande flor de lótus. Cordões de contas cruzavam a frente da túnica e suas mangas grossas e enfeitadas caíam em dobras sobre minhas mãos ao passo que as sedosas mangas de baixo se estendiam pelo menos 30 centímetros além dos dedos. No fino avental da camada superior da túnica, o Lenço bordara uma belíssima fênix em chamas.

Uma echarpe longa e dourada envolvia minhas costas e caía até o chão. Calcei pantufas de seda vermelhas bordadas com flores douradas e preendi a *pièce de résistance*: um magnífico arranjo de cabeça com penas e flores douradas, tranças intrincadas, contas e enfeites entretecidos.

Virei-me para olhar meu reflexo. Estava parecendo uma ave exótica, uma fênix, na verdade. Como a grande ave, eu estava linda e vibrante, mas também próxima da morte; e logo seria consumida pelo fogo.

Enfie o Lenço em uma das mangas compridas, escondendo-o para usá-lo mais tarde. Depois de passar um perfume floral nos pulsos e atrás das orelhas, sentei-me para esperar meu noivo.

Não demorou muito para que um dos criados de Lokesh viesse me buscar. Ele fitou minha roupa com uma expressão de choque, então rapidamente baixou a cabeça e se manteve o mais longe possível de mim.

Será que ele está com medo de mim? Quem dera Lokesh sentisse o mesmo.

O criado me conduziu até o que parecia ser uma pequena biblioteca e, ao sair, me entregou um bilhete e uma caixa. Ouvi o clique da fechadura atrás dele e então o silêncio.

Deixei escapar um suspiro reprimido e torci para que qualquer plano que Ren e Kishan houvessem elaborado fosse colocado em ação antes da cerimônia de casamento. Fechando os olhos, desejei que todos nós saíssemos dali vivos.

Sentei-me rígida antes de abrir o bilhete de Lokesh, que dizia que iríamos jantar antes que um juiz celebrasse a cerimônia. Puxando a fita branca, abri o presente do meu futuro marido.

Era o maior diamante que eu já tinha visto – uma pedra redonda, multifacetada e cor-de-rosa. Duas outras menores a ladeavam. Podia ser minha imaginação, mas as cinco garras que seguravam o diamante maior pareciam dedos grossos. Imaginei a mão do próprio Lokesh – tão forte que não haveria esperança de fuga. Deslizei o anel para meu dedo médio no exato momento em que as portas se abriram.

– Ah, aí está você, minha querida. O que achou do meu presente?

– É lindo.

Consegui lhe dirigir um sorriso.

Alguma coisa brilhou em seus olhos negros, e ele deu um passo abrupto em minha direção.

Orgulhosamente, me mantive firme, mas por dentro eu me encolhi. Ele segurou meu queixo e murmurou com um sorriso repulsivo.

– Vou adorar fazer em pedaços este seu lindo vestido. Espero sinceramente que você tenha vigor para tornar a noite interessante, Kelsey. Eu não gostaria de ser desapontado.

Livre meu queixo de maneira brusca e fixei meus olhos nele.

– Acredite em mim quando digo que *todas* as minhas energias estarão concentradas em você esta noite, meu soberano.

Dirigindo-me um olhar lascivo e ansioso, Lokesh pegou meu braço e me conduziu para o salão de baile, que resplandecia com a luz de centenas de velas e estava perfumado por dezenas de arranjos de flores brancas. Se o casamento fosse de outra pessoa, eu poderia ter apreciado mais o cenário.

Sentamo-nos a uma mesa pequena e íntima e, embora meu rosto estivesse congelado em um sorriso plástico, sob as muitas camadas de mangas, minhas mãos estavam cerradas.

Lokesh bateu palmas para dar início a um tradicional banquete de núpcias chinês, com 10 pratos, não muito diferente do que comi com Li no casamento de seu primo. Havia sopa de barbatana de tubarão, melão recheado, duas lagostas inteiras com molho de manteiga e alho, carne aos cinco temperos, pombo com talharim, leitão assado com arroz frito, camarões salteados com ervilhas ao mel, pato de Pequim, peixe com vieiras e gengibre e pãezinhos cor-de-rosa recheados com pasta de lótus doce.

Tentei estender a refeição falando sobre o simbolismo de cada prato, mas Lokesh se mantinha em silêncio. Na verdade, ele parecia interessado apenas em me examinar. Seu olhar escuro me estudava como um falcão observando um coelho.

Em determinado momento da refeição, senti um toque gelado em meu tornozelo, sob as camadas de saias. Lentamente, o frio cortante subiu pela minha perna nua e acariciou minha coxa. Eu não sabia se ele estava usando seu poder do ar ou da água, ou uma combinação de ambos, mas fiquei calada e belisquei o jantar o melhor que pude.

Os minutos se passavam e ainda não havia nenhum sinal de Ren e Kishan. Se eles não aparecessem logo, eu me tornaria a Sra. Lokesh Shu ou seja lá qual fosse o nome dele. Eu estava por minha própria conta. Trevas impotentes cresciam dentro de mim. E foram pesando até eu me sentir tão densa quanto uma pedra afundando num rio lamacento. Não fora isso que eu planejava para o meu futuro.

Em vez de ir ao encontro de um homem que me olhasse com amor e ternura, eu estaria caminhando rumo a um vilão – alguém que preferiria torcer meu braço a colocá-lo no dele. Em vez de ter o Sr. Kadam me conduzindo orgulhoso, acalmando meu nervosismo e me entregando aos cuidados de um homem a quem chamava de filho, eu não tinha ninguém. Em vez de promessas e doces votos de amor, eu ouviria mentiras borbulhantes e turvas misturadas à imundície. Quando as bolhas estourassem, eu estaria coberta por camadas de perversão.

O banquete finalmente foi retirado, e eu não podia mais adiar a cerimônia. Lokesh tomou minha mão.

– Está pronta, minha querida? – perguntou ele e, sem esperar minha resposta, mandou que o juiz entrasse.

Embora eu quisesse me soltar e fugir dali, coloquei a palma da mão com confiança na dele e sorri.
– É claro.

– Podemos dar início? – perguntou uma voz suave e sedosa.

Arquejei e girei bruscamente. Os olhos azuis do juiz chispavam de raiva e suas vestes sacerdotais chicoteavam atrás dele enquanto se dirigia para o centro da sala. *Ren!* Era a visão mais linda que eu já tivera na vida.

Armas atravessaram o ar. O *chakram* rodopiou e pontas de lança do tridente foram disparadas na direção de Lokesh, que as desviou com facilidade.

Lokesh agarrou meu braço e riu.

– Saudações, Dhiren. Você deve ter recebido o convite.

– Você vai se casar com ela sobre o meu cadáver – ameaçou Ren.

Lokesh deu de ombros.

– Como quiser.

Com um movimento dos dedos de Lokesh, Ren foi imobilizado.

Lokesh correu os olhos nervosamente pelo salão de baile iluminado por velas, procurando o tigre negro.

Onde está Kishan? Preciso descongelar Ren. Pense, Kelsey. Pense!

Não vendo nenhum outro movimento, passei meu braço pelo de Lokesh, na esperança do impossível, e perguntei:

– Você matou Ren?

– Não, minha querida. Ele ainda está vivo.

– Ótimo – ronronei. Determinada a desempenhar bem o meu papel, voltei-me para Ren, lancei-lhe um olhar de piedade e disse: – É mesmo lamentável que você tivesse que descobrir desta forma. Mas, já que está aqui, pode ser um convidado do meu casamento.

Lokesh sorriu e instruiu os guardas a procurar o verdadeiro magistrado. Os olhos azuis de Ren queimavam nos meus.

– Ah, puxa, que grosseria a minha. É claro, o convidado deve beijar a noiva – falei, com ironia, antes de beijar o homem que viera me salvar, mordendo-lhe o lábio até tirar sangue. *Eu sinto tanto!*, pensei, desejando que Ren pudesse ler a minha mente... e então esbofeteei seu lindo rosto.

Suas pupilas se dilataram com o choque, e imaginei que a dor em seu coração devia ser muito maior do que a que sentia em seu lábio. Arrancando o Lenço de minha manga, limpei com ele a boca machucada e o enfiei em seu colarinho, rindo com desdém enquanto Lokesh gargalhava de júbilo.

Fiquei tempo suficiente à frente de Ren para ver a luz se apagar nos olhos dele. Voltando-me para Lokesh, franzi a testa.

– Mas ele vai ter uma boa visão ficando tão longe? Acho que deveria ser levado para lá, não acha? Quero que ele veja com clareza o homem por quem o troquei.

Lokesh beliscou minha bochecha, torcendo-a rudemente.

– Que megerinha traiçoeira você é – disse ele alegremente e observou com deleite enquanto eu usava o Lenço para atar os braços de Ren ao peito.

Assim que Ren estava suficientemente amarrado, Lokesh o descongelou. Os músculos de Ren forçaram o Lenço com violência. Agitei os dedos de leve junto à minha saia e sacudi a cabeça, esperando que ele compreendesse meus sinais. Acalmando-se, Ren relaxou e andou até a lateral do altar improvisado.

Lokesh ergueu as mãos para congelar Ren novamente, mas eu o impedi dizendo:

– Isso não será necessário, meu amor.

Estalei os dedos, e o Lenço se enroscou nas pernas de Ren, deixando-o enrolado do pescoço aos pés, como uma múmia.

– Você fez um trabalho magnífico, meu bichinho – disse Lokesh –, mas acho que vou manter a língua dele congelada, pelo menos por ora. Afinal, eu não gostaria que ele estragasse nossos votos nupciais.

– Sábia decisão. Vamos começar então? Encontrou o juiz?

Lokesh bateu palmas, mas nenhum criado nem o juiz apareceram. Ele gritou uma vez, duas e tocou um sino, frustrado. Sua única resposta foi uma explosiva labareda de fogo subindo de cada vela no salão.

Lokesh ergueu os braços e tentou apagá-las com um vento forte, mas as chamas cresceram ainda mais. Grunhindo, ele agitou a mão e encharcou cada vela com água enquanto Ren olhava e sorria.

Pressentindo que as coisas estavam se complicando, o feiticeiro maligno pegou meu braço, rosnou “Venha comigo!” e me puxou pelo corredor tentando uma fuga rápida pela cozinha.

Silenciosamente, instruí o Lenço a libertar Ren e tecer uma mensagem para ele.

Por mais que tentasse, Lokesh não conseguia abrir a porta da cozinha. Lançou mão dos relâmpagos, mas o estalo azul apenas deixava marcas de queimado na madeira. Finalmente, ele arrancou a porta das dobradiças.

Recuei alguns passos enquanto Lokesh olhava com incredulidade para um cômodo que eu enchera até o teto com bolo de chocolate. Sorri debochada, satisfeita comigo mesma, e expliquei:

– Uma garota deve poder se deliciar com um pouco de chocolate no seu casamento, não acha?

Com minhas palavras sussurradas, o bolo explodiu e uma calda de chocolate fervendo cobriu Lokesh. Ele gritou e se virou na minha direção no momento em que Kishan quebrava a porta lateral e chegava ao corredor. Um guarda morto caiu aos seus pés.

– Kishan! – gritei, tão feliz que poderia chorar.

Kishan parou apenas para me dar uma piscada antes de erguer a mão e mandar bolhas de luz que explodiram na frente de Lokesh como fogos de artifício. O feiticeiro gritou de dor e cobriu os olhos. Com as mãos, Kishan disparou diversos raios contra o corpo de Lokesh.

Antes que eu pudesse dar a Kishan o maior abraço que ele já recebera, Ren se juntou a nós no corredor com meu arco, as flechas e o Fruto Dourado. Sem hesitar, ele disparou as lanças do tridente contra Lokesh, que logo começou a parecer uma almofada de alfinete. Então Ren pediu ao Lenço que o envolvesse como uma múmia.

O Lenço ganhou vida nas mãos de Ren e criou longas camadas de linho, que ele foi tecendo firmemente entre as lanças. Lokesh uivou de dor e cuspiu com veemência palavras em hindu e chinês. Suas pernas estavam presas, e os tecidos criados pelo Lenço envolveram-lhe o pescoço,

enrolaram-se em um toldo e ergueram seu corpo do chão. Lokesh se contorcia, e eu momentaneamente me virei, sem querer ver aquilo.

De alguma forma Lokesh conseguiu soltar a mão, e seu poder deslizou sobre mim imediatamente. Era como se ele estivesse me arranhando, rasgando minha pele com suas garras. Gemendo, envolvi meu corpo com os braços, cambaleando e arfando de dor. Ren correu para o meu lado e me pegou nos braços antes que eu caísse.

– Peguei você, *iadala* – sussurrou Ren.

Kishan atacou Lokesh novamente, e a dor começou a diminuir.

Por incrível que parecesse, Lokesh ainda estava vivo, porém em terrível agonia. Kishan ateou fogo ao tecido que o enrolava como uma múmia, e então ouvi um grito inumano e senti o cheiro de carne queimada. Com um súbito jorro de água, Lokesh apagou o fogo. Seria preciso mais do que chamas para matar o feiticeiro.

Ren ergueu o Fruto Dourado e uma camada de óleo deslizou sobre o linho encharcado. Kishan ateou-lhe fogo novamente, e o corpo de Lokesh se retorceu para a frente e para trás.

Recuperada o suficiente para me mover, puxei a camisa de Ren.

– Vamos embora! – implorei, incapaz de assistir à cena por mais tempo.

Empurrei os rapazes para o corredor, fechei a porta e enfiei um atizador de fogo pela maçaneta, torcendo para que Lokesh queimasse ou se enforcasse, ou ambos. A casa começou a se sacudir quando, através da magia negra, ele provocou um terremoto.

Era hora de correr. Pedi ao Lenço que criasse roupas mais práticas por baixo de meu vestido de casamento. Os irmãos me mantiveram entre eles enquanto descíamos correndo as escadas e atravessávamos um intrincado labirinto de corredores e vãos de porta arrombadas. Marcas de explosões salpicavam as paredes, e meus pés esmagavam câmeras quebradas, que antes estavam ocultas. Saltamos sobre dezenas de guardas caídos. Enquanto avançávamos, me livrei do anel de diamante de Lokesh e de meu traje chinês de núpcias, peça por peça.

Finalmente chegamos a uma janela aberta cujas grades haviam sido cortadas. Kishan saltou para fora e aterrissou nas moitas três metros abaixo. Ren me apanhou e me jogou nos braços abertos de Kishan antes de nos seguir. Eu estava morrendo de vontade de falar, gritar, dar pulos de alegria, porém, quando chegamos às motocicletas, com o coração quase pulando para fora do peito, eu me vi completamente sem fôlego.

Mas estava livre.

Sem tempo para nada além de um breve aperto em minha mão, Ren me colocou em sua moto, e, com um estrondo de motores, nós três disparamos feito cometas noite adentro, deixando em nosso rastro uma trilha de tecido vermelho.



Reencontro

Seguimos por várias horas em silêncio, sem parar. O vento frio de dezembro açoitava meus cabelos, e eu me encolhia, me aproximando mais de Ren, que não sei como conseguira tirar a jaqueta de couro e passá-la para mim sem desacelerar. Agradecida, eu a vesti e abracei Ren com mais força.

Eu não tinha ideia de qual era nossa localização, embora suspeitasse, com base nas placas da estrada, que não estávamos na Índia. Quando os rapazes enfim pararam, era de manhã cedo, talvez uma ou duas horas antes do nascer do sol. Desci exausta da moto. Ren e Kishan esconderam os dois veículos nos arbustos, e, finalmente, pudemos ter um reencontro apropriado.

– Pensei que nunca mais fosse ver você – disse Kishan com ternura, me abraçando e correndo as mãos para cima e para baixo em minhas costas. – Você está bem? Lokesh a machucou?

Sacudi a cabeça.

– Só um pouco. Ele me deixou com alguns hematomas e me beijou algumas vezes, mas na maior parte do tempo me deixou em paz. Não estive em sua câmara de tortura.

Era bom estar de volta aos braços de Kishan. Segura. Pela primeira vez em muito tempo, baixei a guarda completamente. Eu estava outra vez com meus tigres. Estava de volta ao meu lugar.

– Ainda bem – grunhiu Kishan, me segurando como se nunca mais fosse me soltar.

Quando por fim me soltou, Ren se aproximou de mim com uma expressão indecifrável nos olhos. Ele não disse nada, mas eu podia jurar que estava lendo a minha mente. Hesitante, tocou meu rosto, e meus olhos ficaram marejados. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele me puxou para os seus braços. Envoltos naquele porto seguro, sentindo a conexão entre nós e o calor de seu corpo forte contra o meu, finalmente relaxei, e o horrendo turbilhão emocional transbordou em uma torrente.

Vendo meu estado, Kishan baixou os olhos e se ocupou, montando uma barraca enquanto eu chorava em silêncio nos braços de Ren. Meu corpo se sacudia em soluços atormentados. Eu me agarrava à camisa de Ren, enchendo a mão com o tecido, enquanto ele murmurava suavemente e acariciava meu cabelo. A certa altura, percebi que não estava mais sustentando meu próprio peso. Ele me ergueu e me carregou para a barraca.

Ren me aninhou de encontro ao peito, e Kishan preparou um chá quente para mim. Sacudi a cabeça, abalada demais para beber, mas Ren insistiu. Quando terminei, ele sussurrou algumas palavras para Kishan, que se transformou imediatamente no tigre negro e se esticou sobre as

almofadas. Deitei-me ao lado dele, acariciando o pelo escuro, sabendo que a maldição ainda exigia que eles assumissem a forma de tigre seis horas por dia.

– Tente dormir, *priyatama* – disse Ren, pousando a palma da mão levemente em meu rosto.

Então ele se transformou na familiar forma do tigre branco e se deitou do outro lado.

Durante algum tempo, o único ruído que se ouvia eram as minhas fungadas e o reconfortante ronronar de Ren. Exausta, finalmente adormeci com a mão agarrando um punhado do pelo macio do pescoço dele.

Dormi por muito tempo, despertando apenas parcialmente com os movimentos dos irmãos que tentavam não me perturbar. Eles conversavam baixinho em híndi, e as lindas e musicais palavras me ajudavam a relaxar e voltar a dormir.

Quando por fim acordei, o sol ia alto no céu. Embora tivesse feito frio durante a noite, a temperatura havia subido e estava em torno dos 10 graus, o que no Oregon seria típico do início do verão. Sentei-me com uma careta e afastei o cabelo do rosto.

Kishan entrou na barraca e sorriu.

– Pensei ter ouvido você se levantar.

– Temos tempo para pelo menos um banho de esponja antes de partirmos?

– Se você estiver pensando em me incluir, eu arranjo o tempo.

Suspirei, me espreguicei e lhe dirigi um meio sorriso.

– Senti falta de suas provocações. Ei, onde estamos afinal?

– Uzbequistão.

– Isso não ajuda muito...

– Ásia Central. Estamos a quase dois mil quilômetros de casa.

– Uau! É uma longa distância para percorrer de moto – comentei e fiz uma pausa antes de continuar. – Kishan? Acha que ele está... que ele está morto?

– Não sei. Lokesh vive há muito tempo.

– Espero que esteja morto.

Kishan me fitou, pensativo.

– Eu também espero, Kells.

Peguei a mão dele. Embora meu coração ainda se agitasse por causa de Ren, eu havia feito a minha escolha: Kishan. *Travesseiro redondo, travesseiro quadrado, os dois não passam de travesseiros*, lembrei-me, pensando com carinho em Phet.

– Kishan, obrigada por vir em meu socorro.

Os olhos dourados dele cintilaram.

– Sempre que precisar, linda.

Kishan saiu para que eu me lavasse, e eu pedi ao Lenço que criasse uma cortina de chuveiro e ao Colar de Pérolas, uma ducha num trecho de rocha plana não muito distante da barraca. Meti a mão na água e fiquei surpresa com a temperatura, morna como uma chuva tropical. Esfreguei meu corpo, tirando a maquiagem e o perfume, e imaginei que estivesse me livrando de uma grossa camada de pele falsa, descamando a garota que teria sido a noiva de Lokesh.

Refrescada e me sentindo novamente eu mesma, era hora de ir para casa. Quando Kishan me pediu que fosse com ele, olhei de relance para Ren, que não me encarou. Mordi o lábio e subi na moto de Kishan.

Querendo nos distanciar o máximo possível de Lokesh, continuamos num ritmo extenuante. Eu tinha a impressão de que os irmãos só paravam por minha causa e para reabastecer.

Em um posto de gasolina, Kishan foi cuidar das motos enquanto Ren e eu comprávamos um pente e um frasco de protetor solar. Quando comecei a desembaraçar o cabelo, Ren insistiu em esfregar a loção nos meus braços, maçãs do rosto e nariz.

– Como você está? – perguntou ele, baixinho.

– Vou sobreviver.

– Disso, eu não tenho dúvida. – Terminando com um braço, ele passou para o outro. – Lokesh estava obrigando você a se casar com ele?

– Na verdade, a ideia foi minha. Eu queria retardá-lo o máximo possível.

Ren se retesou e seus dedos apertaram meu braço por um momento. Ele me encarou e perguntou:

– Ele... machucou você?

Pus a mão sobre a dele.

– Não, não da maneira que você está pensando.

Ren assentiu e segurou meu rosto.

– Se precisar conversar, estou aqui.

– Eu sei. E, Ren, me desculpe pelo beijo. Eu não queria machucar você.

– Sei por que fez aquilo. Doeu mais saber que você estava prisioneira e que eu não poderia salvá-la.

– Obrigada por me salvar.

Ele suspirou.

– Não importa onde você esteja, eu sempre irei buscá-la, *iadala*. Não precisa me agradecer.

– Ainda assim, obrigada.

Ren beijou minha testa.

– Eu já disse que você é uma mulher muito teimosa?

– Recentemente, não – respondi alegre, desfrutando de nossa brincadeira familiar e sentindo um formigamento quente percorrer o meu corpo. – Vamos para casa. Mal posso esperar para ver o Sr. Kadam. Tenho tantas coisas para contar a ele.

Ren pegou minha mão e me puxou para perto dele, a expressão de repente séria.

– Kells, nós... não conseguimos encontrá-lo. Quando os piratas de Lokesh nos emboscaram, ele se pôs na frente de um arpão que iria atingir Nilima, e os dois desapareceram. Não conseguimos localizá-los no GPS. Os sinais de ambos sumiram. Vimos o seu, mas não os deles.

– O quê? Não pode ser. Vamos embora, então. Precisamos encontrá-los.

Minha mente se encheu de preocupação com o Sr. Kadam e Nilima. Nada estaria bem até que todos estivéssemos juntos de novo.

Ren estendeu a mão.

– Você vem comigo?

Sua pergunta pairou no ar. Olhei para Kishan, que havia acabado de calibrar os pneus e acenou para mim, feliz.

Kishan é o meu namorado. Eu deveria ir na moto com ele, pensei.

– Por favor – pediu Ren baixinho. – Preciso sentir você perto de mim.

Baixei os olhos e aceitei a mão dele. Minha determinação desmoronou.

– Está bem – falei, ao subir atrás dele e abraçar sua cintura.

Ren serpenteou até onde Kishan estava e anunciou:

– Ela vai comigo neste trecho.

– Se estiver tudo bem para você, Kishan – acrescentei rapidamente.

Kishan deu de ombros alegremente e advertiu:

– Ren pilota como um velhote, mas por mim tudo bem.

Como agradecimento, beijei-o de leve.

Kishan sorriu e disse:

– Acho que é até melhor. Assim, se eu seguir o velhote, posso admirar a visão.

Ren grunhiu e disse algo ríspido em híndi, mas Kishan apenas riu e o ignorou.

Naquela noite, Kishan foi sondar um lugar para montar acampamento e voltou animado. Eu o segui, subindo uma colina pedregosa até um círculo de pedras em torno de uma área escavada na argila compactada.

– Encha-a de água – sugeriu Kishan. – *Voilà!* Uma Jacuzzi só para você.

Eu ri e rocei a mão no Colar em meu pescoço. A bacia rapidamente se encheu com uma água mineral borbulhante, e Kishan a alvejou com o poder do fogo. O ar frio ondulou com o vapor.

– Aproveite o banho, Kells. Ah, e se precisar que aqueça a água novamente, ficarei mais do que feliz em atendê-la.

Depois do meu banho, foi a vez dos dois irmãos. Kishan arrancou a camisa e falou:

– O primeiro que chegar viaja o dia todo com Kells.

Ren disparou feito uma bala com Kishan gritando atrás dele.

Faltando apenas mais um dia de viagem, começávamos a cair numa rotina normal, quer dizer: normal diante das atuais circunstâncias. Os dois tinham todo cuidado comigo, me tratando tão delicadamente quanto a uma preciosa xícara de porcelana.

Mais tarde, naquela noite enluarada, quando Kishan sorriu e se inclinou para me beijar, foi gentil e breve. Alguma coisa brilhava em seus olhos no momento em que ele se afastou.

Peguei sua mão.

– O que foi? – encorajei-o suavemente.

– Se eu agir de um jeito que a faça se lembrar de Lokesh ou que a machuque de alguma maneira, você me fala?

– O simples fato de você se preocupar com isso já é um sinal de que nunca poderia ser como ele. Não tenha medo de me tocar. Eu não vou quebrar.

Kishan assentiu, depositou um beijo em meus dedos e ergueu o amuleto em seu peito.

– Foi muito esperta em me mandar Fanindra com isto, mas agora é melhor você usá-lo.

Depois de se atrapalhar com a corrente, ele prendeu o amuleto em torno do meu pescoço. Esfreguei a pedra lisa com os dedos.

– Foi assim que você criou aquelas bolas de fogo? Com o amuleto?

– Foi. Este pedaço do amuleto é uma arma e tanto.

– Eu estava me perguntando como você fez aquilo. Isso nunca me aconteceu.

– Provavelmente você pode fazer, se tentar. O amuleto parece capaz de criar qualquer tipo de chama.

Pensei em como vira Lokesh usar suas partes do amuleto e me levantei de repente, segurando a mão de Kishan.

– Aonde estamos indo? – perguntou ele.

– Quero explodir alguma coisa.

Kishan riu.

– Você decididamente é a garota certa para mim. Vamos.

Quando encontramos uma rocha grande, infundi tanta energia na explosão que a rocha se desintegrou. Olhei para minha mão, incrédula. Não fazia a menor ideia de que me tornara tão dependente do meu poder, e saber, com certeza, que o amuleto era a sua fonte foi um alívio. Eu poderia ligar e desligar o poder de acordo com a minha vontade.

Kishan e eu praticamos disparos durante meia hora. Ele me ensinou a criar bolhas de luz de modo que explodissem bem diante dos olhos de alguém, cegando temporariamente a pessoa, a estalar os dedos e começar um incêndio e, depois de achar um animal atropelado na estrada em que pudéssemos praticar, a usar o raio para queimar a carne. Não era algo que eu gostasse de fazer, mas sabia que, se Lokesh ainda estivesse vivo e viesse atrás de mim novamente, ou se eu tivesse de enfrentar outro monstro para completar a quarta profecia de Durga, precisaria ser capaz de usar essa técnica.

Quando voltamos para a barraca, Ren estava mal-humorado e gritou com Kishan por se afastar comigo e não avisá-lo.

– Temos que vigiá-la constantemente. Não sabemos se Lokesh ainda está vivo, e eu não quero correr o risco de perdê-la outra vez – disse Ren severamente, então deu meia-volta e saiu.

Depois de sua saída tempestuosa, Kishan suspirou e tomou minha mão.

– Ele tem razão. Devemos permanecer vigilantes no que diz respeito a você.

Cheguei mais perto e pousei a cabeça em seu ombro.

– Vou cuidar para que um de vocês esteja sempre por perto.

Ele me abraçou.

– Ele não deve estar tão zangado assim. Afinal, ganhou a corrida. Vai viajar com você na garupa o dia todo amanhã.

– O que aconteceu com seu lema de fazer o que for preciso para vencer? – zombei.

Kishan resmungou.

– Parece que ele seguiu meu conselho. Me empurrou de cara numa rocha. Quebrou meu nariz.

– O quê?!

Ele começou a rir.

- Não vejo nenhuma graça nisso – comentei.
- Eu vejo. Ren nunca trapaceou na vida. Devia estar muito desesperado.
- Ahm.

Naquela noite, sonhei com o Sr. Kadam. Ele se encontrava diante de uma tela de cinema, estudando várias cenas de batalha que passavam tão rápido que eu não conseguia distingui-las. Quando toquei seu braço, ele se virou e sorriu. Havia alguma coisa diferente em seus olhos. Ele parecia muito mais velho e um pouco triste.

- O que foi? – perguntei. – Alguma coisa errada?

Ele deu tapinhas no meu ombro.

- Não é nada, Srta. Kelsey. Só estou um pouco cansado.
- Onde o senhor está? Não conseguimos encontrá-lo.
- Estou muito mais perto do que vocês pensam. Tente relaxar a mente e voltar a dormir.
- Mas eu estou dormindo. Isso é um sonho.

O Sr. Kadam fez uma pausa.

- É claro que é. Mas feche os olhos e concentre-se em sua respiração. Você vai precisar de toda a sua força para encarar o que há pela frente, no entanto, por ora, descanse.

Quando sua voz começou a se dissipar, senti a escuridão me envolver gentilmente. Eu queria fazer que sim com a cabeça, mas não conseguia. À medida que sua presença foi desaparecendo da minha mente, senti um leve toque, um gesto de consolo e compreensão.

Na manhã seguinte, Ren e Kishan ficaram entusiasmados com o meu sonho. Acreditavam que era uma visão e que o amuleto havia de alguma forma nos reconectado com o Sr. Kadam.

Quando finalmente entramos no caminho de pedras de nossa mansão na selva indiana, senti as lágrimas encherem meus olhos. Ao entrarmos na casa, aspirei o ar acolhedor e senti o espírito da família Rajaram me envolver.

Com Kishan e Ren me ladeando, cruzei a porta e anunciei:

- Estamos em casa.



Juntando os pedaços

Enquanto Ren e Kishan revistavam a casa à procura de sinais do Sr. Kadam, de Nilima ou de intrusos, eu matava a saudade de Fanindra, que havia atravessado as ondas perto da costa de Mahabalipuram e encontrado o caminho que levava aos meus tigres. Meu bichinho de estimação dourado piscou os olhos de esmeralda e ergueu a cabeça sob a palma da minha mão.

– Também senti sua falta. Foi muito esperta ao encontrar os rapazes.

Acaricieei-lhe a cabeça por um instante e então ela a apoiou na parte superior de seu corpo espiralado e imobilizou-se.

De acordo com o computador do Sr. Kadam e o sistema de segurança, ninguém havia estado na casa nem tentado entrar em contato conosco durante nossa ausência.

– Qual será nosso próximo passo? – Kishan perguntou-se em voz alta.

Ele se sentou no braço do sofá e me puxou de encontro ao seu peito, para desgosto de Ren.

Como se em resposta, o ar a dois metros de onde estávamos começou a tremer. Pontos de luz pareceram se mover, dançando e saltando como gotas de chuva num para-brisa. Então se aglutinaram no centro e começaram a tomar forma. A luz se tornou mais forte, até que dois corpos muito reais se materializaram.

Uma voz familiar e querida disse:

– Olá, Srta. Kelsey. Temos muito o que falar.

– Sr. Kadam? Nilima! – Contornei a mesa correndo e abracei ambos. – Vocês estão bem? Onde estavam? Estão feridos?

Nilima sorriu, mas cambaleou um pouco com o meu abraço.

– Ren, Kishan, um de vocês pode levar Nilima até o quarto dela? Ela ainda está fraca por causa de nossa jornada e precisa dormir – disse o Sr. Kadam.

Indo imediatamente em seu auxílio, Ren carregou Nilima até o segundo andar, e o Sr. Kadam continuou:

– Srta. Kelsey, vamos nos sentar? Se tiver tempo agora, devemos conversar.

Ele deu uma risadinha com algum pensamento que não se deu ao trabalho de partilhar, o que me fez pensar sobre o que poderia estar à nossa espera.

Ren logo se juntou a nós no sofá, e eu segurei a mão de Kishan, feliz ao ver minha pequena família reunida e torcendo para que a quarta profecia de Durga fosse mais fácil do que aquilo por que havíamos acabado de passar.

– Sr. Kadam, por favor, conte-nos o que aconteceu com vocês – pedi.

Ele se recostou, cofiou a barba curta e fez uma breve pausa, como se hesitasse.

– O amuleto me protegeu no navio. Quando vi o arpão indo na direção de Nilima, meu único pensamento foi salvá-la. Eu a abracei e quando dei por mim tínhamos sido transportados para outro lugar.

– Para onde? – perguntou Ren.

– Não tenho muita certeza se se trata de um “onde”, pois não estávamos mais na Terra.

– Como assim? – indaguei, chocada. – Era como um dos outros mundos de Durga, como a Cidade dos Sete Pagodes?

– Não. Viajamos para um tempo além do tempo, um lugar além do espaço. Receio que seja uma experiência difícil de descrever. O importante é que estamos seguros e em casa.

Eu podia perceber que o Sr. Kadam não nos contava toda a verdade. Parecia omitir algo, mas eu não tinha ideia do que poderia ser ou do porquê.

– Estarei muito ocupado nas próximas semanas – continuou o Sr. Kadam. – É imperativo que comecemos logo a jornada para encontrar o quarto presente de Durga. Se partirmos cedo ou tarde demais perderemos nossa janela de oportunidade, e o sucesso de nossa missão estará em risco. Acima de tudo, devo deixá-los cientes da necessidade de confiar em mim. Pedirei algumas coisas difíceis a todos vocês muito em breve, e devem seguir minha orientação sem questionar. Tomei conhecimento de certas coisas que não posso dividir.

O Sr. Kadam me olhou com bondade.

– Sua segurança e sua felicidade são e sempre foram minha prioridade. Por favor, não me questionem sobre isso, pois não posso dizer mais nada.

– O senhor vai precisar de ajuda com a pesquisa? – ofereci.

– Desta vez não, Srta. Kelsey, mas obrigado.

Algo estava errado. O Sr. Kadam nunca tinha se fechado para nós antes. Ele parecia distraído, pouco à vontade. Para romper o silêncio, eu disse:

– Talvez esse seja um bom momento para partilhar com vocês o que aprendi.

O Sr. Kadam fez um sinal com a cabeça para que eu comesse a descrever minhas experiências com Lokesh. Narrei a história dele, como ele matou o irmão e como ainda usava os anéis do pai e do irmão, e contei sobre os poderes que eu o observara usar.

– Ele pode criar túneis de vento e eletricidade estática azul com a ponta dos dedos – expliquei. – Ele congela não só pessoas, mas também coisas, o que me faz pensar que talvez tenha controle sobre o gelo ou a água, pois apagou o fogo.

– É uma suposição razoável – admitiu o Sr. Kadam.

– Graças a Kishan, agora sabemos que o amuleto que uso está conectado ao fogo, e em um mês ele descobriu mais usos para ele do que eu seria capaz de fazer em um ano.

Meus pensamentos se voltaram brevemente para a chama dourada que era resultado do toque de Ren, mas por alguma razão eu sabia que o poder especial não vinha do amuleto nem da minha tatuagem de hena. Era algo que eu só sentia quando Ren e eu estávamos conectados.

Engolindo em seco, voltei-me para o Sr. Kadam, que assentiu sabiamente, mas sua expressão

estava estranha, como se ele já soubesse o que eu iria dizer.

Limpei a garganta e disse baixinho:

– Lokesh também usou seu poder para... me tocar.

O Sr. Kadam me interrompeu.

– Talvez seja desconfortável demais para você falar sobre isso.

– Não, acho que todos vocês devem saber. Ele usou dedos invisíveis capazes de penetrar minha roupa, e pouco antes de sairmos de lá eu o senti arranhar minha pele de dentro para fora. Ele poderia provavelmente ter revirado minhas entranhas.

– Se aquele demônio já não estivesse morto, eu o estrangularia com minhas próprias mãos – disparou Kishan.

O Sr. Kadam se empertigou na cadeira, claramente fascinado.

– Então vocês acreditam que ele esteja morto?

– Esperamos que sim – respondeu Kishan. – Nós o deixamos enforcado, espetado com lanças e incendiado.

– Interessante.

Ren se inclinou para a frente e pressionou a cabeça nas mãos.

– É culpa minha, Kelsey. Eu devia tê-la mantido o tempo todo ao meu lado. – Ele se virou para mim e tomou minhas mãos. – Me perdoe. Eu mandei você se afastar. Se estivesse comigo, Lokesh não a teria raptado.

– Não há nada para perdoar. Por favor, não se culpe. Estou em segurança porque vocês me resgataram.

Ele ergueu a cabeça e assentiu, mas não disse nada, então continuei a recapitular o que eu havia descoberto.

– O amuleto mantém Lokesh jovem. Ele aparenta ter uns 50 anos, mas na verdade é muito mais velho do que todos vocês. Disse que nasceu por volta do ano 250 da era cristã. Com o poder combinado das partes do amuleto, ele pode manipular a própria aparência à vontade.

O Sr. Kadam olhou para um ponto distante, mas não disse nada. Parecia que seus pensamentos estavam em outro lugar.

– Lokesh também falou sobre a noite em que vocês dois se transformaram em tigres – acrescentei. – Vocês mencionaram que o amuleto os protegeu. Eu tenho uma teoria. – Voltei-me para Ren. – Me diga exatamente como Lokesh os amaldiçoou e os transformou em tigres.

– Ele pegou um medalhão de madeira que trazia no pescoço, me cortou, pingou meu sangue no objeto e então começou a entoar um cântico – respondeu Ren. – Kishan passou pelo mesmo. Eu só me lembro da luz branca, da dor intensa e da sensação de ter o corpo remodelado.

– Não se esqueça da queimadura – completou Kishan. – O amuleto queimou minha pele no local onde me tocou.

– É mesmo? O amuleto não me queimou – contradisse Ren.

– Hum. – Eu tamborilava no joelho. – Lokesh disse que os amuletos *puniram* vocês ao transformá-los em tigres e confessou que não era isso que ele queria fazer. Pretendia transformá-los em zumbis ou algo assim.

– Por que usou um lento e elaborado ritual de sangue? Por que não nos congelou? O que ele esperava ganhar? – perguntou Ren.

– Primeiro, ele gosta de torturar as pessoas. Os amuletos estavam ao alcance de Lokesh. Ele disse que queria estender o processo, desfrutá-lo pelo maior tempo possível. Talvez não houvesse aprendido a congelar parcialmente, como faz agora. Além disso, queria um genro que tivesse o apoio do povo e fizesse o que ele pedisse.

– Muito bem. Então Lokesh não nos transformou em tigres. O que *você* acha que aconteceu, Kelsey? – perguntou Kishan.

– Acho que o amuleto protegeu vocês, exatamente como fez com o Sr. Kadam.

– Então por que não protegeu o pai ou o irmão de Lokesh? – ponderou Ren.

– Bem, isso pode ser um pouco absurdo, mas Lokesh acha que é o destino dele reunir o amuleto. E se o Amuleto de Damon estiver mesmo destinado a ser reagrupado, mas esse não for o destino *dele* , e sim o de vocês?

Kishan riu.

– Você tem razão. Isso é absurdo.

– Pense bem – argumentei. – Ele é chamado de Amuleto de Damon e transformou vocês em tigres. Damon é o tigre de Durga, a deusa que nos enviou nessas buscas. O Mestre do Oceano disse que isso aconteceu a vocês por uma razão. E se você estiverem destinados a salvar o amuleto?

Ren esfregava as mãos, enquanto divagava:

– Talvez Kelsey esteja certa. Se Lokesh não nos amaldiçoou, então talvez tenha sido o amuleto que fez isso.

Assenti com veemência.

– Temos que voltar a Lokesh e pegar o amuleto dele.

– Não! – disse o Sr. Kadam com determinação, nos surpreendendo com sua súbita explosão. Vendo nosso espanto, ele se recostou na cadeira, mas os dedos se cravaram no couro. – Vocês não podem voltar. Não há tempo para isso. Só iremos atrás de Lokesh quando o quarto presente for recuperado.

– Mas não seria melhor fazer isso agora, enquanto os garotos ainda podem se curar? – sugeri.

Ele sacudiu a cabeça.

– Essa é uma das ocasiões em que vou pedir que confiem em mim.

Assenti, desconsolada, e tive um tenso momento de contato visual com Ren e Kishan. O Sr. Kadam tinha uma expressão muito estranha. Ele observava nós três com um misto de carinho e tristeza, e não estava fazendo nenhuma anotação. Isso não era nem um pouco típico dele.

– O senhor está bem, Sr. Kadam? – perguntei.

O homem de negócios indiano piscou, e uma lágrima rolou pelo seu rosto. Ele respirou fundo e pigarreou.

– Sim, claro. Só estou chateado, Srta. Kelsey, que tenha ficado prisioneira. Seria difícil encontrar um homem mais cruel e maléfico do que aquele que a raptou. A senhorita foi muito inteligente ao manipulá-lo, e admiro sua criatividade em uma situação tão difícil. Que garota corajosa! Estou muito orgulhoso de você. De todos vocês.

Outra lágrima rolou, e ele a enxugou.

– Creio que um pouco de descanso também me faria bem. Se vocês três me derem licença...

O Sr. Kadam se pôs de pé e, com dignidade, dirigiu-se ao seu quarto e fechou a porta com suavidade.

Nunca tínhamos visto o Sr. Kadam com a aparência tão envelhecida, tão fatigado, tão... cansado do mundo. Ren, Kishan e eu especulamos baixinho, mas decidimos não importuná-lo, permitindo que ele e Nilima dormissem pelo tempo que precisassem. De vez em quando eu ia ver se estava tudo bem com eles e, embora parecessem dormir em paz, eu não conseguia me livrar da sensação de que nosso descanso seria breve.

Quando Nilima por fim acordou, 18 horas depois, parecia ter voltado a seu eu alegre e prático.

– Olá, Srta. Kelsey. Como é bom vê-la – disse ela, sorrindo sobre uma tigela de iogurte.

– Nilima – perguntei –, o que aconteceu com vocês dois?

– Na verdade, eu não sei – admitiu ela. – Num minuto, estávamos no navio, no outro, chegamos aqui. Foi magia, suponho, ou talvez Durga tenha nos ajudado.

Sorri e assenti, mas fiquei me perguntando como ela e o Sr. Kadam podiam ter lembranças tão diferentes da mesma experiência.

Enquanto o Sr. Kadam ainda dormia, Nilima não perdeu tempo e mergulhou com gosto de volta nos negócios da família. Ela passou muitas horas ao telefone e no computador, com Ren e Kishan ao seu lado observando e aprendendo como ela conduzia as questões.

Diferentemente de Nilima, o Sr. Kadam ainda estava sombrio, contemplativo e misterioso ao acordar. Embora insistisse que não havia nada de errado, seu comportamento me preocupava.

– Sr. Kadam, por que está tão distante de nós? O que o preocupa? Sinto sua falta.

– Não é nada, minha querida Srta. Kelsey.

Ergui os olhos, mas ele evitava o contato visual.

– Alguma coisa está, *sim*, preocupando o senhor. Não confia em mim?

Ele deu um suspiro profundo.

– É claro que confio. É... é em mim que não confio. Há algumas coisas neste mundo que a pessoa deve enfrentar sozinha. – Ele inclinou a cabeça e me estudou. – Posso ter a ousadia de lhe fazer uma pergunta pessoal, Srta. Kelsey? – Quando fiz que sim com a cabeça, ele prosseguiu: – Se seu filho estivesse aprendendo a andar, a senhorita o pegaria no colo e o carregaria todas as vezes que ele caísse ou o encorajaria a continuar tentando?

– Eu o encorajaria a tentar, é claro.

– E se visse cacos de vidro pontiagudos por perto, limparia o caminho para ele?

– Sim.

– E se seu filho ficasse preso numa casa em chamas? O que faria nesse caso?

Sem hesitação, respondi:

– Eu entraria correndo na casa e o salvaria.

– Sim, faria isso. Apesar de se colocar em risco, a senhorita iria se esforçar para proteger aqueles que lhe são preciosos. – Ele sorriu. – Era isso que eu precisava ouvir. A senhorita me proporcionou

um grande conforto, Srta. Kelsey.

– Mas eu não fiz nada.

– Fez mais do que imagina. A senhorita tem um coração puro e amoroso. E esse é um presente de valor inestimável que deu a todos nós.

– Vocês são a minha família.

– Sim. Somos. Não se preocupe tanto comigo.

Após meditar por um instante, suspirei e falei:

– Está certo.

Num impulso, lancei meus braços em torno dele. O Sr. Kadam me envolveu gentilmente em um abraço terno e pressionou a bochecha em minha testa. Ele deu tapinhas em minhas costas, e senti outra lágrima cair no meu nariz.

Estava claro que algumas coisas não haviam voltado ao normal, mas ainda assim Kishan fazia o melhor que podia para reacender nossa chama romântica e deu a ideia de um encontro. Primeiro, sugeriu um jantar romântico ao lado da piscina, mas acabamos optando por um filme na sala de cinema.

– É um encontro – disse Kishan, cutucando o irmão com o cotovelo. – E só para que fique bem claro, *you* não está convidado. Três é demais.

Ren ameaçou:

– Só não a magoe.

E, com um empurrão de retaliação, subiu a escada pisando duro.

Alguns minutos mais tarde, ouvimos o som inconfundível de alguma coisa grande sendo estilhaçada de encontro à parede, vindo do quarto de Ren.

Suspirei e abracei a cintura de Kishan.

– Não é legal esfregar nosso relacionamento na cara dele assim – comentei.

Kishan beijou minha testa.

– Ren precisa entender que não vou desistir de você.

– Ele entende, mas isso não quer dizer que seja mais fácil. Pense em como você se sentiria.

– Sei exatamente como ele se sente. Quer você de volta, e eu não pretendo atender ao desejo dele.

– Kishan...

Ele segurou meu queixo e ergueu minha cabeça para que eu o olhasse.

– Você é minha namorada, não é?

– Sim, mas...

Com uma expressão interrogativa nos olhos dourados, Kishan perguntou:

– Você quer voltar para ele?

Fiquei paralisada, sem saber o que dizer. Após um momento, sacudi a cabeça devagar.

– Escolhi você, e é o que eu quero.

Ele sorriu, inclinou a cabeça e disse:

– Não sou muito bom com as palavras e sei que você passou por muita coisa nessas últimas semanas. Eu já disse antes que podemos ir devagar, e estou dizendo de novo. Não tivemos tempo

para conversar de verdade desde que Ren recuperou a memória. Se você se sente hesitante ou incerta a meu respeito, tudo bem. Não vou dizer que isso não vai me magoar, porque vai, mas se quiser recomeçar ou voltar atrás, eu vou entender.

Mais uma vez, eu me senti encantada com a gentileza e a paciência daquele homem generoso. Eu realmente não o merecia. Apertei o rosto contra o peito de Kishan e disse, confiante:

– Acho que o que eu quero fazer é seguir *em frente* com o nosso relacionamento.

Ele sorriu.

– De quanto “em frente” você está falando?

Eu ri.

– Por que não começamos com um beijo?

– Acho que posso dar conta disso.

O beijo de Kishan foi doce e gentil. Suspirei e agarrei seu pescoço. Eu me sentia totalmente segura, amada e protegida em seus braços. Retribuir seu beijo e amá-lo era tão fácil quanto enfiar os pés num par de tênis confortável. Não havia nenhum fogo dourado. Nenhum poderoso estremecimento de paixão. Nenhum cabo de aço nos conectando. Mas havia amor.

Uma vida feliz poderia ser construída sobre essa sólida fundação. Kishan iria cuidar de mim, e eu sabia que formaríamos um vínculo só nosso. Com o tempo, meu coração teimoso deixaria de resistir e permitiria que Kishan o possuísse por completo. Eu não sabia quando, mas esperava que isso não demorasse muito, pelo bem de nós dois.

Nós nos separamos ao ouvir outro estrondo lá em cima.

– Fale com ele, Kells – disse Kishan.

Com um aceno afirmativo da cabeça, segui para o quarto de Ren. Era hora de acertar as contas. Tanta coisa havia acontecido desde que ele recuperara a memória. Eu precisava que ele ficasse em paz tanto com Kishan quanto comigo.

Encontrei Ren sentado à sua escrivaninha, olhando a piscina pela janela. Papéis e anotações se espalhavam pelo chão e uma pequena estante encontrava-se caída. Abaixei-me para reunir os papéis e me dei conta de que eram poemas.

– O que você quer, Kelsey? – perguntou ele em voz baixa, sem se virar.

– Estou aqui para ver o porquê de toda essa comoção. Estava tentando abater um alce?

– O que faço no meu quarto é problema meu.

Suspirei.

– Você torna problema *nosso* quando faz todo esse barulho.

– *Muito bem*. Da próxima vez que minha vida for destruída, vou tentar expressar meu sofrimento de modo silencioso, longe de sua delicada sensibilidade.

– Você tem um dom e tanto para o exagero.

Ren girou e me olhou, incrédulo.

– O único exagero é achar que você tem uma delicada sensibilidade. Obviamente esse não é o caso. Uma mulher *sensível* admitiria que está errada. Uma mulher *sensível* ouviria o próprio coração. Uma mulher *sensível* não desprezaria o homem que ela ama. Você se dá conta de que eu quase a perdi para sempre? Não tem nenhuma ideia de quanto isso me afetou? A visão de Lokesh

machucando você era mais do que eu podia suportar.

Ele tomou fôlego e continuou:

– Sabia que eu podia sentir você? Seu medo, seu terror tornaram-se meus. Não durmo há uma semana e cada pensamento angustiante de minha vigília foi gasto imaginando se você estava machucada e sofrendo. A esperança de que poderia trazê-la de volta, de que a teria finalmente nos braços e de que saberia que você estava salva foi a única coisa que me manteve são.

– Ren...

Ele me interrompeu:

– Então você vem para casa e o que faz? Volta correndo para os braços de Kishan. Tenho permissão para lhe oferecer consolo, mas não amor. Kelsey, como você ainda pode negar o que sente por mim?

– Você sempre fica poético quando está com raiva. – Apanhei um livro e corri a mão sobre a capa de couro. – Eu rezei para que você fosse até lá. Sabia que vocês dois moveriam céus e terras para me encontrar, se pudessem. Não estou negando que o amo. Na verdade, já admiti isso para você.

– Então explique de novo. Como pode me amar e escolher Kishan?

– Se você acha que não amo Kishan, está enganado. – Sentei-me na cama de Ren e suspirei, pousando o livro na mesa de cabeceira. – Você acredita que ele é um homem bom? Que me ama, que irá cuidar de mim, me proteger e me manter em segurança?

– Sim.

– Então, na sua cabeça, não há nada de errado com a minha escolha, exceto pelo fato de ele não ser você.

– E tem também o fato de você não estar *apaixonada* por ele – disse Ren secamente.

– Kishan é bom, gentil, corajoso e maravilhoso, assim como o irmão. Não é suficiente ele me fazer feliz?

– Não.

– Então não tenho mais nada a dizer.

Ajeitei as folhas com poemas e as deixei numa pilha sobre a escrivaninha.

Os olhos de Ren queimavam minhas costas à medida que eu saía em silêncio do quarto.

Lá em baixo, enquanto Kishan e eu assistíamos a um filme de James Bond, eu só pensava em Ren. Ele era a pessoa a quem eu sempre confessara tudo. Era meu amigo e também me conhecia o suficiente para ver que eu estava escondendo alguma coisa. Ele sabia que havia algo mais por trás da minha escolha, e como um cão persistente diante de um osso suculento, não o largaria. Suspirei, aconcheguei-me mais a Kishan e deitei a cabeça em seu peito.



Templo de Vaishno Devi

No dia seguinte, demos início à longa jornada para um templo de Durga. O local escolhido pelo Sr. Kadam ficava em Katra, no estado indiano de Jammu e Caxemira. Íamos para a cordilheira do Himalaia, no ponto mais setentrional da Índia. Katra localizava-se a 640 quilômetros, não muito longe da fronteira do Paquistão.

Mesmo com o Sr. Kadam dirigindo mais rápido do que seria permitido nos Estados Unidos, passamos o dia dentro do carro. As únicas tréguas que tivemos foram as poucas e rápidas paradas para abastecer. Depois que me disseram que nosso destino era Katra, tentei explicar como o “*katra*” de Spock foi parar no corpo do Dr. McCoy em *Star Trek*. Ren tinha visto *Star Wars*, então ele entendia em parte o que eu estava falando, mas Kishan logo perdeu o interesse. Quando mencionei os episódios de viagens no tempo, o Sr. Kadam pareceu particularmente ansioso para saber o que acontecia com todos os personagens no futuro se o contínuo espaço-tempo fosse interrompido.

Por fim, as montanhas de cumes cobertos pela neve próximas de Katra surgiram em nosso campo de visão. Se eu já achava que o Himalaia era frio no verão, agora, no inverno, o ar era totalmente congelante. A pior parte era que teríamos que subir 13 quilômetros até o templo na montanha.

– Sinto muito, Srta. Kelsey. Prometo que vamos descansar com frequência ao longo do caminho – disse o Sr. Kadam.

Estremeci.

– Tudo bem. Templo no pico de uma montanha coberta de neve: lá vamos nós! Fico feliz que esta seja a última busca.

Ao pôr do sol, pedimos ao Lenço que armasse uma tenda grossa com montes de cobertores lá dentro. O Sr. Kadam preparou tigelas de ensopado quente usando o Fruto, e eu usei o poder do amuleto para aquecer o interior da tenda. Ondas quentes de energia irradiavam de minhas mãos, como se eu fosse um aquecedor.

A manhã seguinte estava fria e radiante. Depois de um café da manhã com cereais quentes, calçamos vários pares de meias de lã e botas de caminhada com travas, e vestimos camadas de roupas térmicas, cobrindo-as com casacos acolchoados. Ren não parava de criar peças extras para mim. Insatisfeito com meu cachecol, ele criou um ainda mais grosso e o enrolou três vezes em meu pescoço. Então acrescentou uma touca de esqui que cobria toda a minha cabeça, exceto o rosto, e pôs mais um gorro com protetores de orelha por cima de tudo. Quando ele começou a criticar

minhas luvas, eu o empurrei e lhe disse que fosse perturbar outra pessoa.

– Você não está na Antártica, Kells – comentou Kishan quando nós quatro começamos a marchar para o templo de Durga.

– Não enche. Ren está sendo superprotetor. Não foi ideia minha.

Kishan sorriu.

– Pelo menos posso levar sua mochila. Parece que você está carregando o dobro do seu peso em roupas.

Joguei minha mochila em cima dele e me pus a marchar na direção da montanha, furiosa.

– Venha. Vamos acabar logo com isso.

Kishan deu uma gargalhada, e nós quatro iniciamos a subida.

O Sr. Kadam me alcançou rapidamente, seguido por Kishan e Ren, que assumiu a retaguarda depois de ficar para trás a fim de desmontar o acampamento.

No caminho para o templo, o Sr. Kadam seguiu ao meu lado e me distraía, falando sobre a área e seu santuário.

– Gostaria de ouvir a história do templo?

– Sim – respondi.

Escorreguei num trecho congelado do solo, e num instante Kishan estava ao meu lado, com a mão sob meu cotovelo para me apoiar.

O Sr. Kadam inalou o ar revigorante da montanha e suspirou.

– Há cerca de 700 anos, um demônio chamado Bhairon Nath perseguiu Durga, ou Mata Vaishno Devi, como era chamada então, até essas colinas. Quando Bhairon Nath a encontrou escondida numa caverna, ela cortou-lhe a cabeça com um tridente. Dizem que os grandes rochedos perto da boca da caverna são os restos petrificados do corpo dele.

– Tenho uma pergunta. Por que os deuses e deusas hindus têm tantos nomes e formas? Por que Durga não pode ser apenas Durga?

– Cada forma é chamada de avatar, uma reencarnação da deusa. Numa vida ela pode ser chamada de Durga; em outra, pode ser Parvati, por exemplo. O conceito de reencarnação varia de religião para religião. Segundo algumas interpretações, a pessoa reencarna porque precisa continuar a aprender e só deixa de reencarnar quando colhe de sua vida humana aquilo que precisa saber para ascender ao próximo nível de existência. No budismo, a reencarnação não é exatamente ter o mesmo espírito habitando um novo corpo. Está mais para o velho espírito dando origem a um novo, como uma chama que, antes de morrer, acende uma nova vela. As velas são diferentes, mas a chama vem daqueles que partiram antes.

– Mas deuses e deusas já não são iluminados?

– Ah, na Índia, nossos deuses e deusas não são perfeitos.

– Ainda acho confuso.

– Sim. – Ele sorriu. – Muitos também acreditam que a deusa chama seus devotos a partir deste templo e que eles vão largar o que estiverem fazendo para vir em peregrinação até aqui.

– Isso é interessante. O senhor está vindo atender a um chamado? – brinquei.

Ele ergueu os olhos para a trilha da montanha que se avultava à nossa frente.

– Sim. De certa forma – respondeu ele, calmamente.

Continuamos a andar por várias horas em um caminho desgastado que subia a montanha.

O ânimo do Sr. Kadam parecia melhorar um pouco à medida que nos aproximávamos do templo. Ele estava mais distraído do que de hábito, mas sorria com frequência, e conversamos sobre muitas coisas. Eu não havia percebido quanto sentira falta dele até aquele momento.

A última parte de nossa jornada era uma série de degraus cobertos de gelo que levavam à caverna. Embora estivéssemos equipados com botas para escalar o gelo, fiquei feliz de poder contar com a ajuda de Ren e Kishan.

Paramos brevemente para recuperar o fôlego à entrada da caverna e então nos dirigimos para a extremidade da estrutura de 100 metros, de onde seguimos para o templo de pedra além da caverna. A estrutura cônica da construção era semelhante à do Templo da Praia. Suas camadas de pedras finas eram esculpidas e tinham entalhes, quase como uma parede de escalada em uma academia. O exterior era cinzento no topo e tinha uma tonalidade mais sépia perto da porta. Nós quatro entramos e começamos a procurar a estátua de Durga.

Embora o lado exterior do templo fosse sem graça, o interior era banhado em cores. Perto de um nicho localizada sobre um tablado encontrava-se a deusa que estávamos procurando. Dessa vez ela não fora esculpida em pedra nem bronze, mas era feita de cera.

O rosto e os braços de Durga eram pintados em tom de alabastro, e ela usava um vestido de tecido carregado de joias, além de trazer guirlandas de rosas, jasmims e gardênia de seda em torno do pescoço. O cabelo, sob um arranjo enfeitado com joias, parecia de verdade. Um *bindi* de rubi se destacava entre as sobrancelhas arqueadas e o anel de nariz e os brincos dourados cintilavam com pedras semipreciosas. Atrás dela, a alcova era pintada de um vermelho tão intenso quanto seus lábios.

– Ela é linda – sussurrei.

Kishan estudou a estátua por um momento e então respondeu:

– É, sim.

– Então é isso – falei com calma. – Sr. Kadam, tem certeza de que estamos no lugar certo?

O Sr. Kadam sorriu estranhamente.

– Confie em mim. Estamos no lugar certo.

– Ótimo. Vamos fazer uma tentativa.

Pedi minha mochila a Kishan, e ele me ajudou a dispor todas as nossas oferendas a Durga aos pés da estátua. O Sr. Kadam nos instruíra a trazer uma caixa de fósforos longos, várias velas grossas, alguns pedaços de madeira, um pouco de carvão, alguns fogos de artifício, um isqueiro e um cordão de pimentas-malaguetas. Quando chegou a hora de eu balançar os sinos no meu tornozelo, descobri que não conseguia alcançá-los. Minhas muitas camadas de roupas me impediam de me curvar.

Kishan riu de minha dificuldade. Ren apenas grunhiu baixinho, ajoelhou-se aos meus pés e passou os dedos pelos sinos. Então se levantou e nos demos as mãos.

Ren começou nossa súplica a Durga.

– Hoje buscamos sua ajuda nesta nossa última tarefa. Viemos completar seu quarto e último desafio e pedir sua bênção para que o caminho à frente seja tranquilo e nossos pés encontrem certeza e firmeza.

– Por favor, nos dê sabedoria e nos permita sair a salvo desta última parte de nossas viagens – acrescentei.

Na vez de Kishan, ele disse:

– E quando tudo estiver concluído e pusermos seus quatro presentes aos seus pés, pedimos a oportunidade de uma nova vida em troca.

Após alguns segundos de silêncio, Kishan cutucou o Sr. Kadam, que estivera olhando distraidamente para o chão.

– Ah, sim. Peço-lhe, por favor, que vigie e cuide de meus protegidos de modo que o que está destinado a ser aconteça.

Virei-me e olhei, intrigada, para o Sr. Kadam, que simplesmente deu de ombros enquanto Ren e Kishan se transformavam em tigres.

O que aconteceu a seguir quase me matou de medo. As velas e os fósforos se acenderam, os fogos de artifício explodiram e o fogo rapidamente se espalhou em torno do tablado e começou a lamber as paredes atrás da estátua de Durga. Dali as chamas se alastraram de parede a parede, e logo nos vimos encerrados numa caixa de fogo.

Tudo o que era inflamável foi rapidamente consumido, mas as quatro paredes de pedra não queimaram por muito tempo. Em vez disso, o fogo dançou pelo chão, incinerando o musgo e as partículas de poeira entre as pedras. De repente, fomos engolidos numa coluna de fogo. Ren e Kishan voltaram à forma humana e me enfiaram entre eles, nossas costas voltadas para o círculo invasor.

Gritei quando a barra das costas da camisa de Ren pegou fogo, mas Kishan rapidamente apagou as chamas com tapas. A fumaça tomava conta do ambiente, e enterrei meu rosto na camisa de Ren para abafar a tosse. Embora uma brisa fria soprasse pelo local, ainda estava quente, tão quente que a efígie de cera começou a derreter diante de nossos olhos. Seu arranjo de cabeça adornado por joias se transformou num poço de lágrimas iridescentes que escorriam lentamente pelo lindo rosto da deusa.

Na parede atrás da estátua, a marca de uma mão reluzia vermelha na pedra quente. Ren insistiu em tocá-la primeiro e se queimou. Pedi ao Colar de Pérolas que a esfriasse e logo uma cortina de água fria desceu do teto, indo ao encontro da pedra quente. De início, a água silvou e evaporou, mas, dentro de alguns minutos, passou a deslizar suavemente pela pedra, empoçando no piso do templo.

Dei um passo à frente, pus a mão na marca côncava e concentrei minha energia. O desenho de hena apareceu e um calor formigou na palma da minha mão.

A figura derretida de Durga começou a brilhar. Seu cabelo pegou fogo e se eriçou como uma crina de fogo. A cera pingava da imagem para formar uma grande poça perto dos pés descalços, deixando à vista uma linda mulher que irradiava o calor de 10 sóis. Sua pele era cor de caramelo e o vestido tinha o tom laranja do pôr do sol. Ela contava apenas com dois braços, um deles enfeitado com

uma pulseira simples de ouro, embora a figura de cera tivesse ostentado oito. De olhos fechados, ela respirou fundo e alisou com as mãos os cabelos negros e sedosos. As chamas desapareceram. A única joia que ela usava era a pulseira e uma faixa dourada na cintura.

A deusa sorriu para nós quatro, e ouvi o som de sinos tilintando quando ela falou:

– É bom rever todos vocês. – Apontando para o chão, ela riu. – Como podem ver, suas oferendas foram aceitas.

Durga deslizou a mão em um amplo arco no ar, e as paredes cobertas de fuligem e os montículos de material queimado desapareceram.

Um leve aperto em meu braço lembrou-me de que Fanindra estava ávida para ver sua senhora. Aproximando-me do tablado, deslizei o bracelete, tirando-o do braço, e o entreguei a Durga. A cobra imediatamente ganhou vida, ergueu a cabeça e deu várias voltas no braço de Durga.

A deusa ficou acariciando Fanindra até que Kishan pigarreou. Sem olhar para ele, ela suspirou e o censurou:

– Você precisa aprender a ter paciência no que diz respeito a mulheres e deusas, meu tigre de ébano.

– Perdoe-me, Deusa – Kishan rapidamente se desculpou e se curvou, cavalheiresco.

A sugestão de um sorriso surgiu no rosto dela.

– Aprenda a amar o momento em que se encontra. Valorize suas experiências, pois momentos preciosos passam rápido demais por você e, se estiver sempre correndo em direção ao futuro ou ansiando pelo passado, irá se esquecer de desfrutar e apreciar o presente.

– Irei me esforçar para me manter atento a cada palavra que passa por seus lábios, minha deusa.

Kishan ergueu a cabeça, e Durga se inclinou à frente para tocar-lhe o rosto.

– Se ao menos você fosse sempre tão... devotado – disse ela.

Ren pegou minha mão para me consolar enquanto meu namorado jogava charme para a bela deusa.

Quando Durga finalmente olhou para mim, sua expressão mudou de desejosa para simpática.

– Kelsey, minha filha. Tem corrido tudo bem com você?

– Hã... quase sempre. Um tubarão gigante mordeu a minha perna, mas tirando isso, tenho passado bem.

– Um tubarão... gigante?

Ela parecia confusa, e seus olhos dispararam para o Sr. Kadam.

Alguma coisa estranha está acontecendo.

– Isso. Um tubarão. Mas pegamos o Colar de Pérolas para você. Está vendo?

Mostrei-lhe o Colar, que ela estudou com um sorriso.

– Sim, fico feliz. Este presente será muito necessário em sua próxima busca. – Os olhos de Durga voltaram ao meu rosto, e ela tomou minhas mãos com preocupação maternal. – Seus dias mais difíceis estão por vir, minha preciosa.

Então ela se dirigiu a Ren:

– Você deve ajudá-la. Apoiá-la. Uma purificação está por vir... uma combustão do coração e da alma. Quando vocês três emergirem disso, estarão mais fortes, mas haverá ocasiões em que talvez

fiquem tentados a pedir que o fardo seja retirado de seus ombros.

Eu tentava memorizar cada palavra. Ela prosseguiu:

– Kelsey vai precisar de vocês dois nos dias que virão. Não pensem em vocês nem em seus sonhos, mas concentrem-se no que precisam fazer para salvá-la e no que devem fazer para salvar o restante de nós. *Todos* nós dependemos de vocês.

– Os tigres voltarão a ser homens em tempo integral depois que encontrarmos o próximo prêmio, certo? – perguntei.

Durga respondeu, pensativa:

– A forma do tigre foi dada a eles com um propósito e logo esse propósito será alcançado. Quando a quarta tarefa for concluída, eles terão a oportunidade de se separar do tigre. Venham e peguem suas últimas armas.

Do cinto, a deusa puxou uma espada de ouro e, com um rápido movimento, cindiu a lâmina em duas armas. Ela girou as espadas, uma em cada mão, torcendo-as até que as duas lâminas pousaram no pescoço de Ren e de Kishan. Seus olhos cintilavam de prazer.

Ren hesitou, e a deusa atirou-lhe uma espada, que ele aceitou com elegância. No entanto, ela manteve a ponta da outra pressionada contra o pescoço de Kishan. Os olhos dele se estreitaram ligeiramente, e eu me perguntei se ele iria desafiar a deusa.

Durga sorriu para Kishan e rodopiou a espada mais uma vez, mas ele antecipou-lhe os gestos e evitou a lâmina. Juntos, fizeram uma dança mortal, e Durga parecia encantada com a destreza dele. Um momento depois, ela encurralou Kishan, que se imobilizou, dessa vez com a lâmina apontada para o seu coração.

Arquejei enquanto ela provocava:

– Não se preocupe, minha querida Kelsey, pois o coração do tigre negro é duro demais para ser perfurado.

Kishan encarava a bela deusa em postura de combate. O vestido cor de laranja tinha uma fenda que ia da bainha ao meio da coxa, e eu não pude deixar de notar a linda perna firme e esguia.

Ela pode não ser perfeita, mas suas pernas com certeza são. Mesmo quando estava praticando wushu regularmente no Oregon, minhas pernas nunca foram assim tão bonitas.

Kishan, com o semblante muito sério, parecia perceber a mesma coisa. Seu olhar seguiu da perna nua até o rosto de deusa, e, quando ela ergueu uma sobrancelha, ele franziu a testa para ela.

Pus a mão no braço dele.

– Kishan, ela só está demonstrando como usar a espada. Relaxe.

Ele me obedeceu, mas a deusa sorriu como se pudesse ler sua mente. Ele bateu na lâmina, afastando-a de seu peito, antes de pegar a espada, emburrado. A deusa se empertigou e tirou dois broches de seu cinto de ouro. Descendo do tablado, prendeu um deles na roupa de Ren e o outro na de Kishan. Kishan manteve-se imóvel, depois assentiu, hesitante, e observou cada movimento da deusa enquanto ela demonstrava como usar os objetos aparentemente inofensivos.

Durga cobriu o broche de Kishan com a palma da mão e disse:

– Armadura e escudo.

Imediatamente o broche cresceu e o metal dourado disparou em todas as direções, encerrando o

corpo de Kishan. Logo ele usava uma armadura e segurava sua espada e um escudo.

Durga tornou a pressionar o broche e sussurrou:

– *Bruucha*, broche.

A armadura encolheu até se tornar outra vez um enfeite reluzente.

– Talvez seja melhor, por ora, que você continue com estas... – disse ela numa voz baixa e sensual, correndo a mão pelo ombro largo de Kishan – ...roupas modernas. Tenho um fraco por homens bonitos em trajes de batalha.

A expressão de Kishan mudou, demonstrando surpresa.

O que estava acontecendo? Durga nunca havia flertado com Kishan assim tão... abertamente antes. Era como se estivéssemos assistindo a uma novela com atores ruins.

– Estes broches foram criados especialmente para vocês dois – prosseguiu Durga. Ela encarava Kishan; a química entre eles era palpável. – Gosta do meu presente, tigre de ébano? – perguntou suavemente.

Kishan respirou fundo, deu um passo à frente e tomou a mão dela na dele.

– Acho que você é... quer dizer, acho que ele é... incrível. Obrigado, Deusa – disse ele, e beijou-lhe os dedos.

– Hum. – Ela sorriu, com prazer. – Por nada.

Ren grunhiu suavemente e o Sr. Kadam enfim rompeu a tensão.

– Talvez fosse melhor começarmos nossa jornada. A menos que tenha mais para nos dizer... Deusa?

Durga imediatamente se afastou de Kishan, que a olhou como se ela fosse um petisco saboroso que ele quisesse devorar. Ela retribuiu, e os olhares que trocaram eram quentes o bastante para derreter o chão de pedra.

Durga voltou-se para o Sr. Kadam e assentiu com a cabeça.

– Eu já disse tudo o que é necessário. Até o próximo encontro, meus amigos.

Suas feições começaram a se solidificar e desesperadamente eu perguntei:

– Quando nos encontraremos novamente?

Durga sorriu e piscou para mim. Então as chamas subiram em volta do seu corpo, impedindo nossa visão, e, quando o fogo diminuiu, ela era outra vez uma estátua de oito braços. Subi ao tablado e estendi o braço para Fanindra, que se esticou e se enroscou na parte superior do meu braço, acomodando-se em sua posição usual.

Ao me virar, tive um sobressalto, chocada ao ouvir uma voz furiosa ecoando no templo silencioso.

– *Aquilo* foi totalmente impróprio! – Ren disse ríspidamente ao irmão e acertou-lhe um soco na cara.



Destino

Kishan esfregou o queixo e fuzilou Ren com o olhar.

– Se você tratar Kelsey assim outra vez, vou fazer muito mais do que tentar enfiar um pouco de juízo nessa sua cabeça. Acho bom pedir desculpas a ela. Fui claro, irmãozinho? – Ren continuou com seu discurso.

Os olhos de Kishan se arregalaram, e então ele assentiu docilmente.

– Ótimo. Vamos esperar por vocês lá fora, Kelsey – disse Ren e saiu, seguido pelo Sr. Kadam.

– Ele tem razão. Peço desculpas. Não sei em que eu estava pensando. Sinto muito, Kells. – Kishan me abraçou. – Você ainda é a minha garota, não é?

Falei que sim, a cabeça apoiada em seu peito, e ele pegou minha mão e me levou para fora.

– Pode ficar com raiva de mim se quiser. Faça uma cena de ciúme e me bata. Eu mereço.

O estranho era... que eu não estava com ciúme. Estava mais curiosa do que com raiva. Pensando em discutir a questão com o Sr. Kadam mais tarde, apressei o passo e fiquei chocada ao ver que todo o gelo e a neve em torno do templo haviam derretido.

Descer o caminho pela montanha foi muito mais fácil que subir, mas ambos os irmãos insistiram em segurar meus braços enquanto caminhávamos, para o caso de eu escorregar. Quando passamos por Katra, eu estava morta de cansada e não sabia se conseguiria vencer os últimos quilômetros.

O Sr. Kadam, que em geral era muito conciliador, insistiu que prosseguíssemos e até sugeriu que um dos rapazes me carregasse. Suspirei e continuei me arrastando devagar até que Kishan me pegou e me acomodou em seus braços. Eu dormia quando finalmente chegamos ao acampamento.

Enquanto descansava meus pés doloridos junto ao fogo, consegui ter uma conversa em particular com o Sr. Kadam.

– Sr. Kadam, eu... eu só queria saber sua opinião em relação a Durga e Kishan. Não sei o que pensar sobre o que aconteceu no templo. O senhor também viu, não foi?

– Sim. Eu... sim, eu percebi.

– Devo ficar preocupada com Kishan? – Eu me contorci enquanto o Sr. Kadam me observava. – Os mitos antigos falam sobre deuses que se apaixonam por mortais e até mesmo têm filhos com eles. O senhor acha que Durga tem uma queda por Kishan? Não sei bem como devo me sentir em relação a isso.

O Sr. Kadam ergueu os olhos para o estrelado céu noturno e então sorriu para mim. Com delicadeza, ele perguntou:

– Como a senhorita se sente?

– Eu me sinto... como se devesse estar aborrecida, mas não estou, e isso me incomoda um pouco.

Eu confio em Kishan. Acredito que ele me ame.

– Está certa em confiar nele. Kishan não ficaria com uma deusa quando tem a senhorita. Ele a ama.

– Eu sei que sim, mas Ren ficou tão aborrecido.

O Sr. Kadam suspirou.

– Ren... também a ama. Ele bate de frente com tudo o que ameaça a quem ele ama. Sempre se doou, até mesmo a ponto de deixar de lado os próprios desejos, para se certificar de que os outros tenham as coisas de que precisam. Na guerra, ele preferia seguir para as linhas de frente e se colocar em perigo a permitir que seus homens morressem.

É. Parece mesmo *típico de Ren*.

– Já tive a oportunidade de comprovar isso em primeira mão – observei. – Ele terminou comigo porque não pôde me salvar quando eu quase me afoguei. E se sacrificou para que Kishan pudesse me livrar dos capangas de Lokesh. Constantemente me afasta dele para salvar minha vida.

Sabidamente, o Sr. Kadam inclinou a cabeça.

– Ren irá sempre saltar em sua defesa. É assim que ele mostra o amor que sente pela senhorita.

E se não for esse o tipo de amor de que preciso?, pensei.

O Sr. Kadam prosseguiu:

– Kishan era o oposto na batalha. A vitória era mais importante para ele do que a maneira como vencida. Ele também protegia aqueles a quem amava e também seguia para a linha de frente, mas seu propósito era se desafiar, liderar os outros guerreiros e inspirá-los. Tanto Ren quanto Kishan mudaram muito com o passar dos anos. Eles amadureceram, tornando-se homens melhores. Kishan está menos autocentrado. Não tenta mais vencer a qualquer custo e aprendeu que a vitória de sua equipe pode ser uma vitória dele, mesmo que não maneje a espada.

– Hum...

– Os sonhos de Ren se voltaram para dentro. Antes, ele enfrentava exércitos, lutava pelo seu povo e buscava a paz para seu país. Agora ele anseia por uma alma gêmea. Quer sua própria família e alguém para amar. – O Sr. Kadam juntou os dedos das mãos em um triângulo, fazendo uma pausa para ouvir o crepitar da madeira queimando. – Os dois homens a amam, cada um à sua maneira, da forma mais plena de que são capazes. Creio que a deusa Durga nutra de fato certo fascínio por Kishan, porque ela reconhece uma alma afim. Ela é muito parecida com o que ele era. Durga é uma guerreira por excelência, e ela o desafiou ao levar a espada ao pescoço dele. O antigo Kishan teria imediatamente aceitado o desafio, mas a sua mão no braço dele o conteve. Eu não veria isso como motivo para duvidar da afeição de Kishan por você.

– Obrigada – falei e sorri.

O Sr. Kadam apertou meus dedos no momento em que os irmãos se aproximaram.

Kishan se sentou perto do fogo e me puxou para seus braços.

– Hora da nossa história para dormir. Sobre qual deus grego vamos ouvir esta noite?

Acaricieei seu braço e dei um sorriso debochado, provocando-o.

– Acho que hoje vou lhes contar sobre os muitos casos de Zeus com mulheres mortais e como sua esposa, Hera, punia todas elas.

Ren reprimiu o riso enquanto Kishan se encolheu. Mas ficou quieto, determinado a cair novamente em minhas graças, e disse com carinho:

– Irei me esforçar para me manter atento a cada palavra que passar por *seus* lábios, minha deusa.

Eu lhe dei uma cotovelada, mas ele apenas riu.

– E não se esqueça disso, meu amigo.

– Não vou, amor – sussurrou ele e beijou minha orelha.

Ren parou de rir e resmungou:

– Vamos logo com a história.

Durante meu dramatizado castigo verbal sobre homens infiéis, o Sr. Kadam retirou sua espada samurai do estojo de veludo e ficou polindo-a à luz do fogo.

As toras de madeira tinham se transformado em ardentes pedaços de carvão quando minha história se aproximou do fim. O Sr. Kadam fitava as chamas em silêncio, sua espada descansando no colo. Quando concluí com as palavras “E é isso que acontece quando os cônjuges traem”, ouvimos uma voz familiar e distorcida.

– Devo dizer que sua escolha de histórias para dormir vem a ser muito profética esta noite. Você é uma mulher de muitos talentos, minha querida.

Meu coração voou para a garganta, e eu agarrei o braço de Kishan. Graças a Ren e a Kishan eu aprendera a permanecer calma ao confrontar criaturas perigosas, e tinha orgulho de minha capacidade de reação imediata. A única exceção à regra havia acabado de surgir na luz do fogo e me fitava, faminta.

Lokesh havia nos encontrado.

Ren e Kishan se puseram de pé num salto, pegando suas armas. O Sr. Kadam estendeu o braço para tocar nós três – e então todo movimento parou. Senti meu corpo dar uma guinada. Estava sendo sugada para alguma coisa, de dentro para fora. Minhas moléculas estavam sendo espremidas com força e minhas entranhas giravam em direção a um vácuo. De repente, tive a impressão de que meu corpo estava sendo comprimido como um arquivo de dados e de que eu era empurrada na direção de um ralo com uma força de sucção tão forte que eu não conseguia oferecer resistência. Em um segundo, eu rodopiava em um vácuo negro. Então uma luz minúscula penetrou a escuridão.

Com um estalo perturbador, eu me materializei perto de Kishan, atrás de uma linha de arbustos espessos, a uns oito metros de nosso acampamento. O Sr. Kadam sorriu e retirou a mão de meu ombro.

– O que... o que acaba de acontecer? Como viemos parar aqui? – perguntei, desorientada.

– Eu nos desloquei através do espaço – replicou o Sr. Kadam. – Não há muito tempo para explicações. – Ele apertou o ombro de Ren; então pôs a outra mão no de Kishan. – Meus príncipes, meus filhos, vocês confiam em mim desde muito jovens, e eu lhes peço que me ofereçam sua confiança mais uma vez. Vocês precisam fazer algo por mim e devem obedecer minhas instruções com exatidão. Farão isso?

Ren e Kishan assentiram. O Sr. Kadam continuou:

– Em nenhuma circunstância, saiam deste local até que Lokesh se vá. Não importa o que vejam ou ouçam, vocês *não devem interferir*! Quero que me façam o juramento do guerreiro.

O Sr. Kadam segurou a mão de ambos. Juntos, eles repetiram um mantra que eu nunca ouvira antes.

– Seu na vida, seu na morte. Juramos respeitar a sabedoria de nossos líderes, permanecer vigilantes em nosso dever, exibir bravura diante da morte e demonstrar compaixão da mesma maneira que a desejaríamos para aqueles que amamos.

Então, simultaneamente, Kishan e Ren tocaram a testa na do Sr. Kadam.

Solene, ele disse:

– Sua responsabilidade é Kelsey. Lokesh não deve encontrá-la. Protejam-na a qualquer custo. Pensem apenas nela e bloqueiem tudo o mais. Essa é a única maneira de derrotá-lo. Independentemente do que aconteça, se quiserem me honrar, é isso que devem fazer.

Com essas palavras, o Sr. Kadam desapareceu no ar.

– O que está acontecendo? – sussurrei, muito mais que amedrontada.

Nesse momento, ouvimos vozes carregadas pelo vento vindas do outro lado dos arbustos. Ren se aproximou da vegetação, e espiamos nosso acampamento através dos galhos espessos. O fogo ao lado do qual estávamos havia poucos momentos crepitava outra vez. E diante das chamas que dançavam encontravam-se o Sr. Kadam e Lokesh.

Eu me levantei, mas, antes que pudesse dar um passo, Ren e Kishan me puxaram para o chão.

– O que vocês estão fazendo? Precisamos ajudá-lo! Estamos com todas as armas!

– Fizemos a ele o juramento do guerreiro – sussurrou Ren.

– E daí?

– Não vamos quebrá-lo. Trata-se de um código entre guerreiros, e Kadam nunca o pediu a nós. Ele só é usado quando um plano precisa ser seguido sem desvio. Se uma só pessoa não cumprir o seu dever, todo o esforço se perde – explicou Kishan.

– Bem, ele não pensou nisso direito! O Sr. Kadam não está em seu juízo perfeito! – argumentei inutilmente.

Através dos arbustos, podíamos ver Lokesh com clareza. Abafei um arquejo. Metade de seu rosto parecia gravemente queimado e a pálpebra danificada estava caída. Parte do cabelo fora destruída pelo fogo. Existiam cicatrizes reluzentes em torno do pescoço, onde o havíamos estrangulado, e ele mancava levemente.

– Para onde os levou, meu amigo? Parece que você ainda tem alguns truques na manga – disse Lokesh numa voz áspera, quase desesperada.

– Para um lugar onde estarão seguros – respondeu o Sr. Kadam. Então ergueu sua espada samurai, soprou em sua superfície e deslizou o dedo ao longo da lâmina. – Sei que quer o amuleto. Ao contrário dos meus filhos, não tenho nenhuma outra arma para lutar contra você a não ser minha velha espada. Seja como for, vou lutar com a minha vida para protegê-los.

– Chegaremos lá no devido tempo. – Lokesh cobiçou o amuleto do Sr. Kadam com seu olho bom e perguntou: – Gostaria de me falar sobre o poder de seu amuleto, de modo que possa ganhar mais

alguns minutos de vida?

O Sr. Kadam deu de ombros.

– Ele proporciona um poder curativo. Pelo que ouvi, você já deveria estar morto. – Ele apontou para o rosto de Lokesh. – Parece que o seu poder não o cura tão bem quanto o meu.

Lokesh cuspiu na terra com raiva.

– Vamos fazer esse teste em breve. Como os tirou daqui?

– Gostaria de ter a oportunidade de conquistar meu pedaço do amuleto de forma justa? – contrapôs o Sr. Kadam. – Nada de amuletos, feitiçaria ou magia negra. Somente dois guerreiros lutando corpo a corpo, aço no aço, como se ainda fizessemos parte do mundo antigo.

Lokesh examinou seu oponente por um momento, e então, suavemente, com apenas um discreto toque de zombaria, disse:

– Você quer morrer como um guerreiro. Fui guerreiro por tempo suficiente para compreender seu pedido e simpatizar com ele. Eu lhe pergunto, porém: e quanto à sua capacidade de cura? Certamente, essa luta não seria justa.

– A cura não é instantânea. Desfira-me um golpe incapacitante e poderá facilmente remover meu pedaço do amuleto. Isto é, a menos que tenha medo de lutar com um velho.

– O medo não me motiva – declarou Lokesh, e espreitou a escuridão, focando exatamente onde estávamos sentados, como se considerasse suas opções.

Arquejei, e Ren me conteve sem emitir qualquer ruído.

– Envergonha-me dizer isto, velho amigo, mas creio que não sinto tanto entusiasmo quanto deveria em continuar esta conversa. Minha mente foi enfeitiçada, e não haverá descanso para mim... não até que a jovem Srta. Hayes e eu sejamos reconciliados. Creio que é melhor primeiro eu procurar minha noiva relutante e lhe ensinar uma lição. Ela está perto, meu camarada. Posso senti-la. Mas tenha certeza de que voltarei para lidar com você mais tarde.

Ele deu um passo na direção da selva, então parou quando o Sr. Kadam pôs em prática alguns movimentos com a espada enquanto o advertia:

– Você não vai encontrá-la facilmente.

Lokesh girou.

– Pelo contrário. Encontrei *vocês* nesta mata. Há algum tempo tenho espiões observando os templos de Durga. Ela está perto, e eu não serei mais frustrado.

Arquejei de novo, e o som foi suficiente para fazer com que Lokesh e o Sr. Kadam parassem de falar e espiassem entre as árvores.

O Sr. Kadam brandiu a espada ameaçadoramente. Distraído, Lokesh voltou-se para observar.

– Você tem um toque de mestre, meu amigo.

O Sr. Kadam parou e ergueu a espada para que Lokesh pudesse admirá-la.

– É primorosa, não é?

– De fato. Muito bem, já que você está tão ávido por morrer para defender seus protegidos, vou satisfazê-lo. Além disso, vai ser delicioso ver a expressão no rosto de minha noiva quando eu lhe falar de sua morte.

O Sr. Kadam apontou a espada para Lokesh.

– Ela não será sua noiva. O destino dela é o meu filho. Você jamais a tocará novamente, seu demônio desprezível.

– Demônio? – Ele sorriu malignamente. – Gosto disso.

O Sr. Kadam fustigou a espada com rapidez e deixou um corte na face do adversário. Atônito, Lokesh ergueu a mão e tocou o sangue que pingava pelo rosto. Em um instante sua surpresa se transformou em fúria, e a ponta de seus dedos estalaram, desencadeando uma explosão contra o Sr. Kadam, cujo corpo turvou-se um pouco enquanto o poder o atravessava ineficazmente em ondas.

Frustrado, Lokesh convocou um terremoto, mas seu oponente permaneceu de pé. Lokesh ergueu as mãos no ar e balbuciou um estranho canto. Um estrondo balançou o chão diante dele e, um momento depois, uma espada negra ergueu-se no ar.

– Parece que afinal você terá sua morte de cavalheiro – zombou ele.

O Sr. Kadam sorriu, ergueu a espada e atacou. A espada de Lokesh era grossa e sólida, e apesar de ter a arma mais leve e mais longa, o Sr. Kadam parecia ter dificuldade em desviar os golpes de Lokesh. O clangor das lâminas soava estridentemente, atravessando o frio ar da noite. Eu podia ver a condensação da respiração dos dois homens enquanto eles se confrontavam.

O Sr. Kadam era o lutador mais elegante e rapidamente abriu ferimentos nos braços e no torso de Lokesh, que, no entanto, jogou sujo e usou seus poderes para tentar derrubar o adversário. Lokesh brandiu um golpe poderoso que abriu um corte profundo no ombro do Sr. Kadam. Com o braço ferido, ele passou a espada para a outra mão.

Gemi. Kishan me envolveu com os braços e pressionou o rosto contra o meu.

– Ele pode usar ambas as mãos igualmente bem na batalha – sussurrou ele.

Eu estava aflita para ajudá-lo com meu poder do fogo, mas, como se lesse meus pensamentos, Kishan intencionalmente enroscou os dedos nos meus. Cada minuto passava devagar sem que nenhum dos dois homens fizesse um avanço. Os pequenos ferimentos não pareciam afetar Lokesh, e ele se lançava na luta como um touro que houvesse sido furado várias vezes. Sua atenção assassina estava centrada no Sr. Kadam, que nem recuava nem parecia influenciado por ela. Em vez disso, evitava agilmente a fera e continuava a cutucá-la.

Ren e Kishan ergueram a cabeça ao mesmo tempo e farejaram o ar.

– O que foi? – sussurrei.

– Felinos – respondeu Ren.

Um momento depois, uma dupla de grandes leopardos-das-neves passaram a poucos metros de nós. Eles pararam e levantaram as orelhas. Com um silvo prosseguiram pelo meio do mato e emergiram das árvores para rastejar atrás de Lokesh. Uma matilha de lobos entrou na clareira pelo outro lado e um urso negro passou perto do fogo, ergueu-se nas patas traseiras e rugiu ferozmente para o Sr. Kadam. Os lobos tentavam morder seus calcanhares e os felinos se agacharam, esperando o momento certo de atacar.

Lokesh riu e deu as boas-vindas a seus novos amigos. O Sr. Kadam arfava e constantemente saía e entrava em foco. Um leopardo saltou em suas costas. Ele se desvencilhou, e a criatura caiu, atrapalhada, no meio da matilha de lobos. O urso atacou, mas atravessou o corpo do Sr. Kadam, como se o homem fosse um fantasma. Apesar de sua recém-descoberta habilidade, quando se

virou, notei marcas sangrentas de garras em suas costas.

– Precisamos ajudá-lo – insisti baixinho.

– Não – disse Kishan.

– Ele vai morrer.

Ren tocou o meu rosto.

– Ele quer que fiquemos escondidos. Precisamos confiar em seu plano.

Um lobo mordeu o calcanhar do Sr. Kadam. Ele o atravessou com a espada, mas passou a mancar depois disso. Lokesh andava a seu redor alegremente.

– Você se rende agora, velho?

– Não me renderei – respondeu o Sr. Kadam.

– Muito bem.

Lokesh avançou de maneira veloz, brandindo sua lâmina negra numa rápida série de golpes que fizeram o Sr. Kadam recuar de encontro ao urso. O animal arranhou a parte posterior da coxa do Sr. Kadam, e ele caiu, gritando. Sibilei entre dentes e agarrei o braço de Kishan, me solidarizando na dor ao recordar os ferimentos penosos que um urso me causara no mesmo lugar.

Com um grunhido, respirei fundo, me levantei e me preparei para correr até ele. Consegui enganar Kishan, mas não Ren. Ele me derrubou. Eu me contorci e lutei, empurrando-o com toda a minha força, porém não consegui escapar. As lágrimas jorravam dos meus olhos e eu implorava, mas os irmãos não me soltaram.

Em agonia por causa do meu fracasso e da traição dos homens que eu amava, chorei. Não conseguia mais ver o que estava acontecendo. Ouvi os rosnados dos lobos, um gemido de dor, o rugido do urso e o choque das espadas. Perturbado, Kishan enxugava minhas lágrimas e tirava o cabelo do meu rosto, mas Ren estava imóvel. A pressão de sua mão em mim era absoluta.

Ouvi o ruído de seixos batendo numa pedra, o retinir de uma espada e um uivo de dor, e então Ren estremeceu enquanto eu ouvia o inconfundível ruído de um corpo batendo no chão. Os olhos de Ren se encheram d'água. Ele abaixou a cabeça e silenciosamente deixou que as lágrimas rolassem.

O corpo de Kishan estava rígido, sua expressão, congelada. Tive um sobressalto ao ouvir a risada lasciva de Lokesh.

– Dói em mim vê-lo nesse estado, meu amigo. Mas eu sempre venço, você sabe. Que pena que não vai estar aqui para me entregar a noiva. Tenho certeza de que ela gostaria disso.

Ouvi o murmúrio de uma resposta, seguido por uma tosse molhada.

– A obstinação deve ser de família – replicou Lokesh. – Ainda assim você acredita que irá vencer. Dadas as atuais circunstâncias, sua confiança talvez seja um pouco excessiva. No entanto, tenho que lhe dar algum crédito. Você conseguiu me fazer sangrar mais do que eu havia previsto.

Agarrei a camisa de Ren e me ergui para ver o que estava acontecendo. O Sr. Kadam encontrava-se caído perto do fogo, a espada atravessando-lhe o peito e prendendo-o ao chão. Ele ofegava, tentando respirar, e levou uma das mãos à espada.

Meus pulmões pararam e eu comecei a sentir falta de ar.

Entediado, Lokesh chutou com violência a perna ferida do Sr. Kadam.

– Isto é por me distrair do meu propósito.

Ele se inclinou sobre o corpo do Sr. Kadam e torceu a espada cruelmente. Um sorriso maligno se abriu em seu rosto quando o Sr. Kadam gritou de dor.

– E isto... é por amassar o meu terno.

O Sr. Kadam arquejou e disse entre espasmos de tosse.

– Então... pegue... o que você... veio buscar.

Suas palavras foram sumindo, e ele ergueu a mão ensanguentada até o cordão. Com um violento puxão, arrancou o amuleto do pescoço e o estendeu para Lokesh, cujos olhos se fixaram na peça com fascínio.

– Ele será a sua desgraça – proclamou.

No momento em que a mão de Lokesh se fechou em torno da pedra, ele e o amuleto desapareceram em um flash e as feras escapuliram para o mato. O Sr. Kadam desabou de volta ao chão. Juntos, nós três corremos para a clareira e caímos de joelhos ao lado de nosso amado mentor e pai.

– Kadam! Kadam! – gritaram Ren e Kishan em desespero.

O sangue escorria da boca do Sr. Kadam. Arranquei uma de minhas muitas blusas e a enrolei em torno da espada para tentar estancar o sangue que jorrava do ferimento.

– Kishan, cadê o *kamandal*? – gritei.

Kishan levou a mão à concha que costumava pender de seu pescoço – só para descobrir que não estava ali.

– Não entendo. Nunca a tiro do pescoço!

Enquanto ele destruía a barraca, rasgando a roupa de cama numa procura frenética pelo presente da sereia, desejei um copo d’água, levantei com cuidado a cabeça do Sr. Kadam e o levei aos seus lábios.

Pedi ao Colar que tornasse a encher o copo, mas Ren envolveu meu pulso com sua mão e me deteve.

– A espada perfurou o pulmão, Kelsey, e ele perdeu sangue demais. Sem o *kamandal*... não podemos salvá-lo.

Kishan voltou e caiu de joelhos ao meu lado.

– Sumiu. Não consigo encontrá-lo – murmurou ele, desesperado.

Ouvi uma tosse e um sussurro.

– Srta. Kelsey.

– Por favor, não me deixe – implorei. – Eu posso ajudá-lo. Só me diga o que fazer.

O Sr. Kadam ergueu a mão trêmula e acariciou meu rosto.

– Não há nada... que você possa fazer. Não chore. Eu estava... preparado para isso. Peguei o *kamandal*. Sabia que isso aconteceria. Era... nece... necessário.

– O quê? Como pode ser necessário que o senhor morra? Poderíamos tê-lo ajudado, lutado com o senhor! Por que nos deteve?

– Se vocês estivessem aqui, a luta teria... sido diferente. Essa era... a única maneira de... derrotá-lo.

Fechei os olhos e lágrimas pesadas escoaram pelas pálpebras apertadas. Deixei escapar um arquejo

e o Sr. Kadam tornou a sussurrar dolorosamente:

– Preciso lhe dizer... eu... eu amo você. Amo muito.

– Eu amo o senhor também – falei, chorando.

– Tenho muito orgulho da senhorita. De todos vocês. – Ele ofegou e olhou para Ren. – Vocês precisam prosseguir. Ter... terminem o que começamos. – Debilmente, ele agarrou o braço de Ren.

– Ren, você precisa... encontrá-lo – disse o Sr. Kadam. – Encontre-o no... passado.

Ren assentiu e soluçou abertamente. Lágrimas escorriam pelo rosto de Kishan.

O Sr. Kadam fechou os olhos. Sua mão despencou para o chão, e ele sorriu para mim fracamente. Fiquei ouvindo o barulho molhado em seus pulmões enquanto ele inspirava e expirava, uma vez, duas vezes, e então não mais. O homem que era nosso amigo, conselheiro, mentor e pai se foi. Sua vida havia sido perdida por uma causa que não compreendíamos.



Um adeus

Uma dor lancinante cresceu em meu interior e transbordou, deixando-me vazia, oca, uma versão arruinada de mim mesma. Todas as minhas perguntas sobre nossa missão e as estranhas palavras do Sr. Kadam se dissolveram e escorreram para os recessos sombrios da minha consciência.

Peguei a mão inerte do Sr. Kadam e fiquei acariciando-a repetidas vezes, tentando convencer seus dedos a agarrarem os meus. Porém eles não se moveram. Delicadamente, Kishan me abraçou e tentou me oferecer consolo, mas eu me mantive ali sentada, rígida, olhando o corpo do Sr. Kadam.

Ren arrancou a espada do peito do Sr. Kadam e arremessou com violência a repugnante arma na selva. Então caiu de joelhos e enterrou o rosto nas mãos. Nós três ficamos assim até ouvirmos um ruído repetitivo vindo do céu.

Confusa, perguntei-me por um breve momento se não era uma ave estinfaliana, mas súbitas rajadas de vento sacudiram as árvores e a luz de um holofote alcançou o chão. Olhei para cima e vi o contorno escuro de um helicóptero pousando. Passos correram em nossa direção, e Nilima se jogou no chão ao meu lado, gritando de dor e tristeza. Embalando a cabeça do avô em seu colo, ela se balançava para a frente e para trás. Depois de algum tempo, a noite voltou a ficar silenciosa.

Kishan e Nilima conversaram baixinho em híndi. Os dois percorreram o acampamento, reunindo nossos pertences e guardando-os no helicóptero. Kishan pegou o Lenço em nossa mochila. Ternamente, posicionou os braços do Sr. Kadam sobre o peito, tocou-lhe a testa e murmurou palavras ao material tremeluzente.

Lentamente, o Lenço se retorceu e lançou fios escuros que envolveram o corpo do Sr. Kadam. Em meio a uma névoa mental, eu o vi criar uma mortalha. Quando estava pronta, Kishan sacudiu Ren para chamar sua atenção. Ele falou em híndi, e, juntos, ergueram o corpo do velho mentor.

Ouvi o motor do helicóptero voltar a funcionar. Sabia que precisava me mexer, mas não parecia capaz. Quando Ren se ajoelhou diante de mim, as lágrimas brilhando em seus olhos, senti que as minhas voltavam a afluir. Joguei meus braços em seu pescoço e ele me puxou para o seu abraço, chorando comigo por um instante antes de me carregar para o helicóptero. Ainda bastante emotiva, Nilima ajustou os instrumentos, enxugou os olhos e decolou.

Enquanto subíamos na direção do céu noturno, eu fitava com desânimo a forma embalada a nossos pés. Ren me abraçava e esfregava minhas costas, porém seu toque não conseguia me impedir de tremer. Em algum momento daquela longa jornada para casa, ele assumiu a forma de tigre e descansou a cabeça em meu colo. De vez em quando grunhia baixinho, com pesar. Enterrei o rosto

em seu pelo e agarrei seu pescoço. Ritmicamente, afaguei-o sem parar, e encontrei consolo para minha tristeza ao confortar meu tigre. Por fim, adormeci.

Quando pousamos no campo de treinamento perto da casa, eram duas da madrugada. Ren e Kishan carregaram o corpo amortalhado do Sr. Kadam para o *dojo* enquanto Nilima e eu subíamos a escada. Desabei na cadeira mais próxima, como uma boneca quebrada, e, quando ela me trouxe água gelada com limão, recomecei a chorar.

Os rapazes voltaram no momento exato em que a campainha soou. O velho piloto do Sr. Kadam, Murphy, que nos trouxera do acampamento dos baigas, estava parado na soleira da porta.

– Desculpe-me por aparecer agora, mas Kadam me pediu que chegasse a essa hora exata – explicou Murphy. – Há algumas semanas ele me deu instruções detalhadas para vir aqui e entregar uma carta. Disse que depois eu deveria levá-los de avião a outro lugar. Está tudo bem?

– Por favor, o senhor não quer entrar? – perguntou Nilima, entorpecida. – Receio que o Sr. Kadam esteja... esteja morto.

O rosto de Murphy se contraiu, e, com a mão trêmula, ele entregou a Ren um envelope trazendo a familiar letra do Sr. Kadam.

Todos nos sentamos na sala, enquanto Ren corria os olhos pela carta e lia:

– “Gostaria de ser colocado em um caixão simples de madeira e enterrado perto dos pais de Ren e Kishan. Um terno passado encontra-se pendurado no armário da entrada.” – Ren fez uma pausa. – Ele fala de forma tão pragmática da própria morte.

Nilima deu tapinhas na mão de Murphy, que lhe segurou os dedos e disse:

– Sinto muito, senhorita. Se houver alguma coisa que eu possa fazer, por favor, me diga. Ele era um homem extraordinário.

– Sim, era.

A voz dela falhou, e então ficamos sentados em silêncio.

O tempo desacelerou. Minha mente estava enevoada, e eu me deixei ficar ali entorpecida, pesada e tomada pela dor, mal ouvindo o restante da carta do Sr. Kadam. Ergui os olhos quando Kishan se ajoelhou ao lado da minha cadeira e fez um carinho no meu rosto.

– Murphy vai nos levar de avião à selva onde nos conhecemos – disse ele suavemente. – Na carta, Kadam escreveu que seu caixão já está lá. Ele queria ser enterrado perto do jardim de Deschen, de modo que fosse lembrado no ponto de partida do círculo de nossas vidas. Não sei bem o que isso significa, mas vamos honrar seus desejos. Se não quiser, não precisa ir. Prefere ficar aqui?

Sacudi negativamente a cabeça.

– Não. Quero ir, mas preciso encontrar algo mais apropriado para usar no funeral dele.

De alguma forma consegui subir a escada e lavar o rosto e as mãos. Fui até o closet e descartei várias peças de roupa. Com raiva, saí revirando tudo, arrancando roupas de cabides e lançando-as violentamente do outro lado do quarto. Rasguei a embalagem plástica de roupas novas, então enrolei as saias em bolas e arremessei-as contra a parede.

Quando isso já não me satisfazia, passei aos sapatos. Pegava os mais pesados e os lançava. Cada um deles batia na parede com uma pancada gratificante. Quando acabou minha munição, usei os

punhos. Soquei a parede repetidamente até rasgar a pele dos nós dos dedos. Lágrimas desciam pelo meu rosto, e eu desabei de dor sobre o monte de sapatos.

Uma sombra cobriu o meu corpo.

– O que eu posso fazer? – perguntou Ren.

Então sentou-se no chão do closet e me puxou para seu colo.

Funguei.

– Não tenho nada para vestir.

– Estou vendo. Alguém destruiu seu closet enquanto estávamos fora.

Ri entre as lágrimas, e então soluzei.

– Eu... eu já lhe falei sobre o enterro dos meus pais? Eu quis fazer o elogio fúnebre. Ia falar sobre minha mãe e meu pai, mas, quando chegou a hora, não consegui dizer uma única palavra.

Ele enxugou minhas lágrimas com a ponta dos dedos.

– É pedir muito de uma adolescente traumatizada.

– Eu *queria* fazer aquilo. Queria que todos no enterro soubessem que tive ótimos pais. Queria que soubessem quanto eu precisava deles. Como eram importantes para mim. Queria que eles soubessem que eu os amava.

Ele afastou o cabelo de meu rosto molhado e o prendeu atrás da minha orelha.

– Quando chegou a hora, desabei. Fiquei lá olhando aqueles dois caixões e não consegui dizer nada. Eles mereciam mais do que aquilo. Mereciam ser lembrados, amados e homenageados, e eu os decepcionei.

– Tenho certeza de que eles não teriam pensado assim.

– Aquela era a última coisa que eu podia fazer para honrá-los, e eu estraguei tudo. Não quero fazer o mesmo com o Sr. Kadam.

– Kells – ele suspirou –, você honra seus pais a cada dia da sua vida. Não precisa fazer um discurso para mostrar quanto os amou. Eles não iam querer que você carregasse esse fardo por todo esse tempo. Eles a amavam. Kadam também a amava. Não tem que fazer um belo discurso ou usar o vestido perfeito. Você os honra vivendo, sendo a mulher maravilhosa que é.

– Você sempre sabe a coisa certa a dizer, não é? Obrigada – sussurrei enquanto agarrava meus sapatos.

Ren roçou os dedos pelo meu maxilar e saiu.

Tomei um banho rápido e esfreguei o rosto inchado e manchado pelas lágrimas. Depois me vesti, enrolei o cabelo em um coque na nuca e desci a escada. Ren e Kishan também haviam tomado banho e trocado de roupa. Os dois usavam camisa social e gravata, e, embora fôssemos para a selva, suas roupas mais formais pareciam apropriadas.

Kishan guiou o carro que nos levou ao aeroporto particular a alguns quilômetros da casa.

Quando embarcávamos no velho avião turbo-hélice, Murphy inclinou-se sobre os controles e disse:

– Kadam amava este velho avião. É um Lockheed Electra 10E usado na Segunda Guerra Mundial. Uma vez ele me disse que Amelia Earhart fez sua famosa última viagem em um destes.

O fato curioso me fez sorrir e me lembrar de quanto o Sr. Kadam gostava de partilhar cada

pequeno detalhe de seus brinquedos mecânicos. Mas meu sorriso desapareceu quando olhei para Nilima, à nossa frente. A morte do Sr. Kadam claramente a havia afetado de maneira terrível. Seu cabelo pendia emaranhado em torno do rosto manchado de lágrimas e alguma coisa em que ela se encostara deixara marcas de graxa em sua linda blusa branca. Ela descansou a cabeça, recostando-se, e fechou os olhos.

Murphy nos elevou ao ar suavemente, e, com o zumbido dos motores e a montanha-russa emocional das últimas 24 horas, não demorou muito para que eu resvasasse rumo a um sonho escuro e confuso.

No sonho, um jovem Lokesh encontrava-se sobre um monge, torturando-o para arrancar informações dele.

– Me fale do amuleto, velho – ameaçava Lokesh, desesperado.

O monge gritava.

– Por favor! Eu lhe imploro misericórdia!

– Misericórdia será dada quando me contar o que desejo ouvir.

O homem enfraquecido assentiu e disse:

– Alguns séculos antes do nascimento do meu mestre, houve uma grande guerra. Todos os reinos poderosos da Ásia se uniram para lutar contra um demônio. Uma deusa surgiu com suas duas faces: uma era escura e linda, e a outra era clara e mais gloriosa que o sol. Ela guiou os exércitos da Ásia contra os exércitos do demônio. Os da Ásia saíram vitoriosos, e, por isso, a deusa abençoou cada reino com um presente.

– O que isso tem a ver com o amuleto? – gritou um impaciente Lokesh, e torceu o pulso do homem cruelmente.

– Deixe-me... deixe-me explicar – arquejou o homem. – A deusa tirou o amuleto de seu pescoço e o quebrou em cinco pedaços. Ela deu um para cada rei e os advertiu a manter secreta sua origem e usar seu poder para ajudar e proteger o povo. Foram instruídos a passá-lo dentro da própria família para o filho mais velho.

– E que reinos lutaram nessa batalha?

– Os cinco que se reuniram foram os povos do...

O sonho terminou de repente quando Ren me sacudiu para que eu acordasse.

– Estamos pousando – murmurou ele.

Olhei pela janela e só vi a selva densa lá embaixo.

– Pousando onde? – perguntei.

O avião descreveu uma curva e Ren apontou por uma das janelas.

– Ali.

O sol da manhã cintilou em meus olhos, cegando-me por um instante, mas nesse momento o avião se inclinou para a direita e vi o brilho do rio e uma pista de terra abaixo de nós. Sabia que o rio acabaria por nos levar a nosso antigo acampamento perto da cachoeira de Ren, mas eu não me lembrava de ter visto a pista antes.

– De onde veio isso? – perguntei.

– Não tenho ideia – respondeu Kishan. – Conheço esta selva como a palma da minha mão e nunca houve nenhuma clareira ali, muito menos um espaço longo o bastante para pousar um avião.

– Segurem-se, todos – avisou Murphy. – Vamos enfrentar alguns solavancos.

Ele circulou a selva mais uma vez e começou a descida. A barriga do avião roçou na copa de algumas árvores quando mergulhamos. No momento em que as rodas tocaram o chão, a velha aeronave roncou e balançou como se fosse se desmantelar. Murphy, porém, pousou com segurança, e desembarcamos.

O Sr. Kadam deixara instruções para que Ren e Kishan cavassem seu túmulo no jardim. Eles carregaram solenemente o corpo envolto na mortalha morro abaixo, enquanto Murphy, Nilima e eu encontrávamos um lugar à sombra para esperar.

– Essa é a coisa mais doida de que já ouvi falar – comentou Murphy. – Por que diabos ele iria querer ser enterrado no meio do nada? Simplesmente não entendo.

Dei tapinhas tranquilizadores no braço de Murphy, mas nada disse, enquanto tentava convencer Nilima a beber um pouco de suco. Estava fazendo calor. Mesmo em dezembro a selva era mais quente que a maioria dos dias de verão no Oregon. Havíamos ido do inverno no Himalaia a uma zona tropical em menos de 24 horas.

Murphy continuou a falar. Ele parecia quase capaz de levar a conversa inteira sozinho, o que era bom, pois Nilima estava praticamente muda.

– Vocês sabiam que conheci Kadam na China, na Segunda Guerra Mundial? Eu era da marinha nessa época, e fazia parte dos Tigres Voadores. Tínhamos ido para lá antes de os Estados Unidos entrarem na guerra, como parte do Grupo Voluntário Americano. Durante o conflito, Kadam nos ajudou em algumas situações difíceis. Às vezes servia de intérprete para nosso comandante, o velho Chennault. Kadam era proprietário da empresa que abastecia nossa aeronave, a Curtiss P-40s, e tinha nos visitado várias vezes para fazer perguntas aos pilotos a fim de melhorar o desenho dela. O intérprete a que costumávamos recorrer estava ausente um dia e Kadam o substituiu. Depois disso, ele fazia questão de parar no quartel todas as vezes que estava de passagem.

Ninguém tinha forças para interrompê-lo.

– Ele sempre brincava comigo, me chamando de diabinho, principalmente por eu estar no esquadrão dos Hell's Angels, os Anjos do Inferno, mas também porque eu era um garoto de 18 anos muito inexperiente e obcecado por voar. Tínhamos isso em comum. Nunca vi um homem mais apaixonado pela aviação.

– Você o conhece há muito tempo – sussurrei.

– Sim. Fizemos amizade rapidamente. Depois da guerra, voltei para os Estados Unidos. Imagine meu choque quando ele me encontrou algumas décadas mais tarde. Estava exatamente como eu me lembrava dele. Disse que recrutava pilotos para uma nova companhia aérea, a Linhas Aéreas Tigre Voador. Não hesitei. Durante todo aquele tempo, o homem não envelheceu um só dia. Muitas vezes perguntei a ele qual era o seu segredo, mas ele nunca me contou.

Ergui os olhos para Murphy, surpresa e incerta sobre aonde aquela conversa nos levaria, mas o gentil piloto simplesmente riu e continuou tagarelando.

– Ah, há muitotempo aprendi a não fazer muitas perguntas a Kadam. Ele era um homem cheio

de segredos, porém o mais decente que já conheci. Pensei que meu velho esqueleto fosse descansar muito antes do dele.

Quanto mais Murphy falava, mais eu recordava minhas próprias experiências com o Sr. Kadam. A incessante tagarelice de Murphy pareceu até animar Nilima um pouquinho, e, antes de que nos déssemos conta, Ren e Kishan voltaram para nos buscar.

Kishan pegou minha mão e me ajudou a ficar de pé.

– A terra estava macia e praticamente se cavou – sussurrou ele. – Foi muito estranho.

Ren e Kishan carregaram o caixão do Sr. Kadam, e seguimos em uma lenta procissão até o local do túmulo. A primeira coisa que distingui foi a velha cabana. Dava para ver que devia ter sido bonita muito tempo atrás. Ligava-se a outra construção por uma passarela gasta que se erguia do solo da selva sobre grossos troncos de árvores. Embora houvesse buracos nos telhados, onde pássaros faziam ninho, pude notar que o trabalho com as telhas no passado fora primoroso.

O pequeno jardim era cercado por mangueiras. Acima de nós, macacos tagarelavam ruidosamente. Embora dormentes no inverno, vi meloeiros encolhidos e até encontrei um aglomerado de abóboras passadas, apodrecendo.

O caminho descrevia uma curva, e engoli em seco quando paramos ao lado de uma cova vazia. Ren e Kishan haviam removido a mortalha e colocado o corpo do Sr. Kadam em um caixão simples de madeira. Ele parecia distinto e em paz em seu terno, e, com um sobressalto, percebi que era o mesmo terno que usava na primeira vez em que nos vimos, no circo. Sem poder mais olhar para ele, dei um passo para o lado e rocei os dedos por grandes lápides. Trepadeiras se esgueiravam pelas pedras tumulares. No solo havia um tapete espesso de samambaias, e a copa das árvores altas protegia do sol o local do velho túmulo. Era um lugar tranquilo, pacífico. Na sombra, o ar era fresco e uma brisa fazia tremerem as folhas acima de nossas cabeças.

– Este é o túmulo do meu pai. Kadam deve ter colocado essas lápides recentemente. As antigas já se transformaram em pó há séculos – disse Kishan, abaixando-se para traçar com os dedos a escrita sânscrita.

– O que diz? – sussurrei, admirando a flor de lótus esculpida.

– Diz: “Rajaram, amado marido e pai, rei esquecido do Império de Mujulaain. Governou com sabedoria, zelo, bravura e compaixão.”

– Como o seu selo.

– Sim. A lápide, na verdade, é uma réplica, se você olhar mais de perto.

Ajoelhando-se no túmulo da mãe, Ren leu:

– “Deschen, esposa e mãe muito amada.”

Os dois prestaram uma homenagem silenciosa à mãe enquanto eu pensava em meus próprios pais. Olhando para a cabana na colina, perguntei-me se os espíritos de Deschen e Rajaram haviam tomado conta de sua velha casa e de seus filhos todos esses anos. Saber que o Sr. Kadam seria sepultado naquele lindo cenário era de certa forma reconfortante. O lugar dele era ali.

– É lindo aqui – observei baixinho.

– É, sim – concordou Kishan. – Mas encontramos algo estranho quando cavávamos.

– Ossos de *tigre* – acrescentou Ren.

Ossos de tigre? Vou ter que me lembrar de perguntar ao Sr. Ka... ah. Por um breve instante, eu havia me esquecido. Meus olhos se encheram de lágrimas. Respirei fundo, sabendo que era a hora.

Ren tocou o meu rosto.

– Está pronta?

– Estou – respondi quase sem voz.

Ren assumiu o comando e perguntou a Murphy se ele gostaria de dizer alguma coisa. Murphy fez que não com a cabeça e limpou o nariz com um lenço, assoando-o ruidosamente.

– Ele... ele já sabia o que eu sentia por ele – disse o piloto.

Nilima também recusou a oferta, erguendo os olhos angustiados para nós e sacudindo a cabeça em silêncio.

Foi Kishan quem deu um passo à frente e disse:

– Sua morte foi a de um guerreiro. Você entregou sua vida a seu rei, seu país e sua família. Hoje nós lhe prestamos uma homenagem, nesse momento em que assume seu lugar entre nossos antepassados. Fomos muitíssimo afortunados, tendo recebido seus ensinamentos em todas as áreas. Você foi nosso conselheiro, nosso exemplo, nosso soldado de maior confiança e nosso pai. Honro seus feitos. Honro sua lealdade. Honro sua generosidade de espírito. Lutar ao seu lado e viver em sua presença foi um privilégio. Que sua alma alcance o descanso da fadiga terrena e encontre a paz. Não ficamos aqui desolados sem você, pois permanecerá sempre em nossas mentes e nossos corações.

Kishan recuou um passo e Ren apertou minha mão. Era minha vez. Enxuguei as lágrimas do rosto e comecei com um poema:

À CASA TROUXERAM MORTO SEU GUERREIRO

Alfred, Lorde Tennyson

À casa trouxeram morto seu guerreiro:

Ela não desmaiou, nem emitiu ruído:

Suas damas todas disseram bem ligeiro:

Ela deve chorar ou seu fim será doído.

Então o enalteceram, como num breviário,

Chamaram-no digno de ser amado,

Amigo de confiança, nobre adversário;

Ainda assim, ela ficou imóvel e calada.

Levantou-se uma dama do lugar,

E para o guerreiro se encaminhou,

Removeu-lhe o véu do rosto devagar;

Ainda assim, ela não se moveu nem chorou.

*Ergueu-se uma aia de noventa anos,
Pôs-lhe no joelho o filho dele em segurança
E as lágrimas lhe vieram em oceano
Por ti eu vivo, minha doce criança.*

Nilima chorava baixinho ao lado de Kishan enquanto eu prosseguia:

– É muito difícil para mim expressar meus sentimentos, assim como para a garota do poema. Sr. Kadam, o senhor foi meu segundo pai e eu me sentia tão ligada ao senhor quanto ao meu pai de verdade. – Engasguei, e minha voz falhou. Então sussurrei: – Não sei como vou seguir adiante sem o senhor. Já sinto tanto a sua falta. Farei o melhor para ajudar seus príncipes, e sempre procurarei honrá-lo. Eu o amo.

Kishan passou o braço pelos meus ombros, e eu me entreguei a seu abraço, envolvendo-lhe a cintura. Ren deu um passo à frente e foi o último a falar.

– Kishan fez o elogio fúnebre de um guerreiro, e a ele acrescento o meu. Eu também lhe presto minhas homenagens, meu amigo e pai. Você foi firme na aflição e inabalável no apoio. Merece um memorial de herói. Humildemente, nós lhe oferecemos nossa admiração, nosso respeito e nosso amor.

Então Ren leu um poema que trouxera.

A CASA ABANDONADA
Alfred, Lorde Tennyson

*Vida e Pensamento foram embora
Lado a lado,
Deixando janelas e portões escancarados.
Ó inquilinos descuidados nessa hora!*

*Lá dentro tudo é negro como a noite:
Nas janelas não resta luz;
E nenhum murmúrio a porta atíça,
Antes tão frequente a dobradiça.*

*Fechem a porta; fechem as persianas;
Ou pelas janelas veremos em luto
A nudez e o vazio absolutos
Da escura casa abandonada e profana.*

*Saiam: nada mais de regozijo
Há aqui ou sons de alegria.
A casa, antes um seguro esconderijo,*

Irá ruir e voltar ao solo em agonia.

Saiam: pois Vida e Pensamento

Não habitam mais aqui;

Numa cidade gloriosa, porém –

Uma cidade grande e distante –, compraram

Uma mansão indestrutível.

Quem dera ele estivesse conosco também!

– Estamos enfraquecidos com sua morte, meu amigo, e só podemos rezar para que possamos continuar vivendo de uma maneira que o deixaria orgulhoso. Torço para que tenha encontrado sua mansão incorruptível, pois, se há alguém que merece tal lugar, é você.

Tremendo, vi quando Ren e Kishan se aproximaram do caixão para baixar a tampa. Num súbito impulso, pedi ao Lenço que me fizesse uma rosa de seda branca. Os fios se trançaram em minha mão e, ao terminarem, eu a coloquei cuidadosamente no interior do caixão. Então a tampa foi fechada, encerrando para sempre o rosto amado do Sr. Kadam.



Vozes dos que partiram

Deixei o local do túmulo me sentindo triste e pesada. Protegi os olhos para poder observar o telhado da velha cabana. Palmeiras, samambaias e árvores de troncos grossos e nodosos aglomeravam-se de tal maneira que dava para imaginar que no passado haviam sido meticulosamente dispostos com fins paisagísticos. Uma velha escada de madeira com rústicos corrimãos de galhos levava à casa da selva, e um deque construído com varas de bambu cercava a estrutura.

Enquanto Nilima e Murphy voltavam para o avião, limpei o pó do primeiro degrau e me sentei para esperar Ren e Kishan, tranquilizando meu coração ao jurar voltar a esse lugar depois de termos quebrado a maldição. Fiquei perdida em meus pensamentos até que ouvi o ruído de passos quando Ren e Kishan dobraram a esquina.

Tentando desviar nossa mente momentaneamente da perda, pedi ao Colar copos altos de água fresca, que bebemos em silêncio. Então eu lhes falei sobre o estranho sonho que tive no avião.

– O que vocês acham que ele significa? – perguntei.

– Não sei – disse Ren. – Talvez sua conexão com Lokesh tenha ficado mais forte desde que ele se apoderou do quarto pedaço do amuleto.

– Ou talvez o Sr. Kadam esteja enviando esses sonhos para ela – sugeriu Kishan. – Como na ocasião em que ela sonhou com ele depois de a resgatarmos.

– Prefiro pensar na última opção – comentei.

Ren se agachou diante de mim e tocou meu rosto.

– Eu também.

– Vamos descobrir o que significa, Kells – disse Kishan. Virando a cabeça na direção da casa acima de nossas cabeças, onde ele e a família haviam se refugiado após a maldição, ele indagou: – Gostaria de conhecer a casa? – Então tomou minha mão e me conduziu, subindo os velhos degraus. – Construímos esta escada para durar. Mas está precisando de manutenção.

Corri a mão ao longo do corrimão de madeira.

– Está em ótimas condições pela idade que tem.

A casa era feita de pranchas de madeira lisa. O desenho da estrutura era simples. Um tapete de bambu trançado cobria o chão e ao lado dele havia uma mesa e cadeiras esculpidas. No outro canto, via-se um conjunto de prateleiras com uma grande bacia. Tigelas feitas de cabaças escavadas encontravam-se ordenadamente empilhadas numa das prateleiras, e eu ainda podia ver os

resquícios de uma toalha sobre a bancada de madeira.

Soprando as teias e a poeira de um objeto indefinido, descobri uma escova de cabelo com cabo de marfim esculpido.

– Gostaria de ficar com isto, se não se importar.

Kishan sorriu com gentileza e disse:

– Não me importo, *bilauta*.

– Você e Ren dormiam aqui?

Ele negou com a cabeça.

– Como éramos tigres o tempo todo naquela época, dormíamos na selva ou perto da escada, mantendo vigília à noite. Às vezes dormíamos na casa de Kadam, do outro lado. Quando caía uma tempestade forte, mamãe insistia para que dormíssemos dentro de casa com eles, mas na maior parte do tempo tentávamos dar um pouco de privacidade a nossos pais.

Ele pegou minha mão e seguiu para a porta.

– Acha que eles foram felizes aqui? – perguntei. – Afinal, deixar o palácio e suas riquezas e vir morar assim na selva...

Kishan parou ao lado da mesa e virou-se.

– Sim. Eles foram felizes aqui. – Ele ergueu a mão e deslizou os dedos delicadamente pelo contorno do meu rosto. – Quando você tem uma vida cheia de amor, não precisa de mais nada.

Perambulei pela sala devagar, pensando nos pais de Kishan, no Sr. Kadam e em tudo que ele tinha visto e vivido em sua longa vida. Eu mal conhecia uma fração. Havia tantas coisas sobre ele que eu queria saber. Uma lágrima escorreu pelo meu rosto. *Agora nunca vou saber.*

Kishan esperou pacientemente enquanto eu tocava cada item empoeirado.

– Você o ama, Kells?

– Sim – repliquei, sabendo exatamente a quem ele se referia.

– Você me ama?

– Sim.

– Tem certeza de que quer me escolher?

– Tenho.

Kishan sorriu.

– Ótimo. Prometo que vou dar o melhor de mim para fazer você feliz – disse ele, e me abraçou.

Suspirei e recostei minha cabeça em seu ombro.

– Kishan... para que a gente dê certo, precisaremos deixar Ren. Não posso ficar com você da maneira que devo e ao mesmo tempo tê-lo por perto. É doloroso demais para todos nós.

Ele beijou minha testa.

– Então iremos embora. Depois que encontrarmos o quarto objeto, vamos embora.

– Você deixaria a Índia por mim?

– Num piscar de olhos.

Lentamente, deixei escapar um suspiro cansado. Quando deixávamos a casa, pus a mão no braço de Kishan.

– Gostaria de voltar aqui um dia. Quero plantar flores no túmulo do Sr. Kadam e limpar a mata

em volta.

Kishan sorriu e beijou minha testa.

– Voltaremos quantas vezes você quiser.

Enquanto descíamos a escada, perguntei:

– Se você tivesse o material, acha que poderia consertar a casa?

– Por que quer fazer isso?

Ele saltou os últimos degraus quebrados e aterrisou suavemente.

– Seria bom ficar aqui às vezes – expliquei, pulando em segurança para o chão. – Este lugar é importante para você, para sua família. É o seu lar. – Brinquei com a coleira de couro que ele usava no pulso, a que eu lhe dera em Mahabalipuram. – Quero que você sinta que sua herança é lembrada e homenageada.

Ele me tomou nos braços.

– Você é o meu lar, Kelsey. Meu lugar é onde você estiver.

Encontramos Ren no pé da escada da frente, desbastando um graveto com uma faca antiga. Ele ergueu os olhos para nossas mãos entrelaçadas e franziu a testa.

– Encontrei a velha faca de caça de papai enterrada no chão.

– Ren, se você não achar ruim, gostaríamos de voltar aqui um dia e dar uma ajeitada nas coisas – falei, hesitante. – Tecnicamente, você é o proprietário, já que é o herdeiro.

Ele grunhiu e se pôs de pé abruptamente.

– Ser o herdeiro não quer dizer nada. – Seus olhos cravaram-se nos de Kishan. – Então vocês dois querem construir um ninho aconchegante. Os pombinhos precisam de um lugar para chamar de lar, não é?

Dei um passo em direção a ele.

– Ren, não.

– Não o quê, Kelsey? Não reaja? Não sinta? Não fale? Que coisa você *não* quer que eu faça?

– Ren, eu não quero brigar. Hoje, não. *Por favor.*

Ele ergueu os olhos marejados para o meu rosto e me estudou por um momento. Então, cansado, virou a cabeça.

– Façam o que quiserem com o lugar. Não importa. Nada mais me importa.

E se afastou na direção do avião.

Com a mesma rapidez da ida, Murphy nos levou de volta à casa de Ren e de Kishan. Os irmãos e eu nos demoramos na entrada da casa, despedindo-nos do velho piloto do Sr. Kadam. Por fim, seguimos para a cozinha, onde encontramos uma chorosa Nilima.

– Ele sabia que tudo isso ia acontecer! Kadam planejou tudo! – anunciou ela.

Apoiei a mão em seu ombro trêmulo.

– Do que você está falando? – perguntei.

Ela fungou ruidosamente e voltou-se para a mesa da cozinha. Apanhando um punhado de papéis e um envelope de papel pardo, sacudiu os documentos e gritou:

– Encontrei isto. Ele deixou para a gente. Planejou tudo!

Ren tocou o braço dela. Então examinou rapidamente os documentos e franziu a testa.

– Acho que deveria ler isto em voz alta, Kells. Você se importa?

O envelope de papel pardo havia sido enviado de um escritório de advocacia, em Mumbai, pelo serviço registrado dos correios. A primeira página era uma carta. Comecei:

Meus queridos,

Quando receberem esta carta, estarei morto. Sei que têm muitas perguntas às quais não pude responder antes, e ainda agora há muitas coisas que não posso partilhar com vocês. Como devem ter percebido, o amuleto que eu usava me curava de pequenos ferimentos, evitava doenças e me manteve vivo por séculos. Ele também tem mais poder do que pensávamos anteriormente.

O amuleto possui a capacidade de controlar o tempo e o espaço. Descobri esse, que é potencialmente o mais perigoso dos poderes, por puro acaso, quando tentei proteger Nilima no navio. O amuleto nos removeu fisicamente dali e nos lançou à deriva no cosmo.

Levei algum tempo para compreender o que havia acontecido conosco e a aprender como controlar o amuleto. Também consegui apagar a lembrança de Nilima do acontecimento. Perdoe-me, minha querida, mas eu desejava que pelo menos um de nós se recuperasse da experiência e pudesse levar uma vida normal.

Durante aquele intervalo, pude ver o tempo se desdobrar diante de mim. Apreendi mais do Universo do que um homem deve saber. É um fardo terrível conhecer o futuro. Eu não queria isso para você, Nilima.

Se houvesse alguma maneira de garantir um resultado positivo sem a minha morte, eu não teria me sacrificado. Por favor, acreditem nisso. Eu teria preferido ajudá-los a finalizar a busca de Durga e teria adorado brincar com seus filhos, Srta. Kelsey. Eu não tinha nenhum desejo de deixá-los, mas foi necessário.

Caso eu sobrevivesse, um ou todos vocês teriam morrido. Eu não poderia deixar que isso acontecesse. Quando Lokesh pegou o amuleto, usei seu poder para enviá-lo ao passado, pois era para lá que ele estava destinado a ir. Mas isso não significa que ele tenha desaparecido para sempre nem que vocês estejam seguros e livres dele.

Também sei com toda certeza que sempre foi seu destino vencer Lokesh, e existe apenas uma forma de vocês realizarem isso: através do poder do tigre.

Esse poder foi destinado a dois valerosos filhos da Índia, e, embora eu não possa lhes dizer mais no momento, afirmarei que não sou capaz de pensar em nenhum homem mais digno ou mais corajoso que vocês dois. O destino escolheu bem. A vida de muitos foi confiada a seus cuidados. Ponderem bem suas ações. Ainda há muito trabalho a fazer.

Srta. Kelsey, deixo-lhe minha biblioteca. Todos os livros que possuo agora lhe pertencem. Esta biblioteca será o começo da sua própria coleção. Quer você os deixe aqui ou os leve quando se casar, eles são seus. A senhorita é uma filha para mim, e este presente não é nada se comparado ao que me deu.

Estude os livros que falam sobre a criação de Durga. Esse conhecimento irá ajuda-la na jornada. Cuide de Ren e de Kishan – ambos precisam de você – e guarde bem seu pedaço do amuleto. É o

único objeto que protege o mundo contra Lokesh, e ele não se deterá diante de nada para tirá-lo da senhorita.

Quando vocês o conheceram, Lokesh ainda era mortal, mas no passado ele abraçou o mal e permitiu que sua alma apodrecesse na escuridão. Por meio da magia negra e de sua manipulação do amuleto, ele se transformou em um demônio e, embora vá perecer em suas mãos, não será neste tempo nem neste lugar. Para derrotá-lo, vocês precisam viajar ao passado e confrontá-lo no auge de seu poder.

Incluí aqui a tradução da quarta profecia para guiá-los em seu caminho. Nilima poderá levá-los para as ilhas Andaman, onde vocês procurarão a Cidade de Luz. Não tema a chama, Srta. Kelsey, pois, se estiver preparada, ela não a machucará. O objeto que vocês procuram se chama Corda de Fogo. Ele os transportará para o tempo e o lugar ao qual enviei Lokesh. Lá vocês encontrarão um guia que irá ajudá-los em sua batalha. Para usar a Corda, simplesmente pensem no tempo e no espaço para os quais vocês precisam ir e girem-na em um círculo. Um vórtice se abrirá, e vocês poderão saltar através do tempo.

Nilima deve ficar aqui e cuidar de todas as dificuldades que surgirão na empresa em decorrência de minha morte. Se ela viajar com vocês ao passado, morrerá. Ela não deve ir!

Eu queria poder estar com vocês. Queria poder dizer-lhes tudo. Mas garanto-lhes que vi seu futuro e sei que serão vitoriosos. Vocês vencerão o monstro. Contem uns com os outros; confiem uns nos outros. À sua frente estende-se uma vida repleta de amor e felicidade, para todos vocês.

Existe uma história sobre um rei e seu filho que pode lhes trazer algum conforto. Um oráculo previu que o rapaz morreria por uma picada de cobra no quarto dia de seu casamento. O rei, perturbado com essa notícia, jurou que o filho jamais se casaria e ensinou o príncipe a descobrir defeitos em todas as princesas cuja mão lhe era oferecida.

Os anos se passaram e então um dia, quando o rei estava ausente, uma jovem entrou de forma intempestiva no castelo e acusou o príncipe de ter prendido injustamente seu pai.

O príncipe ficou chocado. Nenhuma mulher jamais falara com ele daquela maneira. Seus olhos se fixaram na mancha de sujeira no rosto dela e no olho que era um tom mais azul que o outro. Mas, enquanto ela continuava a apelar para ele, aqueles pensamentos desapareceram, e ele logo percebeu a beleza de suas curvas, a luz em seus olhos e o brilho de seu cabelo preto.

O príncipe mandou que o pai dela fosse libertado. Em vez de oferecer sua eterna gratidão, a mulher fez uma rígida reverência, o que só fez com que o príncipe a amasse mais. Ele então declarou seus sentimentos por ela, que simplesmente zombou dele com desdém. No entanto, a persistência do rapaz acabou por vencer, e ela veio a amá-lo tão intensamente quanto antes o havia insultado.

Apesar dos receios do rei, os dois se casaram, e o rei contou à noiva sobre a previsão do oráculo. Na quarta noite de seu casamento, a noiva dispôs à vista cada peça de ouro, prata e joias que o casal possuía. Tanto ela quanto o príncipe mantiveram vigília a noite toda, à espera da serpente. Ela acendeu lamparinas, contou histórias ao marido e cantou para mantê-lo acordado.

Tarde daquela noite, o deus da morte, Yama, chegou disfarçado de cobra, mas seus olhos ficaram enfeitiçados pelas luzes e pela riqueza empilhada no chão. Ele dançou ao ritmo das alegres canções e, ao raiar do dia, incapaz de cumprir a profecia, ele se foi, coleando.

Conto-lhes esta história por duas razões. Primeiro, quero que se lembrem de que, mesmo que seus pés tenham sido colocados em um caminho que não foi de sua escolha, vocês ainda têm a liberdade de decidir o próprio destino. Tudo o que quero é que sejam felizes. Esta história é um ótimo exemplo de como mudar o destino a seu favor.

Também quero que saibam que escolhi o meu destino e que não poderia ter desejado uma morte melhor nem ter mais esperanças de um resultado proveitoso. Não chorem por mim, mas pensem nas bênçãos de uma vida bem vivida.

Existe um ditado que diz: “Quando um pai dá ao filho, ambos riem. Quando um filho dá ao pai, ambos choram.” Vocês me deram muito, meus filhos. Tenho orgulho de vocês. Diversas vezes chorei ao pensar em deixá-los, mas sei que poderão prosseguir sem mim. Cuidem bem da Srta. Kelsey.

Vou deixá-los com um soneto. Talvez sua leitura traga alívio a todos.

SONETO XXX
William Shakespeare

*Quando à corte silente do pensar
Eu convoco as lembranças do passado,
Suspiro pelo que ontem fui buscar,
Chorando o tempo já desperdiçado,
Afogo o olhar em lágrima, tão rara,
Por amigos que a morte anoiteceu;
Pranteio dor que o amor já superara,
Deplorando o que desapareceu.
Posso então lastimar o erro esquecido,
E de tais penas recontar as sagas,
Chorando o já chorado e já sofrido,
Tornando a pagar contas todas pagas.
Mas, amigo, se em ti penso um momento,
Vão-se as perdas e acaba o sofrimento.*

Pensarei sempre em vocês, meus queridos amigos. Até um dia.

– Anik Kadam

Como se em um silencioso tributo, Ren e Kishan assumiram a forma de tigres. Minha mão tombou no colo e fiquei olhando fixamente, calada, pela janela da cozinha. Nilima chorava baixinho.

– Por que ele não me contou? Eu poderia ter dividido esse fardo com ele – declarou ela, emocionada.

– Ele não queria isso para você – repliquei, fazendo-lhe um carinho nas costas. – Não queria isso para nenhum de nós.

Recolhendo os papéis, li a tradução que o Sr. Kadam fizera da quarta profecia.

*Chamas dos céus a nascer,
Pôr do Sol e Amanhecer,
Aguardam vocês com ardor.
Pela cratera desçam
E quilins defendam
Enquanto rakshasas buscam sua dor.
Quando Bodha estiver perto,
Aquilo que vocês temem decerto
Ameaçará parti-los em dois.
Mas com armadura e espada,
A recompensa será encontrada
E feitiços de ilusão serão desfeitos depois.
Os Lordes do Fogo
Conspiram num jogo
Para afastá-los do que precisam.
Um chicote que incinera
Do esconderijo de Quimera
É um prêmio a que não renunciam.
Então, quando vocês tiverem vencido
E a sua tarefa cumprido,
É hora de voltar para trás.
Ao se aproximarem do destino,
Aniquilem os inimigos
E à Índia por fim tragam a paz.*

– Tem uma nota presa à profecia. – Eu li em voz alta:

Compilei esta lista do que acredito que vocês enfrentarão nesta última jornada. Primeiro, devem ir para as ilhas Adaman, onde tomarão um barco para a ilha Barren, uma minúscula ilha vulcânica que tem apenas três quilômetros de diâmetro. Vocês encontrarão instruções de como encontrar a ilha Barren no GPS que instalei na embarcação.

Assim que chegarem à ilha, subam ao topo do penhasco e então desçam à cratera. Vocês devem seguir com cuidado. Esse vulcão está ativo, e o penhasco é íngreme. Ele teve uma erupção ainda este ano. A ilha não é habitada por humanos, mas haverá outras criaturas que não são deste mundo. Vocês devem enfrentar a chama para entrar em Bodha, uma lendária Cidade de Luz que se encontra no centro da Terra.

Não se sabe muito sobre a cidade e seus habitantes, mas existe um relato, escrito por Willis George Emerson, a respeito de um marinheiro norueguês perdido que encontrou a entrada para a cidade subterrânea em uma caverna no polo norte. A história de Júlio Verne, Viagem ao centro da Terra, também faz lembrar Bodha. Nesse caso, o aventureiro, através de dutos vulcânicos na Islândia, viajou ao centro da Terra e encontrou um mundo perdido.

Algumas das outras criaturas que vocês devem encontrar nessa jornada, segundo a profecia, são qilins e rakshasas. Um qilin é uma criatura da mitologia chinesa que tem a cabeça de um dragão e os chifres de um cervo, e é coberta por escamas de peixe. Diz-se que é gentil e simboliza boa sorte. Rakshasas são canibais que mudam de forma e usam magia e ilusões para capturar suas presas. Eles são guerreiros e difíceis de matar. E possuem garras venenosas.

Tenham cuidado com a Quimera, da qual a Srta. Kelsey provavelmente já ouviu falar. Trata-se de uma leoa com cauda de cobra e uma cabeça extra que, em geral, é representada por um bode. A Quimera cospe fogo e é muito perigosa.

Vocês também cruzarão o caminho dos Senhores da Chama, gêmeos trapaceiros que são poderosos e gananciosos. Eles podem ser jogados um contra o outro, mas caso se unam contra vocês, o resultado pode ser trágico. Um deles luta com uma Gáe Bolga – uma lança endentada cuja ponta, com o impacto, se abre em 30 farpas. A única maneira de remover a arma é cortá-la. O outro irmão maneja um par de chicotes farpados.

Não sei que tipo de criaturas são Pôr do Sol e Amanhecer, então eu me planejava pensando no pior e torceria pelo melhor. Isso é tudo que posso fazer para prepará-los. Boa sorte a todos vocês.

Nilima fungou quando deixei os papéis de lado e senti o toque de um focinho de tigre em minha perna. Ren olhou significativamente para a escada. Eu sabia o que ele queria dizer. Estava na hora de pôr fim a esse longo dia.

Depois dar boa-noite a Nilima, subi os degraus seguida de perto pelos meus dois tigres. Eles se acomodaram no chão do meu quarto e me observaram, sonolentos, andar de um lado para outro. Subi na cama e tentei gravar para sempre cada detalhe do rosto do Sr. Kadam em minha memória.



O nascimento de Durga

Era um costume hindu chorar os mortos por 13 dias, mas nos decidimos por um luto de 3 dias e então seguir a tradição de manter uma lamparina acesa por mais 10.

O Sr. Kadam me sugerira pesquisar sobre a criação de Durga, e eu obedientemente mergulhei no estudo que me levou a uma interessante teoria. As histórias de Durga falavam de muitas armas, e, com Ren e Kishan pesquisando ao meu lado, fizemos uma breve lista para dar conta de todas elas.

Armas

Disco (Chakram)

Concha (Kamandal – poder de cura)

Missil (pontas de lança disparadas do Tridente?)

Setas (Arco e Flechas Dourados)

Relâmpago (poder do raio?)

Sino (necessário para despertar Durga)

Vara (Tridente/Trishula)

Machado (lâmina do Chakram?)

Armadura Mágica (nova arma)

Maça (Gada)

Pote de água (outro nome para a Kamandal, acho)

Clava (outro nome para a Gada)

Espada (na verdade, duas espadas)

Cobra (Fanindra)

Corda (Corda de Fogo?)

Jóias (Colar de Pérolas)

Roupas Novas (Lenço Divino)

Guirlandas de Lótus Imortal (dadas à sereia Kaeliora

– Durga disse que não tinham nenhum poder)

Laço (Corda de Fogo?)

– Parece que existem muitas e diferentes versões de como Durga nasceu – expliquei, lendo. – Este texto diz que Durga foi uma deusa que nasceu da chama. Outros livros, porém, afirmam outra

coisa: que ela se ergueu de um rio, que surgiu de um redemoinho, que saiu de uma bola de luz e até que emergiu da caverna de uma grande montanha. E ainda tem também uma história sobre a deusa ter sido criada para lutar contra o demônio Mahishasur.

– Certo. Então a história tem variações – disse Kishan.

– Sim, mas qual é o denominador comum?

Fiz uma pausa, eles, porém, nada disseram, esperando que eu preenchesse a lacuna.

– O *amuleto*! – exclamei.

– Não entendi – disse Ren, esfregando o maxilar.

– Sabemos que a parte do amuleto que uso tem as propriedades do fogo, e o Sr. Kadam disse que a parte dele o lançou no espaço. E se cada amuleto representar um dos elementos... fogo, ar, água, terra e espaço... e cada uma das histórias de seu “nascimento” refletir um elemento diferente? – propus, e entreguei minhas anotações sobre o amuleto.

Possíveis poderes

O rugido do tigre de Durga sacudiu o mundo.

(terremoto? Amuleto da Terra)

Oceanos ferveram e inundaram a terra.

(Amuleto da Água ou Colar de Pérolas)

Montanhas desmoronaram em milhares de deslizamentos.

(Amuleto da Terra)

Usou seu sopro divino para reabastecer seus exércitos.

(Comida/água/roupa? Uso dos presentes)

Chamas imensas lançadas em todas as direções.

(Amuleto do Fogo/Corda de Fogo)

Deslocou montanhas.

(Amuleto da Terra)

Envolveu o exército de Mahishasur em uma tempestade de areia.

(Amuleto do Ar)

– Agora, qual história do nascimento é a exata? – perguntou Kishan.

– Talvez todas sejam – sugeri.

– Hã... tem uma coisa aqui – acrescentou Ren. – Este livro fala sobre uma ilha vulcânica que se parece muitíssimo com a que Kadam nos disse para ir. Chama-se o Poço do Inferno.

– Verdade? – Engasguei com um pedaço de muffin. – Que maravilha.

– Mas não é o pior de tudo.

– Ótimo – murmurei com sarcasmo. – Eu não ia querer que fosse fácil demais. Então, uma ilha vulcânica e uma batalha entre Durga e Mahishasur? Acho possível que Durga tivesse o amuleto inteiro quando o derrotou, isso, é claro, se aceitarmos a história literalmente.

– É uma boa teoria – disse Kishan. – Mas não existe nenhuma menção de qualquer coisa estranha acontecendo no espaço ou no tempo.

– Não, não existe. Também não há nenhuma menção de ninguém aparecendo ou desaparecendo.
– Me conte a história da batalha, para que eu possa vê-la em minha mente – pediu Kishan.

– Muito bem. Vou começar do ponto em que Durga encontra Mahishasur. – Passei as páginas até encontrar o que procurava. – “Quando a deusa entrou no campo de batalha montada em seu tigre, todos os olhos voltaram-se para ela. O tigre avançou lentamente, e os homens aterrados ajoelharam-se enquanto os demônios arquejaram ao ver a linda deusa. Ela estava calma, destemida. Embora passasse por esquadrões de demônios arqueiros, milhares de seres conduzindo carruagens e centenas de elefantes de batalha, nenhum deles se moveu para lhe fazer mal. Todas as criaturas estavam totalmente perplexas diante de seu poder. Quando ela enfim alcançou o rei demônio, foi cercada por homens com machados de ferro reluzentes e negras alabardas”... espere, o que são alabardas?

– É como uma lança comprida com um machado na ponta – respondeu Ren.

– Entendi. “O campo de batalha era um rio de sangue, mas mesmo o rio rubro não conseguia distraí-los do vermelho de seus lábios ou do viço de seu cabelo, tão imensamente linda ela era. O rei demônio apaixonou-se ao vê-la e anunciou que a tomaria como noiva. Ele instruiu seus homens a capturar a deusa, porém nenhum deles sabia que, por trás de sua grande beleza, estava uma criatura de imensa força. Como um redemoinho, ela e seu tigre se ergueram e mataram cada um dos soldados do rei demônio. Ela lançou seu laço no pescoço de Mahishasur e, enquanto o tigre se agarrava ao corpo dele com as mandíbulas, ela ergueu a espada e cortou o demônio ao meio.”

Kishan assoviou.

– Ela definitivamente parece o meu tipo de mulher.

Eu lhe dei uma cotovelada nas costelas e Ren revirou os olhos, mas Kishan nos ignorou.

– Eu adoraria tê-la visto em batalha – continuou ele.

– Acho que você não está entendendo o principal, Casanova.

Kishan sorriu, pegou minha mão e a beijou.

– Eu me perguntava o que seria preciso para deixar você com ciúme. Por falar nisso, não tenho nada de Casanova. Sou rigorosamente um homem de uma mulher só – disse ele.

Ergui a cabeça e meus olhos encontraram brevemente os de Ren antes de ele voltar a enterrar o nariz em um livro.

– A questão é – prossegui, sem fazer qualquer observação sobre seu comentário – que acho que precisamos nos preparar para lutar contra Lokesh da mesma forma que Durga lutou contra Mahishasur.

Kishan piscou, e a compreensão iluminou seus olhos. Sério, ele se inclinou e pegou minha lista da mão de Ren.

– Acho que tem razão, Kelsey. Lokesh quer você da mesma forma que o rei demônio queria Durga. É melhor você me deixar ver esses livros.

Entreguei-lhe uma pilha enquanto ele chegava mais perto e me abraçava. Ren saiu e, depois de mais uma hora de estudo, eu sentia os olhos pesados. Aninhei minha cabeça no ombro forte de Kishan e, no momento em que adormecia, eu o ouvi sussurrar:

– Não vou deixar que ele ponha as mãos em você, Kelsey. Você pertence a mim.

Meu inconsciente ficou jogando suas palavras de um lado para outro até eu imaginar uma voz diferente dizendo a mesma coisa. Somente então minha mente pôde se entregar, sossegada por fim.

No quarto dia, começamos nossa busca final para encontrar a Cidade de Luz através da ilha vulcânica também conhecida como Poço do Inferno. Eu torcia para que o lugar não fosse tão ameaçador quanto soava.

Nilima nos levou de avião até Visakhapatnam, então cruzou a baía de Bengala, e finalmente pousamos em Port Blair. Um carro nos esperava quando aterrissamos.

Enquanto atravessávamos a cidade de Port Blair, Nilima nos contou uma história fascinante sobre o Sr. Kadam, que fora capturado pelos nativos andamaneses – que no passado foram canibais. O Sr. Kadam havia astutamente negociado a própria vida, tornando-se por fim um membro honorário da tribo.

Sacudi a cabeça, sorri e me perguntei quantas outras histórias incríveis eu nunca tive a chance de ouvir.

Serpenteamos em meio a árvores densas em uma estrada particular. Quando subíamos uma colina, tive vislumbres do oceano e fiquei maravilhada com as cores vivas. Por fim, saindo do meio das árvores, deparamo-nos com uma linda e luxuosa *villa* na costa, com vista para o mar de Andaman.

A decoração do interior lembrava mais o jato particular do Sr. Kadam do que a casa na Índia. A *villa* era austera e decorada em tons de preto e metal cromado, com linhas simples. O lado da casa que dava para o oceano era feito inteiramente de vidro. Cada quarto tinha uma varanda particular, e havia um amplo terraço, uma Jacuzzi e uma maravilhosa sala de descanso ao ar livre, abrigada nas sombras das palmeiras. Uma magnífica vista panorâmica do oceano, uma praia de areias brancas e uma piscina infinita com cascata de quatro níveis estendiam-se diante de mim. Era mais do que espetacular, e eu sabia que o Sr. Kadam não teria se contentado com menos – mesmo no meio do oceano Índico.

Perto do pôr do sol, depois de eu acender uma lamparina em homenagem ao Sr. Kadam, Kishan me beijou e disse que precisava ir até a cidade. Nilima também tinha preparativos a fazer antes de podermos prosseguir em nossa jornada. Após jantar sozinha, decidi procurar Ren, que havia desaparecido logo depois de chegarmos.

Finalmente o encontrei sentado em sua varanda. Ele estava recostado na parede, de olhos fechados. Uma música suave tocava e a brisa fresca do oceano soprava meus cabelos para trás quando cheguei à varanda e inalei o cheiro do mar.

– Posso me juntar a você? – perguntei suavemente.

Ele não se deu ao trabalho de abrir os olhos.

– Se quiser.

A lua no céu escuro parecia um imenso prato branco com a borda mergulhada no oceano. Ficamos ali sentados em silêncio por um tempo. Fechei os olhos também e o ouvi cantarolar em harmonia com a música.

– Você não toca violão há muito tempo. Sinto falta – comentei quando a música chegou ao fim.

Ren virou-se para o outro lado.

– Receio que não exista mais música em mim.

– “O homem que não tem música em si nem se comove com a suave harmonia dos sons é capaz de trair, roubar, enganar” – provoqueei.

Levantando-se bruscamente, Ren atravessou a varanda e se acomodou na extremidade mais distante do parapeito. Ele se debruçou, apoiando-se nos cotovelos.

– Me desculpe – falei e me aproximei dele. Pus a mão de leve em seu braço. – Não me dei conta de que estava falando sério.

Ele prendeu minha mão na sua e brincou com meus dedos.

– A música me lembra demais o que não posso ter, e ainda assim não consigo deixar de ouvi-la. – Ele riu, sarcástico. – Eu nunca tinha compreendido a conexão até você me deixar e voltar para o Oregon. Percebi então que a música era um elo com você, uma forma de mantê-la perto, assim como a minha poesia.

Ren voltou-se para mim e pressionou minha mão contra seu coração.

– Kelsey, meu sangue lateja e meu coração dispara quando você está perto. Tenho que fazer um esforço para me conter e não tocá-la. Não tomá-la nos braços. Não beijá-la. Quase prefiro ser torturado por Lokesh novamente do que ser atormentado todos os dias assim ao vê-la com Kishan.

Engoli em seco e desviei os olhos daquele homem lindo. Meu olhar pousou em nossas mãos entrelaçadas cobrindo seu coração. Senti o batimento de encontro à minha palma e às pontas dos dedos.

Tremendo, sussurrei:

– Eu sinto muito, Ren.

E retirei a mão.

Eu podia sentir o fogo, o calor e a paixão circulando, me envolvendo de forma palpável. O calor era avassalador e intenso, e meus músculos pareciam quase tão substanciais quanto cera de vela derretida.

– Sinto muito – repeti com teimosia –, mas eu não posso deixar Kishan.

Dei um passo para trás e Ren se debruçou sobre o parapeito novamente. Uma nova canção começou a tocar. Baixinho Ren citou *Noite de reis*, de Shakespeare, murmurando:

– Então, “se a música é o alimento do amor, continuem tocando e dela me deem em excesso; assim glutão, o apetite pode enjoar, e por fim morrer”.

Silenciosamente, retornei ao interior da casa, mas me virei para olhá-lo mais uma vez. Ali parado ao luar, Ren parecia mesmo o melancólico duque Orsino, personagem de Shakespeare, ansiando por sua lady Olivia. Alguma coisa fez meu coração se apertar, e eu reprimi um soluço enquanto fugia dali.



Comprometida

Enquanto esperávamos que Nilima declarasse que estávamos prontos para nossa próxima aventura, Kishan me levava para fazer piqueniques, visitar pontos turísticos, dançar e olhar vitrines. Ele comprou todas as espécies de flores da cidade e as mandou entregar em meu quarto em elegantes arranjos. Também me levou para nadar à noite – ou entrar na água à noite, já que eu ainda tinha um medo paranoico de tubarões. Falávamos com frequência do Sr. Kadam. Ia ficando mais fácil superar o nó em minha garganta quando ouvia o nome dele.

Embora eu estivesse feliz na companhia de Kishan, sentindo-me mais próxima dele do que nunca, não pude deixar de perceber que Ren se afastava cada vez mais. Kishan não dava atenção ao fato e dizia que Ren precisava de espaço. Ainda assim, eu me preocupava.

Uma tarde, Kishan sugeriu que almoçássemos na praia. Já havia umas 20 pessoas ali, mas Kishan encontrou para nós um local distante dos banhistas. Ele abriu um imenso guarda-sol e, depois de me besuntar com filtro solar, arrumou a comida para o nosso piquenique.

Kishan andava de um lado para outro, preparando tudo, excessivamente feliz. Pôs uma taça de suco de maçã espumante em minhas mãos e me serviu uvas e biscoitinhos com caviar. Ao dar minha primeira e hesitante mordida na iguaria, descobri que o sabor era de manteiga e que explodia em minha boca com o leve sabor do mar. Depois de termos comido, ele tirou os sapatos e a camisa e foi dar um mergulho enquanto eu lia um livro.

Quando voltou e se enxugou, Kishan mudou a posição do guarda-sol para que pudesse se deitar ao sol mas colocar a cabeça no meu colo, na sombra. Ele riu quando me queixei de sua cabeça molhada, no entanto logo superei isso e fiquei acariciando-lhe os cabelos e os ombros quentes distraidamente enquanto lia. Ele estava tão imóvel e quieto que pensei que tivesse adormecido, então me assustei quando estendeu a mão para pegar a minha. Ele a pressionou em seu peito nu e me olhou com ternura.

– Kells, tenho a sensação de que minha vida está começando a fazer sentido. Que tudo por que passei teve uma razão, um propósito.

– Acho que isso é verdade.

Ele se sentou e acariciou o meu rosto.

– Acredito que o meu destino era este: viver todo esse tempo, passar pelas experiências por que passei, para que pudesse estar aqui, agora, neste momento, com você.

Eu ri.

– Bem, talvez não este exato momento. Acho que o destino tinha mais em mente do que nós dois comendo caviar.

– A questão não é o caviar. É algo mais importante.

– O que você quer dizer?

Tomando minhas mãos nas dele, Kishan prosseguiu:

– Olhe, eu sei que temos outro presente para conquistar e que ainda precisamos derrotar Lokesh. O momento poderia, naturalmente, ser melhor...

– O momento de quê?

Naquele instante, meu olhar deslizou para a água quando dois olhos azuis vieram à superfície. Em seguida, surgiu um tórax bronzeado, e um belo homem emergiu e ergueu as mãos para alisar para trás o cabelo encharcado. A água escorria por seu corpo poderoso enquanto ele caminhava na direção da praia. Minha boca ficou seca, e 99 por cento do meu poder cerebral e da minha atenção estavam cravados nele.

– ...e você sabe o que sinto por você – continuava Kishan. – Você é a única garota perfeita para mim. Aquela com quem eu quero passar o resto da minha vida. Aquela com quem quero acordar todas as manhãs.

Assenti, distraída, ouvindo apenas parcialmente o que ele estava dizendo e observando as outras garotas na praia notarem o Poseidon moreno que andava entre elas.

– ...usei o rubi que encontramos na casa de cabaças e também o diamante em forma de gota que Durga me deu. De qualquer forma, trata-se de uma formalidade apenas. Quer dizer, nós já sabemos como nos sentimos em relação ao outro.

– Certo... – falei, inexpressiva.

O homem mais perfeito da Terra voltou os olhos azuis da cor do mar para mim, e captei uma mensagem oculta neles enquanto caminhava em minha direção. Ele *me* queria. Entre todas as lindas garotas de biquíni, era em minha direção que ele vinha. Eu – com minha pele branca, tranças castanho-douradas e um chapéu de abas largas. Eu – a garota fugindo do sol e do calor debaixo do guarda-sol, usando maiô e saída de praia.

Engoli com dificuldade. O tempo desacelerou e cada uma das longas passadas que ele deu ficaram impressas no meu cérebro. Eu assimilava tudo. A teimosia de seu queixo. O desenho de sua boca sensual. A determinação em sua testa. Observei a largura de seus ombros. Os relevos de seu peito. Os músculos de seus braços.

Lembrei-me de como ele me tocava, como me abraçava e como ele gostava de deslizar aquelas mãos tão deliciosas em meu cabelo. Vi cada gotícula de água em seu peito e seus ombros e – Deus do céu! – eu queria enxugar cada uma delas com um beijo.

Kishan interrompeu meus pensamentos.

– Então, o que eu estou tentando dizer é...

– Sim? – murmurei, distraída. – O que você está tentando dizer?

Kishan roçou um beijo de leve no meu ombro nu, de onde minha saída de praia havia escorregado, e falou com ternura:

– O que estou tentando dizer, *Kelsey*, é que quero que você seja minha esposa.

Ele deslizou alguma coisa fria e lisa no meu dedo anelar.

Pisquei e dirigi meu foco para Kishan, que me olhava com amor e carinho. Em minha mão esquerda, vi o brilho de um anel de diamante. Boquiaberta, ergui os olhos. Ren havia se imobilizado e, em choque, fitava a minha mão. Lentamente, os segundos rastejaram e seus olhos azuis encontraram os meus. Presa em seu olhar, vi uma espécie de purgatório que ardia por trás deles.

O momento pareceu durar uma vida. Então sua atitude se tornou fria. Senti o toque congelante de seu olhar me acariciar uma última vez e então Ren desapareceu. A única lembrança dele era a joia gélida pesando em meu dedo. O que me parecera uma hora de comunicação silenciosa acontecera em apenas alguns segundos.

Respirei fundo e ofereci a Kishan um sorriso emotivo. Inclinei-me para beijar seu rosto enquanto as lágrimas enchiam-me os olhos. O sol que incidia no diamante lançava um arco-íris em minha coxa nua. Toquei minha perna brevemente e me encolhi ao sentir quanto minha pele estava fria. Uma parte de mim se perguntava se algum dia eu voltaria a me sentir verdadeiramente aquecida.

Kishan me abraçou e perguntou:

– O que foi, amor? Não gostou do anel?

Ergui a mão e pisquei para livrar meus olhos das lágrimas e poder vê-lo melhor. Era maravilhoso. Um diamante em forma de gota descansava no centro, ao passo que pétalas de lótus curvas, que haviam sido cortadas do rubi que ele encontrara na casa de cabaças, irradiavam-se a partir dele. Cachos de diamantes no formato de folhas desciam de ambos os lados do anel de ouro branco.

– É lindo – sussurrei.

– Fica obscurecido em comparação com a mulher que eu amo – replicou ele.

– Eu... eu não pensei que isso fosse acontecer tão rápido.

O rosto dele se iluminou em um sorriso lento e preguiçoso.

– Quando vejo alguma coisa que eu quero, vou atrás dela, se lembra?

Fechei os olhos por um instante e senti uma lágrima cair no meu colo.

– Eu me lembro.

Kishan enxugou as lágrimas do meu rosto e disse, sério:

– Por muito tempo não pensei que merecesse encontrar o amor novamente. Você estava certa quando disse que eu me culpava por tudo. Eu pensava que era responsável por aquelas coisas todas: a maldição, a morte de Yesubai, Lokesh... Mas, quando conheci você, alguma coisa mudou. Lembrei-me de quem eu era, de quem eu sou: o príncipe Sohan Kishan Rajaram. Sempre fui o irmão mais novo, o segundo na linha de sucessão do trono, mas esse tempo passou e aquele reino não existe mais. Agora eu me dou conta de que nenhuma daquelas coisas tinha importância, de que meus remorsos estavam me impedindo de ver – ele deslizou um dedo com delicadeza por minha bochecha e meu maxilar – a beleza que o mundo oferecia.

Traçando um rastro de beijos quentes e demorados no meu ombro e no meu pescoço, ele continuou:

– Você me fez acreditar que eu ainda tinha alguma coisa a oferecer ao mundo, algo a oferecer a uma mulher.

Kishan sorriu quando oscilei, vacilante. Olhos dourados de pirata mergulharam nos meus, e respirei fundo ao perceber que uma paixão ardente se encontrava ali, oculta atrás deles. Estava camuflada sob camadas de paciência e amor, mas eu ainda podia sentir a intensidade zumbindo entre nós dois.

Naquele momento, eu soube que Phet estava certo, que esse lindo príncipe era também uma boa escolha e que eu só precisaria de um leve empurrãozinho para que me visse completamente envolvida por ele. Acariciando seu braço, deslizei a mão por seu ombro musculoso até envolver-lhe o pescoço. Sua pulsação latejava de maneira violenta, e num segundo, os olhos dele mudaram. Foi como lançar um fósforo aceso em um barril de petróleo.

Um ronco soou em sua garganta quando ele me puxou para si. Pus as mãos em seu peito nu, aquecido pelo sol, e seus lábios encontraram os meus. As mãos de Kishan gentilmente agarraram meus braços. O beijo foi selvagem, agressivo e exigente, desafiando-me – não só a corresponder a seu ardor, mas também a me sentir tão apaixonada por ele quanto ele por mim.

Logo o beijo mudou, e o fogo que fugira ao seu controle se viu mais uma vez escondido logo abaixo da superfície. Acaricieei seu cabelo e o abracei apertado. O tigre negro e indomado fechou os olhos dourados e me beijou novamente, dessa vez com doçura. Apertando minha cintura, ele disse com ternura:

– Kelsey Hayes, prometo que vou amá-la para sempre e que me esforçarei ao máximo para ser um bom marido.

Levei minha mão ao seu rosto e encostei minha testa na dele.

– E eu vou fazer de tudo para ser uma boa esposa.

Embora eu estivesse feliz em ser a noiva de Kishan, havia um fio solto em minha linda tapeçaria. O doce e amargo emaranhado de fios fazia cócegas e irritava, e eu tinha que fazer força para não puxá-lo, mas eu sabia que, se fizesse isso, destruiria a preciosa vida nova que eu estava tentando criar.

Eu amava Kishan de verdade e sabia que o casamento era aonde acabaríamos chegando, mas uma parte de mim, lá no fundo, se afligia. Eu me sentia como uma casca. Por fora, tudo parecia bem. Eu era saudável, feliz e tinha um grande futuro garantido. Kishan me amaria apaixonadamente e seria um bom marido e bom pai. Teríamos uma dezena de filhos, que iriam querer, quando crescessem, ser guerreiros como o pai.

Por dentro, porém, eu estava vazia. Não tinha nada para dar a ele. Meu objetivo na vida seria fazê-lo acreditar que eu não tinha absolutamente nenhum arrependimento em relação à minha escolha. Fingir que estava inteira. Completa.

Mãe? Durga? Sr. Kadam? O que eu faço? Como deixo de amar Ren? Por favor, por favor, por favor, me ajudem a dar a Kishan todo o amor que ele merece.

Alheio aos meus pensamentos, Kishan me puxou para os seus braços fortes, sussurrando planos para o nosso futuro. Ficou fazendo carinho em meu braço e nos meus cabelos e me dizendo quanto me amava. Permaneci quieta. Recostei-me em seu peito quente e ficamos sentados assim, observando a maré subir até anoitecer.



Disfarce

Na tarde seguinte, saí para uma longa caminhada sozinha, em parte para clarear minha cabeça, em parte para procurar Ren, que havia desaparecido após meu... noivado na praia. Eu não sabia o que diria se o encontrasse, mas por algum motivo sentia que precisava vê-lo.

A brisa soprava as nuvens no céu, juntando os macios montes cinzentos uns aos outros. O cheiro de chuva estava no ar, então saí apressada.

Seguindo o sinuoso caminho pela selva, tomei a direção norte e caminhei ao longo de uma trilha por mais ou menos 15 minutos. As árvores estavam frescas e de vez em quando uma gota de água fria atingia meus braços nus. Então levei as mãos em concha à boca e gritei:

– Ren?

Esperei, atenta ao aparecimento da figura familiar do meu tigre branco, na esperança de vê-lo saltando sobre um tronco caído e me alcançando.

Afastando-me da trilha e me enfiando entre as árvores, larguei a bolsa aos meus pés.

– Ren? – tornei a gritar em outra direção.

Nada. Sentei-me em um tronco, o queixo apoiado nas mãos, e fiquei pensando em meu dilema. Eu sempre sonhara com uma grande festa de casamento, atravessando o corredor até o homem que eu amava, o homem dos meus sonhos. *E Kishan mais do que se encaixava naquela descrição. Na verdade, quando o assunto era Príncipe Encantado, ele superava as expectativas de qualquer garota.*

Amar Kishan não era o problema. Ele era um cara ótimo. Mais que ótimo. Era fantástico. Fui listando mentalmente suas qualidades. *Kishan é gentil, bonito, corajoso, beija bem, é forte, faz massagens ótimas e me ama. Do que mais uma garota precisa? Qual é o meu problema?*

Enquanto estava ali sentada, pensando, ouvi um ruído. Uma mulher velha e enrugada vinha mancando pela trilha, carregando uma sacola grande. Olhos castanhos e fundos em um rosto que tinha sido exposto ao sol por anos demais me estudaram. Ela sorriu e me cumprimentou com a cabeça, mas continuou se arrastando, os passos lentos e pesados. Cabelos brancos escapavam por baixo de sua *dupatta* amarelo-ouro e na saia esvoaçante havia manchas de sua passagem pela floresta.

Quando estava quase passando por mim, um de seus sapatos de tecido saiu de seu pé, e ela caiu pesadamente no chão. Sua bolsa se abriu, e frutas marrons do tamanho de batatas pequenas rolaram em todas as direções. Ela gemeu, então prontamente fui ajudá-la a se levantar.

Quando depusitei as frutas e o sapato perdido a seus pés, a velha sorriu e disse:

– Obrigada. Eu Saachi. Descansar aqui alguns minutos. Tudo bem para você?

– Claro. O tronco não é meu. Eu sou Kelsey. Muito prazer.

A mulher inspecionou sua bolsa de frutas, apalpando-as em busca de mossas, e então tirou uma da bolsa.

– Tome. Você precisa experimentar. Sapoti. Dá muito aqui. Bom de comer.

Entregando-me a fruta marrom, ela sorriu, revelando os dentes surpreendentemente brancos, e então comeu ela mesma um pedaço, limpando com o lenço o suco que escorria.

Hesitante, mordi a fruta. A polpa era amarelo-amarronzada e a textura, semelhante à da pera. O sabor, porém, era como malte com um leve toque de caramelo.

– É bom. Obrigada – murmurei, virando a fruta para examiná-la.

– Os chineses chamam de fruta do coração. Está vendo? – disse ela, e pegou outra fruta para me mostrar o formato. – Parece um coração. Todas caem no chão quando veem você. Significa seu coração partido, machucado. Azar passar por você. Por que seu coração partido? Você garota bonita. Costas fortes. Qual problema? Não tem homens?

Sorri secamente.

– Não. Tenho homens demais. É uma longa história.

– O que quer dizer homens demais? Eu resolvo problema. Conte Saachi sobre os homens. Eles fortes? Bonitos?

– Ambos são fortes e muito bonitos.

– Ah! – Ela sorriu. – Saachi gosta história sobre homens bonitos.

Não pude deixar de sorrir.

– Sim. São irmãos. O nome do mais velho é Ren e do mais novo Kishan.

Ela assentiu.

– Bom nome.

– Certo. Bem, o irmão mais novo, Kishan, me pediu em casamento.

Mostrei o anel no meu dedo, e ela o inspecionou com atenção.

– Ele quer você esposa? Ele bom homem? Trabalhador? Homens preguiçosos nada bons – comentou Saachi.

– Ah, ele não é preguiçoso. É muito corajoso. Cuida de mim. É só que... eu amo o irmão dele também. Conheci o irmão dele primeiro. Nós nos amávamos e então ficamos... separados um tempo. Durante esse tempo Kishan e eu nos aproximamos.

– Ah – disse ela, como se compreendesse. – Aconteceu minha amiga. Homem dela viaja. Não volta por muito tempo. Então ela se casa outro. Depois, primeiro homem volta pra casa, tarde demais. Ele vai embora de novo. Não volta. Não tarde demais pra você. Você não casa. Você volta primeiro homem. Você ainda ama ele?

– É claro que ainda o amo. Nunca deixei de amá-lo, mas não posso voltar. Ele... não tenho segurança quando estou com ele.

– O que quer dizer? Ele machuca você? Ele bate você? Por que não escolhe ele?

– Não. – Com a voz fraca, sussurrei: – Não é disso que tenho medo.

Ela estalou os lábios e se acomodou em uma posição mais confortável no tronco.

– Você menina maluca. Você teme homem bonito que ama você.

Soltei um gemido, me levantei e comecei a andar de um lado para outro.

– O problema é que ele sofre de um complexo de super-herói. Gosta de sair correndo e salvar o dia.

– Isso é bom. Homem bravo – disse ela.

– Não. Isso é ruim. Heróis são mortos. Todas as vezes que ele tenta me salvar, arrisca sua vida. Ele se põe em perigo constantemente.

– Ora. Isso não é problema. Problema somente sua cabeça.

– Não! – Virei-me bruscamente. – A senhora não compreende? O Sr. Kadam está *morto*! Meus pais estão *mortos*! Se Ren morrer, estará tudo acabado para mim. Não tem mais nada. As pessoas que amo morrem. Tenho medo de que, se me permitir amá-lo, amá-lo de verdade... será como lhe aplicar uma sentença de morte.

Tornei a me sentar pesadamente no tronco.

– Quando os bandidos vieram me pegar, ele ficou para trás e foi capturado. Quando não pôde me prestar os primeiros socorros, ele terminou comigo e me entregou a Kishan. Quando um sujeito mau chegou muito perto de me encontrar, ele sacrificou as lembranças que tinha de nós dois. Toda vez que alguma coisa me ameaça, ele se adianta para enfrentá-la sem pensar no que vai me acontecer se *ele* morrer. Ele deveria ser rei. Talvez seja daí que ele tire seu senso de dever superdesenvolvido.

– Então escolha fácil. Você opta outro irmão – concluiu a velha senhora.

– Quero ser uma boa esposa para Kishan. Vou amá-lo, e formaremos uma família juntos. E espero que isso signifique que Ren irá parar de se atirar nos braços da morte.

Ela estalou a língua.

– Isso é bom, mas que homem faz você feliz? Faz você sentir muito?

– Eu gosto de ambos.

– Hum – resmungou ela. – Você mais feliz com quem? – insistiu enquanto me espiava com o olhar astuto.

Eu me remexi desconfortável, então admiti baixinho:

– Com Ren. – As sobrelanceiras espessas dela se ergueram e ela exibiu uma expressão que dizia “Arrá!”. Rapidamente expliquei: – Mas isso não importa. Eu *escolhi* Kishan. Prometi a ele que nunca mais permitiria que se sentisse sozinho. E ele irá me fazer, quero dizer ele me faz, muito feliz. Eu amo Kishan.

– Mas seu coração dividido.

– Sim. E a verdade é que... a maior parte do meu coração pertence a Ren. Nunca deixei de amá-lo. Quando estávamos separados, nada tinha importância. Eu me sentia perdida. A única coisa que me fazia seguir em frente era a esperança de que um dia estaríamos juntos outra vez. Isso e o fato de Kishan precisar de mim. Ren acha que desde que eu esteja *viva*, estarei bem. Mas está errado. Se ele morrer e eu tiver que enterrá-lo em um túmulo ao lado do Sr. Kadam, não vou me recuperar.

Sorri debilmente e virei-me de frente para a selva silenciosa.

– Não posso *viver* sem ele. Assim, para mantê-lo em segurança, para manter meu coração em

segurança, não podemos ficar juntos. A senhora entende?

Uma voz familiar respondeu:

– Acho que sim.

O ar ficou preso no meu corpo. A voz de Saachi havia mudado para um tom suave e sedoso, como caramelo e mel. Era uma voz que me era muito familiar. Fechando os olhos, virei-me para encarar o homem de pé atrás de mim.

Respirei fundo. Lentamente abri os olhos, e meu coração angustiado bateu pesado quando vi sua expressão.

– O Lenço... – falei, percebendo como ele me enganara, levando-me a admitir a verdade.

– Sim – admitiu ele, a voz carregada de emoção.

Ele ergueu a mão para tirar o cabelo do rosto e deixou escapar um suspiro trêmulo.

Dei um passo em sua direção.

– Por favor, tente entender que nada disso importa. Não muda nada. Eu já me decidi por um caminho e pretendo segui-lo até o fim.

– Eu queria saber. Eu precisava saber. Você escondeu seus verdadeiros sentimentos de nós dois. Kelsey, por que não dividiu essas preocupações? Esses medos?

– Teria mudado alguma coisa? Faz alguma diferença?

– Não sei. Talvez sim. Talvez não. Mas pelo menos todas as cartas estão na mesa agora.

Mordi o lábio.

– Vai contar a ele?

– Você não acha que ele precisa saber?

– Não vejo como isso poderá ajudar.

Ele ficou ali parado, em silêncio, me observando. Então suspirou.

– Suponho que por ora possamos manter isso só entre nós dois.

– Obrigada.

Constrangida, peguei minha bolsa e dei meia-volta para retornar à cidade. Minha pele formigava, consciente do homem que, silenciosamente, seguia atrás de mim.



Ilha Barren

Finalmente Nilima anunciou que era hora de ir. Eu me encontrava de pé no cais às quatro da manhã, bocejando, enquanto Ren e Kishan puxavam uma lona que cobria uma espécie de brinquedo da Disney de aspecto futurista balançando na água.

– O que... é isso? – perguntei a Nilima com um tom levemente acusador na voz.

Kishan passou por mim ao desamarrar algumas cordas.

– Nós o chamamos de Skimmer, ou escumador.

– Mas o que é? – insisti.

Nilima explicou:

– É um protótipo que as Indústrias Rajaram estão desenvolvendo.

Ren subiu na estrutura.

– Kadam disse que o projetou baseado nas águas-vivas gigantes.

– Mas... – gaguejei.

– Eu sei. Não houve tempo – interrompeu Ren. – Não descobrimos como ou quando ele começou a desenvolvê-lo. Mas, seja como for, aqui está.

Nilima o enxotou dali.

– É parte submersível, parte navio de cruzeiro de luxo, mas com toda a sustentabilidade de um submarino nuclear. Demos o nome de Skimmer porque ele não mergulha tão profundamente quanto um submarino. Seu propósito é explorar recifes e águas rasas com conforto, embora também possa cruzar oceanos.

– Parece um pouco pequeno para cruzar oceanos – comentei, nervosa.

– Você só está vendo o convés superior – protestou Kishan. – A maior parte dele está debaixo d'água. Ele pode se manter submerso durante quase o mesmo tempo que os submarinos supermodernos. Temos a mais recente tecnologia que cria oxigênio do próprio oceano. Espere só até ver a bolha.

– Uma bolha? O que quer dizer? É seguro?

– Ele está se referindo à bolha de observação no nariz. Essa é a parte inspirada nas águas-vivas gigantes, embora essa versão de vidro seja consideravelmente maior. Oferece uma visão de 360 graus do oceano – acrescentou Nilima. – O motor funciona silenciosamente, com uma tecnologia ultrassecreta que utiliza célula de combustível e que tira sua força do oceano de um modo que não perturba os ecossistemas subaquáticos. Também instalamos um tipo muito incomum e ainda não

comercializado de iluminação subaquática, para que os passageiros possam se sentir mais em harmonia com o mundo oceânico. Já passou por vários testes, Srta. Kelsey. Temos até uma pequena lancha a bordo.

Pus as mãos nos quadris.

– Isso é simplesmente... simplesmente impressionante.

Eu estava maravilhada.

Ren passou por mim, esbarrando de leve em meu ombro, sem me olhar. Ele seguiu para o interior escuro do Skimmer, onde desapareceu.

– E você tem certeza de que eles sabem como pilotar esta coisa? Parece um carrinho bate-bate subaquático bem caro, Nilima.

– Ei, relaxe. Ren passou a maior parte da noite acordado praticando comigo. Sabemos o que estamos fazendo.

Eu não sabia como reagir àquela ideia, então não disse nada, mas a lembrança de Nilima dançando nos braços de Ren na festa na praia de repente encheu a minha mente e tive dificuldade em me concentrar em outra coisa. Quando estávamos os três a bordo, Nilima acenou e gritou do píer:

– Tenham cuidado na ilha Barren.

– Por quê?

– O vulcão está ativo – gritou ela.

– O quê?! Por que ninguém me conta essas coisas?

Kishan riu enquanto descia a escada atrás de mim.

– Porque sabemos que você vai reagir assim. Venha. Quero mostrar a sua cabine.

Enquanto caminhava meio desajeitada pelo barco, eu resmungava sobre vulcões e caminhos de lava quente, e por que as profecias de Durga nunca terminavam em um *day spa*. Lembrei-me de um filme no qual a lava corroía as pernas de um homem até os joelhos, seu corpo derretendo naquela poça. *Levando-se tudo em consideração, lutar contra Lokesh talvez fosse mais fácil.*

Logo me esqueci do vulcão e me encantei com a incrível invenção que o Sr. Kadam havia de algum modo conseguido encomendar antes de sua morte. Minha cabine era equipada com um frigobar, uma pequena pia e armários de um lado e uma mesa estreita com um banco do outro. Eu tinha um luxuoso banheiro só para mim e uma cama *king size*.

– Espere até você conferir a vista – disse Kishan, orgulhoso.

Ele se dirigiu a um longo conjunto de painéis e apertou um botão. Com um zumbido baixo, os painéis deslizaram, revelando uma vidraça que ia do chão ao teto. Só então percebi que minha cabine era uma espécie de cápsula curva. O vidro imitava o revestimento das águas-vivas gigantes, mas era cristalino. As luzes automaticamente baixaram de intensidade, e eu dei um passo à frente no piso invisível, olhando o mar de Andaman.

– É lindo, não é? – sussurrou Kishan.

– É incrível! Já estamos navegando? – perguntei, não sabendo se um peixe havia passado nadando à nossa frente ou se nós é que tínhamos passado por ele.

– Sim. Consegue sentir?

Sacudi a cabeça, impressionada com o silêncio e a imobilidade da embarcação. O Sr. Kadam havia se superado.

Kishan me deixou sozinha para explorar o restante do navio, e, ao dobrar uma curva no corredor, encontrei a bolha de observação. Sofás e poltronas prateados estavam aparafusados de alguma forma ao piso de vidro, e eu fiquei sentada ali um tempo, em silêncio, cercada pelo oceano. Um pouco depois, subi um lance de escada e encontrei o centro de controle onde Ren estava sentado em sua própria minibolha acima da linha da água. Ele apontou alguns dos mostradores, e eu admirei a vista ampla do oceano através do vidro curvo.

– Pena que não podemos desfrutar a brisa – observei.

Ren sorriu e apertou um botão. Uma seção do domo de vidro acima de nós se deslocou e deslizou. Teto solar instantâneo.

Desci alguns degraus até o convés de superfície de nossa futurística embarcação, que mais parecia um veículo de ficção científica. O vento afastou o cabelo do lindo rosto de Ren no momento em que dobrávamos um trecho de praia e a cidade de Port Blair surgia à vista. Logo, as únicas luzes que eu podia ver eram as nossas luzes de navegação e as estrelas que desbotavam no céu.

Ren permaneceu rígido em seu posto e parecia fazer um bom trabalho em me ignorar. Decidi assistir ao nascer do sol e segui com cuidado até a frente do navio, onde me sentei e deixei o borriso do oceano fazer cócegas nos meus pés. Depois de uma hora, fui recompensada com uma visão de tirar o fôlego. A água ficou rosada, então dourada, e a seguir, como se surgisse por minha vontade, o sol explodiu, saindo do mar.

Por alguma razão, naquele momento me lembrei do Sr. Kadam. Sorri com tristeza e me perguntei que fatos interessantes ele nos contaria se ainda estivesse conosco. Fiquei ali sentada por mais meia hora, deixando o sol aquecer minha pele enquanto eu respirava o aroma fresco do oceano.

Ren e Kishan se alternavam guiando o barco. Algumas horas mais tarde, contornamos a ilha de Neill, em seguida navegamos ao largo das ilhas Havelock e seguimos para o mar aberto. O clima estava bom, e fizemos em bom tempo as 65 milhas náuticas até a ilha Barren. Quando ela surgiu à vista no fim da tarde, pude ver que o vulcão definitivamente ainda estava ativo. Fiapos de vapor e espirais de fumaça vindos da cratera subiam no ar. Maravilhei-me diante do amplo caminho negro de lava resfriada que havia escorrido do centro e havia ou perfurado ou derretido um buraco na parede da montanha antes de correr para o mar em uma inclinação bem suave. Aquela imagem me fez lembrar de um ovo frito depois de a gema ter se rompido.

Embora uma imensa parte da ilha estivesse coberta de cinzas negras, ainda havia uma quantidade suficiente de árvores verdes e pequenos arbustos em torno de sua circunferência para se concluir que um dia tinha sido bonita. Não havia praias; os penhascos da montanha pareciam se erguer diretamente do mar.

Nós três ficamos no convés superior olhando a ilha, e, com algumas palavras murmuradas, Ren e Kishan decidiram lançar âncora no lado ocidental, onde haveria menos fumaça. Ambos concordaram que a melhor maneira de alcançar a ilha seria subir pelo leito de lava enegrecida e que começaríamos na manhã seguinte bem cedo.

Assim que Kishan me envolveu com os braços, Ren desceu para o convés inferior. O ar estava frio,

fazendo com que meus braços se arrepiassem. Abracei a cintura de Kishan, me aninhei junto a seu peito quente e disse:

– Isso é muito bom.

Ele sorriu e baixou os lábios até os meus. Uma de suas mãos entrou em meus cabelos, enquanto a outra descansava delicadamente em meu pescoço. Em seguida, as pontas de seus dedos começaram a massagear minha nuca. Fechei os olhos e me deixei levar por seu beijo quente e doce. Em seus lábios eu sentia um leve toque do mar salgado. Ele me acariciou o rosto e, depois de inclinar minha cabeça ligeiramente, seu beijo se tornou mais profundo. Eu me agarrei a ele, sabendo que momentos como esses talvez não acontecessem por algum tempo assim que entrássemos no vulcão.

Sorrindo, obviamente feliz com minha reação, Kishan tirou uma caixinha do bolso.

– O que é isto? – perguntei.

– Feliz Natal, Kells.

– O quê? Hoje é Natal?

– Bem, é amanhã. Hoje é véspera de Natal. Você se esqueceu?

– Sim, me esqueci. É difícil se lembrar do Natal quando se está numa zona tropical. – Peguei o presente, hesitante. – Ah, Kishan, me desculpe. Não me lembrei de comprar nada para você.

Ele me puxou para junto dele, segurou meu rosto com as duas mãos e me deu um beijo suave.

– Você concordou em ser minha esposa, Kelsey. Não tem mais nada que eu possa querer nesta Terra.

Eu o provoquei de leve:

– Você é um sedutor.

– Tomara que isso funcione em meu favor – disse ele com um sorriso e um brilho nos olhos cor de âmbar.

Dentro da caixa, encontrei uma chave dourada de aspecto antigo. Erguendo uma sobrancelha, perguntei:

– E o que essa chave destranca?

– Tecnicamente mais nada. Ela costumava abrir a sala do tesouro de nosso antigo palácio. Agora é mais o símbolo de um lar. Ou lares. De onde quer que você queira morar. Eu a encontrei quando estávamos olhando os pertences dos meus pais. Podemos reconstruir a casa da selva, onde meus pais e Kadam estão enterrados, ou podemos comprar uma casa nova nos Estados Unidos ou na Índia, ou podemos ainda fazer as duas coisas ou todas as três. Não precisamos decidir nada disso agora, mas eu sei que ter um lar é importante para você. Sair de nossa antiga casa vai ser difícil, mas vamos construir novas lembranças juntos, e – ele pousou a palma da mão em meu pescoço – eu vou fazer você feliz, Kelsey. Prometo.

– Sei que fará. – Eu me estiquei para beijar seu rosto. – Obrigada pelo presente.

– De nada. – Kishan prendeu a velha chave na corrente em meu pescoço, perto do amuleto. – Um dia – disse ele enquanto tocava a chave que repousava sobre minha pele. – Um dia vamos construir um lar.

Ele me beijou outra vez, de um jeito longo e demorado, e então abruptamente me fez dar meia-volta e me empurrou de leve.

– Mas primeiro vou derrotá-la numa partida de ludo.

– Feito.

Dei risada e fui buscar o jogo em minha cabine – só para descobrir outro presente. Em minha cama, Ren havia deixado um presente cuidadosamente embrulhado em papel dourado. Dentro havia uma caixinha de música de madeira com a pintura de um tigre branco idêntico a Ren.

Ergui a tampa e minha música começou a tocar – aquela que Ren escrevera para mim quando estávamos separados, aquela que ele não conseguia tocar quando perdeu a memória. Fiquei ouvindo as notas familiares, que a princípio eram tristes, e arquejei quando ela continuou além do ponto do qual eu me lembrava. A música triste da separação mudou. Eu podia quase ouvir a esperança, a determinação, na melodia. Ela foi avançando em um crescendo, numa explosão de felicidade, até que as notas foram desvanecendo como estrelas piscando no amanhecer. Fechei a tampa e os olhos.

Fiquei tão envolvida com a caixa de música que quase não percebi que Ren havia também me deixado um bilhete com o ramo de uma plantinha na cama.

Kelsey,

Talvez você me ache presunçoso por supor que o fim de nossa canção será alegre, mas ainda acredito que haverá um final feliz para nós, que a promessa na canção um dia se realizará. Eu só terei que exercitar a paciência até lá. Meu coração está em suas mãos. Cuide dele, pois não posso viver com o peito vazio.

Visco

Walter de la Mare

Sob o visco sentado

*(Verde-pálido, visco encantado),
Da última vela o fogo quase apagado,
Idos todos os sonolentos dançarinos,
Aceso, só um fogo pequenino,
Envolto por sombras eu me vi:
Então alguém veio e me beijou ali.*

Cansado eu estava

Sob o visco cabeceava

*(Verde-pálido, visco que encantava),
Não houve passos, nem voz, somente
Enquanto eu ali estava, solitário, indolente,
No ar imóvel e sombrio, eu me encolhi
Então lábios invisíveis – me beijaram ali.*

Feliz Natal, iadala.

– Ren

Com dedos trêmulos, enfiei o papel e o raminho de visco em meu diário. Fiquei ali acariciando as folhas da planta, imaginando Ren de smoking me puxando para debaixo do visco para um beijo. Após alguns segundos de deliciosa fantasia, eu me censurei mentalmente.

Que tipo de pessoa sou eu? Como posso beijar um homem, nada menos que meu noivo, e daí a pouco ficar sonhando em ser arrebatada por seu irmão? Alguma coisa está muito errada comigo.

Fiz minha prece da serenidade, reafirmei minha intenção de seguir o caminho que escolhera e fui ao encontro de Kishan à mesa. Ele preparou o tabuleiro do jogo e não percebeu nada.

Na manhã seguinte, acordei bem cedo, deixei o tigre negro roncando no chão e fui para a fabulosa cozinha do Sr. Kadam preparar o melhor café da manhã de Natal de todos os tempos para nós três. Os painéis da janela deslizaram quando pressionei um botão. Com aquela vista incrível como inspiração, pus a mesa para o café, cantarolando até que um ruído me assustou.

Ren estava no vão da porta. Meus olhos correram para os dele, e ele me entregou um buquê de lilases.

– Feliz Natal – disse ele.

Aceitei as flores e declarei baixinho:

– Você já me deu mais do que o suficiente.

– Quando um homem dá um lilás a uma mulher...

– Está lhe fazendo uma pergunta – concluí.

– Você se lembra.

Desviei os olhos.

– Você achou que eu me esqueceria?

Ele pôs as mãos nos meus ombros e me fez olhar para ele.

– Eu amo você, Kelsey. O que sinto por você é mais do que gratidão, mais do que atração, mais do que afeição. Nunca escrevi um poema com pontos de exclamação até conhecê-la. Você é o ar nos meus pulmões, o sangue nas minhas veias e a coragem no meu coração. Sou uma concha vazia sem você.

Ele segurou meu rosto.

– Você ilumina minha alma com o brilho cálido do seu amor e da sua devoção. Mesmo agora, posso senti-lo, e é ele que me sustenta. Você pode negar o que sente com suas palavras, mas seu coração ainda é meu, *iadala*.

Envolvi suas mãos com meus dedos e, com um esforço imenso, dei um passo para trás.

Aceitando minha rejeição com tranquilidade, ele provocou:

– Talvez eu devesse ter trazido mais visco.

Virei-me de costas para ele e comecei a realizar as tarefas com eficiência, como se cada nervo do meu corpo não estivesse voltado para o homem hipnotizante que me observava.

– Por que não trouxe então? – perguntei despreocupadamente.

Ele deu de ombros e descansou o corpo na parede.

– Não queria dar a Kishan nenhuma motivação a mais.

– Ah. – Apanhei o Fruto e comecei a pedir pratos. O Fruto esquentou e tremeluziu como um globo de discoteca enquanto apresentava uma travessa atrás da outra. O vapor subia de cada uma delas e os aromas familiares flutuavam no ar.

Com frieza, sorri e disse:

– Feliz Natal, Ren. Obrigada pelo poema e pela caixa de música. – Não fiz nenhuma menção ao restante do bilhete e não respondi à declaração profunda que viera com o buquê de lilases. Em vez disso, fingi que não as estava segurando, cheia de culpa, apertando-as com ardor junto ao meu coração disparado. Impassível, continuei: – Esqueci totalmente de comprar um presente para você, então, para compensar, estou preparando o famoso brunch de Natal da minha avó. Está com fome?

Ele cruzou os braços no peito e me olhou com uma intensidade que ameaçava me engolir inteira.

– Sim – respondeu baixinho.

Pigarreei, desajeitada, e agitei as mãos na direção da mesa.

– Bem, então sente-se, e pode se servir. Kishan ainda está dormindo.

Ren resmungou, mas sentou-se. Entreguei-lhe um guardanapo de linho e talheres e, quando ele foi pegá-los, sua mão segurou a minha por uma fração de segundo a mais do que o necessário. Eu me virei depressa e comecei a servir grandes porções de cada travessa em seu prato: pãezinhos cobertos com molho cremoso de linguiça, ovos com queijo, batata frita com cebola e pimentão, grossas fatias de bacon, maçãs assadas com manteiga e canela, e o chocolate quente com chantili da vovó, coberto de calda de chocolate e chocolate granulado, e enfeitado com uma bengalinha doce de hortelã e uma cereja.

Servi a mim também e sentei-me à frente dele, que provou um pouco de cada prato e então pegou o chocolate quente.

– Esse café da manhã é uma tradição na sua família?

– É – respondi. – Todos os anos, na véspera do Natal, vovó dormia lá em casa. Na manhã seguinte, ela levantava antes de todo mundo e preparava esses pãezinhos. Eu costumava acordar logo depois dela e misturava o molho enquanto ela cortava batatas e cebolas. O chocolate quente era uma guloseima especial que evoluiu com o tempo. Acrescentei o granulado. Papai acrescentou as bengalinhas de hortelã e mamãe, a cereja. Em geral, não abríamos os presentes antes que a cozinha estivesse arrumada depois do café.

– Qual foi a última vez que teve um café assim?

– Pouco antes de meus pais morrerem. Depois que vovó se foi, passei a fazer os ovos e as batatas e mamãe, os pãezinhos. Costumávamos falar sobre a vovó enquanto trabalhávamos. Minha família adotiva não teria gostado de uma refeição assim. Carboidratos demais. Mesmo quando faziam chocolate quente no Natal, era diet e sem o chantili.

Ren estendeu o braço sobre a mesa e segurou a minha mão.

– É importante manter vivas nossas tradições de família. Nos ajuda a lembrar quem somos e de onde viemos.

– E a sua avó?

– Ela morreu quando eu era pequeno, mas eu tinha uma tia-avó que passou muito tempo com a gente. Era como uma avó, em muitos aspectos.

– Kells, espero que tenha guardado um pouco de comida para mim! – gritou Kishan, que chegou correndo à cozinha, plantou um beijo estalado no alto da minha cabeça e pegou um prato.

Ren soltou minha mão, mudou de posição e ergueu os olhos para mim.

– O nome dela era Saachi.

Arquejei.

– *Ah.*

Kishan olhou de mim para Ren e então pigarreou ruidosamente.

– Kells, eu vou morrer se não comer alguma coisa. Por favor, em grande quantidade, se não se importa.

Eu me levantei abruptamente, cambaleei até o balcão e comecei a encher sem pensar o prato de Kishan.

Depois da refeição um tanto estranha, chegou a hora de darmos início à nossa última missão. Deslizei Fanindra pelo braço e saltei para a minúscula lancha. Kishan nos guiou tranquilamente pela água e então pulou para superfície negra e quebradiça do caminho de lava. Ren arrastou a lancha para a praia, e eu pus os pés na ilha Barren.



Fênix

Com Kishan segurando minha mão, começamos cuidadosamente a abrir caminho pelo terreno desconhecido e cheio de cicatrizes, tendo as armas de Durga à mão. Havíamos levado todos os presentes da deusa, e era bom ter novamente o arco e as flechas pendurados nas costas, principalmente porque pensamentos sombrios roíam as bordas da minha mente. Eu imaginava feras arrepiadas e criaturas selvagens com dentes afiados espreitando nas sombras das árvores do mangue que, despidas de verde e mutiladas, estendiam galhos leprosos que se prendiam às nossas roupas; as raízes semelhantes a garras dificultavam nosso progresso.

Os pés afundavam nas cinzas como se fossem neve escura, e o ar era pesado, quente e ameaçador. Nervosa, murmurei enquanto atravessávamos a assustadora paisagem:

– Eu... eu já contei a vocês sobre o monte Vesúvio?

Kishan sacudiu a cabeça, mas manteve os olhos voltados para a frente.

– Era um vulcão exatamente como este. Ele destruiu duas cidades. A maioria das pessoas morreu instantaneamente, mas algumas sufocaram lentamente sob camadas de cinzas. Foram encontrados esqueletos intactos. Um deles era de uma mulher grávida deitada na cama; o esqueleto do feto ainda estava dentro dela. À volta dela, havia outras pessoas, provavelmente membros da família que no momento cuidavam dela.

Kishan resmungou e seguiu em frente. Ren envolveu meu outro braço com os dedos, apertou de leve e disse:

– Vamos ficar bem, Kells.

– É que tenho a sensação de que as cinzas estão me sufocando. É difícil respirar.

– Se ajudar, peça ao Lenço que faça uma máscara para você. Tente não pensar nisso. Concentre seu olhar nos bíceps superdesenvolvidos de Kishan em vez de nas cinzas levantadas pelos seus pés e respire fundo.

Bufei, nervosa. Kishan parou abruptamente e olhou carrancudo para Ren. Então me disse:

– Iremos mais devagar se você estiver cansada.

– Não estou cansada. Só estou... o que é *aquilo*? – exclamei e apontei para as folhas que farfalhavam.

Kishan girou o corpo e, com um movimento ágil, atirou o *chakram* nas árvores raquíticas. A arma se enterrou em um tronco retorcido. Ouvimos um balido de terror e vários animais deixaram aquela área, saltando aos tropeços, os cascos afundando nas cinzas que amorteciam o som. Eles se

afastaram das árvores, subindo a perigosa encosta da cratera, e desapareceram além do topo.

– Cabras? Como elas chegaram aqui? – perguntei.

– Li que animais de criação costumavam ser deixados nas ilhas menores para o caso de um navio encalhar e os marinheiros precisarem de alimento. Poderemos ver também morcegos e pequenos roedores.

– Morcegos, cabras e ratos... ai, ai, ai.

Se o que encontrássemos no caminho se resumisse a isso, eu me consideraria uma pessoa de sorte.

Continuamos a subir a encosta do vulcão. Com frequência eu escorregava na terra fofa, cheia de cascalhos e cinzas, e tive que usar as mãos para ajudar na subida quando a encosta se tornou mais íngreme. As cinzas eram mornas, às vezes até quentes. Agarrar-me às raízes das árvores não ajudava muito, pois elas se soltavam ou se partiam. Kishan seguia à frente, como um trator, abrindo caminho, e muitas vezes estendia a mão para me ajudar. Ren assumia a retaguarda e me segurou por duas vezes quando escorreguei no solo macio.

No topo, a visão era incrível. Parecia que estávamos de pé na borda quebrada de uma grande tigela. A parede da cratera ficava a 300 metros da superfície do oceano. Uma leve brisa soprava, fazendo cócegas no meu nariz com o aroma do oceano misturado ao cheiro da fumaça de madeira queimada. Vestígios de árvores cobriam as encostas rochosas, e eu até consegui ver áreas verdes que despontavam aqui e ali, mas, quando meu olhar seguiu para o centro da cratera, não pude evitar um estremecimento.

Estimei que a bacia do vulcão tivesse pouco mais de três quilômetros de diâmetro. Enquanto Ren e Kishan discutiam o melhor lugar por onde descer, eu assimilava a desolação. O terreno parecia a superfície de uma lua maligna orbitando um planeta infernal. Esburacado, dilacerado e bruto, o interior enegrecido lembrava um furúnculo purulento no que, afora isso, era um lindo oceano tropical. Bebi um pouco de água, na esperança de limpar a poeira seca de minha garganta.

– Vamos fazer uma corda com o Lenço Divino e descer de rapel – Ren explicou o plano.

– Tem certeza de que a entrada para a Cidade de Luz fica lá embaixo?

– A ilha não é grande, Kells – replicou Kishan. – Se não for lá embaixo, então vasculharemos todo o resto até encontrarmos.

Nós três calçamos luvas, e então Kishan prendeu várias cordas em torno do meu corpo e do tronco de uma árvore grossa. Íamos descer pela face do rochedo, usando um sistema de polias feito com cordas para evitar que descêssemos rápido demais.

– Não pule. Não tome impulso. Apenas desça devagar, como se estivesse andando pela parede. Ren estará abaixo de você na mesma corda, e eu estarei bem ao seu lado. Não a deixaremos cair. Está pronta? – perguntou Kishan com calma.

Eu estava tão pronta para fazer rapel em um penhasco quanto para enfiar a mão na lava.

Ren segurou sua corda, deixou o corpo cair para trás e desapareceu. Espiei cautelosamente pela borda e o encontrei alguns metros abaixo de nós, os pés apoiados na parede da rocha. Ele ergueu os olhos para mim e disse com gentileza:

– Venha, Kells. Estou bem aqui.

Trêmula, tomei posição e segurei minhas cordas. De início, fiquei bem, e Kishan acompanhou o

meu ritmo enquanto eu descia devagar pela encosta, como uma avó andando de patins. Então, quando surgiu uma reentrância na face da rocha, deixando meus pés pendurados no ar, entrei em pânico e me balancei freneticamente, gritando. Torcendo a corda, girei no ar, mas Kishan me pegou e estabilizou minha corda enquanto eu enganchava desesperadamente uma de minhas pernas na dele.

Ele sorriu e disse:

– Você está bem, *bilauta*. Relaxe as mãos e deslize até onde Ren está.

Virei a perna, libertando-o, e ele se afastou ligeiramente. Olhei para cima e me senti enjoada. Olhei para baixo e me senti mais enjoada ainda. Engolindo em seco, deixei a corda deslizar entre meus dedos e descii rapidamente, só parando quando senti a rocha sólida contra os meus pés outra vez. Embora ainda descêssemos em câmera lenta, chegamos ao fundo sem mais incidentes. Minhas mãos tremiam e minhas pernas pareciam gelatina enquanto, entorpecida, eu esperava que Ren soltasse as cordas do meu corpo.

Deixamos as cordas penduradas e seguimos para o centro da cratera. As cinzas haviam sido substituídas por brilhantes faixas negras que se estiravam em nossa direção como dedos nodosos. Ren testou a crosta resfriada dando alguns passos. Declarando-a segura, ele seguiu um tentáculo tortuoso, e Kishan e eu nos juntamos a ele.

Caminhar sobre a superfície árida era lento e complicado em razão dos rochedos maciços que com frequência bloqueavam nossa passagem. Pedras parecidas com balas de canhão gigantescas haviam colidido com os feixes de lava seca, estilhaçando-os e criando na crosta formas bizarras com superfícies irregulares e cheias de farpas. Em outros lugares, a lava havia coberto rochas de até três metros de diâmetro, como um glacê arenoso sobre um bolo.

Ocasionalmente, pisávamos em algumas das bolhas carbonizadas, que explodiam e se transformavam em grânulos. Vapores sulfurosos subiam de rachaduras estreitas. Quando a bota de Kishan atravessou a crosta negra em um ponto, um vapor escaldante escapou do buraco e queimou a pele de seu braço.

Vendo minha expressão preocupada, Kishan me dirigiu um sorriso tranquilizador e deu tapinhas no *kamandal* oculto sob sua camisa.

– Nós nos curamos depressa, Kells, e, se alguma coisa acontecer com você, vamos usar o elixir da sereia.

Assenti e segui adiante, me arrastando, perguntando-me se o elixir seria suficientemente poderoso para me curar depois que a lava derretesse meu rosto. Usei o Colar de Pérolas para encher cantis de água, e bebemos o máximo que pudemos. Então prosseguimos, e não demorou até encontrarmos um grande buraco que brilhava com uma luz tênue.

Ren se abaixou para espiar lá dentro.

– É um túnel de lava. Provavelmente ativo.

– Então a lava vai sair jorrando daí? – perguntei.

– Não sei.

– Bem, o que devemos fazer? Seguir em frente ou entrar?

Kishan se inclinou sobre a abertura.

– É quente demais. Ela não vai sobreviver.

– E quanto a vocês dois? – indaguei. – Suponho que também não queiram queimar o pelo.

– Então vamos em frente – disse Ren, ficando de pé e mudando a mochila de posição.

Seguindo seus passos, começamos a nos afastar, mas de repente parei e me virei.

– Ouviram isso?

– Isso o quê? – perguntou Kishan atrás de mim.

– É uma... uma canção.

– Não ouvi nada – respondeu Ren.

– Nem eu – acrescentou Kishan.

Fechei os olhos e apurei o sentido da audição.

– De novo. Vocês não conseguem captá-la com seus ouvidos de tigre?

Eles sacudiram a cabeça.

– Odeio dizer isso, mas tenho a sensação... de que este é o lugar.

– Mas é quente demais, Kells.

– Então precisamos esfriá-lo. Esfriar o meu corpo no processo também não seria uma má ideia.

Ao secar o suor que escorria em minha nuca, meus dedos tocaram o Colar de Pérolas Negras.

– Tenho uma ideia – falei para Kishan. – Sigam-me.

Nós nos posicionamos na borda do túnel. Toquei a flor de lótus de pérolas do Colar no meu pescoço e sussurrei algumas palavras. Um ronco sacudiu a ilha, e eu ouvi o rugido da água. Ren passou o braço à minha volta quando tropecei com o movimento do solo.

– Espero que eu possa controlar isso – murmurei, nervosa, com os braços estendidos.

Então me concentrei na parede da cratera. As árvores se sacudiram violentamente e um borrimo de água do oceano correu pela parede e mergulhou na bacia. Visualizando o fluxo da água, instei-o a se aproximar, e ele rapidamente rolou sobre a superfície negra do vulcão.

O vapor subiu em vários lugares, sibilando com o som de mil serpentes. Ergui as mãos, formando uma concha, e lentamente as uni. Domei a água, dei-lhe forma, até que ela se tornasse exatamente o que eu queria que fosse, guiando o fluxo na direção do túnel de lava.

A água fria do mar avançou e desceu pela boca aberta do túnel. Eu podia senti-la se movendo através da ilha, passando por túneis com quilômetros de extensão, e instei que uma quantidade cada vez maior viesse até eu ter deslocado do oceano o volume equivalente a um pequeno lago. Abrindo os dedos, mandei a água do subterrâneo fluir sobre a lava, que silvou, fumegou e escureceu quando os dois elementos distintos se encontraram. Permaneci em silêncio, com os olhos fechados, e senti o progresso do curso de água até que sua última gota tivesse evaporado.

Quando abri os olhos, Ren e Kishan me observavam, intrigados.

– Como você sabia que deveria fazer isso? – perguntou Kishan.

– Não sei. Acho que foi a canção. Têm certeza de que vocês não a ouviram?

Quando ambos negaram com a cabeça, eu me perguntei se agora estaria ouvindo coisas além de possuir estranhos poderes e controle sobre objetos mágicos. Qualquer que tenha sido minha inspiração, pareceu funcionar. O túnel ainda estava quente, mas o calor havia reduzido significativamente.

Passamos pela abertura úmida. Enquanto descíamos, o túnel se retorcia e ficava muito escuro, e somente o brilho dos olhos de Fanindra iluminava o nosso caminho. O ar era abafado e úmido. Veios metálicos se agarravam às laterais do túnel, e tossi com os fiapos que flutuavam no ar.

Chegamos a uma bifurcação, e dobrei à esquerda, hesitando apenas quando Kishan sussurrou:

– Como você sabe por onde ir?

– Não sei explicar – respondi. – Apenas sei que é por aqui.

Minha resposta ecoou sinistramente através das escuras passagens. Esfreguei a nuca e afastei a camiseta grudada das costas. Para manter longe da mente o calor e o perigo, cantarolei canções natalinas e fiquei pensando na neve. Para minha surpresa, Ren e Kishan cantaram comigo “Jingle Bells”, mas a música era baixa, hesitante e, quando o eco retornava, soávamos mais como os fantasmas de celebrações há muito esquecidas.

O túnel de lava era arredondado e liso, como se uma minhoca gigante o houvesse aberto para nós. Tinha facilmente três metros e meio de diâmetro, e dois de nós conseguíamos andar lado a lado confortavelmente. Seguimos descendo por quase dois quilômetros. *Certamente estamos bem abaixo do nível do mar agora.* Ouvi um som líquido à frente e me perguntei se ainda haveria um pouco da minha água do mar correndo pelos túneis.

Chegamos a uma seção interrompida que brilhava com uma luz alaranjada. Quando nos aproximamos, uma onda de calor instantaneamente secou o suor do meu corpo.

Ren me deteve, mas nós três nos esticamos para a frente a fim de olhar a abertura. Uns 30 metros abaixo, um rio de lava fluía. Suas bordas irregulares eram escuras e letárgicas, mas o meio era de um tom de laranja brilhante e se movia rapidamente. Uma pele escura e resfriada rachava-se e flutuava na superfície em diferentes pontos, fazendo a lava parecer um pudim laranja-avermelhado deixado descoberto na geladeira.

Kishan me puxou, afastando-me do espetáculo, e continuamos a descida através do labirinto de túneis até que finalmente chegamos a um beco sem saída. Pousei a mão sobre a superfície áspera de uma parede de pedra.

– Não entendo. Este é o lugar – murmurei.

Ren pôs as mãos na parede e as esfregou sobre a superfície, limpando a areia. Kishan e eu ajudamos. Meus dedos entraram em uma leve depressão, e eu deslizei a mão sobre ela, escavando o pó. Um pouco de cascalho solto caiu aos meus pés, e um momento depois eu gritei:

– É aqui. A marca da mão!

Posicionei a mão na depressão e deixei as centelhas crepitantes fluírem sobre a rocha. O desenho em hena surgiu na minha pele e brilhou, iluminando a mão de dentro para fora. A caverna se sacudiu e a parede de rocha se deslocou. Quando a poeira caiu sobre nós, Kishan me agarrou e pressionou minha cabeça contra seu peito, me cobrindo com seu corpo. A pedra gemeu e oscilou para a frente e para trás, então lentamente rolou para o lado e parou. Limpei a poeira do rosto e passei pela abertura.

Estávamos numa plataforma que dava vista para uma gigantesca floresta subterrânea.

– Árvores? Como pode haver árvores aqui? – perguntei, incrédula.

– Não creio que sejam árvores normais. Isso deve ser como Kishkindha – murmurou Ren –, um

mundo subterrâneo.

– Sim, só que aqui é mais quente que o Hades.

Quando Ren encontrou uma escadaria de pedra, começamos a descer. Enquanto seguíamos, eu me maravilhava com a beleza da floresta. Troncos grossos e cobertos de fuligem sustentavam um amplo dossel de galhos cobertos com folhas que tremeluziam suavemente, como as brasas de um fogo agonizante. Gavinhas douradas e encaracoladas brotavam dos galhos e se moviam em nossa direção enquanto caminhávamos.

Ren as observava com cautela e pegou a *gada* na mochila, mas avancei, destemida, e ergui um dedo. Uma pequena gavinha se estendeu na direção da minha mão quase com hesitação e então, lenta e delicadamente, se enrolou em meu dedo e se agarrou a mim. Uma sensação de calor reverberou pelo meu corpo, e o amuleto em meu pescoço começou a brilhar.

– Kelsey? – disse Ren, dando um passo em minha direção.

Ergui a mão para detê-lo.

– Está tudo bem. Não está me machucando. – Eu sorri. – Ela é atraída pelo poder do amuleto.

Outra fina gavinha com duas folhas trêmulas roçou em meu rosto. Kishan se aproximou da árvore, mas as folhas piscaram cores de alarme. Acaricieei o tronco para tranquilizá-la.

– Eles não vão machucar você. Não precisa ter medo de nós.

A árvore pareceu se recuperar e deixou Kishan tocar um galho.

Tremendo delicadamente, a árvore de fogo estendeu outra gavinha com minúsculos botões que desabrocharam em pétalas de um laranja vivo com folhas douradas.

– É linda! – exclamei.

Kishan resmungou, dizendo:

– Elas parecem gostar de você.

As folhas tremeram e se voltaram em nossa direção enquanto continuávamos a descer a encosta.

Vimos samambaias e plantas de fogo que explodiam em florações radiantes ao passarmos. Ren e Kishan encontraram trilhas e avistaram um animal laranja-avermelhado que se assemelhava a um coelho. A floresta parecia nos envolver em um clima cálido, mas nos poupava do calor devastador do vulcão. O ar era seco, e o solo, rico e escuro, como a mais fértil terra adubada. Um espesso musgo reluzente, numa variedade de tons de laranja e vermelho, cobria rochas negras e troncos de árvores.

Sentamo-nos em um tronco caído e comemos o almoço produzido pelo Fruto Dourado, comentando baixinho sobre a estranheza do lugar. As árvores com frequência estendiam gavinhas encaracoladas para tocar meu cabelo ou meu braço. O amuleto brilhava com o contato, e o calor se espalhava pelos meus membros. Eu tinha a sensação de que elas estavam recarregando minhas baterias, e o calor já não me incomodava.

Embora a floresta estivesse incandescente de luz, o céu era escuro e sem estrelas. Começamos uma subida e, depois de chegarmos ao pico, Ren apontou para o horizonte distante.

– Estão vendo?

– Vendo o quê? – perguntei.

– Lá adiante. Uma cadeia de montanhas. É difícil de ver porque as montanhas são pretas sobre

preto.

Kishan disse que conseguia divisar o contorno, mas tudo o que eu enxergava era escuridão.

– Sua visão de tigre deve ajudar. Não consigo ver nada.

Ren assentiu e sugeriu que montássemos acampamento no vale abaixo. Tínhamos começado a descer quando uma luz brilhante atravessou o céu e explodiu numa cascata silenciosa que me fez lembrar dos fogos de artifício do Quatro de Julho. Então, como se alguém tivesse apertado um interruptor, todas as árvores escureceram. Eu não conseguia ver nem a um palmo diante do meu nariz.

– O que aconteceu? – perguntei, nervosa.

Ren pegou minha mão e me puxou para seu lado.

– Não sei – disse.

Os olhos cor de esmeralda de Fanindra brilharam, lançando um bem-vindo lampejo esverdeado naquele mundo escuro e estranho. Ren abriu caminho colina abaixo, segurando com força minha mão.

Na base, montamos acampamento e criamos uma grande tenda com o Lenço. Quando estendi a mão para tocar o galho de uma árvore, não senti nada. Ele não se moveu nem me encheu de calor. Parecia morto. Pus a mão no tronco e deixei que um pouco da minha energia de fogo se infiltrasse nele. Uma débil vibração confirmou que a árvore estava viva, mas deduzi que aquele fosse o seu jeito de dormir.

Quando rastejei para dentro da tenda, juntando-me a Ren e Kishan, eles pararam de falar abruptamente.

– Estão de segredinhos, é? – provoquei. – Não quero saber mesmo. Só queria lhes dizer que as árvores estão adormecidas.

– Certo. Vamos ficar de guarda esta noite – declarou Ren. – Achamos... É possível que você esteja sendo manipulada, Kells.

– O quê? – Eu ri. – Vocês estão falando sério?

Nenhum dos dois fez contato visual comigo.

– Vocês acham que as árvores estão me desviando do caminho?

Ren falou com suavidade:

– Temos que manter a mente aberta para essa possibilidade.

– E por essa razão vamos ficar de guarda, e você não tem permissão para participar – acrescentou Kishan.

Cruzei os braços diante do peito.

– Acho que sei quando estou sendo manipulada. E por que vocês tigres sempre pensam que sabem o que é melhor para mim? Vocês são tão, tão... homens!

– *Kells* – ambos protestaram.

– Ótimo. Façam isso. E, aproveitando, me deixem em paz.

Ouvi Kishan suspirar e um suave “Boa noite, Kelsey” quando rolei e enfiei a mão debaixo da bochecha. Então me contorci, me livrando do cobertor por causa do calor, e adormeci.

Um lampejo de luz penetrou o tecido da tenda e me acordou. Ouvi um estalo e um zumbido metálico, e de repente tudo estava banhado em uma bruxuleante luz de fogo.

Ren estava dormindo. Tinha um braço erguido acima da cabeça e o outro descansava em sua barriga. Eu me aproximei, e ele suspirou e acomodou melhor a cabeça no travesseiro.

Eu queria estender a mão para tocá-lo. Sabia que sua pele dourada estaria suave e quente, mas em vez disso fiquei ali, ouvindo-o respirar silenciosamente, e me perguntei como podia estar noiva de um homem e ainda desejar outro.

Que pessoa horrível eu sou, pensei e saí cambaleando da tenda.

– Bom dia, *bilauta* – disse Kishan, de guarda. – Ainda está zangada?

– Não.

– Ótimo.

Ele me envolveu em um abraço de urso e beijou minha cabeça. Uma minúscula gavinha, tão delicada quanto a pata de um gatinho, tocou as costas da minha mão. Deixei-a se enroscar no meu dedo mínimo e absorvi seu calor.

Sentindo-me grudenta e suja por causa do vulcão, eu me afastei um pouco e tentei arranjar um chuveiro usando o Colar. Mas assim que as gotas de água tocaram as árvores, elas se sacudiram violentamente e suas folhas se tornaram marrons e caíram.

Humm... que estranho, pensei, interrompendo o fluxo de água. Lembrando-me da atração das árvores pelo amuleto de fogo, ponderei se o fogo não seria sua fonte de energia.

Tentei reparar as árvores danificadas aquecendo-as com meu poder de fogo. A primeira árvore começou a se curar, mas eu ainda podia sentir a energia se esvaindo dela. Inconsolável, retirei as mãos do tronco enquanto lágrimas silenciosas escorriam pelo meu rosto.

Ren me encontrou alguns minutos depois, enxugou uma lágrima e perguntou:

– Por que está chorando?

– Matei uma árvore – confessei em meio a uma fungada. – Acho que estas árvores se alimentam de fogo e morrem quando entram em contato com a água. Tentei salvá-la mas não tenho poder suficiente.

Ele estudou a árvore, então pegou minha mão e a colocou sobre o tronco.

– Tente outra vez.

Fechei os olhos e deixei o fogo se acumular até que ele começou a fluir para a árvore. Senti que o débil brilho dentro dela me respondia e tentava me alcançar com dedos fracos. Estendemos as mãos uma para a outra, mas eu sabia que não iríamos cobrir a distância. Em desespero, recomecei a soluçar, mas então senti uma explosão de energia dourada irradiar de minhas mãos e seguir das raízes da árvore para as folhas antes ardentes. O ouro líquido correu por galhos desfalecidos, revigorando gavinhas secas e escuras em sua passagem.

Pulsando com uma nova vida, a árvore buscou a mim e acariciou suavemente meu cabelo e meu rosto. Minhas lágrimas secaram com o calor. Um galho me envolveu em um abraço folhoso, e eu me deixei ficar alegremente em sua luz. Dando meia-volta, percebi que as outras árvores também haviam sido curadas.

– Como uma árvore curou todas as outras? – perguntei em voz alta.

– Talvez as raízes estejam conectadas – respondeu Ren.

Ele afastou o cabelo do meu pescoço e deslizou o polegar de leve pelo ponto sensível logo atrás da orelha. Estremeci, e meus olhos encontraram os dele.

– Talvez elas respondam ao seu toque – disse ele baixinho, seus lábios a poucos centímetros dos meus.

– Por que tem que me olhar assim? – indaguei, afastando-me dele e baixando os olhos.

Sua mão deixou o meu pescoço.

– Como estou olhando você?

– Como se eu fosse um antílope. Como antes.

Ren sorriu, mas logo sua expressão tornou-se séria quando ele me puxou para os seus braços.

– Talvez seja porque estou faminto.

– Não comeu hoje de manhã?

Minha tentativa de diluir a tensão com humor fracassou.

– Não é comida o que eu quero, Kelsey. Tenho fome de você.

Eu estava prestes a protestar quando ele pressionou o dedo contra os meus lábios.

– Shh... Deixe que eu desfrute este momento. Tenho poucos e são preciosos. Prometo que não vou beijá-la. Só quero abraçá-la e não pensar em nada nem em ninguém.

Suspirando, deixei minha cabeça cair contra o seu peito.

Passado um minuto ou dois, um Kishan irritado perguntou:

– Já acabou de abraçar a minha noiva?

Ren enrijeceu o corpo e recuou, sem dizer nada.

– Estávamos curando as...

Kishan deu meia-volta e se afastou, furioso.

– ...árvores – falei às suas costas enquanto ele se retirava.

Estava claro que era hora de prosseguir, e depois de uma hora de caminhada praticamente em silêncio chegamos a uma campina cheia de flores fosforescentes que se balançavam em caules finos e negros. A vegetação rasteira era disposta em camadas com sebes douradas, arbustos vermelhos e samambaias cor de cobre mortas, enquanto o matagal adjacente queimava com árvores em amarelo, laranja e escarlate.

Paramos para apreciar a beleza da floresta à nossa volta, e foi aí que ouvi asas batendo no ar. Kishan pegou o *chakram* e Ren sacou a espada dourada, separou-a em duas e jogou uma para o irmão. Ele também girou a faca Sai pendurada em seu quadril até ela se prolongar na familiar forma de tridente. Então ergueu o braço, pronto para lançá-la.

Ouvimos o inconfundível som de uma ave grasnando. Engoli em seco e esquadrinhei o céu escuro, na esperança de que não fosse outro bando de aves de ferro. A criatura disparou em nossa direção como um cometa em chamas, tendo as bordas escurecidas, mas queimando por dentro.

Ela voou em círculos no céu, inclinando a cabeça para nos olhar com o olho branco varrendo o chão feito um holofote. A ave abriu o bico curvo de águia e grasnou de novo, então bateu as asas rapidamente ao mergulhar em nossa direção.

As penas que revestiam as asas da ave eram macias – em parte cabelo de anjo, em parte chamas.

As asas amplas terminavam em pontas definidas que, na parte mais próxima do corpo, eram amarelas, mas terminavam em um vermelho tão escuro que era quase preto.

O bico tinha um tom dourado e as patas eram cobertas com penas laranja-escuro, terminando em garras afiadas e poderosas. Uma crista de fogo se erguia em sua cabeça e uma longa plumagem carmesim protegia-lhe a nuca e refletia a luz chamejante. Tinha uma cauda comprida que se abria em leque atrás dela quando voava. As cores tremeluzentes combinavam com a flora do lugar, e, com as asas, a cauda e a crista ondulando ao vento, a ave parecia verdadeiramente em chamas.

Ela pousou em um tronco caído e agarrou a madeira com força. Dançando para a frente e para trás até estar equilibrada, a ave dobrou as asas e olhou para nós três. Uma voz masculina penetrou a campina. Quente e musical, parecia tremeluzir, como o mundo à nossa volta.

– O que vieram fazer em meu reino? – perguntou a ave.

Ren deu um passo à frente.

– Estamos procurando a Corda de Fogo.

– Por que razão a procuram?

– Queremos concluir nossa missão, levar a Durga o seu presente e recuperar nossa humanidade – respondeu Kishan.

– Para entrar no meu reino, vocês precisam fazer um sacrifício a fim de provar que são dignos.

– Diga-nos o que fazer, e vamos providenciar – prometeu Ren.

Uma suave gargalhada ecoou à nossa volta.

– Não cabe a você oferecer o sacrifício, tigre branco. Não, o sacrifício que exijo é uma esposa *sati*. Só tem uma pessoa aqui capaz de satisfazer meu pedido.

Tanto Ren quanto Kishan saltaram à minha frente, ergueram as armas e gritaram:

– Não! Você não irá levá-la!

Confusa, espiei por entre os ombros largos de ambos e fui imediatamente cativada pelos olhos brilhantes da Fênix.



A esposa sati

Ren e Kishan barravam meu caminho, mantendo uma distância segura entre mim e a Fênix.

– Por que vocês dois estão agindo dessa maneira? – perguntei, tentando passar por eles. – Estamos aqui para negociar. Temos muitas coisas a oferecer em sacrifício. Posso criar frutas ou tecido de ouro ou o que quer que ele deseje.

Kishan baixou o *chakram*, mas manteve os olhos na ave.

– A Fênix não quer um sacrifício qualquer, Kells. Ele quer uma esposa *sati*.

– E o que isso quer dizer?

Ren contraiu o maxilar e me olhou de um modo que eu nunca vira antes. Seus olhos brilhantes se encheram com o mais profundo pesar. Ele sacudiu a cabeça, recusando-se a me responder, segurou com mais firmeza ainda suas armas e deu um passo à frente, posicionando o corpo para se manter entre mim e a ave.

Virei-me para Kishan e pedi suavemente:

– Pode me contar.

Em um tom abafado, Kishan replicou:

– Nos tempos antigos, as mulheres eram ensinadas a se dedicar, de corpo e alma, a seus maridos. Uma esposa *sati* é uma viúva acometida por uma dor tão esmagadora com a morte do marido que não se separa dele. Quando o corpo dele é cremado, ela se atira na pira funerária para mostrar sua devoção e seu amor nesse último e fatal ato.

Ren acrescentou com repulsa:

– Isso foi proscrito na Índia faz algum tempo, e meus pais já tinham proibido a cerimônia em nosso reino.

– Entendi – sussurrei.

Virei-me para encarar a Fênix e senti os lábios de Ren roçarem meu ouvido.

– *Iadala*, nós não vamos entregá-la.

Pousei a mão em seu braço de músculos sólidos como pedra e o apertei de leve. Então agarrei o pulso de Kishan com a outra mão e perguntei à Fênix com o máximo de coragem que pude reunir:

– O que você quer de mim?

A ave inclinou a cabeça para me examinar e replicou:

– Vocês disseram que procuram a Corda de Fogo. Somente os dignos poderão passar pelas minhas montanhas para encontrá-la. A fim de provar o seu merecimento, peço um sacrifício.

– Se eu me oferecesse, eu morreria?

– Talvez. O verdadeiro teste de uma esposa *sati* está em seu coração, não na carne. Se seu coração for puro e seu amor verdadeiro, então sua carne não irá queimar. Se o coração engana, então o corpo não pode passar pelas chamas.

Minhas entranhas se contraíram enquanto meu coração batia duas vezes mais rápido. Registrei Kishan protestando baixinho ao meu lado, dizendo que encontraríamos outra maneira, mas parte de mim já sabia que não havia outra maneira. Minha mente reviu algumas conversas que tive com o Sr. Kadam. Eu quase podia ouvi-lo murmurar em minha mente.

“Não tema a chama, Srta. Kelsey, pois, se estiver preparada, ela não a machucará.”

Mas e se eu morrer?

Sua voz me veio novamente:

“A reencarnação é o velho espírito dando origem a um novo, como uma chama que, antes de morrer, acende uma nova vela. As velas são diferentes, mas a chama vem daqueles que partiram antes.”

Acontece que eu não acredito em reencarnação. Meus olhos se encheram de lágrimas, que transbordaram apesar da secura do ambiente, e lembranças de outra conversa com o Sr. Kadam cintilaram na minha mente.

“E se seu filho ficasse preso em uma casa em chamas?”

“Eu entraria correndo na casa e o salvaria.”

Eu soube então qual deveria ser minha resposta à Fênix. Ergui a cabeça e disse com tranquilidade:

– Eu serei o sacrifício.

A Fênix ergueu as asas e soltou um grito de lamento. Kishan me implorou que não fizesse isso e lançou o *chakram* contra a ave, mas a arma simplesmente circulou a Fênix e retornou para ele.

Ren tremia ao meu lado e tentou negociar com a guardiã imortal. A angústia que ele sentia era clara em sua voz.

– Por favor, imploro que reconsidere. Leve-me no lugar dela. Há precedentes para isso.

– Você está certo ao supor que o sacrifício nem sempre era a esposa *sati* – replicou a Fênix. – Entes queridos de todas as idades, tanto homens quanto mulheres, deram sua vida em pesar e sofrimento, mas o seu coração já foi ofertado.

– O que quer dizer? – perguntei.

A sábia Fênix explicou:

– Ao tigre branco foi dada a chance de esquecer sua amada para salvá-la. O coração dele é puro. Seu amor, certo.

– Então leve a mim – ofereceu-se Kishan.

A ave de fogo considerou Kishan por um momento.

– Não posso fazer isso. A hora do seu sacrifício ainda não chegou, mas fique certo de que você também será testado, embora não por mim. Adiante-se, minha jovem.

Dei um passo hesitante para a frente, o que foi bastante corajoso, levando-se tudo em consideração, mas parei para encarar Kishan.

Ele me abraçou e sussurrou:

– No segundo em que ele a machucar, a cabeça dele será decepada.

– Vou me lembrar de me abaixar – brinquei e beijei-o rapidamente.

Ouvi um soluço de protesto atrás de min. Ren havia caído de joelhos. Ele prendeu os braços em torno da minha cintura e pressionou o rosto contra minha barriga.

– Por favor, não leve isso adiante, Kelsey. Estou implorando a você – suplicou Ren.

– Preciso fazer isso – declarei.

Acaricieei seu cabelo e beijei-lhe o alto da cabeça.

– Eu amo você – sussurrou ele.

– Eu sei – respondi simplesmente.

Com relutância, ele me soltou. Pôs-se de pé, enxugou com raiva as lágrimas que haviam deixado seus olhos azuis ainda mais brilhantes e pegou suas armas com determinação renovada. Afastei-me dele e encarei a Fênix.

– Estou pronta.

A grande ave abriu e bateu as asas, o que mandou ondas de ar quente rodopiando em torno do meu corpo. Minhas mãos tremiam, então as pressionei de encontro à lateral do corpo e esperei a dor.

Dançando com as garras, a Fênix abriu o bico e cantou. As notas eram lindas e doces. Quando a canção terminou, ela disse:

– Agora eles não podem mais detê-la.

– O quê? – perguntei, dando meia-volta.

Ren e Kishan encontravam-se presos numa reluzente caixa de vidro. Eles socavam as paredes transparentes e se lançavam contra elas num esforço inútil de estilhaçar o vidro. Eu podia vê-los, mas não ouvi-los.

– Eles podem respirar ali? – perguntei.

– A jaula de diamante permite que respirem. Eles não se machucarão. O mais importante, porém, é que não atrapalharão o sacrifício. Agora devo lhe pedir que tire o amuleto.

Minha mão voou para o pescoço.

– Por quê?

– O amuleto de fogo a protege neste reino. Se continuar com ele, todas as criaturas da floresta, inclusive as árvores, irão partilhar sua dor.

Imediatamente levei a mão atrás do pescoço para abrir o fecho.

– Promete deixá-lo aqui para Ren e Kishan? Eles vão precisar dele.

– Não tenho nenhum interesse no seu amuleto. Ninguém mexerá nele se você deixá-lo aí.

Tirei o amuleto e Fanindra para proteger ambos. O calor do fogo imediatamente me envolveu. O suor escorria pelo meu rosto, e passei a língua pelos lábios subitamente secos.

Tentei ignorar Ren e Kishan, que claramente pensavam que essa não era uma boa ideia, mas, quando me virei para encarar a Fênix, eu soube que tinha feito a escolha certa.

Então a ave tornou a cantar, e o solo rachou, me separando da ave de fogo. Entre nós estendia-se uma ponte de pedra e cascalho em chamas.

– Se você conseguir andar pelo caminho da chama, poderá transpor minha montanha.

– E se não conseguir?

– Então seus ossos enegrecidos encontrarão seu lugar de repouso aqui neste bosque.

Engoli em seco e coloquei o pé calçado com a bota nas brasas incandescentes. O calor me sufocou. Minha bota começou a fumar. O suor pingava de minhas têmporas, escorria pelo meu pescoço e formava gotículas no meu lábio superior. Dei mais um passo abrasador e mais outro. Embora o caminho fosse pedregoso, fui deslizando, como se estivesse em um lago congelado. Horrorizada, percebi que o solado de borracha das minhas botas havia derretido, transformando-se em poças pegajosas.

Quando meu calcanhar, protegido apenas pela meia, tocou a rocha quente, eu gritei. Ergui o pé e estava prestes a saltar para fora dali quando a Fênix advertiu:

– Se deixar o caminho, sua vida será confiscada.

Tornei a pousar o pé, tomando o cuidado de me apoiar apenas nos dedos, e dei mais alguns passos. Uma lágrima escorreu no meu rosto enquanto eu cambaleava adiante.

A ave acompanhava meu progresso e perguntou:

– Por que seu coração está fechado?

Arquejei de dor.

– Como assim?

Ela não respondeu. Apoiei o pé esquerdo, agora descalço, no chão, e logo pulei para o pé direito. O minúsculo pedaço de sapato que restava derreteu. Gritei em agonia, mas me recusei a deixar o caminho. O que sobrara da parte de cima da meia estava se consumindo. Com uma força inumana, arranquei-a e olhei meus pés enegrecidos. A pele acima dos tornozelos estava vermelha e coberta por bolhas horríveis.

Logo a única dor que eu sentia era nas panturrilhas, e eu soube que o fogo havia queimado as terminações nervosas dos meus pés. Com determinação, dei mais alguns passos.

A Fênix fez outra pergunta:

– Por que não está com o homem que você ama?

Rangi os dentes.

– Eu estou. Eu amo Kishan.

Chamas irromperam em torno dos meus pés e meu short pegou fogo. Eu o apaguei com as mãos e vi que a pele na minha canela agora estava escurecida e se rachando.

Com calma, a ave tornou a perguntar:

– Por que não está com o homem que você ama?

Com a respiração acelerada, arfei:

– Você está falando de Ren, não está?

A Fênix permaneceu em silêncio.

Dei outro passo e gritei de dor.

– Ren e eu não... não combinamos – arquejei. – Ele é um bolo de chocolate recheado e com cobertura, e eu sou um rabanete. Ele vai partir meu coração e me trocar por outra.

– Você está mentindo. Sabe no fundo do seu coração que ele não a deixará.

As chamas lambiam o ar à minha volta. Gritei com um som mais alto do que pensei que fosse

fisicamente possível.

- Seu coração está vedado – disse a ave, imperturbável. – Fale a verdade, e a dor diminuirá.
- É que... ele é um super-herói, e eu sou...

Uma explosão de chamas me envolveu, e eu tornei a gritar, tremendo de fraqueza e emoção.

- Fiz uma promessa a Kishan. Não posso deixá-lo!

Quando as chamas crepitantes me cercaram, gritei novamente. A ave não disse nada e depois que o inferno finalmente recuou, berrei:

– Quer a verdade? Tenho medo de ficar sozinha! Tenho medo que ele morra! Como o Sr. Kadam! Como meus pais!

- A morte é a causa do seu medo, mas não é a razão por que você o mantém à distância.

Meu cabelo estava pegando fogo. Todas as partes do meu corpo queimavam. A fita vermelha com que prendera o cabelo passou flutuando numa brisa. Estava queimando numa das extremidades, e eu a observei, com fascinação, cair no caminho à minha frente e se desintegrar em uma nuvem de cinzas. Senti o rosto molhado. Quando o toquei, a pele enegrecida descascou.

Já sem forças para me manter de pé, caí de quatro.

- Por favor! – implorei. – Pare a dor!
- Fale a verdade, e a dor irá parar. Por que não está com o homem que você ama?

Arfei em busca de ar, sabendo que iria morrer. Olhei para minhas mãos cinzentas, solucei secamente e, com meu último alento, sussurrei:

- Não mereço ser feliz quando todos eles estão mortos.
- Seu coração fala a verdade.

A dor desapareceu como se nunca tivesse existido, mas meu corpo estava tão queimado que parecia quase irreconhecível. Eu não me importava. Contanto que a dor tivesse cessado, eu me deitaria contente em meu leito de fogo e mergulharia no sono da morte.

- O que você daria para ter seus pais e o Sr. Kadam de volta? – continuou a Fênix.
- Qualquer coisa – respondi num sussurro rouco através de lábios queimados e rachados.
- Sacrificaria seus rapazes?

Minha mente que divagava ganhou foco. *Se eu sacrificaria Ren e Kishan para ter meus pais de volta?* Pensei na pequena biblioteca de minha família, nas vezes em que assara biscoitos com minha mãe, nos piqueniques nas cachoeiras. Lembrei-me de minha formatura do ensino fundamental, quando meu pai se levantara num pulo, aplaudindo e enxugando as lágrimas sob os óculos, embora nenhum outro pai houvesse se levantado. Pensei no Sr. Kadam e em como gostávamos de preparar o jantar juntos, em como ele amava tagarelar sobre carros velozes e temperos, e no quanto eu sentia falta dele.

Mas então meus pensamentos se voltaram para Ren e Kishan. *Eu amava os dois. Conseguiria abrir mão das provocações de Kishan ou do sorriso de Ren? Conseguiria desistir dos abraços de urso de Kishan ou do toque de Ren?*

- Não – respondi à Fênix –, não irei trocar a vida deles pela de meus pais ou do Sr. Kadam. Mas você pode ficar com a minha vida. – Tossi, minha voz soando como folhas ressecadas se quebrando.
- Se é que ela vale alguma coisa...

Hesitante, ergui a mão e apalpei meu couro cabeludo nu. Baixei a mão trêmula e consegui verter uma lágrima.

– Pobre avezinha alquebrada – sussurrou a ave. – Você tem razão ao dizer que sua vida não vale muito. Certamente não as vidas plenas de três almas que estão muito além. Talvez, se você estivesse disposta a experimentar o amor e tivesse tido alguns anos de felicidade, poderia ter chegado a algo. Como está, porém, sua vida é bastante patética. Que desperdício!

Tentei assentir com a cabeça, mas havia perdido o controle do meu corpo. A Fênix tinha razão. Eu era patética. Havia desperdiçado minha vida. Tivera tanto medo de perder que nunca tentara ganhar.

– Ainda assim, suponho que um dia você possa chegar a alguma coisa. Certamente parece bastante importante para aqueles jovens. – Depois de um momento, ela continuou: – Acho que vou aceitar a sua oferta. Até que eu a considere pronta para apreciá-la, sua vida é minha. Venha.

Ouvi o ruído pesado de asas no instante em que a Fênix subiu no ar e provocou um vento que soprou em torno do meu corpo carbonizado. Quando ela desceu sobre mim, ouvi sua linda canção mais uma vez. Então tive a sensação de ser erguida e de voar pelo céu. Enquanto pairávamos acima da floresta em chamas, atravessando o céu escuro, mergulhei num sono profundo, gentilmente embalada nas nuvens mais macias.

Sonhei com um grande reino do passado. Em uma biblioteca antiga, Lokesh torturava um humilde escrevente, tentando arrancar informações sobre a rainha Panhtwar Beikthano, a rainha birmanesa de Pyu, cujo irmão havia lhe dado um tambor mágico. Quando ela batia no tambor, o rio ali perto se erguia e caía sobre seus inimigos. Também trouxera chuva durante uma seca e desviara enchentes. O maligno feiticeiro sorriu e murmurou:

– O tambor era para despistar.

Os olhos de Lokesh arderam como fogo antes de a visão mudar para uma noite escura.

Em seguida, vi Lokesh tentar negociar com o neto da rainha o seu pedaço do amuleto, mas ele se recusou a vendê-lo. Lokesh o matou e então se curvou sobre o homem morto e tirou um anel de ouro de seu dedo, deslizando-o para a própria mão. Lokesh sorriu e estendeu a mão sobre uma fonte. A água se ergueu da bacia e rodopiou em um círculo. Então o sonho acabou.

Água, pensei. *Um dos pedaços do amuleto em poder de Lokesh controlava a água.*

Quando acordei, a primeira coisa que reparei foi na pele rosada de minha mão. Minhas unhas estavam perfeitamente arredondadas e sadias. A Fênix não se encontrava em nenhum lugar à vista. Levei a mão ao cabelo e o encontrei denso, cheio e sedoso. Quando esfreguei a pele do meu braço, era macia como uma penugem. Meu corpo estava coberto por um vestido dourado, e, em vez de botas, eu agora usava chinelos macios.

Sentei-me e percebi que me encontrava em um grande ninho ao lado de dezenas de ovos semelhantes a pedras preciosas. O ninho descansava numa saliência precária no topo de uma montanha rochosa negra a centenas de metros de altura. Não havia como eu descer, não sem as cordas do Lenço. Uma floresta de árvores de fogo se estendia pelas colinas até onde eu podia ver.

Meu estômago roncou, e imaginei que fazia horas, senão dias, que eu tomara café da manhã.

Numa montanha próxima, um fluxo de lava derretida mergulhava num penhasco irregular. Ele

despencava no ar, esfriando ligeiramente no processo. A catarata radiante caía em um poço de fogo lá embaixo e o líquido derretido pulverizava-se numa fonte de lava que borrifava as rochas adjacentes, cobrindo-as com camadas escuras. Árvores de fogo formavam um denso anel em torno do poço e pareciam lambe o magma quente, como se fosse a mais fresca das águas minerais.

Uma voz musical quebrou o silêncio.

– São como os de um recém-nascido.

Ergui meus olhos para a Fênix, que se encontrava empoleirada em uma saliência mais acima na pedra, alisando as penas.

– O que são como os de um recém-nascido? – perguntei.

– Sua pele, seu cabelo e suas unhas.

– Você me curou?

– Você curou a si mesma. Quando admitiu a verdade, seu coração a curou. Uma parte de você lutou para viver. – A Fênix inclinou a cabeça emplumada para me olhar. – Eu me pergunto se você irá desperdiçar esse presente.

– Você precisava de uma companhia? Era por isso que queria uma esposa *sati*?

– A esposa *sati* é um símbolo de fidelidade e devoção. Não senti nenhum prazer em vê-la se queimar, mas queria lhe ensinar que o corpo é imaterial. Era o fogo, a paixão do coração que eu queria examinar. Esse fogo nunca diminui e jamais irá cessar. Ele queima ardente e fielmente por milênios. Pude sentir seu coração atribulado quando você entrou na floresta e soube do que você precisava. Eu lhe ofereci a rara oportunidade de expurgar a tristeza que pesa sobre sua alma, mas agora precisa fazer uma escolha: retomar esse fardo ou permanecer livre dele. No passado, nós, Fênixes, oferecíamos nosso fogo purificador a humanos por toda a Terra, mas a humanidade se esqueceu do nosso poder, e seus corações sofrem muito mais por isso.

– Às vezes acho que a tristeza me ajuda a me lembrar deles – admiti à Fênix.

– Essa é uma falsa crença.

Puxei os joelhos até o peito e perguntei:

– O que você faria se estivesse no meu lugar?

– E em que lugar você se encontra exatamente, jovem?

– Você sabe melhor que ninguém. Como supero meus medos? Construo uma vida para mim? Me arrisco a amar alguém? Quando a morte é tudo que lhe espera, qual é o sentido de tentar ter uma vida?

A ave bateu as asas e então as fechou e saltou para o ninho ao meu lado.

– Você sabe alguma coisa sobre a vida de uma Fênix?

– Para falar a verdade, não. A maior parte dos mitos que estudo acaba se provando errada.

– Quase todas as histórias são romantizadas, mas um leitor cuidadoso pode sempre encontrar uma ponta de verdade. Gostaria de aprender sobre minha espécie enquanto esperamos os seus rapazes?

– Eles estão vindo para cá?

– Sem dúvida. Eu os libertei da jaula de diamante. Eles me viram sair voando com você, e é só uma questão de tempo antes de procurarem meu ninho. Eles acham que você está morta, imagine só.

– Mas por que eles procurariam por você se achassem que estou morta?

– Porque – ela deu um riso musical – eles querem me matar. Leio a verdade de suas intenções em seus corações. O de olho azul lamenta o ato, mas está determinado a matar ou ser morto, e o mais musculoso só pensa em arrancar a vida do meu corpo com as próprias mãos.

Apanhei um ovo de turquesa e o esfreguei delicadamente no meu vestido.

– É arrependimento o que vejo em seu coração? – perguntou a Fênix gentilmente.

– Eles... eles ouviram tudo o que eu disse?

– Não. Eles puderam apenas ver o que aconteceu com você.

Suspirei com alívio momentâneo.

– Teria sido mais fácil para você se eles soubessem.

Mudei de assunto.

– Me conte como é ser uma Fênix.

A ave majestosa mudou de posição no ninho, bicou um ovo de rubi e pôs-se a ouvir atentamente.

Depois de um momento começou a falar.

– Uma Fênix pode purificar lagos ou riachos contaminados mergulhando neles o bico. Com uma baforada de fogo, podemos limpar a terra, tornando férteis e vicejantes campos devastados.

– Você já fez isso?

– Infelizmente, não. Mas já vi ser feito através dos olhos de meus ancestrais.

– Como isso funciona? Você guarda toda a memória deles?

– Quando uma nova Fênix nasce, a centelha da vida daquelas que a precederam entra em seu corpo. A Fênix nasce com o conhecimento e as habilidades de seus antepassados. Por exemplo, posso curar doenças e trazer sorte àqueles que me vislumbam quando passo voando, e conheço todas as línguas da Terra, mesmo aquelas que, com o tempo, desapareceram. Batendo as asas, sou capaz de nivelar uma montanha. Posso pôr homens e feras para dormir com o meu canto. Tenho o poder de transformar criaturas vivas em pedra ou cinza, embora nunca houvesse tido razão para fazer isso. As Fênixes menos altruístas do passado secavam lagos para saborear peixes frescos e matavam elefantes para comer, mas somente até aí iam nossos atos de maldade.

– Como vocês podem comer um elefante?

– Comemos da mesma maneira que outras aves de rapina. Se o animal estiver vivo, nós o levamos até uma grande altura e então o largamos.

– Minha nossa!

– Pois é. Na minha mente, já assisti à destruição do mundo e seu subsequente renascimento três vezes. Uma Fênix possui o conhecimento das eras que nos foi transmitido com a expectativa de que iremos guardá-lo e conceder a sabedoria à humanidade somente quando ela houver provado seu mérito.

– O Sr. Kadam certamente teria gostado de conversar com você.

A Fênix sacudiu a cabeça e arrepiou a crista antes de relaxar.

– Então você nasce mesmo das chamas? – arrisquei. – Já ouvi falar que uma Fênix pode viver por mil anos antes de morrer e renascer.

– Mil anos! – zombou ela. – Se isso fosse verdade, eu poderia realizar tantas, tantas coisas nesse

tempo...

– Então... quanto tempo você vive?

– Meu tempo não é medido nem por um só dos seus dias.

– O quê?

Ela me dirigiu um olhar penetrante.

– Viverei até o fim deste dia. Ao alvorecer, uma nova Fênix irá se erguer. Nem sempre foi assim.

– Mas então, como você realizou tantas coisas? Como conseguiu aprender todas essas línguas e acumular tanta sabedoria?

– Não consegui. Meus ancestrais, sim. Nos tempos antigos, uma Fênix vivia por éons. A humanidade acreditava em nós, precisava de nós. Éramos sua inspiração, sua esperança num futuro melhor, um símbolo de renovação, renascimento, verdade, lealdade e fidelidade. Pediam-nos que abençoássemos novos casamentos, pois trazíamos sorte, e ajudávamos jovens casais a encontrar harmonia e contentamento ao começarem a vida a dois.

– Que incrível! – exclamei.

– Mas então o mundo começou a mudar. Os humanos esqueceram não só a Fênix, como também as ideias que simbolizávamos. Não éramos mais necessárias, então desaparecemos. Agora tomamos conta da floresta de fogo. Cuidamos das chamas no centro deste mundo, pois no centro fica o coração. Você me perguntou antes como superar seus medos e criar uma vida para si mesma, como poderia se arriscar a amar alguém quando a morte era tudo que a esperava. Ora, o fim do dia se aproxima, e, enquanto olho nos olhos de minha própria morte, vou lhe dizer que o amor é a única coisa neste Universo pela qual vale a pena correr todos os riscos. O propósito da vida é desenvolver a sabedoria e seguir as verdades encontradas em seu próprio coração. Se fizer isso, será feliz, mas se desperdiçar sua vida sendo infeliz por causa de suas escolhas, ou da falta delas, a morte de seus pais e a do Sr. Kadam não terá tido qualquer propósito, nenhum significado. Viva cada dia como se fosse o último. Não se esqueça disso.

– Não vou me esquecer.

A Fênix se levantou e abriu as asas em toda a sua envergadura. Batendo-as devagar, ergueu a cabeça e cantou docemente. Um cometa riscou o céu escuro e a voz da Fênix vibrou através do meu corpo enquanto ela anunciava:

– Sou chamada Pôr do Sol, a Fênix crepuscular. Aceite o meu sacrifício para que o guardião do Conhecimento das Eras, o Vigilante da Humanidade, o Fogo Encontrado em Todos os Corações, viva novamente!

Dito isso, ela fechou as asas, enfiou a cabeça no peito e explodiu em um inferno de fogo que lhe consumiu o corpo completamente em questão de segundos. Enquanto protegia meus olhos, ouvi a canção triunfante da Fênix ecoar através das chamas. O cometa veio em direção à nossa montanha e uma luz branca se ergueu da criatura que ainda queimava e disparou para o ovo de rubi aos seus pés. O ovo brilhou por um breve instante e então foi coberto de cinzas negras e quentes, que caíram da Fênix fumegante.

O cometa passou sobre o pico da montanha e desapareceu. Com um estalo, as árvores de fogo se extinguíram, e eu me vi mergulhada na escuridão.



Fruta do fogo

Quando as trevas me cercaram, senti que afundava nelas, diminuindo de tamanho, como se estivesse me afogando num oceano quente. O ar era denso e palpável. Eu piscava repetidamente, esperando que meus olhos se ajustassem e eu pudesse enxergar alguma coisa. Até mesmo as cataratas de lava haviam escurecido. Após alguns minutos, deitei minha cabeça no ninho e tentei dormir.

Uma leve batida, como a de um filhote de pica-pau bicando uma árvore, me acordou. Eu podia sentir as vibrações na palma de minha mão, que descansava no ninho. Uma brisa morna soprou meus cabelos sobre os ombros. Eu me sentei e os afastei do rosto. Ao fazê-lo, percebi que a brisa havia também limpado parte das cinzas que cobriam o ovo de rubi da Fênix.

Ele brilhava por dentro com uma luz vermelha e pulsante. Tomando cuidado para não danificar nenhum dos outros ovos de Fênix, engatinhei para mais perto e ouvi um ruído baixinho, como se fossem arranhões. O ovo de rubi sacudiu-se ligeiramente e uma explosão de luz branca surgiu quando a casca começou a se quebrar. Fascinada, fiquei observando a lenta eclosão de um bebê Fênix.

Depois de vários minutos, um bico dourado abriu um pequeno buraco na casca, então recuou. Com outra explosão de energia, um pé de garras douradas emergiu e agarrou a casca no momento em que a luz penetrava a escuridão. Quando olhei por sobre o ombro, vi o cometa da aurora riscar lentamente o céu negro.

Mais um estalo, e a casca se partiu. Pude ver as cores avermelhadas ardentes da ave tentando sair, retorcendo o corpo desajeitadamente para a frente e para trás a fim de se libertar do ovo. Suas penas estavam molhadas e grudentas e colavam-se ao corpo carmesim. Eu podia ver o rápido batimento do coração da Fênix batucando de encontro ao fino peito.

O bebê Fênix descansou a cabeça na casca quebrada, meio dentro e meio fora do ovo. Ele piou alto e, quando piscou e abriu os olhos, eles brilharam como minúsculas lanternas brancas. Em um lampejo, eu soube que ele possuía a inteligência de seu antecessor.

O cometa passou acima da montanha, iluminando o vale e sinalizando um novo dia. A Fênix pareceu ganhar força do fogo e começou a limpar as penas. Em questão de minutos, sua linda plumagem estava seca, e a ave movia-se por ali com energia. Ela saltou até mim. Estendi um dedo para tocar-lhe a cabeça. A Fênix ergueu a crista e fechou os olhos, inclinando o pescoço em minha

direção. Durante a hora seguinte, observei-a amadurecer rapidamente.

Embora semelhante na forma, seu colorido era diferente do de Pôr do Sol. Seu corpo inteiro era coberto por tons avermelhados, exceto pelos pés e bicos dourados.

– Saudações – disse a nova Fênix com um guincho. – Eu sou Amanhecer.

– Prazer em conhecê-lo, Amanhecer. Você deve estar com fome. Talvez eu possa encontrar alguma coisa para você.

– Eu... não vou comer.

– Por que não?

– Eu só vivo por um curto período. Não vou caçar e matar outra criatura para saciar meu apetite.

– E quanto a frutas? – perguntei.

– Fênixes amam frutas de fogo – respondeu ele. – Mas, ai! Faz muitos séculos que não nasce nenhuma por aqui.

– Quando os irmãos chegarem, vou tentar criar frutas de fogo para você.

– Sim, se sobreviverem à escalada. Os tigres branco e negro estão vindo para cá agora.

Olhei com ansiedade para baixo, mas não os vi.

– É hora de escolher um novo ovo – anunciou a Fênix.

– Já? Mas você acabou de nascer – comentei, confusa.

– A jovem Fênix aí dentro precisa de tempo para se desenvolver antes que o meu tempo se esgote. Se quiser ajudar, pode trazer os ovos até mim para que eu escolha o certo.

Reuni dezenas de ovos de Fênix. Todos cintilavam, iluminados pelo próprio fogo interior. Depois de ter reunido uma pilha considerável de ovos de pedras preciosas, ergui um de cada vez para que a jovem Fênix os inspecionasse. Ela examinou o coração de cada ovo e declarou que nenhum deles estava pronto. Quando a pilha no ninho havia se esgotado, ela pediu mais.

– Há mais ovos nas rachaduras ocultas e nos penhascos da montanha.

Rapidamente, pus de lado o ovo de ametista que estivera polindo e saí à caça de mais ovos preciosos.

– Você vai pôr mais ovos hoje?

– Não. Todas as Fênixes são machos. Não botamos ovos.

– Então como eles vieram parar aqui? – indaguei.

– Não temos nenhuma mãe, até onde sabemos. Mesmo a sabedoria de séculos não explica de onde viemos, mas sempre soubemos que, quando os ovos se acabarem, será o fim de nossa linhagem.

– Não há muitos ovos, levando-se em conta que vocês vivem por apenas um dia.

– Não tememos o futuro. Cada uma de nós tem direito a determinado tempo. Quando os ovos acabarem, deixaremos de existir. Não me preocupo com coisas que não posso controlar.

– Não consigo imaginar como seria viver por apenas um dia.

– Se você fizer o seu melhor, um dia pode ser mais satisfatório que uma vida inteira desperdiçada – replicou a jovem e sábia ave.

Escorreguei em algumas pedras soltas e quase deixei cair um delicado ovo de opala, mas consegui me equilibrar a tempo. Quando o coloquei diante da Fênix, perguntei:

– Cada ave tem uma coloração diferente?

– Sim. Cada ave é única. A coloração do ovo é semelhante às penas da ave. – Ela examinou o ovo de opala e o dispensou. – Não, este também não.

Orientada pela Fênix, fui escalando e me afastando cada vez mais do ninho à procura de mais ovos. O penhasco era perigoso, então avancei com cuidado. Quando cheguei oscilando a uma estreita saliência, vi um reluzente ovo amarelo de topázio numa elevação pouco além do meu alcance.

Enfiei o pé numa fenda e impulsionei o corpo para cima até conseguir tocar o ovo com a ponta dos dedos. Eu precisava subir mais. Erguendo o outro pé, pisei numa pedra que se projetava e testei apoiar meu peso nela. Confiante em que ela aguentaria, continuei a escalar.

O ovo era lindo. Reluzia como um diamante amarelo e era do tamanho aproximado de uma bola de futebol americano. Guardei-o com todo cuidado dentro do meu vestido, acima do cinto. Minha pele ficou quente onde ele encostava. Comecei a descer, procurando cegamente um lugar para apoiar os pés.

Meu pé ainda estava no ar quando de repente a pedra que sustentava meu peso começou a se deslocar. Ela se soltou e despencou no vale lá embaixo, e meu corpo se chocou com a parede do penhasco à direita. Agarrando-me à saliência apenas com a ponta dos dedos, gritei, desesperada, pedindo ajuda à Fênix. Então meus dedos escorregaram, soltei um berro e caí.

Felizmente, após um instante de queda livre, alguma coisa deteve minha descida. A princípio, pensei que tivesse ficado presa em um galho de árvore, mas então olhei para cima e vi o rosto do meu salvador.

– Você está bem? – perguntou Ren.

Passei os braços por seu pescoço, abracei-o com força e exclamei “Obrigada! Obrigada! Obrigada!” enquanto o beijava nas bochechas repetidamente.

Ele tocou meu rosto com delicadeza.

– Por nada.

Ren apertou meu corpo contra o dele e então recuou com uma expressão confusa enquanto seus olhos examinavam minha barriga protuberante. Ele ergueu uma sobrancelha e ficou me encarando.

Olhei para baixo, para a saliência oculta em minha roupa, envolvi com os braços minha carga preciosa e gritei:

– Meu ovo! Ren, rápido! Me ponha no chão!

Assim que ele me deixou no chão, peguei o ovo amarelo e o examinei, em busca de fraturas.

– Está perfeito – concluí, sorrindo aliviada, e o coloquei com cuidado no chão do ninho.

Ouvi os ruídos de uma luta e girei, dando de cara com Kishan se lançando sobre Amanhecer. A Fênix havia crescido novamente e estava quase do tamanho de sua predecessora. Kishan gritava com a ave enquanto a estrangulava lentamente. Lágrimas escorriam pelo belo rosto de Kishan.

Agarrei o braço dele e puxei com toda minha força, mas Kishan simplesmente me empurrou rudemente e gritou:

– Me deixe em paz, Ren. É meu direito!

Ren me ajudou a levantar.

– Ele ainda acha que você está morta.

Contornei correndo o ninho para ficar de frente para Kishan – que só tinha olhos para a Fênix. Kishan tentava sem sucesso torcer-lhe o pescoço e arrancar suas asas do corpo, mas a Fênix era indestrutível.

– Kishan, por favor, pare – pedi suavemente.

Kishan imobilizou-se e então limpou as lágrimas dos olhos e ergueu a cabeça.

– Kelsey?

Assenti e estendi a mão. Ele soltou a Fênix, que se afastou alguns passos e se sacudiu vigorosamente. Amanhecer bateu as asas várias vezes e então voou para uma saliência um pouco mais acima, fora de nosso alcance.

– Você está viva? – Kishan pegou minha mão e me puxou para um abraço apertado, alisando meu cabelo enquanto seu corpo tremia de alívio. – Eu pensei... pensei que nunca mais a veria. Que eu não conseguiria nem encontrar seu corpo e levá-lo para casa.

– Tentei lhe dizer que ela não estava morta – disse Ren baixinho e de forma trivial.

– Como você sabia que eu estava viva? – perguntei, ainda esmagada contra o peito de Kishan. – Fiquei muito queimada.

Os olhos azuis de Ren furavam os meus quando ele admitiu baixinho.

– A princípio, eu não sabia, mas depois me dei conta de que eu sentiria se você tivesse partido. – Ele interrompeu o contato visual e apanhou um ovo. – Mas não imaginei que você estaria curada.

Dei um último abraço em Kishan, pigarreei e anunciei:

– Ren, Kishan, quero que conheçam Amanhecer.

– E que cumprimento memorável foi esse – sibilou a Fênix de mau humor.

– Você está machucado? – perguntei.

– Você se importaria se eu estivesse?

– É claro que sim.

Ouvi um suspiro musical.

– Não, não estou machucado. Mas não graças a esse brutamontes ao seu lado.

Kishan, ainda zangado, ameaçou:

– Eu o julguei responsável pela morte dela.

– Ela está muitíssimo viva. E, na verdade, melhor do que antes.

– O que quer dizer com melhor? – perguntei.

– As cicatrizes na sua perna desapareceram.

– O quê?

Ren se abaixou e examinou minhas panturrilhas à procura das cicatrizes do tubarão e do *kraken*. Virei a perna de um lado para outro e só encontrei pele rosada e saudável.

A Fênix olhou nosso grupo com perspicácia.

– Parabenizo vocês dois por terem escalado a montanha com sucesso. Como é direito seu, diante de tal feito, eu lhes concedo passagem para o outro lado, como prometido, e ainda lhes darei um presente. Cada um de vocês pode levar algo de minha montanha para o outro mundo. Façam sua escolha quando estiverem prontos. E, para lhes mostrar que criatura magnânima eu sou, o tigre

negro pode começar.

Kishan resmungou e foi apanhar um ovo de Fênix. Mordi o lábio, sabendo que ele teria que devolvê-lo já que os ovos eram tão raros. Ele escolheu um de marfim leitoso com estrias laranja-douradas. Eu estava prestes a dizer algo, quando a Fênix falou.

– Fez sua escolha então, tigre negro?

Kishan assentiu.

– Você não sabe o que pegou, mas eu lhe darei este ovo com a condição de que você o guarde por todos os seus dias e que ele permaneça na sua família. Quando o tirar deste lugar, ele se transformará de ovo numa pedra da verdade, e jamais se tornará uma Fênix. Quando segurá-lo, você reconhecerá se aqueles à sua volta falam a verdade e poderá ver dentro do coração deles. Ele lhe dará sabedoria se usá-lo para ajudar os outros, mas, caso o use para manipular ou explorar, o coração da Fênix irá destruí-lo. Este é um presente muito precioso.

Kishan inclinou a cabeça.

– Obrigado e eu... peço desculpas por tentar matá-lo.

– Proteja o ovo, e aceitarei suas desculpas... um dia. – A Fênix mudou o peso de um pé para o outro e se acomodou na saliência da rocha. – E agora você, tigre branco.

– Eu pediria para levar Kelsey comigo – replicou Ren.

A ave deu uma risada musical enquanto Kishan fechava a cara.

– Você é sábio de pedir a garota, pois eu estava seriamente tentado a mantê-la comigo. Eu iria gostar de ter uma companhia, assim como as outras Fênixes, mas promessa é promessa. Pode levá-la com você. Agora é sua vez, minha querida. O que gostaria de levar como prêmio?

– Mas eu não escalei a montanha.

– De certa forma, escalou. Fênixes não fazem ofertas duas vezes. Sugiro que você aceite minha generosidade.

– Certo. Então... gostaria de ter um pouco da sua sabedoria.

– A sabedoria das eras é mais do que uma mente mortal pode compreender. A forma corpórea que você agora possui seria oprimida e danificada até o ponto da morte, mas talvez, em vez disso, eu possa responder a uma pergunta sua.

– Está bem. – Fiz uma breve pausa enquanto pensava no que queria perguntar. – Minha pergunta é esta: um dia verei meus pais ou o Sr. Kadam novamente?

– Tem certeza de que quer que eu responda a essa pergunta? Eruditos, sacerdotes, reis e leigos ao longo dos séculos já ponderaram e debateram a vida após a morte. Os homens sempre tiveram a necessidade de olhar além, de aspirar a alguma coisa maior do que eles mesmos. É por não conhecerem o futuro que encontram a esperança que lhes dá a motivação para mudar. Você ainda quer saber a resposta?

– Sim – sussurrei.

A Fênix abriu as asas e saltou para a borda do ninho, me fitou e disse:

– Então sua resposta é sim, embora você possa não reconhecê-los quando estiverem por perto. Lembra-se de quando Pôr do Sol disse que o amor era a única coisa no Universo que valia qualquer risco? A razão para isso é o fato de o amor ser duradouro. Ele flui não só por este mundo mortal,

como além.

– Obrigada. – Enxuguei uma lágrima no meu rosto, aproximei-me da ave e envolvi seu pescoço gentilmente com meus braços.

– De nada – cantou Amanhecer docemente em meu ouvido. – Agora talvez você queira me mostrar aquele ovo pelo qual arriscou a vida.

Ren apanhou o ovo de topázio e o entregou a mim. Eu o segurei de modo que a Fênix pudesse examiná-lo com um olhar ofuscante. Feixes paralelos dispararam para o interior do ovo, e o centro se iluminou com uma pequena luz vermelha do tamanho de uma moeda. A luzinha pulsou, e a Fênix cantou uma melodia feliz.

– O que é isso? – perguntei.

– É o coração da próxima Fênix.

Respeitosamente, abri um lugar especial no centro do ninho e acomodei o ovo sobre um leito macio de folhas de fogo crepitantes. A ave me observava com aprovação e então abriu as asas e mergulhou da borda do ninho. Voando em um círculo, ela ganhou velocidade e soltou a voz. O eco ressoou pelo vale. A montanha se sacudiu e, a uma pequena distância do ninho, a rocha se partiu em uma grande explosão. Quando a poeira assentou, vi um túnel escuro na face rochosa.

A Fênix pousou novamente no ninho e disse:

– Esta abertura os levará à gruta chamada Caverna do Sono e da Morte. Atravessem-na rapidamente. Se forem velozes, poderão cruzá-la em dois dias. Não se demorem, pois, se se cansarem e adormecerem, não mais acordarão. Cuidado com os *rakshasas* na floresta do outro lado. Vocês encontrarão a Corda de Fogo escondida perto da Cidade de Luz, mas terão que derrotar os Senhores da Chama para pegá-la. Além disso, se tiverem chance, tentem salvar a manada de *qilins* que costumava andar livremente pela floresta de fogo. Se forem libertados, encontrarão o caminho de volta para cá sozinhos.

A Fênix se dirigiu a Kishan:

– Ela vai precisar do amuleto para prosseguir. Fora da segurança do meu ninho e sem ele, o calor irá matá-la. Vocês dois regeneraram suficientemente bem por conta própria para sobreviver.

Kishan assentiu, pôs o precioso ovo de Fênix na mochila e então retirou o amuleto de fogo e prendeu o fecho atrás do meu pescoço.

Ren pegou Fanindra em sua mochila e a deslizou pelo meu braço.

– Está pronta? – perguntou ele.

– Estou – respondi.

Kishan testou a subida até a caverna enquanto Ren o orientava verbalmente. Pisei na borda do ninho, peguei a mão estendida de Kishan e então, abruptamente, me voltei.

– Eu quase me esqueci – expliquei, e então murmurei algumas palavras.

O ninho se encheu com montes de uma grande fruta laranja-avermelhada que parecia uma mistura entre uma pitaia e um figo-da-índia. A fruta, do tamanho de um abacaxi, tinha uma casca semelhante a couro, com folhas macias que se estreitavam numa ponta aguda, como as garras da Fênix.

Amanhecer bateu as asas, animado.

- Ah! Frutas de fogo!
- Talvez, quando acabar de comê-los, você possa plantar as sementes e cultivar mais árvores.
- Vou plantar um bosque! Por favor, levem uma para provar. O suco irá revitalizá-los.

Agradei à Fênix, enfiei a fruta de fogo na mochila e desci do ninho, passando para a saliência de pedra com Kishan. Ele estava agarrado ao lado, com os pés firmemente plantados, uma das mãos envolvendo minha cintura. Somente quando Ren se aproximou por trás para me segurar foi que Kishan avançou.

Não precisamos ir longe. Kishan impulsionou o corpo para dentro do túnel e me estendeu a mão. Dei um gritinho quando ele me puxou para os seus braços, mas me recuperei rapidamente. Logo, Ren se juntou a nós, e começamos a percorrer a passagem escura. Os olhos de Fanindra brilhavam enquanto descíamos para o coração dos penhascos negros que levavam na direção do lugar misterioso nem sequer mencionado na profecia do Sr. Kadam, chamado a Caverna do Sono e da Morte.



A Caverna do Sono e da Morte

Arrastei os dedos pela superfície do túnel e descobri que era lisa em algumas partes, quase como a face de uma pedra cortada. Blocos soltos de pedra preciosa negra encontravam-se caídos no chão do túnel e estalactites pontiagudas pendiam do teto. Estremeci ao passar debaixo delas, lembrando-me do túnel submarino do *kraken*.

Contei a Ren e Kishan sobre a nova visão que eu tivera de Lokesh e que o pedaço do amuleto da rainha controlava a água. Em detalhes minuciosos, expliquei o que aconteceu e flagrei Ren e Kishan se entreolhando, obviamente preocupados com o fato de minha conexão com Lokesh estar se tornando mais forte. Eu não os culpava. Eu também estava preocupada.

Mudando de assunto, pedi ao Lenço que me fizesse roupas novas sob as que eu estava usando, pois um vestido dourado não combinava com minha ideia de traje próprio para atravessar um túnel assustador.

Depois de 10 minutos caminhando, comecei a me sentir claustrofóbica e nervosa. Eu sabia que tínhamos que percorrer o túnel sem dormir e que isso levaria, na melhor das hipóteses, dois dias. Ren e Kishan falavam de sua infância para passar o tempo e para me distrair, evitando que eu passasse mal.

Parávamos para descansar com frequência porque minha nova pele se feria facilmente e eu não tinha mais calos protegendo os pés. No fim do primeiro dia, eu estava com tantas bolhas que Ren envolveu meus pés em ataduras, me fez um par de chinelos macios, e ele e Kishan passaram a se alternar me carregando. Embora o tratamento de rainha fosse bom, meus olhos logo começaram a pesar.

Lutei contra o sono e tentei manter uma conversa animada com Kishan, mas durante a longa noite, aninhada em seus braços, acabei cochilando e rapidamente compreendi a advertência da Fênix. Quando meus olhos tremularam, fechando-se, algo sombrio dominou minha consciência. Minha cabeça ficou pesada, e pude sentir o fluxo do sangue em minhas veias desacelerar até parar.

Alarmada, tentei despertar, mas não consegui. Era como se eu estivesse de volta ao ninho com Amanhecer e o ovo de topázio, oscilando na borda de um precipício, e tivesse acabado de despencar.

Mergulhei em outra visão de Lokesh. Minha mente pareceu sintonizar-se com a dele, e eu soube que ele procurava informações sobre outro pedaço de amuleto com um pobre criado.

O homem, que fora violentamente espancado, ergueu um punhado de papéis amarrotados e

murmurou:

– Segundo os registros, dois grandes guerreiros, Chandragupta e Seleuco, costumavam se encontrar em batalha, antes de 305 a.C., até que misteriosamente toda a guerra cessou e eles assinaram um tratado de paz. Seleuco, que servia sob o comando de Alexandre, o Grande, apresentou a filha ao imperador para que ele a tomasse como esposa, e o imperador enviou-lhe em troca 500 elefantes de batalha. Seleuco assumiu seus territórios do leste da Ásia depois que o imperador morreu.

– Prossiga – disse Lokesh ao homem assustado, depois de chutá-lo brutalmente.

Senti o prazer de Lokesh com a violência e me encolhi, horrorizada.

O criado leu uma carta para Lokesh.

– Seleuco havia oferecido a Chandragupta terras que margeavam o rio Indo em troca de mercadorias e soldados. Chandragupta replicou: “Vou considerar sua oferta se você concordar em nivelar a montanha que bloqueia a vista de meu palácio. Você tem o poder para isso, afinal!”

– Pare! – ordenou Lokesh e pediu as cartas.

Quando o criado as entregou, Lokesh usou sua magia, e o vento rodopiou em torno dele. Raios azuis crepitaram na ponta de seus dedos e atingiram o homem desavisado, que tombou no chão. Marcas negras de raio riscavam seu peito.

A visão mudou, e eu estava novamente com Lokesh em uma terra estranha.

– Foi difícil encontrá-lo, velho. – Lokesh sorriu para o idoso que ele havia encurralado em uma cabana. – Felizmente para mim, seu antepassado Seleuco tinha uma marca de nascença que foi passada para os filhos e os netos.

Lokesh riu com desprezo.

– Você sabia que a mãe de Seleuco disse a ele que seu verdadeiro pai era o deus Apolo e que seu sinal de nascença em forma de âncora era o sinal de seu favorecimento?

O homem assustado sacudiu a cabeça.

– Seleuco achava que estava destinado a coisas grandiosas. Talvez estivesse, à sua maneira medíocre. – Inclinando-se sobre o idoso, Lokesh continuou: – Cá entre nós, um grande homem se faz grande. Infelizmente, sua chance de se tornar grande há muito passou. Talvez queira saber por quanto tempo o procuro.

Puxando do cinto uma faca que reconheci, Lokesh a testou com o polegar.

– Quinhentos anos – disse ele. – E isso é muito tempo. Até mesmo para mim.

O sorriso falso que Lokesh exibia desapareceu.

– Mas tenha certeza de que irei puni-lo por todos os anos que precisei esperar. Por acaso, os dois últimos foram os mais interessantes de minha busca. Rastreei Apama, a esposa de Seleuco, até sua cidade natal, Susa, na Pérsia. Então, vários meses de busca e muitas mortes me trouxeram a você. Todos eles quiseram proteger seu velho avô, que afirmava ter 112 anos.

Lokesh se inclinou ainda mais e estreitou os olhos.

– Mas, cá entre nós, meu amigo, creio que você é muito, muito mais velho.

Os olhos do velho o traíram. Rapidamente, ele usou o poder de seu amuleto para sacudir o chão, mas era tão frágil quanto aparentava. Lokesh imobilizou o corpo inteiro do homem num instante e

com o terremoto ainda reverberando o corpo do homem escorregou da cadeira e se partiu em pedaços, que se espalharam pelo chão.

Lokesh jogou de lado os restos do velho e puxou o amuleto de seu pescoço. Então apanhou um anel que rolara da mão estilhaçada. Ele continha uma pedra oval e lisa, engastada numa grossa moldura de ouro. A superfície plana e azul da pedra tinha um aspecto marmorizado que a fazia parecer ligeiramente com um mapa envelhecido. Lokesh esfregou a pedra turquesa e deslizou o anel pelo polegar.

Franzindo a testa, Lokesh chutou o que restava do corpo do velho e murmurou:

– Preciso aprender a controlar melhor o pedaço da água. Eles morrem rápido demais.

Ele juntou o novo pedaço do amuleto com os outros, e eu senti o jorro de poder. O amuleto revigorou Lokesh, e de alguma forma eu soube que ele havia encontrado o pedaço do amuleto que controlava a terra. Eu o observei testar a extensão e o alcance de seu poder. Com o pedaço de amuleto do velho, Lokesh podia trazer pedras preciosas à superfície da terra, deslocar pedras e causar tremores. Unindo-o aos outros dois pedaços do Amuleto de Damon, podia chamar predadores da terra e do mar para cumprir suas ordens.

Os tubarões! Foi assim que ele os chamou. Foi também como ele pôde usar o urso, os lobos e os leopardos-das-neves para distrair o Sr. Kadam durante a luta de espadas.

Satisfeito apenas momentaneamente com seu novo poder, Lokesh voltou suas atenções para a Índia e os dois pedaços do amuleto que restavam.

Meu corpo se sacudiu, e acordei subitamente. Eu me encontrava deitada no túnel com a cabeça apoiada na mochila de Kishan. Minha conexão com Lokesh estava de fato se fortalecendo. Era cada vez mais difícil permanecer distante, e estremeci de repulsa com esse pensamento.

Kishan se inclinou sobre mim e perguntou:

– Outro sonho?

Fiz que sim com a cabeça. Senti uma ferroadada na bochecha e esfreguei a pele que formigava. As pontas dos meus dedos estavam cinzentas e insensíveis.

– O que aconteceu? – perguntei.

Com uma expressão estranha, Ren respondeu.

– Você adormeceu. Não conseguíamos acordá-la. Me desculpe, Kells.

– Por que devo desculpá-lo?

– Tive que esbofeteá-la para fazê-la acordar.

– Ah. Não se preocupe com isso – falei, acariciando meu rosto ligeiramente dormente. – Quase não dói.

– É isso que me preocupa. Consegue mexer as pernas?

– É claro que consigo.

Tentei, mas nada aconteceu. Agarrando o braço de Ren, consegui dolorosamente me sentar e olhei para minhas pernas. A pele estava cinzenta. Apertei a panturrilha e vi que o músculo estava duro, quase como pedra.

– O que está acontecendo comigo? – sussurrei, desesperada.

Ren pegou minha mão e massageou meus dedos delicadamente.

– Seu rosto também ficou acinzentado, mas está começando a voltar à cor normal. Só precisamos fazer seu sangue circular.

Meus dedos começaram a ficar rosados, mas as pontas ardiam como se tivessem sido espetadas por milhares de agulhas quentes. Gemi apesar da tentativa de resistir à dor, e meus olhos arderam com lágrimas. Kishan tirou minhas meias e começou a esfregar meus pés. Não demorou muito para que eu sentisse espinhos de fogo atravessando meus pés e minhas pernas.

– Isso dói! – exclamei.

Ren deu um beijo em minha testa e enxugou uma lágrima.

– Precisamos fazer isso, Kells. Você pode aguentar um pouquinho mais?

Assenti e ele trabalhou na outra perna enquanto Kishan se concentrava nos meus pés. As pontas dos dedos das mãos doíam, mas a dor aguda já havia passado. Depois de meia hora, Kishan anunciou que minhas pernas não estavam mais cinzentas e me ofereceu o braço como apoio para que eu me levantasse. Aceitei e andei um pouco, mancando e sentindo dores lancinantes subirem por minhas pernas.

Apoiando-me pesadamente em Kishan, prossegui pelo caminho, grata por minhas dolorosas bolhas, que eram a garantia de que eu permaneceria acordada. Ren me pediu que lhe contasse tudo sobre meu sonho e me manteve falando até meus músculos gritarem em protesto contra a caminhada ininterrupta.

Eu estava morta de cansaço. Um corpo novo, combinado à noite dormida em um ninho e ao fato de ter queimado quase até a morte haviam me deixado exausta. Eu me sentia como um zumbi ambulante e só conseguia pensar na minha cama macia na casa de Ren. Cada passo que eu dava parecia sussurrar sem parar: “Cama, cama, cama.” Era tarde da noite, ou talvez de manhã bem cedo, quando Ren sugeriu que parássemos brevemente e provássemos a fruta do fogo.

Kishan pegou uma faca e cortou as camadas da casca semelhante a couro. A fruta se separou em duas metades. Uma casca vermelha e grossa circundava a macia polpa laranja-avermelhada. Como um kiwi, o frágil interior era cheio de sementes pretas. Kishan me entregou um pedaço, e eu mordi a fruta suculenta.

Tinha um sabor ligeiramente azedo porém refrescante. As sementes eram crocantes e comestíveis e tinham gosto de nozes. A fruta tinha a textura de um figo macio e granuloso, mas o sabor era como uma mistura de melancia e toranja. Ao estender a mão para pegar outro pedaço, senti um calor na parte posterior da língua, como se tivesse comido alguma coisa levemente apimentada.

Quando terminamos de comer a fruta e recomeçamos a andar através da caverna, eu me senti revigorada, percebendo de repente que a dor havia desaparecido. Inspecionei meus calcanhares e murmurei, espantada:

– Estou melhor! A fruta do fogo curou meus pés!

Ren e Kishan também se sentiram renovados e decidiram que eu precisava mastigar constantemente a fruta enquanto caminhávamos. Em vez de comer a fruta grudada e me lambuzar toda, criei uma cabaça cheia de suco de fruta do fogo e bebia dela sempre que meus pés começavam a doer. Chegamos a uma bifurcação no túnel e, enquanto Ren pegava Fanindra e explorava um pouco mais adiante, parei para descansar com Kishan. Ele recostou-se na parede do

túnel e fechou os olhos.

Eu estava falando com Kishan enquanto vasculhava a bolsa quando Ren retornou. Imediatamente, correu para o irmão e o sacudiu. Voltei-me para eles e arquejei. Nos poucos momentos em que eu ficara de costas, Kishan adormecera. Seu rosto tinha se tornado cinzento e seu corpo desabou no chão, como se estivesse morto.

Gritamos e Ren chegou a esbofeteá-lo por duas vezes, mas Kishan não acordava. O tom cinzento ia visivelmente subindo da ponta dos dedos para os antebraços e avançando do rosto para o pescoço. Meu temor era que, se alcançasse o coração, ele não se recuperasse mais. Enquanto Ren o sacudia, tentando acordá-lo, eu o encharquei com água, mas o líquido vital, embora seguro para nós, era venenoso no reino do fogo. A água chiou em contato com a rocha e corroeu, como se fosse ácido, várias pedras grandes.

Levei a cabaça de suco da fruta do fogo até os lábios dele e, embora a maior parte tivesse escorrido pelo seu pescoço, ele se mexeu ligeiramente. Dei-lhe um pouco mais e logo ele já conseguia engolir. A cor cinzenta começou a recuar, e por fim Kishan piscou e abriu os olhos dourados.

Beijei seus lábios ainda pétreos e o repreendi suavemente:

– Não me assuste desse jeito.

Ele tentou falar, mas pressionei um dedo em seus lábios.

– Não fale ainda. Só beba.

Duas garrafas de suco de fruta do fogo depois, ele parecia totalmente recuperado e conseguiu se levantar, mas Ren ainda passou o braço do irmão pelo seu ombro e o ajudou a andar até se livrar do entorpecimento. Estremeci quando Kishan gemeu de dor, solidarizando-me com as terríveis ferroadas que ele estava sentindo. Logo estávamos outra vez a caminho, seguindo pelo túnel que Ren e Fanindra haviam escolhido.

Kishan recuperou a força e, à medida que o túnel se estreitava, ele tomou a dianteira, seguido por Ren e então por mim.

Depois de me ajudar a transpor uma pedra grande que bloqueava nossa passagem, Ren disse:

– Quero perguntar uma coisa a você, mas, se isso a deixar desconfortável, não precisa responder.

– Qual é a pergunta?

– Quando você se sacrificou à Fênix, nós a vimos queimar.

– Sim – respondi em tom brando.

– O que aconteceu?

– A Fênix me fez algumas perguntas que tive dificuldade em responder, e queimar era o resultado disso. Havia algumas coisas que eu precisava aprender, admitir para mim mesma. Pôr do Sol disse que meu coração a chamou quando entramos na floresta. Ela... ela queria me curar.

– Seus métodos de cura deixam algo a desejar.

– Talvez. – Caminhamos em silêncio por um momento e então acrescentei: – Mas a Fênix não pediu de mim mais do que esperava de si mesma.

– O que quer dizer?

– Quando o cometa da noite cruzou o céu, eu a vi queimar. Pôr do Sol deu a vida para que a nova Fênix, Amanhecer, pudesse nascer.

Os olhos de Ren fixaram-se brevemente nos meus, e ele desviou o olhar. Então, com delicadeza, perguntou:

– O que ela perguntou a você, Kelsey?

Deixei escapar um suspiro leve e caminhei ao lado dele em silêncio por alguns segundos. Ele não me pressionou enquanto eu considerava o que poderia dividir com ele.

Por fim, respondi:

– Meu coração está sofrendo há muito tempo, e eu venho me agarrando à dor. A Fênix me fez encarar isso. E agora que reconheci esse fato, estou tentando decidir quais serão meus próximos passos. Quanto às perguntas que ela me fez... – Parei de andar e busquei a mão dele. – Quero guardar isso para mim por um tempo. Prometo que um dia vou contar a você. Só não agora.

Ren levou minha mão aos lábios e pousou um beijo suave em meus dedos.

– Então vou ter que esperar por esse dia.

Seis horas depois o túnel se alargou, e minha cobra dourada ganhou vida de repente. Fanindra esfregou a cabeça em meu rosto e apertou meu braço com suas espirais, uma sensação enervante a que eu ainda não me acostumara. Ela espiou a escuridão diante de nós e pôs a língua para fora várias vezes. Quando inclinou a cabeça na direção do chão, eu me abaixei e a coloquei no caminho negro e pedregoso.

Erguendo a cabeça, Fanindra dilatou o pescoço e oscilou para a frente e para trás, enquanto estudava o terreno adiante. Então sibilou levemente e tomou uma direção diferente. Nós a seguimos através de uma trilha acidentada coberta por pedras negras e afiadas. Seu corpo dourado fazia um zigue-zague entre as pedras e, embora tivéssemos perdido velocidade, todos concordamos que era mais seguro seguir a serpente.

Logo sentimos uma mudança à nossa volta. O túnel se abriu em uma ampla caverna. O eco de nossas vozes repercutia ao nosso redor. Quando avançamos ainda mais, senti um vento frio roçar minha pele e desaparecer abruptamente. Meus braços se arrepiaram, e eu os esfreguei, ansiosa.

O movimento do ar frio era muito estranho no mundo do fogo, e era também acompanhado por vários ruídos perturbadores. A corrente de ar serpenteava através dos buracos nas pedras, criando uma leve vibração. O vento continuou a roçar em minha nova pele entre longos intervalos e me trouxe à mente a imagem de um colosso moribundo exalando seu último e frio hálito.

Fanindra parou abruptamente e ergueu a cabeça, pressentindo algo que não conseguíamos perceber. Nem mesmo Ren ou Kishan podiam ouvir ou ver muito além da luz lançada pela cobra dourada. Todos nós pressentimos perigo. Ren reagiu soltando a espada de seu cinto. Quando ele fechou a mão sobre o punho, ela atingiu sua extensão total. Com um giro do pulso, a espada se separou em duas lâminas. Ele entregou uma a Kishan, e, num acordo tácito, ambos os irmãos seguiram ligeiramente à minha frente.

Depois de uma hora desse lento progresso, senti a energia se esvair novamente do meu corpo. Eu tinha acabado de tirar a tampa da cabaça para tomar um gole do suco de fruta do fogo quando Fanindra de repente se enroscou e ergueu quase toda a metade superior do corpo. Ela expandiu a porção do corpo abaixo da cabeça como nunca havia feito, revelando seu elaborado colorido, e isso

a fez parecer três vezes mais larga do que era.

Então disparou uma ruidosa série de silvos em advertência, ou dirigida a nós ou como tentativa de espantar o que quer que a estivesse assustando. Sua boca se abriu e se fechou repetidas vezes, como se provasse o vento. A língua bifurcada se lançou no ar diversas vezes, agitando-se como uma fita solta na brisa enquanto ela tentava analisar o ambiente.

Um ruído à nossa esquerda, como o de uma pedra caindo, ecoou pela caverna, assustando-nos. Imediatamente depois, ouvimos o som de algo sendo arrastado sobre pedras. Essa coisa continuou a se mover, aproximando-se, e o barulho me lembrou o de uma criança arrastando, sem cuidado, um brinquedo pesado escada abaixo. As pancadas rítmicas vinham em sequência até onde estávamos, e eu tinha a impressão de que algo maligno batia um ritmo nervoso na minha espinha. Minhas vértebras ressoavam, também em sequência, acompanhando o ruído.

Kishan retesou-se.

– Estão sentindo o cheiro? – perguntou.

– Que cheiro? – sussurrei.

Com a expressão sombria, Ren assentiu e falou:

– O fedor da morte.

Ren levou a mão às costas e pegou a minha mão. Ele me aninhou entre suas costas fortes e as de Kishan. Foi quando senti o cheiro. Tive ânsia de vômito imediatamente e meus olhos começaram a lacrimejar. Um vapor de deterioração nos envolveu, e eu precisei cobrir a boca e o nariz com a mão. As narinas de Ren se dilataram, mas esse foi o único sinal de que os irmãos estavam incomodados.

O fedor era pior que o de um lixão. O cheiro de um animal morto seria um perfume agradável se comparado a ele. Era quase tangível. Eu podia até senti-lo na língua e permeando minhas roupas e meu cabelo. Era sufocante, cáustico, putrefato – um sabor pegajoso e acre que de alguma forma era ao mesmo tempo tóxico e nauseantemente doce.

O som das pancadas se aproximou e de repente parou. O ar denso fazia meus olhos arderem com o cheiro avinagrado semelhante a um gás. O corpo de Fanindra ondulou brevemente e então ela deu o bote, atacando alguma coisa na escuridão. Ela sibilou e tornou a dar o bote. Espiei a escuridão à sua frente e senti que Kishan ficava mais tenso.

Uma forma cinzenta e fantasmagórica se arrastava lentamente em nossa direção. Os pelos do meu corpo se arrepiaram quando me dei conta de que se tratava de um cadáver. O corpo se movia rigidamente. A barriga estava distendida de maneira grotesca e a boca encontrava-se escancarada. Onde deveria haver gengivas via-se o maxilar branco de uma caveira. Estremeci quando notei que a pele em torno da carne podre se encontrava inchada no rosto e escurecida, como se estivesse machucada.

O cabelo pendia sem vida do que restava do couro cabeludo. Estremeci e me coleí ainda mais às costas de Kishan enquanto a criatura coçava a testa e o couro cabeludo escorregava, expondo parte do crânio branco.

Ren falou primeiro.

– O que você é? O que quer de nós?

A criatura hesitou brevemente, mas recomeçou a se deslocar em nossa direção. Parecia fascinada

por Fanindra. A cobra deu o bote na criatura várias vezes, mas o veneno não exercia qualquer efeito sobre ela e ela nem sequer sentia as picadas. Quando se abaixou para pegá-la, Fanindra logo deslizou para fora de seu alcance e veio em minha direção, enroscando-se na minha perna.

Apanhei Fanindra, e ela imediatamente se enroscou em sua forma de bracelete. Colocando-a no braço, vi que o cadáver ambulante ajeitava o corpo e vinha em nossa direção. Os olhos brancos purulentos estavam fixos em Fanindra e em mim.

Ren ergueu a espada.

– Pare! Se continuar se aproximando, vamos machucar você.

O cadáver ambulante nem sequer olhou para ele. Ren ergueu a espada e atacou com violência a criatura, decepando-lhe o braço direito. O membro em decomposição desabou no chão, mas a criatura sem vida foi apenas brevemente retardada pelo apêndice perdido. Estava óbvio que ela não sentia dor.

Kishan então saltou adiante e atravessou com sua lâmina a barriga distendida do cadáver, abrindo-a com um barulho líquido. Vapores acres e um líquido espesso jorraram. O cheiro de putrefação e esgoto bruto redemoinhou no ar, e, quando ergui a mão para explodi-lo com o poder do raio, o cadáver fechou com firmeza a mão em torno do meu pulso.

Com um forte puxão, escapei de sua garra. Mas, para meu horror, sua pele se soltou e ficou presa ao meu punho. Gritei e sacudi o braço, tentando soltar a epiderme cinza e trêmula. Com calma, Ren pegou meu braço e tirou a luva de pele que havia se desprendido dos ossos brancos e reluzentes da mão do cadáver.

Pra mim já chega!, pensei. Com os olhos de Fanindra acesos, virei-me e corri. Ouvi Kishan e Ren me seguindo, e rapidamente nos distanciamos de nosso perseguidor.

Enquanto seguíamos pela caverna, encontramos outros corpos em vários estágios de decomposição. Uma mulher encontrava-se sobre as pedras, como se tivesse desmaiado. Carne úmida ainda se agarrava a seus ossos e o cérebro liquefeito vazava por seus ouvidos e nariz. O cheiro viscoso de sangue bolorento e carne apodrecendo permaneceu conosco muito depois de a deixarmos para trás. Encontramos esqueletos embranquecidos com um tipo de vegetação crescendo nos ossos e um crânio que fora atacado por algum roedor.

A maioria dos corpos não se movia o suficiente para me perturbar demais, embora de vez em quando deparássemos com um deles exibindo descamação da pele e cheiro de amônia. Quando os víamos, desviávamos e passávamos ao largo. Ainda assim, suas cabeças, quando podiam, voltavam-se para nos observar.

Depois de passar por um sujeito de aparência particularmente medonha, perguntei:

– O que vocês acham que eles querem?

– Parecem interessados em Fanindra – respondeu Ren. – Talvez desejem a luz que ela emite.

Estremeci e me agarrei ao seu braço enquanto abríamos caminho pela caverna.

– A Fênix disse que esta era a Caverna do Sono e da Morte – disse Kishan, pensativo.

– Vou ter que agradecer a ela por sua tradução literal – observei.

Nesse momento nos desviamos de outra mulher que estendia a mão para nós com uma expressão quase maternal no que restava de seu rosto. Enquanto passávamos ao seu lado, ela baixou os braços

e os longos cabelos cobriram-lhe o semblante.

– Não tenho mais medo deles – disse Ren.

– O quê? Por que não? – perguntei.

– Acho... acho que poderiam ser nós.

– O que quer dizer com isso? – replicou Kishan.

– Quando vocês dois dormiram, sua pele tornou-se cinza. Se não conseguissem acordar, talvez tivessem tido o mesmo destino deles. Eles não podem evitar o que está lhes acontecendo. Fico triste que de certa forma tenham consciência suficiente para vivenciar a decomposição dos próprios corpos.

– Se eu estivesse aprisionada na escuridão por anos, também iria querer um pouco de luz – acrescentei.

– Talvez seja melhor para eles serem poupados de ver o próprio destino – disse Kishan.

Prosseguimos pela caverna em silêncio. A antes assustadora sensação de estar cercados por zumbis em decomposição fora substituída por uma sombria melancolia. Ao me desviar dos corpos cinzentos, eu sussurrava as tranquilas palavras de respeito que teria dito no cemitério onde meus pais foram enterrados, o tempo todo ciente de que a diferença entre mim e um deles era apenas o simples gesto de fechar os olhos.



Rakshasas

Uma luzinha apareceu à nossa frente, ainda bem distante, e por algum tempo pensei que se tratasse de uma ilusão. No entanto, os irmãos seguiram naquela direção, e presumi que eles também podiam vê-la. Fanindra havia decidido permanecer enrolada em segurança no meu braço e se limitava a nos fornecer a luz esverdeada de seus olhos, embaçando sua luminosidade dourada depois de ter atraído demasiada atenção dos zumbis da caverna. Sem seu brilho mais forte, seguimos tropeçando pela escuridão por mais um tempo, o que, por outro lado, também significava que nos mantínhamos abençoadamente ignorantes do que havia à nossa volta.

Apesar da funesta consciência de que eu estava cercada pela morte e do cheiro dos corpos em putrefação que permeava minhas roupas, meu cabelo e minha pele, fiquei suficientemente entorpecida pela exaustão para não só ignorá-los como também começar a pensar que me deitar perto de um esqueleto apodrecendo para um cochilo rápido não era uma ideia tão má assim. Ren me viu fechando os olhos enquanto andava, pegou minha mão e começou a me puxar adiante. Kishan colocou-se atrás de mim e me dava uma leve cutucada nas costas sempre que eu começava a ir mais devagar.

Finalmente nos aproximamos da abertura da caverna e pudemos espiar do outro lado. Grossas árvores de fogo se estendiam à nossa frente até onde eu podia ver. Ren e Kishan correram os olhos pela floresta de fogo em busca de movimento enquanto nos mantínhamos ocultos na escuridão.

- O que foi? – sussurrei. – Por que não vamos logo tirar um bom cochilo na floresta?
- Temos que tomar cuidado com os *rakshasas*. A Fênix nos advertiu. Lembra-se?
- Olhei para as árvores, procurando demônios assustadores.
- Não estou vendo nada.
- É isso que me preocupa – respondeu Ren.
- Bem, qual é o problema? Enfrentamos demônios antes e sobrevivemos. Não podem ser piores que os *kappa*, podem?
- Os *rakshasas* são caçadores – explicou Ren. – São criaturas noturnas, bebedoras de sangue. Sua fome é insaciável.
- São demônios da mitologia hindu – acrescentou Kishan. – Diz-se que eram humanos perversos, vis, amaldiçoados a viver eternamente como monstros. Só podem ser destruídos com o uso de armas especiais ou se uma flecha de madeira atravessar-lhes o coração. São trapaceiros e usam poderes mentais para confundir suas vítimas e tirá-las de suas casas.

– Você está falando de vampiros – observei, baixinho.

Ren assentiu.

– Eles são muito parecidos com a versão europeia dos vampiros.

Kishan bufou.

– Kelsey me convenceu a assistir a um filme de vampiro com ela há pouco tempo, e tenho que dizer que os *rakshasas* são quase tão parecidos com os vampiros americanos quanto o *kraken* se assemelha a um polvo. Esses vampiros não só bebem sangue como também comem carne, principalmente carne podre.

– Ah – gaguejei debilmente. – E nesse momento estamos particularmente... cheirosos.

Ren baixou a cabeça ligeiramente, concordando, sua concentração ainda voltada para a floresta.

– Parece bastante seguro por ora, mas sugiro que a gente se reveze em turnos para dormir e atravesse a floresta o mais rapidamente possível.

Saímos da caverna para a floresta de fogo, e foi como sair de um iglu e entrar numa agradável ilha tropical. Senti o calor das árvores de fogo quase imediatamente. Elas estendiam longos ramos para roçar meus braços e minhas roupas quando passávamos.

Parei debaixo de uma árvore grande, e uma gavinha com folhas se enroscou no meu dedo.

Enquanto eu examinava uma flor de fogo particularmente bonita, Ren advertiu:

– Precisamos resolver nosso problema. Estamos fedendo como os mortos.

Kishan suspirou.

– Estamos deixando um rastro.

– Acho que posso ajudar com essa questão – afirmei.

– Como assim? – quis saber Ren.

– As árvores podem queimar nosso cheiro, livrando-nos dele. A Fênix mencionou algo assim quando perguntei como me curei de queimaduras tão graves. Em relação às roupas, elas não podem fazer nada, mas nós podemos criar outras.

– O que temos que fazer então?

– Ponham as mãos em uma árvore e concentrem-se na energia delas. O calor será extraído das raízes. Permitam que ele circule pelo seu corpo e o limpe. Isso queimará suas roupas, e poderá doer um pouco, mas o calor também curará vocês. Vocês dois vão para aquela clareira mais adiante e eu fico aqui.

Com relutância, Kishan e Ren deixaram suas armas comigo e dirigiram-se à clareira. O fato de se disporem a deixar as armas para trás mostrava quanto estavam cansados. *Estamos todos*, me corrigi. Coloquei Fanindra perto das armas e das mochilas e pousei a palma das mãos no tronco.

Os galhos das árvores ao redor começaram a tremer e se balançar, e ouvi um zumbido reverberando no ar. As folhas brilhantes foram ficando cada vez mais reluzentes e o ar chiou. Então, com uma explosão de luz, as folhas adquiriram um brilho tão claro que precisei fechar os olhos. A fita azul que amarrava meu cabelo se desintegrara, assim como minha roupa. Uma comichão abrasadora e vibrante subiu dos dedos dos pés, percorrendo todo o meu corpo. Então um vento súbito soprou meus cabelos soltos no ar e acariciou minha pele nua enquanto levava para longe o cheiro de morte.

Ouvi um grito distante e soube que os garotos estavam sendo limpos de maneira semelhante. Então me perguntei se a pele deles teria sido queimada. Para mim, a sensação estava mais para um formigamento. Por fim, o vento forte desapareceu, e eu me senti mais do que quente: revigorada. Estava relaxada e sonolenta, como se tivesse ficado de molho em uma banheira de água quente e depois houvesse sido colocada debaixo de um secador de cabelos enquanto alguém massageava meus ombros e escovava meus cabelos.

Apanhei o Lenço Divino e o levei até o nariz. Ele imitava o padrão brilhante das folhas das árvores de fogo, que haviam desbotado novamente, tornando-se laranja e amarelo. O cheiro do Lenço era limpo e fresco, livre de todo o odor das cavernas. Pedi roupas novas para mim e me vesti rapidamente.

Logo em seguida Ren e Kishan fizeram uma aparição nas roupas brancas e pretas que sempre surgiam depois que eles se transformavam em tigres. Eles debatiam as vantagens de prosseguir. Ren achava que nosso cheiro anterior era forte o bastante para ser facilmente rastreado, mas Kishan argumentava que seria igualmente fácil rastrear nosso novo cheiro quando o antigo houvesse desaparecido. Calculei que estivéssemos seguros, já que não cheirávamos mais como presas, e fiquei do lado de Kishan principalmente porque queria dormir. Concordamos em andar só mais um pouquinho antes de montar acampamento.

Kishan usou o Lenço para criar uma tenda e roupas de cama enquanto Ren substituía as mochilas que haviam se dissolvido com nossas roupas. Com meus tigres branco e preto posicionados um de cada lado do meu corpo, mergulhei na inconsciência assim que minha cabeça tocou o travesseiro.

Dessa vez sonhei com Lokesh ainda menino. Um homem mais velho, que logo percebi tratar-se de seu pai, o imperador, passava-lhe instruções.

Movendo as mãos no ar, o pai de Lokesh instruiu:

– Para controlar o movimento do ar, use sua mente. Imagine o vento rodopiando entre seus dedos ou em torno do seu corpo, e isso acontecerá. Quando houver praticado e obtiver mais controle, você poderá evocar algo tão poderoso quanto um ciclone ou simplesmente erguer uma folha no vento.

O imperador mostrou ao jovem filho como manipular o ar para levantar uma pipa no céu. Ele agitou os dedos, e a pipa deu um pinote e ondulou no ar. Na vez do garoto, o imperador colocou o amuleto no pescoço do filho, e a pipa mergulhou. Com uma expressão determinada, o garoto ergueu as mãos e, no último instante, a pipa circulou os dois e subiu novamente.

– Muito bom – disse o pai. – Agora tente chamar seu falcão.

O garoto fechou os olhos e logo uma ave gritou lá no alto.

O pai explicou:

– Todas as criaturas do ar estão sujeitas a você, mas é preciso aprender a controlá-las.

Sério, o menino assentiu.

Alguém tocou meu braço, e eu acordei num sobressalto.

– Tem movimento nas árvores – sussurrou Kishan, num tom desesperado.

Alertas, Ren e Kishan moviam-se silenciosamente pela tenda, reunindo as armas. Eles sinalizaram

para que eu ficasse ali, quieta, antes de os dois saírem rastejando da tenda e desaparecerem na floresta. Estava completamente escuro lá fora, o que significava que o cometa da noite havia passado.

Depois de esperar pelo que pareceu muito tempo, resolvi arriscar e saí à procura de Ren e Kishan. Fanindra me levou até eles. Eles haviam recuado e encontravam-se agachados atrás de uma pedra, observando a entrada da caverna.

Ao me aproximar, acidentalmente pisei num galho, e tanto Ren quanto Kishan viraram bruscamente, me viram e mais que depressa me puxaram para baixo, para o lado deles. Ao mesmo tempo, o que pareciam tochas ganharam vida à nossa frente na floresta. As luzes bruxuleantes se balançaram e convergiram para um ponto. Ouvi sibilos e cliques se aproximando de nós.

Arquejei quando as luzes ganharam intensidade e vi uma turba de demônios de pele escura com tatuagens fosforescentes cobrindo-lhes os corpos. Os longos cachos de seus cabelos tremiam na escuridão como pequenas fogueiras. Os fios radiantes estavam escovados para trás, afastados da testa, e havia folhas de fogo trançadas neles.

Os demônios machos eram grandes, com braços musculosos e peitos nus. Dois pares de chifres cresciam em suas testas – o par mais longo nas laterais. Uma fêmea se aproximou do macho maior e ergueu a mão até tocar-lhe o ombro. Com um movimento rápido, ela correu garras cruéis pelo peito do demônio e sibilou para ele. Ele ficou ali parado, mudo, enquanto ela lambia gotículas das garras, e percebi que as tatuagens dela brilhavam num tom mais vivo de vermelho enquanto as dele desbotavam, adquirindo um tom laranja opaco.

Enquanto ela falava com ele de modo áspero, a parte interna de sua boca reluzia, amarela, como se a garganta queimasse com uma chama interna. Arquejei e ela voltou-se rapidamente na direção de nosso esconderijo. Os olhos astutos cintilaram e, com um sussurro abrupto, todas as luzes, inclusive os cabelos, olhos e tatuagens deles, rapidamente se extinguíram.

Ficamos sentados ali, quietos por muito tempo, respirando superficialmente, sem ousar nos mexer. Eu podia sentir a presença deles à nossa volta. Era como se estivessem esperando que saíssemos correndo dali, querendo nos tirar de nosso esconderijo.

Então ouvimos o familiar ruído de algo se arrastando, e espiamos através das folhas escurecidas na direção da entrada da caverna. Um zumbi careca e magro, com a pele murcha e mumificada, saiu cambaleando para a selva. Ele parou, como se estivesse confuso, e ouvi um leve silvo. Cabelos e tatuagens fosforescentes ganharam vida quando os *rakshasas* cercaram o zumbi. Movendo-se como um só, eles atacaram, envolveram-no em ramos e o levaram dali.

Passou-se muito tempo antes que Ren e Kishan permitissem que eu me levantasse. Meus joelhos pareciam emperrados enquanto voltávamos para o acampamento. Sem uma só palavra, arrumamos nossas coisas e seguimos na direção oposta àquela para a qual os *rakshasas* haviam levado seu jantar.

No caminho, nós três analisamos todas as visões que tivemos. contei a eles que agora sabia com certeza que Lokesh tinha o poder de manipular água, ar, terra e espaço, graças ao pedaço do amuleto do Sr. Kadam, e podia também invocar criaturas de cada um dos reinos. Lokesh agora tinha quatro segmentos do Amuleto de Damon e tudo que ele precisava era do que pendia do meu

pesçoço. Finalmente tínhamos todas as peças. Era hora de começar a montar o quebra-cabeça.

Quando o cometa da manhã passou voando sobre nossas cabeças, as árvores se iluminaram e tocaram meu rosto em carícias leves. Kishan estava preocupado, mas contou que, segundo se dizia, os *rakshasas* tipicamente caçavam à noite, embora se aventurassem durante o dia se estivessem muito famintos.

Ren queria se distanciar dos demônios o máximo possível, assim caminhamos o dia inteiro e só paramos quando o cometa da noite passou acima de nossas cabeças. Ren encontrou um local protegido para acampar e estava mantendo vigilância com Kishan, então decidi ir até uma clareira próxima com o Lenço para um banho de fogo.

– Mas volte logo, ou eu irei atrás de você – advertiu Kishan quando o beijei no rosto. – E, se por acaso eu encontrá-la sem roupa, sinto muito.

Ele sorriu enquanto Ren franzira a testa.

– Tenha cuidado, Kells – acrescentou ele.

– Eu terei. Vocês nem vão sentir minha falta.

Dei uma boa dose do meu poder de fogo a uma jovem árvore para compensar a energia que ela logo gastaria, e ela devolveu o favor ao me proporcionar um suave banho de fogo. Depois de me vestir, sentei-me numa pedra próxima e escovei os cabelos recém-limpos enquanto a arvorezinha voltava a seu estado normal. Os banhos de fogo incluíam o benefício adicional de alisar meu cabelo, e eu gostava da suave sensação de tê-lo pendendo nas costas.

Refrescada, peguei o Lenço e Fanindra e voltei para nossa pequena tenda, só para encontrar o tecido rasgado e nossos pertences espalhados. Ren e Kishan estavam ausentes, assim como todas as nossas armas. Dei meia-volta lentamente e fiquei ouvindo com atenção os ruídos da floresta. Não escutei nada. Entrando em desespero, segui de volta para a pedra perto da arvorezinha e comecei a andar de um lado para outro.

– Bem, temos que salvá-los. Quanto a isso não há dúvida – murmurei para Fanindra. – Mas como?

As escamas douradas de Fanindra tremeluziram, ganhando vida, e ela me guiou pela floresta. Seus olhos brilhavam com uma intensidade apenas suficiente para que eu não tropeçasse em pedras ou raízes de árvores. Depois de uma boa hora de caminhada, divisei a luz brilhante do acampamento dos demônios.

Desamarrando o Lenço de minha cintura, eu o sacudi, enrolei-o em torno do corpo e disse:

– Disfarce. Rainha *rakshasi*.

Meu corpo formigou enquanto o Lenço realizava sua magia e, quando o afastei, puxei meus longos cabelos de fogo sobre os ombros e corri os dedos por eles. Eram fartos e ásperos, e, quando levei a mão para tocar a cabeça, encontrei uma tiara de folhas de fogo. Meus braços escuros brilhavam com tatuagens vermelhas, e, ao correr a língua sobre os dentes, percebi que os caninos eram pontiagudos e afiados. Eu usava um vestido laranja reluzente que parecia queimar quando eu andava.

Com a cabeça erguida e Fanindra exposta em todo o seu esplendor em meu braço, seguimos na

direção do acampamento. Sentinelas me avistaram quase instantaneamente e deram o alarme em uivos baixos. Logo me vi cercada pelo clã, mas não demorou para que a multidão se separasse e uma fêmea viesse caminhando em minha direção. Eu havia corretamente deduzido que essa era uma sociedade matriarcal e que ela era a rainha.

Era bonita para um demônio. Seu vestido, embora não tão elegante quanto o meu, era longo e de melhor qualidade que as roupas daqueles em torno dela. Um brilho laranja iluminou seus olhos quando ela me viu, e, ao piscar, vi que suas pupilas eram alongadas como as de um gato. Corajosamente, suportei sua inspeção e também demorei, avaliando-a. Ela usava um colar de pequenos ossos de prata entrelaçados. Brincos de ossos finos atravessavam-lhe as orelhas e deles pendiam as minúsculas garras de alguma pequena ave de rapina.

Uma tiara de prata com um véu de folhas de fogo adornava seus cabelos flamejantes. Preso a eles, um osso em forma de lua crescente descansava no meio de sua testa. Tatuagens vermelhas que pareciam mãos com garras cobriam seus olhos e bochechas. As orelhas eram longas e pontudas, como as de um elfo, e os chifres eram muito mais finos e mais delicados que os dos machos que a cercavam. Não havia outras fêmeas à vista.

Os lábios pintados de laranja se abriram, e as bochechas reluziram como se iluminadas sob a pele por uma lanterna. Ela correu a língua pelos dentes pontiagudos antes de falar.

– Digna andarilha. Carcaça de contaminação. Como devo me dirigir a você? – perguntou ela.

– Pode me chamar de... Malevolência – respondi.

O grupo que me cercava se mexeu, surpreso, e, sorrindo para mim perigosamente, a rainha replicou:

– Você é uma conquistadora ou é nossa presa? – Ela inclinou a cabeça. – Eu me pergunto por que está aqui sozinha. Isso pode ser algum tipo de truque?

Ela fez um sinal e alguns dos guerreiros empunharam armas e me cercaram enquanto outros desapareciam floresta adentro. Lentamente, ela me circulou e puxou o tecido do meu vestido, olhando-o com óbvia cobiça. Quando ousou tocar Fanindra, a cobra ganhou vida e sibilou para ela. A rainha recuou, mas não mostrou nem surpresa nem medo da cobra.

Os guerreiros retornaram e sussurraram em seu ouvido. Ela sorriu.

– Sou chamada Profanação – anunciou ela –, a rainha *rakshasi* deste clã. Por ora, vou ser generosa com você. Pelo menos até você representar um... desafio real. Venha.

Ela rosnou para os robustos demônios que nos cercavam até eles se dispersarem, restando apenas nós duas e alguns guardas. Ela então correu a mão pelo bíceps de um dos demônios com ar de aprovação e indicou que eu a seguisse.

Levando-me a uma tenda, ela se abaixou e entrou. Dois guardas se mantiveram próximos enquanto eu entrava e me sentava diante da rainha. Depois de polvilhar algum tipo de pó numa xícara de bebida fumegante, ela a entregou a mim. O cheiro era adocicado e ferroso, e imediatamente suspeitei que fosse sangue.

Eu a pus de lado e prossegui, como se não tivesse tempo para conversa fiada.

– Vim para tratar de uma questão de grande importância.

As tatuagens no rosto dela iluminaram-se momentaneamente e então voltaram à cor normal. Ela

bebericou da xícara, sinalizando que eu deveria prosseguir.

– Meus dois melhores caçadores desapareceram do meu clã e acredito que tenham sido apanhados pelo seu pessoal.

Ela deu de ombros.

– Meus caçadores têm o direito de pegar qualquer coisa na floresta que eles possam dominar.

– Então você está *mesmo* com eles.

– E se estiver?

– Eu esperava que se mostrasse disposta a negociar pela vida deles.

– Negociar? O que essa palavra significa?

– Significa trocar. Eu lhe darei alguma coisa de valor em troca da liberdade deles.

– Trocar? *Rakshasas* não fazem trocas. – Ela lambeu os lábios cobiçosamente e mudou de posição, como se estivesse pronta para saltar. Inclinando a cabeça, me estudou com suspeita. – O que você é? Sei que não é nenhuma rainha *rakshasi* – disse ela com desprezo. – Seus dentes são tão rombudos quanto os daqueles que comemos, e você nem estende as garras quando ameaçada. Seu veneno deve ser tão fraco quanto seus caçadores. Estou com seus homens, sim, embora eles estejam pálidos e doentios.

Ela girou a bebida, pensativa.

– Se quer levá-los com você, precisa primeiro provar seu valor na batalha. – Profanação sorriu malignamente. – Se você vencer, eles ganham a liberdade. Se perder – os olhos dela cintilaram –, nós comemos você. A carne de uma rainha, mesmo fraca, é deliciosa.

Medo e repulsa se misturaram, e eu senti dentro de mim uma explosão de emoção que cresceu até se transformar numa chama ardente. Meu novo corpo respondeu e meus dedos se alongaram, formando uma nova articulação. Minhas unhas se estenderam vários centímetros e se transformaram em punhais afiados. As pontas das garras formigaram e uma gota negra e brilhante que caiu onde eu estava ajoelhada silvou quando atingiu o solo.

Eu me agachei. Minhas pernas eram fortes e eu me sentia poderosa. Com toda a crueldade que fui capaz de reunir, saltei na direção dela e cortei o ar perto do seu rosto. Sorri com escárnio e repliquei:

– Aceito o seu desafio.

Profanação sorriu, como se satisfeita com minha exibição.

– Muito bem. Vamos lutar ao crepúsculo de amanhã, pois esta noite temos um banquete.

Fui levada para a festividade e, com repugnância, tive que vê-los se banquetear com os restos do zumbi que haviam capturado mais cedo. Estremeci ao som de ossos se quebrando, sendo quase tudo o que restava da farta refeição da noite anterior. Não havia sinal de Ren nem de Kishan em parte alguma, e eu esperava que, com sua capacidade de cura, eles estivessem pelo menos vivos.

Apanhei um dos demônios maiores sorrindo para mim perversamente. Saliências ósseas projetavam-se na pele de seus ombros e os antebraços eram tão grossos que pareciam troncos de árvore. Quando ele virou de certa maneira à luz da fogueira, a ilusão de beleza desapareceu, e vi que debaixo dela seu rosto era uma caveira assustadora com olhos incandescentes.

A rainha observava minha reação ao banquete com uma expressão de zombaria e percebeu que

aquele demônio estava prestando especial atenção em mim. Então o chamou para que fosse até ela e sussurrou palavras em seu ouvido enquanto os dois me olhavam.

Com um sorriso largo, ele se aproximou de mim e fez uma medida profunda.

– Minha rainha me cedeu a você por esta noite.

– Ah. Que... generosidade a dela. E o que exatamente ela espera que eu faça com você? – perguntei com nervosismo.

– Pode me usar do jeito que quiser – respondeu ele, ávido.

Sorri para a rainha que me observava e inclinei a cabeça, então passei o braço pelo corpulento *rakshasa*. Pesando os riscos contra os possíveis benefícios, eu disse:

– Então talvez você pudesse me levar para fazer um tour pelo seu acampamento. Isto é, se já tiver acabado de comer.

Ele me dirigiu um sorriso devasso.

– Fui instruído a satisfazer todos os seus caprichos. Um tour pelo acampamento é apenas o *começo* do que posso fazer por você – vangloriou-se e correu audaciosamente a mão pelos meus cabelos.

Esperando poder manter as garras dele longe de mim por tempo suficiente para descobrir onde estavam aprisionando Ren e Kishan, deixei que me levasse sozinha dali.

Ele me conduziu até a tenda maior e me mostrou uma espécie de parede de troféus que ostentava ossos e crânios arrumados numa horrível exibição.

– Este lugar é dedicado a nossos melhores caçadores. – Ele apanhou um colar feito de minúsculos ossos e o entregou a mim. – Isto pertenceu ao maior caçador de nossa geração, Nuvem de Trovão. Sou descendente dele e meu nome é uma homenagem a ele.

– Você também se chama Nuvem de Trovão?

– Não. Sou Relâmpago, filho de Nuvem de Trovão.

– Ah. Ele está aqui? Eu o conheci?

– Ele seguiu o caminho de todos os enfermos.

– O que aconteceu com ele?

– Foi ferido numa caçada. Todos os anos o maior caçador entra na caverna e tenta capturar a Fênix. Apesar de ter voltado vivo, não foi bem-sucedido. O braço dele estava quebrado.

– Então o braço dele não sarou?

Ele sibilou.

– Os verdadeiros caçadores *rakshasas* não têm nenhum desejo de sarar. Eles se sacrificam pelo clã. Sua energia é absorvida e recanalizada.

Tive dificuldade de engolir o ar.

– Quer dizer que... vocês o comeram.

Ele pôs de lado um crânio pintado e olhou para mim.

– Vocês não prestam essa honra a seus caçadores feridos?

– Ah, sim, prestamos, sim. É só que... meus caçadores têm o poder de se regenerar. Eles nunca ficam permanentemente feridos, e também não envelhecem.

Ele pegou meu braço e sussurrou em tom conspirador.

– Eu sabia por sua aparência que você era uma rainha especial. Você precisa me conceder esse

poder. Descarte seus caçadores fracos, então você e eu poderemos fugir e dar início a um novo clã, nosso próprio clã.

Ele me olhou de cima a baixo, sorriu e se aproximou de mim. Seus dentes afiados e pontiagudos brilhavam à luz bruxuleante criada por nossos cabelos.

– De todos os caçadores aqui, sou o mais... talentoso. – Ele acariciou meu braço com as longas garras, sem perfurar a pele, mas deixando feios arranhões por toda sua extensão. – Eu lhe asseguro que seria o companheiro mais leal.

Agarrei seu antebraço e deixei que minhas garras se enterrassem em sua pele. Ele gemeu, como se eu o tivesse beijado.

– Vou pensar nisso – prometi, sugestivamente. – Agora... gostaria de ver o restante das relíquias de seu clã.

Ele me mostrou uma pintura rústica do primeiro líder *rakshasa*, que era do sexo masculino. *Interessante.*

– Ele era um grande mágico e ilusionista – explicou Relâmpago. – Podia assumir a forma de uma coruja, um macaco, um humano ou mesmo de um grande gato negro.

– É mesmo? – repliquei, estudando a pintura com interesse. – Sua rainha ainda pode fazer isso?
– Nossa rainha afirma que tem essa habilidade, mas eu nunca vi. No entanto, pode criar ilusão. Ela é muito poderosa.

– Entendo. Todos vocês têm a mesma habilidade?

– Os membros do nosso clã são todos especialistas em camuflar nossa força vital. Seu clã não tem esse poder?

– Meu clã tem... um tipo diferente de magia. – Pus a mão no braço dele. – Talvez eu possa demonstrar algumas de minhas habilidades mais tarde.

O sorriso dele era assustador.

– Estou ansioso por isso.

Ele me mostrou outras lembranças verdadeiramente desprezíveis – uma guirlanda seca de vísceras, uma coleção de escalpos e peles, e várias máscaras apavorantes, como se o rosto deles já não fosse horrível o bastante. Sua fachada atraente não me enganava mais. Agora que eu sabia como olhar, se estreitasse os olhos na medida certa, podia ver seu crânio aparecendo através da pele, mas era mais fácil fingir que ele era apenas um belo demônio.

Quando eu já havia me fartado do lugar, ele me levou para fora e me mostrou uma espécie de curral. Ele uivou em voz baixa e ouvi o estrondo de cascos quando um grande rebanho de animais se aproximou. Formas escuras moveram-se em nossa direção e então, como se alguém houvesse ligado um interruptor, os animais arderam em cores. Eram as criaturas mais belas que eu já tinha visto.

– O que eles são? – sussurrei quando um dos animais se aproximou de mim e esticou o pescoço.

– São *qilins*. Nós os capturamos na floresta da Fênix.

– Ah.

Os *qilins* tinham o tamanho e a forma de um cavalo, mas a cara e os dentes de um dragão. Escamas de peixe lisas cobriam seus corpos, no entanto, eles ainda tinham crinas e caudas

esvoaçantes. Apresentavam-se numa variedade de cores – vermelho, verde, laranja, dourado, azul e prata. E, como os *rakshasas*, o pelo dos animais brilhava como se pegasse fogo.

Meu guia gritou um comando, e os animais saltaram de medo e puseram-se a galopar em círculo. Chamas bruxuleantes saíam de seus cascos, crinas e caudas quando corriam.

Subi na cerca e estendi a mão. Um ousado *qilin* azul caminhou em minha direção. Ele dilatou as narinas e soprou um hálito quente em minha palma no instante em que toquei seu focinho. Quando dei tapinhas na cara lisa e corri a mão por sua crina flamejante, pude ouvir seus pensamentos: *Criatura ardente, você não é uma deles. Posso sentir o cheiro de sua humanidade. Somos do outro lado da montanha. Eles nos alimentam com a carne de nossos irmãos. Você precisa nos salvar, princesa!*

Permiti que meu poder de fogo alcançasse a lateral do corpo do *qilin*, que estremeceu com o calor. Enviei-lhe uma mensagem silenciosa. *Eu irei salvar vocês. Espere o meu sinal e prepare o rebanho. Esperarei o seu sinal, princesa do fogo.*

– O cometa da manhã se aproxima, minha rainha. Você precisa descansar para que possa sair vitoriosa em sua batalha.

– Muito bem. Vamos voltar para o acampamento.

O demônio me escoltou até minha tenda e tentou me seguir quando entrei. Pus as mãos em seu peito largo e o detive.

– A hora para tais coisas ainda não chegou. Primeiro, preciso derrotar sua rainha.

Ele grunhiu de frustração.

– Eu a deixarei em paz por ora, para que possa se preparar, mas não serei deixado de lado tão facilmente no futuro.

Assenti e me virei para partir quando ele segurou meu braço e sussurrou algumas das coisas brutais que queria fazer a mim ou comigo. Apenas sorri para ele e sibilei ligeiramente, o que ele tomou como um bom sinal, e então, por fim, me deixou em paz.

No interior da tenda, puxei o cobertor na cama – e encontrei uma caixa cheia de insetos mortos. Deduzi que eram usados ou como colchão ou como um lanchinho noturno.

Enrosquei-me num canto e passei a hora seguinte me perguntando em que eu havia me metido. Até ali não tinha visto nenhum sinal de Ren nem de Kishan e, até onde sabia, a rainha Profanação podia estar blefando e nem tê-los como prisioneiros. Sabendo que eu precisava de descanso, apoiei a cabeça nas mãos, descobri como apagar meu cabelo e as tatuagens e tentei dormir.

Rapidamente descobri que a rainha *rakshasi* na verdade não me deixou por minha própria conta. Dois guardas enormes postaram-se diante da minha tenda e reprimiram quaisquer ideias que eu tivesse de sair furtivamente para procurar Ren e Kishan. Tirei cochilos intermitentes durante o dia, preocupada com meus tigres.

Quando o cometa da noite passou lá no alto e as árvores de fogo se extinguiram, fui chamada para a batalha. A rainha havia se vestido especialmente para a ocasião com uma espécie de armadura de ossos, e seu cabelo estava penteado de modo a parecer uma fogueira. As tatuagens em seu rosto reluziam num vermelho vívido, como se alguém a houvesse esbofetado com a mão suja de tinta.

Marchamos até uma grande clareira, e os demônios *rakshasa* fundiram-se com as árvores ao redor, de modo que somente seus cabelos-tochas ficaram visíveis.

A rainha se posicionou à minha frente e ergueu os braços no ar.

– *Rakshasas!* Testemunhem o poder da sua rainha!

Ela rodou os braços dramaticamente e produziu faíscas e uma fumaça negra que redemoinhou à nossa volta. A fumaça se movia como se tivesse vida e serpenteou na minha direção. Então deu a volta em torno do meu corpo e retornou à rainha. Ela gritou e dois raios atingiram o chão.

A fumaça desapareceu e surgiram dois altares de pedra – com Ren e Kishan amarrados a eles. Os dois olharam ao redor, confusos, e forçaram em vão as cordas. As camisas pendiam em trapos, mas, afora isso, eu não via qualquer ferimento.

A rainha foi até Ren e deslizou uma unha semelhante a um punhal por seu peito nu. Ela estalou a língua.

– Ora, ora, meu lindo. Não faça tanta força. – Ela tocou os lábios dele com a garra grotesca. – Gosto da minha carne... macia.

Ela se aproximou, como se fosse beijá-lo, e Ren virou a cabeça com repulsa. Em retaliação, ela correu as garras pelo rosto dele. Os talhos verteram filetes de sangue, que escorreram pelo pescoço dele. Profanação voltou-se para Kishan.

– Talvez este aqui coopere mais.

Ela alisou os ombros largos de Kishan, descendo pelo braço. Ele rosnou, furioso, para ela.

A mulher demônio deu uma gargalhada rouca.

– Talvez eu o deixe viver um pouquinho mais. Sua agressividade é encantadora. Bem, não se desesperem, meus frágeis caçadores. Sua rainha veio resgatar vocês, seja qual for o resultado disso para ela.

Tanto Ren quanto Kishan me procuraram desesperadamente na floresta ao redor, mas seus olhos passaram direto pela minha nova forma.

Dei um passo à frente e gritei:

– Você já me fez perder muito tempo e me insultou ao maltratar meus guerreiros diante dos meus olhos. Não creio que tenha o veneno necessário para me derrotar.

A fumaça espiralou em torno de Profanação e os olhos dela cintilaram perigosamente:

– Vou sugar o tutano dos seus ossos enquanto você sufoca lentamente no próprio sangue – ameaçou ela.

Pus as mãos nos quadris e sorri, arreganhando as presas.

– Se ao menos sua mordida fosse tão forte quanto seu perfume repulsivo.

Ren e Kishan me olhavam abertamente, a boca escancarada, e o caçador *rakshasa* da noite anterior saiu do meio das árvores e sorriu, triunfante.

Justamente quando eu começava a achar que tinha a vantagem na luta, um fio de fumaça bateu em minha barriga e me jogou no chão. Em seguida, envolveu meu pescoço, cortando meu oxigênio. Rapidamente, desamarrei o lenço da cintura e sussurrei sentindo muita dor:

– Recolha os ventos.

A fumaça se agitou e pulsou dentro da bolsa que o Lenço havia criado. O ar redemoinhou pela

clareira e soprou meus cabelos em todas as direções. Finalmente, os ventos pararam e a bolsa dançou nas minhas mãos. Sorri para a mulher que me fuzilava com os olhos do outro lado da clareira, ergui a sobancelha e abri a bolsa. A fumaça disparou na direção da rainha, envolvendo-a, e começou a sufocá-la. Ela tossiu, ergueu os braços no ar e baixou-os de repente. A fumaça desapareceu.

Profanação estalou os dedos, e a luz de seus cabelos e do corpo se apagou. Assumi uma postura de batalha, desliguei minha luz interna também, e observei a escuridão com cuidado. Ouvi sua risada quando ela apareceu brevemente e tornou a desaparecer. Tentei sentir sua presença, mas ela se movia de forma furtiva. Um silvo veio da minha direita, e, quando girei, suas garras raspam meu braço e meu ombro.

Ela saltou sobre mim e me empurrou para o chão, mas eu a repeli e a ataquei com as minhas garras, conseguindo atingir-lhe a coxa e a panturrilha. Meu ombro começou a queimar horrivelmente, como se estivesse sendo corroído por ácido. Eu havia pensado que a dor causada pelos arranhões do urso em minha perna tivesse sido excruciante. Essa era muito pior.

A mulher demônio tornou a desaparecer, só para se materializar a poucos metros de distância. Então sussurrou algumas palavras e, com um floreio, o tridente apareceu em suas mãos. Ela o voltou para mim.

– Talvez você esteja sentindo falta disso. – Ela brandiu a arma e andou em um círculo. – Tenho que admitir que fiquei surpresa com sua coleção de prêmios de guerra. Para uma rainha tão fraca, você conseguiu muita coisa.

– Aproxime-se um pouco mais – ameacei com um sorriso maligno – e vou lhe mostrar quanto mais posso conseguir.

Ela atacou com o tridente, mas dei um passo para o lado e a atingi nas costas com meu poder de fogo. Escutei os silvos coletivos e a mudança de posição dos demônios nas árvores e sorri até ouvir a rainha rir com animação.

– Ah, isso foi *bom*. – Ela voltou-se e espreguiçou-se languidamente. – Você precisa me contar o segredo desse seu poder antes de morrer, minha rainhazinha.

– Sem chance – sibilei e me agachei para o próximo ataque.

Idiota! O fogo é bom para eles. Hora de mudar de tática.

Saltei sobre a rainha e a empurrei para o chão. Ela soprou na mão, que estava cheia de algum tipo de pó que pegou fogo e mandou faíscas voadoras para todos os lados. Eu não conseguia ver nada, a não ser clarões brancos. Ainda assim, choquei-me contra ela cegamente, e atacamos uma a outra com nossas garras até eu estar coberta por feridas que ardiam.

A rainha me dominou, prendendo-me ao chão com suas pernas musculosas, e envolveu meu pescoço com suas garras. As pontas perfuraram minha pele, e pude sentir seu veneno penetrando meu corpo.

– O que tem a dizer agora, rainhazinha?

Mostrei as presas e sorri.

– Que tal um pouco de chuva?

Os olhos dela se estreitaram em confusão. Sussurrei para que o Colar de Pérolas fizesse chover

apenas na rainha *rakshasi*. Pude sentir o cheiro da água antes que ela me tocasse. Uma névoa branca se formou acima de nós. A nuvem escureceu e trovejou, então uma leve pancada de chuva começou a cair. A rainha gritou quando as gotas bateram em suas costas e seus braços. Sua pele chiou quando a água se precipitou sobre ela, e as tatuagens desbotaram.

Dei um murro na cara da rainha demônio e a empurrei para o lado. Rolando para longe, encerrei a pancada de chuva e sussurrei ao Lenço para que a amarrasse e amordaçasse. Fios dispararam do Lenço e se enroscaram nas pernas e nos braços de Profanação. Ela usou as garras para cortá-los várias vezes, mas o Lenço simplesmente tornou as cordas mais grossas.

Pisquei, tentando aclarar minha visão e dar foco a todas as formas à minha volta. Apalpei um dos altares de pedra e esbarrei em carne humana.

– Você dá um lindo demônio – disse Ren, com orgulho.

– Obrigada. – Sorri debilmente e raspei as garras na pedra. Faíscas voaram, e as cordas apertadas que prendiam Ren se soltaram. Ele acabou de se libertar enquanto eu tropeçava até o outro altar para soltar Kishan. Meu sangue estava fervendo com o veneno e eu sabia que ele logo me subjugaria.

A rainha caída se debatia no chão. Cortei as cordas que prendiam Kishan e me empertiguei o máximo que pude.

– Relâmpago. Venha até aqui.

O poderoso demônio atravessou a clareira corajosamente e se prostrou diante de mim.

– Minha rainha – disse ele, erguendo a cabeça. – Deixe que eu me livre desses guerreiros fracotes que não puderam protegê-la e então assuma meu lugar ao seu lado.

Pus minha mão em seu ombro e lhe dirigi um sorriso quase amoroso.

– Tenho outros planos para você, grande caçador. – Eu podia sentir Ren e Kishan de pé atrás de mim. – Eu não permitiria que matasse esses dois guerreiros, pois eles são especiais e estão longe de serem fracos. Prometi uma demonstração a você, não foi?

O demônio *rakshasa* ergueu a cabeça. Cambaleei ligeiramente e Ren segurou meu cotovelo.

Eu o afastei com um empurrão, não querendo que os *rakshasas* me vissem enfraquecida, e gritei:

– Meus caçadores, venham até mim.

Ren e Kishan se posicionaram ao meu lado. Com um floreio dramático dos braços, ordenei:

– Sua rainha ordena que vocês mostrem suas garras a este clã.

Ren inclinou a cabeça e Kishan me estudou em silêncio por um segundo. Então os dois se metamorfosearam, assumindo forma de tigre. Os *rakshasas* que já haviam entrado na clareira deixaram escapar um arquejo coletivo. Ren grunhiu, ameaçador, e Kishan rugiu e cortou o ar com as garras antes de começarem a dar andar de um lado para outro, de maneira protetora, diante de mim. Alguns demônios imediatamente se prostraram no chão. Até mesmo a rainha parou de se debater e ficou nos olhando, embora estivesse no chão amarrada e amordaçada.

– Relâmpago – continuei –, meu desejo como sua nova rainha é que vocês não cacem mais as criaturas da caverna. Vocês se alimentarão apenas da carne de animais encontrados na floresta e deixarão a Fênix em paz.

– Sim, minha rainha.

– Os *qilins* serão libertados e, em vez de comer seus enfermos, vocês permitirão que eles se curem.

Ele inclinou a cabeça e disse:

– Como quiser.

– Vamos celebrar com um banquete da vitória.

O demônio se pôs de pé e sorriu.

– Sim! Vamos comer a antiga rainha!

– Não! – gritei. – Vocês irão tratá-la com respeito, mas não mais se curvarão aos seus desejos.

Ele respondeu, confuso:

– Se é este o seu desejo...

– É, sim, e decidi apontar você, Relâmpago, como o novo líder deste clã.

Ele hesitou e então disse:

– Mas nosso clã tem uma líder fêmea desde os tempos do meu avô.

– Você me disse que já foram liderados por um macho, correto?

– É verdade. – Ele fez uma pausa, então empertigou-se e gritou. – Eu irei liderá-los. Alguém aqui deseja me desafiar?

Ninguém se apresentou. Ele sibilou, presunçoso, e então se aproximou de mim e correu, com ousadia, as garras pelo meu braço.

– Malevolência, fique aqui como minha rainha e reine ao meu lado – ofereceu. – Divida comigo o seu poder e nada lhe faltará.

Ambos os tigres grunhiram e se agacharam para atacá-lo, mas ele os ignorou completamente.

Ergui o queixo com altivez e afastei o seu braço. Ele sorriu diante da minha hostilidade.

Com arrogância, respondi:

– Preciso voltar para cuidar do meu próprio clã, mas irei oferecer um banquete para vocês antes de partir.

Cambaleei e respirei fundo. Fechando os olhos, pedi um banquete para carnívoros e fui premiada com leitões suculentos, rosbifes malpassados e gordos perus. Surgiram pratos à nossa volta, e todos os demônios que ainda estavam de pé ajoelharam-se e curvaram-se diante de mim. Somente Relâmpago permaneceu de pé e ordenou aos caçadores que levassem a rainha e a comida de volta para o acampamento.

Quando ele olhou para mim em busca de aprovação, sorri para ele e no instante seguinte desabei em seus braços. Ouvi um rugido terrível de um dos tigres, uma variedade de silvos e gritos de angústia da parte dos *rakshasas*, a risada gutural da rainha amarrada e então não ouvi mais nada.



Qilins

Quando finalmente voltei a mim, pisquei e tentei levantar a cabeça – só para tornar a baixá-la com cuidado ao sentir uma dor excruciante explodir atrás dos meus globos oculares.

Kishan ajoelhou-se ao meu lado e tocou meu rosto e pescoço de leve com a palma da mão.

– Como está se sentindo?

– Como se o *kraken* tivesse me mastigado e me cuspidado – murmurei, tentando esfregar a testa dolorida.

Kishan segurou meu pulso antes que eu fizesse contato.

– Devagar. Tem que ter cuidado com essas coisas. Você pode acabar arrancando o olho.

Confusa, olhei para minha mão e gemi de leve ao ver que ainda estava disfarçada de rainha *rakshasi*. Meus dedos exibiam garras negras mortais das quais pingavam veneno. Pus o braço ao lado do corpo.

– Que maravilha. Quanto tempo fiquei fora do ar?

– Algumas horas.

– Onde está Ren?

– Ele está supervisionando o banquete e distraindo os guerreiros enquanto uso minha considerável magia para curá-la. – Kishan bateu no *kamandal* em seu pescoço e então ajeitou meu travesseiro. – Você não faz ideia de quantos demônios estão completamente apaixonados por você. Na verdade, o trabalho dele é mantê-los à distância.

Bufei.

– Eles não estão interessados em mim. É o meu poder que desejam.

Kishan ergueu uma sobrancelha, olhou-me de cima a baixo em meu disfarce *rakshasa*, e então sorriu.

– Acho que está subestimando seu poder de atração.

Senti o rosto quente com o elogio, e minhas tatuagens se acenderam, tornando-se vermelhas. O sorriso de Kishan se ampliou. Ele traçou delicadamente o contorno da tatuagem no meu rosto.

– A luz brilha sob a sua pele, principalmente quando a toco.

Desconfortável com a atenção, mudei levemente de posição e sibilei de dor.

Kishan afastou o rosto para examinar meu ombro em processo de cura.

– Fique deitada quietinha e deixe o elixir agir até que você se cure por completo. Os arranhões não foram ferimentos mortais. Eu me pergunto por que a afetaram tanto.

Aceitei o copo de água que Kishan ofereceu e bebi enquanto ele me ajudava a levantar a cabeça.

– Foi o veneno nas garras dela – respondi entre goladas.

Contraí os dedos perigosos e me concentrei para retrain as garras. Kishan então pegou minha mão, levou-a aos lábios para um beijo e disse:

– As criaturas mais bonitas com frequência são as mais mortais. Pelo menos o elixir da sereia está curando você.

Fechei os olhos e me recostei em seu peito largo. Ele massageava minha nuca para aliviar o latejar na cabeça.

Pouco depois, Ren enfiou a cabeça na tenda e franziu a testa.

– Você deveria estar ajudando Kells a se curar e não se aproveitando do estado enfraquecido dela.

– O ombro está curado – explicou Kishan –, mas a cabeça ainda dói.

Ren se agachou na minha frente, e seu rosto assumiu uma expressão de preocupação. A dor era tão forte que eu era obrigada a estreitar os olhos para vê-lo, embora a tenda estivesse iluminada apenas pela luz do fogo.

– O que foi? – perguntei.

Ren me observou em silêncio por um momento e em seguida disse:

– Não vou conseguir segurá-los por muito mais tempo. Eles querem ver a nova rainha. Aparentemente, sua vitória não estará completa até que você prove a eles que está viva e bem, e que o veneno de Profanação não a matou.

Assenti de leve e senti-me grata porque o movimento não me causou dor.

– Você consegue mais cinco minutos? – perguntei.

Ele se inclinou e beijou minha testa.

– Consigo. Ela está quente, Kishan – disse ele enquanto se abaixava para sair da tenda.

– Está tudo bem – expliquei para Kishan. – Quente é meu estado natural como demônio.

Ele riu e continuou a massagear minha cabeça com a ponta dos dedos.

– “Quente” é seu estado natural o tempo todo, *bilauta*. Relaxe e respire. Concentre-se em seu batimento cardíaco.

O tranquilo crepitar do fogo na tenda me acalmou. Concentrei-me em inspirar e expirar, e pouco a pouco a dor diminuiu. Adormeci tranquilamente nos braços de Kishan até que fomos perturbados por um clamor do lado de fora da tenda.

A voz de Ren estava alterada.

– Eu garanto a vocês que ela está viva. Só está descansando.

– Queremos vê-la! – insistiu um demônio.

– Deixe-a andar entre nós – gritou outro.

– Vocês a monopolizam. Isolam-na do clã.

A voz de Ren soava ameaçadora.

– Ela lhes ofereceu um banquete suntuoso. Gastou muita energia para beneficiar vocês. Deem tempo à sua rainha para que se recupere.

– *Recuperar*? O que isso significa?

O tumulto lá fora abafou a resposta de Ren.

– Eles não o entendem – sussurrei para Kishan. – Estão acostumados a falar com rancor e sarcasmo uns com os outros. Não demonstram bondade. Só conhecem fraqueza e força. É melhor você me ajudar a levantar.

– Tem certeza?

– Acho que consigo lidar com isso.

Apoiei-me nas pernas vacilantes enquanto Kishan segurava meu braço e me escoltava até o lado de fora da tenda. Um silêncio caiu sobre a multidão quando fiz minha aparição. Estreitando os olhos para os demônios, sibilei:

– Creio que seu banquete foi satisfatório...

Vários demônios murmuraram:

– Foi, sim, minha rainha.

– Então por que fui perturbada? – gritei.

Relâmpago se aproximou e inclinou a cabeça.

– Estamos... confusos.

– Talvez esses outros, de mente mais simplória, estejam confusos, mas você, Relâmpago, certamente não está. Por favor, explique que confusão é essa.

Ele entortou o canto da boca em um breve sorriso, então explicou:

– Um clã vive por sua rainha. Se a rainha estiver ferida, assim também estão seus caçadores. Eles simplesmente queriam se assegurar de que você estava bem. – Enquanto percorria meu corpo com um olhar lascivo, ele acrescentou: – Posso ver que se recuperou suficientemente de seus ferimentos.

Ren e Kishan rosnaram.

– Sim, me recuperei – repliquei.

Relâmpago sorriu, sugestivamente.

– Então é hora de você escolher seu consorte para a noite.

– Meu consorte? Muito bem. Escolho ficar com meus guerreiros.

– Você não pode escolhê-los. Numa outra noite, sim, mas, na noite da celebração de sua vitória, deve escolher um homem de nosso clã.

– Por quê?

– Esse homem irá seguir para seu novo clã com você. Ele se tornará seu. É a prática de todos os *rakshasas*. Tenho certeza de que sabe disso.

Os demônios murmuraram baixinho sobre minhas estranhas reações.

Pensando com rapidez, ri com deboche, me aproximei de Relâmpago e estendi as garras novamente para corrê-las pelo seu braço.

– E está esperando que seja você a minha escolha, recém-nomeado rei do clã *rakhasa*?

Ele agarrou meu braço e o apertou, fazendo-me dar um grito de dor que, não sei como, consegui transformar em um riso de desprezo. Relâmpago sorriu e retrucou:

– É claro que você me escolheria. Quem mais aqui está à altura?

Olhei nos olhos dele e passei a língua pelos lábios. Sua atenção se voltou para a minha boca e ele grunhiu em aprovação. Então baixou a cabeça para me beijar, mas, antes que encostasse em mim, eu o empurrei com violência e anunciei:

– Qualquer um de vocês que queira ser meu consorte terá uma chance justa de... atrair minha atenção. Esta noite vocês irão caçar.

Murmúrios de entusiasmo se espalharam pelo acampamento.

– No entanto, vocês não irão à caça de carne. Esta noite vocês me trarão uma... – fiz uma pausa enquanto vasculhava o cérebro tentando pensar em alguma coisa – ...uma flor de fogo branca. O primeiro a conseguir poderá ser minha companhia para esta noite.

Um a um os demônios do sexo masculino apagaram a luz de seu corpo e correram para a floresta. Relâmpago ficou para trás, me observando.

– E então? – perguntei. – Pensei que você estivesse interessado em ser meu consorte.

– E estou. – Ele inclinou a cabeça. – Só estava me perguntando por que seus dois guerreiros não partiram com os outros em busca do seu troféu. Eles não têm interesse em agradar sua rainha?

Kishan avançou audaciosamente, empurrou Relâmpago e disse:

– Não presuma que compreende os desejos de nossa rainha.

– É claro que eles irão caçar – interfeiri. – Não espero nada menos deles. Mas primeiro irão me escoltar até a árvore de onde verei o primeiro caçador a retornar.

Ren e Kishan me tomaram pelo braço, um de cada lado, e me levaram até um grupo de árvores de fogo que estavam apagadas, adormecidas. Entreguei a Ren um pequeno quadrado de tecido que pedira ao Lenço que fizesse. Ele leu a mensagem bordada e o passou para Kishan. Ambos se transformaram em tigres e deixaram o acampamento. Relâmpago me lançou um olhar desconfiado e então reduziu sua luz e também deixou o acampamento.

A aurora não demoraria a chegar, e eu tinha muito a fazer enquanto estavam todos ausentes. Usando o Fruto Dourado, enchi um cálice com suco de fruta do fogo e bebi. Depois de mais dois cálices, me senti muito melhor.

Renovada, voltei à tenda e reuni as armas, o ovo da Fênix e nossos outros pertences que haviam sido confiscados de nossas mochilas. Com Fanindra no braço e uma mochila recém-criada, reduzi minha luz e atravessei a escuridão até encontrar o curral que Relâmpago me mostrara na noite anterior.

Fechando os olhos, enviei uma mensagem aos animais que eu pressentia estarem descansando perto dali. Um suave relincho e um tropel de cascos foram a minha resposta, quando vários dos animais vieram para perto da cerca. O líder *qilin* se aproximou de mim, cutucou a minha mão e soprou um jato quente de ar pelas narinas.

Você voltou, princesa. Nós a aguardávamos.

Estão prontos para voltar a ser livres?, perguntei aos animais.

Eles bateram os cascos no chão, agitados, o que criou uma chuva de faíscas multicoloridas no chão, na noite até então escura.

Vocês conhecem o caminho através da caverna?, perguntei.

Conhecemos, mas muitos de nós se perderão na jornada.

Não se comerem estas frutas do fogo, pensei e pedi ao Fruto Dourado que criasse um monte de frutas do fogo no curral dos *qilins*. *Elas irão curá-los e ajudá-los a se manter acordados.*

Frutas do fogo! Elas estão desaparecidas há gerações! É um presente precioso que está nos dando,

princesa.

Os *qilins* devoraram as frutas ruidosamente, atravessando a dura casca externa com seus dentes de dragão. Produzi mais delas até que todos tivessem se fartado.

Agora estamos prontos para a jornada.

Por favor, tenham cuidado. Os caçadores estão por aí. Sigam rapidamente para a caverna. É pouco provável que eles os persigam até lá dentro.

Segui até o portão, que era fechado por um complexo sistema de cordas trançadas. Desamarrá-las era simplesmente impossível, pois os nós eram muito apertados.

Peguei o Lenço e tentei usá-lo para afrouxar as cordas. Fios dispararam do tecido e tocaram as cordas, mas, depois de algumas tentativas, os fios recuaram. Padrões e cores alarmantes tremeluziam momentaneamente sobre sua superfície antes de parar.

Mais uma vez tentei soltar uma seção. Meus dedos compridos eram desajeitados e, frustrada, puxei o dedo indicador do nó em que o enfiara e raspei, com raiva, a garra *rakshasa* sobre a superfície da corda. O nó caiu no chão.

Rapidamente, usei as garras para cortar as outras cordas. Curiosa, apanhei um pedaço cortado do fio sedoso.

Um dos *qilins* explicou: *As cordas são feitas das crinas e caudas de nossos irmãos mortos. Elas são muito fortes, e os demônios sabem que não podemos cortá-las.*

Lamento tê-las cortado então.

Não lamente. Eles ficariam felizes por estarmos sendo libertados.

O *qilin* diretamente à minha frente resfolegou e sussurrou uma advertência em minha mente: *Alguém está vindo, princesa!*

Fiquei tensa e me agachei nas sombras escuras. Os cavalos-dragões estavam tão imóveis que eu não conseguia ouvir nem sua respiração, embora pudesse sentir a presença da manada atrás de mim. Meus olhos *rakshasas* mal podiam distinguir a forma de um homem caminhando com cautela em minha direção.

Quando se aproximava, ouvi seu sussurro:

– Kells?

– Kishan? Aqui – sussurrei de volta.

Ele contornou algumas árvores e se espremeu por trás de alguns arbustos até conseguir pegar a minha mão.

– Você está bem? – perguntou.

– Você levou bastante tempo para me encontrar – comentei com um sorriso. – Onde está Ren?

– Fomos seguidos. Tivemos que nos separar e dar a volta até aqui.

Kishan ergueu o mecanismo de travamento e puxou o portão, abrindo-o o suficiente para dar passagem aos animais que se movimentavam, animados, na escuridão. Quando voltou para junto de mim, falou:

– Nunca senti nenhum cheiro parecido em minha vida. O que são eles?

Um dos animais bufou. *Nunca sentimos nenhum cheiro parecido com o seu tampouco.*

Eu ri baixinho.

– São *qilins* e podem se comunicar comigo. Acho que você os ofendeu.

– Peço desculpas – disse Kishan aos animais. – Só quis dizer que nunca conheci criaturas como vocês.

– Eles aceitam as desculpas – traduzi. – E precisamos recolher as cordas cortadas do chão. Elas são tudo o que resta dos *qilins* que os *rakshasas* mataram, e o rebanho de *qilins* não quer pisoteá-las acidentalmente.

Juntos, Kishan e eu nos abaixamos e recolhemos as cordas sedosas. Assustada por um toque no meu ombro, deixei cair o punhado de fios que tinha recolhido. Pondo-me de pé abruptamente, dei um salto para trás e ergui minhas garras letais.

– Está tudo bem. Sou só eu, Ren.

Baixei os braços para pegar as cordas e deixei escapar um suspiro trêmulo.

– Ren! Estávamos esperando por você. Só temos mais uma coisa a fazer.

Enrolando o Lenço em meu corpo, murmurei as palavras que me fariam voltar ao meu estado natural. Quando puxei o Lenço e o amarrei na cintura, corri as mãos pelos meus cabelos e rapidamente os preendi com uma fita.

– Muito melhor assim – sussurrei.

Com o canto do olho, vi o fogo se acender na escuridão.

– Traidora! Você não é nenhuma rainha *rakshasa*!

Relâmpago veio em nossa direção, suas tatuagens e cabelos acesos de raiva.

Pus o braço no de Kishan, sabendo que ele estava pronto a transformar a situação em uma briga. Dirigindo meus comentários a Relâmpago, falei com firmeza:

– Sou a mesma mulher que você admirou, com o mesmo coração e a mesma coragem. Apenas escolhi assumir uma forma diferente neste momento.

– E também escolheu libertar os animais que capturamos legitimamente? Você viola a lei dos *rakshasas*!

Estendi os braços e esfreguei as mãos lentamente.

– A lei *rakshasa* diz que tudo o que você seja forte o bastante para capturar é seu. Eu peguei essas criaturas de vocês. É verdade que, nesta forma, parece que não tenho poder, que sou uma presa – estreitei os olhos –, mas não se engane, Relâmpago. Ainda tenho a habilidade de fazer mal a você e a seu clã. Não tenho nenhum desejo de agir assim... no momento, mas, se me for apresentado o desafio, então...

Dei de ombros.

Ele me estudou em minha nova forma enquanto Ren e Kishan retesavam os músculos ao meu lado. Parecendo tomar uma decisão, Relâmpago sorriu malignamente e disse:

– Isto é um teste. Um teste que irá solidificar minha posição como líder do clã *rakshasa* para sempre, e eu não irei falhar.

Ele saltou em minha direção, as garras estendidas, e Ren e Kishan se transformaram em tigre e se chocaram com ele no ar. Enquanto rolavam de um lado para outro no chão, as garras rasgando o que encontravam, encorajei os *qilins* a fugir enquanto podiam. Saí de seu caminho à medida que um por um os grandes animais se moviam silenciosamente entre as árvores escuras na direção da

caverna distante, e então me virei para ajudar Ren e Kishan.

Murmurando algumas palavras e tocando o Colar de Pérolas em meu pescoço, fiz com que os homens fossem cercados por uma névoa úmida. Relâmpago arquejou e arfou, como se estivesse respirando veneno. Com um grito poderoso, se livrou dos dois tigres, extinguiu sua luz e escapou para o meio das árvores. Ren e Kishan estavam prestes a ir atrás dele quando eu disse baixinho:

– Ren, Kishan, deixem que se vá. Precisamos dar o fora daqui antes que ele ponha todo o clã atrás de nós.

Os dois tigres voltaram até mim, e senti uma cutucada nas costas, acompanhada por um leve relincho. Três *qilins* permaneciam ali.

Vamos levá-los para longe daqui, princesa.

Mas como?, perguntei ao líder. *Vocês precisam ficar com seu rebanho.*

Você nos prestou um grande serviço e vamos devolver o favor. Venha. Suba em nossas costas, e vamos levá-los para longe daqui.

Abaixei-me perto dos tigres e acariciei-lhes a cabeça. O tigre negro lambeu meu braço.

– Eles querem nos levar para um lugar seguro – expliquei. – Disseram que são rápidos e querem retribuir o favor.

Kishan voltou à forma humana e sorriu.

– Então, o que estamos esperando?

Os *qilins* acenderam suas luzes e bateram as patas no chão, ansiosos. Kishan me levantou e me colocou nas costas do líder do rebanho, e, enquanto eu agarrava um punhado de sua bruxuleante crina azul, Kishan saltou para as costas de um animal de cor verde. Ren também se transformou em homem e se abaixou para pegar alguma coisa, em seguida se aproximou de um animal roxo que zanzava ali perto. Ele saltou nas costas do *qilin* e habilmente o conduziu até onde eu estava.

Inclinando-se à frente para acariciar meu *qilin* azul, ele falou baixinho:

– Tome cuidado. Ela nunca cavalgou.

Depois de uma pausa, sorri.

– O *qilin* irá cuidar de mim.

– Ótimo – respondeu Ren antes de enfiar alguma coisa entre meus dedos.

– Sigam-me – chamou Kishan, e incitou sua montaria adiante com o joelho.

Saindo em disparada, o *qilin* de Ren o seguiu e o meu foi logo atrás. Fogo verde e púrpura formavam um rastro aos pés dos *qilins* de Ren e Kishan, e eu mais uma vez me maravilhei diante da beleza daquelas criaturas. O *qilin* que eu montava se movia tão suavemente e com tanta graça, atravessando a floresta escura, que pude relaxar e voltar a atenção ao presente que Ren havia entrelaçado em meus dedos: uma flor de fogo branca. Levei as pétalas suaves até o nariz e deixei que meus pensamentos voassem tão rápido quanto os cascos do *qilin* me levava.



Bodha – Cidade de Luz

Do alto de uma subida, tivemos nosso primeiro vislumbre de uma cidade linda e extensa. A Cidade de Luz estendia-se de uma extremidade a outra do vale, atravessada por um rio de lava que fluía do cume de uma montanha negra, corria pelos subterrâneos do centro da cidade e desaparecia entre as colinas na outra extremidade. Todos os edifícios cintilavam intensamente, apesar de cercados por árvores de fogo, e no coração da comunidade via-se um templo reluzente e deslumbrante que brilhava como um diamante. A visão era de tirar o fôlego.

Ren, Kishan e eu deixamos escapar um suspiro, em parte pelo esplendor diante de nós, em parte pelo alívio de finalmente ter alcançado ao nosso destino. Não havíamos chegado em casa, mas estávamos um passo mais perto.

Em algum lugar lá embaixo está a Corda de Fogo, pensei.

Com determinação renovada, desmontei do líder *qilin*, afastei o pelo de seus olhos e lhe agradei por ter nos levado até ali em segurança. Com um relincho, os três animais se afastaram, trotando entre as árvores, e logo desapareceram.

Dormimos a tarde toda, avançando além do fim do dia. Quando a noite caiu, foi a vez de as árvores de fogo dormirem, escurecendo como sempre, mas a cidade estava viva, cheia de luzes e atividade. Com cuidado, nos dirigimos para o vale, seguindo para os arredores da cidade. Todos pareciam estar se dirigindo ao templo para algum tipo de celebração ou reunião cerimonial.

Espiando através das árvores escurecidas, descobrimos que os cidadãos eram chamados de *bodha*. Eles brilhavam como os *rakshasas*, mas sua pele piscava com uma luz dourada e as tatuagens que se viam neles pareciam ter fins apenas estéticos. Os *bodha* não aparentavam ser agressivos, embora tivessem o físico musculoso de guerreiros.

Enquanto estudávamos a cidade dourada, perguntei a Ren:

– Você acha que foi aqui que surgiu a lenda do Eldorado?

– Não sei – replicou ele –, mas esta certamente parece uma cidade de ouro.

Kishan voltou-se para mim e pediu o Lenço Divino. Enrolando-o no corpo, ele murmurou algumas palavras e emergiu de sob o Lenço vestido como um cidadão de Bodha. Estendi os dedos para tocar seu braço. A pele era texturizada e iridescente, quase como as escamas dos *qilins*. Um sarongue pendia de sua cintura, e, afora as pulseiras e os braceletes brilhantes enfeitados com pedras preciosas vermelhas, a parte superior de seu corpo estava nua. A pele dourada era

densamente tatuada com desenhos negros e carmesim e os cabelos pretos haviam se tornado de um branco perolado. Até as sobrancelhas e os cílios reluziam com um brilho de pérola, e as escamas em torno de seus olhos eram pronunciadas, fazendo com que parecesse que os olhos dourados eram contornados com pedras preciosas.

Ren pegou o Lenço e também se transformou, só que seu esquema de cores era azul, verde e púrpura. Ele então me entregou o Lenço, mas fiquei ali parada, olhando os dois deuses dourados na minha frente... até que Ren me deu uma cutucada e Kishan riu, divertido.

Depois de eu me transformar numa mulher *bodha* e tirar o Lenço, Ren e Kishan andaram ao meu redor, admirando meu traje.

– Nada mau – disse Kishan depois de me avaliar.

– Ótimo – murmurei.

Examinei meu braço, coberto com borboletas de esmeralda e ramos negros retorcidos, e em vão tentei diminuir a luz que emanava da minha pele. Erguendo a mão para tocar meu cabelo, puxei um pouco por sobre o ombro. Era longo, cor de marfim e áspero, muito diferente do meu cabelo natural, que era cheio, castanho, com um ondulado natural. Eu usava joias douradas incrustadas com o que pareciam esmeraldas, mas que, na verdade, eram criações do Lenço, e um vestido aparentemente tecido com fios de luz das estrelas.

– Como está o meu rosto? – perguntei.

– Está bonito – replicou Kishan.

Ren havia se abaixado para arrumar nossas mochilas e, sem nem mesmo me olhar, respondeu:

– Suas pálpebras estão cobertas com minúsculas esmeraldas cujo brilho irradia até as maçãs do rosto. Pedras de topázio pontilham a sua testa, das sobrancelhas à linha dos cabelos. A pele do seu rosto tem um tom esverdeado que se derrama pelo pescoço e pelos ombros e então esmaece até se tornar dourado.

Ele se ergueu e veio até mim.

– Seus lábios – os olhos de Ren se demoraram neles pelo mais breve momento – também são dourados. A única coisa que está faltando... é isto. – Ele pegou a flor de fogo branca que ainda brilhava em minha mão e a colocou em meu cabelo, torcendo o caule e prendendo-o nos cachos logo acima da orelha. Minha pulsação deu um salto com seu toque. – Ela não está simplesmente bonita, Kishan. Está perfeita.

Antes que eu pudesse reagir, Ren apanhou as mochilas e seguiu para a cidade. Kishan resmungou alguma coisa que não entendi e então me ofereceu sua mão. Sem uma só palavra, nos juntamos à procissão de pessoas que caminhavam na direção do templo em forma de pirâmide na Cidade de Luz.

– Eles parecem bem animados com alguma coisa. E qualquer que seja o motivo, não acontece há muito tempo. Esta deve ser uma ocasião especial – sussurrou Ren depois de usar sua audição de tigre para escutar o que dois idosos falavam ali perto.

Um grupo de pessoas havia formado um círculo e batia palmas e cantava, acompanhando músicos que tocavam tambores e instrumentos semelhantes a flautas ou gaitas. À medida que o ritmo da música se acelerava, alguns dos *bodhas* começaram a dançar. A energia da multidão era palpável.

Flores eram atiradas no poço de lava, onde flutuavam sem queimar. O cheiro que exalavam era denso e inebriante.

Fomos nos aproximando do templo imenso, e eu não conseguia tirar os olhos do prédio. A construção não só refletia a luz de todos à sua volta, como também brilhava com o próprio fogo interno. A superfície era multifacetada, feito a de uma pedra preciosa lapidada como um brilhante, e sua luz dançava à nossa volta, como se estivéssemos parados debaixo de um globo de espelhos de discoteca. De onde estava, eu não conseguia enxergar o topo, mas calculei que o edifício tivesse altura equivalente a uns 20 andares. Lembrava umas imagens que eu vira de templos maias.

O edifício era um cristal gigante entalhado em forma de tetraedro e uma escada íngreme e com vários patamares levava ao seu topo. Guardas armados com lanças postavam-se em cada degrau, da base até o cume. Embora tivessem uma aparência impressionante, sorriam alegremente para a multidão e não pareciam esperar qualquer tipo de problema.

De repente, dois homens jovens e bonitos surgiram por uma porta na metade da escada. Juntos eles desceram vários degraus até se encontrarem logo acima da multidão. Seus corpos estavam polvilhados de ouro, e os dois usavam sarongues semelhantes aos de Ren e de Kishan, só que bem mais detalhados. Braceletes de ouro circundavam os braços, os antebraços e as pernas deles, e viam-se plumas de aves de fogo trançadas nos cabelos brancos que lhes desciam pelas costas.

– Os Lordes! – aclamou a multidão.

Um dos homens ergueu a mão, e os gritos e assovios cessaram.

– Meu povo, faz muito, muito tempo desde que adicionamos um novo membro ao nosso clã. Alguns chegaram até a se perguntar se o tempo de agregar novos membros havia terminado definitivamente. Agora sabemos que não. Essa energia líquida que corre sob nossa cidade e nos sustenta não perdeu seu fogo, afinal. Ela ainda fala com o mundo lá em cima e nos traz vida nova.

– E nova esperança para os nossos Lordes! – gritou a multidão de *bodhas* em resposta.

O homem que falava sorriu e deu um tapinha no ombro do companheiro.

– Isso. Nova esperança, irmão.

– À esperança! – replicou o outro e ergueu um cálice dourado.

Com o brinde ainda pairando no ar festivo, bebidas foram distribuídas à multidão.

Os Lordes mais uma vez ergueram os cálices dourados.

– À esperança. Que essa adição possa ser a dama perdida que procuramos!

– À esperança! – berrou a multidão, e então todos beberam o líquido dourado.

Kishan pegou um copo e provou seu conteúdo.

– É gostoso – ele nos assegurou baixinho. – Parece uma mistura de fruta do fogo e maçã.

– Está sentindo, irmão? Ela está vindo – disse um dos Lordes quando o par desceu para o meio da multidão.

Guardas ladeavam os homens enquanto eles caminhavam em meio aos *bodhas*, ao longo da praia de areia negra. Aproximando-se do lago de lava incandescente, eles foram até a borda e ficaram olhando de maneira intensa para a superfície.

Eu me encolhi vendo como os dedos de seus pés estavam perto de se queimar e tive um flashback do meu próprio corpo sendo consumido pelo fogo e da agonia que senti. Agarrei o braço de Ren.

Ele me olhou preocupado, mas respirei fundo e sussurrei:

– Venha. Vamos chegar mais perto.

Encontramos um local de onde podíamos ter uma vista sem obstrução. Não demorou para que eu percebesse algumas bolhas subindo até a superfície e em seguida uma ondulação, que começou a crescer. A multidão apontou, agitada, quando uma jovem emergiu do meio da lava. Eu arquejei. Ela tremia e estava claramente apavorada. Enquanto caminhava na direção da margem, limpou a lava dos braços e pude ver que sua pele era de um vermelho brilhante.

Os Lordes atravessaram o rio de lava para recebê-la, totalmente alheios ao calor e ao fogo. Um deles envolveu a garota com um lindo roupão e o outro colocou uma tiara de flores de fogo em seu cabelo. Gentilmente, guiaram-na até a areia negra.

Um dos irmãos falou:

– Bem-vinda à Cidade de Luz, pequena. Aqui vamos tomar conta de você. Cada desejo seu será satisfeito. Venha conosco.

Enquanto os dois homens a levavam para o templo, os *bodhas* davam vivas e atiravam flores aos pés dela. Quando a garota alcançou o edifício, abriu um breve sorriso antes de desaparecer lá dentro com os irmãos. Os guardas voltaram a suas posições originais na escada.

Assim que a cerimônia chegou ao fim, a celebração teve início. A música recomeçou, a comida foi servida e a multidão pôs-se a festejar perto do templo. Nós três nos misturamos o melhor que pudemos e descobrimos que a comida era deliciosa, embora picante. Para o meu alívio, aprendi que a bebida que serviam o tempo todo diminuía a queimação em minha língua.

Ren, Kishan e eu ouvimos um pouco mais das conversas e descobrimos que a festa continuaria por quase toda a noite. Os *bodhas* esperavam que os Lordes reaparecessem com a feliz notícia de que a garota era aquela que eles vinham esperando. Não pude deixar de me solidarizar com ela e achei toda a situação um tanto familiar.

À nossa esquerda, um grupo começou a entoar:

– Conte-nos a história!

Eu queria ouvir e descobrir o que estava acontecendo, portanto me aproximei. Meus silenciosos protetores, Kishan e Ren, vigilantes, postaram-se perto de mim, observando a multidão.

Depois de dispensar o clamor insistente, um homem idoso acabou erguendo as mãos e falando:

– Acima de nós ficam as montanhas fumegantes... portais do mundo lá em cima para o nosso mundo aqui embaixo.

As pessoas murmuraram e assentiram com a cabeça.

– Os Antigos sabiam que nosso povo sofria, que não podíamos mais cuidar da chama sagrada sozinhos. Foi aí que os Lordes da Chama, Shala e Wyea, vieram nos governar.

Uma garota acrescentou:

– Mas eles deixaram alguém para trás.

– Isso mesmo, Dormida. A linda Lawala não veio com eles. Lawala era amada pelos dois irmãos e deveria escolher um deles. Antes que cada Lorde partisse através de uma montanha fumegante diferente, pediram-lhe que escolhesse e seguisse o irmão que ela desejava. Eles esperaram que ela viesse, mas a garota nunca veio. Perturbados, Shala e Wyea deixaram seus postos e a procuraram no

mundo acima, mas a adorável Lawala não foi encontrada. Logo tornou-se evidente que os irmãos estavam negligenciando seus deveres, de modo que os Antigos prometeram que, se os Lordes voltassem para seu mundo e cuidassem das chamas eternas no centro da criação, eles mesmos procurariam Lawala e a enviariam aos dois irmãos através das montanhas fumegantes.

Fascinada, fiz uma pergunta:

– Por que os irmãos não a reconhecem quando a veem?

O homem sorriu para mim.

– Os Antigos só sabem que têm que procurar uma garota jovem e virtuosa. Ela pode ter renascido sob outra forma, mas os irmãos insistem que a reconhecerão independentemente da forma que ela assumir.

– O que acontece com a garota se ela não for quem procuram? – perguntei.

– Ela se torna um de nós e se junta ao nosso clã. – O velho ergueu os olhos para o céu escuro. – Esta noite as montanhas fumegantes estarão sossegadas, pois os irmãos estão contentes, mas, se essa garota não for a dama que procuram, a fúria deles irá sacudir o céu e o lago de fogo explodirá no mundo acima.

Agarrei a mão de Ren e fiz sinal para Kishan de que deveríamos ir. Seguimos para a floresta de fogo e montamos acampamento.

Após uma breve discussão sobre o que havíamos visto, propus:

– Acho que ele estava falando sobre vulcões. Quando os irmãos estão aborrecidos, um vulcão entra em erupção na superfície da Terra. E também acho que as garotas chegam aqui depois de serem dadas em sacrifício a um deus do vulcão.

– Por que acha isso? – perguntou Ren.

– Porque o homem disse que eles procuram mulheres jovens e virtuosas e, nos mitos, livros e filmes, virgens são sacrificadas a vulcões. Além disso, cada Lorde veio para cá através de uma montanha fumegante. Faz sentido. De alguma forma, em vez de queimar, as garotas emergem em segurança no lago de lava perto do templo.

– É uma explicação plausível – replicou Kishan. – O que a profecia de Durga diz sobre os Lordes da Chama?

Folheei um caderno até encontrar o que estava procurando.

– A tradução do Sr. Kadam diz: “Os Lordes do Fogo pretendem conspirar para mantê-los longe do que precisam.” E não se esqueçam de que a Fênix disse que precisaríamos derrotá-los para obter a Corda de Fogo.

– É, não acho que eles vão querer cooperar – murmurou Ren.

– A boa notícia é que os guardas não parecem muito bem treinados – observou Kishan.

– Como pode saber? – perguntei. – Eles são só músculos.

Kishan esfregou o maxilar.

– O fato de terem músculos não significa que tenham as habilidades de luta de um guerreiro. Os guardas têm lanças, mas não as levam a postos. Sua atitude reflete relaxamento.

Ren assentiu em silêncio enquanto Kishan prosseguia com sua avaliação.

– Além disso, não parece haver guerra aqui. O *rakshasas* estão longe o bastante para não

causarem muitos problemas, e eu não vejo dissidências entre os cidadãos.

– Ele está certo – declarou Ren. – Parece um povo pacífico. Ainda assim, é melhor não correr riscos ou subestimá-los. Amanhã você fica aqui, Kells.

– O quê? Por quê? Já não provei meu valor numa batalha? Não foi o suficiente para você? Não vamos nos esquecer de quem os salvou quando os *rakshasas* levaram vocês prisioneiros.

– É um bom argumento, Ren.

Ren pareceu travar uma batalha interna antes de consentir.

– Está bem, mas fique perto de nós.

Bati continência para ele.

– Sim, senhor, general, senhor. Cadete Kelsey Hayes apresentando-se para o serviço – provoqueei.

Ren sorriu e jogou um travesseiro recém-criado em minha cabeça.

– Tire uma pestana, *cabo* Hayes.

Dei alguns socos no travesseiro e me deitei.

– Desde quando você usa essa expressão? – perguntei.

Ren deu uma gargalhada.

– Boa noite, Kells.

Com uma risadinha, virei-me de lado e dei de cara com Kishan me observando, calado. Ele estava pensativo. Tinha no lindo rosto aquela sua expressão perdida do tipo que pode tentar qualquer garota a fugir com ele. Sorri, mas ele simplesmente desviou os olhos e dobrou o Lenço Divino. Observei-o se movimentar em silêncio pela tenda, preparando-se para o primeiro turno de vigilância. Ele se acomodou na porta da tenda.

Enfiei a mão debaixo do rosto e estudei suas costas fortes e os ombros largos. Eu quase podia sentir o desapontamento de Kishan comigo. Estava distante em relação a ele desde minha experiência com a Fênix, e sabia que ele sentia isso. Teríamos que conversar, e logo, mas, por ora, eu não queria que nada nos distraísse de nossa meta.



Lordes da Chama

Disfarçados novamente de cidadãos de Bodha, percorremos o caminho até o templo. O povo havia muito se dispersara, seguindo para suas casas, e as ruas estavam quietas. Havíamos dormido apenas algumas horas, querendo estar de pé com o sol a fim de não perder os acontecimentos na cidade.

Não pensei que isso fosse possível, mas o templo era ainda mais deslumbrante na hora que precedia o alvorecer. Chegamos a ele sem nenhum alarde, e os guardas nos ignoraram completamente até Ren saltar na escadaria do templo. Kishan me levantou para que Ren me alcançasse, e quando nós três nos encontrávamos no primeiro patamar do templo, nos vimos cercados.

– Por que vieram aqui? – interrogou um guarda. – Por que perturbam nossos líderes neste momento mais sacrossanto?

Ren ergueu uma sobrancelha, mas intervim antes que ele pudesse dizer qualquer coisa.

– Bravos guerreiros, não era nossa intenção causar alarme. Estamos chegando de viagem e trazemos notícias da rainha dos *rakshasas*. Acreditamos que a informação seja suficientemente importante para justificar essa intromissão.

Segui firme e continuei:

– A rainha *rakshasa* lançou uma magia terrível sobre nós. Ela tentou impedir que avisássemos o seu povo.

Ren acrescentou uma história pessoal sobre a tortura a que a rainha dos *rakshasas* o submeteu. Supus que aquilo houvesse mesmo acontecido e por um triz não deixei escapar murmúrios de solidariedade e tomei sua mão. Baixei a cabeça com tristeza e consegui derramar uma lágrima.

Isso pareceu convencer os guardas de nossa sinceridade.

– Venham conosco – ordenou um guerreiro.

Seguimos dois dos guardas escadaria acima enquanto os outros retornavam a seus postos. Em um patamar a meio caminho do topo, entramos num corredor de mármore e descemos uma escada de cristal que nos levou ao centro da estrutura. Os lados da pirâmide se estendiam para o alto até se encontrarem em um pico bem acima de nós. Desse ponto de observação, as facetas do cristal pareciam janelas cintilantes fixadas em múltiplos ângulos.

Como o corredor, o piso da câmara interna do templo era de mármore cor de marfim com veios de ouro. Árvores de fogo estendiam os dedos folhosos até a ponta da pirâmide e emolduravam um

par de estátuas representando os Lordes da Chama sentados em tronos dourados. Um *qilin* de tamanho natural, uma imagem da Fênix e outros animais haviam sido entalhados em pedra reluzente e serviam como peças centrais para diversas fontes de onde fluía a brilhante lava laranja-avermelhada. Delas, subia um vapor morno.

Enquanto passávamos, Ren e Kishan tocaram com cuidado o líquido quente e disseram que a sensação era refrescante.

O guarda nos levou a uma nova seção do templo ainda mais linda do que o que eu já tinha visto. Havia mais estátuas, incluindo uma imensa escultura de mármore cor de marfim representando uma belíssima mulher ajoelhada. Os longos cabelos desciam abaixo de sua cintura e havia flores de fogo trançadas em suas mechas. Os lábios cinzelados eram cheios e exuberantes, e as dobras de seu vestido drapeado se amontoavam no chão liso. Flores frescas espalhavam-se ao seu redor. Essa garota linda não podia ser outra senão a adorada Lawala.

Então a sentinela abriu uma cortina diáfana, e vi os Lordes da Chama reclinando-se confortavelmente perto da jovem do lago de lava. Os dois homens alimentavam-na com petiscos e enchiam-lhe o cálice enquanto falavam com ela suavemente. Uma mulher escovava as longas madeixas castanhas da garota enquanto outra espalhava creme em sua pele.

A garota não parecia uma *bodha*. Sua pele era branca e imaculada, sem tatuagens. Os Lordes ficavam procurando motivos para tocá-la. Eles seguravam-lhe a mão e beijavam-lhes os dedos. As mulheres recebiam ordens constantes para que fizessem uma coisa ou outra a fim de deixá-la confortável. Elas afofavam os travesseiros e alisavam seu vestido. Ninguém pareceu notar nossa presença. Era quase como se fôssemos invisíveis.

Dei um passo à frente, mas o guarda me deteve e sussurrou:

- Temos que esperar que o ritual acabe.
- Que ritual? – perguntei.

Ele sacudiu a cabeça e levou o dedo aos lábios. Intrigada, virei-me para olhar.

Um dos Lordes se inclinou para a garota e disse:

- Chegou a hora, jovem.

O outro irmão se sentou e bateu palmas. Criados entraram carregando um objeto retangular coberto com um material sedoso. Os Lordes da Chama puseram-se de pé, delicadamente ajudaram a menina a se levantar e levaram-na na direção do objeto.

Um dos Lordes puxou o tecido de seda, revelando um reluzente espelho e explicou:

- Este espelho pertenceu à nossa amada Lawala. Prometeram-nos que um dia ela voltaria para nós.

O outro homem continuou:

- Pedimos a você que olhe o seu reflexo. Se for de fato nossa Lawala, irá assumir sua verdadeira forma e nós iremos comemorar juntos. Caso você seja simplesmente uma garota sacrificada às montanhas fumegantes lá em cima, seu corpo irá mudar. Você irá se tornar *bodha*, uma cidadã de luz.
- Ele beijou a mão dela e acrescentou: – Se você é minha Lawala, deve me escolher.
- Se ela é Lawala, irá me reconhecer como aquele que ela ama – replicou o outro irmão sombriamente.

A garota pareceu assustada com seu tom abrupto, mas, assim que ele percebeu, sua expressão se suavizou.

– Está pronta? – perguntou ele suavemente.

Ela assentiu e se virou para o espelho. A princípio, nada aconteceu, mas logo uma luz pareceu vir de dentro da área cercada pela cortina. A garota levou as mãos ao rosto e estremeceu ligeiramente. Seu cabelo se moveu, como se soprado por uma brisa, e lentamente os fios castanhos foram substituídos por outros brancos e grossos. A pele clareou e começou a brilhar, e, quando ela afastou as mãos do rosto, eu vi, refletido no espelho, o reflexo de joias cor-de-rosa sobre seus olhos.

Ouvi sua voz suave:

– Eu... eu sou *bodha* – sussurrou ela enquanto se olhava, admirando a pele reluzente e as joias que adornavam seu corpo.

Então as mãos dos Lordes da Chama cerraram-se com força. Seus peitos arfaram, a luz brilhante de sua pele turvou-se e os rostos bonitos se contorceram em amarga decepção. Eles tremeram com uma emoção tão poderosa que não puderam mais contê-la, e o piso sob nossos pés ressoou.

O templo mergulhou em sombras. Ren e Kishan seguraram meus braços quando o chão tornou a ressoar. O espelho rachou; cacos se soltaram e se espalharam pelo piso. Ergui os olhos e, através dos painéis do templo, vi nuvens escuras e ameaçadoras cobrindo toda a cidade.

A garota gritou, assustada, e os criados rapidamente a levaram dali.

Um dos irmãos gritou “Lawala!” e caiu de joelhos enquanto o outro, em um gesto febril, lançava as mãos para a estátua da amada. A linda estátua de mármore rachou. A fenda avançou pelo seu rosto, descendo pelo tronco e pelos braços.

– Não, Shala! – Wyea gritou para o irmão, mas era tarde demais.

O mármore cor de marfim havia se partido. Um braço quebrado despencou no chão, e então a coisa toda se inclinou em minha direção, lábios franzidos, como se Lawala quisesse pousar um beijo suave na minha testa. Kishan me pegou no colo, e ele e Ren saíram do caminho um instante antes que a pesada pedra se partisse em pedaços e caísse exatamente onde estivéramos.

– Estou bem – assegurei aos dois, enquanto Kishan me colocava no chão. – Sem nem um arranhão.

Senti Kishan ficar tenso e espiei por trás de Ren para ver o que estava acontecendo. Os dois Lordes da Chama haviam ficado quietos. A escuridão neles diminuiu quando finalmente perceberam nossa presença. Meu coração disparou, alarmado, ao perceber que ambos os homens na verdade haviam notado a *mim*. Eles me fitavam como se eu fosse o centro do Universo e avançaram resolutos em minha direção.

Instintivamente Ren postou-se à minha frente, bloqueando em parte a visão dos dois, mas os homens não vacilaram.

– Eu sou Shala – anunciou o Lorde da Chama, estendendo a mão para mim.

Com elegância, Wyea pôs a mão no ombro de Ren e de Kishan e os empurrou com delicadeza. Foi o mais leve dos toques, mas, de alguma forma, Ren e Kishan foram lançados voando para extremidades opostas do templo. Eles deslizaram pelo piso dourado e se chocaram com força, inconscientes, contra a parede.

Engoli em seco, nervosa, e disse a primeira coisa idiota que me veio à mente:

– Vocês... vocês são gêmeos!

Sem perder tempo, Wyea perguntou ao irmão:

– Temos tempo suficiente?

– Temos até o sol se pôr, quando então o ciclo irá se completar – replicou Shala.

Então, como se seguissem um roteiro, os irmãos sorriram e disseram:

– Bem-vinda a Bodha, jovem.

– Você já conheceu Shala. Eu sou Wyea. Aceita algo para beber? – ofereceu Wyea.

Ele enfiou minha mão sob seu braço e me conduziu até uma espreguiçadeira.

– Sei o que vocês estão pensando – falei, com nervosismo, enviando um sinal mental para os meus tigres. – Mas eu não sou Lawala.

– Isso somente o espelho pode dizer – censurou Wyea.

– É? Bem, mas eu já sou *bodha*, estão vendo? – Apontei para a minha testa com pedras preciosas.

– Já passei pelo seu teste do espelho e ele não me escolheu.

Shala tocou meu nariz com suavidade e sorriu.

– Saberíamos se você fosse *bodha* de verdade.

Ele estalou os dedos, e uma minúscula chama queimou na ponta de seus dedos. Ela disparou na minha direção, e meu disfarce *bodha* se dissolveu, trazendo de volta minha aparência normal. Meus cabelos castanhos estavam trançados. Eu usava inclusive minhas roupas comuns, até meu par de tênis favorito.

– Está bem – balbuciei. – Vocês me pegaram. Não sou *bodha*, mas não cheguei aqui através de um vulcão, como as outras garotas.

Felizmente, Ren e Kishan se mexeram e se levantaram de um salto. No entanto, os Lordes da Chama os ignoraram completamente.

– A maneira como você veio parar aqui não tem a menor importância – declarou Wyea.

– E você ainda é casta, caso contrário não teria conseguido entrar na câmara interna do templo – afirmou Shala. – Isso significa que você é elegível para o teste.

Enrubesci violentamente e lancei um rápido olhar de Ren para Kishan para ver se eles tinham ouvido. É claro que ouviram. Tanto Ren quanto Kishan abriram um sorriso até verem o sorriso do outro. À medida que se aproximavam, seus músculos ficaram tensos. Eu podia ver que estavam prontos para atacar a qualquer momento.

Antes que me desse conta, eu havia tomado o lugar que a outra garota acabara de ocupar. Criados me traziam coisas deliciosas para comer. O espelho quebrado havia desaparecido, e a estátua de Lawala fora misteriosamente refeita. Os Lordes da Chama se sentaram ao meu lado, me paparicando de maneira exagerada.

Estiquei o pescoço para ver o que Ren e Kishan estavam fazendo. Shala notou que eu os olhava e, com um aceno da mão, ergueu paredes de vidro ao nosso redor. Eu não podia mais ouvi-los, embora pudesse vê-los me chamando. Era exatamente o oposto da gaiola de cristal de Pôr do Sol. Em vez de estar do lado de fora, agora eu estava do lado de dentro com um par de gêmeos que eu mal conseguia diferenciar – e que aparentemente não conseguiam manter as mãos longe de mim.

Afastei-as com um empurrão e disse:

– Olhem, eu já tenho mais atenção masculina do que posso administrar e, embora esteja lisonjeada que vocês possam pensar que sou sua eleita, não estou interessada.

Shala olhou para Ren e Kishan.

– Eles estão distraindo você, meu amor? Podemos nos livrar dos seus rapazes facilmente.

Ele ergueu a mão e eu mais que depressa a cobri com a minha.

– Não, eles não são uma distração. Por favor, não os machuque.

Ele beijou meus dedos.

– Como quiser.

– Nosso único desejo é agradar você – acrescentou Wyea.

– Ah, já vi como funciona. Vocês querem me agradar até descobrirem que não sou Lawala. Então dão um ataque e o céu escurece e toda a luz desaparece da cidade enquanto vocês dois lamentam a própria sorte.

– Esses sentimentos sombrios não duram – explicou Wyea. – E você continuará sendo nossa, mesmo que não seja Lawala.

– O que quer dizer com isso?

– Você se tornará uma de nossas concubinas até que esteja velha demais para nos satisfazer. Então irá se juntar aos cidadãos de luz.

Bufei.

– Como eu disse, não estou interessada.

– Não se preocupe – acrescentou Shala rapidamente –, você irá demorar a envelhecer. Será nossa por séculos.

– Certo. Sabem, tenho planos de viver feliz para sempre com um *deles* – expliquei, apontando para Ren e Kishan. – Vocês poderiam aprender com eles uma coisinha ou outra sobre as mulheres. Por exemplo, nenhum dos dois simplesmente me descartaria quando eu ficasse velha. Além disso, nenhum deles teria um harém. O que vocês estão oferecendo não chega aos pés da oferta deles.

– Mas podemos lhe proporcionar o que você desejar. Diga-nos o que deseja, e nós lhe daremos – disse Wyea.

– Ótimo. O que desejo é um homem que *me* ame... não um homem que me escravize para preencher seus dias solitários com um corpo quente enquanto ele anseia por outra. O que desejo é amor verdadeiro, e não creio que vocês possam me oferecer isso. Vocês nem sabem o que significa. Se amassem de verdade essa Lawala, guardariam a lembrança dela em seu coração e não usariam outras mulheres numa triste tentativa de encontrá-la. Não acho que ela teria gostado disso.

Wyea agarrou meu pulso e o torceu dolorosamente.

– Você ousa supor o que Lawala pensava e sentia?

– Também sou amada por dois irmãos. Isso me coloca numa posição única para compreender sua namorada, não é? – respondi causticamente.

Shala segurou meu cotovelo e me virou bruscamente para ele. Seu rosto estava sombrio e furioso.

Dei uma risada áspera.

– Parece que a lua de mel chegou ao fim, hein?

– Você irá fazer o teste quer queira, quer não, meu docinho – ameaçou ele –, e irá aprender a nos respeitar e a reverenciar o nosso poder.

– O seu poder não me interessa. Ren e Kishan *conquistaram* o meu respeito. Eles são homens melhores do que vocês jamais poderiam ser. Nunca serei de nenhum de vocês dois.

Os Lordes gêmeos me deram um safanão, e eu caí em cima de umas almofadas.

– Tragam o espelho! Agora! – berrou Shala.

Criados entraram apressados com o objeto recém-restaurado. Cada irmão segurou um dos meus braços e me arrastou até eu ficar de frente para o espelho.

– Olhe lá dentro e me diga o que vê – ordenou Wyea.

Já cansada daquilo, sorri para o meu reflexo, ergui a palma da mão e estilhacei o espelho. Cacos afiados dispararam em todas as direções. Eu me abaixei, mas ainda assim sofri vários cortes. Nada sério, porém arquejei com as ferroadas. Os Lordes soltaram minhas mãos e deram um passo para trás.

Do outro lado do vidro, Ren atacou o criado que saía e o empurrou de cara contra a parede de vidro. O vidro se dissolveu diante dele, permitindo que Ren e Kishan entrassem aos tropeços, lançando-se entre mim e os Lordes da Chama.

Puxando a espada dourada do cinto, Kishan a moveu de lado e, quando a trouxe diante de si, ela havia atingido seu tamanho máximo. Com um giro da mão, a arma se dividiu, e ele jogou uma para Ren.

Kishan brandiu sua espada e perguntou:

– Por que vocês não tentam intimidar alguém do seu tamanho?

Os gêmeos olharam para Kishan... e riram.

– Que divertido – observou Wyea. – Eles querem lutar por sua mulher.

– Talvez devêssemos satisfazê-los – disse o outro. – Eles me fazem lembrar de como éramos há muitas, muitas vidas.

Os dois avaliaram Ren e Kishan e pareceram tomar uma decisão.

Shala bateu palmas. Um criado apareceu, e Shala lhe deu instruções:

– Mande preparar o campo de batalha e pegue nossas armas.

O criado saiu apressado, e uma trombeta soou lá fora.

– Vamos lhes dar algum tempo para se prepararem – ofereceu Wyea.

Então estalou os dedos e o fogo subiu à nossa volta.

– Esperem! Ouçam! – gritei. – O verdadeiro motivo de nossa vinda é...

Era tarde demais. O fogo nos envolveu, e eu senti uma onda de náusea e tontura.

Quando as chamas diminuíram, estávamos de pé em um terreno plano e rochoso, bem acima do vale. Seria difícil, se não impossível, descer dali. O templo cintilava lá embaixo, parecendo acenar para nós. Do outro lado da extensão do vale, erguia-se a montanha negra.

Explorando rapidamente nosso novo ambiente, descobri que as pedras sob nossos pés eram negras e viravam pó quando pisadas.

– Estamos em algum tipo de platô na borda do topo de uma montanha. A única maneira de sair daqui é saltar o abismo para a montanha ou descer pela face lisa do penhasco. Parece uma descida

bastante longa – relatou Kishan.

Estávamos discutindo a possibilidade de usar o Lenço Divino para fazer uma ponte de corda quando o solo se sacudiu. Duas pilastras de fogo se ergueram do templo lá embaixo e giraram no ar. Elas se moviam para a frente e para trás, como tornados de fogo, e então pousaram no solo negro onde estávamos. Chamas que giravam em torno delas diminuíram até desaparecerem por completo.

De pé diante de nós se encontravam os Lordes da Chama. Os longos cabelos brancos de Shala estavam agora negros e lustrosos, com reflexos de um vermelho profundo, e pendiam soltos. Ele usava uma armadura escarlate e uma cota de malha semelhante às escamas do dragão vermelho, Lóngjūn. A cor diabólica parecia combinar com seu estado de espírito. Shala apertou os lábios e girou ameaçadoramente sua arma – um bastão de aspecto maligno com uma lâmina em cada ponta. Um par de chicotes farpados também pendia de seu cinto. Seus olhos queimavam ao nos observar.

Os cabelos compridos de Wyea também estavam escuros, mas haviam sido amarrados na nuca. Sua capa cor de cobre ondulava na brisa enquanto ele caminhava em nossa direção. Empunhava uma lança comprida, e não pude deixar de notar o brilho das armas presas ao seu cinturão. A armadura de Wyea era negra e acobreada, e havia um leão feroz entalhado no peitoral.

Os Lordes da Chama se curvaram para mim, Ren e Kishan, e estenderam suas armas.

– O que é isso? – perguntou Kishan, com cautela.

– É nosso costume apresentar nossas armas aos oponentes antes de darmos início à batalha – explicou Wyea.

Eu nem tive tempo de protestar antes que Ren e Kishan aceitassem as armas oferecidas e também se curvassem, oferecendo as espadas douradas, o *chakram* e o tridente para a inspeção.

– Não confiem neles! – sibilei, mas minha desaprovação caiu em ouvidos moucos.

Ren e Kishan curvaram a cabeça ao mesmo tempo, examinando as armas, enquanto os Lordes da Chama mal olharam para o reluzente arsenal de Durga. Em vez disso, eles ficaram inspecionando a mim, de uma forma muito desconcertante. Para fugir da análise de Wyea, que me despia com os olhos, e da de Shala, que parecia estar imaginando o que eu faria como sua concubina, coloquei-me atrás de Ren.

Ren e Kishan estudaram rapidamente o bastão de Shala, sobre o qual eu sabia um pouco, tendo ouvido Li discorrer a respeito de armas depois de cada filme de artes marciais a que assistimos. A haste que corria ao meio terminava em guardas de ouro polido e era entrelaçada com fios de couro, que facilitavam a empunhadura. Lâminas longas e afiadas saltavam de ambas as extremidades. Elas se voltavam para direções opostas e eram pontiagudas.

A arma de Wyea era uma clava pesada coberta de pinos presa a uma corrente de um lado e a uma lança negra e polida, com uma cabeça grande e pontiaguda, do outro. Mas, quando Ren correu o polegar pelo topo, a cabeça se fechou com um estalo tão rápido quanto uma ratoeira. Farpas afiadas dispararam de todas as direções, e, por mais que tentasse, Ren não conseguia fazer a arma voltar ao estado inicial. Wyea a tomou dele, e as farpas retornaram a seus esconderijos. O bonito Lorde devolveu a Ren seu tridente e a espada e admirou a própria arma.

– É linda, não é? – perguntou Wyea, olhando diretamente para mim. Com um sorriso arrogante e

uma piscadela, ele se virou disse: – Assim que vocês dois estiverem prontos.

Ren assentiu, calado, enquanto os Lordes gêmeos se dirigiam ao centro do campo de batalha.

Pus a mão no braço de Ren.

– Sei que arma é aquela – sussurrei. – O Sr. Kadam falou dela. É uma *Gáe Bolga*.

Kishan franziu a testa.

– O que é isso?

– É da mitologia nórdica. Não vou entrar em todos os detalhes, mas, quando a arma entra na carne, as farpas se abrem. A única maneira de tirá-la é – engoli com dificuldade – cortá-la fora.

Ren grunhiu.

– Bom saber.

– Estão preparados? – gritou Shala do outro lado do campo.

Pressionei o broche de Durga na mão de Kishan e o ouvi murmurar:

– Armadura e escudo.

O broche cresceu, envolvendo seu braço em ouro, e rapidamente moveu-se por todo o seu corpo, cobrindo-o com uma reluzente armadura negra e dourada. O broche então se transformou numa alça, e segmentos circulares projetaram-se, encaixando-se, até Kishan ter em sua mão um grande escudo em cuja frente se via um tigre negro rugindo.

Ren estendeu a mão para o outro broche. Seus dedos envolveram os meus brevemente antes que ele sussurrasse algumas palavras em híndi e o seu broche também começasse a crescer. Seções estenderam-se sobre seus membros e em torno deles, conectando-se com um forte clique. Logo seu corpo também estava protegido, envolvido numa armadura prateada e negra. Seu pesado escudo mostrava um tigre branco rosnando.

Ajudei a trançar o tridente no cinturão de Ren e então me ajoelhei para tirar o arco e as flechas de minha mochila.

A mão enluvada de Ren imediatamente cobriu a minha.

– O que está fazendo, Kelsey?

– Vou lutar com vocês – repliquei e afastei alguns fios de cabelo soltos dos meus olhos.

Ele sacudiu a cabeça e suspirou.

– Não quero que se machuque.

– Vou manter distância.

Ren estava prestes a dizer mais alguma coisa quando o fogo irrompeu em minhas mãos. O arco e as flechas se incendiaram e desapareceram.

Wyea de repente apareceu por trás de mim em um círculo de chamas.

– Você é o prêmio, minha querida, não um guerreiro.

– Acho que já ouvi isso antes. Estou cansada de ficar sentada de fora. Quero lutar pela minha própria liberdade. Certamente você não pode me negar isso.

A forma ardente de Shala se materializou ao lado do irmão.

– Por que não começamos?

– Ela quer lutar – explicou Wyea.

– Não pode.

Wyea limpou um pouco de pó preto de sua armadura.

– Admiro sua iniciativa. Talvez devêssemos deixá-la lutar.

– Não – advertiram Ren e Kishan ao mesmo tempo.

– Está vendo como são protetores? Esta batalha será memorável.

Mordendo o lábio, tomei uma decisão.

– Muito bem. Vou assistir desta vez... sob uma condição. Vocês dois – aponte para os gêmeos – têm que lutar de maneira justa. Nada de... se desmaterializar ou lançá-los do penhasco.

Os Lordes da Chama deram de ombros.

– Será uma luta justa – disse Wyea –, mas você aceitará os vencedores sem discutir, quem quer que sejam eles. De acordo?

– Espere um segundo, Kells – começou Ren.

– De acordo – anunciei e apertei as mãos dos dois antes que Ren ou Kishan pudessem intervir. – Mas compreendam uma coisa: se trapacearem, não haverá qualquer acordo. Poderei usar todo o poder ao meu alcance contra vocês.

– Aceitamos.

Wyea sorriu e, atrevido, acariciou meu rosto.

Com um grunhido, empurrei sua mão.

– Você não venceu nada ainda, portanto mantenha as mãos longe de mim.

Os gêmeos riram e então desapareceram, e uma trombeta soou.

– Acho que isso significa que está na hora – murmurei. Beijei Kishan na bochecha e sussurrei: – Isto é para lhe dar sorte.

Ele sorriu, e eu me virei para Ren.

– *Bhagyashalin*, Ren.

– Vejo você do outro lado, Kells.

Beijei-lhe o rosto também.

– Tome cuidado – adverti enquanto tirava o cabelo da frente de seus olhos.

Então os dois homens que eu amava seguiram para a batalha contra os Lordes da Chama. Enquanto se afastavam, eu me perguntei se minha promessa de me manter de fora não acabaria custando a vida de um deles ou de ambos.



No calor da batalha

Ren e Kishan tomaram posição. Wyea fez o primeiro movimento e atacou Ren com sua lança mortal. No último instante, ele girou, e a clava atingiu o escudo de Ren com um estrondo. Ren atacou com a espada, mas a arma pesada apenas resvalou na proteção de braço de Wyea.

Kishan e Shala ficaram girando um em torno do outro até que, com um grito de guerra, Kishan atacou, visando diretamente a cabeça de Shala. O senhor do fogo aparou o golpe com a extremidade de seu bastão, porém o golpe de Kishan foi tão poderoso que Shala cambaleou alguns passos para trás e precisou reajustar o capacete. Então ele sorriu, girou o bastão algumas vezes e golpeou Kishan com tanta força que Kishan rodopiou desequilibrado.

Rápido como uma bala, Shala rolou sua arma sobre os próprios ombros e enfiou a ponta afiada no ponto sem proteção onde as partes da armadura se encontravam no ombro de Kishan, que grunhiu e se afastou. A lâmina saiu coberta de sangue.

Shala deu uma gargalhada e gritou:

- Tirei o primeiro sangue, irmão.
- Mas será minha a primeira derrota – gabou-se Wyea.

Ele estivera efetivamente batendo no escudo de Ren até que a proteção ficou torta com a força de seus ataques, e, quando Ren fez um movimento arriscado para enfiar a espada no peito de Wyea, o Lorde simplesmente desapareceu e reapareceu ao lado do adversário. Com um poderoso golpe do senhor do fogo, o escudo de Ren voou de sua mão e ele caiu apoiado num dos joelhos.

– Isso é trapaça! – gritei, mas eles me ignoraram.

Ren rolou habilmente para longe de seu oponente e se ergueu a postos, com a espada numa das mãos e o tridente na outra. Com a espada, ele afastou a lança e, com o tridente, disparou dardos. Os mísseis amassaram a armadura de Wyea e um deles chegou a arranhar seu pescoço. Wyea tocou o ferimento e esfregou o sangue entre os dedos.

- Então você tem garras, afinal!
- Você não faz ideia – respondeu Ren e atacou.

Wyea voltou com força renovada ao ataque.

Enquanto isso, Kishan saltava sobre a lâmina de Shala, que tentava atingir seus pés. A outra extremidade do bastão deslizava num arco perfeito para decapitar Kishan, mas este ergueu seu escudo, no qual, felizmente, a arma resvalou. Com Shala de costas, Kishan apunhalou-o debaixo do braço, torcendo a espada ao puxá-la. Shala gritou e girou, furioso, erguendo sua arma acima da

cabeça.

Shala baixou a arma com um golpe pesado – justamente quando a espada de Kishan subia, indo ao seu encontro. Os dois homens se repeliram, e Shala lançou uma bola de fogo contra a cabeça de Kishan, que se abaixou e atirou no ar o *chakram*, atingindo as costas de Shala ao retornar e se cravando em sua armadura.

Enfurecido, Shala arrancou o *chakram* e o largou no solo negro. Seu sangue cobria a extremidade afiada da arma.

– Agora estamos quites – disse Kishan.

– Você não vai dizer isso quando eu tomar sua mulher – zombou Shala.

– Não nesta vida.

– Esqueça. Eu sou imortal. Suas vidas são como um piscar de olhos para mim.

Shala bateu o lado plano da lâmina no pescoço de Kishan em um golpe zombeteiro. Kishan caiu no chão, agarrou o *chakram* e pôs-se de pé num salto, terminando com o *chakram* atravessado diante do pescoço do senhor do fogo.

– Fique sabendo que também sou imortal e vou arrancar sua cabeça num piscar de olhos antes de deixar que você chegue perto de Kelsey. – Kishan pressionou o *chakram* no pescoço de Shala. – Então... você se rende? – perguntou ele.

O Lorde da Chama sorriu.

– O fogo nunca se rende.

O corpo de Shala tornou-se incandescente, mas ainda assim Kishan resistiu, embora gemesse de dor. A pele do rosto do senhor do fogo chiou e seu corpo inteiro tornou-se preto. Um vento forte soprou ao redor dele e as cinzas de sua forma foram levadas para uma nova posição, a uma pequena distância de Kishan. Ali as cinzas redemoinharam e assumiram a forma do homem, que, estalando os dedos, estava outra vez inteiro. Shala havia trapaceado mais uma vez.

– Belo truque – admitiu Kishan.

Shala sorriu.

– É bem útil. Agora, onde estávamos mesmo? Ah, eu estava prestes a matar você e ficar com sua mulher.

– Não é assim que eu me lembro.

Kishan correu, saltando sobre o senhor do fogo, girou no ar e tentou apunhalar-lhe as costas ao descer. Shala, no entanto, se esquivou antes que Kishan o atingisse. Quando este, ágil, aterrissou de pé, Shala girou o bastão como um moinho de vento, atacando com uma enxurrada de golpes até Kishan cambalear sob o assalto e deixar cair o escudo. Com um grito de triunfo, Shala enterrou a ponta afiada de sua lâmina no meio do peitoral de Kishan. A armadura, porém, pareceu deter a arma, ou pelo menos quase todo o seu progresso. Shala não conseguiu soltar o bastão, então Kishan o segurou com ambas as mãos, e os dois se empenharam em um cabo de guerra pela arma até que por fim Kishan ergueu o *chakram* e o desceu com força, partindo o bastão.

Shala cambaleou para trás com o pedaço quebrado de sua arma enquanto Kishan arrancava o outro pedaço de sua armadura, com um horrível ruído de metal sendo cortado. Suas mãos tremiam, e eu arquejei quando vi que a ponta estava coberta de sangue. Ofegante, ele se inclinou e

atirou a ponta quebrada do bastão aos pés do senhor do fogo.

Furioso, Shala pegou a arma arruinada e andou ao redor de Kishan.

– Você achou que isto fosse me deter? Eu lhe avisei! O fogo... não... se rende!

Chamas desceram pelos seus braços e inflamaram os pedaços do bastão. Ele os girou, um em cada mão, e tornou a atacar.

Do outro lado do campo, outra explosão de fogo chamou minha atenção. Ren havia lançado Wyea ao chão, e os dois rolavam perigosamente perto da borda do penhasco. Ren estava sem a espada e o tridente, e a *Gáe Bolga* também não estava à vista. O senhor do fogo parou na beira do precipício e empurrou a cabeça de Ren para trás, como se tentasse jogá-lo dali.

Montes de terra despencaram pela lateral do rochedo, indo cair no vale lá embaixo. Ren ergueu as mãos e envolveu o pescoço de Wyea. Com um forte empurrão, Ren fez com que os dois rolassem para longe do penhasco e continuou estrangulando Wyea. Mas o Lorde gêmeo levou as mãos espalmadas ao peito de Ren e uma corrente de fogo disparou de cada mão, como um lança-chamas. Gritando, Ren se afastou rolando e se levantou. Sua armadura estava queimada e fumegando.

Wyea também se pôs de pé, estalou o pescoço e disse:

– Acho que já é hora de tornarmos isso mais interessante.

O chão começou a tremer. Wyea murmurou alguma coisa e levantou as mãos lentamente no ar. À medida que o solo negro rachava, sopros de fuligem subiam por todo o terreno, deixando a arena cheia de buracos. O senhor do fogo prosseguiu com seu murmúrio.

Com um empurrão, Shala jogou Kishan no chão, perto do irmão. Eles observavam meus tigres com um brilho maníaco nos olhos. A arena se transformou. Os quatro lutadores subiram no ar, posicionados, cada um, no topo de um dos pilares negros que brotaram do chão. O campo de batalha parecia o quadro de avisos no laboratório de línguas da Western Oregon University, onde Artie trabalhava – nenhuma anotação, apenas centenas de pinos espetados em perfeita simetria, bem no estilo Artie. Por um minuto, quase desejei estar de volta à segurança de minha cidade natal, onde meu maior inimigo era Artie e sua agenda de encontros.

Cada pilar não tinha mais que 15 centímetros de diâmetro e posicionava-se a 60 centímetros dos outros que o cercavam por todos os lados. Fui até a parede de colunas bem acima de minha cabeça e esfreguei os dedos numa delas. Era marrom muito escuro e tão lisa e brilhante quanto vidro. Olhando meus tigres precariamente empoleirados lá no alto lembrei-me do golpe de garça no final do filme *Karatê Kid*. Mas eu sabia que isto não era um filme e que seria preciso muito mais que o simples poder do azarão para termos um final feliz.

Sem perder tempo, pedi ao Lenço que tecesse uma escada entre dois pilares e subi depressa. Quando cheguei ao topo, coloquei, com cuidado, cada pé em um pilar e equilibrei meu peso entre eles. Uma explosão de fogo atingiu Ren, que caiu entre as colunas negras. Preocupada, examinei a perigosa passagem à frente e vi que os Lordes gêmeos se equilibravam alegremente em seus respectivos pilares enquanto Kishan saltava de pilar em pilar tentando chegar a Ren.

Kishan deitou-se sobre vários pilares, firmou o corpo e estendeu uma das mãos.

– Pule! – gritou ele.

Com um esforço tremendo, ele puxou Ren entre os troncos de obsidiana e rolou para o lado,

abrindo espaço para seu irmão.

Quando ficou de pé, Ren tocou um ponto no peito e sua armadura se dobrou e encolheu de volta à forma de broche. Kishan prendeu o *chakram* no cinturão e fez o mesmo. Os Lordes da Chama curvaram-se em zombaria e, com um estalo dos dedos, suas armaduras desapareceram também.

Kishan agitou a espada dourada, mas a única arma que restava a Ren era o tridente. Os senhores do fogo se aproximaram. Ren pulou de pilar em pilar e executou um salto em espiral. Seus pés acertaram com um forte impacto o peito de Shala, fazendo o senhor do fogo desabar pesadamente sobre as colunas. Ren equilibrou-se ao cair e reassumiu a posição de luta. Shala quase caiu entre os pilares, mas se agarrou ao topo de um deles e conseguiu se erguer.

Quando Ren se preparava para atacar novamente, Shala se recuperou, girou a mão e lançou uma bola de fogo. A explosão atingiu Ren diretamente no peito. Ele voou alguns metros para trás e começou a cair entre os pilares. No último instante, Ren estirou o tridente em toda a sua extensão entre duas colunas. Quando lançou o corpo de volta no ar, como um ginasta na barra fixa, Shala estava à sua espera, e apresentou os chicotes farpados, estalando-os, um após o outro, e atingindo Ren impiedosamente. Ren girou no ar, rolou sobre o topo dos pilares e deixou cair o tridente. Arquejei quando a arma despencou entre as colunas, longe demais para ser recuperada.

Numa exibição impressionante, Ren atacou Shala, girando o corpo no ar, e agarrou a extremidade de um e outro chicote. Então abriu os braços com violência e arrancou as armas das mãos de Shala. As pontas deslizaram pelos pilares quando Shala atacou Ren – os dois rolando perigosamente no topo das colunas.

Kishan enfrentava Wyea com a espada e conseguiu tirar das mãos de seu adversário a clava, que voou pelo ar até que a pesada extremidade impelisse a arma para baixo, por entre os pilares. Wyea deu uma impressionante cambalhota para trás e estendeu a mão entre as colunas para agarrar sua clava, mas Kishan foi mais rápido ao alcançá-lo. Wyea rolou para longe uma fração de segundo antes que o pé de Kishan o atingisse.

Usando o impulso do salto para girar em um chute para trás, Kishan recuperou o equilíbrio e acertou o pé com violência no rosto de Wyea. Em seguida, pôs a espada sob o queixo do senhor do fogo, que, no entanto, murmurou algumas palavras e fez a espada de Kishan ficar tão quente que ele não pôde mais segurá-la. A carne queimada de Kishan sarava enquanto sua arma caía lá embaixo no solo.

Sem que restasse mais nenhuma arma, Ren e Kishan transformaram a batalha numa disputa de artes marciais diferente de tudo que eu já vira antes. Ren procurava os pontos vulneráveis de Shala com a técnica da garra da águia. Kishan usava a abordagem do macaco. Postou-se muito perto de Wyea, golpeando-lhe violentamente o tórax e os braços e até subiu pela perna do senhor do fogo, somente para saltar por cima dele e cair sobre as costas viradas de Shala.

Ren tinha que bloquear constantemente as lâminas giratórias de Shala, e ele e Kishan acabaram trocando de lugar muitas vezes durante a luta. Ren acertou um chute de calcanhar em Shala e aplicou um soco invertido em Wyea enquanto Kishan agarrava o braço deste e o girava no ar. Então Kishan acertou um gancho em Shala antes que ele pudesse atacar Ren.

Com a mesma rapidez, o jogo virou e a vantagem passou a ser dos senhores do fogo. Wyea

disparou uma corrente de fogo contra o peito de Kishan. Com dor e gravemente ferido, Kishan arrancou a camisa antes que as chamas o engolissem e desabou no topo dos pilares. Segundos depois, Shala lançou um pedaço de seu bastão quebrado contra Ren. A extremidade pontiaguda cintilou à luz ao girar no ar e se enterrou nas costas de Ren. Kishan segurou o irmão que caía e de algum modo conseguiu manter os dois no alto dos pilares.

Extraindo a arma, Kishan a atirou com violência para baixo, entre as colunas, e segurou o irmão enquanto os gêmeos zombavam.

– Isso foi o melhor que vocês puderam fazer? – provocou Wyea.

– Eles mal conseguem sustentar uma luta. É decepcionante – reclamou Shala, suspirando, e correu o dedo ao longo do fio da lâmina que lhe restava.

Wyea sorriu com atrevimento em minha direção.

– Pelo menos ganhamos a garota. Venha, irmão, não temos muito tempo.

– É melhor assim – disse Shala, pegando Ren pela camisa. – Nenhum dos dois foi homem o bastante para manter sua mulher.

Ele atirou Ren de volta aos braços de Kishan, e os gêmeos vieram em minha direção.

Estreitei os olhos quando se aproximavam e levei a mão ao Colar de Pérolas, lembrando que meu poder de fogo era inútil neste reino. Não havia a menor possibilidade de eu me entregar sem lutar.

Os irmãos estavam a meio caminho de onde eu me encontrava quando vi Ren e Kishan se erguerem como tigres atrás deles. Eles saltaram, as garras estendidas, e derrubaram os senhores do fogo. Suas unhas e dentes rasgaram a carne das costas e dos braços dos gêmeos até que eles caíram entre os pilares. Os felinos puseram-se a andar agilmente em círculos, a cabeça voltada para baixo, observando os Lordes da Chama como se fossem camundongos encurralados em um buraco. Ren e Kishan rosnavam e rugiam enquanto andavam de um lado para outro.

De repente, uma corrente de fogo subiu entre os pilares, e os tigres se afastaram, correndo. Implacáveis, os senhores do fogo surgiram numa espiral de chamas e pararam no topo das colunas.

– Vocês não se cansam? – cuspiu Shala.

Ren e Kishan se transformaram novamente em homens. Deixei escapar um suspiro reprimido, vendo que estavam completamente recuperados.

Kishan sorriu, ameaçador.

– Será preciso um *homem* muito mais forte que qualquer um de vocês para nos derrubar.

– Kelsey jamais será de vocês. Isso eu juro – ameaçou Ren.

Shala e Wyea ergueram os braços. O fogo percorreu os membros estendidos de Wyea e disparou na direção de Ren. Estrelas ninjas feitas de chamas – pelo menos era o que pareciam – erraram Kishan por pouco quando ele saltou de lado.

Kishan virou-se para Wyea e desferiu uma série de socos e cotoveladas, em seguida girou e deu uma rasteira em Shala. Enquanto isso, Ren saltou sobre Shala, caído, e bloqueou transversalmente um golpe de martelo com o punho que Wyea havia desferido contra a cabeça de Kishan. Sem sucesso, Ren tentou atingir pontos de pressão: articulações, o pescoço, os olhos e os ouvidos. No entanto, os gêmeos senhores do fogo se recuperavam rápido demais para que os golpes de mão aberta surtissem efeito.

Os Lordes da Chama disparavam repetidas correntes de fogo e estrelas ninjas flamejantes contra Ren e Kishan. Gritei novamente que eles estavam trapaceando, e mais uma vez eles me ignoraram.

Por fim, Ren e Kishan pareceram recuperar a vantagem. Eles acuaram os gêmeos até que os Lordes da Chama ficaram de costas um para o outro. Os quatro homens agora estavam exaustos.

Kishan chutou Wyea no rosto, e o senhor do fogo desabou. Inclinando-se sobre ele, Kishan gritou entre dentes:

– Você se rende?

Wyea cuspiu sangue, e o líquido carmesim escorreu de sua boca.

– Nunca.

O senhor do fogo fechou os olhos e murmurou algumas palavras. Um estalo soou à nossa volta.

– O que foi isso? – gritei. – O que você fez?

O ruído foi se aproximando, e eu gritei de pavor quando uma gigantesca criatura vermelha emergiu e começou a se arrastar sobre o topo do pilar perto de mim. Era um escorpião! Ele surgiu no alto da coluna, seguido por dezenas de outros. Um deles me atacou com a cauda. Em pânico, lancei um raio contra ele, mas ele absorveu a força e, na verdade, ficou ainda maior.

– Muito bem! Chega! – gritei com fúria.

Eu já suportara o bastante. Os Lordes da Chama estavam trapaceando, o que significava que eu tinha todo o direito de intervir. Acaricieei o Colar de Pérolas no meu pescoço e senti uma onda refrescante de água percorrendo, com um silvo, meus braços e pernas. Minha raiva se acalmou e minha mente clareou. Senti ondas pulsando, quase lambendo delicadamente a ponta dos meus dedos. Erguendo a mão, ataquei o escorpião gigante perto de mim com um jorro de água. Ele emitiu um grito estridente quando despencou pela lateral do pilar.

Abrindo os dedos, deixei que as ondas de água percorressem meus braços, e acertei duas criaturas que escorregaram para o solo escuro lá embaixo. Um por um, fui eliminando os escorpiões, me aproximando cada vez mais dos homens que lutavam. Ren e Kishan conseguiam derrubar os monstruosos artrópodes das colunas, mas os escorpiões simplesmente faziam a volta e tornavam a subir. Continuei manipulando a água, tirando quase todos eles de ação.

– Recolha suas criaturas – gritei para os Lordes. – A luta acabou.

Os homens pararam e olharam para mim.

Shala sorriu.

– A luta só acaba quando alguém vence.

– Acabou... porque *eu* venci – declarei e estreitei os olhos, fitando o senhor do fogo.

– Prove, então – provocou Wyea.

Ele lançou uma bola de fogo contra mim. Ergui a mão e a apanhei, quicando-a algumas vezes, e então a atirei de volta, mirando sua cabeça. Errei, mas o gesto fez com que os Lordes da Chama me fitassem, em choque.

– Você tem o poder da chama? – murmurou Shala, pasmo.

– É ela! – declarou Wyea. – Só pode ser! Lawala retornou.

Ele agitou a mão e todos os escorpiões que restavam desapareceram.

Os Lordes da Chama saltaram os pilares tentando me alcançar, mas foram interceptados por Ren e

Kishan, que os derrubaram. A pele dos Lordes gêmeos começou a brilhar, e fogo e luz rodopiaram em um ciclone em torno de Ren e Kishan, que foram erguidos no ar e incendiados. Eles se contorceram de dor e gritaram.

– Pare! Ponha-os no chão! Agora! – berrei.

– Eles não têm a menor importância. Precisamos completar o ritual. Você virá conosco – disse Shala em tom ameaçador.

– Não irei. – Chamei a água em meu interior e ameacei. – Estou avisando. Deixe-os ir ou vocês sofrerão muito.

Shala e Wyea sorriram com arrogância e se aproximaram. Com um forte impulso, enviei uma imensa onda na direção deles. Uma grande nuvem de vapor subiu em torno deles quando a água bateu em seu peito. Eles pareciam ilesos, porém confusos, como se nunca tivessem visto água.

Baixei as mãos.

– Deixe-os em paz.

Wyea se empertigou, inclinou a cabeça e girou o dedo. O fogo explodiu em torno de Ren e Kishan até que eles se viram completamente envolvidos por ele. Desesperada, voltei meu poder na direção deles, tentando extinguir as chamas.

Os Lordes da Chama riram.

– Seu poder não é tão forte quanto o nosso.

– Ah, é?

Liguei minha válvula interna na potência máxima. A água passou ao redor dos homens que eu amava, mas Ren e Kishan ainda estavam sofrendo. Cada segundo que transcorria era de agonia. Eu precisava deter os Lordes da Chama antes que fosse tarde demais. A força das minhas emoções fez com que a água ficasse gelada. Eu não conseguia dominar as chamas que cercavam meus tigres, então voltei meu foco gelado para os gêmeos. Eles gritaram quando a água congelante os atingiu. O ciclone de fogo que envolvia Ren e Kishan abrandou, baixando-os lentamente até o topo dos pilares. Na mesma hora, eles se transformaram em tigres a fim de acelerar o processo de cura.

Eu podia ver o pelo queimado em seus corpos. Lançando mão de cada gota de energia que pude reunir, envolvi os senhores do fogo em gelo e corri o mais rápido que pude para onde Ren e Kishan estavam. Meus tigres arfavam em sopros curtos tentando respirar. Toquei Kishan com delicadeza, e a pele queimada se soltou e grudou na ponta dos meus dedos. Chorando, tirei com todo o cuidado o *kamandal* de seu pescoço e despejei algumas gotas em sua língua. Kishan lambeu a boca debilmente, e eu me voltei para Ren.

Seu pelo também estava caindo, mas suas listras negras ainda se destacavam contra a pelagem branca. Os bigodes e os cílios haviam desaparecido, e os pelos sensíveis dos ouvidos também tinham sido queimados.

– Meus pobres tigres – falei, com um soluço.

Dei a Ren também algumas gotas do elixir da sereia e rezei para que o líquido aliviasse a sua dor. Sentei-me com eles, acariciando a cabeça de ambos enquanto sua respiração difícil se acalmava.

Não demorou muito para que minha mão voltasse a ter contato com pelo macio.

Bagunçando o pelo na cabeça de Ren, sussurrei:

– Da próxima vez eu luto com vocês. – Dei um beijo na cabeça de Kishan e acrescentei: – Entenderam?

Ouvi ambos os irmãos bufando baixo e então uma voz nos interrompeu, em tom de escárnio:

– Escondendo-se na barra da saia de uma mulher, é?

Dei meia-volta. *Shala!* Ele estava parado a uma pequena distância. Parecia um pouco azulado, mas ainda tivera poder suficiente para derreter o gelo em que eu o encapsulara.

– Voltou querendo mais? – desafiei.

Shala esfregou o maxilar, e vi pequenas chamas se acenderem em seus olhos.

– De você? Não. Não queremos mais nada de você. Lawala jamais nos faria mal como você fez.

– É mesmo?

– Infelizmente, somos do tipo ciumento e, se não podemos ser felizes com nossa mulher, ninguém mais pode.

Ele ergueu as mãos e as apontou para Ren e Kishan. O fogo correu pelos seus braços. Voltei minhas mãos para Shala, e uma parede de água se chocou contra seu fogo, provocando um chiado horrível. O vapor subiu à nossa volta em ondas.

Um pensamento incômodo invadiu a minha mente. *Onde estava Wyea?*

Nesse exato momento, ouvi passos rápidos e Ren gritou:

– Kelsey! Não!

Antes que eu me desse conta do que estava acontecendo, Ren se atirou entre mim e Shala, que ria alegremente. Ren chocou-se pesadamente comigo. Eu me agarrei a ele em desespero enquanto caíamos nos braços estendidos de Kishan.

Kishan tirou Ren de cima de mim, e gritei quando o sangue de Ren escorreu em minhas mãos. Ainda tremendo e profundamente cravada no meio do peito de Ren, estava a *Gáe Bolga*.



Quimera

Eu podia ouvir o ruído que a terrível arma produzia à medida que a lança descarregava no peito de Ren. Farpas afiadas cravaram-se fundo, rasgando-o por dentro. Ele gritou quando o sangue esguichou de seu ferimento e escorreu pela boca. A suave risada de zombaria dos gêmeos às minhas costas tornou-se um mero ruído de fundo enquanto, em choque, eu olhava fixamente para a arma que se projetava do peito dele. Por um breve instante, revivi a perda do Sr. Kadam. A dor e o sofrimento me invadiram outra vez, e eu me vi incapacitada, sem conseguir me mover.

Pensei nos meus pais e na combustão da Fênix. Somente o toque gentil da mão de Kishan me trouxe de volta ao presente. Embora aquela fosse uma das coisas mais difíceis que eu jamais tivera que fazer, deixei Ren aos cuidados de Kishan.

Ainda mais determinada, voltei-me para os gêmeos. Wyea estava pior que o irmão; ele mal conseguia se manter de pé. Agindo puramente por impulso e com o peso da perda e da culpa ainda correndo por minhas veias, ataquei. Dessa vez, porém, concentrei todos os meus esforços em Wyea.

A água gelada atingiu o senhor do fogo e o derrubou da coluna. Decidida a terminar o que eu começara, tracei meu caminho sobre os pilares até encontrá-lo no chão, os membros retorcidos em volta dos pilares de obsidiana. Ergui as mãos e permiti que o vazio gélido que eu sentia por dentro se tornasse uma arma. Foi somente alguns momentos depois que percebi que a água que saía de minhas mãos havia se transformado em granizo. O ar gelado girava à minha volta e, ao contrair meus dedos, o granizo ganhou a forma de punhais de gelo.

Shala me perseguiu, naturalmente, mas dessa vez seus ataques não eram páreo para mim. Quando suas labaredas chegavam perto, meu vento invernal as apagava. Quando Wyea parou de se mexer, ergui os braços para o céu, voltei-me para Shala e gritei:

– Você não vai tirar Ren de mim. Se eu tiver que eu usar meu poder contra tudo e contra todos em seu reino, mesmo que seja necessário destruir o seu mundo, eu o farei.

Meu coração se apertou brevemente com tristeza diante do pensamento de destruir as árvores de fogo, mas a dor de perder Ren me dominava a ponto de eu deixar a culpa de lado. Com toda a honestidade, eu nem sabia se tinha o poder de cumprir minha ameaça, mas naquele momento me sentia como se tivesse. Se eu fosse um Jedi, eu teria definitivamente me voltado para o lado escuro da Força, pois meus pensamentos e emoções ruminavam a dor, a ira e a vingança. Mas eu não ligava.

Vendo o irmão tão gravemente ferido, Shala me fitou com amargura, e então assentiu com a

cabeça.

– Sua vida lhe pertence. Vocês estão livres. Reconheço nossa derrota.

Ele se agachou para olhar o irmão. Estendendo as mãos, ele cedeu ao gêmeo um pouco de seu próprio calor em declínio.

– Tem mais uma coisa – acrescentei, deixando-me levar pela vitória. – Exijo um prêmio por vencer.

Shala soltou um suspiro profundo e voltou-se para me encarar.

– O que você quer?

– Quero a Corda de Fogo.

– Como você sabe sobre essas coisas? – balbuciou Shala, chocado com meu pedido.

– Não importa. Eu simplesmente sei. Precisamos da Corda de Fogo para completar uma tarefa.

O Lorde da Chama se levantou, ergueu as mãos para o alto e em seguida as baixou devagar. Os pilares se moveram ligeiramente e então começaram a descer de volta ao solo. Eu me equilibrava com cuidado.

– A Corda nos foi dada por um Antigo. Disseram-nos que somente quando fôssemos derrotados numa batalha a Corda poderia deixar o nosso reino. Leve-a.

Ele me dispensou com um gesto da mão e se abaixou para ajudar o gêmeo ferido.

– Como a pegamos? – perguntei, grata por pisar novamente na segurança no solo negro.

Quando se inclinava sobre Wyea, Shala respondeu:

– Está enrolada numa árvore de fogo na base desta montanha. Posso mandar vocês até lá, mas terão que passar pelo guardião que a protege.

– Tudo bem.

– E... Kelsey, você é uma adversária temível, mas sugiro que partam para o mundo lá em cima antes que estejamos totalmente recuperados.

Shala sorriu ligeiramente e assentiu com a cabeça antes que ambos os gêmeos desaparecessem numa espiral de chamas.

Corri até Ren e me ajoelhei ao lado de Kishan.

– Como ele está?

– O corpo dele está tentando sarar, mas eu não consegui remover a arma.

Minhas mãos estremeceram quando toquei com cuidado a barriga trêmula de Ren.

– Precisa ser cortada. Lembra-se? Ele pode se curar de algo assim? – perguntei.

– Terá que ser feito com rapidez e cuidado, e devemos ter o elixir pronto.

Meus olhos se encheram de lágrimas ao pensar na dor que Ren ainda sentiria. Kishan foi reunir todas as nossas armas para que pudesse escolher qual seria a melhor para remover a *Gáe Bolga*. Pus a cabeça de Ren no meu colo e acariciei seus cabelos. Uma lágrima caiu do meu rosto em sua testa.

– Por favor, não morra – sussurrei.

Ele gemeu e se mexeu.

– Shh. Tente não se mover.

Usei o Colar para criar um copo de água, cuja borda pressionei contra seus lábios. Ele bebeu, mas o peito voltou a sangrar.

– Tudo bem. Vai ficar tudo bem – murmurei, tanto para mim quanto para ele. Toquei sua testa com meus lábios. – Tenho tanta coisa para dizer a você. Por favor, não me deixe.

Ele murmurou alguma coisa, mas não entendi. Ele sussurrou a palavra novamente.

Asambhava.

A tradução veio rapidamente à minha mente – *impossível*.

Ri em meio às lágrimas e disse:

– Ótimo. Porque pretendo mantê-lo por perto durante algum tempo.

Kishan voltou com o tridente e as espadas. Pressionando as lâminas douradas uma de encontro à outra até clicarem, ele girou o punho e encolheu as armas até ficarem do tamanho de uma faca. Então se ajoelhou ao lado de Ren e advertiu:

– Isso vai ser difícil. Os dardos estão nos pulmões e no coração dele.

– Lokesh apunhalou Ren no coração antes e drenou todo o seu sangue, e ainda assim ele sobreviveu – recordei, esperançosa.

– Nunca fui ferido com tanta gravidade assim – declarou Kishan, com franqueza. – Não sei quanto tempo vai levar para sarar. Dê a ele algumas gotas do elixir assim que eu remover a lança.

Assenti, calada, enquanto observava Kishan levar a faca ao peito de Ren. Ele mergulhou a lâmina rapidamente e começou a serrar. Eu não conseguia olhar. Fechei os olhos e continuei a acariciar-lhe os cabelos, mas senti Ren se contorcendo e depois o espasmo em seu corpo quando Kishan finalmente extraiu a lança de seu peito.

Imediatamente tentei lhe ministrar o elixir, mas ele arquejava tentando respirar e se debatia em razão do dano a seus pulmões. Kishan segurou sua cabeça com firmeza enquanto eu pingava algumas gotas em sua boca. Não pude deixar de ver o buraco aberto em seu peito. Chorando, usei o Lenço para cobrir a ferida exposta.

Como alguém pode se recuperar de algo assim?

Ren parou de se debater e ficou imóvel, como se estivesse morto. Novas lágrimas escorreram pelo meu rosto.

– Kishan...?

Não consegui terminar a pergunta. Não conseguia perguntar se ele ainda estava vivo.

Kishan inclinou a cabeça e apurou o ouvido.

– Ele não está respirando e o coração não está batendo.

– Não. *Não*.

Chorei e balancei meu corpo para a frente e para trás, embalando sua cabeça em meus braços.

– Por favor, volte para mim, Ren. Volte.

Fiquei repetindo isso até Kishan sussurrar:

– Kelsey, shh. Espere. – Kishan tocou brevemente o braço do irmão. – Estou sentindo uma pulsação fraca.

Somente depois de vários e angustiantes momentos Ren voltou a respirar. Seu peito produzia um som molhado e seu corpo mal se movia.

– Ele está há muito tempo sem oxigênio – murmurei, mais para mim mesma que para Kishan.

– Tudo o que podemos fazer é esperar, Kells – disse Kishan, esfregando minhas costas e

inspecionando o peito de Ren. – Ele permanece em péssimas condições, mas está começando a sarar.

Segurei Ren, agarrando-me a ele desesperada, como se quisesse fisicamente manter a morte à distância, e não me dei conta de que estava vertendo poder de fogo para ele até que, através das lágrimas, vi uma cintilação. Pisquei para clarear a visão e arquejei quando vi que nós dois estávamos banhados numa luz dourada. A magia especial que acontecia quando nos tocávamos estava ajudando a curá-lo.

Depois que percebi o que estava acontecendo, concentrei todos os meus esforços e continuei a forçar a energia que circulava entre nós para o seu corpo enfraquecido. Não demorou muito para que sua respiração se tornasse mais regular e profunda, como se ele estivesse dormindo. Kishan anunciou que o coração de Ren apresentava um batimento mais forte e que o buraco em seu peito havia se fechado.

Meus olhos foram ficando pesados. Eu estava muito cansada. Mudei para uma posição mais confortável e deitei a cabeça no ombro de Ren. Quase apaguei, mas uma mão segurou o meu pulso.

– *Priya*, você precisa parar – disse uma voz cálida.

– Não posso parar – murmurei. – Ren precisa de mim.

– Eu vou sempre precisar de você.

O corpo junto ao qual eu estava deitada se mexeu, e eu gemi, protestando. De repente me senti sem peso. Alguém havia me pegado no colo. Senti um beijo suave tocar meu rosto e ouvi vozes abafadas.

– Ela exauriu as forças tentando salvar você – disse Kishan.

Senti, em meu braço, o ronco abafado de um peito.

– Ela precisa de tempo para se recuperar, para descansar.

Ren. Ren estava me segurando. Mas como? Ele estava ferido.

– Eu posso levá-la. Você ainda está fraco.

– Estou forte o suficiente.

Ren falara de uma forma que não admitia discussão, mas ainda assim Kishan tentou protestar. Por fim, Ren disse baixinho:

– Ela será sua para o resto da vida, irmão. Deixe-me segurá-la agora.

Não houve nenhuma resposta da parte de Kishan, e o silêncio me acalentou, me levando a um sono mais profundo. Senti uma breve sensação de ardor na barriga, e então não tive mais consciência de nada.

Quando acordei, estava faminta. Ren e Kishan dormiam pertinho de mim, um de cada lado, e não estávamos mais no alto da montanha. Árvores de fogo nos rodeavam.

Ren se moveu primeiro e tocou meu braço.

– Kelsey? Como está se sentindo?

– Com fome – sussurrei. – E com sede também. Onde estamos?

– Chamamos os Lordes da Chama, e eles nos trouxeram para cá, junto com nossas armas. Seu arco e suas flechas foram devolvidos, e também temos o Lenço e o Fruto.

– Você está... curado?

– Estou bem. E você?

– Só estou mesmo com fome.

– Dá para vocês dois ficarem quietos? – resmungou um sonolento Kishan.

Fiz carinho em suas costas e dei um beijo em sua bochecha.

– Desculpe. Volte a dormir.

Logo Kishan estava sonhando outra vez, mas Ren me observava com seus olhos azul-cobalto.

Ficamos um longo tempo apenas nos olhando. Nenhum dos dois falou. Eu me sentia segura. Não estávamos nos tocando, mas a sensação era a de que ele me acalentava nos braços. Minha fome diminuiu, transformando-se em outra coisa, uma necessidade inteiramente diferente, e tudo o que eu podia fazer era devolver o olhar de meu tigre de olhos azuis.

Logo depois Kishan abriu os olhos e resolveu que era hora de levantar acampamento.

Meu corpo todo estava dolorido e rígido. Até meus dedos mindinhos doíam. Tentei me alongar.

– Ai. Não estou em minha melhor forma esta manhã – anunciei.

Ren começou a vir em minha direção, mas hesitou quando Kishan se aproximou de mim.

Kishan me deu um abraço apertado.

– Você está forte o bastante para prosseguir hoje? Ainda temos que lutar contra um guardião.

– Não tem pressa nenhuma – interveio Ren. – Ela gastou muita energia ontem. Pode precisar de mais tempo.

Fiz uma careta.

– Tem, sim, uma razão para nos apressarmos. Os Lordes da Chama deixaram bem claro que deveríamos desocupar o local antes que eles se recuperassem totalmente.

– Iremos devagar – assegurou Kishan. – E deixaremos Kelsey de fora enquanto combatemos a criatura.

Ren me lançou um olhar demorado; então voltou-se e reuniu nossos pertences.

Assenti com a cabeça para Kishan e me dirigi a uma árvore de fogo. Experimentei um sentimento de culpa enquanto usufruía avidamente de toda e qualquer energia que as árvores estavam dispostas a partilhar. Se eu houvesse precisado destruí-las para salvar Ren, não teria dúvida, mas lamentaria pelas árvores amistosas mais tarde. Os ramos cálidos envolveram meus braços e me acariciaram delicadamente. Não demorou muito para que eu me sentisse renovada e revigorada. Minha mente, porém, ainda estava cansada.

Eu me sentia exausta das batalhas constantes, do estresse de estar sempre em perigo e dos monstros e vilões que nos espreitavam a cada esquina. Pensei em minha casinha no Oregon, em como me sentira feliz lá. Uma profunda saudade de um sonho perdido tomou conta de mim. Tudo o que eu queria era estar cercada por aqueles que eu amava, saber que estavam seguros e por perto. Uma a uma, as pessoas que eram mais importantes para mim haviam sido levadas.

Pensei novamente na Fênix e nas lições que ela havia me ensinado. Amanhecer prometera que eu tornaria a ver meus pais e o Sr. Kadam. Também tinha dito que eu precisava seguir as verdades e o amor em meu coração. Eu me levantei, bati a poeira da calça jeans e retornei ao acampamento.

Abraçando aquele a quem eu amava, eu disse:

– Estou pronta.

Meia hora depois, encontrávamo-nos os três agachados atrás de uns arbustos.

– Então a Quimera é um gato? – perguntou Kishan.

Seu nariz se contraiu, e ele correu os dedos levemente ao longo das marcas de garras numa árvore de fogo.

– Em parte – repliquei. – Tem o corpo parecido com o de uma leoa, mas também tem a cabeça de uma cabra e uma cobra como cauda.

– Estamos em seu território – acrescentou Ren.

– Sim – concordou Kishan, esfregando o maxilar. – Está sentindo o cheiro dela?

Ren fez que sim com a cabeça.

Nesse exato momento, uma série de rugidos graves ecoou no meio das árvores.

– Está aí a confirmação – afirmou Kishan.

– Do quê? – perguntei. – O que foi?

Os irmãos se entreolharam. Ren deu de ombros, e então Kishan disse:

– Ela está procurando um companheiro.

– Ah – balbuciei, constrangida. – O que... hã... isso significa para nós? É bom ou ruim?

– Pode ser bom. Podemos usar isso em nosso benefício – afirmou Kishan.

Diante de meu olhar de confusão, Ren explicou:

– O que ele quer dizer é que ela poderá ser facilmente distraída.

Kishan deu risada e pigarreou.

– E eu voto para que *você* a distraia enquanto *eu* pego a Corda.

– Que tal *você* a distrair enquanto *eu* pego a Corda? – rebateu Ren.

– Por que *vocês dois* não a distraem enquanto *eu* pego a Corda? – sugeri.

– Não – ambos responderam em uníssono.

– Eu vou. – Ren se ofereceu com um suspiro. Um gemido baixo sacudiu o chão. Ele fez uma careta. – Mas seja rápido.

– Ora, é claro – disse Kishan.

Ele sorriu e piscou para mim enquanto Ren desaparecia no meio das árvores.

Quando ouvimos o rugido melancólico seguinte, ele foi respondido por um grunhido profundo.

– É o sinal!

Kishan me beijou rapidamente e escapuliu entre as árvores.

Fiquei ali sentada, ouvindo uma série de rosnados, grunhidos e silvos. O tempo passou, e os ruídos tornaram-se mais altos. Ainda não pareciam zangados nem violentos. Eu estava tentando distinguir quais sons vinham de quais partes da Quimera quando um novo rugido cortou o ar. Ele foi respondido com um rugido semelhante. Eu conhecia bem aquelas duas vozes, mesmo como tigres. Por alguma razão, Kishan havia se juntado ao par. Eles precisavam de mim.

Silenciosa e cautelosamente, tracei o caminho entre as árvores, contornando a área de onde vinha o barulho. Encontrando um bom esconderijo, espiei pela vegetação e vi Ren e Kishan lutando como tigres. A felina estava deitada ali perto, lambendo as patas enquanto disfarçadamente observava os

dois tigres se enfrentarem.

Ela não tinha exatamente a aparência que eu esperava. Com base em todas as minhas leituras, eu pensava que a Quimera fosse um monstro de duas cabeças com uma cobra como cauda, mas era mais parecida com um *qilin*. Embora possuísse características de muitas criaturas diferentes, a Quimera contava apenas com uma cabeça e seis patas. Seu corpo tinha o formato básico do de um felino, uma leoa talvez, só que muito maior. Eu diria que seu tamanho era duas vezes o de um leão.

Em vez de ter a pelagem de um felino, porém, a Quimera parecia ter a pele meio acobreada de um réptil. Seu corpo era coberto de escamas, como o do *qilin*, exceto por uma bruxuleante juba em chamas. Dois longos chifres brotavam do alto de sua cabeça. As patas da Quimera possuíam garras e a cauda se movia para a frente e para trás, coleante como uma cobra, mas eu não via nem cabeça nem dentes na extremidade.

A Quimera encontrava-se ao pé de uma árvore bem grande. Examinei os galhos, à procura da Corda de Fogo, porém não conseguia ver nada de onde estava. Mordi o lábio tentando calcular qual deveria ser meu próximo passo. Ren e Kishan pareciam fazer muito barulho, mas estavam praticamente só fingindo. Eles se empurravam de um lado para outro e rosnavam ruidosamente, no entanto, não usavam as garras nem os dentes para valer.

Assim que comecei a me mover, a criatura imediatamente voltou a cabeça em minha direção. A fera farejou o ar e se levantou. Quando a Quimera saltou na direção do meu esconderijo, Ren correu para ela e bateu em seus pés com a pata. Distraída, a criatura voltou-se para ele e esfregou a cabeça em suas costas enquanto olhava para Kishan. Sua cauda semelhante a uma cobra enroscou-se na do tigre branco.

Kishan rugiu como se desafiasse Ren novamente pela afeição da Quimera, que se afastou de onde eu estava quando os dois recomeçaram a batalha simulada. A fera arqueou as costas enquanto abaixava a parte dianteira do corpo e se acomodou perto de uma rocha para assistir. Ela grunhiu suavemente e mordeu o ar com dentes afiados. Inquieta, amassou o solo com as garras e esfregou os chifres na rocha. O som era semelhante ao de um pica-pau furando uma árvore. *Se o pica-pau fosse do tamanho de um rinoceronte.*

Tirei vantagem do barulho e comecei a abrir caminho até a árvore que a Quimera estava guardando. Ren empurrou Kishan, que rolou até perto da Quimera. Ela sibilou, mostrando mais os dentes. Kishan olhou-a fixamente, rosnou baixinho de volta e abriu os bigodes. Ele tentou morder os quartos da criatura. Ela rosnou, rolou, ficando de barriga para cima, e mordiscou as patas dianteiras dele. Uma pequena explosão de fogo saiu da boca da Quimera quando ela agitou algumas patas no ar.

Kishan fugiu das chamas. A Quimera lambeu a boca e espirrou, então rolou novamente, pondo-se de pé nas seis patas, e disparou atrás do tigre negro. Enquanto os três felinos corriam um atrás do outro, segui para a árvore.

A Corda de Fogo estava em um galho alto e, no exato momento em que pus as mãos no tronco para subir, os ramos começaram a açoitar o ar para a frente e para trás, como chicotes. Um ramo bem fininho mergulhou debaixo da Corda e começou a desenrolá-la da árvore.

Eu teria preferido que a árvore ficasse quieta, mas os ramos já estavam em ação. A Quimera estava

focinhando Ren quando de repente imobilizou-se e voltou a cabeça na direção da árvore. Eu havia me escondido atrás do tronco, mas a criatura farejou o ar, baixou a cabeça e rosnou baixinho. Ela se dirigiu sorrateiramente à árvore e, apesar das mordidas de “amor” que Ren lhe dava e de Kishan resfolegar e bater os pés, eles não conseguiam mais distrair a criatura de seu dever.

Olhei para cima e vi que a árvore estava baixando um pedaço de corda preta trançada. A Quimera estava quase me alcançando. Ela se agachou em um lado da árvore e farejou o ar.

Ren se transformou em homem e gritou:

– Kelsey! Corra para mim o mais rápido que puder!

Ouvi o rosnado da Quimera; no entanto, ela não saiu de sua posição. Reuni coragem e saí em disparada, dando a volta pelo outro lado da árvore, correndo para Ren no momento em que Kishan pulava sobre as costas do monstro. Os dois felinos rolaram pelo chão, mas a Quimera se livrou do tigre negro e veio galopando para mim. Kishan mudou para a forma humana, incerto sobre o que a Quimera faria a seguir.

Em vez de me atacar, a fera saltou por cima de mim e se posicionou diante de Ren, como se o defendesse – embora Ren não fosse mais um tigre.

A Quimera rosnou, e senti o calor de seu hálito me envolver.

– O que eu faço? – sussurrei.

A Quimera circundou Ren, lambeu seu braço e esfregou a cabeça em sua perna.

– Ela está defendendo o companheiro – respondeu Kishan, aproximando-se de mim com cuidado.

– Mas agora ele é um homem – sussurrei.

– Ela ainda o vê como felino. Reconhece o cheiro dele.

– O que devo fazer? – repeti.

– Venha até aqui – disse Kishan. – Segure minha mão.

Peguei a mão de Kishan.

– Agora ande ao meu redor e rosne.

– O quê?

– Faça isso.

– Está bem.

Andei ao redor de Kishan e fiz algumas patéticas tentativas de rosnar.

– Mais alto – instruiu ele. – Esfregue meus braços.

Corri as mãos para cima e para baixo em seus braços e em seu peito enquanto fazia o máximo de barulho possível.

– Ótimo. Agora me siga.

Lentamente, nós dois seguimos para a árvore. Ren nos observava e, quando estávamos bem escondidos, ele se transformou outra vez no tigre branco e trotou para o outro lado da clareira. A Quimera o seguiu como um cachorrinho feliz, mordiscando-lhe as patas traseiras enquanto ele corria.

Estiquei os braços e a árvore à espera baixou a Corda de Fogo, que mais parecia um chicote. Em uma das extremidades havia uma parte rígida que podia ser usada como cabo, e, em vez de couro, o chicote tinha escamas semelhantes às da Quimera e dos *qilins*. As escamas escuras e iridescentes

cintilavam como a cauda de um pequeno dragão. A Corda terminava em uma ponta afiada, e não pude deixar de pensar que esse “presente” também poderia ser usado como arma.

– Acho que sou mesmo Indiana Jones – murmurei.

Kishan me deteve quando estendi a mão para soltá-la do galho.

– O que foi? – perguntei quando ele delicadamente afastou minhas mãos.

– No instante em que a tocar, você pode ser arrebatada por uma visão, como aconteceu antes.

Em meu fascínio pelo lindo presente de Durga, eu havia me esquecido das consequências de pegá-lo. Eu não tinha nenhum interesse em ficar presa a Lokesh em uma visão, principalmente sabendo que o Sr. Kadam não estaria mais lá para me apoiar. Ainda assim, precisávamos da Corda.

– Vamos ter que pegá-la em algum momento – eu disse.

– Talvez não a afete se eu fizer isso.

– Acho que você pode tentar.

Ele passou o braço por minha cintura para me sustentar, por via das dúvidas, e então estendeu os dedos para alcançar a corda. Depois de tocá-la, olhou para mim, mas eu ainda estava no controle de minhas faculdades mentais.

Mais ousado, ele pegou a Corda na árvore e sorriu.

– Então é assim que evitamos as visões. Você simplesmente não terá permissão para tocá-la.

Soltei um suspiro abafado e me pus de lado quando Kishan sacudiu a Corda e açoitou com ela o ar da clareira. O estalo agudo que ela produziu mostrou que podia ser usada como chicote.

– Espere – falei. – A carta do Sr. Kadam dizia que deveríamos usar a Corda para viajar através do tempo. Teríamos que usá-la para abrir um vórtice.

Kishan girou velozmente a Corda de Fogo acima de sua cabeça. Nada aconteceu. Ouvi Ren rugir ruidosamente e vi a Quimera perseguindo-o de novo. Kishan experimentou fazer círculos pequenos e círculos grandes, mas nada aconteceu.

A Quimera estava ficando desesperada. Ela não compreendia por que o companheiro fugia dela. Soltou um rosnado que parecia um lamento e mordeu Ren no ombro com força suficiente para tirar sangue.

– Precisamos nos apressar – alertei.

Kishan fustigou a corda mais rápido.

Frustrada, a Quimera lançou uma nuvem de fogo pela boca, e Ren desviou-se. Aquilo me deu uma ideia.

– Talvez a Corda de Fogo precise ser incendiada – sugeri.

Kishan assentiu, mas ficou me observando com cautela. Usei as mãos para tentar acender a Corda sem tocá-la. Ela acendia, mas apagava logo, independentemente de quanto eu aplicasse meu poder sobre ela. Era como tentar acender um pavio queimado.

– Não vai se manter acesa – concluí.

Unindo as mãos, fiquei batendo com elas no lábio inferior enquanto pensava no problema. Sombriamente, baixei os braços para o lado do corpo ao perceber que adquirira aquele hábito ao observar o Sr. Kadam, e então suspirei, resignada, sabendo o que precisava fazer.

– Vou ter que segurá-la, Kishan.

- Não.
- Só vai funcionar se eu tocá-la.
- Kelsey, não quero...

Apertando seu braço, eu disse:

- Vou ficar bem. Ele não pode me machucar. Não de verdade. Meu corpo vai ficar aqui com você.
- Kishan abriu a mão, deixou cair a Corda e num instante estava do meu lado.
- Não me importo se funciona ou não, Kells.

Pegando minha mão esquerda, ele manuseou nosso anel de noivado. Enquanto tocava a delicada flor de lótus, declarou baixinho:

- Não quero que tenha que passar por mais nada disso, *bilauta*. – Seus olhos dourados penetravam os meus com feroz determinação. – Meu único desejo é proteger você, proteger seu corpo e sua alma de demônios como ele.

Agarrei a mão dele e me inclinei para a frente a fim de lhe dar um beijo suave. Meus lábios prenderam-se aos dele brevemente, e eu sorri.

- Sei que é, e, acredite em mim, não há nada que eu quisesse mais que ficar nos seus braços e nunca mais enfrentar qualquer uma dessas coisas, mas...

- Mas nada. Temos a Corda agora. Durga pode nos conceder nossa liberdade. Podemos viver como homens o tempo todo a partir de hoje.

- Mas Ren ainda é um tigre. Pegar a Corda não resolveu tudo.

- Existimos como tigre por séculos, Kells. Posso suportar seis horas por dia assim, se é o que isso significa, e Ren também. Podemos parar. Aqui. Agora. Podemos simplesmente voltar para casa. – Ele me abraçou e me puxou para mais perto. – Não vale a pena correr o risco. Ren concordaria. Não tenho o menor desejo de ir atrás de Lokesh no passado. Não se isso significa perder você.

Tomei o rosto dele entre as minhas mãos.

- Mas é esse o nosso destino, Kishan. O seu destino. Você e Ren foram escolhidos. A vocês foi dado o poder do tigre para que pudessem derrotar Lokesh. Estamos destinados a isso. Não se trata apenas de nós. O Sr. Kadam disse que devemos proteger a vida daqueles a quem Lokesh prejudicaria.

Os olhos de Kishan brilhavam intensamente.

- Não estou nem aí para o meu destino. Só me preocupo com você.

- Você não pensa assim de fato. Seu destino o chama da mesma forma que o meu a mim. A Fênix me ensinou isso. Ela sabia que sua morte traria uma vida nova. O Sr. Kadam se sacrificou por essa causa. Como posso recuar e me esconder feito uma covarde quando ele morreu por nós?

Pressionando a testa contra a minha, Kishan suspirou.

- Eu sei que você está certa e que precisamos ir em frente, se não por outra razão, pelo menos para honrar a morte de Kadam. Mas, no meu coração, Kelsey, tudo o que quero é levar você para longe daqui e mantê-la em meu coração e em minha casa para sempre.

Ele me beijou delicadamente, então, resignado, mantendo o braço em torno da minha cintura, apanhou a Corda e a sacudiu.

Coloquei uma das mãos sobre a de Kishan e a outra na Corda. Evocando o meu poder de fogo,

deixei que o calor borbulhasse dentro de mim e fluísse pelo meu braço. Verti a energia de minha palma para a Corda até que as escamas em sua superfície começaram a brilhar. Elas cintilaram e tremeluziram até pegar fogo e me ofuscar. A Corda zumbiu, e eu senti a energia se acumulando. O último pensamento que tive foi que a luz branca me fazia lembrar da flor de fogo que Ren me dera.

Então fui arrastada para uma visão.

Estava mergulhada numa densa escuridão. Ouvi uma voz profunda e uma risada quando um vento correu em torno do meu corpo e me apertou. Eu não sabia dizer de onde ele vinha, embora o ruído se arrastasse em minha pele como uma carícia rude.

– Estava esperando você, minha querida.

– Lokesh?

Girei, mas ainda não conseguia vê-lo. Sua voz estava diferente... mais profunda e grave, como se ele fizesse força para que as palavras passassem por seus lábios.

Meus olhos foram se ajustando, a névoa se diluiu e identifiquei o brilho quente de uma árvore de fogo. Eu podia ver Kishan e Ren, mas eles não podiam me ver nem ouvir. Então um vento frio soprou.

Esfreguei os braços, confusa. *Por que estou sentindo frio? Nunca percebi a temperatura antes...*

Espreitando a escuridão, eu me dei conta de que estava numa floresta cheia de árvores sinistras, de troncos muito grossos. Algo se moveu entre os galhos. Ouvi o som áspero de passos pesados, e uma forma escura se aproximou.

Arquejei, trêmula, e ouvi o estrondo de uma risada prolongada que ecoou primeiro do meu lado direito, depois atrás de mim. O som se afastou e em seguida se esgueirou pela minha esquerda. Senti no pescoço um hálito quente que fez minha pele se arrepiar. Eu me virei, mas o que quer que tivesse estado atrás de mim havia desaparecido.

Então o senti – uma presença imensa e perigosa – ao meu lado. Lentamente, voltei-me para encarar Lokesh e arquejei. Seu corpo havia sofrido uma transformação drástica e agora se elevava acima de mim. Ele tinha facilmente um metro a mais que eu e era três vezes mais largo. Sua pele era negra. Os ternos caros e formais que Lokesh usava haviam sido substituídos por um sarongue que pendia de sua cintura até o meio da coxa.

– Você não me reconhece, doçura?

Lokesh deu um passo em minha direção, e minha boca se escancarou diante daquela visão. Sua cabeça tinha chifres e era ossuda, com cristas protetoras acima dos olhos; os cabelos, antes arrumados, agora brotavam em cachos que se assemelhavam a lã. Um olho castanho ainda parecia humano, mas o outro tinha a íris vermelha e estava cercado por cicatrizes. Seu tórax, seus braços e seu pescoço prateado e também marcado por cicatrizes eram grossos e possuíam músculos salientes. Em vez de pés, suas pernas se afunilavam em imensos cascos fendidos.

Apavorada, recuei vários passos. O Sr. Kadam dissera que Lokesh havia usado seu poder para se tornar um demônio. Vendo seu rosto disforme, estava claro que o Sr. Kadam tinha razão. Lokesh parecia um diabo negro, como se o mal que corria por suas veias houvesse finalmente vindo à superfície.

Ele flexionou a mão, e os músculos de seu braço se avolumaram com o leve movimento. Ele

observava minha reação a ele com uma intensidade faminta e ardente. O amuleto quase completo brilhava contra seu peito largo.

– Lokesh? O que... o que você fez?

Ele ergueu os braços e examinou os membros escuros.

– Você gosta?

– É... é monstruoso!

Ele bufou, fazendo com que suas narinas expelissem vapor.

– É o poder.

Lokesh retorceu os lábios numa careta diabólica. Erguendo a mão enorme, correu um dedo pelo meu braço nu. A pele de seus dedos era áspera como a de um animal e arranhou a minha pele.

Dei mais um passo atrás quando ele avançou. Senti náusea e me perguntei novamente: *Como posso estar sentindo isso?*

Um brilho iluminou os olhos de Lokesh quando ele se deu conta de que tínhamos uma conexão física, e ele estendeu os dedos na direção do meu pescoço. Tentei correr, mas ele agarrou meu braço, me puxou e envolveu meu pescoço com a mão. Ele simplesmente apertava quando eu procurava escapar. Ofegante, tentando respirar, senti minhas lágrimas jorrarem. Eu sabia o que ele queria. Quando parei de me debater, ele me deixou voltar a respirar. Com um toque quase delicado, levou a mão ao amuleto de fogo que pendia em meu pescoço. Então me encolhi, esperando que ele arrancasse o cordão com um puxão.

A testa ossuda de Lokesh franziu-se, concentrando-se, quando seus dedos grossos atravessaram o amuleto como se ele fosse feito de ar. Furioso, ele me jogou no chão. O sangue escorreu do meu cotovelo arranhado. Toquei meu pescoço machucado e esperei que a dor fosse temporária e que desaparecesse quando acabasse a visão. *Quanto tempo isso irá durar?*

Ele me puxou, forçando-me a levantar. Seu olhar cobiçoso tornou-se lascivo enquanto ele examinava rudemente o amuleto em meu corpo.

– Se não posso ter o amuleto, então o destino pelo menos me deu a mulher. Acho que temos um assunto inacabado, meu bichinho.

Esperando distraí-lo, eu disse com a voz rouca:

– Acho que preferia você na forma de homem.

– Eu agora sou homem e fera. Como seus patéticos príncipes.

Lokesh me agarrou pelos ombros e apertou impiedosamente enquanto seu rosto descia na direção do meu. Seus chifres arranharam a lateral da minha cabeça e arrancaram um pouco do meu cabelo pela raiz. Eu gritei, e meus olhos lacrimejaram. O ar úmido saído de suas narinas se espalhava sobre o meu rosto.

Ele respirava pesadamente, quase arfando, ao dizer:

– Você não vai escapar de mim outra vez, minha doçura.

Lokesh me puxou para ele e seus lábios esmagaram os meus. Tentei chutar e morder, mas ele apenas riu e me machucou ainda mais. Ele era muito forte. Gritei quando ele raspou os dedos pelas minhas costas. Suas unhas se enterraram na minha carne, e senti a umidade do sangue escorrendo. A pressão do seu corpo contra o meu era insuportável. Ele estava me sufocando. Empurrando-o, eu

me debatia, tentando escapar.

– Por favor, alguém me ajude – eu soluçava.

Logo, me senti mais leve que o ar. Embora eu ainda estivesse nas garras de Lokesh, eu já não podia sentir seu toque.

Ele berrou, frustrado, quando sua mão de repente atravessou meu corpo agora intangível.

Aliviada, enxuguei as lágrimas de meu rosto quente e maltratado e me esquivei. Ele não podia mais me segurar, e bateu os braços violentamente contra minha forma fantasmagórica. Afastei-me ainda mais dele, pondo o máximo de distância entre nós. Logo, o corpo de Lokesh também começou a desaparecer. Quando tinha sumido quase por completo, ele estreitou os olhos e baixou a cabeça. Com um rugido feroz, veio em minha direção a toda a velocidade, como um touro investindo contra o toureiro. Sua boca espumava e havia uma expressão enlouquecida em seus olhos.

O chão tremeu quando ele atacou com toda a violência. Ergui os braços para me proteger quando a ponta de seus chifres entrou em contato com meu corpo. Um rugido terrível ecoou em minha mente no instante em que seu vento escuro atravessou o meu corpo. Eu gritei e desmaiei.

Quando a visão chegou ao fim, abri os olhos e vi Ren e Kishan inclinados sobre mim. Kishan agora usava o Lenço para fazer uma atadura para o meu cotovelo, e Ren examinava meu pescoço. Ambos exibiam um olhar duro, mas não fizeram nenhuma pergunta. Minhas costas ardiam até Kishan aplicar um unguento feito pelo Fruto Dourado.

Engoli o elixir salvador do *kamandal* e, em alguns minutos, comecei a me sentir melhor.

– Ela está começando a sarar – observou Kishan.

Ren assentiu.

– Onde está... – Tentei pigarrear, mas doía demais. – ...Quimera – sussurrei.

– Usei a Corda para chicoteá-la – disse Ren, acariciando meu pescoço machucado. – Ela fugiu e ainda não voltou.

Eu vi pesar em seus olhos, mas então ele tocou meu braço e sua determinação de aço voltou. Eu sabia quanto lhe doía maltratar um animal, mesmo um que teria nos matado. Mas eu não podia deixar de agradecer o fato de a Quimera não estar por perto.

– Ela não vai demorar a voltar – disse Kishan. – Precisamos ir embora.

Assenti, concordando. Ren delicadamente levantou meus braços para me ajudar a vestir uma camiseta nova. Depois de deslizá-la sobre a outra, rasgada, ele pediu ao Lenço que absorvesse a camiseta ensanguentada e esfarrapada que estava debaixo dela. Fios saíram por sob a batinha e as mangas, e logo o Lenço ficou quieto.

Kishan e Ren me ajudaram a ficar de pé, e Kishan então apanhou a Corda de Fogo. Eu segurei a Corda com uma das mãos e coloquei a outra sobre a de Kishan.

– Tente agora, Kishan – eu o encorajei, minha voz um pouquinho mais forte.

Ele girou a corda num círculo amplo diante de si. Canalizei meu poder de fogo para a Corda, e toda a sua extensão pegou fogo. Enviei mais energia, e ele a fustigou cada vez mais rápido até que o círculo interno se transformou num vórtice negro. As chamas dançavam pela borda.

– Diga para onde você quer ir – disse Kishan.

– Leve-nos ao passado – murmurei. – Ao lugar onde devemos encontrar nosso destino.

Algo piscou na escuridão e uma floresta verde se materializou.

Ren colocou a mochila nas costas, me pegou no colo e corremos na direção do vórtice no momento exato em que a Quimera saía em disparada do meio das árvores. Quando ele e Kishan saltavam através do círculo de fogo, Ren girou no ar para me proteger dela. As mandíbulas da Quimera se fecharam bruscamente, mas seus dentes não nos tocaram, e caímos de costas no vazio. Fui arrancada dos braços de Ren, e então nós três fomos lançados de encontro um ao outro no vórtice.

A princípio, não senti nada. Então a gravidade entrou em ação, e meu estômago deu um salto quando mergulhei no abismo. Gritei, aterrorizada, enquanto meu corpo despencava na escuridão. O eco de vozes gritando meu nome rodopiava à minha volta.

Fechei os olhos quando uma onda de tontura tomou conta de mim. Ouvi um rosnado, um rugido. Então calor e fogo passaram sobre minha pele. Com a mesma rapidez, todo o movimento cessou e eu senti a consciência começar a escapar até desaparecer por completo.



Um novo mundo

— Levante-se! – gritou a voz firme de uma mulher.

Abri os olhos e deparei com uma bonita perna que, coberta por uma bota alta que ia até a coxa, estava em contato com minha barriga. Encolhi-me, piscando e gemendo por causa das dores em meu corpo. *Quem está me chutando? E por que não para?*

A mulher me chutou de novo e sibilou:

– Levante-se!

Girando e me sentando, ergui os olhos e vi uma mulher alta e impressionante diante de mim. Um capacete cobria a maior parte de seu rosto, mas os olhos eram de um verde profundo e a pele tinha um exótico tom de caramelo. Os longos cabelos negros caíam abaixo da cintura. Também notei a ponta afiada de sua lança pairando perigosamente perto do meu nariz.

Levantei-me devagar, tentando avaliar minha situação. Mais uma vez, eu me encontrava numa floresta. Estava cercada por guerreiros armados que haviam confiscado nossa mochila e nossas armas e apontavam várias lanças diretamente para mim. Ren e Kishan estavam amarrados com cordas grosseiras, ainda inconscientes. Vi a Corda de Fogo caída no chão.

– Quem é você? – perguntei à linda amazona que poderia posar para a capa de uma revista de moda praia. – O que quer de nós?

Os homens falaram com ela numa língua desconhecida até que ela os silenciou com um sinal.

– Eu me chamo Anamika.

Mudei de posição, evitando cuidadosamente a ponta de sua lança.

– Prazer em conhecê-la – falei, surpresa com sua fluência em minha língua.

Anamika mantinha os olhos fixos em mim. Enquanto eu me mexia, percebi que sua cintura muito fina era marcada pelo pesado cinturão do vestido blindado, de onde pendiam várias outras armas.

– Você se importa de apontar essa coisa para outro lado? – perguntei.

Ela estreitou os olhos e então plantou a extremidade cega de sua lança no chão, jogando o longo cabelo para trás, como se ele a irritasse.

– Qual é o seu nome? – perguntou ela.

– Kelsey – respondi. – E pode dispensar seus guerreiros. Não vamos machucar vocês.

Anamika traduziu minha declaração a seus homens, e ouvi várias risadinhas e uma enxurrada de comentários da parte dos soldados. Então ela disparou um comando, e os guerreiros levantaram Ren e Kishan.

Aflita, perguntei:

– Para onde vão levá-los?

– Venha, Kelsey. Temos muito o que fazer.

Como Ren e Kishan ainda estivessem inconscientes e não parecêsemos correr nenhum perigo imediato, eu a segui pela floresta.

– Para onde estamos indo? – tornei a perguntar.

– De volta ao meu acampamento. Não fica longe daqui. – Ela sorriu, debochada. – Embora possa parecer longe para alguém tão mole quanto você.

Por acaso essa amazona acabou de me insultar?

– Posso não estar usando uma armadura, mas já tive minha quota de batalhas.

Anamika esfregou os dedos e então passou a lança para a outra mão. Seus olhos verdes cintilaram.

– Verdade? – disse ela em tom de zombaria. – É difícil imaginá-la envolvida numa batalha com algo mais ameaçador que uma panela.

Atrevida, ela me lançou um rápido olhar de avaliação, do alto de seu assustador tamanho de amazona.

Ergui o queixo e cerrei os punhos, deliberadamente contendo o fogo que se alastrava pelo meu sangue. Aquela mulher estava me tirando do sério.

– Por favor – ela riu, de forma ofensiva –, fale-me de suas batalhas.

– Quem sabe mais tarde – sibilei, entre dentes.

Determinada a não ficar para trás, embora a passada dela cobrisse duas vezes a distância da minha, eu a segui e me esforcei ao máximo para observar o ambiente e estudar meus captores. A floresta estava fria para mim, principalmente depois de passar as últimas semanas no calor das cataratas de lava e das árvores de fogo. Esfregando os braços, desejei poder encontrar uma forma de, com a ajuda do Lenço, fazer roupas mais quentes sem que notassem.

A guerreira de pernas compridas percebeu meu incômodo e sorriu, maliciosa, então aumentei minha velocidade, decidida a resistir à temperatura cortante. Pensando rápido, usei o poder do amuleto para me aquecer. Uma bolsa de calor circulava em torno do meu corpo, e eu sorria secretamente enquanto seguia em frente.

O caminho tornou-se difícil quando começamos a descer uma parede de pedra. Assim que o sol da tarde rompeu o dossel das árvores, o suor brotou em minha testa e eu desliguei o calor e deixei que o ar parado e fresco me envolvesse. Mais para o fim da descida, as árvores se separaram, e olhei para o alto, deparando com uma visão muito familiar. Imponentes montanhas cobertas de neve erguiam-se de todos os lados.

– Estamos no Himalaia? – perguntei, ofegante.

– Estamos perto das grandes montanhas – corrigiu Anamika.

– Que maravilha... – murmurei. – Já foi bastante ruim da primeira vez.

– Você já esteve aqui antes? – perguntou a Barbie Guerreira.

– Não neste lugar exatamente, mas bem perto.

Ela não fez nenhum outro comentário, e eu me concentrei em chegar ao fim do aclive sem quebrar meu pescoço enquanto ainda ficava de olho nos homens que levavam Ren e Kishan. Eles

estavam inconscientes havia muito tempo. Fiquei refletindo sobre o estado deles, pensando que talvez eu houvesse me recuperado mais rápido por causa do elixir da sereia.

Anamika deve ter lido meus pensamentos. Ela apontou para Ren e Kishan.

– Seus homens são fracos. Não encontrei nenhum ferimento no corpo deles, mas ainda assim estão dormindo.

– Você não sabe o que eles têm passado – rebati.

– Talvez sejam moles como você.

– Eu agradeceria muito se você parasse de usar essa palavra.

– Muito bem. Então vou usar a palavra *lenta* ou, quem sabe, *fraca*.

Olhei para ela, boquiaberta.

– Você é muito rápida para julgar, não é?

– Tenho que fazer avaliações rápidas de meus guerreiros, sim.

– Já ouviu a frase: “Não julgue um livro pela capa”?

– Não perco meu tempo julgando livros.

Bufei e tropecei numa pedra. Anamika me ajudou a me endireitar, mas eu a empurrei para longe, apontei o dedo e ameacei:

– Não ouse me chamar de mole.

Ela inclinou a cabeça ligeiramente e continuou com um sorrisinho no rosto.

Olhando à volta, percebi que vários de seus guerreiros tinham ferimentos recentes. Um dos homens estava com a perna envolta em ataduras, outro exibia um feio corte na testa e um terceiro mancava.

– Vocês estiveram recentemente numa batalha? – indaguei.

Anamika franziu a testa.

– Sim, estamos em plena guerra. Temos tido muitas vítimas.

Mordi o lábio.

– Já ouviu falar de um homem chamado Lokesh? É contra ele que estão lutando?

Ela sacudiu a cabeça.

– Estamos combatendo o demônio Mahishasur.

– Mahishasur?

O nome me soava familiar, mas eu não conseguia lembrar o que significava. Eu precisaria consultar as pesquisas do Sr. Kadam – isto é, depois que eu me livrasse da Barbie mandona de botas altas.

Ao pôr do sol, pegamos uma passagem estreita e sinuosa que levava a um vale cercado por montanhas imponentes. À frente estava o acampamento. Tendas pontilhavam o vale até onde minha vista alcançava.

Surpresa com a quantidade delas, observei:

– Você tem muitos homens.

– Não tantos quanto os que vieram comigo – replicou ela.

Anamika nos levou para a barraca maior no meio do acampamento. Depois de mandar os homens desamarrarem Ren e Kishan e colocarem os dois em um tapete macio, ela dispensou todos, exceto

um, com quem conferenciou brevemente antes de mandá-lo sair também. Com um cansaço que não demonstrava diante de seus homens, ela afundou numa cadeira, tirou as botas e pôs-se a massagear os próprios pés. Estavam rachados e cobertos por uma crosta de sangue.

Ajoelhei-me no tapete de palha entre Ren e Kishan e comentei casualmente:

– Você é mesmo durona se consegue cobrir longas distâncias com pés tão machucados assim.

Ela pousou os pés no chão, como se estivesse constrangida.

– Você espera que a comandante dos últimos dos arianos védicos mime a si mesma, banhe a pele em leite e unte o cabelo com sabões perfumados, como você?

– Pois fique sabendo que nunca me banhei em leite. E quem são os arianos védicos?

Anamika suspirou pesadamente.

– Somos os últimos de nosso povo. Já fomos um de 16 *Mahājanapadas*. Nossa república floresceu sob o governo de meu avô, mas um a um os 16 reinos foram conquistados. Agora servimos ao Império Mauria e respondemos a seu chefe, Chandragupta Mauria. Eu era a conselheira do capitão, mas ele está... desaparecido. Agora seus deveres ficaram sob minha responsabilidade.

Eu me censurei por não ter estudado mais a história da Índia. Se tivesse, poderia ao menos ter calculado em que época estávamos. Ren e Kishan talvez soubessem. No entanto, o nome Chandragupta me soava familiar. Eu lera sobre ele ou ouvira falar dele antes. *Mas onde?*

Anamika virou-se de costas para tirar a armadura. Ouvi o baque de seu capacete caindo no chão e a ignorei enquanto tentava acordar Ren e Kishan. Eles estavam respirando e seus corações, batendo, mas o pulso de Ren estava muito lento. Quando percebi que não conseguia acordá-los sozinha, peguei o *kamandal* no pescoço de Kishan e molhei os lábios deles com algumas gotas.

Depois de jogar água no rosto e nos braços, a guerreira de pernas compridas retornou e postou-se atrás de mim, observando meus esforços enquanto escovava os longos cabelos. Eu estava irritada com seu escrutínio, mas não lhe daria a satisfação de fazer contato visual. Quando ela prendeu a escova num emaranhado de nós, inclinei-me sobre Ren e Kishan, na esperança de que ela não estivesse prestando atenção, e aproveitei a oportunidade para instilar um pouco do poder de fogo nos dois. A cor voltou a seus rostos, e eles começaram a se mexer.

Olhos azul-cobalto piscaram e Ren se sentou.

– Você está bem, Kells?

– Estou.

Kishan ergueu a parte de cima do corpo e se apoiou num dos braços enquanto esfregava os olhos.

– A Corda ainda está aqui? – murmurou ele, sonolento.

– Sim, está comigo.

– Ótimo.

Ele abriu os olhos e ficou imobilizado. Ren tampouco estava se movendo. Ambos olhavam fixamente para Anamika, que de repente também ficara quieta. Revirei os olhos e me levantei.

– Ren e Kishan, quero apresentá-los a Ana... – o ar me faltou – ...mika.

A mulher de pé atrás de mim segurando a escova era a mesma Barbie de olhos verdes impetuosa com quem eu estivera conversando durante as últimas horas, mas, sem o capacete, percebi algo que devia estar óbvio antes. Eu a conhecia. Fiquei encarando-a estupidamente enquanto ela estreitava

os olhos e apertava os lábios.

– Por que vocês todos estão me olhando como filhotes com olhos arregalados à espera de comida?
– sibilou ela.

Kishan foi o primeiro a reagir. Ele virou-se e se prostrou diante dela. Baixou a cabeça e disse:

– Como posso servi-la?

– Durga? – sussurrei.

Ela era exatamente igual à deusa que tínhamos visitado quatro vezes. Só que essa versão tinha dois braços em vez de oito.

– O que é uma Durga? – perguntou ela bruscamente. – E por que esse aí está pondo a cara no chão? Ele perdeu o controle? Ficou maluco? Talvez sua mente seja tão fraca quanto o corpo. – Ela se inclinou e se dirigiu a Kishan subindo o tom da voz, como se ele tivesse um problema de audição. – Pode se levantar agora. Você me confundiu com alguém.

Kishan ergueu a cabeça e estreitou os olhos para a mulher. Grunhindo, levantou-se rapidamente.

– O que está acontecendo? – sussurrou Ren.

Anamika respondeu:

– O que está acontecendo é que estamos em guerra, e eu não tenho tempo para mimar fracotes.

– Fracotes? – disparou Kishan.

Ele deu um passo na direção da mulher, que se limitou a erguer uma sobrancelha e olhá-lo de cima a baixo com uma expressão de desdém.

Apertei o braço de Kishan, e ele parou de se mexer, mas continuou a olhar fixamente para nossa anfitriã.

– Anamika, este é Dhiren Rajaram, e este é o irmão dele, Kishan.

– Anamika? – repetiu Kishan. – É assim que ela diz se chamar agora? – resmungou ele, colérico.

A mulher semelhante à deusa levou a mão ao punhal preso em sua cintura.

– Está sugerindo que não sou quem digo que sou? Sou Anamika Kalinga, conselheira de Chandragupta, a mais estimada campeã na história do meu povo e filha de grandes reis. – Ela fixou um olhar tempestuoso em Kishan. – Já derrotei homens maiores e mais inteligentes que você. Seria sábio de sua parte me tratar com respeito, *durbala*.

– *Durbala*?

O que quer que essa palavra significasse fez Kishan perder o controle. Ele andou até Anamika e agarrou-lhe o pulso antes que ela pudesse sacar o punhal. Embora ele fosse alguns centímetros mais alto, ainda assim ela conseguia olhá-lo de cima. Se ele fosse capaz de soltar vapor pelo nariz e pelos ouvidos, teria feito isso naquele instante. Eu nunca o tinha visto tão zangado antes.

– Kishan – chamei baixinho e estendi a mão.

Sossegando, ele largou o pulso de Anamika e voltou para o meu lado.

Ren habilmente colocou-se entre Kishan e Anamika. Ele se curvou ligeiramente e disse:

– Perdoe-nos. Estamos longe de nossa terra natal e, apesar das aparências – ele voltou-se e lançou um olhar de advertência para Kishan –, estamos gratos pela hospitalidade que está nos oferecendo.

Ele então passou para o híndi e apresentou a si mesmo e a Kishan mais formalmente. Entendi os nomes, mas foi tudo. Anamika mudou de língua com facilidade, e as palavras fluíram suavemente

entre Ren e a mulher de pernas compridas. A facilidade com que ela conversava com Ren e a mudança em sua atitude me irritaram. Ela baixou a guarda com ele, e não demorou para que fosse toda sorrisos e risadas.

Kishan e eu observávamos e ouvíamos, e eu sinceramente não sabia se deveríamos confiar nela. Franzindo a testa, mudei de posição, desconfortável, desejando poder compreender o que estava sendo dito.

A certa altura, Kishan os interrompeu, tornando a usar minha língua.

– Minha noiva está exausta. Posso pedir um pouco de comida e um lugar onde ela possa descansar?

Ren voltou-se para me olhar. Corei sob seu escrutínio. Não pude deixar de sentir que ele me comparava com Anamika – e eu estava muito aquém. Entre dentes, protestei:

– Estou bem. Não preciso descansar.

– Talvez fosse mesmo melhor – disse Ren baixinho.

Com um sorriso afetado, Anamika replicou:

– Vou mandar que meus homens preparem um colchão bem *mole*.

Experimentei uma nova onda de fúria enquanto Kishan acrescentava:

– Estou certo que Kelsey consideraria isso muito bem-vindo.

Assim que Anamika deixou a barraca, cruzei os braços diante do peito e me virei para Ren e Kishan.

– Vamos deixar uma coisa bem clara agora. Não me interessa em que século estamos ou mesmo em que planeta estamos. Vocês dois não falam por mim. Se algum de vocês pôs na cabeça a ideia de me fazer desempenhar o papel da noivinha que precisa de um homem forte para pensar por ela, é melhor se ligarem! Vocês não vão me despachar para o quarto e me deixar de fora de todas as discussões importantes.

– Kells, não foi minha intenção... – começou Kishan. – Eu não estava tentando me livrar de você. Só queria que ficasse confortável.

– Sou perfeitamente capaz de cuidar do meu bem-estar.

– Eu sei, é só que...

– Só que o quê?

– É só que nós não nos encaixamos muito bem aqui. Nossas roupas são diferentes, nosso jeito de falar, nosso comportamento. Kelsey, eu anunciei nosso noivado e me esforcei para cuidar do seu conforto e protegê-la. Uma mulher solteira não se defende sozinha. Não nesse tipo de ambiente.

– E quanto à Abelha-Rainha lá fora? Não vejo nenhuma aliança no dedo dela, e ela parece se defender sozinha muitíssimo bem.

– É diferente para a realeza – explicou Kishan. – Ela provavelmente é protegida por um soldado ou mesmo um grupo de guarda-costas.

– Mas você está se esquecendo de que posso me proteger sozinha.

– Não faz nenhum mal manter as aparências.

Enquanto eu ruminava suas palavras, Ren acrescentou:

– Peço desculpas por deixá-la fora da conversa. Eu estava apenas tentando avaliar quem ela é e

quais línguas fala. Isso vai nos ajudar a determinar onde estamos e em que ponto da história viemos parar sem perguntar abertamente. – Ele pegou a minha mão. – Não foi minha intenção colocá-la de lado. Desculpe.

– Ah. – Suspirei. – Bem, eu não gosto dela e não confio nela. Deveríamos ir embora.

– E para onde acha que devemos ir, Kelsey? – perguntou Ren.

– Deveríamos procurar Lokesh.

– Não sabemos onde encontrá-lo – afirmou Kishan. – Não gosto da megera também, mas nossa melhor opção é descobrir o que ela sabe.

Megera? Ergui as sobrancelhas. Kishan jamais havia se referido a uma mulher de outro modo que não com respeito.

– O que significa *durbala*? – perguntei a Ren enquanto Kishan estava ocupado examinando a barraca.

– Depende de como a palavra é usada, mas pode significar “pequeno”, “doentio” ou... “impotente”.

Levei a mão à boca para reprimir o riso.

– Agora entendi por que ele está furioso.

Ren me dirigiu um sorriso torto, pegou a mochila e examinou tudo, contando nossas armas.

Apanhando a escova de Anamika caída no chão, fiquei girando-a, pensativa, e me lembrei de seus pés cobertos de bolhas.

– Bem, se ela obviamente não é a deusa, então por que se parece tanto com Durga? – perguntei-me em voz alta.

Ren tirou o tridente do cinto e correu a ponta dos dedos ao longo de sua extensão antes de colocá-lo na mochila.

– Não sei, Kells. Mas fomos trazidos aqui por um motivo. Só precisamos de tempo para descobrir que motivo é esse.

– Você está escondendo nossas armas?

Ele assentiu.

– Por ora. Elas são de excepcional qualidade. Eu não ia querer que alguém visse o ouro e fizesse planos de roubá-las. Falando nisso...

Ren se levantou e delicadamente ergueu a manga da minha camiseta. Seus dedos esbarraram na minha pele, e eu estremeci enquanto ele deslizava Fanindra pelo meu braço, tirando-a. Olhos azuis brilhantes buscaram os meus, e o familiar sorriso torto apareceu enquanto ele observava minha reação ao seu toque. Sem dizer nada, ele soltou um leve suspiro e guardou Fanindra na mochila; então foi pegar as armas de Kishan.

Anamika retornou, seguida por vários homens carregando tapetes, almofadas e bandejas de comida. Puseram a cama atrás de uma cortina, arrumaram a comida numa mesa baixa e ficaram à espera na entrada.

– Kelsey vai ficar na minha barraca – anunciou Anamika.

Kishan estava prestes a protestar quando Anamika ergueu a mão.

– Não permito nenhuma impropriedade entre meus homens, e não vou abrir exceção para você e

sua noiva. No entanto, dou-lhes minha promessa de que ela estará em segurança comigo. Vocês dois dividirão uma barraca e receberão roupas e... botas apropriadas.

Eu tinha me esquecido de que Ren e Kishan estavam descalços. Eles haviam se transformado em tigres para saltar pelo vórtice e usavam apenas camisas e calças largas.

Anamika examinou minha calça jeans e minha camiseta com uma expressão intrigada.

– Talvez alguma roupa minha possa ser cortada para acomodar sua pequena estatura – ofereceu ela.

Ninguém jamais havia me chamado de pequena. Empertiguei-me o máximo que pude.

– O fato de você ser assustadoramente grande não significa que eu seja pequena. Minha altura é considerada um pouco acima da média em minha terra, fique você sabendo.

– Certo – disse ela, sua boca contraindo-se.

Peguei a mochila com Ren e a joguei nos ombros.

– Seja como for, tenho minhas próprias roupas. Não há necessidade de cortar seus preciosos trajes de Barbie Guerreira.

Anamika emitiu um ruído que mais parecia um rosnado e fez sinal para um guarda.

– Leve os homens para a barraca deles.

Quando os irmãos estavam sendo escoltados dali, ela disse a Kishan:

– Você pode voltar para visitar sua mulherzinha na refeição da manhã.

Kishan e Ren se detiveram na entrada para me olhar. Sacudi a mochila para assegurá-los de que poderia tomar conta de mim mesma. Eles assentiram com a cabeça e desapareceram.

Um criado entrou e serviu água em nossos cálices. Anamika sentou-se no chão, acomodando-se nas almofadas. Colocando a mochila o mais perto possível de mim, juntei-me a ela e apanhei meu cálice. O líquido era gelado e refrescante – a água mais deliciosa que eu já havia provado.

– É maravilhosa! – observei depois de esvaziar o copo.

Anamika grunhiu.

– A água vem diretamente das montanhas. Eu também a acho refrescante. Agora, por favor, coma. Eu não ia querer que seu noivo me acusasse de matá-la de fome.

Havia vários pratos diferentes, inclusive tigelas de amêndoas tostadas, grão-de-bico condimentado, batatas em conserva, lentilha e pedaços de carne assada. Anamika mordiscou uma fruta branca e perfumada chamada lichia.

Peguei um pedaço de pão e o usei para apanhar um pouco de grão-de-bico e de carne.

– Como machucou os pés? – perguntei.

– Meus pés não são da sua conta.

– Eles parecem em péssimo estado – observei enquanto experimentava a batata.

Ela resmungou, mas não disse mais nada. Eu a observava enquanto comia. *Quem é ela e por que se parece com Durga?*

Depois de cortar um pequeno pedaço de pão e comê-lo, ela se afastou da mesa, como se não suportasse mais olhar a comida.

– O que foi? – perguntei. – Não gostou da comida? Uma mulher como você provavelmente não gosta de comer nada que você mesma não tenha caçado e matado, certo?

– Não estou mais com fome.

Eu me detive com um pedaço de polpa de lichia preso entre os dedos.

– Você está satisfeita? – Fiquei confusa, mas somente por um momento. Eu havia conhecido mulheres como ela antes, mulheres como a irritante namorada de Ren, Randi. – Ah, você precisa manter sua figura de amazona.

– Não entendo o que “figura de amazona” quer dizer.

– A figura é a forma do seu corpo, e Amazonas são mulheres altas e lindas que supostamente viveram na América do Sul. Elas são guerreiras que não precisam de homens para cuidar delas.

– Não tenho a menor preocupação com a forma do meu corpo desde que ele seja forte. Uma amazona, como você me chama, pode ser o que sou agora, mas não fui sempre assim. Eu gosto de homens.

Ela falara com tamanha sinceridade que não pude deixar de rir.

– Compreendo. Eu também gosto de homens – afirmei. – Então por que você agora é uma amazona?

Anamika levou os joelhos até o peito e abraçou-os.

– Nem sempre fui sozinha. Eu tinha um irmão... Sunil. Meu irmão gêmeo. – A sombra de um sorriso surgiu em seus lábios. – Ele era o *senani*, no comando das nossas forças.

– O que aconteceu com ele?

– Foi levado. Capturado por nosso inimigo. – Ela fez uma pausa. – Provavelmente está morto ou assim os meus homens querem que eu acredite. Você me perguntou sobre os meus pés. Sonhei que meu irmão me chamava e saí da barraca para procurá-lo. Sua voz me levava a ir adiante, e eu prossegui, sem me importar que meus pés fossem cortados por pedras afiadas e rasgados por espinhos. Quando acordei, descobri que tinha tido uma experiência sonâmbula e estava longe do acampamento.

– Lamento sobre seu irmão, Anamika.

– Chegamos aqui com 30 mil soldados de infantaria, 20 mil carruagens e 5 mil elefantes de batalha, além de dezenas de espiões e mensageiros. Na última batalha, meu irmão se perdeu e nosso *sena*, o exército, sofreu derrotas, entraves. Centenas de nossos elefantes foram dominados, e tudo o que resta agora de nossos orgulhosos soldados são uns poucos milhares, a maioria deles ferida.

– Seu inimigo parece perigoso.

– Ele é um demônio – disse ela, cansada.

– Por que não come um pouco mais? – insisti. – Você precisa conservar as forças.

Ela voltou-se para mim com olhos penetrantes.

– Não vou comer. Esta comida é mais do que a maioria dos meus homens come em um mês. Como posso comer mais quando eles estão com fome?

Fiz uma pausa quando ia pegar outro pedaço de pão.

– Seus homens estão com fome?

– A fome é o mais trivial de seus sofrimentos. Pedi a eles que voltassem para casa, mas eles se recusam a me desertar e eu não posso ir antes de descobrir o que aconteceu com meu irmão.

Com um olhar incisivo, ela se levantou e empurrou a cortina transparente que separava a área de dormir. Anamika se deitou no chão da barraca e se enrolou com um fino cobertor. Sussurrando palavras abafadas, usei o Fruto Dourado para reabastecer as tigelas de comida e até mesmo acrescentei um pouco mais. Então pedi ao guarda diante da barraca que distribuísse a comida para os homens.

As tigelas foram rapidamente retiradas e um silêncio caiu sobre o acampamento à medida que os homens iam para suas barracas em busca de cobertores quentes. Espiei as estrelas brilhantes e me perguntei qual barraca seria a de Ren e Kishan. Tremendo, fechei a minha e esfreguei os braços.

Encontrando minha pilha de cobertores, enfiei-me entre eles e tentei dormir. Fiquei ali deitada, pensando em quanto me sentiria aquecida se estivesse aconchegada entre meus tigres e apertei os cobertores contra meu corpo enquanto a temperatura da noite caía, tornando-se congelante. Por fim, não pude mais aguentar. Olhando para a forma inerte de Anamika, pedi ao Lenço Divino que criasse cobertores grossos e amaciasse o fino colchão de palha que me fora destinado. Também fiz luvas aconchegantes, meias felpudas e um chapéu de lã que cobria minhas orelhas.

Finalmente estava confortável, mas ainda não conseguia descansar sabendo que Anamika tinha apenas um fino cobertor e roupas de cama surradas. Dando outra ordem ao Lenço, esperei que ela não ouvisse o sussurro dos fios à medida que cobriam seu corpo. Quando o trabalho do Lenço chegou ao fim, Anamika gemeu e rolou em seus cobertores recém-criados. Seus pés machucados agora estavam protegidos por meias de caxemira, e um travesseiro macio acomodava sua cabeça. Arrisquei uma espiada pela cortina transparente. Ela havia puxado os cobertores até o nariz, e os longos cabelos negros se esparramavam pelo travesseiro.

Embora fosse irritante, Anamika era realmente linda. A lembrança de vê-la conversando em híndi com Ren me perturbava mais do que eu queria admitir. Eu sentia ciúme, mas, ao mesmo tempo, tinha uma conexão, uma afinidade com a mulher. Ela havia perdido o irmão e sofria. Tampouco eu podia deixar de admirar sua força e a dedicação aos seus homens.

Suspirando, aconcheguei-me debaixo dos cobertores e finalmente adormeci. Não sei por quanto tempo eu havia dormido – horas ou meros minutos – quando acordei com o grito de Anamika.



Rivalidade entre irmãos

Um intruso moreno lutava com Anamika. Joguei longe os cobertores e virei minha mochila, espalhando nossas armas douradas. Encaixando uma flecha no arco e afastando a cortina, mirei nas sombras. A lamparina se apagara enquanto dormíamos, e eu não sabia quem era quem. Ouvi Anamika arquejar quando o invasor a esmurrou.

Desesperada por uma arma melhor, corri as mãos pelo cobertor à procura do *chakram*, mas, então, minha mão esbarrou em Fanindra.

– Fanindra, preciso dos seus olhos – pedi.

Imediatamente os olhos de esmeralda da cobra cintilaram e uma luz encheu o recinto, emitindo um espectral tom de verde. Agora eu conseguia distinguir que o intruso era um homem e que segurava Anamika por trás. Os olhos dela tinham uma expressão dura e alerta e se arregalaram ao me ver.

Graças a Fanindra, meu alvo estava bem visível. Levantei o arco e gritei:

– Anamika, abaixe-se!

Mas percebi pelo ligeiro balançar de sua cabeça que ela não havia entendido. O homem virou-a para que ela o olhasse nos olhos.

– Sunil? – disse ela, engolindo em seco.

Eu estava prestes a disparar a flecha, mas hesitei ao ouvir o nome do irmão de Anamika.

– Você *está* vivo! – exclamou ela.

Ele a ignorou e voltou sua atenção para mim. Mesmo sob a luz fraca eu conseguia ver que ele era alto, forte e musculoso, e que estava pronto para lutar. Como a irmã, tinha olhos verdes e cabelo escuro, mas o dele era encaracolado. Uma covinha se destacava no queixo não barbeado. Embora estivesse nos atacando, eu não podia deixar de notar que Sunil era muito bonito.

Depois de me avaliar brevemente, um largo sorriso iluminou-lhe o rosto. Numa voz fria, disse:

– Você! Estávamos esperando por você. Meu mestre ficará contente.

Com violência, Sunil empurrou Anamika para o lado e veio em minha direção. Irmão ou não, soltei a flecha à queima-roupa. Ela mergulhou fundo em sua coxa. Sunil nem vacilou, mesmo com uma flecha na perna. Agarrando-me com brutalidade, começou a me empurrar para a porta da barraca.

Anamika gritou pelos guardas e ordenou que dominassem seu irmão. Pelas lágrimas em sua voz, eu podia dizer que ela implorava que não o machucassem.

Arrancada das garras de Sunil, cambaleei no solo frio. Sunil pareceu reconhecer que fracassara. Com um grito, livrou-se dos homens que o seguravam como se fossem meros bonecos de pano e correu para a floresta. Os guerreiros de Anamika o seguiram, mas voltaram após alguns momentos. Disseram a Anamika que o irmão, outrora seu líder, era mais rápido que seu corredor mais veloz, mesmo com a perna ferida. Eles o haviam perdido no nevoeiro.

Ren e Kishan chegaram e rapidamente se postaram ao meu lado.

– Ouvimos gritos. O que houve? – perguntou Ren.

– Fomos atacadas por um adversário inesperado – respondeu Anamika.

Depois que ela explicou que um intruso quase me raptara, Kishan adiantou-se, disposto a rastrear o homem.

Anamika o dissuadiu com um gesto.

– Sei onde ele está agora – declarou ela. – Sunil está sob o poder do demônio. Vi esse poder ser usado em outras pessoas. Elas se esquecem de si mesmas e daqueles a quem amam.

– O demônio que você combate tem poderes? – perguntou Ren.

Anamika olhou na direção de seus homens, pôs o dedo sobre os lábios e entrou na barraca. Eu a acompanhei, seguida por Ren e Kishan. Nós quatro nos sentamos à mesa.

– Não quero que meus homens temam ainda mais o inimigo – advertiu Anamika.

Ela apanhou um cobertor e envolveu o corpo com ele. Depois enxugou as lágrimas com a ponta. De repente, Anamika afastou o cobertor macio do rosto e olhou para ele. Inclinou a cabeça, me observando, antes de finalmente responder a Ren.

– Ele tem muitos poderes extraordinários. E os utilizou para criar um exército de demônios.

– Um exército de demônios? – Uma antiga lembrança se esgueirava para a minha consciência. Minha boca ficou seca, e passei a língua pelos lábios rachados. – Anamika, como é esse seu inimigo?

– Sua pele é negra, e ele tem longos chifres, como um touro. Usa seu poder para sacudir a terra e lançar a destruição sobre todos que a ele se opõem.

Engrenagens giraram em minha mente e peças de um antigo quebra-cabeça começaram a se encaixar.

– Uma deusa surgiu – sussurrei – para matar o demônio Mahishasur. – Engoli em seco e olhei para Ren e Kishan. – Precisamos conversar.

Anamika pôs-se de pé.

– Podem conversar à vontade aqui. Devem ficar seguros. Preciso ver meus homens e enviar os caçadores da manhã.

– Caçadores? – indagou Kishan com o interesse despertado.

– Sim. – Ela se dirigiu para a cadeira onde deixara a armadura e as botas. – Há muito a caça fugiu destas terras, mas talvez ainda consigamos algum alimento para os que se encontram sob meus cuidados.

Ela tirou as meias confortáveis que eu lhe dera e colocou-as de lado enquanto me dirigia um olhar que dizia “vamos descobrir o que há por trás disso mais tarde”. Depois, calçou as botas, pegou o equipamento e partiu.

– Eu sei por que ela se parece com Durga! – exclamei no minuto em que ela saiu do alcance de

minha voz. – Ela é Durga ou... vai ser, depois que matar Mahishasur. Li sobre como ela o matou quando eu estava estudando o nascimento de Durga.

– Mas Durga foi criada pelos deuses – argumentou Kishan.

– Sim, mas, lembre-se: foi criada para derrotar Mahishasur. Acho que fomos mandados aqui para criar Durga.

– Fomos mandados aqui para derrotar Lokesh – contrapôs Ren.

Coloquei a mão em seu braço.

– Ren, Lokesh é Mahishasur.

– Não estou entendendo – disse Kishan.

– Não tive chance de contar a vocês, mas na minha visão Lokesh havia se tornado um demônio. Ele era como Anamika o descreveu. Seu corpo é enorme e negro. Ele solta vapor pelas narinas e tem dois pares de chifres. – Algo mais surgiu em minha mente. – Mahishasur não devia ser metade homem e metade touro?

Kishan assentiu com a cabeça.

– Metade búfalo, na verdade.

– Na carta, o Sr. Kadam disse que Lokesh se tornara um demônio no passado. É isso. Estamos aqui por isso.

– Kelsey... – começou Kishan.

Absorta em minhas teorias, eu o interrompi:

– Além disso, acho que ele usou seu amuleto criador de zumbis e tigres no irmão de Anamika.

– Ela tem um irmão? – perguntou Ren.

– Sim, um irmão gêmeo. O nome dele é Sunil. Foi ele que nos atacou esta manhã.

– Ela não disse que se tratava do irmão dela – observou Ren.

– Porque pensou que ele estivesse morto.

– Ele feriu você – disse Ren, e passou delicadamente os dedos sobre as marcas vermelhas em meus braços.

– Vou ficar bem – murmurei, distraída. Pigarreei para desviar minha atenção do toque de Ren e continuei. – Quando me viu, Sunil disse: “Meu mestre ficará contente.” Acho que Lokesh vem me mantendo sob vigilância. Mas originalmente queria levar Anamika. Isso deve significar que Lokesh está atrás dela também.

Kishan grunhiu. E anunciou:

– Então é simples. Você e Anamika ficam aqui enquanto nós matamos Lokesh.

Ele se levantou e foi até a mochila pegar suas armas.

– Não – retruquei, pondo-me de pé. – O demônio Mahishasur não pode ser morto por um homem. Está lembrado? Durga foi criada para derrotá-lo.

– Então, o que fazemos agora? – perguntou Ren.

Dirigi-lhe um sorriso tenso.

– Convencemos Anamika de que ela é uma deusa.

O primeiro passo para convencer a amazona de que ela precisava ser uma deusa foi mais fácil de ser

definido do que executado. Primeiro, tínhamos que localizá-la. Levamos várias horas para encontrar a mulher. Assim que chegamos à barraca onde ela estivera cuidando de um homem ferido, descobrimos que ela fora pegar lenha. Depois de questionarmos seus homens ali, soubemos que ela saíra para caçar.

Cansado de correr atrás da mulher pelo acampamento, Kishan farejou seu cheiro, que seguia na direção da floresta. Uma hora depois, deparamos com ela retornando ao acampamento com um coelho recém-capturado jogado por sobre o ombro.

Anamika deteve-se brevemente ao nos ver, mas empinou o nariz e continuou a andar.

– Qual é o problema agora? – perguntou ela ao passar por nós. – As acomodações não estão a seu gosto? Veio reclamar por meu irmão ter machucado sua preciosa noiva?

A voz dela destilava sarcasmo, mas dessa vez suas palavras não me incomodaram. Ela jogou o cabelo para trás, e notei os círculos escuros sob seus olhos e uma marca arroxeadada no maxilar. Kishan rosnou e avançou para confrontá-la, no entanto coloquei a mão em seu braço.

– Estamos aqui para ajudá-la – declarei.

Ela parou e me olhou com ar de superioridade.

– E como uma fracote feito você pode ser de alguma utilidade?

Eu me atrapalhei e soltei a primeira coisa que me veio à cabeça.

– Ren e Kishan são bons caçadores. Talvez possam conseguir carne.

Ela sorriu com desdém e enfiou o coelho morto na minha cara, dizendo:

– Esta criatura raquítica tem mais carne do que conseguimos pegar em semanas.

– Confie em mim. Eles são caçadores excepcionais – afirmei.

Anamika olhou de soslaio para Ren e Kishan, sem se preocupar em esconder o ar de descrença, e depois fez um gesto com a mão.

– Não me importa como vocês se divertem. A floresta é sua.

Com saltos ágeis, ela seguiu pelo caminho de pedras e rumou para o acampamento.

– Achei que fôssemos conversar com ela – disse Kishan enquanto eu tirava a mochila de seus ombros e a vasculhava.

– Precisamos ganhar a confiança dela primeiro, ou ela não vai acreditar em nada do que dissermos.

Entreguei o Fruto Dourado a Ren e disse:

– Vocês dois vão lá e cacem algo com a ajuda do Fruto Dourado. Tragam tanto quanto conseguirem carregar. Vou ajudar Anamika a cuidar de seus homens. Podem me emprestar isto, por favor? – pedi a Kishan, tocando o *kamandal*.

Ele beijou minha mão, tirou o pingente do pescoço e o colocou na palma da minha mão.

Combinamos de nos reencontrar ao pôr do sol.

A primeira coisa que fiz foi me dirigir para os arredores do acampamento. Uma vez lá, usei o Lenço Divino para criar uma barraca repleta de pilhas de roupas de diversos tamanhos, cobertores, pantufas macias, meias grossas, luvas, gorros e um estoque gigantesco de ataduras.

Quando a capacidade da barraca estava completa, procurei a localização perfeita para uma fonte de águas termais. Com a magia do Colar de Pérolas, usei vapor para soprar a terra solta de uma

estepe rochosa e evoquei a água mineral borbulhante das profundezas da Terra. Depois, o poder do amuleto fluiu pelos meus dedos, esquentando o solo. Aqueci o leito de rochas abaixo dele o bastante para o calor durar por diversos dias. Finalmente, deixei pingar diversas gotas do *kamandal* na água. Eu não tinha certeza se ia funcionar com uso tópico, mas imaginei que não faria mal tentar. A fonte poderia ser usada para banhos, bem como para mergulhar os músculos doloridos após a batalha.

Minha tarefa seguinte era curar aqueles que estavam fracos demais para se banhar na fonte. Encontrei o suprimento principal de água do acampamento: 50 barris cheios de água fria. Peguei uma concha, destampeei um dos barris e derramei diversas gotas do *kamandal* na água. Depois de mexer rapidamente, passei ao barril seguinte e depois a outro. Levei cerca de uma hora para dar conta de todos os barris, e então saí à procura de Anamika.

Ela estava ajoelhada ao lado de um soldado que acabara de morrer. Lágrimas corriam livremente pelo seu rosto enquanto ela falava com os amigos dele. Senti uma culpa imensa me dominar por um instante e repreendi a mim mesma por não ter visto primeiro os casos mais graves entre os feridos. Testemunhar a preocupação de Anamika com seus homens enlutados e a maneira como eles respondiam a ela com óbvia devoção e lealdade tornou clara minha missão.

Ela será aquela a quem milhares recorrerão, e estou aqui para ajudá-la.

Eu estava triste por não ter salvado o homem, mas sabia que, se constantemente criticasse minhas próprias ações, perderia oportunidades de salvar outros.

Tendo terminado com seus soldados, a guerreira me viu parada à entrada da barraca e saiu.

– O que você quer? – perguntou ela, impaciente.

– Lamento a morte de seu amigo, Anamika.

– Seu lamento não me devolve a vida dele.

– Não, não devolve. – Fiquei em silêncio por um instante, antes de falar: – Não foi culpa sua, Anamika.

– Todas as mortes aqui são minha responsabilidade.

– A morte vem. Não há como detê-la. Você só pode dar o melhor de si para ajudar o máximo de pessoas possível.

Ela enxugou lágrimas de raiva e virou-se.

– O que você sabe sobre a morte?

– Mais do que você imagina. – Brinquei com o *kamandal* que pendia de meu pescoço e admiti: – Eu costumava ter medo da morte. Não por mim, mas temia a morte daqueles que eu amava. Isso me paralisava. Eu não me permitia ser feliz. Mas acabei percebendo que estava errada.

Anamika sussurrou:

– Não há como escapar da morte.

– Não há – admiti –, mas ainda existe a vida.

Encontrei um odre com água pendurado na lateral da barraca e o entreguei a ela. Anamika deu um longo gole e enxugou a boca com as costas da mão.

Eu disse, em voz baixa:

– Desonramos a morte daqueles que amamos quando damos as costas à felicidade. Jogamos fora o

que podíamos ter sido e desperdiçamos nossas oportunidades. Cada um de nós tem um propósito, um destino, e para concretizá-lo precisamos ir além do que nos julgamos capazes. – Meus olhos fixaram-se nos dela com intensidade, e eu disse: – Uma mulher sábia me disse uma vez que eu precisava aprender a lição da flor de lótus: todas as nossas experiências humanas, as boas e as ruins, nos prendem como o lodo de um rio. Podemos estar enraizados na dor ou no sofrimento, mas nosso dever é nos elevar acima daquilo, encontrar o sol e florescer. Só então você pode iluminar o mundo para os outros.

Ela tomou outro gole de água e bufou.

– Você parece minha velha avó falando.

– Velha? Espere aí. Você é muito mais velha do que eu. Acredite em mim.

– Então por que eu deveria dar ouvidos à sabedoria de uma jovem?

Dei de ombros.

– Você terá que decidir por si mesma se vai aceitar ou não meu conselho.

Anamika pendurou o odre no lugar e perguntou:

– Por que vocês estão aqui?

Pus a mão em seu ombro.

– Viemos ajudá-la.

Ela sorriu de leve e perguntou:

– E como alguém tão pequena feito você pode ser de alguma ajuda para mim?

Sorri e respondi:

– Venha comigo e verá.

Ziguezagueamos em meio ao mar de barracas, e mais uma vez fiquei admirada ao ver quantas pessoas estavam reunidas ali. E não eram apenas homens. Havia muitas mulheres e até algumas crianças no acampamento.

– Antes de meu irmão ser levado, eu às vezes ficava para dirigir o acampamento com essas mulheres – contou-me Anamika. – Eu o ajudava constantemente até ele ser capturado e tornar-se vítima do demônio. Quando éramos crianças, nosso pai nos ensinava juntos. Éramos inseparáveis. Nossas amas diziam que éramos duas metades de um melão amargo, especialmente quando nossa ira era despertada.

Ela sorriu à lembrança.

– Logo ficou óbvio que, enquanto Sunil era um guerreiro poderoso e um líder natural, eu tinha o dom de organizar exércitos. Embora ele me sobrepujasse em força, eu muitas vezes o derrotava com artimanhas. Juntos, éramos imbatíveis. Sunil sempre respeitou minhas opiniões, e, unidos, ganhávamos todas as discussões, tínhamos sucesso em todas as manobras e vencíamos todos os obstáculos. Éramos uma equipe indestrutível, até agora.

Ela passou a mão de leve no maxilar machucado.

Senti pena e um recém-descoberto respeito por ela, à medida que me contava mais sobre sua infância e sua família. Ela amava o irmão e estava realmente arrasada por ele ter se voltado contra ela.

Avistando o bosque perto de um afloramento rochoso, guiei-a até minha barraca secreta de

suprimentos. Ao chegarmos lá, levantei a aba da tenda.

– Como foi armada nos arredores do acampamento, acho que seus homens esqueceram que estava aqui – expliquei, esperando que ela aceitasse a desculpa esfarrapada.

Anamika entrou na barraca e parou. Como se entrasse num templo, tocou os tecidos com os dedos de forma quase amorosa.

– É um presente dos deuses! – exclamou.

Sorri.

– Por aí. – Deixei-a examinar os tecidos durante alguns minutos e depois disse: – Tem mais. Venha comigo.

Levei-a até minha nova banheira, e seus olhos se iluminaram. Ela mergulhou a mão na água quente e borbulhante. Uma expressão de intenso desejo passou por seu rosto.

– Faz semanas que não tomo um banho completo – disse ela, soltando um leve suspiro. – Os homens vão poder relaxar aqui.

– Pensei o mesmo. Então, o que fazemos primeiro?

Anamika assumiu de novo o ar profissional.

– Vou distribuir imediatamente os artigos e informar nossos curandeiros sobre a fonte termal. – Ela se virou para mim e completou: – Obrigada, Kelsey.

– De nada.

Então sorri para mim e, pela primeira vez, vislumbrei a deusa que tinha sido minha protetora durante os últimos anos.

Pelo restante do dia, ajudei Anamika a ir de barraca em barraca, cuidando de seus soldados. Bem depois da hora do almoço, ela tocou meu ombro, sorriu e me ofereceu metade de seu pequeno pão. Meu estômago roncou em protesto, mas eu me sentia bem ao lado dela. Eram tantos os homens feridos e famintos... No fim da tarde, ela me deixou para verificar os caçadores que retornavam.

Passei à barraca seguinte, encorajei os homens a beber dos barris de água e ofereci goles de um odre de água com uma concentração mais alta do elixir da sereia. Também providenciei para que tivessem trajes e roupas de cama para mantê-los aquecidos. Nenhum dos soldados falava inglês, mas os feridos tentavam se comunicar em híndi.

– *Svargaduuta* – disse um homem quando baixei sua cabeça delicadamente sobre o novo travesseiro que acabara de chegar.

Puxei o cobertor até seu queixo e passei uma toalha úmida em seu rosto.

– Desculpe, não sei o que *svargaduuta* significa – admiti –, mas logo vai se sentir melhor.

– Significa “anjo” – explicou uma voz cálida atrás de mim.

Enrubescendo, ergui os olhos e vi Ren de pé na entrada da barraca, me observando. Seus olhos estavam cheios de emoção, mas ele desviou o olhar quando um homem do outro lado da barraca gemeu de dor. Rapidamente, Ren curvou-se e falou com ele antes que eu conseguisse me aproximar.

Por algum tempo trabalhamos juntos, em silêncio, e então perguntei:

– Conseguiram trazer carne?

– Há mais do que o suficiente para alimentar todos esta noite. Vejo que você andou ocupada.
Assenti com a cabeça e toquei a mão de um homem ferido.

– Beba isto. Logo vai se sentir melhor.

O homem conseguiu engolir um pouco de água, mas a maior parte escorreu-lhe da boca. Satisfeita por ele ter bebido um pouco, dei meia-volta, exausta.

– Onde está Kishan?

– Anamika o recrutou para distribuir roupas e cobertores. Vai haver uma espécie de celebração hoje à noite: um ensopado substancial para os feridos e carne de veado assada para os demais.

Ele me levou para fora da barraca, segurou meu cotovelo e sussurrou:

– Anamika estava certa sobre não haver caça. Tivemos que usar o Fruto para criar a carne que trouxemos para assar.

– Eles vão precisar de mais do que carne para sustentá-los. Devem ingerir frutas, verduras e legumes também.

– Não sei como conseguiremos fornecer isso sem provocar suspeitas.

Mordi meu lábio.

– Vamos ter que encontrar uma saída.

Ren concordou com a cabeça.

– Descobri que estamos entre 330 e 320 a.C., provavelmente mais perto de 320.

– Como sabe?

– O líder dela é Chandragupta Mauria. Ele chefiou o Império Mauria, que englobava as terras que meu pai e meu avô governaram, então estudei sobre ele. Ele ainda é jovem agora, o que significa que acaba de iniciar seu reinado.

– E isso é bom?

Ren deu de ombros.

– Ele está muito longe daqui. Anamika é, para todos os propósitos, a líder deste exército, e fala em nome de Chandragupta. A palavra dela é considerada a lei dele.

– Suponho então que seja bom.

Ren concordou e seu estado de espírito se iluminou.

– Vamos para a comemoração?

– Eu adoraria.

Ren me acompanhou até seu cavalo, que aguardava do lado de fora da barraca. Seu sorriso branco penetrou a escuridão que avançava.

– Não sei montar – protestei.

– Você se saiu bem ao montar o *qilin* – respondeu ele enquanto me levantava e eu passava uma perna sobre o dorso do cavalo.

– Porque era o *qilin* que estava conduzindo – retruquei, conseguindo subir desajeitadamente no animal.

Ren montou o cavalo atrás de mim, passando o braço pela minha cintura e fazendo o cavalo andar. Sussurrando em meu ouvido, ele disse:

– Para montar bem um cavalo, você tem que formar um vínculo, sentir a força dele, o poder de

seus músculos. Preste atenção à sua marcha, ao seu passo. Feche os olhos. Consegue sentir como o corpo dele sobe e desce? Ele vai levá-la aonde você desejar. Tudo o que precisa fazer é aprender a trabalhar com ele e não contra ele.

Engoli com dificuldade e tentei desesperadamente me lembrar de que estávamos falando de um cavalo. Durante o breve discurso de Ren, eu me derretera contra seu peito, e tudo o que conseguia pensar em fazer era tomar as rédeas e galopar para as montanhas com Ren.

Pigarreando ruidosamente após um indulgente momento de fantasia, sentei-me o mais afastada que pude de Ren e contei-lhe sobre os homens doentes e feridos que eu ajudara durante o dia. Logo aquela tarefa deixou de ser uma distração. Eu estava orgulhosa do trabalho que fizera e sentia minha alma em paz.

Embora estivesse cansada, eu sabia que os presentes de Durga haviam sido criados com esse exato propósito – acabar com o sofrimento. Ocorreu-me que o Sr. Kadam teria ficado contente com nossos esforços e que teria adorado discutir estratégias de batalha com Anamika.

Meu cáldo brilho interior e meu bom humor permaneceram quando chegamos a uma imensa fogueira no centro do acampamento. Graças aos meus esforços à la Florence Nightingale, os mesmos homens que haviam me olhado com suspeita e total antipatia na véspera me receberam calorosamente dessa vez. Eles mudaram de posição e me ofereceram o melhor assento da casa, numa tora desgastada perto do fogo.

Ren trouxe pratos para nós dois e depois se sentou a meus pés. Ele traduziu alguns dos comentários que os homens faziam. O consenso geral no acampamento era de que éramos amuletos da sorte e que estarmos ali significava que havia esperança de vencermos a guerra afinal.

Nossa pacífica refeição foi interrompida por vozes alteradas que se tornavam cada vez mais altas à medida que se aproximavam.

- Não sou uma mula de carga!
- Seu comportamento rotula você como tal!
- Só me porto como mula porque você é uma harpia.
- Não entendo essa palavra, *harpia*.
- Uma harpia é uma bruxa, uma mulher rabugenta, uma feiticeira.
- Como ousa me chamar assim?
- Chamo assim porque é o que vejo, Anamika.
- Não quero mais falar com você. Saia de perto de mim, agora!
- Isso é música para meus ouvidos!

Kishan entrou abruptamente no círculo onde estávamos comendo, enxotou Ren e plantou-se ao meu lado. Seu rosto e seu pescoço estavam afo-gueados, e ele observava Anamika com um olhar furioso enquanto ela pegava um prato de comida e se sentava num tronco. Ela jogou os longos cabelos sobre o ombro e o colo para que não arrastasse na terra. Ao começar a comer, olhou em minha direção, cumprimentou Ren e a mim com a cabeça e depois franziu o cenho para Kishan.

Quando o jantar acabou, Anamika se aproximou de nós e disse:

- Venha, Kelsey. Está na hora de nos recolhermos.

Eu me ergui, mas Kishan segurou meu braço.

– Boa noite, *bilauta*.

Ele baixou a cabeça e me beijou, mas, quando eu estava prestes a me afastar, ele soltou um grunhido e me puxou com força contra seu corpo. Seu beijo tornou-se mais profundo e, embora me deixasse levar sem opor resistência, eu me senti constrangida pela exibição pública de intimidade. Kishan por fim me soltou e sorriu, alegre, quando cambaleei ao dar alguns passos na direção de Anamika.

Ela estreitou os olhos ao fitar Kishan e então se virou para Ren e perguntou:

– Você se importaria de me ajudar amanhã? Está claro que seu irmão ficaria mais feliz correndo atrás de sua *gatinha* e mordiscando seus calcanhares.

Ren assentiu com a cabeça. Seus olhos cintilaram quando ele nos olhou, mas, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Anamika passou o braço pelo meu e me levou na direção de sua barraca.

No dia seguinte, havia uma égua cinza malhada do lado de fora da minha barraca com um bilhete de Ren. Ele e Anamika passariam o dia trabalhando juntos, mas ele providenciara a égua para que eu treinasse equitação.

Encontrei Kishan me esperando pacientemente para tomar o café da manhã. Ele sorriu quando desci da minha égua sozinha e a amarrei a uma estaca.

– Vou ensiná-la a cuidar dela direito – ofereceu ele.

Assenti e sorri, orgulhosa.

– Ela é linda, não é?

– É da coleção pessoal de Anamika.

– Ah.

Mordi o lábio, imaginando o que Ren teria oferecido a Anamika em troca daquele presente tão maravilhoso.

– Qual é a nossa tarefa de hoje? – perguntei, repentinamente mal-humorada.

– Estamos encarregados da comida. Pensei em fingir que estivemos pescando e trazer algumas plantas comestíveis e raízes também.

– Certo.

Após uma parada na barraca de suprimentos para completar o estoque já baixo, partimos em direção ao rio.

Trabalhamos o dia todo, andando para cá e para lá, entre o acampamento e o rio, carregando sacos de folhas verdes para salada, raízes e peixes. Minha mente só conseguia manter o foco em duas coisas: a dor nos meus músculos e o ciúme que despertava sempre que eu me perguntava o que Ren e Anamika estariam fazendo. Ao carregar o último saco gigantesco de verduras e ajudar Kishan a arrumar os peixes frescos perto da fogueira, desejei desesperadamente que pudéssemos abandonar o fingimento e usar o Fruto Dourado na frente de todos. Eu sabia que ainda precisávamos guardar o presente, mas seria muito mais fácil usá-lo abertamente.

Esperei um pouco que Ren e Anamika retornassem, mas estava tão exausta de ter carregado tanto

peso que logo depois de jantar voltei para minha cama e desabei sobre ela.

Foi Anamika quem me acordou.

– Olhe só – murmurou ela à luz da tocha –, mole demais. – Ela riu baixinho e então chamou: – Kelsey, venha comigo.

– Que horas são? – perguntei e bocejei, sonolenta.

– É de manhã muito cedo. Somente os guardas estão acordados. Está com fome?

Ela me trouxe uma tigela de ensopado frio de peixe. Eu ainda não estava com fome a ponto de comer peixe no café da manhã, então, deixei de lado.

– Talvez mais tarde.

Anamika pegou minha mão e me puxou para fora da barraca.

– Venha.

Atravessamos o acampamento silencioso. O luar espiava através das nuvens e iluminava as barracas, que surgiam aos milhares aos pés do Himalaia. O ar era de um frio cortante e, enquanto caminhávamos, eu imaginava o que existiria naquele lugar no meu tempo.

Haverá uma cidade movimentada aqui? Uma fazenda? Rebanhos? Ou apenas o luar, o arrepio de uma brisa fria e os fantasmas esquecidos dessas pessoas?

O vapor turbilhonava adiante. Quando chegamos à barraca de suprimentos e à fonte termal, fitei o luar.

– Cadê a fonte?

– Está aqui.

Quase alegre, Anamika roçou a mão por um tecido drapeado fazendo as vezes de cortina, abriu-o e desapareceu por trás dele.

– O que é isto? – perguntei, seguindo-a.

– Dhiren fez para mim esta noite.

– Ren?

– Sim. Ele é muito gentil.

Seus olhos brilharam de um jeito que me perturbou.

– Ele percebeu como eu desejava me banhar e pendurou estas cortinas para a nossa privacidade.

– Nossa privacidade?

– Sim. Podemos tomar banho e relaxar. Veja. Ele até me deu sabonetes para o cabelo.

Anamika se despiu e entrou no banho, suspirando de leve.

– Por que a hesitação, Kelsey? Não ficaremos sós por muito tempo. Os homens vão se levantar em breve.

O desejo de limpeza superou meu pudor, e logo me juntei a ela na fonte quente. Estava divino. Toalhinhas macias haviam sido deixadas sobre uma pedra limpa, e Anamika entregou-me a tigela com sabonetes.

Enquanto eu esfregava meu couro cabeludo até formigar, Anamika disse:

– Depois da refeição da manhã, Dhiren vai me acompanhar aos outros acampamentos.

– Outros acampamentos? Que outros acampamentos?

– Certamente você não acha que somos os únicos combatendo o demônio...

– Bom, acho que não pensei muito sobre isso.

– Somos cinco ao todo. Os povos da China, Birmânia e Pérsia, e as tribos do leste das grandes montanhas se unem a nós nessa luta.

– Entendo.

Ela levantou um dos pés e prendeu a respiração quando tocou o ponto em carne viva.

– Seus pés ainda doem? – perguntei.

– Sim.

– Já ouviu falar da fruta do fogo? Acho que sobrou uma na minha mochila. Ela deve curar você na mesma hora.

Enxaguei meu cabelo e comecei a esfregar os braços.

– Você quer dizer na sua mochila de mágicas?

Parei e vi que ela me observava.

– Não sei o que você quer dizer com isso – retruquei, mergulhando a toalhinha na água e pressionando-a contra o rosto.

– Você não acha que está na hora de me contar a verdade?

Suspirando, peguei um sabonete e lavei o pescoço.

– Olhe, a verdade é... muito complicada.

– Então me conte o que puder. Consegue mais comida? – perguntou ela.

Assenti com a cabeça.

– O bastante para carregar muitos animais de carga?

Mordi o lábio.

– Consigo. Temos um suprimento ilimitado de qualquer alimento de que você precisar. Mas animais de carga não são necessários.

Ela inclinou a cabeça ao analisar a informação.

– E quanto a roupas e cobertores?

– Também.

– E remédios?

Quando, desconfortável, tentei desconversar, ela pressionou:

– A maioria dos meus homens se curou, mesmo do mais grave dos ferimentos. Você fez isso.

Após um instante, fiz que sim com a cabeça.

Ela soltou um suspiro, impressionada.

– Dhiren e Kishan também sabem usar esse poder?

– Sabem.

– Então vamos estocar suprimentos suficientes aqui para uma semana e Dhiren vai usar esse poder para ajudar os outros exércitos. Quando tivermos atendido às necessidades deles, pediremos aos seus líderes que se reúnam conosco e vamos nos unir para derrotar nosso inimigo.

Após um momento de silêncio, murmurei:

– Está bem.

Anamika me estudou com atenção.

– Esse poder precisa ser protegido a todo custo. Temos que fornecer tudo isso em segredo. Seria

bom oferecer uma distração aos homens, para que não saibam que vocês três possuem esse poder.

– Os homens acreditariam que uma deusa benevolente está zelando por eles? – perguntei, hesitante.

Ela me fitou e, embora estivesse escuro, dava para ver o lampejo verde dos seus olhos.

– Uma deusa? Com o poder que você tem nas mãos, sim, acreditariam.

– Então está disposta a espalhar esse rumor para os outros acampamentos quando se encontrar com eles?

Ela pensou por um momento e respondeu:

– Sim, é um bom plano.

Anamika passou uma toalha sobre os ombros e perguntou, com ar de dúvida:

– Kelsey, você se importa que eu tire Dhiren de você? Eu a deixarei com seu noivo, é claro.

Meus maxilares se contraíram, mas balancei a cabeça, indicando que não havia problema, embora, dentro de mim, meu coração se contorcesse.

– Que bom. Gosto de Dhiren.

Ao estender a toalha molhada sobre a pedra, ela disse, em voz baixa:

– Ele preenche o espaço vazio ao meu lado.

Descobri que de repente não conseguia engolir, e meus olhos estavam quentes.

Anamika saiu da fonte. Rapidamente, enxugou-se e começou a se vestir na escuridão.

– Estas roupas novas que Dhiren fez para mim são de um tecido tão macio! Não usava nada tão bom desde que deixei a Índia.

O lugar vazio. Por que me parece de repente que meu coração tem um espaço vazio?

– Ele fez roupas para você também. Tome.

Ela as colocou sobre uma pedra próxima e se agachou antes de tornar a falar.

– Tenho um favor a lhe pedir.

– O que é? – perguntei, com um sólido nó na garganta.

– Quero que tome conta do meu acampamento até eu voltar, dentro de uma semana. Kishan vai ajudá-la. Não acho que ele seja calmo como o irmão, mas, como você o ama, vou tolerar a presença dele. Meus homens serão instruídos a obedecer às suas ordens.

Assenti debilmente e, com um farfalhar de tecidos, Anamika desapareceu.

Nossos segredos estavam se revelando, escapando ao nosso controle, e eu os sentia girar na minha mente e no meu coração. Saí da fonte, sequei-me e me vesti, e então retornei para a área principal do acampamento.

Em nossa barraca, encontrei Kishan ajudando Anamika e Ren a se prepararem para a viagem. Ren tinha uma espada presa a uma correia ao lado do corpo. Vestia uma túnica pesada sobre uma calça justa de tecido grosso. Uma capa pendia do seu braço, e ele a colocou de lado junto com um capacete para me mostrar que o Lenço e o Fruto Dourado estavam escondidos dentro de sua sacola. Tirei o *kamandal* do meu pescoço e o prendi ao redor do dele.

Ele estava incrivelmente bonito – um antigo guerreiro indiano saído das páginas de um livro de história. Um capricho do destino o havia trazido para mim, embora ele devesse ter morrido séculos antes de eu nascer. Eu desprezara aquele presente precioso e agora não sabia como recuperá-lo. O

arrependimento atravessava meu coração.

Enquanto Kishan verificava se eles tinham tudo de que precisavam, formulei o desejo de ter um odre cheio com suco da fruta do fogo. Ele se materializou sobre a mesa de Anamika com um brilho. Entreguei-o a ela, dizendo que era um remédio e que ela deveria beber tudo.

Ela apertou meu braço e disse:

– Cuide-se, Kelsey.

Então Ren passou uma capa idêntica à dele ao redor dos ombros dela e a amarrou. Ela sorriu timidamente para ele, e os dois saíram pela abertura da barraca e desapareceram, com Kishan indo logo atrás para se despedir.

Um momento depois, ouvi o galope de cavalos se afastando. Voltei para a cama a fim de esconder a mochila e notei uma folha de pergaminho sobre ela. Na bela caligrafia de Ren, li o “Soneto L”, de Shakespeare, e um bilhete:

SONETO L

William Shakespeare

*Com que pesar enfrento a jornada,
Quando o que procuro (o triste fim do meu caminho)
Mostra-me, docilmente, a resposta que devo dar:
“Assim as milhas são marcadas para longe de teu amigo.”
O animal que me carrega, cansado do meu pranto,
Cavalga firme, suportando o peso que levo comigo,
Como se, por instinto, o animal soubesse
Que o cavaleiro de ti não quisesse se afastar.
As esporas sangrentas não o atijam
Que, por vezes, o ódio toca-lhe por dentro,
E, prontamente, responde com um grunhido
Mais agudo para mim do que ao esporeá-lo;
Pois o mesmo grunhido põe isto em minha mente:
Minha tristeza jaz à frente e, minha alegria, atrás.*

Kelsey,

Esta separação é difícil para mim, embora eu creia que seja necessária. Kishan vai mantê-la em segurança. Nossa tarefa está quase concluída. Lokesh será destruído e nós seremos

libertados para viver como homens. Eu deveria estar exultante com essa ideia, mas, ao contrário, há um peso em meu coração. Sei que a distância que me separa de você agora é apenas temporária; no entanto, minha mente está oprimida pela consciência de que uma separação final está por vir. É quase impossível para mim deixá-la agora. Não sei como vou suportar quando você se for para sempre. Ainda assim, vou ao encontro do meu destino.

– Ren

Reprimindo uma enxurrada de lágrimas, saí da barraca para o ar fresco. O céu, lindo e cheio de estrelas uma hora antes, estava agora sombrio e vazio. A luz no horizonte era de um tom enjoativo de rosa. O pânico cresceu dentro de mim como um pássaro esvoaçante, batendo as asas contra meu coração pesado. Meu estômago se contorceu. Enquanto os homens se agitavam em suas barracas e o céu clareava, uma sensação de desgraça iminente tomava conta de mim.



Aliados

Fazia quase três semanas que Ren e Anamika haviam partido. Tínhamos estado ocupados na ausência deles, mas não o suficiente para que eu esquecesse Ren durante aqueles 18 longos dias. Eu não conseguia deixar de sentir que cada dia que passávamos separados eu o perdia um pouco mais.

Kishan treinou os homens para lutarem como um exército unificado e ajudou os feridos a recuperarem as forças. Ren e Kishan haviam construído uma nova barraca perto das fogueiras e encheram-na com toda espécie de alimentos – verduras e legumes, carnes, frutas (secas e frescas) – e havia barris e sacos com grãos, leguminosas e arroz.

Agora que estavam comendo bem e se achavam mais fortes, os homens ansiavam por alguma atividade além dos exercícios de batalha. O treinamento de Kishan como consultor militar rapidamente ficou evidente, e era fascinante observá-lo passar do homem moderno que eu conhecia para o príncipe indiano que ele fora um dia. Quando assumia esse papel, eu via um lado diferente dele, e me sentia orgulhosa e assombrada com o homem que era meu noivo.

Ele trabalhava com os homens todos os dias, reservando muito pouco tempo para atender às próprias necessidades. Muitas vezes eu lhe levava as refeições e o encontrava fazendo de tudo, desde cortar lenha e encher os barris de água até ensinar pacientemente aos jovens soldados a forma correta de atirar uma lança. Sempre que eu me aproximava, ele me dirigia um sorriso carinhoso e me dava um beijo no rosto.

À noite, vinha para a minha barraca e, exausto, descansava a cabeça no meu colo. Ele me contava sobre seu dia enquanto eu lhe acariciava os cabelos. Então o acampamento se aquietava e ele me beijava com ternura antes de ir para a própria barraca.

Os homens estavam mais que dispostos a seguir suas orientações, e ele despachou diversos grupos de caça, a fim de complementar nosso suprimento de alimentos, e grupos de patrulhamento, para investigar o paradeiro de Lokesh e seu exército. Eu e algumas das mulheres treinávamos com Kishan também. Ele disse que, se Lokesh ia ser derrotado por uma mulher, então valia a pena ensinar a algumas delas pelo menos os princípios rudimentares da batalha.

Juntei-me a avós idosas e jovens viúvas enquanto Kishan nos instruía com exercícios para fortalecer os músculos e para nos treinar no uso de facas e pequenas espadas. Todas as mulheres me diziam que eu era uma garota de muita sorte por ter um noivo como Kishan, e as poucas solteiras o observavam com cobiça e flertavam descaradamente enquanto ele as orientava com paciência no uso de armas leves de mão.

Eu me sentia feliz por estar com Kishan e trabalhar com ele. A exaustão ao fim de cada dia me fazia procurar a barraca ao cair da noite. Embora mal pudesse manter os olhos abertos, eu ainda varria o horizonte continuamente, esperando o retorno de Ren e Anamika.

Quando o grupo de guerreiros de Anamika enfim chegou ao acampamento uma tarde, foram aplaudidos e recebidos como heróis. O estrépito de suas armaduras e seu tamanho bastavam para intimidar. Pediram água e alguém para levar os cavalos. Ouvi Kishan gritar instruções. Os sons de muitos idiomas flutuavam no ar. Esquadrinhei o grupo em busca de um único homem, o de olhos azuis penetrantes.

Sem pensar, deixei de lado meu arco e ziguezagueei entre os cavalos que batiam os cascos. Kishan gritou meu nome, mas prossegui, passando abaixada entre corpos vestidos com armaduras até finalmente chegar a Ren.

Ren virou-se e me viu. Ainda segurava as rédeas de seu cavalo em uma das mãos.

Com as emoções fora de controle, tudo o que consegui dizer com voz embargada foi:

– Senti sua falta.

Ele deu um passo em minha direção e me tomou nos braços. Embora tivesse placas de armadura no peito e nos ombros, ele me abraçou apertado, pressionando seu rosto contra o meu.

– Também senti sua falta, *iadala*.

O guerreiro chinês que estava atrás de Ren bateu em seu ombro e fez comentários num tom alto, em mandarim ou cantonês. Ren me pôs no chão e, quando me virei, dei de cara com várias pessoas nos olhando. Kishan me seguira através da multidão, a espada a postos, até me ver com Ren. Embora sua mão na espada tivesse relaxado, os músculos continuavam tensos e os olhos eram como pedra. Impassível, ele fitava Ren.

Anamika chegou por trás de Kishan; seu olhar penetrante estudava cada um de nós, o rosto com uma expressão indecifrável. A multidão ficou imóvel e desconfortavelmente silenciosa enquanto assistia à cena. Anamika gritou um comando e se afastou em direção à sua barraca.

Os soldados de regresso retomaram suas atividades, mas olhavam para mim por sobre os ombros de maneira enigmática.

Depois de entregar seu cavalo a um soldado que aguardava, Ren dirigiu-me um breve sorriso e apertou meu braço antes de se afastar. Rapidamente instruiu os homens a montar as acomodações e fornecer refeições aos convidados. Muitos dos soldados de Anamika, embora tratassem Ren com deferência, pararam e explicaram que Kishan já começara a organizar os recém-chegados. Ren acompanhou o guerreiro chinês até a fogueira no centro do acampamento.

Procurei por Kishan, mas ele havia desaparecido. Imaginando que estivesse tão ocupado quanto Ren, entrei na barraca que eu dividia com Anamika e a encontrei tirando a armadura. Ela se manteve de costas para mim.

– Estou feliz por ver que você retornou sã e salva – declarei.

Ela não respondeu.

– Está com fome? – perguntei.

A guerreira que tanto se assemelhava à deusa balançou negativamente a cabeça e tirou as botas,

substituindo-as por pantufas mais macias e confortáveis.

– Vejo que seus pés cicatrizaram. Então o suco funcionou?

Por fim, ela se virou para mim, e sua expressão fechada se suavizou um pouco.

– Sim, cicatrizaram, obrigada.

– Só estou contente por você ter voltado.

Sorri para ela.

– Sim, estou vendo. – Ela suspirou e pôs-se de pé. – Como estão meus homens?

– Estão bem. Quase todos prontos para a batalha. Kishan os tem treinado... assim como às mulheres.

Anamika levantou uma sobrancelha.

– Ele está treinando as mulheres?

Dei de ombros.

– Ele acredita que uma mulher deve saber se defender.

Ela pensou por um momento antes de assentir e se dirigir à entrada da barraca. Quando puxou o tecido para sair, voltou a cabeça:

– Nossos convidados começam a acreditar que estamos sendo ajudados por uma deusa, e alguns deles estão convencidos de que sou a personificação da deusa.

Assenti com cautela.

– Eles também creem que Dhiren é meu consorte – declarou ela, com franqueza. – Talvez seja melhor deixar que continuem a acreditar nisso, pelo menos até o fim da guerra.

– Eu... eu entendo – murmurei com dificuldade enquanto ela saía.

Fiquei ali me perguntando se ser um consorte significava o que eu estava imaginando ou se haveria algum significado antigo, diferente, para a palavra.

Consorte.

A palavra cruzou minha língua asperamente. Era uma palavra feia. Na verdade, achei que nunca ouvira uma palavra que eu detestasse mais.

– Ren é o *consorte* dela – sussurrei.

Caminhei devagar rumo ao centro do acampamento. Havia muito barulho vindo da área em que a comida era preparada. Kishan estava parado ali perto, com os braços cruzados diante do peito e o cenho franzido. Os guerreiros tinham matado a sede e estavam saindo da barraca da comida enquanto Ren conversava com eles entusiasmado. Os novos guerreiros escutavam cada palavra com atenção, e os homens do acampamento, embora cumprimentassem Kishan respeitosamente com a cabeça ao passar, reuniam-se ao redor da “deusa” e de seu novo “companheiro”.

Notei que Anamika permanecia ao lado de Ren e com frequência deixava que ele falasse quando alguém lhes fazia perguntas.

– O que está havendo? – perguntei a Kishan.

Seus olhos brilhavam ao observar Ren e Anamika.

– Meu irmão está roubando a cena, como sempre. Os guerreiros que treinei por duas semanas agora o procuram, Anamika o reverencia e minha própria noiva não consegue manter as mãos longe dele.

– Você está com ciúme.

Finalmente, Kishan virou-se para mim.

– É claro que estou com ciúme.

Olhei em seus olhos dourados e pedi desculpas.

– Desculpe, Kishan. É comigo que você deveria estar aborrecido. Senti falta de Ren, mas não foi adequado da minha parte procurá-lo daquele jeito.

Ele deixou escapar um suspiro profundo, segurou minhas mãos e as beijou, uma de cada vez.

– Estou exagerando. Me perdoe.

– Só se você me perdoar.

– Sempre.

Ele passou o braço pelos meus ombros e ficamos ali, assistindo ao espetáculo por um momento, até eu perguntar:

– Kishan, o que significa exatamente ser um consorte? É como um amigo íntimo? Esse tipo de coisa?

– Você quer dizer na nossa época ou agora?

– Agora.

– Significa companheiro de vida. Normalmente um consorte é o esposo ou esposa do monarca governante. Por que a pergunta?

Um nó se formou em minha garganta e meus olhos queimaram.

– Significa casamento? – gaguejei.

– Pode significar noivo também.

Kishan pôs a mão no meu ombro e virou-me de frente para ele.

– Qual é o problema, Kelsey?

– Anamika me disse que Ren deve atuar como seu consorte até o fim da guerra.

– Entendo.

Kishan ergueu a cabeça e, em silêncio, estudou Anamika e Ren enquanto eles se misturavam às pessoas.

Tentando em vão afastar as horríveis emoções que estava sentindo, eu disse:

– Não quero pôr nenhum de nós numa posição perigosa por não seguir as regras apropriadas de etiqueta da época. Você é o meu noivo e Ren é... o dela. Eu deveria ter permanecido a seu lado.

Kishan assentiu, distraído.

Ao dar o braço a Kishan, perguntei-me se essa história de consorte seria mesmo temporária ou se Ren sentia algo por Anamika. *Em sua carta, ele mencionou uma separação. Será que pretendia ficar aqui e tornar-se de fato o consorte de Anamika? Certamente não parecia que ela faria objeções à ideia. Eu ainda amava Ren. A Fênix me fez reconhecer isso. Deveria dizer isso a ele ou esquecer o assunto? E se ele me rejeitasse e escolhesse Anamika? Admitir que eu o amava não significava necessariamente que eu o teria de volta. Ela é linda. Por que Ren me escolheria quando poderia ter uma deusa? Ele podia ser um rei, um deus ao lado dela.*

Reprimi um soluço mudo e pela primeira vez reconheci que o destino de Ren podia não estar ligado ao meu. Talvez eu não conseguisse mantê-lo em minha vida, nem mesmo como amigo.

Vou perdê-lo... para sempre. E quanto a Kishan? Ele prometera me perdoar sempre e se conformaria se eu escolhesse outro homem. Mas, se lhe dissesse que ainda era apaixonada por Ren, o que ele faria? Seria possível perdoar isso? Será que me odiaria para sempre? Voltaria para a selva e levaria uma vida de solidão e isolamento?

Naquele momento, eu sabia que nada disso importava. Não fazia diferença se Ren decidisse ficar com Anamika ou se Kishan algum dia me perdoaria. Ambos precisavam saber de tudo. Precisavam saber como eu me sentia. Eu deveria conversar com cada um deles a sós e confessar o que estava no meu coração. Se um ou ambos escolhessem me deixar, então eu teria que lidar com isso. Eu não podia continuar fugindo do sofrimento. Eu devia isso a eles. Phet estava certo quando disse que os dois homens eram boas escolhas. Ambos eram nobres e corajosos, bonitos e gentis e mereciam mais do que eu tinha dado a eles.

Kishan ficou ao meu lado enquanto eu observava os acontecimentos e traduzia o que as pessoas diziam. Apertei seu braço, grata por ele ser um homem tão bom.

Depois de deixar-se ver em uma postura política, Anamika pediu que todos se reunissem para o banquete. Mesas foram trazidas e, com um floreio da mão, ela usou o poder do Lenço (que estava amarrado em seu pulso) para criar as mais finas toalhas e cobri-las. As fibras do Lenço teceram sua mágica, e os guerreiros e os homens de Anamika prenderam a respiração, maravilhados.

Emiti um pequeno som de protesto e dei um passo à frente, mas Kishan me segurou.

– O que está feito, está feito, Kelsey. Evidentemente Ren a instruiu no uso dos presentes de Durga.

Anamika encheu a mesa com travessas de comida, e os homens sentados para o banquete aplaudiam enquanto ela se movia, servindo taças e travessas com iguarias especiais da terra natal de cada um. Ela então tomou seu lugar na cabeceira da mesa, com Ren sentado a seu lado. Ele apertou-lhe a mão, e no mesmo instante senti como se algo sombrio tivesse apertado meu coração.

Abriram espaço para mim e Kishan, e depois que ele puxou minha cadeira, eu me sentei, rígida. Sorria quando alguém me oferecia comida e aceitava com gratidão, mas tudo que eu provava se transformava em cinzas na minha boca e nenhuma bebida era suficiente para molhar minha garganta seca.

Eu observava Ren e Anamika juntos e imaginava-o como seu rei. A pontada amarga do ciúme atravessava meu coração – e não só por causa de Ren. Eu sabia que o Lenço Divino e o Fruto Dourado eram para Durga e que Anamika era ou se tornaria Durga, mas doía abrir mão daqueles presentes. Passar adiante aquele tipo de poder e ficar sem nada era difícil.

Kishan sentira ciúme de Ren por ele receber toda a glória, e ali estava eu, sentindo o mesmo em relação a Anamika. Durante a refeição, repeti para mim mesma várias vezes que o Lenço e o Fruto Dourado pertenciam a ela, não a mim. Toquei com os dedos o Colar de Pérolas no meu pescoço e imaginei se haveria um meio de guardar pelo menos aquele presente.

Eu lutara muito por eles, raciocinei. Quase morri muitas vezes. E tudo o que Anamika teve que fazer foi se tornar uma linda deusa e tomar como seu consorte o homem que eu amava. Pensei na mordida dos *kappa*, nos macacos, no tubarão gigante, no *kraken* e nas aves estinfalianas. E ainda havia o próprio Lokesh. *Não é justo.*

Eu sabia que era errado, mas era impossível não me sentir traída, sentada no outro extremo da mesa. Era como se tivesse sido sumariamente dispensada. Usada. A imagem que eu fazia da deusa mudou. Enquanto eu ruminava tudo aquilo, recordei todos os nossos encontros nos templos. Quando ela prometera proteger Ren, não era por mim, gritou meu coração ressentido. Era por si mesma! Ela fez com que ele se esquecesse de mim. *De mim!* Se eu soubesse que o plano dela era tomá-lo para si, eu teria ficado no Oregon e deixado que ela mesma fosse em busca de seus presentes.

“Aprenda a lição do lótus”, ela dissera. Bem, se eu era uma flor de lótus, então ela basicamente me arrancara da água e me plantara no solo sob seus pés.

Meus olhos foram atraídos por um lampejo dourado na túnica de Kishan. O broche de Durga. Suspirei e me lembrei de que ela não estava com tudo. Eu ainda tinha meu arco e minhas flechas douradas, o Amuleto de Fogo, o Colar de Pérolas e Fanindra.

Repeti sem parar, enquanto empurrava a comida no prato:

– É por isso que estamos aqui. É por isso que estamos aqui.

A gloriosa deusa e seu poder me encobriam como enormes ondas, vindas do outro extremo da mesa, fazendo-me sentir tão pálida e molhada como uma alga apodrecida.

É isso que sou, concluí com tristeza. *Sou tão podre por fora quanto por dentro. Sou uma garota do futuro com sede de poder, que anseia pelo amor de dois irmãos e quer ficar com toda a magia também.* Não havia nada que eu quisesse mais naquele momento do que enganar Anamika quanto ao seu destino e ficar com tudo para mim.

Então, ela tocou Ren e sussurrou algo em seu ouvido.

Ren curvou a cabeça enquanto eles conversavam baixo, intimamente, juntos, e me dei conta de que havia algo que eu queria mais do que o Colar de Pérolas, mais do que o Fruto Dourado e o Lenço Divino. Mais do que o destino de Durga, Fanindra e mais que o Amuleto de Fogo.

Eu queria *Ren*.

A força da emoção me invadiu como um furacão. Eu sentira ciúme antes, quando Ren dançara com Nilima e todas as garotas na festa na praia, mas, na época, uma parte de mim sabia que não era o meu Ren fazendo aquelas coisas. Aquele Ren perdera sua lembrança de mim. Agora eu confrontava a visão de um homem que era mesmo o *meu* Ren agindo com intimidade em relação a outra mulher. Eu não podia suportar aquilo. Tinha a sensação de estar sendo rasgada ao meio. Meu mundo ia se desmanchando mais rápido do que o Lenço seria capaz de fazer.

Apoiei a cabeça nas mãos e fitei a comida intocada no prato. O cheiro da canela e do açafrão entrou pelo meu nariz. Kishan perguntou se eu estava me sentindo bem e, quando balancei a cabeça negativamente, ele se levantou e me levou para minha barraca.

Kishan ficou um pouco, mas eu lhe disse que precisava ficar sozinha para pensar. Esfreguei uma pérola do Colar entre os dedos e percebi que eu estivera fazendo aquilo desde o início do jantar. Só porque tinha esse poder, enchi uma xícara com água usando o Colar de Pérolas. Em seguida, com espírito de vingança, encharquei todas as roupas de Anamika e derramei água dentro de suas botas. Depois criei uma forte neblina e fiz chover sobre sua cama. Quando o lado dela da barraca estava alagado, liberei-me de toda a água. Para minha surpresa e decepção, seu colchão e suas botas

estavam completamente secos.

Várias horas depois, quando Anamika finalmente entrou na barraca e sentou-se numa cadeira diante de mim, eu estava brincando com minha xícara de água, esvaziando-a e enchendo-a várias vezes com o Colar de Pérolas.

Anamika me olhou por um tempo e perguntou o que eu estava fazendo.

– Você não ia querer saber.

Tentei imprimir um tom debochado e sarcástico à voz, mas ela saiu triste e patética.

– O que há com você? – perguntou ela. – Está doente?

– Talvez. E se estiver?

– Ora, você não está doente, exceto, talvez, da cabeça.

Levantei-me e apontei o dedo diante do seu rosto, com raiva.

– Se alguém aqui tem problemas mentais, é você. Por que estava exibindo seus poderes para aqueles homens? Precisava de mais alguns seguidores? É isso? Qual é o problema? Ren não é o bastante para você?

Ela cruzou os braços e me encarou.

– Achei que a ideia era que eu personificasse uma deusa. Isso é difícil sem demonstrar alguns poderes. – Ela inclinou a cabeça. – Na verdade, a questão não é o Fruto ou o Lenço, certo?

– Em parte – murmurei, irritada.

– Foi você que me disse para fazer isso, Kelsey. Eu não pedi esse papel.

– E apesar disso, você se enquadrou muito bem, não foi? – retruquei, com tristeza.

Ela suspirou.

– É por causa de Dhiren?

Parei e perguntei, gaguejando:

– Por que acha isso?

Ela ponderou minhas palavras.

– É natural que se preocupe com seu irmão. Você deseja a felicidade dele. Se meu irmão trouxesse uma mulher para casa, seria difícil vê-la tomar meu lugar ao lado dele.

– Ren *não* é meu irmão.

– Você está noiva de Kishan, e Ren obviamente a estima muito. Vocês são próximos. Ele é como um irmão para você, e você quer o seu bem.

– Eu...

Não pude responder ao que ela estava dizendo.

Anamika pousou as mãos sobre as minhas.

– Não sei se Dhiren irá querer continuar como meu consorte depois que matarmos o demônio, mas confesso que espero que sim. – Seu rosto se iluminou. – Acho-o gentil e atencioso, e ele pensa como um grande guerreiro e político.

Seus olhos cintilaram.

– Também o acho muito atraente. Ficaria honrada de chamá-la de irmã. Uma *irmãzinha*, talvez, mas irmã em espírito. Vou tentar fazê-lo feliz, Kelsey. Dou minha palavra a você. – Ela apertou minhas mãos e ficou de pé. – Amanhã teremos muito o que fazer. Sugiro que você durma um

pouco.

Sentei-me em silêncio enquanto ela se preparava para dormir e ainda estava sentada quando ela olhou para mim, deu de ombros, apagou a lamparina e se deitou em seu colchão seco. Não sei por quanto tempo fiquei ali, mas a sensação foi a de que o tempo havia parado e eu estava num inferno entorpecido e negro.

Quando finalmente fui para a cama, enfiei a mão sob o queixo e só percebi que estava chorando quando senti uma lágrima escorrer entre meus dedos. Peguei no sono repetindo as mesmas palavras sem parar em minha mente: “Ela vai fazê-lo feliz.”

Anamika já tinha saído quando acordei no dia seguinte. Procurei sob o travesseiro minha mochila com as armas escondidas e o poema de Ren. Queria lê-lo outra vez, com novos olhos, e ver se ele estava realmente me dizendo adeus. Mas a mochila desaparecera. Levantei-me de um salto e vasculhei rapidamente a barraca.

Depois de me vestir, segui para a fogueira do acampamento a fim de tentar encontrar Ren ou Kishan, ou mesmo Anamika, mas o cozinheiro me disse que Ren e Anamika haviam comido antes do amanhecer e partido para a floresta. Kishan estava providenciando para que os soldados visitantes tivessem suas necessidades satisfeitas.

Finalmente encontrei Kishan numa reunião com os guerreiros. Quando me viu à entrada da barraca, convidou-me para entrar e me apresentou em vários idiomas. Os homens assentiram respeitosamente.

– Estamos discutindo estratégias de batalha, e sou o tradutor – explicou Kishan. – Os líderes estavam se preparando para contar o que viram na guerra até agora e vão falar sobre os benefícios que trarão para a aliança. Precisamos registrar tudo.

Concordei com um movimento de cabeça.

– Tudo bem, mas nossa mochila desapareceu. Sabe onde está?

– Sim. Ren e Anamika estão treinando com as armas.

– Com Fanindra também?

– Também. Precisamos prosseguir agora, Kells. Você poderia ficar e fazer as anotações?

Meu estômago se retorceu à ideia de todas as minhas armas sendo entregues sem Ren ter nem mesmo me consultado, e meus olhos arderam.

– Por que não? – respondi, aborrecida. – Aparentemente não sou necessária em nenhum outro lugar.

Kishan resmungou qualquer coisa, alheio ao meu tumulto interior, e anunciou a presença do primeiro líder, general Xi-Wong.

O guerreiro chinês começou a falar. Mesmo sem sua armadura de batalha, era uma figura impressionante. Kishan traduzia suas palavras em duas outras línguas, enquanto dois homens também escutavam e traduziam para seus líderes. Ele me entregou um bloco, um pote de uma tinta de cheiro forte e um graveto afiado para que eu anotasse as estatísticas. De alguma forma, ele conseguia traduzir para eles e depois me informar os pontos principais enquanto esperava que os outros homens terminassem a interpretação. No início tive dificuldade com a caneta antiga, mas

finalmente descobri como fazê-la funcionar e tomei notas no papel.

O general Xi-Wong não parecia tão exausto da guerra quanto os demais. Suas roupas estavam bem-cuidadas, e ele usava uma bela echarpe de seda amarela ao redor do pescoço, o que me fez lembrar de Lady Bicho-da-Seda.

Notei que o exército do general Xi-Wong usava armas de ferro e que sua filosofia de batalha chamava-se Cem Escolas de Pensamento. De todos os líderes, era o grupo dele que estava participando com o maior número de homens e armas – incluindo carruagens, infantaria, lanceiros, arqueiros e punhais-machados (lanças com uma lâmina em uma das extremidades) –, mas ele também perdera o maior número de homens para o demônio, mais de 100 mil.

O general Xi-Wong disse que ouviu falar pela primeira vez do demônio quando começou a recrutar soldados na China. Gangues inteiras de criminosos desapareceram e povoados completos simplesmente sumiram. Diversos deles pareciam ter sido engolidos pela terra, e até mesmo mulheres e crianças foram levadas. Uns poucos sobreviventes relataram que um feiticeiro viera e escravizara todas as pessoas. Mais tarde, os homens falaram de um monstro, metade homem, metade búfalo, que aterrorizara o campo.

Sem querer, derramei tinta no canto da página e a enxugava quando Kishan e o general Xi-Wong terminaram e apresentaram Jangbu, um tibetano, ou alguém da área que eu acreditava ser o Tibete.

Jangbu preferia ser chamado de Tashi, e seu exército era inteiramente composto de voluntários recrutados em várias tribos que viviam na região. Especializaram-se em arco e flecha e guerrilha. As botas, as peles, a veste e o chapéu de Jangbu eram debruados com pelo marrom felpudo. Imaginei se ele estaria usando um ancestral do urso pardo que Kishan e eu havíamos enfrentado no monte Everest.

Zeyar e Rithisak eram oriundos do que seriam os modernos países da Tailândia, Mianmar/Birmânia e Camboja, se fossem todos combinados. Haviam chegado aqui vindos da capital de Mon, Thaton – um porto no mar de Andaman. Notei furos em suas botas e a magreza dos guerreiros. Se os líderes dos exércitos estavam famintos, imaginava que seus homens estivessem muito mais. Fiz uma anotação lateral para pedir a Kishan que perguntasse se precisavam de mais comida.

De acordo com Zeyar e Rithisak, seu ponto forte era a defesa. Construíam fortalezas e só avançavam quando identificavam uma oportunidade que pudessem aproveitar com perdas mínimas. Curiosamente, diziam-se especialistas no uso do fogo como arma, tinham grande fé em Anamika, que pensavam ser uma deusa, e também acreditavam que o demônio estivesse levantando os mortos para lutar de novo. Pareciam muito assustados.

Kishan escutou o último grupo a falar e então anunciou:

– Este é o general Anfímaco, que era um parta e agora serve seu rei, chamado Alexandre.

Minha mão imobilizou-se.

– Alexandre, o *Grande*? – murmurei.

Kishan traduziu minha pergunta para o grego antes que eu pudesse impedi-lo. O general se inclinou para a frente e me fitou de modo muito desconfortável antes de Kishan acrescentar:

– Ele é um *grande* e sábio líder.

Soltei um gemido com o olhar direto do homem, encolhi-me e comecei a rabiscar furiosamente com meu instrumento de escrita. O general também apresentou seus homens: Leonato, Demétrio, Estasanor e Eumenes.

– Nunca ouvimos falar das terras de onde vocês vêm. Exceto a Índia, é claro – disse ele, com um sorriso de político. – Meu rei ficará... contente em saber mais sobre suas cidades.

– Aposto que ficaria – murmurei entre dentes.

O general prosseguiu:

– Quem sabe, quando esta batalha terminar, não possamos conversar sobre estabelecermos um comércio?

Os homens do Tibete e de Mianmar pareceram interessados na oferta, mas não o general Xi-Wong.

Mantendo os olhos baixos, eu escrevia freneticamente. Tinha que contar a Kishan o que eu sabia. Diversos fatos que eu memorizara na escola e na faculdade me vieram à mente, e fiquei alarmada com a possibilidade de o Império Macedônio se interessar pela Ásia. Até onde eu sabia, Alexandre, o Grande, nunca conquistara nada para além do Himalaia. Nossa presença ali poderia estar mudando o curso da história, e eu assistira a muitos episódios de viagens no tempo de *Star Trek* para ser iludida a acreditar que isso era uma boa coisa.

Tomei notas criteriosamente e fiquei chocada com os números e os recursos que os vários líderes militares forneceram. O que mais me preocupava em relação a trabalhar com eles era o interesse que tinham em Anamika. O general Anfímaco parecia acreditar que uma deusa com o poder dela deveria estar sentada no trono ao lado de Alexandre. Resmungando, examinei minhas notas.

Anfímaco falou de seus recursos. Tinha carruagens persas e catapultas mortais, além de panóplias, e disse que seus homens podiam combater em falanges pesadamente blindadas com lanças e *sarrisas*. Continuando a se gabar, contou como perdeu um olho na Batalha do Portão Persa. Como prêmio por sua bravura, foi-lhe concedida uma propriedade e um potro cujo pai era o famoso cavalo de Alexandre, Bucéfalo. Não pude deixar de me sentir fascinada.

Ele sorriu e levantou a venda para me mostrar o buraco vazio onde seu olho costumava estar. Estremeci e me aproximei mais de Kishan enquanto Anfímaco se deliciava com meu desconforto.

Finalmente, foi a vez de Kishan falar. Ele descreveu sua filosofia de batalha, que reconheci em parte do treinamento que o Sr. Kadam nos dera, mas que de certa forma era nova para mim. Os números de Anamika me surpreenderam. Ele falou de 40 mil cavaleiros, 100 mil soldados de infantaria, mais de mil carruagens e dois mil elefantes de batalha. Pelo que eu vira, Anamika não tinha nem perto daquele número de homens. Seu exército tinha sido quase aniquilado. Perguntei-me se exagerar nos números seria uma prática normal em tempos de guerra.

Fiz alguns cálculos rápidos. De acordo com o que os líderes tinham dito, somados, eles tinham 15 mil arqueiros, 250 mil membros da cavalaria, quase 150 mil soldados de infantaria, mil carruagens, 50 catapultas e dois mil elefantes. Faltava-nos pouco para chegar ao meio milhão de soldados.

Em seguida, elaboraram-se planos para que cada líder retornasse aos respectivos acampamentos dentro de uma semana e levassem seus exércitos para a base do monte Kailash, onde Lokesh havia, segundo relatos, estabelecido residência. Nesse meio-tempo, todos deveriam desfrutar da

hospitalidade da deusa e testemunhar em primeira mão as habilidades dos soldados de Anamika.

Quando os líderes das muitas nações se levantaram, Kishan agradeceu as contribuições de todos e disse:

– Cada um dos senhores sofreu grandes perdas, mas sinto que, juntos, alcançaremos a vitória e livraremos nossas terras desse demônio.

Ele deu um tapinha no ombro do general Xi-Wong e continuou:

– Meus amigos, seremos tão rápidos quanto o vento, tão silenciosos quanto a floresta, tão ferozes quanto o fogo e tão imóveis quanto a própria montanha.

O general Anfímaco foi o último a sair. Ele me lançou um olhar malicioso quando Kishan estava distraído. Um de seus homens prendeu uma capa preta feita de penas de corvo nos ombros do general antes que ele deixasse a tenda com um floreio.

Quando eles se foram para suas barracas, cumprimentei Kishan.

– Você foi incrível. Acho que ficaram todos impressionados.

Kishan sorriu.

– Peguei emprestado aquele discurso de um de meus antigos professores de artes marciais. Tecnicamente, o daimiô japonês que criou o conceito *Fūrinkazan*, ou vento, floresta, fogo e montanha, ainda vai demorar outro século para nascer.

Torci as mãos, nervosa.

– Bem, talvez você estivesse predestinado a ser a antiga fonte que o inspirou.

Ele gentilmente separou minhas mãos e segurou-as nas dele.

– Qual é o problema, Kelsey?

Suspirando de leve, eu disse:

– Sei que estávamos destinados a fazer isso, a derrotar Mahishasur ou seja lá como Lokesh esteja se denominando agora. Só quero ter cuidado para não reescrevermos a história. Quero dizer, e se Alexandre, o Grande, agora decide conquistar a China? E se estragarmos nosso futuro de tal maneira que não possamos nem mesmo voltar para casa?

Kishan pressionou os lábios contra os meus dedos e me estudou com seus cálidos olhos dourados.

– Seria tão ruim assim se não pudéssemos voltar? – perguntou ele.

– Como assim?

– O que quero saber é se, além de sentir falta de Nilima e de alguns de seus amigos, você conseguiria – ele fez uma pausa – aprender a ser feliz vivendo aqui, comigo, no passado?

– Acho... acho que eu poderia aprender a viver sem os confortos modernos, desde que você e Ren estivessem aqui.

Ele soltou minhas mãos, segurou-me pelos ombros e sorriu.

– Uma parte de mim se sente em casa aqui, Kells. Não me entenda mal. Se você estivesse no futuro, eu moveria montanhas para chegar lá, mas, enquanto você estiver a meu lado, eu sinto... bem, não quero mais nada. Não preciso de nada no universo além de você.

Kishan me beijou com ternura antes de sairmos em busca do almoço. Suspirei, sabendo que havia algo mais no universo de que eu precisava. Não era apropriado por conta das circunstâncias, mas esse algo mais era... Ren.

Depois do almoço, fui procurá-lo. Kishan dissera que ele estava mostrando a Anamika como usar todas as nossas armas. Toquei o Colar de Pérolas e engoli a culpa que sentia por guardá-lo para mim.

Demorou um pouco porque os dispositivos de rastreamento dos nossos celulares não funcionavam mais, mas finalmente encontrei um soldado que me falou de uma clareira onde Ren e Anamika poderiam estar treinando. Seguindo entre as árvores, ouvi sons de murmúrios mais adiante.

– Não sei como eu teria feito tudo isso sem você. Certamente os deuses o mandaram para a minha vida.

– Algo parecido.

– Então, minha esperança – a voz feminina respondeu suavemente – é que eu nunca lhe dê motivos para partir.

Contornei um arbusto espinhoso e parei. Ren e Anamika estavam de pé, abraçados. Ela estava caracterizada como a deusa Durga, trajando um vestido azul-royal e com todos os seus oito braços, cada par deles envolvendo Ren. Armas douradas jaziam aos pés de ambos, exceto por Fanindra, que se achava enrolada no chão. Ela estava desperta e observava Ren e Anamika.

Por um breve instante, fiquei ali, entorpecida, mas então o choque me atravessou. Lágrimas turvaram minha visão. O líquido salgado tremeu em meus olhos, ameaçando transbordar de meus cílios. Ren, ainda abraçando Durga, abriu os olhos azuis e me viu. Arquejei baixinho quando reconheci pela primeira vez uma espécie de distância resignada em seu olhar. Não consegui nem mesmo olhar para Durga, pois era ela que estava ali quando Anamika se virou.

Quando as lágrimas desceram pelo meu rosto, limpei-as com raiva e olhei para o chão. Fanindra virou a cabeça para mim e experimentou o ar com a língua.

– Fanindra? – sussurrei e estendi a mão para ela.

A serpente dourada me avaliou por alguns segundos e então desenrolou o corpo e começou a se mover. Equivocadamente, pensei que vinha em minha direção, mas em vez disso dirigiu-se para a deusa, que se abaixou e ergueu a serpente, deslizando-a para seu lugar, em seu braço. Quando Fanindra enroscou o corpo no braço delicado, algo dentro de mim se quebrou.

Eu me senti terrivelmente traída. Nem mesmo Fanindra queria mais saber de mim.

Desajeitada, passei a mão nos olhos, arranquei o precioso Colar de Pérolas do pescoço e o atirei aos pés da deusa. Eu podia sentir o olhar de Ren em mim, mas me recusei a fitá-lo.

Quando a nova Durga apanhou o Colar, eu disse bruscamente:

– Você esqueceu algo.

Então, virei-me e saí correndo de volta para o acampamento.



Guerra

Anamika gritou meu nome, mas eu a ignorei e corri de volta para a minha barraca. Ou melhor, para a barraca *dela*. Correndo os olhos pela área onde eu dormia, percebi que não havia nada ali que me pertencesse. Ren estava com a mochila. Tudo o que eu tinha no mundo agora eram as roupas que vestia. Minha pulsação disparou e minha visão ficou vermelha. Apertei o amuleto que pendia de meu pescoço e percebi que queria queimar alguma coisa. Engoli em seco, abafando a fogueira dentro de mim. A destruição poderia aliviar a dor, mas causar danos prejudicaria o que estávamos fazendo e eu sabia que seria apenas uma solução temporária.

Fechando os olhos e pressionando os punhos contra eles, sussurrei:

– Sr. Kadam, se pelo menos o senhor estivesse aqui!

Kishan me encontrou uma hora mais tarde, depois que um soldado avisou que me vira perto da barraca de suprimentos. Eu havia confiscado a barraca e tentara montá-la sozinha. Fracassando na tarefa, peguei a lona pesada, subi numa árvore e improvisei um abrigo. Teimosamente, sentei-me lá dentro, as costas apoiadas no tronco, as pernas cruzadas, o queixo descansando nos punhos.

Kishan se sentou e me observou por um minuto antes de falar.

– O que está tentando fazer, Kelsey?

– Ficar longe – foi minha resposta brusca.

– De mim? – perguntou ele, em voz baixa.

– De... tudo – murmurei.

Kishan deu um puxão de leve na parede da minha barraca.

– A lona é pesada. Estou surpreso que você tenha subido com ela na árvore sozinha.

Resmunguei qualquer coisa. Kishan ficou sentado comigo por um tempo, mas, como eu me recusava a falar, finalmente desistiu. Confuso e magoado com meu silêncio, ele se preparou para sair e disse:

– Se você deseja uma barraca só para você, longe de todos nós, eu a providencio, mas não vou deixá-la desprotegida. Vou designar soldados para montar uma para você entre aqueles em que confio. Parece razoável?

Incapaz de encará-lo, assenti com a cabeça e ele desapareceu. Pouco tempo depois, um homem me acompanhou até uma barraca só minha, completa, com um jarro de água, cobertores e um lavatório.

Fui deixada sozinha pelo resto da semana, embora eu tivesse a impressão de que Ren ou Kishan,

ou ambos, verificassem como eu estava por meio dos guarda-costas que haviam sido designados para tomar conta de mim. Eu ainda treinava com as mulheres todos os dias, mas Kishan selecionara um instrutor substituto, pois ele estava dedicando grande parte de seu tempo aos outros líderes militares.

Às vezes eu passava pelos campos de treinamento e ouvia o choque de espadas ou os gritos dos soldados, e contornava a área sem investigar. Simplesmente não conseguia me forçar a ver Ren e Anamika juntos ou vê-la com todas as *minhas* armas douradas. Ansiava pelo meu arco e as flechas, embora reconhecesse que o que eu mais queria era mergulhar uma flecha dourada no coração infiel de Ren.

Uma semana depois, os líderes dos demais acampamentos partiram e iniciaram-se os preparativos para transferir o acampamento de Anamika. Quando chegou a hora da mudança, meus guarda-costas desfizeram a barraca, guardaram-na numa pequena sacola de suprimentos e me ajudaram a montar em minha bela égua cinza malhada, com sua linda crina e focinho negros.

A égua batia as patas no chão, ansiosa, e a respiração exalada por suas narinas se elevava no ar em nuvens geladas. Pequenos flocos de neve rodopiavam no céu do início da manhã, mas não aderiam ao chão. Alguém envolveu meus ombros numa capa forrada de pele macia. Os soldados me tratavam como uma rainha, embora eu me sentisse mais como uma mulher rejeitada. Puxei o capuz forrado sobre o cabelo e fiz sinal de que estava pronta.

Cavalgamos para nordeste durante dois dias e montamos acampamento às margens do lago Rakshastal. O tempo estava frio, mas ainda não gelado. Imaginei que, em se tratando do Himalaia, deveríamos estar no início do outono. Usei meu poder do fogo para aquecer o ar à minha volta e à volta do meu grupo de guarda-costas, e eles descobriram bem rápido que, quanto mais perto estivessem de mim, mais confortáveis ficariam.

Não muito tempo depois de acamparmos, vimos mais soldados no horizonte. Reconheci a bandeira do exército do general Xi-Wong à nossa esquerda e as cores do general Anfímaco à direita. Mensageiros iam e vinham entre os generais o dia todo, e embora eu sentisse que era apenas uma preocupação secundária para Ren e Kishan e que seria provavelmente melhor ficar fora do caminho e deixar que a deusa fizesse seu trabalho, não conseguia parar de me preocupar com eles.

No dia seguinte, quando acordei, o acampamento estava estranhamente silencioso. Senti um aperto no coração, sabendo que eles haviam partido. Eu desenvolvera uma linguagem de sinais rudimentar com o guarda à porta da minha barraca, e ele confirmou minhas suspeitas e me entregou dois papéis dobrados. Afundei num tapete grosso e abri o primeiro. Era de Kishan.

Estamos seguindo para a batalha hoje, Kelsey. Nós três decidimos que seria melhor se você ficasse. Ter você na guerra seria apenas uma distração para nós, e queremos que essa luta termine o mais rápido possível. Por favor, entenda que só queremos sua segurança. Semana passada, instruí seus guardas que a trouxessem até mim no instante em que você quisesse, mas

você não veio. Amo você, Kelsey. Quem deza eu soubesse por que estamos lutando.

– Kishan

Pus a carta de lado e abri a segunda. Era de Ren. Dentro do papel dobrado estava um anel. A luz do sol incidiu na brilhante safira azul, que cintilou com um tom ainda mais profundo que o dos olhos de Ren. A safira de lapidação princesa era cercada por diamantes redondos e incrustada no que pareciam duas alianças de prata entrelaçadas, com outro diamante engastado de onde se formava um laço. O anel era deslumbrante.

Kelsey,

Há muitos meses trago comigo este anel. Negocieei-o com o dragão dourado quando estávamos em seu reino. Foi usado por uma princesa e, no momento em que o vi, eu o quis para você. Eu pretendia entregá-lo a você quando nossa missão estivesse terminada e o momento certo para pedir sua mão chegasse. Agora sei que o momento certo chegou e passou. Arrependo-me de muitas coisas que aconteceram, mas nunca vou me arrepender de amar você. Por favor, fique com ele. Os soldados usam as estrelas no céu para guiá-los em segurança para casa. Você foi e para sempre será minha estrela-guia. Todas as vezes que olhar para o céu, pensarei em você.

– Ren

Deslizei o anel pelo dedo, ao lado do de Kishan, e deixei as facetas do rubi de Kishan e da safira de Ren captarem a luz por um instante. Então, fechei o punho. Saindo da barraca, fiz sinal para que o guarda trouxesse minha égua. Ele balançou a cabeça veementemente. Insisti, mas ele continuou a se recusar, até que abri a palma da mão e deixei a energia do amuleto me preencher. Produzi uma bola de fogo que crepitava com centelhas e emitia calor suficiente para chamuscar suas sobrancelhas se ele chegasse perto demais.

Sua boca se escancarou e ele cambaleou para trás, pedindo que trouxessem minha égua. Com um sorrisinho triunfante, fechei a mão, e a bola de fogo desapareceu numa erupção de chamas. Quando terminei de calçar as botas e de vestir as calças de pernas largas e a túnica ao estilo dos guerreiros chineses que eu pegara na barraca de suprimentos, a égua estava pronta, assim como meus guarda-costas. Voltei os olhos para o monte Kailash e deixei que meu coração me guiasse.

Quando nos aproximamos do local onde o exército se achava estacionado, os homens me cercaram e indicaram com gestos uma elevação de onde se avistava o vale. Instiguei a égua, virando sua cabeça para a encosta, e arquejei diante do que vi ao chegarmos ao topo.

O vale estava cheio de soldados em formações perfeitas. Meus guardas seguravam com força o punho de suas espadas longas e curvas enquanto se inclinavam para a frente e discutiam a luta

iminente. Catapultas haviam sido armadas entre as colunas de homens. Eu podia ouvir as selas estalando, o ruído do metal raspando em metal e o barrido dos elefantes de batalha.

À medida que as colunas marchavam para suas posições, os tambores marcavam o ritmo. Mensageiros montados a cavalo corriam de um grupo para outro, passando informações ao longo das linhas de frente, e pássaros voavam por perto. Alguns eram aves carniceiras na expectativa de sua próxima refeição, mas outros eram pássaros mensageiros – falcões ou gaviões treinados para voar até o homem que carregava a bandeira do comandante. Porta-estandartes levando diferentes flâmulas coloridas assumiram seus lugares, prontos para retransmitir as ordens do general a oficiais distantes.

As velozes carruagens persas e a cavalaria enchiam o lado norte do vale enquanto os elefantes de batalha que restavam no exército de Anamika, flanqueados pela infantaria do general Xi-Wong, encontravam-se do lado sul. Em algum lugar no centro viam-se os soldados das tribos tibetanas e os guerreiros de Mianmar. Eu não conseguia avistar Ren, Kishan ou Anamika, mas presumi que estariam perto das linhas de frente.

Quando tudo estava pronto, os ruídos silenciaram e a tensão no ar ficou palpável. A princípio eu nada via e me perguntava se alguém viria combater um exército combinado daquele tamanho. Foi então que a vi. A neblina descia a montanha em ondas tão espessas que obscureceram todo o pico.

A névoa avançava pelo solo com agourentos dedos carnudos, como se rasgasse a terra e rangesse os dentes na expectativa da batalha à frente. Quando as brumas começaram a se desfazer, silhuetas escuras fizeram-se visíveis, e nossos exércitos se agitaram ruidosamente em resposta. O que estava diante de nossas forças era horrível.

Formas corcundas – nem humanas, nem animais e algumas nem mesmo vivas – aguardavam, prontas para obedecer a seu mestre. Cavavam a terra com garras deformadas. Rosnavam, uivando e resfolegando pesadamente. Algumas seguravam armas e lanças como uma infantaria, outras se agachavam de quatro e andavam de um lado para outro, inquietas como gatos selvagens. Outras ainda – metade cavalo, metade homens, como centauros – rasgavam o solo com cascos grossos.

Um homem se deslocou para a vanguarda, parecendo estar no comando. Ele gritou uma ordem, e os demônios a seu lado avançaram desajeitadamente e ergueram os braços, revelando asas. Os homens-pássaros demoníacos tomaram o céu e convocaram fileiras e mais fileiras de soldados inimigos. Davam guinadas no ar sobre nossos exércitos e guinchavam terrivelmente. Uma saraivada de flechas os afugentou de volta para o lado oposto.

Lokesh não estava à vista, mas os soldados ao meu lado apontaram o líder de seu exército. Era Sunil, o irmão de Anamika. O som grave e sobrenatural de uma trombeta sacudiu o vale e, a esse sinal, o exército do demônio começou a berrar um canto de guerra. Eles golpeavam o chão, rugiam, guinchavam e uivavam em uníssono. A cacofonia ressoava como um pesadelo infernal.

Nossos exércitos desferiram o primeiro ataque. Catapultas lançaram rochas pesadas que esmagaram dezenas das criaturas demoníacas. Pedras atingiram a montanha e pedaços da rocha se desprenderam e mergulharam, derrubando muitos inimigos. No entanto, mesmo com pernas e asas quebradas, eles logo se colocavam de pé novamente, aguardando o sinal de seu mestre para atacar.

Enquanto as armas de cerco trabalhavam, um sinal foi dado, e o exército do demônio de súbito

cessou seu clamor e avançou. Milhares dos nossos arqueiros dispararam uma torrente de flechas para o céu. A maioria delas acertou o alvo, mas as criaturas não demonstraram dor. Simplesmente arrancaram as flechas, derrubando-as no chão, e correram na direção de nossos exércitos.

O exército de Anamika arremeteu contra eles, e as duas forças oponentes colidiram feito dois tsunamis. Os inimigos enxameavam-se uns sobre os outros como vespas furiosas em um ninho perturbado. O clangor de metal se chocando e os gritos de dor dos homens encheram meus ouvidos. Mais homens se lançaram na batalha, correndo em formação e se espalhando enquanto lutavam contra as bestas de Lokesh. Nesse momento a cavalaria chinesa avançou com um estrondo e abriu um buraco no centro do exército do demônio, mas os soldados foram atacados por criaturas semelhantes a águias que se precipitavam do céu e rasgavam suas costas com garras afiadas.

O próximo a entrar no combate foi um grupo de zumbis caninos, semelhantes a cães, lobos, hienas e chacais. Focinhos longos e finos ocultavam dentes afiados e mortais. Correndo nas quatro patas, moviam-se em matilhas e derrubavam nossas carruagens.

Os elefantes de batalha investiram, e a visão e o som de milhares de elefantes lançando-se na guerra eram tão extraordinários que eu não conseguia deixar de olhá-los. Com armaduras protetoras que desviavam lanças e flechas, os animais de seis toneladas dispararam de nossas linhas de reserva para a frente, pisoteando tudo que não saísse do caminho rápido o bastante.

Balançando a pesada cabeça de um lado para outro, os elefantes de guerra pressionaram o exército do demônio a recuar, encurralando-o contra a montanha, enquanto os arqueiros, postados nas altas *howdahs* nas costas dos animais, mantinham os demônios ao largo. Em retaliação, Sunil enviou os pássaros mensageiros de Lokesh para o céu. Eles gritaram comandos para os demônios felinos, que conseguiram evitar as pulseiras com espinhos e espadas atadas às presas dos elefantes e saltaram sobre seu dorso. Os imensos animais berraram de dor quando as garras dos felinos rasgaram seu couro antes que os elefantes barrissem sua morte através do vale.

Um elefante se sacudiu violentamente para se livrar dos destrutivos passageiros, mas fez com que o carro em cima dele se soltasse. A plataforma pesada caiu e foi esmagada sob os pés do animal apavorado. Os demônios felinos rapidamente saltaram sobre os homens que ainda estavam vivos, enquanto outros saltavam sobre o dorso do elefante. O animal barriu alto e se retorceu, empinando nas patas traseiras. Em seguida, caiu pesadamente, com um estrondo que ecoou pelo vale, e demônios fervilharam sobre ele.

Outro elefante sob ataque virou sobre uma catapulta, que se despedaçou. Alguns homens caíram sobre as espadas atadas às suas presas, morrendo instantaneamente. Outros caíram nos braços dos demônios, que os aguardavam. O elefante barriu, apavorado, antes de também ser morto.

Vi o estandarte de Mon, de Rithisak, avançar em meio ao combate na direção de Sunil. Seus soldados confrontaram demônios com chifres imensos e pesadas clavas com pontas afiadas. Os demônios avançaram correndo com a cabeça baixa e perfuraram diversos homens com um leve movimento de seu pescoço poderoso, antes de encontrar o alvo seguinte. Quando estavam mais perto, brandiam a clava, atingindo com um só golpe diversos homens, que caíam sobre seus companheiros e os derrubavam no chão.

Outro segmento do exército de Lokesh estava repleto de demônios insetos. Uma horda deles

corria sobre os mortos, matando com ferrões, pinças, chifres e caudas semelhantes às de escorpiões aqueles que ainda pudessem estar vivos.

O combate continuava, e uma parede de corpos empilhava-se entre os dois exércitos. Estávamos sendo derrotados.

Onde está Anamika?

Esquadrinhei o campo com os olhos e finalmente avistei a deusa Durga. Estranhamente, ela não estava usando seu vestido azul e só apresentava um par de braços. Usava o arco e as flechas dourados numa grande carruagem, ladeada por dois homens com armaduras, montados em cavalos. Meu coração me disse que se tratava de Ren e Kishan.

Os irmãos só lutavam com espadas e escudos de madeira, e usavam armaduras semelhantes às dos outros soldados, não a armadura do broche de Durga. Aquilo não fazia sentido.

Por que treinar com todos os oito braços e depois não usar todas as armas na batalha? Por que criar uma deusa e não exibi-la na batalha? Onde estão as outras armas de Durga?

As tropas do general Anfímaco haviam perdido muito poucos homens. Ganharam bastante terreno e estavam avançando em falanges retangulares. De onde me encontrava, a formação se assemelhava a um porco-espinho vermelho gigantesco, correndo para o seu ninho na montanha. Mas nem mesmo eles foram vitoriosos. Um pássaro demônio gritou no alto, e os demônios felinos saltaram sobre os escudos e quebraram as lanças com seus dentes afiados. Logo dezenas de milhares de soldados jaziam no chão como um baralho de cartas gasto.

À medida que o dia avançava, perdíamos cada vez mais homens. Um exército de quase meio milhão de soldados foi impiedosamente reduzido a pouco mais da metade. Um de meus guardacostas apontou para um estandarte ondulante que sinalizava a retirada, e logo nossos guerreiros escaparam do campo de batalha, voltando para seus acampamentos da melhor forma que podiam. Cavaleiros corriam entre os soldados caídos procurando ajudar os feridos antes que os demônios vermes os exterminassem.

Uma trombeta soou, e o exército de Lokesh se recolheu às sombras das montanhas. Minha égua, que eu amarrara a uma árvore próxima, começou a bater os cascos no chão e a relinchar alto. Corcoveava, tentando se soltar, e os outros cavalos começaram a fazer o mesmo. No campo de batalha, os homens perderam o controle sobre os elefantes, que barriram alto e saíram direto em busca de abrigo. Pássaros de todos os tipos se elevaram no ar, inclusive os falcões usados para comunicação pelo exército chinês. Animais de todas as espécies deixaram a floresta adjacente e rumaram para a cena da batalha, dominados por um poderoso instinto.

Evoquei o poder do meu amuleto e criei uma bolha de calor calmante ao redor de mim, de minha égua e dos demais animais perto de nós. Mas era tarde demais para salvar todos eles. Uma cobra-real ergueu-se do meu lado, sibilou e rapidamente desceu a colina. Estremeci.

Vi o cavalo de Anamika e muitos daqueles ainda presos às carruagens correndo para o monte Kailash. Quando chegaram à pilha de cadáveres, eles pararam e empinaram nas patas traseiras. Um forte vento soprou e levantou os corpos, e também os animais foram puxados para o céu. E lá ficaram, desfalecidos, entorpecidos, jogados ao vento como folhas de outono apanhadas num redemoinho.

Homens mortos vestindo as capas vermelhas, túnicas curtas e botas encouraçadas na altura do joelho do exército de Alexandre, o Grande, rodopiavam entre os guerreiros chineses fardados de verde-escuro. Quando a cabeça pendia para trás, os capacetes pesados caíam ao solo, rolando até parar junto aos escudos e armas espalhados.

Animais e homens formavam pares que giravam juntos num vórtice de magia negra. Tremores sacudiram o chão, como se a própria Mãe Natureza estivesse assistindo horrorizada e estremecendo diante da escuridão que avançara sorrateiramente pelo vale.

Rodeando um ao outro cada vez mais depressa até as imagens obscurecerem na neblina escura do anoitecer, animal e humano se fundiram num só ser, uma criação da escuridão, um acasalamento profano de homem com besta.

Pássaros demônios bateram novas asas, subindo ainda mais alto no ar. Bestas – metade urso ou metade lobo – piscaram seus olhos amarelos e, quando livres do vórtice, lentamente se dirigiram para a montanha. Criaturas choveram do céu, imitações impuras do que foram um dia. Homens zumbis que eram agora parte carcaju, parte serpente ou parte leopardo-das-neves também viraram e se encaminham para seu novo mestre. Erguiam-se às centenas; depois, aos milhares.

Fechei os olhos, nauseada com o desrespeito pelos mortos. Os soldados abatidos não receberiam as honras por seu sacrifício conforme os costumes de seus respectivos lugares de origem; em vez disso, seriam alistados contra a vontade e escravizados para lutar por um monstro determinado a destruir todos nós.

Quem iria pará-lo? Quem poderia pará-lo?

Então, a Terra sofreu um abalo, e vi o acampamento do exército macedônio desaparecer, engolido por uma fenda que devorou barracas, suprimentos e homens esgotados pela guerra. Um tornado chicoteou a clareira, devastando o acampamento dos chineses. Barracas, homens, armas e suprimentos foram sugados para dentro da tempestade e então, dançando no céu turbulento, desabaram sobre o acampamento arrasado. Algo pequeno atingiu meu rosto e abri a mão para pegar o que pensei ser granizo. Estava chovendo arroz.

Uma imensa onda se elevou no lago Rakshastal e demoliu por completo o acampamento indiano. A maioria das barracas foi levada numa grande inundação, e o acampamento foi devastado pelo impacto. Então, a montanha se acomodou e se aquietou. Nossos exércitos haviam sido dizimados após um único dia de combate. Nossos mortos engrossavam agora as fileiras do exército do demônio e nossos acampamentos estavam destruídos.

Eu disse aos homens que me acompanhavam que eles precisavam retornar ao acampamento para ajudar. Eles se recusaram a me deixar – provavelmente porque Ren ou Kishan (ou os dois) os havia ameaçado seriamente –, mas usei o poder do meu amuleto para empurrá-los de volta colina abaixo, tostando ligeiramente suas costas quando resistiam. Fiz o melhor que pude para transmitir-lhes que eu ficaria bem e que voltaria logo enquanto perguntas perturbadoras me enchiam a cabeça.

Lokesh ficaria satisfeito se eu me entregasse? Ele aceitaria uma troca? O amuleto de fogo e eu em troca do medalhão criador de zumbis? O que seria pior? Dar-lhe o poder supremo por meio da união do Amuleto de Damon ou deixá-lo continuar a criar zumbis?

Parecia que ele ganharia de um jeito ou de outro. Lokesh era um enigma perigoso.

– Ele é como Ugra Narasimha – murmurei. – Quase invencível. Tem que haver um meio de destruí-lo. Só preciso descobrir qual é.

– Você poderia começar usando os presentes de Durga da maneira para a qual foram criados, Quel-si – advertiu uma familiar voz cantada atrás de mim.

Eu me virei.

– Phet?



Dois lados da mesma moeda

O homem magro encontrou um tronco virado e sentou-se. Sorriu para mim e comentou:

- Eu disse que a veria de novo em tempos mais felizes.
- Este parece um tempo mais feliz para você? E por que está falando desse jeito?
- Falando de que jeito?

Ele limpou um grão de terra de sua túnica.

- Você está falando melhor a minha língua. – Apoiei a mão no quadril. – Muito melhor.

Phet ainda parecia o mesmo. Trajes volumosos envolviam sua estrutura magra, mas não conseguiam esconder seus joelhos e cotovelos morenos e ossudos. Seu sorriso engraçado, com dentes faltando, iluminava o rosto enrugado, e pequenos tufo de cabelo grisalho saíam de trás de sua cabeça calva.

Ele segurou um dos joelhos com as mãos.

- Meu inglês sempre foi bom, *Quel-si*. Não é minha culpa se você viu algo diferente.
- Vi algo diferente porque você me mostrou algo diferente.

Ele ergueu um dedo no ar e sorriu.

- Precisamente. Eu disse aos príncipes que você era uma garota esperta.

Phet bateu no tronco a seu lado, oferecendo-me um lugar para sentar.

– Mostrei-lhe o homem que você precisava ver – explicou ele. – O homem em quem você confiaria para guiá-la às antigas profecias. Deixe-me fazer uma pergunta: você teria acreditado em mim se eu tivesse falado com você como estou falando agora?

- Talvez – respondi, ainda confusa.

– Acho que não teria. Na verdade, acredito que teria voltado para o Sr. Kadam e partido da Índia no primeiro avião.

- Não temos como saber qual seria minha reação.

- Ah, existem meios de saber, minha jovem. Sempre existem.

- Isso ainda não explica por que está aqui agora.

- Estou aqui para garantir sua vitória.

– Bem, como você misteriosamente veio de tão longe e não é o homem que pensei que era, então vamos nessa. Phet, se é esse mesmo seu verdadeiro nome, diga-me, como posso derrotar Lokesh?

- É simples. Faça com ele o que fiz com você.

- O quê? Falar com ele de um jeito estranho?

– Não. Precisa persuadi-lo de que você é algo que não é.

– E o que isso seria? – perguntei, hesitante.

– Uma deusa – disse Phet, com toda a seriedade.

– Talvez você não esteja sabendo, mas já temos uma dessas no estoque – repliquei, com raiva.

– Phet sabe de tudo, minha jovem, e as coisas nem sempre são o que parecem.

– Obviamente – falei e dirigi-lhe um olhar significativo.

Ele se curvou ligeiramente, como se reconhecendo a própria presença mágica, tomou minha mão entre a dele e a afagou.

– Você se tornou uma bela flor, Quel-si.

O velho xamã inclinou a cabeça, estudando-me.

– Uma flor teimosa, de fato, mas, em suas diferentes viagens, você precisava dessa força resoluta. Sua vontade de ferro e sua determinação a mantiveram viva. Além dos sacrifícios de seus tigres. Apesar disso, as experiências não endureceram seu coração. A vulnerabilidade, a delicadeza, permanecem para quem quiser ver. Tenho muito orgulho de você, minha cara.

– Phet, se você sabia o tempo todo que terminaríamos aqui, então por que não nos mandou para cá de uma vez?

Ele deu um suspiro profundo.

– Jamais se obtém a vitória sem primeiro tomar a decisão de partir. Cada passo que você deu, cada inimigo que você venceu, cada provação que suportou, trouxe você aqui, agora, a este momento. É a véspera do seu destino, Quel-si. Era para ser, porque sempre foi assim. Nem mesmo eu tenho o poder de protegê-la da providência... por mais que lhe queira bem.

Uma lágrima escorreu por sua face enrugada, e apertei-lhe a mão fina.

De alguma forma, de repente Phet estava aqui, me aconselhando e falando do meu destino, e isso não me deixou sem fala. Anos atrás ele me enviara nessa jornada, ou o faria em algum momento num futuro distante, e de certa maneira parecia certo encerrar essa busca com ele.

– Eu também lhe quero muito bem – declarei, docemente.

– Lembra-se de quando eu lhe disse que precisa escolher entre Ren e Kishan?

Assenti e olhei para os dois anéis em meu dedo.

– Minha vida amorosa tornou-se um pouco... complicada. Receio que já tenham feito essa escolha por mim.

Phet me analisou em silêncio. Ficando de pé, disse:

– Entendo. Então, vamos encontrar os outros e descobrir como ajudar o destino?

Levantando-me também, pus a mão em seu ombro e concordei:

– Sim. E, Phet, obrigada por vir. Não sabe quanto eu preciso de sua orientação.

Ele me dirigiu um sorriso.

– Orientação é minha especialidade. Orientação e ervas. Também queria vê-la de novo, Quel-si.

Phet usou o tronco como apoio para montar em minha égua, e juntos partimos através da paisagem iluminada pela lua à procura dos outros.

Quando chegamos ao fundo do vale, serpenteamos entre retardatários feridos que se dirigiam a um

acampamento recém-construído mais afastado da montanha. O ar estava pesado e denso, com um cheiro penetrante de sangue derramado e esperanças despedaçadas. Aparentemente não restavam muitos homens vivos, e estes cambaleavam no escuro em grupos de dois e três, desfigurados tanto no espírito quanto no corpo.

Quando tentei parar a fim de oferecer ajuda, Phet pôs a mão sobre a minha e disse que os outros precisavam mais de mim do que aquelas pobres almas. A noite estava silenciosa, quase em paz na sequência da batalha. As estrelas brilhavam, nítidas, vívidas, como se a luz pálida pudesse alcançar nossas tropas perdidas e desesperadas, e curar-lhes a dor.

Pouco depois ouvi um *clamp, clamp, clamp*, que foi ficando cada vez mais alto. Puxei as rédeas da égua e olhei para todos os lados na escuridão, desejando ter os olhos de Fanindra. *Seria um dos demônios equinos? Estaria Lokesh atrás de mim?* Meu coração saltou para a garganta, e ergui a mão para usar a única arma que me restara: fogo.

Phet segurava-se em minha cintura com toda a calma, sem nenhum temor do que ou de quem quer que estivesse se aproximando. Sua presença firme me dava certa coragem. Surgindo da escuridão, um grande animal se materializou. Soltava fumaça pelas narinas enquanto avançava em minha direção. A estrepitosa figura era um corcel branco, e meu coração me disse quem o montava antes que eu pudesse distinguir seus traços. Ren.

Ele corria desenfreado para cima de mim e, antes que me desse conta do que estava acontecendo, Ren me arrancara da égua e me levava em seus braços. Phet ficou para trás.

Ren segurava as rédeas com uma das mãos e prendia meu corpo tão forte contra o dele que eu mal conseguia respirar. Eu podia sentir seu pulso acelerado, onde minha mão tocava-lhe o pescoço. Quase instintivamente, acariciei suas costas, esperando aliviar um pouco da tensão.

– Está tudo certo, Ren. Estou bem – repeti diversas vezes com voz suave.

Ren diminuiu o galope do cavalo para um trote e depois passamos a andar. Ele pressionou o rosto contra o meu e murmurou:

– Pensei que você estivesse no acampamento no momento em que veio a inundação. Fiquei muito aliviado quando seus guardas voltaram e me disseram que haviam deixado você no penhasco.

– Eu os obriguei a ir embora. Usei o amuleto de fogo e queimei-os só um pouquinho.

Vi um traço de seu faiscante sorriso branco surgir brevemente, para em seguida desaparecer tão depressa que pensei ter sido minha imaginação.

Ele suspirou.

– Kelsey, meu amor, posso estar sempre certo de que você vai fazer exatamente o oposto do que eu preferiria.

– Se eu tivesse ficado no acampamento, como você preferia, você não teria esta maravilhosa oportunidade de me repreender.

Ele me olhou nos olhos, deixando-me sem ar. Senti como se me inclinasse para ele, devagar, milímetro a milímetro. O abismo que eu criara entre nós estava se fechando. Meu coração disparou. Minha bússola interna apontava para ele. Ele era meu norte. Ele era lindo, maravilhoso, perfeito e... sangrava.

– Ren! Você está ferido! Por que ainda não cicatrizou?

Puxei a manga da blusa sobre a mão e enxuguei um corte profundo ensanguentado em seu couro cabeludo, oculto pelo cabelo.

Ele me mudou de posição ligeiramente e apertou minha cintura.

– Parece que Kishan e eu não temos mais a capacidade de cicatrizar espontaneamente.

– O quê? Como é possível? Vocês ainda podem se transformar em tigres aqui?

Ren assentiu.

– Talvez as feras tenham se tornado mortais, como disse a profecia.

– Não. Não! Não passamos por tudo isso para vocês ficarem *vulneráveis* agora! Vocês devem se tornar *humanos*! Quando chegarmos ao acampamento, Phet terá algumas explicações a dar.

– Phet? Do que está falando?

– Phet estava na égua comigo.

– Quer dizer que o homem que sequestrou você era Phet?

Bufei.

– Sequestrou? Por acaso, parecia que eu estava sendo mantida contra minha vontade?

– Eu salvo primeiro e pergunto depois. Aliás, você não está agindo como uma donzela agradecida que acabou de ser salva.

Segurei o tecido em meu pulso e o pressionei contra o ferimento, o que aproximou muito meu rosto do dele. Ele fez uma careta, mas não desviou o olhar de mim.

– Eu não precisava ser salva de nada – murmurei.

Ele ergueu a mão, afastou meu capuz e delicadamente passou a ponta dos dedos pelo meu rosto e pelos meus lábios.

– A verdade é que eu arrancaria você dos braços de qualquer homem, bandido ou não.

– Arrancaria? – perguntei em voz baixa, chegando ainda mais perto.

Ele também se aproximou, até nossas bocas quase se tocarem.

– Sim, *hridaya patni*, arrancaria.

Uma tensão delicada cresceu entre nós, mas logo fomos alcançados por outros cavaleiros. Num piscar de olhos, estávamos de volta ao acampamento. O momento passara.

Ren desmontou e me tirou do cavalo. Homens feridos e alquebrados de todos os exércitos estavam reunidos em grupos ao redor de pequenas fogueiras. Alguns cuidavam de suas armas e armadura, uns dormiam e outros mantinham-se sentados em silêncio, olhando fixamente para a frente. Saímos à procura de Anamika, que cuidava dos feridos.

Ela levantou a cabeça quando nos aproximamos e me lançou um longo olhar.

– Então, está a salvo afinal, irmãzinha. O general Xi-Wong está morto e Anfímaco perdeu uma perna – disse ela, sem rodeios. – Os líderes tibetanos estão aqui, mas só restou um punhado de homens de Mianmar vivos. Eles acreditam que seus líderes foram levados pelo demônio.

Ela se levantou, e notei quanto parecia esgotada. Suas roupas estavam manchadas de sangue seco e o cabelo caía despenteado ao redor do rosto.

– Anamika, deixe-me ajudar – ofereceu Ren e estendeu a mão para o *kamandal*.

Ela o fitou por um instante, como se fizesse uma pergunta silenciosa, e então sacudiu a cabeça.

– Estes são os meus homens. Eu vou cuidar deles. Talvez você pudesse ter ajudado mais cedo, mas

em vez disso correu para apaziguar nossa irmãzinha após mais um de seus acessos de fúria.

– Espere aí um minuto! – comecei.

Ren ergueu a mão.

– Você não está com raiva dela, Anamika. Está zangada comigo. – Ele se aproximou e pôs a mão em seu braço. – Acha que a abandonei, mas me ausentei por pouco tempo. Os homens estavam fora de perigo, e existem muitos capazes de ajudar. Além disso, Kelsey é apenas a primeira de muitos que precisam ser resgatados esta noite. Você faria o mesmo por seu irmão, não faria?

Sou apenas a primeira de muitos? Ele me vê como sua irmã agora? O que aconteceu com a declaração de que me arrancaria dos braços de qualquer homem?

Anamika suspirou e concordou com a cabeça.

– Faria.

Nesse momento, fui levantada por braços musculosos e aconchegada num peito largo.

– Você está bem? Está machucada? – perguntou Kishan.

– Se ela está machucada, provavelmente é por causa do excesso de atenção que vocês dois dedicam a ela – respondeu Anamika, irritada. – Temos muito trabalho a fazer aqui.

– Receio que esse trabalho terá que ser delegado a outros – disse uma voz atrás de mim.

– Phet! Você conseguiu chegar aqui! – exclamei.

– Kishan me encontrou e teve a gentileza de me acompanhar ao acampamento.

Ren apertou a mão de Phet e alegremente deu tapinhas em suas costas magras.

– Estamos felizes de ter você aqui. Seja bem-vindo.

Ren me olhou nos olhos brevemente. Kishan se colocou entre nós dois e encarou o irmão com a expressão fechada. Phet detectou a tensão entre eles ao mesmo tempo que eu.

Batendo ruidosamente nas bochechas de ambos, ele disse:

– Venham, tigres. Está na hora de dois valorosos filhos da Índia cumprirem sua missão.

– Professor? – ouvi uma suave voz feminina perguntar.

Abrimos caminho para Phet.

– Anamika, que bom ver você.

A futura deusa gritou e correu para o pequeno monge, envolvendo-o delicadamente em seus braços.

– Nunca pensei que o veria de novo. O senhor não nos disse que estava partindo. Como chegou aqui após todos esses anos?

Levantei a mão.

– Esperem. Professor? Após todos esses anos? Phet, você se importaria de nos dizer o que está acontecendo? Pensei que você fosse o humilde servo da deusa.

– E sou. Venham. Temos muito que conversar. Tragam todas as armas e presentes de Durga. Vamos precisar deles hoje à noite.

O xamã lentamente avançou na escuridão.

Anamika assentiu vigorosamente e se afastou para pegar a mochila de armas enquanto Ren encarregava alguns homens de cuidar para que as tropas restantes bebessem a água do barril que Anamika preparara com o elixir da sereia.

Então, nós cinco – dois tigres, uma deusa, um velho monge questionável e uma garota do Oregon muito confusa e deslocada – partimos em busca de nosso destino.

Seguimos para oeste, para longe do monte Kailash e da devastação que se dera ali. Nenhum de nós falava. O som dos meus passos parecia alto, especialmente porque nenhum animal noturno corria entre os arbustos, fazendo barulho. A sensação era pouco natural. Estranha.

Finalmente, Phet parou num córrego de águas tranquilas e, com as mãos em concha, levou um pouco de água à boca.

– Nossa, está gelada.

Anamika se aproximou.

– Perdoe-me, professor. – Ela tirou o Lenço Divino da mochila e o segurou em suas mãos abertas.

– Lenço, crie um manto quente e proteção para os pés e as mãos dele.

Fiapos de linha esvoaçaram pelo ar como sedosas teias de aranha e se dirigiram para Phet enquanto teciam sua magia. Em poucos segundos, ele estava aquecido por um manto, luvas grossas e botas.

– Desculpe-me não ter pensado em seu conforto antes – disse a deusa, e se ajoelhou humildemente.

– Não se preocupe com isso, minha querida. As pequenas irritações da carne nada são além de um momento passageiro. Ainda assim – ele se aconchegou mais no manto –, é bom sentir-se aquecido. Quel-si, talvez você pudesse...

– Ah, é claro – apressei-me a dizer.

Logo o ar ao nosso redor tornou-se quente e agradável enquanto eu irradiava calor num círculo.

– Ah, assim está melhor – declarou Phet.

Ele encontrou uma pedra lisa para se sentar. Anamika imediatamente se acomodou a seus pés, como um jovem discípulo. Ren tocou meu braço e apontou para um lugar onde poderíamos descansar. Kishan logo posicionou-se do meu outro lado e pegou minha mão enquanto franzia o cenho para o irmão.

– Sei que estão todos se perguntando por que estou aqui – começou Phet. – Anamika está certa: fui seu professor quando ela e o irmão eram jovens.

– E o que você ensinou? – perguntei.

Anamika me fuzilou com os olhos.

– Você deveria ter uma atitude mais respeitosa.

– Ei, foi ele quem mentiu para *mim*. Vai ter que reconquistar meu respeito.

– Quel-si tem razão. Mereço suas desconfianças. Não sou a pessoa que a levei a acreditar que era. Na verdade, não sou quem fiz todos vocês acreditarem que era.

– Como assim? – perguntou Ren.

– Talvez fosse melhor para vocês pensarem em mim como o Espírito da Índia. Sirvo como um protetor ou guardião. Ao assegurar o lugar de Durga na história, estou garantindo o futuro. Para isso, desempenhei muitos papéis, incluindo o de professor de uma jovem que tinha uma mente brilhante para a estratégia.

Ele sorriu para Anamika.

– Obrigada, sábio.

– Esperem um segundo – intervi. – Está tudo invertido. Você me disse que servia à deusa.

– Sim, eu sirvo.

– Mas...

– Tenha paciência, Quel-si. Vou explicar tudo. – Ele buscou uma posição mais confortável e

continuou: – Fui professor de Anamika. Quando ela

era mais jovem, eu passava diversas horas por dia com ela, a fim de prepará-la para o que estava por vir. Instruí esta moça sobre guerra e paz, fome e fartura, riqueza e pobreza. Ensinei-lhe muitas línguas, inclusive a sua, Quel-si, porque sabia que um dia ela encontraria vocês três.

– Isso foi antes ou depois de me conhecer? – perguntei.

– Não existe antes nem depois. Só existe acabado e inacabado. – Ele sorriu da minha expressão perplexa e estendeu as mãos. – Parte do meu trabalho está terminado e parte ainda está por fazer. Mas, quando o trabalho estiver concluído, o que não foi feito deixará de existir e tudo o que restará será o que é.

– Phet, você está me matando – retruquei, perplexa.

Com um brilho nos olhos, ele admitiu.

– Às vezes eu mesmo fico confuso.

– Mas, por que esse ardil? Por que me fazer acreditar que você era uma coisa quando na verdade é uma espécie de espírito supremo e onisciente?

– Foi necessário que eu fosse a pessoa que viu para que você pudesse se tornar a pessoa que eu vejo.

Enquanto eu tentava decifrar aquilo, Kishan sugeriu:

– Você mencionou que estava aqui para nos ajudar a derrotar Mahishasur. Se pudermos nos concentrar no concreto, talvez as complexidades da eternidade pareçam menos áridas.

– Falou como um verdadeiro guerreiro – disse Phet, esfregando as mãos. – Sempre admirei sua capacidade de permanecer focado. Muito bem. Vamos começar pelas armas. Posso?

Anamika ofereceu-lhe a mochila, e ele retirou de lá a *gada*.

– Ah, um instrumento finamente trabalhado. Esta arma tem sido útil a vocês em suas viagens?

– Usei a *gada* em Kishkindha contra as árvores de agulhas – respondeu Ren. – A *gada* as feriu, e elas nos deixaram em paz.

– Hum. Mais alguma coisa? – indagou Phet.

– Usei-a contra a coluna no templo de Durga – contei.

– Eu... eu tenho um templo? – perguntou a inexperiente deusa.

– Tem. Diversos.

– Também a usamos em batalha, como arma – acrescentou Kishan.

– Sim, mas você – disse Phet, olhando para mim – não a manejou da maneira como foi concebida para ser usada.

Em seguida, ele selecionou o arco e as flechas dourados e fez as mesmas perguntas. Contei-lhe que infundi fogo nas flechas, e ele pareceu contente com isso, mas indicou que as flechas tinham

ainda mais poder para ser explorado.

Uma por uma, ele nos mostrou nossas armas – o *chakram*, o tridente, os broches e as espadas. Em seguida, apanhou Fanindra, e ela ganhou vida. Ele afagou-lhe a cabeça dourada.

– Ela talvez seja o presente mais subutilizado de todos – acusou Phet, com delicadeza.

– Mas Fanindra só ajuda quando *ela* quer – comentei.

Phet me estudou, e Fanindra voltou seu olhar verde para mim.

– Você pediu ajuda a ela? – perguntou ele.

– Não – admiti –, não pedi.

Correndo os dedos por suas espirais reluzentes, Phet explicou:

– A picada de Fanindra cura. Ela tem influência sobre outras criaturas naturais, principalmente sobre répteis com quem tem vínculos estreitos, mas pode acalmar até mesmo grandes predadores. Se olharem em seus olhos, serão enfeitiçados. Criaturas sobrenaturais, como as criadas por Lokesh, a temem naturalmente. Ela ilumina a escuridão, e também pode distinguir a escuridão nos outros. Estavam cientes disso?

Todos negamos com a cabeça, e lamentei não ter verdadeiramente apreciado o incrível presente que era Fanindra.

– Todas estas armas douradas vão mostrar seus verdadeiros poderes quando manejadas corretamente por uma deusa.

Ergui a mão no ar como uma aluna na sala de aula.

– Falando isso...

– Tudo virá à luz em breve, Quel-si. Primeiro, preciso ensinar a vocês a maneira certa de usar os Presentes de Durga.

Ele procurou na mochila e encontrou o Fruto Dourado, a Corda de Fogo e meu Colar de Pérolas. Depois, educadamente, pediu a Anamika que lhe entregasse o Lenço Divino.

– Quando usados isoladamente, estes presentes têm grande poder, mas, quando combinados, podem se tornar algo mais. Por exemplo...

Ele pegou o Colar e o Lenço, um em cada mão, e encostou um no outro. Quando se conectaram, o Lenço se enroscou rapidamente no Colar, mudando de cor até exibir um arco-íris. O tecido subiu pelo ar, rodeou Phet e depois passou ao redor de cada um de nós. Ao fazê-lo, deixou-nos limpos e vestidos com roupas novas. Toquei meu rosto e o descobri ligeiramente úmido, como se coberto com o orvalho da manhã.

Concluído seu trabalho, o Lenço retomou sua forma original, deixando-se cair suavemente na mão de Phet.

Anamika encantou-se.

– Esse poder é verdadeiramente espantoso!

– Vimos isso antes – comentei. Olhei para Anamika. – Durga utilizou esse poder em nós, em seu templo, antes de encontrarmos os dragões.

– Sim. – Phet sorriu. – É verdade.

A expressão alegre de Anamika deu lugar à sobriedade, e lamentei por ela. *Como deve ser ter sua vida inteira traçada por forças invisíveis?* Na verdade, parecia que nós quatro sofríamos de algo

semelhante; tínhamos sorte apenas porque por um tempo nos sentimos no controle e tomamos nossas decisões. Mas, no fim, era Phet ou o cosmos que havia orquestrado tudo.

Olhei para Ren e Kishan, e perguntei-me se o destino escolhera um deles para ficar comigo – e por um momento me perguntei se era por isso que eu os amava. *Não. Meu coração é meu. Mas, e se for por isso que eles me amam, porque o destino assim lhes ordenou? Certamente se o destino estivesse no comando, não teria escolhido os dois*, argumentei comigo mesma. *Haveria apenas um.*

Ren interrompeu meus pensamentos ao perguntar a Phet:

– O que acontece quando se combina a Corda com o Colar? O fogo e a água se neutralizam?

– Vamos experimentar e ver. – Phet pegou a Corda de Fogo e disse: – Quel-si, por gentileza.

Dei um passo à frente e peguei o punho da Corda, infundindo-lhe minha chama. Phet enrolou o Colar na extremidade da Corda e estalou-a no ar, produzindo um grande estalo e um estrondo no céu noturno. Logo vi o que pensei serem vaga-lumes caindo à nossa volta. Estendi a mão e apanhei um, que chiou, queimando brevemente e então extinguindo-se na palma da minha mão.

– O que é isso? – perguntei.

– Chuva de fogo – respondeu Phet.

Com outro estalo, a chuva de fogo cessou e os pequenos fogos que irrompiam na relva desapareceram.

– Quando estes dois se unem, a água assume as propriedades do fogo e vice-versa. Você pode criar um lago de fogo ou pode fazer o fogo fluir como um rio. Também é possível criar um líquido que queima. Vocês três chamariam isso de ácido.

Ren assentiu, como se compreendesse tudo.

– A outra coisa que devem ter em mente é que, quando manejada por uma deusa, a Corda produz uma chama azul. É uma chama de limpeza. Busca os cantos escuros no coração dos homens e os escalda, não fisicamente, mas cria um grande tumulto interno para aqueles que causam dor aos outros.

Ele tomou fôlego e continuou:

– Vocês também sabem que puderam viajar ao passado usando a Corda de Fogo. Isso porque a Corda tem a capacidade de abrir um fio cósmico. Quando pediram à Corda que os levasse ao seu destino, ela encontrou uma fenda no tecido do universo e abriu um portal, permitindo que vocês seguissem o fio até este lugar.

– Não entendo essas coisas – disse Anamika. Ela se virou para nós e perguntou: – Quer dizer então que vocês três não são deste mundo? São deuses que viajam em fios?

– Não somos deuses, Anamika – respondeu Kishan. – Somos deste mundo, como você, mas nascemos muitos anos no futuro.

– Esse poder está além da minha compreensão.

Phet pôs a mão no ombro dela.

– Precisa tentar aprender essas coisas. Sei que é difícil para você. Talvez eu possa explicar de outro modo. – Ele ergueu a espada dourada e apontou-a para ela. – Como sabe quando uma espada não foi feita adequadamente?

– Quando o punho está solto ou não está bem preso, quando a espada vibra demais ao ser usada

num alvo, quando não tem equilíbrio e quando se torna quebradiça e se parte por não ter sido forjada corretamente.

– Está certo. – Phet sorriu calorosamente para a ex-aluna. – Pense no mundo como uma espada. O aço é dobrado sobre si mesmo diversas vezes. A Terra tem muitas dessas dobras ou camadas. Essa dobradura torna a lâmina mais forte e bela. Quando uma espada é forjada, o aço é aquecido a uma temperatura muito alta e em seguida resfriado rapidamente. Se isso for bem-feito, você terá uma arma forte e sólida. Caso contrário, fraturas microscópicas ou rachaduras se formarão onde a estrutura cristalina estiver fraca.

– Hum... – deixei escapar.

– Nosso mundo é muito parecido – prosseguiu Phet. – Existem fissuras e fendas no espaço e no tempo. O tecido do universo está em constante movimento e mudança à medida que se expande e se contrai, como o metal que é aquecido e depois resfriado repetidas vezes, e, à medida que a matéria se rompe e se restaura, ela cria fios. Fios que levam ao que foi um dia, ao que é agora e ao que será. Tudo está ligado. É a isso que me refiro quando falo de fios cósmicos. Foi assim que estes três vieram até você.

Anamika assentiu.

– Então vamos forjar o mundo de novo e cicatrizar o que está fraco.

– É seu direito inato, Anamika – afirmou Phet.

Phet continuou a nos mostrar um poder impressionante após o outro. Usou a *gada* e o Colar para abrir uma fissura no solo, e um gêiser esguichou, subindo mais do que qualquer um no parque de Yellowstone. Ele mergulhou a ponta de uma flecha dourada no *kamandal* e nos deixou chocados quando a disparou na perna de Ren. A flecha desapareceu rapidamente, e o corte em seu couro cabeludo se fechou. Quando Ren examinou a perna, era como se nada o houvesse atingido.

– Ren e Kishan não são mais capazes de se curar sozinhos? – perguntei a Phet.

Ele rolou o *kamandal* entre as mãos e respondeu.

– Não. Infelizmente, não são.

– Por quê? O que fizemos?

– Vocês não fizeram nada. Simplesmente chegou a hora de eles cumprirem seu destino. Seus corpos foram mantidos jovens e preservados para que pudessem lutar aqui.

– E o que será de nós quando a luta terminar? – indagou Ren.

Phet deixou de lado o *kamandal* e disse, calmamente:

– Talvez seja melhor pensar no futuro depois que cuidarmos do presente, não acham?

Phet enrolou a Corda de Fogo na cintura, onde ela se fechou como um cinto. Quando ele encostava qualquer arma na Corda, a arma se acendia em chamas. Ele encostou uma flecha no Colar e fincou-a num tronco de árvore. A árvore inteira se transformou em água, conservou a forma do que fora por alguns segundos e depois desabou, inundando a vegetação rasteira.

As possibilidades pareciam infinitas, e o único limite era nossa própria criatividade. Estávamos todos ávidos por experimentar as armas, e Kishan foi o primeiro a se levantar. Mas Phet segurou-lhe o braço no momento em que ele ia pegar o *chakram* e balançou a cabeça. Kishan deu um passo para trás.

– Devo alertá-los sobre duas coisas. A primeira é que, quando usarem a Corda de Fogo, suas instruções devem ser muito específicas. Se pedirem que os leve a um local seguro, podem terminar em outro tempo e lugar. Não tenho palavras para expressar a importância de cada um de vocês nesta batalha. Precisam ficar aqui. Podem, no entanto, usá-la para se movimentarem rapidamente pelo campo de batalha, mas têm que dizer exatamente aonde desejam ir.

Kishan assentiu e perguntou:

– E qual é o outro alerta?

Phet nada disse por um momento, mas olhou para Anamika.

– Existe uma razão para você não ter lutado hoje como a deusa ou liderado a batalha como desejava, minha jovem?

Ela baixou a cabeça, e Kishan e eu nos viramos para olhá-la. Ren pôs a mão em seu braço, oferecendo-lhe apoio.

– Tenho vergonha de confessar, mas... – começou ela, e lançou um rápido olhar para Phet, que aguardava pacientemente que ela concluísse.

Anamika puxou uma faca da bota e perfurou o chão algumas vezes.

– Eu estava sob o domínio do demônio.

Phet pressionou-a.

– Sentiu que ele se apossava de você à medida que se aproximava da montanha. Estou certo?

– Está – admitiu ela.

– Tive que puxá-la quando chegou perto demais – acrescentou Ren. – Tirei as armas dela porque ela as voltou contra as próprias tropas. Quanto mais distante estava da batalha, mais controle tinha sobre si mesma.

– Foi o que suspeitei – disse Phet. Ele então se ajoelhou diante de Anamika e levantou-lhe o queixo para poder ver seu rosto. – Não é culpa sua. Isso aconteceu com Ren e Kishan também.

– O quê? – quis saber Kishan, e deu um passo à frente.

– Eu não estive sob o domínio de Lokesh, nem quando ele me torturou – afirmou Ren.

Phet segurou o braço de Kishan e explicou:

– Você estava sob esse mesmo poder antes de o tigre salvar você.

Ren ficou de pé e disse:

– Você está falando do talismã. Sim... ele afetou tanto a Kishan quanto a mim porque temos o mesmo sangue.

– Ele agora usa esse talismã combinado com o amuleto para criar seu exército de demônios – esclareceu Phet –, e o irmão gêmeo de Anamika é o líder. Como ele está sob sua influência, o controle que Lokesh exerce sobre Sunil a subjuga quando ela chega perto demais.

Durga ofegou, e lágrimas se formaram em seus olhos. Estendi as mãos para segurar as dela.

– Então só precisamos destruir o talismã.

– Isso deve ser sua prioridade. – Phet me dirigiu um olhar revelador, e baixei ligeiramente a cabeça para mostrar que eu entendera. – Pela manhã, vocês quatro irão para a batalha. Agora, precisam usar estas poucas horas que restam para descansar. Vou voltar ao acampamento e preparar as tropas para acompanhá-los. Fiquem aqui até eu voltar.

Fechando melhor seu manto recém-confeccionado, Phet desapareceu na escuridão, deixando-nos com as armas para trás. Anamika ainda parecia atordoada por tudo. Usei o Lenço para fazer uma barraca confortável para ela e a guiei para dentro. Quando verifiquei que a barraca era quente o bastante e vi que ela se deitara de lado, obviamente sem querer conversar, deixei-a sozinha.

Encontrei Kishan esperando por mim do lado de fora.

Envolvendo-me em seus braços, ele perguntou:

– Ainda está zangada comigo?

– Nunca estive zangada com você. Estava zangada com Ren e Anamika, e confusa também.

Kishan suspirou profundamente.

– Entendo. Deve ter sido difícil para você vê-los juntos. Ainda sente algo por ele.

Não respondi. Não podia revelar o conhecimento que a Fênix marcara a fogo em minha alma. Uma parte de mim amava Kishan e queria desesperadamente retribuir o amor que ele merecia. Mas eu ainda era apaixonada por Ren, e esse sentimento não podia ser posto de lado nem negado.

Kishan segurou meu queixo com gentileza, e olhei em seus calorosos olhos dourados. Olhos cheios de paciência, amor e aceitação.

Passei os braços por sua cintura, enterrei a cabeça em seu ombro e chorei. Ele acariciou minhas costas e disse:

– Não chore, *bilauta*. Você sempre pode me dizer como se sente. Pode falar comigo sobre qualquer coisa, mesmo que ache que vai me magoar. Amo você, Kelsey Hayes. Quero me casar com você, ter uma dúzia de filhos e envelhecer a seu lado. Você fez de mim um homem inteiro de novo e me deu mais do que eu poderia desejar, mais do que mereço, ao aceitar ser minha mulher. Sei que Ren é parte de sua vida. Ele é parte da minha também. Vamos nos preocupar com o futuro depois que cuidarmos do passado. Combinado?

– Combinado.

Fiquei na ponta dos pés para beijá-lo rapidamente, mas ele me abraçou com força e me beijou com uma paixão ardente impossível de não corresponder. Meus braços envolveram seu pescoço e o seguraram. Ele correu as mãos pelas minhas costas e segurou minha cintura, puxando-me para mais perto. Quando nossas bocas se separaram, ele sorriu e baixou a cabeça para beijar meu rosto.

– Amo você também, Kishan – sussurrei, e sua felicidade ao ouvir minhas palavras aqueceu meu coração.

Phet voltou algumas horas depois. Estava amanhecendo, e as nuvens pareciam algodão-doce cor-de-rosa. Eu me lembrei do fatídico dia em que conheci Ren no circo, no Oregon. Aquela visão me fez pensar em tempos mais felizes, lugares mais felizes. De algum modo as nuvens pareciam fora de lugar na manhã de uma batalha.

Phet havia reunido nossas armas, que jaziam numa pilha reluzente aos nossos pés. Esfreguei os olhos para desfazer as camadas de sonolência. Anamika estava ao meu lado, torcendo nervosamente as mãos. Kishan e Ren pareciam pouco à vontade também.

Phet pegou o Lenço Divino e o segurou na palma das mãos.

– Para tornar-se verdadeiramente a deusa, você deve tocar todos os presentes enquanto se

transforma.

Ele entregou o Fruto Dourado a Anamika, prendeu o fecho do Colar de Pérolas ao redor de seu pescoço e enrolou a Corda de Fogo em sua cintura.

– Agora, enrole o Lenço Divino em seu corpo e deseje aparecer como a deusa Durga.

Um breve momento se passou e a brisa fria brincou com a borda do Lenço. Eu acabara de usar o poder do amuleto para aquecer o ar ao nosso redor quando ela levantou o Lenço.

Eu a tinha visto como Durga antes, com todos os oito braços, mas dessa vez ela parecia diferente. Sua pele brilhava como que iluminada de dentro. Os cabelos longos e negros pareciam ter vida própria ao se moverem suavemente na brisa. Estava linda e feroz. O poder parecia irradiar dela em ondas.

Delicadamente, Phet pegou o Lenço, o Fruto e os outros itens dela. Seus braços se flexionaram e contraíram como se estivessem prontos para a batalha. Ela se virou para mim, movendo-se com tanta fluidez com oito braços quanto antes, com dois.

– Agora, Quel-si, é a sua vez.

– O quê? – arfei, em choque.

Ren e Kishan reagiram no mesmo instante.

– O que está fazendo? – perguntou Kishan.

– Não há uma forma de deixá-la fora disso? – protestou Ren.

Phet respondeu a ambos.

– O destino de Quel-si sempre foi lutar nesta batalha. É por isso que ela é e sempre foi a escolhida. Sem ela – ele olhou para Ren – vocês perderão tudo.

O monge esguio entregou-me o Fruto, mas Kishan pegou o Colar e o prendeu em meu pescoço. Ren ajustou a Corda de Fogo na minha cintura e, depois de beijar a minha testa, afastou-se.

– O que desejo ser? – indaguei.

– Você deve ser Durga também.

Deixando minha confusão de lado, enrolei meu corpo com o Lenço. Fiz uma careta debaixo dele, pensando em todos os braços que logo ondulariam ao meu lado, mas obedeci às instruções e disse ao Lenço Divino que queria ser Durga. O que aconteceu em seguida foi impressionante.

Primeiro, não senti nenhuma diferença, mas, quando o Lenço fez seu trabalho, senti minhas roupas se transformarem. Pequenos dedos elétricos percorreram meus cabelos, provocando arrepios, e então me dei conta de que sentia arrepios em mais de um par de braços. O lenço fez cócegas, e o puxei com uma mão que nunca usara antes. O sangue corria em ondas pelo meu corpo e fechei os punhos, todos eles, ao sentir o poder se mover através de mim.

Olhei para a nova deusa Durga de pé na minha frente, com diversos pares de braços cruzados, e ela sorriu. Retribuí o sorriso e me senti cheia de confiança e poder. Foi só quando olhei para Ren e Kishan que fiquei constrangida. Ambos me fitavam.

– O que foi? – perguntei. – Um dos meus braços está fazendo algo errado?

– É você... você está... – começou Kishan e engoliu em seco.

– Deslumbrante – completou Ren.

Ele me ofereceu sua mão, e pousei uma das minhas sobre ela. Ele a levou aos lábios e beijou-a

amorosamente, depois passou os dedos sobre o anel em meu dedo e sorriu. Levantei a mão para olhar o anel e vi que era o de Ren.

Automaticamente, passei oito polegares sobre trinta e dois dedos e encontrei outro anel na mão direita. Olhei para ele e soltei um suspiro contido ao ver o rubi de Kishan são e salvo em meu dedo. Kishan se adiantou e pegou minha mão, audaciosamente colocando a palma contra seu rosto. Ele a beijou e se postou ao meu lado.

– Agora, usem seu poder para atrair as armas para vocês – disse Phet.

Nós duas erguemos os braços, e as armas douradas se elevaram no ar. Abrimos as mãos, e as armas voaram para elas. O *chakram*, um broche, o *kamandal* e, para minha tristeza, Fanindra, voaram para as mãos estendidas de Durga, assim como o Fruto Dourado e o Lenço Divino.

O Colar de Pérolas e a Corda de Fogo ficaram comigo. Também recebi um broche, a *gada*, o tridente e meu arco com as flechas. A espada dourada subiu no ar e se dividiu em duas. Uma espada voou para Durga e a outra, para mim. Peguei-a com minha mão direita mais alta. Quando segurei as armas, elas mudaram de cor, de dourado para prateado, enquanto as de Durga ainda reluziam no dourado usual.

– Agora, vocês estão prontas para a batalha. – Phet bateu no ombro de Ren e continuou. – Dhiren e Kishan vão entrar no combate com as deusas e lutarão ao lado delas do modo que o destino escolheu para vocês. Senhoras, queiram ativar seus broches.

Toquei a joia e disse:

– Armadura e escudo.

Finas placas de prata envolveram meus membros e um escudo surgiu numa de minhas mãos esquerdas. A armadura desceu pelo meu tronco, sobre meus quadris e minhas pernas, e fiquei surpresa com a facilidade com que podia me mexer dentro dela.

Virei-me para olhar Anamika e vi que uma armadura dourada envolvera a parte superior de seu corpo, como se fosse um espartilho, deixando o pescoço livre, e em seguida se completou, cobrindo-lhe os ombros. Braceletes dourados protegiam seus antebraços.

Ela usava uma saia de tecido preto revestida com placas douradas e botas pretas cobertas de tiras de metal dourado. Uma coroa dourada se formou sobre sua cabeça.

Abafei o riso ao ver a tiara dourada de Durga, mas então estendi um dos meus braços e toquei o alto de minha cabeça. Como era de se esperar, eu usava uma coroa prateada também.

Para meu espanto, olhei para baixo e descobri que também tinha um peitoral e que minha armadura era idêntica à de Anamika, exceto pela cor. Minha pele quase cintilava com uma luz interior. Meus cabelos castanhos estavam dourados, cheios e longos como os de Anamika. Meu vestido era semelhante na forma ao dela, mas era branco. Ren estava boquiaberto, e enrubesci sob seu minucioso exame.

Quando o processo se concluiu, Ren e Kishan se curvaram e rosnaram de dor. Assustada, dei um passo na direção de Ren no momento em que ele assumia a forma de tigre. Ele rugiu alto e se sacudiu. Kishan se transformou no tigre negro.

– O que está acontecendo? – perguntei a Phet.

– Chegou a hora, Quel-si. Eles estão cumprindo seu objetivo – respondeu ele.

Toquei Ren, e placas prateadas cobriram seu focinho e continuaram sobre a cabeça. Logo seu corpo encontrava-se envolto numa armadura prateada. Uma cinta dupla circundou seu corpo e formou uma sela branca sobre o dorso, completa com duas alças de metal na altura das espáduas. Kishan foi equipado de forma idêntica, com uma armadura dourada e a sela preta.

Anamika-Durga se colocou entre Ren e Kishan. Ela afagou a cabeça de Kishan.

– Interessante – disse ela.

Kishan rosnou de leve em resposta e caminhou até mim, posicionando a cabeça sob minha mão. Cruzei dois pares de braços, descansando uma das mãos em Kishan.

– Está brincando, não, Phet? Não é o que estou pensando...

– É exatamente isso, Quel-si. A deusa Durga deve ir para a batalha montada em seu tigre.



A derrota de Mahishasur

—Se está hesitante, então fique aqui, irmãzinha – provocou Anamika.

– Esta guerra é ainda mais minha que sua, *irmãzona*.

Ela fechou a cara, o que me deixou um pouquinho feliz, e tentou passar a perna por cima das costas de Ren. Surpreendentemente, a nova deusa caiu numa desajeitada confusão de braços. Irritada, ela se levantou e tentou novamente, mas, por mais que se esforçasse, não conseguiu ocupar seu lugar em cima de Ren.

Ela segurou a alça acima das espáduas dele, mas tentar montá-lo requeria um esforço monumental da parte dela. Quando Ren se inclinou na direção dela para facilitar, foi violentamente empurrado por uma força invisível. Ele deslizou para longe de Durga, deixando apenas as marcas de sua pata no solo macio.

– Por que está acontecendo isso? – perguntou ela ao professor.

Phet deu de ombros.

– Destino, minha querida.

– Destino? – sussurrei. Curiosa, segurei a sela de Kishan e senti imediatamente uma força me empurrar. Soltei-a e me afastei. – Hã, estou tendo o mesmo tipo de problema.

Phet pegou a mão de sua antiga aluna e a colocou nas costas de Kishan.

– Você deve montar o tigre escolhido para você.

Kishan bufou, e, enquanto ele e Durga se olhavam, avaliando-se, Ren deu a volta por eles e esfregou a cabeça em minha perna. Fiz um carinho em seu ombro blindado, segurei a alça e passei a perna facilmente por cima de suas costas. Senti um puxão e ouvi um clique quando minha armadura prateada tocou a dele.

– É como se estivéssemos magnetizados! – exclamei.

– Você está certa – disse Phet. – Há uma força que a conecta com seu tigre, semelhante àquela nas extremidades de um ímã. Esse elo os ajudará na batalha. O metal irá mantê-los juntos e evitará que você caia. Em teoria, você pode até ficar de pé nas costas dele que suas botas irão travar no lugar.

Assenti e travei os pés na placa de metal de ambos os lados do corpo de Ren. Satisfeito, Phet seguiu para Kishan e minha gêmea Durga.

A estranheza das últimas semanas se dissolveu no instante em que senti a ligação entre mim e Ren reverberar pelo meu corpo. A energia fluiu dos meus braços e pernas para ele e então retornou a mim, e me dei conta de que podia ouvir seus pensamentos.

Ren se sentia... orgulhoso de me levar para a batalha, mas eu também sentia que ele estava apavorado. Não queria que eu enfrentasse Lokesh e estava preparado para se sacrificar por mim. Ele também não queria lutar como tigre. Meus punhos se retesaram involuntariamente quando ele tentou se transformar em homem. No entanto, os esforços de Ren foram infrutíferos, e ele logo se resignou à forma de tigre.

Embora eu houvesse cavalgado no *qilin* e estivesse começando a ter bastante domínio da égua, não tinha muita certeza sobre quão complexo seria cavalgar e lutar ao mesmo tempo. Ergui a espada e a brandi para a frente e para trás, tentando decidir qual mão funcionava melhor. Experimentei algumas armas, mudando-as de uma mão para a outra rapidamente, e então ajustei a proteção de um dos meus oito braços.

Devo estar pesando uma tonelada, pensei. Pobre Ren.

Você não está nem um pouco pesada. A voz inebriante de Ren deslizou para minha consciência, me assustando. A sensação era de uma calda de chocolate rica e aveludada sendo vertida em minha alma. Ela me preenchia e aquecia por completo, fazendo com que cada centímetro quadrado de minha pele formigasse de prazer. Fiquei sem ar e meu coração disparou. A sensação era intensamente íntima.

Você está me fazendo corar, priyatama.

Hesitante, descobri que ele estava tão consciente de mim quanto eu dele. Em sua mente, eu era como a luz do sol líquida com gosto de pêssego maduro. Senti o calor aquecer o meu rosto, e Ren me guiou a um lugar secreto no fundo de sua mente, onde se abriu para mim completamente. Num instante, tive consciência de tudo: seu isolamento no cativeiro, sua alegria quando o preferi a Li no Oregon, sua autorrecriação quando terminou comigo e seu absoluto desespero quando fiquei noiva de Kishan. As camadas de solidão quase me sufocaram. Mas, entretecida a todos esses pensamentos, havia uma esperança constante conjugada com ondas de amor. Essa sensação fez cócegas nos dedos dos meus pés e acariciou delicadamente meu coração.

Ren, eu...

Incapaz de formar um pensamento coerente em resposta, enxuguei uma lágrima no meu rosto e acariciei o pelo branco de seu pescoço, onde ele aparecia sob a armadura.

Sua reação ao meu toque foi avassaladora. Senti como ele precisava de mim. Essa necessidade redemoinhava dentro dele como um furacão. A emoção crua o inundou como uma enchente, despertando a minha também. Lembranças circulavam dentro da tempestade, uma após a outra.

Algumas eu reconhecia, como minha imagem aconchegada em seu colo depois de sairmos para dançar no dia dos namorados, mas outras eram novas: Ren cerrando os punhos, pronto para fazer nosso instrutor de mergulho, Wes, em pedaços quando dancei com ele na praia; Ren com outras mulheres nos braços, mas ainda assim se sentindo vazio; Ren me vendo chorar e sabendo que era ele o motivo do meu sofrimento.

Então Ren me mostrou como se sentiu quando o toquei a primeira vez como tigre, suas lembranças de nossos beijos na cozinha enquanto os biscoitos assavam, da perfeição com que minha mão se encaixava na dele, e o absoluto abandono e a louca alegria que sentia quando me tomava nos braços. Essa parte dele havia sido trancada, reprimida. Seu coração estava de fato enjaulado, e,

como no poema, andava de um lado para outro, à espera de ser libertado.

Você tem a chave, ele me disse.

Então, naquele momento, esse homem maravilhoso, lindo, incrível pôs seu coração nas minhas mãos e esperou para ver o que eu iria fazer com ele.

Eu arquejei e senti sua tensa expectativa. Ele não se importava com o que acontecesse na guerra. Durga, a profecia e tudo o que se relacionava a ela não significavam nada para ele. No que lhe dizia respeito, era *essa* a batalha que ele estava travando. Tomava parte numa cruzada não para ganhar a glória, proteger um reino ou lutar por uma deusa. Sua campanha era para conquistar a *mim*.

Cruzei um par de braços sobre meu coração e fechei os olhos. Debruçando-me, pressionei o rosto em sua orelha macia e envolvi seu pescoço com os outros pares de braços.

Ren.

Com esse sussurro mental, uma represa se rompeu dentro de mim e todos os meus pensamentos e emoções transbordaram. Senti seu impacto atingir Ren, como uma onda gigantesca. Ele se manteve imóvel, assimilando tudo. Deixei que vivenciasse tudo: a confusão, o coração partido, a angústia e agora a felicidade. Não reprimi nada – nem mesmo meus sentimentos por Kishan. Senti sua aceitação e sua compreensão de meu relacionamento com seu irmão. Não houve nenhum sentimento de vingança ou julgamento, apenas um profundo e sincero arrependimento, e percebi sua surpresa ao finalmente compreender por que o mantive a distância por tanto tempo.

Para terminar, mostrei-lhe a profundidade do que sentia por ele e o tamanho de meu desespero sem ele.

Ren, amo você mais do que qualquer coisa neste mundo e não sei como poderia viver sem você.

Isso nunca vai acontecer, iadala.

Seus pensamentos foram silenciados por alguns instantes, então nossas almas trançaram-se como ramos de trepadeira e nós dois descansamos, nossos pensamentos contentes, tranquilos, em paz. Bolhas de poder formigavam e corriam preguiçosamente entre nós. Naquele momento, tudo estava certo com o mundo. Aquele que eu amava se encontrava tecido com firmeza em minha alma, e eu esperava que nunca mais nos separássemos outra vez.

Uma voz alta interrompeu nossos pensamentos.

– Peço desculpas. Não tive a intenção de tratá-lo como um animal de carga – disse Anamika, trazendo tanto a mim quanto Ren de volta à batalha iminente.

Era hora de irmos. Hora de pôr um fim nisso, de uma vez por todas.

Ela chutou Kishan de leve nas costelas, e Kishan avançou, rabugento. Uma expressão pensativa cruzou o rosto dela, e então Kishan ganhou velocidade e começou a correr. Nós seguimos o exemplo, e eu senti a euforia de Ren ao esticar suas pernas de tigre, atravessando o campo, rasgando a distância em grandes saltos.

Ren era todo músculos e energia infinita, e, agarrando-me às laterais de seu corpo, encontrei o ritmo de sua marcha. Nós nos movíamos juntos, como um. Seus pulmões felinos trabalhavam como poderosos foles, e notei que estávamos respirando em conjunto. Quando olhei para trás, Phet não estava mais à vista.

Retornamos ao centro do acampamento. Homens de cinco nações diferentes ajoelharam-se à

nossa volta, tocando o solo com a cabeça, em deferência. Estavam impressionados com a presença não de uma, mas de duas deusas entre eles. Minha gêmea tomou a liderança e pediu aos generais que se aproximassem. Então lhes falou de um novo plano, um que não envolvia animais que os demônios pudessem voltar contra nós. Essa batalha seria travada a pé.

Em seguida, ela se voltou para mim e indicou que eu deveria dizer algo inspirador. Os pensamentos de Ren fluíram por minha mente.

Eles precisam de um símbolo para seguir no campo de batalha.

No tom de voz mais alto que conseguia emitir, gritei:

– Neste momento, vocês não são mais os exércitos da China, da Macedônia, de Birmânia, do Tibete ou da Índia. Agora vocês são os guerreiros de Durga! Já combatemos e vencemos muitas criaturas ferozes. Agora damos a vocês o símbolo do poder delas.

Peguei emprestado o Lenço e o encostei no Colar de Pérolas. O material sedoso disparou pelo ar, fragmentando-se e multiplicando-se, tocando em cada um dos soldados para vesti-los nos tons mais brilhantes de vermelho, azul, verde, ouro e branco. Nem os porta-estandartes foram deixados de fora e agora levavam flâmulas que retratavam Durga cavalcando seu tigre para a batalha.

– Vermelho pelo coração de uma Fênix que enxerga através da mentira! – saudei e ergui o tridente. – Azul pelos Monstros das Profundezas que dilaceram aqueles que ousam cruzar o seu domínio! Ouro pelas Aves de Metal que cortam seus inimigos com bicos afiados! Verde pela Horda de Hanuman que vem à vida para proteger aquilo que é mais precioso! E branco pelos Dragões dos Cinco Oceanos, cuja astúcia e cujo poder não têm igual!

Ren ergueu-se brevemente nas patas traseiras e rugiu. Os homens todos se maravilhavam com o poder que demonstrávamos.

Devolvi o Lenço a Durga, que prometeu:

– Esta batalha e o valoroso serviço de todos vocês serão lembrados por gerações. Assim como vocês nos honram no dia de hoje, nós os honraremos nos dias que virão.

Os soldados receberam a ordem de se preparar e saíram apressados para obedecer às instruções de sua deusa. Os ânimos de todos estavam elevados. Homens que haviam se desesperado no dia anterior agora pareciam confiantes de que iríamos realizar o impossível. Eu sabia que parecíamos capazes de realizar muito, mas havia uma parte de mim que ainda sentia muito medo. Foi apenas a convicção de Ren que me deu coragem.

Um coração devotado pode superar qualquer obstáculo, rajkumari. Confie em minha proteção.

Engoli em seco, perguntando-me se tinha a capacidade para fazer o que deveria ser feito. Eu precisaria de cada detalhe do meu treinamento e de cada gota de coragem que havia em mim para sair vitoriosa nesse dia.

Quando estava tudo pronto, Durga sorriu, benevolente, para nossas tropas e clamou:

– Eu asseguro a vocês que, se lutarem comigo, irei protegê-los com todo o poder à minha disposição, e, juntos, iremos vencer. Nós iremos derrotar o demônio. Guerreiros vermelhos, azuis, verdes, dourados e brancos, vocês nos seguirão para a batalha?

Um viva retumbante ecoou pelo acampamento, e todos seguimos na direção do monte Kailash.

O Sr. Kadam certa vez me contou o episódio dos 300 espartanos que mantiveram o vasto exército

persa a distância durante sete dias na Batalha das Termópilas. Ele me disse que essa história havia sido lembrada por séculos não só porque era uma lição de como resistir bravamente, mas porque mostrava que mesmo um pequeno número de homens bem treinados e com um plano sólido podia frustrar um inimigo muito mais poderoso.

Esses homens eram como aqueles espartanos. Tinham vindo lutar contra o demônio e completariam sua missão ou morreriam tentando. Eu precisaria dar o melhor de mim para ser digna de sua fé.

Quando um chifre soou como um clarim e a neblina fina rolou no campo, hordas de soldados-demônios se materializaram e começaram a socar, bater os pés e uivar, à espera de que seu líder os liberasse. Os homens de Durga mantiveram-se corajosos e firmes, inabaláveis diante do inimigo.

Durga atacou primeiro.

Três catapultas lançaram grandes barris no ar frio. Eles atingiram a montanha com um estrondo, explodindo e derramando seu conteúdo sobre o exército demoníaco. Os demônios sacudiram os braços e as cabeças e viram mais barris serem lançados. O estrondo da madeira era acompanhado por um pesado *flop* da lona quando a carga assoviava pelo ar e se rompia, fazendo chover óleo sobre as cabeças do inimigo.

Em retaliação, homens-pássaros se lançaram ao céu, seguindo direto para as catapultas. Todo homem capaz de manejar um arco disparou flechas contra os demônios voadores. Durga ergueu os braços e mandou para o ar milhares de fios que teceram redes grossas e capturaram os pássaros-demônios que restavam.

Os sons da batalha foram substituídos por vivas do exército de Durga, enchendo-nos de esperança. Era uma vitória pequena, mas ainda assim uma vitória, e meus homens se movimentavam impacientes, esperando nossa vez de entrar na luta. Os demônios dobraram sua velocidade e trovejaram pelo campo. Quando a massa deles passou por nós, fiz o sinal para incendiar o campo de óleo que havíamos criado.

O exército de demônios soltou gritos horríveis antes de desabar no chão, sucumbindo à morte definitiva. Aqueles que passaram em segurança foram atacados por Durga e nossos homens que dispararam uma saraivada de flechas acesas por mim com o poder do fogo. À medida que os inimigos caíam, um a um, e as almas dos homens e dos animais eram libertadas, eu murmurava um último desejo:

– Espero que encontrem a paz.

Quando a batalha já estava próxima demais para o uso de flechas, meus homens ergueram suas espadas e avançaram correndo. Fiquei para trás, usando meu poder do fogo, e consegui liquidar uma grande matilha de demônios-caninos. Incinerei-os em grandes grupos, mas, quando meus homens ficaram no caminho, tive que passar para as armas. Ren disparou à frente e entrou no combate, comigo em suas costas. Meu tigre atacou, dilacerando demônios com dentes e garras.

Ele empinou, erguendo-se nas patas traseiras, e raspou a pata na cabeça de um demônio. Minha armadura me manteve bem presa ao corpo dele, mas eu não pude mais ver nosso oponente. Quando Ren voltou a se apoiar nas quatro patas, o demônio tinha cortes horrorosos que iam da

nuca até o alto da cabeça e terminavam entre os olhos. Acabei com ele enquanto Ren atacava um segundo inimigo à esquerda.

Ren, isso é horrível.

É como um tigre luta, Kells. Tente se distanciar. Leia os meus pensamentos.

Eu cravava flechas nas pernas das criaturas, prendendo-as ao chão enquanto Ren lhes abria o peito. Alvejei um demônio que trazia um machado em riste e o atingi com dardos do tridente. Quando um deles me atacou, bloqueei suas garras com a proteção de metal do meu braço, esmaguei-lhe o rosto com o escudo e então o atravessei com a espada. Outro tentou me atingir com uma clava. A arma me acertou com força, mas minha armadura resistiu ao golpe e minha conexão magnetizada com Ren me manteve ereta. Ren deu-lhe uma rasteira e, quando o demônio caiu, Ren rasgou seu pescoço e esmagou sua traqueia.

Minha transformação em Durga havia de alguma forma me tornado uma máquina sobre-humana de lutar. Ren e eu trabalhávamos numa sincronia mortal e nada conseguia nos deter. Pude usufruir da experiência de Ren em batalhas e isolar a parte de mim que reagia com horror. Nossas mentes se uniram, tornando-se uma só, e percebi que, quando lutava com uma espada ou usava o tridente, tanto quanto eu, era Ren brandindo a arma. Da mesma forma, todas as vezes que ele desferia um golpe com a pata contra o inimigo ou avistava um demônio prestes a atacar, era como se eu também tivesse suas garras e seus olhos.

Quando um novo grupo de demônios veio em nossa direção, toquei o tridente na Corda de Fogo e disparei descargas de eletricidade contra eles. O som produzido foi como o ronco de um trovão ou um martelo batendo numa folha de metal. O grupo explodiu, mas, antes de morrer, um dos inimigos conseguiu disparar um dardo envenenado. Com uma velocidade sobrenatural, apanhei o dardo entre dois dedos e o girei, cravando-o no couro resistente de um demônio-felino próximo.

Outros vieram para nós e, quando Ren saltou sobre um deles, eu me inclinei quase de cabeça para baixo. Minhas botas se fixaram na sela, e, debaixo do peito de Ren, pude derrubar dois demônios com o poder do fogo. Então, quando Ren aterrissou, voltei para o alto e girei para trás, cortando um demônio com uma espada numa das mãos e brandindo a *gada* com a outra.

Dez caíram sobre nós de uma só vez e instintivamente tomei impulso e saltei da sela com um movimento de estrela. Meus braços pareciam funcionar quase independentemente. Derrubei um atacante com o escudo, decepei a cabeça de outro com uma espada e, enquanto a mão com a tatuagem de hena reluzia vermelha, eu atingia outros com fogo. Enquanto continuava a saltar, cravei o tridente no coração de um adversário, atravessei o pescoço de um inimigo com uma flecha em chamas disparada de meu arco dourado e joguei dois para longe com uma onda de água lançada de minha mão com a ajuda do Colar de Pérolas.

Tomando impulso no chão, como se tivesse pulado em um trampolim, saltei para o ar. Girando o corpo para cima, vi Ren despedaçar alguns dos demônios-felinos à direita. Abaixo de nós, um grande demônio-urso rosnou ferozmente e cortou o ar com garras afiadas, esperando que eu caísse. Pensando rápido, soltei a Corda de Fogo da cintura, a acendi com uma chama azul e estalei a Corda em torno da barriga do demônio com um chiado.

O impulso melançou de lado, e eu passei pelo corpo de Ren no momento em que ele saltava.

Consegui agarrar seu tronco com um dos meus braços. Enquanto ele se lançava adiante, deslizei e me posicionei em suas costas bem a tempo. Com outra virada do punho, a Corda de Fogo estava novamente na minha cintura. O corpo do demônio-urso caiu, partido ao meio. Ren saltou sobre o corpo e aterrissou levemente nas patas dianteiras.

Não faça isso de novo, ele grunhiu em minha mente.

Sorrindo, pensei: *Você tem que admitir que foi legal.*

Legal? Você é um anjo da morte absurdamente lindo. Se a morte viesse me buscar e se parecesse com você, eu iria de boa vontade.

Percebendo que não eram páreo para nós, os demônios mudaram de curso e seguiram na direção dos meus homens.

Ren, nossos soldados.

Ele deu meia-volta e disparou para o nosso pequeno grupo de soldados sobreviventes. Depois passou pelo flanco do grupo e saltou na direção do maior dos demônios: um homem-elefante que se erguia em duas poderosas pernas traseiras. Este ergueu uma arma para se defender, mas Ren foi mais rápido. Com um movimento da pata, a arma se foi. Então ele saltou para cima, agarrou a fera pelas mandíbulas e, com um potente aperto e um giro do corpo, atirou a criatura no chão. Aí eu o queimei, e também uma dezena de outros demônios.

Tenha cuidado, adverti. Você não se cura mais.

Não se preocupe comigo, sundari. Hoje eu posso fazer qualquer coisa.

Para provar, ele usou os dentes para esmagar os ossos de um demônio e saltou sobre outro, prendendo-o ao chão para que eu pudesse acabar com ele.

Quando cuidamos do último dos retardatários, recuamos e nos reagrupamos com os soldados restantes. Havíamos derrotado várias centenas de demônios com apenas um punhado de homens, mas poucas dezenas de nossas tropas haviam sobrevivido. Eu lhes disse que eles haviam me servido muito bem e que se reunissem em volta do fogo e descansassem.

Ren e eu tínhamos uma missão só nossa.

Juntos, voltamos correndo para o campo gramado. A fumaça subia dos corpos queimando, espalhando-se no ar. Girei para ver as catapultas ainda de pé e inclinei a cabeça quando pensei sentir o cheiro de açúcar caramelizado. Ouvi o barulho de luta vindo de um ponto além do fogo e o rugido de um tigre a distância: Kishan.

É hora de ir, Kelsey.

Ren começou a correr, ganhou velocidade e saltou sobre as linhas de fogo. Disparamos na direção da montanha, que estava protegida por uma longa fileira de demônios. Eles se mantinham firmes, completamente destemidos.

Reconheci Sunil de pé sobre uma pedra que se projetava do penhasco.

Erguendo o braço, usei o poder do fogo para eliminar cada demônio em meu campo de visão. Ren em nenhum momento diminuiu a velocidade.

Olhei para cima, para a saliência de pedra, mas Sunil havia desaparecido.

– Lokesh! – gritei. – Viemos pegá-lo! Apareça, seu covarde!

Ren andava de um lado para outro enquanto procurávamos o diabo contra o qual tínhamos vindo

lutar.

Uma risada ecoou profundamente pelas montanhas púrpura. O vento fustigou meu corpo, carregando palavras sinistras em seu hálito frio.

Finalmente nos uniremos. O amuleto será meu. Você será minha.

– Prefiro ficar com outra opção se não for problema para você!

Os olhos de Ren vasculhavam o terreno árido. Nenhum de nós sabia de onde vinha a voz. Então uma nuvem escura turbilhonando desceu lá do alto. O ar frio se movia com a velocidade de um ciclone, e em seu centro estava a criatura Lokesh. Poeira e folhas se agitavam à nossa volta. Ele saltou, e o chão se sacudiu. Com a mesma rapidez com que chegou, o furacão se foi.

Lokesh parecia a versão asiática de um Minotauro, mas era bem maior. Usava uma comprida túnica negra com gola mandarim. Seus olhos se estreitaram e ele arfou pesadamente, agitado, expelindo nuvens de vapor de suas amplas narinas.

– Então – disse ele – você voltou para mim, finalmente. Está ainda mais bonita que da última vez que a vi. O poder da deusa lhe cai bem, minha querida.

Ele deu um passo em minha direção, e Ren rugiu e tentou atacar seu pés.

Lokesh sibilou.

– Ah, ainda tem um gato tropeçando em seus calcanhares. Vamos ter que dar um jeito nisso. – Ele ergueu os olhos para as fogueiras no campo. – Vejo que trouxe mais homens para engrossar minhas fileiras.

– Isso não vai acontecer – declarei, feroz. – Os que caíram foram queimados. Não vão se levantar novamente. Eu os libertei de seu feitiço.

Lokesh deu de ombros.

– Não importa. Há mais, muitos mais que posso recrutar. Posso pôr fim à luta com um simples movimento da mão. Seria muito fácil destruir o que resta de seu patético exército.

– Você não faria isso. Prejudicaria seus próprios soldados.

Ele me estudou por alguns segundos e então disse:

– Eu não ia querer que minha futura noiva duvidasse de minha palavra.

Então sorriu diabolicamente, bateu as mãos, unindo-as, e depois as separou. O chão tremeu, e eu arquejei ao ver as catapultas oscilarem e desabarem, desmoronando no buraco que Lokesh havia criado. Homens e demônios correram em todas as direções enquanto aqueles que estavam no centro despencavam no abismo. Enlouquecida, eu esquadrinhava o cenário à procura de Durga, mas não conseguia vê-la. Observei, horrorizada, o buraco começar a se fechar.

Kishan!

Não. Ele está bem, disse-me Ren.

Vi um lampejo de ouro no momento em que Kishan conseguiu se agarrar à borda do fosso que se fechava e sair. Durga estava presa com firmeza às suas costas. Suspirei aliviada.

– Aquele que estou vendo é o jovem príncipe? – bufou Lokesh. – Sua resistência é cansativa.

Enquanto Kishan e Durga corriam, Lokesh abria novos buracos no chão e gargalhava. Kishan saltou sobre eles, um após o outro, até que ele e Durga finalmente desapareceram em meio às árvores.

– Deixe-os em paz – ameacei.

– Ou... o quê, meu amorzinho?

Ergui o arco e encaixei uma flecha, infundindo-a com o poder do raio.

– Ou eu acabo com a sua existência.

Ele curvou-se com um floreio.

– Por favor, experimente.

Disparei a flecha, e ele torceu os dedos. Um vento a desviou para bem longe, e a flecha foi se enterrar na lateral da montanha. A explosão provocou uma chuva de pedra.

– Estou desapontado. Esperava um espetáculo.

– Não devolva seu ingresso ainda.

Eu sorri e estreitei os olhos.

Mais rápido que o pensamento, Ren deu a volta em torno de Lokesh e pulou, alcançando o lado da montanha. Em grandes saltos, ele subiu e rodou no ar com garras e dentes voltados para Lokesh. Fiquei de pé na sela e me lancei no ar. Todas as minhas armas estavam apontadas para o demônio. De uma só vez, disparei dardos com o tridente, flechas e a *gada*.

Mais uma vez Lokesh desviou os projéteis com o vento e ergueu um muro de pedra para bloquear Ren, que, depois de bater nele com violência, caiu no chão. A *gada*, porém, acertou o ombro do feiticeiro maligno. Lokesh cambaleou para trás, berrando de dor.

– Vou fazer você pagar por isso.

– Promete? – perguntei, enquanto caía suavemente de pé e erguia a espada.

Lokesh veio atrás de mim e, quando estava prestes a me envolver com os braços, fechei os olhos e desapareci, reaparecendo no alto do muro de pedra.

– Como fez isso? – perguntou ele.

– Renda-se e eu lhe conto.

Ren se agachou por trás de Lokesh, momentaneamente esquecido. Sua cauda balançava de um lado para outro, e, no exato momento em que se preparava para saltar, uma flecha raspou em seu ombro. Sunil havia se juntado à luta e corria na direção de Ren.

Lokesh ergueu as mãos e um ciclone de ar o ergueu até o topo do muro de pedra ao meu lado. Ele me atacou com uma imensa cimitarra, mas consegui aparar o golpe com minha espada. Avancei em meio a uma confusão de braços, dançando no topo do estreito muro de pedra, mas Lokesh desviou cada golpe com escudos de gelo e pedra. Percebi que ele estava brincando comigo e decidi que eu precisava recorrer aos trunfos. Graciosamente, descí do muro com uma cambalhota reversa e caí de pé com leveza. Olhei para Ren, que tentava derrotar Sunil sem matá-lo. Uma de suas patas estava sangrando.

Mantenha o foco, pensou Ren.

Lokesh baixou as mãos e o muro de pedra afundou no chão. Ergui uma das mãos para atingi-lo com o poder do raio, mas ele combateu com gelo. Ele então mandou uma onda de água para cima de mim, e eu a transformei em neblina. Anamika devia ter acabado com os demônios que restavam, pois alguns de nossos soldados se juntaram a nós na luta. O plano traçado era que, quando o exército de demônios estivesse todo cremado, ela e Kishan iriam reunir os outros para

nos ajudar.

Os homens disparavam flechas contra Lokesh, mas ele voltava as flechas contra eles usando o poder do vento e matou muitos assim. Os outros ele transformou em estátuas de pedra ou de gelo, e eu me desesperei sabendo que nosso exército – meio milhão de homens – fora quase todo dizimado em menos de 48 horas. Ele tentou me congelar, mas eu agarrei a Corda de Fogo e me transferi para outro lugar.

Lokesh então levantou uma névoa que se espalhou por todo o campo de batalha, obscurecendo nossa posição. Ainda assim, outro pequeno grupo de soldados nos alcançou e disparou lanças contra Lokesh. Mais uma vez, ele inverteu o trajeto delas em pleno ar. Num lampejo, estalei a Corda de Fogo e joguei as armas longe um instante antes de atingirem nossos homens. Gritei para que fossem ajudar Ren.

Senti um tremor no chão. Um rochedo se soltou e rochas pesadas foram erguidas no ar. Árvores foram arrancadas e lançadas em minha direção, mas eu estalei a Corda de Fogo em um círculo abaixo de mim e subi ao céu.

Meu pé tocou um galho estendido, e eu saltei de uma copa de árvore para uma pedra, depois para outro galho, e cavaleguei um tronco que estava caindo até ele desabar no chão. Arranhada, mas afora isso ilesa, ergui-me sobre aquela desordem em movimento e olhei com ira para Lokesh. Em um instante a Corda de Fogo me levou até ele, e encostei a espada em seu pescoço.

– Impressionante – disse Lokesh.

Cortei o antigo medalhão de magia negra de seu pescoço e o queimei instantaneamente.

– Seus dias de criar exércitos de zumbis chegaram ao fim.

Ele empurrou a espada para longe de seu pescoço, agarrou um de meus braços e me puxou para ele.

– Se *aquele* fosse o verdadeiro medalhão... Mas não é. Aprendi o truque com você, minha querida. Lembra-se?

Olhei para Sunil lá embaixo. Ele ainda estava lutando contra Ren. Um braço pendia, perfurado e quebrado, no entanto ele, obviamente, ainda estava sob o poder de Lokesh. Uma decepção amarga tomou conta de mim, mas tornei a ouvir a voz de Ren.

Vamos conseguir.

Limpei a saliva de Lokesh do meu rosto e me preparei para recomeçar a lutar, mas, antes que eu pudesse erguer uma arma, um cavaleiro atravessou

a névoa lá embaixo. Ele se curvou diante de Lokesh e sua capa negra ondulou às suas costas.

– General Anfímaco!

– Entreguei sua mensagem – disse o traidor a Lokesh.

Lokesh ergueu a cabeça, como se farejasse o vento.

– Sim, ela está bem perto agora, e ele não está resistindo.

– O que você fez? – perguntei a Anfímaco.

O general rodopiou.

– A outra deusa está vindo em seu resgate, mas isso não vai acontecer. Mahishasur, o rei demônio que você chama de Lokesh, vai me tornar o líder de seu exército. Tudo o que preciso fazer é

escolher um animal, e, porque você os ama tanto, vou escolher... um tigre.

– Esta você não pode ter – disse Lokesh. – Pode ficar com a outra.

– Mas é esta que eu quero – queixou-se Anfímaco.

– Prefere que eu corte sua outra perna?

Anfímaco sacudiu a cabeça e Lokesh dispensou-o com um gesto.

– Vá cuidar do tigre – ordenou ele.

Lokesh avançou em minha direção, e uma história havia muito esquecida que o Sr. Kadam me contara cruzou a minha mente. Dando alguns passos para trás, ergui a mão trêmula, caí de joelhos e disse:

– Por favor, não me machuque mais ou aos meus amigos. Eu... eu me rendo. Tenha misericórdia de mim.

Lokesh agarrou um punhado de meus cabelos dourados e o puxou.

– Talvez – disse ele com luxúria –, se você me agradar sufic...

Antes que pudesse terminar seu regozijo, investi a espada dourada contra ele. Abri um corte profundo em seu pescoço grosso, e ele cambaleou para trás, levando a mão à ferida e urrando. Por um momento, pensei que o houvesse matado, mas o ferimento de Lokesh começou a sarar. O gorgolejo de sua respiração foi se estabilizando. Naquele instante, eu soube que seria preciso muito mais para destruí-lo.

Ren sentiu meu desânimo diante do fracasso. Ele derrubou Sunil e voltou correndo para o meu lado. Pulei em suas costas e, sem reduzir a velocidade, descrevemos um amplo círculo e voltamos para confrontar Lokesh novamente.

Está tudo bem. Vamos pegá-lo, mas não podemos deixar Lokesh controlar Durga, insistiu Ren. *Precisamos impedir o que quer que ele tenha planejado para ela.*

Enquanto falávamos, a deusa montada no tigre negro surgiu, saída da névoa. Anfímaco ergueu uma lança, pronto para receber Kishan e Durga. Kishan enfrentou-o com as garras, mas Durga parecia estar em transe.

Ren correu para eles enquanto eu erguia a Corda de Fogo e a brandia em torno da perna de Anfímaco. A chama azul cumpriu sua função. Ele gritou com uma dor terrível, agarrando a cabeça. Kishan saltou em seu pescoço e acabou com ele.

– Uma pena para ele. Não vai poder apreciar completamente a própria transformação. Quando estão mortos, não dói – zombou Lokesh por trás de mim, tirando o verdadeiro medalhão do bolso.

De repente, Durga saiu de seu transe. Ela levou o Lenço à sua espada, agarrou a lâmina com as mãos e formou uma pipa que a ergueu no ar, afastando-a de Kishan. Então voltou para o solo e sacou suas armas, apontando-as para mim. Joguei o corpo para o lado, mal me segurando em Ren enquanto o *chakram* voava sobre nossas cabeças.

Kishan saltou em nossa direção, mas escorregou numa poça de óleo e, quando caiu com violência, fios se enroscaram em seu corpo, aprisionando-o numa rede firme. Ele se debatia, tentando se libertar, enquanto Sunil seguia para ele com uma lança.

Ergui o arco e uma flecha, mas fios dispararam em minha direção e os arrancaram de minhas mãos. Uma corda se fechou em torno do meu tornozelo enquanto outra deslizava por minha

cintura, e eu fui arrancada das costas de Ren.

– Anamika! Pare! – gritei enquanto erguia a espada até seu pescoço. – Eu não quero machucar você!

Ela derrubou a espada da minha mão e habilmente puxou a Corda de Fogo de mim, enrolando-a em torno da própria cintura. Então usou o Lenço para me amarrar. Um por um, seus oito braços agarraram os meus e tomaram as outras armas de mim. Quando acabou, voltou-se para Lokesh.

– O que faço agora, Mestre?

– Diga-me, minha garota – ele arrulhou em seu ouvido –, qual é o segredo de seu poder?

– Nosso poder está nas armas – explicou ela numa voz hipnotizada.

– Kelsey tem algum poder próprio?

Meus olhos se arregalaram, e arquejei, tentando respirar, enquanto ela agarrava meu pescoço e apertava.

– Não mais do que eu – replicou Durga.

– Ah, então talvez...

Lokesh gritou quando Ren enterrou as garras em suas costas. O feiticeiro maligno caiu e rolou, mas não antes de Ren rasgar sua carne com as garras e morder-lhe o ombro. Lokesh se debateu com violência e usou o chifre para perfurar a armadura de Ren.

Ren se levantou com o sangue jorrando da lateral de seu corpo. Suas patas tremiam, mas ele se preparou para outro salto.

Lokesh se pôs de pé e berrou:

– Hoje você vai ao encontro de sua morte, príncipe Dhiren.

Ele levantou os braços, e lanças ergueram-se no ar, disparando na direção de Ren.

Gritei e recorri ao único poder que me restava: o fogo. Ergui a mão e lancei uma chama contra Durga, mas ela nem sequer reagiu quando queimei sua pele. Dirigir meu poder do fogo contra Lokesh também não funcionou. Ele imediatamente criou um escudo de pedra. Ren saltou na direção de Lokesh, garras estendidas e dentes à mostra. O demônio negro estalou os dedos e redirecionou as lanças para atingirem Ren em pleno salto.

– Ren! – gritei.

Pude sentir as pontas afiadas penetrarem seu corpo. Algumas das lanças resvalaram em sua armadura de prata, mas uma se enterrou no quadril, outra penetrou perto do pescoço e uma terceira perfurou a barriga exposta. Ren gritou e desabou pesadamente no chão. Lokesh desceu o casco fendido com toda a força na pata dianteira de Ren, e o osso se partiu.

A dor inundou a mente de Ren e eu gritei. Alguns segundos se passaram e percebi que ele me bloqueava, até que tudo o que eu podia captar dele era uma débil voz mental. Uma onda de poder entrou em meu corpo e eu soube que ele havia me dado toda a força que lhe restava. Meu tigre se esforçou para empurrar um último pensamento para minha mente: *Eu amo você, Kelsey*. E então sua voz foi cortada completamente.

Os fios do Lenço Divino foram se apertando em torno dos meus braços e pernas à medida que Lokesh se aproximava. Ele se inclinou sobre mim e arrancou a coroa de minha cabeça. Meus cabelos caíram em ondas e ele apanhou um cacho e o esfregou entre os dedos grossos. Então tocou

meu rosto com uma unha pontuda e imunda e a arrastou até a minha clavícula, deixando um feio arranhão.

– Você me enganou, minha querida. Não posso deixar isso passar sem punição.

Com um estalo violento, o último pedaço do amuleto foi arrancado de meu pescoço.

– Esperei muito tempo por isso.

As lágrimas escorriam pelo meu rosto. Anamika estava sob o poder de Lokesh, Ren encontrava-se incapacitado, se é que estava vivo, e Kishan estava amarrado em algum lugar. Eu me vi completamente só.

Um brilho de ouro enrolado no braço de Durga chamou minha atenção. Fanindra!

– Fanindra, me ajude – implorei, chorando abertamente.

Olhos verdes se iluminaram, e a cobra dourada ganhou vida. Então se lançou do braço de Durga e, com as mandíbulas bem abertas, cravou fundo as presas na mão de Lokesh. Ele gritou, mas Fanindra conseguiu picá-lo novamente antes de ser arremessada longe. A cobra dourada desapareceu na grama.

Imediatamente, a mão do feiticeiro maligno começou a inchar e o veneno dourado gotejou dos ferimentos. Ele deixou cair meu pedaço do amuleto no chão e agarrou o medalhão que controlava Durga.

– Mate-a – ordenou ele.

A deusa ergueu o *chakram* acima de minha cabeça. Fechei os olhos... e então senti algo nos atingir com força e nos empurrar. Garras arranharam minha coxa. Era Kishan! Sacudindo os últimos resquícios da rede de seu corpo, ele saltou sobre Durga enquanto Lokesh berrava de frustração. Ele tentou usar sua magia em Kishan, mas gritou de agonia e agarrou a mão ferida com a outra.

Torci para que aquele ferimento fosse permanente, embora reconhecesse que esse provavelmente não era o caso.

Kishan e Durga rolavam juntos, e ela o feriu com o *chakram*. Lokesh chamou Sunil, que avançava com dificuldade, uma perna destroçada retardando-o.

Um dos braços de Durga se debateu perto de onde eu estava amarrada, caída no solo pedregoso. Agarrei a ponta do Lenço e logo os fios que me mantinham cativa se dissolveram. Dirigi os dedos lentamente para a deusa e segurei a Corda de Fogo, tentando me mover o mínimo possível. Fechei os dedos com força em torno da Corda, sabendo que essa era minha última chance.

Sunil se aproximou e gritou com raiva, mas Lokesh o arremessou como uma boneca de pano.

– Deixe! Eu mesmo cuido desse espinho negro no meu pé!

Movendo a mão boa, Lokesh trincou os dentes e criou uma dezena de pedaços pontiagudos de gelo que ele mirou contra Kishan. Eu podia ver que usar o poder era penoso para ele. Lokesh deu um passo atrás, quase caindo em cima de Ren. Em retaliação, chutou com brutalidade meu tigre branco.

Ren continuava caído, imóvel, as lanças projetando-se de seu corpo em vários ângulos. Eu não conseguia mais sentir a presença dele. Fechando os olhos, chamei-o em minha mente.

Ren?

Nada. Nenhum calor. Nenhum batimento cardíaco. Nem mesmo um sussurro de pensamento.

Piscando, fitei seus olhos de tigre. O olhar vítreo me fez lembrar do tigre de pelúcia que eu havia comprado tanto tempo atrás. As lágrimas desciam pelo meu rosto em riachos, e eu tremia de aflição. Ren se fora.

A raiva me atravessou, e senti uma onda de força fluir pelo meu corpo. Usando o único poder que ainda me restava, eu me reposicionei atrás de Lokesh, arranquei a Corda, lancei o braço à frente e sussurrei:

– Por Ren.

Com um estalo, a Corda de Fogo se enrolou em torno do pescoço de Lokesh, que gritou em agonia.

Ele levou as mãos à Corda e puxou, tentando removê-la, mas isso só serviu para apertá-la ainda mais. O medalhão de zumbi ainda estava preso em seus dedos. Canalizei todo meu poder restante para ele. A luz percorreu o meu corpo, e senti o espírito de Ren. Fechei os olhos, e era como se ele estivesse parado atrás de mim, pressionando seu rosto contra o meu, uma última vez. Nossa combinação de força e vida era maior que a terra, o vento, o fogo, a água ou o espaço. Eu sabia que esse poder era o amor.

A luz dourada jorrava das minhas mãos e era transmitida ao longo da Corda. O medalhão de Lokesh virou cinzas. Uma onda de magia dourada o ergueu no ar. A luz era tão intensa que irradiou numa explosão e encheu o céu de cor. Um estrondo acompanhou o lampejo, fazendo tremer as montanhas e irrompendo funis de água dos lagos próximos.

Com um último e terrível grito, estava terminado. O corpo sem vida de Lokesh, o demônio Mahishasur que eu havia sido destinada a derrotar, tombou pesadamente no chão.

Minha energia se desvaneceu, e senti mãos espectrais deixarem minha pele. Meu rosto quente de repente ficou frio.

Ren? Por favor, não me deixe, implorei.

Você está no meu coração. Sempre. Sua voz quente sussurrou suavemente e então desapareceu.

Desabei no chão, meu corpo tremendo com soluços desesperados.



Amuleto reunido

Uma mão cálida deslizou pelo meu ombro.

– Kelsey?

A voz amorosa de Kishan tremia.

Sacudi a cabeça de um lado para outro com violência, incapaz de compreender o que havia acontecido, não querendo o conforto de ninguém que não fosse Ren.

Kishan cambaleou até o corpo do tigre branco. Com cuidado, ternamente, ele arrancou cada lança.

– Ele se foi mesmo, não é? – perguntei.

Kishan olhou para mim, as lágrimas enchendo seus olhos dourados, e assentiu. Engolindo em seco, ele fitou o corpo sem vida do irmão. Então escondeu os olhos com as costas da mão e deixou escapar um rugido horrível. Puxou a lança enterrada no peito de Ren, sacudindo o corpo de tigre de Ren, e deu meia-volta.

Correndo alguns passos na direção da forma inerte que havia sido Lokesh, ele ergueu a lança e a cravou no corpo do feiticeiro. Chorando abertamente, Kishan caiu de joelhos.

Durga se arrastou na direção de Ren e despejou elixir do *kamandal* em sua boca. O líquido, porém, apenas correu para o chão. Eu sabia que não adiantava. O elixir não podia ressuscitar os mortos. Ela o sacudiu algumas vezes e falou em sua língua nativa. As lágrimas também enchiam seus olhos. Uma emoção cresceu dentro de mim, e eu empurrei seus braços, afastando-os de Ren.

– Tire as mãos dele! Você nos traiu. Se não fosse por você, talvez ele ainda estivesse vivo.

– Eu tentei ficar para trás – explicou ela. – Kishan...

– Não ouse culpar Kishan por isso! – Apontei para Ren e então virei o dedo com fúria em sua direção para dar ênfase às minhas palavras. – Isto aconteceu porque você não teve competência! Tive que vir aqui, a este tempo, fazer o seu trabalho. Que bela deusa você me saiu. Bem, tenho uma novidade para você: para mim, chega de ser a sua escolhida. Entendeu? – cuspi.

Ela assentiu, abalada, e murmurou:

– Eu também o amava, irmãzinha.

– Amor? *Amor*? Como você *ousa* falar de amor? Você o conhecia há... quanto tempo?... um mês? Ele era meu muito antes de você colocar os olhos nele e era meu quando morreu. A única coisa que nos separou no passado ou no presente foi você. Você roubou as lembranças dele da mesma forma que o roubou aqui. Não fosse por você, ainda estaríamos juntos. O destino de Ren *nunca* foi ser

seu.

As lágrimas transbordaram pelos cílios dela.

– Mas eu nunca... – começou ela, parando porém quando me virei, completamente desinteressada por qualquer coisa que tivesse a dizer.

Eu tremia com a tensão, os punhos cerrados com força. Naquele momento, acho que poderia ter matado de novo. Ela se sentou nos calcanhares e me olhou boquiaberta, mas eu a ignorei. Então peguei uma das patas de Ren e alisei o pelo com a mão, pressionando meus lábios nela.

Meus muitos braços me atrapalhavam, então me enrolei no Lenço Divino e pedi que me fizesse voltar a ser Kelsey. Era tudo que eu sempre quis ser – apenas uma garota do Oregon que frequentava a faculdade e namorava o garoto que amava. Mas isso nunca mais aconteceria.

Tocando o broche, sussurrei instruções e minha armadura e as placas de metal que cobriam Ren encolheram. Em seguida, lancei a joia brilhante, com força, no chão, aos pés de Durga. Ela parecia abalada, traumatizada, mas eu não sentia um só grama de compaixão por ela. Sem dizer nada e com grande esforço, ela apanhou o broche, levantou-se e escapuliu para a mata.

Cheguei mais perto de Ren e coloquei sua cabeça no meu colo. Chorando, fiquei brincando com suas orelhas macias e lhe dizendo repetidamente que o amava.

– Por favor, volte – eu soluçava. – Eu preciso de você.

Estava cercada pela morte como em meu sonho de muito tempo atrás. Soldados mortos jaziam espalhados pelo campo. Cinzas de demônios cremados se remexiam na brisa. Meus pais, o Sr. Kadam, Ren. Todos haviam partido, e eu não sabia que outra razão me restava para viver.

Abracei Ren apertado e o embalei. Kishan se agachou ao meu lado, a dor irradiando de seus olhos. Senti uma pontada de culpa, que logo foi engolida por minha agonia avassaladora. Ele afastou um fio de cabelo colado ao meu rosto e o prendeu atrás de minha orelha.

Um movimento na grama chamou minha atenção, e uma cabeça dourada separou as folhas, movendo-se em minha direção. Sorri ao estender os dedos para tocar Fanindra. O amuleto de fogo estava enrolado no corpo delicado da cobra. Eu o tirei, e Fanindra deslizou pelas costas de Ren. Sua língua se projetou várias vezes enquanto ela observava os olhos vítreos do tigre.

– Você pode curá-lo? – perguntei.

Ela voltou a cabeça para mim e saiu de cima dele, deslizando pelo meu braço e por minhas pernas, e em seguida descansando a cabeça em minha coxa.

– Acho que isso é um não.

Estendi o braço esquerdo e ela aceitou o convite, enroscando-se nele, circulando-o até encontrar-se em sua posição favorita. Então enrijeceu, assumindo seu formato de joia.

– Não o teríamos derrotado sem você. Obrigada – falei baixinho, e seus olhos verdes brilharam por um instante antes de se transformarem em esmeraldas.

Kishan ficou parado em silêncio ao meu lado, à minha espera. Alisei o pelo na testa de Ren e deposei um beijo demorado no alto de sua cabeça.

– Eu amo você – sussurrei.

– Precisamos ir, Kelsey.

Minhas mãos se fecharam no pelo de Ren.

– Eu não vou deixá-lo aqui.

– Eu o carrego – sugeriu ele.

Assenti, pousei a cabeça de Ren ternamente no chão e me levantei.

Depois de limpar o amuleto e remover a corrente quebrada, entreguei-o a Kishan.

Ele o segurou com a mão em concha, tocou-o com um dedo e disse baixinho:

– Este foi o primeiro presente que dei a você. – Fechando os dedos sobre ele, olhou para mim e disse: – Parece que não pode ser consertado.

Alguma coisa no modo como ele disse aquelas palavras fez minha garganta se estreitar, mas afastei aquele sentimento e usei o Lenço para fazer uma fita. Quando o amuleto estava amarrado novamente no meu pescoço, eu me senti melhor.

– Pegue o restante do amuleto – instruí Kishan.

Lokesh jazia no chão, seus dois pares de chifres afiados apontando para o céu. O sangue de Ren ainda brilhava em um deles. Kishan rasgou o topo da túnica de Lokesh e puxou o amuleto, soltando-o. Colocou-o na minha mão aberta. Era um círculo quase completo com um tigre esculpido no centro.

Apertei o disco com força entre meu polegar e o indicador e disse:

– O sangue do capitão Dixon, do Sr. Kadam, de Ren e de incontáveis outros foi derramado por esse... demônio. Ele precisa ser completamente destruído.

Sem saber exatamente como ou por quê, eu sabia o que fazer. Usando o pedaço de fogo do amuleto, estalei a Corda de Fogo no chão. Uma fenda se abriu, alargou-se e aprofundou-se até o núcleo derretido da Terra. Chamas terríveis saltaram da fissura. Levantando minhas mãos, ordenei que uma rajada de ar erguesse o corpo de Lokesh, que subiu e pairou diante de nós.

Olhei nos olhos do monstro uma última vez. Eu quase podia ouvir sua risada de escárnio, e me perguntei se essa criatura iria me assombrar pelo resto dos meus dias.

Kishan tocou meu braço, interrompendo o transe. Recuei um passo e mandei o rei demônio para as chamas. Lokesh mergulhou na fenda. Quando ele não era mais nada além de cinzas, estalei o chicote mais uma vez, e a terra se fechou sobre ele.

– Estou feliz que ele tenha morrido – disse Durga baixinho, caminhando devagar em nossa direção, dessa vez acompanhada pelo irmão.

Sunil se apoiava pesadamente na irmã e nos olhava com ar de espanto, mas eu não estava com disposição para apresentações.

Dei as costas aos dois.

– Podemos ir agora, Kishan?

– Só um minuto, Kells.

A deusa entregou rapidamente o *kamandal* a Kishan. Foi então que vi o ferimento horrendo na lateral de seu corpo.

– Beba – ordenou ela.

Ele segurou o pulso de Durga e os olhos dela voaram para os dele.

– Beba – repetiu ela, dessa vez mais suave.

Kishan bebeu o elixir da sereia e ela então o levou para mim. Empurrei sua mão para longe.

– Você precisa se curar, Kelsey – disse ela.

– A dor que sinto não vai passar.

– Por favor, tome um pouco.

Depois de lhe dirigir um olhar duro e vendo que ela não iria desistir, peguei o *kamandal* e bebi. Imediatamente a dor nos meus músculos começou a diminuir.

Quando lhe devolvi a concha, ela perguntou:

– Tem alguma coisa que você possa fazer... por eles?

Ela indicou as tropas de pé à nossa volta, imobilizados em pedra e gelo.

– Posso tentar – repliquei.

Esfreguei o amuleto entre os dedos e senti com o polegar qual pedaço representava a água. O poder dos rios, dos oceanos e da chuva me encheu e, naquele momento, tive a sensação de que podia dissolver meu corpo e afundar no solo sobre o qual me encontrava.

Embora eu estivesse imóvel, senti o movimento da água à medida que me atravessava, turbulenta. Expandindo minha mente, encontrei os homens que estavam congelados e lentamente soprei calor em seus corpos. As moléculas de água se aceleraram, e os homens começaram a se mover.

Meu polegar deslizou e encontrei o pedaço da terra. Meu corpo se tornou subitamente pesado, indestrutível. O poder me estabilizou, me deu um centro. Percebi que a terra não se desespera nem sente a perda, pois todas as coisas vivas vêm dela e todas as coisas vivas retornam a ela. Voltando a me concentrar, achei os objetos de pedra presentes na área à minha volta e pedi que a vida fosse devolvida àqueles seres. A pedra obedeceu e se dissolveu, sendo reabsorvida pela paisagem. Os homens respiraram e viveram.

Durga caminhou entre os homens, ordenando que bebessem do *kamandal*. Sua atitude era cheia de compaixão, e cada um deles caiu de joelhos e voltou para ela os olhos cheios de confiança e reverência. Cruzei os braços diante do peito, determinada a não me comover com a exibição dela.

Depois que ela havia administrado o elixir a todos os homens, eles se reuniram e ela se voltou para nós:

– Estas pessoas precisam de descanso e de comida. Temos que levá-las para o acampamento e ajudá-las a se recuperar. – Então a deusa humilde voltou-se para Sunil, em deferência. – Se isso for aceitável para você.

– Você está certa, Mika. Devemos cuidar delas – replicou ele, recuando.

Ela assentiu e deu instruções para que retornassem ao acampamento. Ladeados por Durga e Sunil, os homens partiram imediatamente.

Com um hábil movimento dos braços, Kishan ergueu o corpo de tigre do irmão e solenemente seguimos nossas tropas. A cauda branca de Ren roçava o chão e sua cabeça pendia dos braços de Kishan. O ar me faltava, e tive que engolir o choro várias vezes.

No acampamento, usei o Colar de Pérolas e o Lenço para criar um balde de água morna e toalhas a fim de limpar o sangue do pelo de Ren. Kishan havia me deixado sozinha com ele numa barraca por um tempo, dizendo que voltaria para enterrar Ren depois que o acampamento estivesse montado. Havia algo de reconfortante em ficar só com meu tigre e preparar o seu corpo. Era um

último serviço que eu podia prestar ao homem que eu amava e, enquanto o limpava, ia falando suavemente com ele.

A luz diminuiu e eu me assustei quando ouvi um barulho.

– Há quanto tempo você está parado aí? – perguntei a Kishan.

– Tempo suficiente – respondeu ele, a expressão tensa.

Ele entrou na barraca, seguido por Durga e o irmão.

Um momento depois, a porta da barraca se abriu e uma cabeça careca surgiu por ela.

– Posso entrar? – perguntou Phet.

– Por favor! – respondeu Durga.

Phet avistou Ren naquele momento e abanou a cabeça.

– Esse é um desdobramento imprevisto e muito infeliz – disse ele, sentando-se em uma almofada.

– Você tem um talento para os eufemismos – repliquei, com novas lágrimas.

Phet tomou minha mão nas suas, morenas e enrugadas, e disse:

– Há esperança, minha flor. Vocês têm todos os pedaços do amuleto?

– Sim.

– Posso vê-los?

Tirei o pedaço do fogo do pescoço e o deitei em sua mão, então apanhei as partes usadas por Lokesh que eu havia posto no chão perto de mim e as entreguei também.

Quando removeu o pedaço do fogo da fita e a devolveu a mim, com a chave dourada de Kishan, ele explicou:

– O Amuleto de Damon é um Astra. Um Astra é uma arma cósmica, ou ferramenta, se preferir, que canaliza grande poder quando devidamente evocado.

– Evocado?

– Sim. Uma divindade irá responder a um encantamento e dotar uma arma com seus dons. Por exemplo, um Agniastra cria chamas inextinguíveis, um Suryastra gera luz brilhante e um Varunaastra produz uma vasta quantidade de água. Quanto maior o deus, maior poder o Astra exerce.

– Bem, e qual é este? – perguntei. – E como o evocamos?

– Vocês já usaram muitas das forças contidas nessas partes de amuleto individualmente, mas ainda não tiveram acesso ao poder do amuleto combinado.

Com um clique, Phet encaixou o pedaço do fogo no espaço vazio do disco. As bordas de cada seção brilharam brevemente com uma luz branca, e então os cinco pedaços tornaram-se um só. Ele ergueu o Amuleto de Damon, e a luz da fogueira cintilou na pedra.

Phet o entregou a mim e eu corri o dedo sobre o tigre entalhado no centro.

– Sabemos que Lokesh tinha poder sobre os elementos e mesmo sobre criaturas vivas – afirmei. – Agora que o amuleto está completo, o que você quer que a gente faça com ele?

– Bem, a primeira coisa que *eu* faria seria trazer de volta seu belo príncipe – disse Phet com uma piscada.

Olhei-o, boquiaberta.

– Eu posso mesmo fazer isso? – perguntei baixinho.

– Você não. O Damonastra pode. Mas você deve evocar o poder de Damon.

– Damon? O tigre de Durga?

O xamã hesitou e então escolheu as palavras com cuidado.

– O próprio. Damon se sacrificou, dando vida aos tigres no começo de tudo – explicou gentilmente. – Ele pode conceder a mesma dádiva novamente. Tudo o que você precisa fazer é ler o encantamento.

Estreitei os olhos, fitando as palavras em sânscrito que circulavam o amuleto. Nervosa, passei a língua pelos lábios e ergui a cabeça.

– Kishan? Você pode ler?

Kishan assentiu, sentou-se ao meu lado e me deu um abraço.

Apertando os lábios e traçando as palavras em torno do amuleto com o indicador, Kishan murmurou:

– *Damonasya Rakshasasya Mani-Bharatsysa Pita-Rajaramaasya Putra*. Quer dizer:

“O Amuleto de Damon
O Pai da Índia
O Filho de...
Rajaram.”





Troca de lugares

A palavra Rajaram mal havia escapado dos lábios de Kishan quando o Amuleto de Damon começou a brilhar. A inscrição em sânscrito pareceu flutuar acima da pedra, e a parte externa do disco começou a rodar. As palavras giravam cada vez mais rápido até se tornarem uma linha branca contínua.

- Agora, use o poder de Damon para trazer a vida de volta ao seu irmão – instruiu Phet.
- Mas como? – murmurou Kishan.
- A dificuldade não está em saber, mas em escolher.

Kishan fechou os olhos e seu corpo queimou com uma energia branca. Ele arquejou e tremeu.

Assustada, perguntei em desespero:

- O que está acontecendo com ele? Ele está sentindo dor?
- Kishan deve escolher se aceita ou não o preço de salvar o irmão.
- Um preço? Que preço? Kishan, não faça isso. Eu posso pagar o preço que for necessário.

Phet apertou meu braço.

- Isto é algo que Kishan precisa escolher, Quel-si. É o destino *dele*.

Kishan ficou ofegante. O suor escorreu pelo seu rosto. A cabeça e os braços foram lançados violentamente para trás, e ele gritou.

- Kishan! – berrei.

Eu ia segurá-lo, mas Phet me conteve e sacudiu a cabeça.

Enquanto Kishan se contorcia de dor e agonia, uma luzinha se ergueu de seu peito e se dirigiu para o tigre branco caído. Quando o feixe brilhante passou por mim, jurei que podia ver os símbolos sânscritos se retorcendo e girando em um arco em torno de Ren. Uma névoa fina se materializou e pairou acima do tigre; como uma sedosa mortalha.

De repente, o manto de luz se fundiu ao corpo de Ren. Kishan enrijeceu e caiu de quatro, gemendo e respirando pesadamente. Abracei seus ombros trêmulos. Enquanto seu peito subia e descia, tomei consciência do movimento de outro peito.

O tigre branco respirou fundo e Phet disse:

- Anamika, depressa. Ele precisa beber do *kamandal*.

Ela se colocou ao lado de Ren e gotejou o elixir em sua boca. Os ferimentos das lanças no corpo de Ren começaram a sarar.

- Agora, é sua vez, Quel-si. Cure-o com sua chama dourada.

– Mas... – hesitei. – Não tenho mais o amuleto do fogo.

– A chama dourada vem de dentro de você. Sempre veio.

Deixando Kishan e embalando o corpo do meu tigre branco, canalizei o que restava de minha energia para ele. Enviei-lhe meus pensamentos, sussurrando em minha mente e meu coração, incitando-o a viver. Senti o calor do fogo dourado me percorrer. O corpo de Ren zumbiu em resposta.

As feridas abertas sararam rapidamente e dentro de poucos minutos ele pôde virar em minha direção e se sentar. Quando suspirou de leve, enterrei o rosto no pelo branco de seu pescoço e o abracei, chorando de alegria.

Ren mudou de forma e me abraçou, me apertando contra o seu corpo. Encostando os lábios em minha têmpora, ele murmurou palavras em híndi enquanto acariciava minhas costas. Finalmente, ergueu a cabeça e perguntou:

– Como isso aconteceu?

– Seu irmão fez o sacrifício necessário – respondeu Phet sombriamente.

Todos nós voltamos a atenção para Kishan.

– O que ele está dizendo? – perguntei.

Kishan pigarreou.

– É difícil explicar. Uma vida restaurada não é algo fácil. Para trazê-lo de volta, tive que abrir mão de uma parte de mim.

– Ainda não entendi – retruquei.

Com relutância, afastei-me de Ren e me ajoelhei aos pés de Phet.

– Do que Kishan abriu mão? – perguntei.

Phet suspirou e disse:

– De sua imortalidade. Felizmente, ele foi forte o bastante para sobreviver ao processo.

O xamã deu tapinhas na minha mão quando uma lágrima escorreu em meu rosto.

– Não se preocupe, Quel-si, Kishan ainda vai viver por muito, muito tempo... bem mais do que várias vidas humanas.

Assenti e me ajoelhei ao lado do homem de olhos dourados, o homem no qual eu havia confiado desde que deixara o Oregon, o homem que estava apaixonado por mim. Seus cotovelos descansavam nos joelhos dobrados. Pequenos tremores ainda sacudiam seu corpo e sua respiração era superficial. Quando toquei seu ombro, ele me dirigiu um sorriso distraído.

– Obrigada por salvar Ren – sussurrei e o abracei.

Kishan esticou as pernas e me segurou pela cintura, me colocando em seu colo. Ele examinou meu rosto e com visível emoção disse:

– Eu faria qualquer coisa por você, Kelsey. Você sabe disso, não sabe?

Sorri ternamente e acariciei o seu rosto.

– Eu sei.

Os irmãos trocaram um longo olhar. Nada disseram, mas eu podia ver em seus rostos solenes que muito mais do que gratidão foi transmitido naquele silêncio.

Kishan me abraçou apertado. Quando me afastei, Durga e o irmão tinham saído e Ren estudava

as próprias mãos enquanto as esfregava lentamente. Phet se pôs de pé e anunciou:

– Vocês devem comer e descansar esta noite. Amanhã discutiremos o futuro.

Então ele saiu da barraca. Kishan me pegou pela mão e se levantou para sair. Ren também se pôs de pé, e eu me vi momentaneamente perdida em seu olhar ao passar por ele. Olhos azul-cobalto capturaram os meus, e meu coração esvoaçou como uma borboleta presa numa rede. Ren correu a mão pelo meu braço e nossos dedos se roçaram brevemente antes que Kishan me levasse para fora da barraca. Phet havia desaparecido.

Nós cinco nos reunimos para comer em volta da fogueira, mas depois de dirigir um rápido olhar a mim e a Kishan, parados lado a lado, as mãos entrelaçadas, Durga estreitou os olhos, disse que não estava com fome e se afastou, sumindo na escuridão.

– Ana, você precisa comer alguma coisa – gritou Kishan, mas a voluntariosa deusa amazona se foi.

Erguendo as sobrancelhas, Kishan me deu um beijo rápido no rosto antes de ir buscar o Fruto Dourado. Ren rapidamente ocupou o lugar do irmão ao meu lado.

– Peço desculpas por minha atitude... nada hospitaleira – declarei a Sunil enquanto nos aquecíamos diante das chamas. – As coisas foram...

– Muito estranhas – admitiu ele. – Eu não me senti desprezado. Na verdade, tenho muito que lhe agradecer. Peço perdão por minha irmã. Ela não está se comportando muito como a pessoa que conheço. Quando se lembrar, também voltará para agradecer.

Ri suavemente.

– Vou esperar sentada, mas obrigada.

Kishan retornou com o Fruto e parou ao ver Ren sentado comigo. Sacudiu a cabeça ao se aproximar, então, teimoso, sentou-se do meu outro lado, pressionando a coxa e o braço nos meus. De repente eu me sentia como se fosse uma camada muito fina de chocolate separando dois biscoitos recém-saídos do forno.

Ren, Kishan e um alegremente surpreso Sunil se distraíram um pouco ao comerem pizzas inteiras.

Quando Sunil estava em sua quinta fatia, perguntei:

– Como Lokesh capturou você?

– A ironia é que, se eu tivesse dado ouvidos à minha irmã, não teria sido levado – explicou Sunil.

– Ouvimos falar do demônio pela primeira vez há um ano. Rumores se espalharam, a partir de caravanas de comércio, de que ele estava reunindo um exército e que vilarejos inteiros estavam desaparecendo. Qualquer um que se aventurasse ao norte, perto das Grandes Montanhas, era advertido de que estava arriscando a vida, senão a própria alma. As pessoas diziam que quem o demônio líder olhasse nos olhos viveria uma eternidade escravizado a ele, um espírito do mal que nunca o libertaria. As histórias eram terríveis, e quando uma das caravanas mais carregadas de tesouros de nosso rei desapareceu, fomos finalmente enviados com nossos exércitos para cuidar da situação.

Ele parecia emocionado, mas não parou seu relato.

– Foi durante o segundo assalto que fui levado. Eu tinha sido atingido na cabeça e desmaiado. Anamika me encontrou e me levou de volta para o acampamento, e admito, com tristeza, que duvidei dela quando descreveu o destino horrível de nossos mortos. Eu não conseguia

compreender tanta maldade. Era impossível. Eu sempre fora o prático, o cético, e disse a ela que magia como aquela não existia.

– Mas você não viu os soldados inimigos? – perguntei.

– Lutamos contra eles em meio à névoa e, durante aquele combate, muitos deles usavam armadura. Como eu poderia pedir aos meus homens que lutassem contra magia? Eu simplesmente me recusava a ceder à especulação desenfreada e lhes disse que combatíamos homens inteligentes que usavam truques para assustar os inimigos.

Sunil dobrou os joelhos e os abraçou.

– Anamika era a crédula de nós dois. Ela venerava os deuses e sempre achou que alguma coisa, ou algum... poder, residia fora de nossa existência humana. Minha irmã mostrava grande fé em tudo que nosso professor lhe dizia, mas eu as via apenas como histórias fabricadas pela imaginação fértil de um monge.

Ele deu um sorriso encabulado e continuou:

– Depois de minha primeira derrota, ela descreveu terrores tão impossíveis de vencer que nossa única opção era baixar a cabeça e voltar para casa, envergonhados. Meu orgulho não permitiria isso. Alguns dias depois, vesti minha armadura e deixei apenas uns poucos soldados para trás com minha irmã. Ela chorou e implorou que eu não fosse. Um pequeno grupo de homens precisou contê-la fisicamente para que não montasse em seu cavalo e me seguisse. Ao partir, ouvi sua voz sendo levada pelo vento, pedindo que eu retornasse e que fôssemos embora daquele lugar de morte.

– Ela não queria perdê-lo – comentei.

– É... Quando a batalha começou, meus homens foram literalmente dilacerados. Eu tinha acabado de dar o sinal de retirada e feito meia-volta com meu cavalo quando ouvi um guincho vindo do alto. Patas imensas se enterraram no meu ombro e garras perfuraram minha pele. Fui levado pelo céu e largado num afloramento de pedra. Diante de mim estava o próprio demônio. Não sei como, mas ele me prendeu na lateral da montanha usando apenas a mente para congelar meu corpo. Eu ainda tinha consciência do que estava acontecendo, mas não podia fazer nada a respeito.

– Sei como é...

– Ele pegou minha faca e cortou a palma da minha mão, gotejando meu sangue em um talismã de madeira. Então disse: “Preciso de um comandante para o meu exército. É por isso que o mantive vivo, pequeno guerreiro.” Em seguida, começou a entoar um cântico, e o medalhão brilhou com uma luz vermelha e depois branca. A luz disparou em minha direção e entrou no meu corpo. A dor foi tão intensa que eu teria caído de joelhos e implorado pela morte se pudesse. Tudo escureceu e então meu corpo não estava mais sob o meu controle.

– Você se lembra do que aconteceu com você?

– Consigo me lembrar de trechos, mas era quase como se eu estivesse em um sombrio sonho acordado. As coisas que vivenciei aconteceram em um lugar distante, fora de mim. Isso faz sentido?

Ren concordou com a cabeça.

– E sua irmã? Ela sentiu essa dor? – indaguei.

– Sim – disse Kishan, categórico –, ela sentiu.

– Eu sinto muito.

Pus a mão no braço de Kishan quando Sunil se levantou, dizendo que ia procurar a irmã.

– Boa noite, Sunil. Vamos descansar um pouco, Kells – disse Kishan, e nós nos abaixamos para entrar em minha barraca. Ele dirigiu um olhar a Ren e acrescentou: – Você não tem outro lugar para ir, meu irmão?

Ren deu de ombros e sorriu atrevido para Kishan.

– Pense em mim como seu acompanhante. Está arrependido de ter me salvado?

Ren estava tão tranquilo em relação a esse fato que o lábio de Kishan se contraiu.

– Talvez – ele grunhiu e se ocupou arrumando um lugar para dormir.

Meu olhar cruzou com o de Ren e ele piscou para mim; então preparou o próprio lugar de descanso.

Deitando-me, enfiei os braços sob a cabeça e perguntei aos dois homens que me ladeavam:

– Vocês ainda podem se tornar tigres?

– Sim – responderam os dois simultaneamente.

– Então a maldição não foi quebrada. Ainda tem mais uma coisa que precisamos fazer, não é?

Kishan bufou e Ren disse:

– Acho que sim.

Virei-me para olhar seus olhos azuis à luz do fogo.

– É isso que me assusta – confessei.

Depois disso ficamos em silêncio, e eu adormeci ouvindo o fogo crepitando e a respiração profunda dos meus dois tigres.

No dia seguinte, encontramos Durga ocupada com os soldados que restavam. Ela era uma líder nata, e até mesmo o irmão recuou e a deixou comandar o exército. Escribas foram convocados para escrever cartas que seriam ditadas e enviadas por mensageiro para todas as tribos e reis que tinham interesse efetivo no resultado da batalha.

Eu podia perceber enquanto ouvia o relato que ela minimizava os próprios feitos e que, em vez de escrever sobre Kelsey, Durga, Ren e Kishan, as cartas mencionavam apenas as duas encarnações da deusa.

À medida que diferentes homens se apresentavam para partilhar sua interpretação da batalha, pensei em minhas pesquisas sobre Durga e finalmente compreendi de onde vinham todas as referências. Phet tinha razão. Nosso destino sempre fora tomar esse caminho. As histórias que eu lera eram as *nossas* histórias, e, se não nos tivéssemos mostrado dispostos a cumprir nossas missões, a história, como a conhecemos, seria diferente.

Os soldados falaram de lagos em ebulição, de tambores de batalha e do sopro divino da deusa, que deu vida a homens presos na pedra. Montanhas se sacudiram, uma deusa dançou nas copas de árvores arrancadas e rugidos de tigres foram ouvidos em todos os cantos do mundo.

Eles também listaram os poderes que tinham visto, e as palavras contidas nas profecias finalmente se tornaram claras. Com o Fruto Dourado, Durga podia alimentar milhões. O Lenço Divino iria ajudá-la a vestir as massas. O Colar de Pérolas seria usado para pôr fim à seca, encher rios e

providenciar água de beber, e a Corda de Fogo certamente cumpriu seu propósito de levar paz às nações ao me ajudar a matar Mahishasur.

A deusa Durga foi criada em um tempo de grande necessidade para derrotar um inimigo que nenhum homem poderia destruir. Uma mulher estava fadada a lutar contra o demônio Mahishasur, mas a História entendera mal. Não era uma mulher, mas duas. Dois avatares da deusa derrotaram Lokesh.

Phet disse que nosso futuro logo estaria determinado. Eu me perguntei se isso significava que precisaríamos ficar ali. *Eu poderia ser feliz vivendo no passado?* Como deusa, eu teria meus desejos atendidos. Milhares viriam nos venerar. Teríamos todos os presentes e armas à nossa disposição e também o Amuleto de Damon. O poder com que poderíamos contar era praticamente ilimitado. Poderíamos ajudar a muitos.

Suspirei. Eu não ansiava pelo poder supremo. Não queria liderar um império nem ser uma heroína para as massas. Viver como deusa era um nobre sacrifício. Eu passaria o resto dos meus dias servindo a outros, o que era uma coisa maravilhosa. Mas, lá no fundo, uma vida normal era o que eu de fato desejava. Queria ter a chance de ser mãe. De me casar com um cara maravilhoso – alguém que me levaria para jantar fora de vez em quando e com quem eu poderia implicar sobre as meias fora do cesto.

Essa era a vida que eu havia planejado.

Eu não queria ser mágica.

Não queria ser uma deusa.

Só queria ser... eu.

Anamika e eu passamos o restante da tarde organizando o acampamento. Era bom fazer alguma coisa útil, ajudava a manter mente longe do que quer que fosse que o futuro reservava.

Depois de um tempo trabalhando juntas em silêncio, eu disse a Anamika:

– Desculpe.

– Por quê?

– Por culpá-la pela morte de Ren.

Ela fez uma pausa enquanto dobrava um cobertor, então o colocou delicadamente no alto da pilha.

– Você estava certa em me culpar. Se Lokesh não houvesse matado Ren, eu teria tentado.

– Você estava sob o controle de Lokesh. Não foi culpa sua.

– Eu deveria ser forte o bastante para resistir a ele.

– Ninguém podia.

– Você pôde.

Suspirei.

– Ele não tinha o meu sangue.

– Ele... ele queria você. Pude sentir isso quando ele me controlou.

– Sim, ele queria um filho poderoso e achava que eu podia lhe dar um.

Anamika assentiu com a cabeça.

– Você é muito bonita. Entendo por que ele desejava alguém feito você como companheira.

– Eu? – Quase engasguei rindo. – Está falando sério?

– Eu não faço piadas, Kelsey. Todos eles a querem. Seus tigres são totalmente devotados a você. Os olhos deles nunca deixam o seu rosto. Você é como o sol para eles. É forte e poderosa, e no entanto sua pele é macia como uma flor e seu cabelo cheira a perfume. Você é pequena, o que faz um homem querer inflar o peito e tomá-la nos braços de modo a levá-la para um lugar seguro. Eu não sou como você. Sou grande e desajeitada. Meu cabelo está sempre desganhado e minha pele não é clara como leite de cabra. Eu luto com homens e com frequência os supero, o que faz com que se sintam fracos. Eles não têm nenhum desejo de ficar perto de mim, e qualquer homem que tente é logo afugentado quando discuto com ele. Meu temperamento é esquentado demais.

– Eu também tenho gênio forte. Você deveria ouvir algumas brigas que tive com Ren.

– Mas ainda assim tem muito amor envolvido.

– Tem – admiti.

– Quando eu estava com Kishan na batalha, nossas mentes se conectaram, e eu tomei conhecimento dos pensamentos dele em relação a você. Ele teme que você ainda esteja apaixonada pelo irmão. Você já amou Dhiren.

– Sim.

– Mas agora está noiva de Kishan.

– Estou.

Ela me observou em silêncio por um instante e então se levantou. Antes de deixar a barraca, ela disse:

– Invejo o amor dos dois irmãos por você. Trate-os bem, irm... Kelsey.

Anamika saiu, e eu fiquei na barraca, por muito tempo, pensando em suas palavras.

O pôr do sol naquele dia foi lindo. O céu estava cheio de nuvens gorduchas que refletiam faixas douradas, cor-de-rosa e laranja pelo céu. As montanhas púrpura e azuis lançavam suas sombras sobre o vale, mas os picos carregados com a neve branca cintilavam à luz do sol que esmaecia. O cheiro de pinho, carvalho e fogueiras enchia o ar.

Sentei-me entre Ren e Kishan quando nos juntamos aos homens de Anamika e Sunil, partilhando a refeição noturna. Eu me sentia alegre e em paz até que o ar tremeluziu e Phet apareceu.

Sem dizer nada, ele seguiu pela floresta até um pequeno vale protegido. Nós cinco o seguimos e, quando Phet se voltou para nós, meu estômago se revirou de nervosismo.

– Vocês estão com a Corda de Fogo? – perguntou ele.

Anamika assentiu, pegou-a em sua bolsa e a entregou a ele.

Ele enroscou a Corda em sua mão e disse:

– Estou orgulhoso de todos vocês. Realizaram um grande feito e protegeram o mundo contra o demônio. O palco foi montado, e agora chegou a hora de vocês assumirem suas posições e representarem seus papéis.

Os últimos raios do sol incidiram nas costas de Phet e cintilaram em sua careca. Podia ser uma ilusão, mas seu corpo parecia cercado pela luz. Uma ave bicava ruidosamente uma árvore ali perto.

Chegara a hora. O momento em que Phet quebraria a maldição do tigre, e Ren e Kishan poderiam

ser plenamente humanos. Tínhamos nos esforçado tanto para isso. Superado tantas coisas. Será que o universo lhes daria o que mereciam – uma vida normal – ou os dois de repente envelheceriam e morreriam diante dos meus olhos?

Eu não sabia o que iria acontecer, mas segurei as mãos dos dois com firmeza e pedi às estrelas ainda invisíveis que Ren e Kishan sobrevivessem a isso. Inspirando o aroma da floresta, engoli em seco, tensa, e fechei os olhos. Quando os abri, Phet sorria para mim, o que tomei como um bom sinal.

– Kelsey – disse ele –, é hora de você voltar para casa.

Agarrei-me às mãos dos meus tigres. Hesitante, perguntei:

– Mas o que vai acontecer com Anamika?

– Ela vai assumir o papel que o destino criou para ela.

Olhei para a mulher que se tornaria uma deusa. Ela mudou de posição, desconfortável diante da notícia.

– Vocês devem deixar todas as armas e presentes de Durga com Anamika, pois ela precisará deles – instruiu Phet.

Ren, Kishan e eu entregamos tudo à amazona de pernas compridas.

Ela ficou parada, rígida. Seu irmão lhe disse alguma coisa baixinho, mas Anamika se recusava a fazer contato visual com nós três. Sua expressão era impenetrável, e ela parecia determinada a não dizer adeus.

Alguma coisa em mim se suavizou e pus as mãos em sua cintura. Então a abracei com força e disse:

– Você é a mulher mais corajosa que conheço. Será uma Durga maravilhosa.

Ela hesitou apenas um segundo antes de retribuir o meu abraço. Sua expressão dura relaxou e se transformou em tristeza.

– Obrigada por me devolver meu irmão. Isso é mais do que mereço.

Deslizei Fanindra pelo meu braço e pressionei o nariz da cobra contra o meu.

– Nunca pensei que fosse me acostumar a ter uma cobra de estimação. Obrigada por salvar a vida de todos nós.

O corpo dourado da cobra cresceu e ela se enroscou em minhas mãos. A língua rosada projetou-se para fora e fez cócegas na ponta do meu nariz, e os olhos esmeralda cintilaram. Entreguei-a a Durga, que cuidadosamente reajustou Fanindra em seu próprio braço.

– Cuide bem dela – sussurrei.

– Vamos fazer companhia uma à outra – replicou a deusa. – Adeus, Kelsey.

Sunil sorriu e apertou meu braço.

Quando nos separamos, vi Ren cumprimentar Anamika com um aceno de cabeça e ela lhe dirigir um breve sorriso em resposta. Mas, quando Kishan deu um passo em sua direção com a mão estendida, a amazona se virou e abraçou o irmão. Kishan teimosamente esperou que ela olhasse para ele, mas Anamika se recusou.

Peguei a mão de Ren com a minha esquerda e a de Kishan com a direita. Eu tinha apenas a roupa do corpo. Durga ficaria com o Amuleto de Damon, as armas douradas e todos os presentes, e eu

retornaria ao meu tempo apenas com meus tigres e uma história louca. Estava pronta.

– Há ainda uma última coisa que precisa ser feita antes de eu mandá-los de volta, Quel-si – anunciou Phet.

Ele começou a proferir palavras em híndi e então perguntou:

– Vocês se lembram do primeiro trecho traduzido da profecia?

– “Procure prêmio de Durga. Quatro oferendas, cinco sacrifícios. Uma transformação. Fera torna-se mortal.”

– Correto. Vocês encontraram as quatro oferendas de Durga.

– Também oferecemos sacrifícios em seus templos – disse Kishan.

– Sim, mas neste caso os cinco sacrifícios mencionados não são de natureza material. Até agora vocês ofereceram quatro dos cinco sacrifícios. O primeiro foi quando Ren abriu mão de suas lembranças de Quel-si para salvar a vida dela.

Ren apertou minha mão enquanto eu prendia a respiração.

– O segundo foi quando o Sr. Kadam deu a vida para mandar Lokesh para o passado.

Agarrei-me ao braço de Kishan, as lágrimas brotando nos meus olhos.

– O terceiro sacrifício foi quando Quel-si se entregou à Fênix como uma esposa *sati*. Seu corpo queimou para que os tigres ficassem em segurança. O quarto sacrifício aconteceu ontem, quando Kishan desistiu de parte da própria imortalidade para trazer a vida de volta ao irmão.

Minha boca de repente ficou seca.

– Então o quinto sacrifício...?

– Deve ser oferecido antes que vocês possam retornar.

Eu não conseguia controlar o tremor nos meus braços e pernas. De repente, tinha a sensação de que todo o meu corpo era feito de água, e precisei fazer um grande esforço para me manter de pé.

– O que mais precisamos fazer? – sussurrei.

Phet me olhou com profundo pesar.

– Durga precisa de um tigre.

Caí de joelhos aos pés de Phet. As lágrimas escorreram pelo meu rosto.

– Não. Não. Não – murmurei repetidamente.

Então era isso. Eu estava tão perto de chegar em casa em segurança e agora um dos homens que eu amava ficaria para trás.

Durga deu alguns passos em minha direção, mas ergui a mão e me levantei sozinha. Ela parecia solidária, mas também um pouco esperançosa.

– Fique longe de mim – esbravejei. – Eu... eu simplesmente não consigo olhar para você neste momento.

Enquanto ela deixava os braços caírem ao lado do corpo, meu olhar correu para Ren e Kishan, que conversavam em voz baixa com Phet. Ren ergueu os olhos e o que vi neles me assustou. Seu olhar era todo tristeza e pesar.

Minha mão tremia quando cobri a boca e respirei rapidamente.

– Lamento muito por isso, Quel-si – disse Phet ao se aproximar de mim.

– Lamentar não resolve.

– Não, não resolve.

Comecei a andar de um lado para outro, olhando de tempos em tempos para Ren e Kishan, que discutiam acirradamente. Isso era o que eu sempre havia temido. Ren iria se sacrificar. Ele não podia evitar. Eu o conhecia muitíssimo bem. Se ele pudesse passar a vida inteira servindo ao mundo, faria isso. Abriria mão do que queria para que o irmão pudesse ser feliz. Iria ficar para trás com Durga. Seria um rei, um deus, e eu nunca, *jamaiz* tornaria a vê-lo.

Eu não conseguia mais olhar para eles. Dei meia-volta, corri para o meio das árvores e desabei em um tronco caído, soluçando. Meu coração estava partido. Ren fora ressuscitado somente para que eu o perdesse novamente.

Passado algum tempo, Kishan se agachou na minha frente e afastou o cabelo dos meus olhos que ardiam.

– Shh, *bilauta*. Vai ficar tudo bem.

– Como você pode... – Funguei ruidosamente. – Como pode dizer isso? Nós vamos... – Solucei. – Vamos perdê-lo *para sempre*.

– Venha – disse ele, puxando-me para que eu me levantasse. – Enxugue os olhos e tente sorrir. É hora de dizer adeus.

– Eu não posso, Kishan. Simplesmente não posso.

– Por favor, tente.

Ele beijou minha testa e usou os polegares para enxugar as lágrimas do meu rosto.

Assenti, mas olhar para ele e ver sua expressão terna e cheia de amor e paciência fez meus olhos se encherem de lágrimas outra vez.

Com carinho, ele disse:

– Eu quis você desde o primeiro momento em que a vi escondida nos arbustos, Kells. A verdade é que eu sabia que você estava lá o tempo todo. Pus os olhos em você naquele dia, e desde então não consegui mais tirar. Eu tentei, mas... – ele sorriu quando encostou a testa na minha – ...havia algo de irresistível em você. Estava tão perdida e ao mesmo tempo era tão geniosa... igual a uma gatinha com raiva. Eu queria aconchegá-la no meu braço e ficar com você.

– Kishan, eu...

– Eu sei que você o ama, Kelsey. Sei desde aquele dia na selva, quando confessou seus verdadeiros sentimentos a Saachi, sem saber que era eu disfarçado. Se fosse completamente honesto comigo mesmo, eu confessaria que sabia antes mesmo disso.

Ele respirou fundo e sua voz tremeu.

– Eu disse a mim mesmo que enquanto você usasse meu anel, enquanto me quisesse, precisasse de mim, eu estaria ao seu lado. Eu tentaria me tornar o tipo de homem que você poderia amar. Existe amor entre a gente, não existe, Kells? – perguntou ele quase com desespero.

– Sim – respondi enquanto afastava o cabelo do seu rosto. – Não posso abrir mão de você mais do que dele.

Ele deu um riso trêmulo e assentiu com a cabeça.

– Era exatamente isso que eu precisava ouvir. – Com um ligeiro sorriso, beijou minhas mãos, uma de cada vez, e disse: – Agora me dê um beijo de adeus, *bilauta*.

– O quê? Adeus? O que você...

Kishan me interrompeu com um beijo. Envolvendo meu corpo num abraço, ele me beijou delicada e melancolicamente. Minha mente girava com perguntas, preocupações e confusão; mas de repente tudo isso perdeu a importância enquanto eu me concentrava no homem que me amava tanto que estava disposto a abrir mão de mim.

Passei os braços por seu pescoço e o puxei mais para mim. As lágrimas escorriam por nossos rostos. Eu sentia o sal delas. Então direcionei todo o meu amor e toda a minha afeição por aquele homem para aquele beijo. Ele queimou com ardor e paixão por alguns instantes e então mudou para algo suave, terno. Quando seus lábios deixaram os meus, percorreram minhas bochechas e minhas têmporas enquanto Kishan me abraçava forte.

Pousei a mão sobre o coração do meu tigre negro e soube que eu nunca mais seria a mesma sem ele.

– Por que está fazendo isso? – perguntei fungando.

– É a coisa certa, Kelsey.

– Não posso desistir de você, Kishan. Como ousam nos pedir para fazer essa escolha?

Ele acariciou meu cabelo de leve e disse:

– Uma vez, há muito tempo, você me pediu que a deixasse ir. Lembra-se?

Assenti de encontro ao seu peito.

Após um momento, ele tomou minhas mãos e as virou para cima. Então pousou um beijo delicado em cada palma e disse:

– Agora sou eu quem está pedindo, Kelsey, que *me* deixe ir.

Estremeci.

– É isso mesmo que você quer?

Ele hesitou apenas brevemente antes de responder:

– É o que precisa acontecer.

Chorei com vigor renovado enquanto Kishan massageava meus ombros e minhas costas e depositava beijos em minha testa. Por fim, ele suspirou e perguntou:

– Está pronta?

– Não. – Passei as mãos pelo rosto. – Prometi a você um final feliz.

Ele sorriu.

– Meu final ainda não foi determinado. – Ele tomou meu rosto nas mãos e prometeu: – Vou ter sempre um pedaço seu no meu coração, Kelsey Hayes.

– E eu vou guardar um lugar para você no meu, Kishan Rajaram.

Tomando minha mão, ele pressionou uma chave dourada na palma e fechou os dedos sobre os meus de maneira decidida.

– Mas a chave é sua – protestei.

– Leve-a com você e construa uma casa como aquela de que falamos.

– Vou construir – sussurrei.

Ele beijou minhas pálpebras fechadas.

– Está na hora, Kells.

Passando minha mão pelo seu braço, voltamos para onde os outros estavam. Pouco antes de sairmos de entre as árvores, ele parou.

– Você vai se lembrar de mim?

– Como pode me perguntar isso?

Ele deu um gemido.

– Prometa-me uma coisa.

Olhei dentro daqueles olhos dourados cheios de aflição e tristeza e disse:

– Qualquer coisa.

– Prometa que vai ser feliz.

Assenti com a cabeça, enquanto ele enxugava mais lágrimas no meu rosto com os polegares e me guiava para além das árvores.

– Estamos prontos – anunciou Kishan.

Ele me levou até Ren e pôs minha mão na de seu irmão. Os olhos azuis brilhantes de Ren estavam vermelhos e cheios de lágrimas não derramadas, mas encontraram os meus sem constrangimento, e ele apertou minha mão delicadamente.

– Tome conta dela – Kishan pediu ao irmão.

Ren segurou o braço de Kishan e disse com um tremor na voz:

– Seu na vida, Kishan.

– Seu na morte, Dhiren – completou Kishan.

– Obrigado – disse Ren baixinho.

– Esforce-se a vida toda para merecê-la, irmão.

Quando Ren assentiu, Kishan esticou os dedos para deslizá-los brevemente pelo meu queixo antes de se virar. Então parou perto de Durga e cruzou os braços diante do peito. Nenhum dos dois olhou para o outro.

Phet deu um passo à frente.

– Um sacrifício foi feito. Kishan a partir de agora será conhecido como Damon, o tigre de Durga. Ele irá conservar o poder de se curar assim como a habilidade de assumir a forma de tigre, embora não haja limite para o tempo que ele pode permanecer humano. Quanto a Ren...

Phet ergueu o Amuleto de Damon e murmurou algumas palavras. Uma luz brilhante circundou o objeto e pareceu atrair uma névoa branca do corpo de Ren e puxá-la através do disco.

– A transformação está feita. A fera tornou-se mortal. – Phet avançou mais alguns passos e segurou o ombro de Ren. Seus olhos também estavam cheios de lágrimas. – Parabéns, filho.

Ren pôs a mão no peito e arquejou.

– Ele... ele se... foi. O tigre se foi.

– Você é novamente mortal – afirmou Phet. – Vai ter um tempo de vida normal, como se estivesse recomeçando aos 21 anos.

Phet se aproximou de mim e pegou minha mão direita. Pressionou a dele sobre a minha até que a tatuagem de hena que fizera em mim brilhou vermelha e em seguida se apagou. Ele deu tapinhas em minha mão agora desnuda. Afastando-se, estalou a Corda e o fogo percorreu toda a sua extensão. Então ele descreveu com ela um movimento circular para abrir um vórtice.

– Três de vocês vieram ao passado e três devem retornar. Sunil?

– Não! – arquejou Durga, em choque. – Você *não* vai levar meu irmão.

– Um que eles amam por um que você ama, Anamika. É assim que o universo mantém o equilíbrio.

– Isso não é justo! Meu fardo é pesado demais para suportar!

– Damon irá ajudá-la – disse Phet.

Ela estreitou os olhos, voltando-os para Kishan, que aceitou seu escrutínio com paciência.

Dirigindo-se ao irmão, ela tomou-lhe as mãos.

– Eu nunca pedi isso – disse ela, a voz embargada.

– Shh, Mika – murmurou Sunil. – Vai ficar tudo bem. Phet me falou sobre isso ontem à noite, e eu concordei. – Ele segurou o braço dela e explicou: – Já não há lugar para mim aqui, irmã querida. Os exércitos buscam a sua orientação agora. Você é a líder deles. Se eu ficasse ao seu lado, só serviria para lembrar a eles que você um dia foi humana. Os homens iriam testá-la, questioná-la e me usar como desculpa para tentar tirar o poder de você. Deve-se espalhar a notícia de que Anamika e Sunil Kalinga morreram nessa batalha. Durga sobreviveu, e é Durga que você deve ser agora. Conserve esse poder com cuidado. Guarde-o. O mundo está nas suas mãos, minha irmã. Não é fácil deixá-la, mas, para que você ocupe seu verdadeiro lugar na História, é o que devo fazer.

– Como vou fazer isso sabendo que meu irmão existe em outro tempo, em outro lugar?

– Da mesma forma que eu farei. Enviarei meus votos a você pelas estrelas. Tenho tanto orgulho de você, Mika.

Ele beijou a irmã gêmea nas duas faces.

– Vou sentir saudade, Sunil.

– E eu vou pensar em você todos os dias.

Ele segurou o braço de Kishan.

– Você vai cuidar da minha irmã?

– Irei protegê-la com a minha vida – prometeu Kishan.

Os dois homens se estudaram por um momento antes que Sunil assentisse. Todos tomamos um último gole do *kamandal* para que fosse mais fácil suportar a pressão do universo.

Virei-me para olhar nos olhos dourados de Kishan uma última vez. Ele sorriu suavemente e sussurrou:

– Eu amo você.

Então Ren me pegou pela mão e juntos corremos para o vórtice, com Sunil ao nosso lado.

Quando saltei, ouvi Kishan dizer baixinho:

– Adeus, *bilauta*.

Os pensamentos arrastaram garras afiadas no meu coração, ameaçando rasgá-lo. Fechei os olhos e, num sussurro, pedi ao universo que, por favor, tomasse conta de Kishan e desse a ele a vida que tanto merecia.

Levando o anel de Kishan aos lábios, entreguei-me à escuridão.



Promessas

—Kelsey. Srta. Kelsey. Acorde!

Alguém sacudiu meu ombro, e eu gemi.

– Vamos, Srta. Kelsey. Por favor.

– Ei, Barbie Guerreira mandona, me deixe dormir – resmunguei e rolei no ladrilho frio e liso. Apoiando a palma na superfície dura e levantando parte do corpo, abri um olho embaçado.

– Onde estou?

– Você está em casa – respondeu uma voz amistosa.

– Em casa?

Sentei-me e esfreguei os olhos. *Nilima!*

Eu estava sentada sob um raio de sol no vestíbulo da casa de Ren.

Ela me abraçou, e ambas nos viramos quando ouvimos um gemido.

– Ren?

Fui engatinhando até ele, que piscava e se sentava.

– Você está bem? – perguntou-me ele, segurando meu rosto.

Pus a mão sobre a dele. Seus olhos procuraram os meus, e eu sabia que ele estava se referindo a mais do que minha saúde física.

– Vou ficar – respondi baixinho.

Ouvimos outro gemido e encontramos Sunil esparramado no grosso tapete da sala de música. Nilima deu a volta por nós e seus olhos se arregalaram ao ver o estranho.

Tentando se orientar, Sunil ficou de pé e olhou perplexo para o piano de cauda, os violões de Ren e o gigantesco aparelho de som reluzindo diante dele.

– Bem-vindo à nossa casa – disse Ren. – Vamos colocá-lo no quarto de Kishan por enquanto.

Sunil assentiu, distraído, enquanto estendia a mão para tocar os quadros emoldurados e um abajur antigo, mas, quando Ren puxou Nilima para a sala a fim de fazer as apresentações, o estranho, vindo de séculos antes, ignorou tudo que não fosse a mulher à sua frente.

Sunil sorriu, e eu me vi novamente impressionada por sua beleza. Os olhos verdes cintilaram quando ele tomou a mão de Nilima. Curvando-se, ele levou sua testa à mão dela e disse:

– É uma honra cumprimentar alguém tão linda. Obrigado por sua hospitalidade.

Nilima estreitou os olhos, desconfiada, e puxou a mão de volta.

– Por nada. – Voltando-se para Ren, perguntou: – Quem é ele? E onde está Kishan?

– Kishan... não vai voltar – disse Ren em voz baixa.

Nilima voltou os olhos inquisidores para mim. Engoli em seco e assenti, sentindo a dor de deixar Kishan subir até minha garganta.

– Não me digam que o perdemos também, por favor – suplicou ela.

– Ele não morreu, cara dama – explicou Sunil. – Ele ficou no passado para cuidar de minha irmã.

– Quem é sua irmã e por que ela é tão importante assim para exigir a atenção dele? – indagou Nilima, impulsiva, com lágrimas nos olhos.

– Minha irmã é a deusa Durga. E seu irmão, Kishan, tornou-se o tigre Damon. Ele irá servir ao lado dela.

– Ah – disse Nilima, e deu um passo atrás, cambaleando um pouco.

A tristeza tomou conta do rosto de Sunil.

– Perdoe-me. Lamento ser o portador de notícias que lhe causam dor.

Ren abraçou Nilima.

– Temos muito o que lhe contar.

Ela enxugou os olhos e endireitou os ombros.

– Talvez fosse melhor vocês me contarem tudo o que aconteceu nesses últimos seis meses. Já estamos em junho.

Ren e eu não podíamos acreditar que tanto tempo havia se passado. Fomos os quatro para a sala do pavão e passamos a tarde toda falando de nossas viagens. Sunil fez muitas perguntas sobre como obtivemos os presentes de Durga e ficou fascinado com o Reino do Fogo. Permaneci sentada perto de Ren e não falei muito. Apenas ouvia sua voz calorosa enquanto ele pacientemente respondia pergunta após pergunta.

Mais tarde naquela noite, liguei para minha família adotiva. Nilima lhes mandara cartões em meu nome, mas era bom ouvir a voz deles. Mike e Sarah tinham mil perguntas e histórias para contar. Eles não eram meus pais de verdade, mas também faziam parte do que eu viera a chamar de lar, e falar com eles ajudava a aliviar um pouco a dor de perder Kishan.

Ao cair da noite, Nilima trouxe comida, porém eu não estava com muito apetite. Ren me manteve perto dele, com um braço à minha volta. Adormeci aninhada no seu peito, ouvindo os três conversando baixinho.

Acordando de repente na mais completa escuridão, descobri que estava deitada em meu quarto no segundo andar. Automaticamente minha mão voou para o lado da cama, procurando meu tigre. Ele não estava lá. Sonolenta, cambaleei até a porta de correr da varanda e a abri.

– Kishan? – chamei baixinho.

Mas não havia nenhuma cauda negra pendendo preguiçosamente do banco do balanço.

A realidade me atingiu em cheio: eu nunca mais veria meu tigre negro. As lágrimas desceram, fazendo cócegas no meu rosto como macias asas de fadas. Fechei a porta e apoiei a testa no vidro.

– Ren? – sussurrei, mas não houve resposta.

De volta à cama, agarrei a colcha da minha avó e me enfiei embaixo dos lençóis. Minha mão tocou em pelo, me assustando, mas rapidamente percebi que era apenas o tigre de pelúcia que eu havia comprado no Oregon tanto tempo atrás. Puxei-o para perto, deitei a cabeça em suas patas e

adormeci.

Depois de tomar um banho quente e de vestir roupas limpas na manhã seguinte, eu me sentia mais humana. Encontrei Sunil na bancada da cozinha, tendo uma aula de como usar o micro-ondas. Uma variedade de itens para o café da manhã estavam espalhados pelo balcão.

Escolhi um prato de pêssegos frescos fatiados sobre *waffles* aquecidos enquanto observava Sunil e Nilima, que estava estranhamente agitada. Ela corava com frequência, ao passo que ele parecia não se importar nem um pouco com o fato de se encontrar em território estranho.

Após a aula de utilização do micro-ondas, Sunil rapidamente apanhou um copo e pediu outra demonstração de como obter “cubos gelados”.

Sorri, pensando que era melhor Nilima tomar cuidado; Sunil era bem esperto. Enquanto ela lhe mostrava como usar a geladeira, vi que ele estava prestando mais atenção nela do que no que ela ensinava. Mexendo minha caneca de chocolate quente, perguntei-me o que Anamika acharia de seu irmão cortejando Nilima.

Depois de um café da manhã substancial, perambulei pela casa e encontrei Ren no quarto do Sr. Kadam, lendo algumas anotações.

Fechando o livro com um estalo, ele se levantou e tomou a minha mão.

– Dormiu bem? – perguntou.

Dei de ombros, sem saber exatamente o que dizer. Ele franziu de leve a testa e baixou os olhos.

– Você... – engoliu em seco – ...você quer ir para casa? Para o Oregon?

– Eu... eu não sei. Não tenho certeza – admiti com sinceridade.

Ren, Kishan e eu estivéramos focados em um objetivo por tanto tempo que agora que nossa tarefa estava concluída eu me sentia um pouco sem rumo.

Assentindo com a cabeça, ele beijou o meu rosto.

– Por favor, me fale quando decidir – pediu ele, então se virou e deixou o quarto.

Mas o que foi isso?, eu me perguntei.

No dia 24 de junho, uma semana depois de viajarmos pelo vórtice, eu me vesti com capricho e fiz escova no cabelo antes de descer. Nilima deixara um bilhete dizendo que estava levando Sunil para comprar roupas na cidade e que eles iriam ficar até tarde para jantar. Tomei o café da manhã sozinha e então procurei Ren, mas ele também não estava.

Sem muito o que fazer, li durante a maior parte da tarde, atendi uma ligação de Mike e Sarah e então fui para a sala de TV. Fiz pipoca e me lembrei com carinho de como Ren, Kishan e eu gostávamos de ver filmes devorando grandes tigelas de pipoca.

Quando o filme a que eu estava assistindo chegou ao fim, fiquei surpresa ao ver que já estava tarde. A cozinha encontrava-se nas sombras, e Nilima e Sunil ainda não haviam retornado.

– Bem, feliz aniversário para mim – murmurei e subi, indo para o meu quarto.

Sem nem mesmo me dar ao trabalho de acender a luz, deslizei a porta de vidro e saí para a varanda escura. Estrelas piscavam no céu, e a fonte cintilava lá embaixo.

Dois anos haviam se passado desde a minha festa de aniversário no circo. Dois anos desde que eu

conhecera o querido Sr. Kadam e fora arrebatada para o incrível mundo da maldição do tigre. Eu estava com 20 anos. *O que deveria fazer agora?*

Eu tinha lutado contra *kappa*, dragões e um *kraken*. Fora mordida por um tubarão gigante, sobrevivera à incineração de uma Fênix, jantara com fadas e matara um rei demônio que tinha a intenção de me tomar como esposa. Eu possuía um poder ilimitado, mas ele me havia sido tirado. Esfreguei os braços, isso, porém, não fez o sentimento de vulnerabilidade diminuir.

Eu estava de volta ao meu mundo, um mundo que deveria ser familiar, e no entanto não era. Pela primeira vez em dois anos, eu não sabia o que fazer em seguida. A sensação não era muito diferente da que experimentei no dia em que meus pais morreram. Aquela experiência havia me modificado para sempre, e as coisas por que eu passara nesses dois últimos anos também deixaram cicatrizes.

Minha garganta se fechou quando me perguntei de novo por que Ren estava me evitando. *Será que ele me culpa por sua morte? Será que queria ter ficado para trás? Será que se sente obrigado a cuidar de mim?*

Alimentei brevemente a ideia de voltar para o Oregon sem ele, mas eu já havia feito isso uma vez. Ren e eu precisávamos conversar antes que eu tomasse alguma decisão importante. Devíamos isso um ao outro.

Enxuguei uma lágrima no olho e ouvi uma porta se abrir.

Ren saiu na varanda e se aproximou, mas parou a alguns metros, apoiando os cotovelos no parapeito. Ele olhou para a piscina e disse baixinho:

- Feliz aniversário, Kells.
- Pensei que tivesse se esquecido – repliquei sem olhar para ele.
- Eu me lembrei. Só não sabia se você queria celebrar.

Dei de ombros.

- Acho que não.

Ficamos ali, parados em silêncio por alguns momentos. Sentia minha pulsação latejar à medida que os segundos iam passando e a tensão entre nós crescia. Esperei que Ren dissesse alguma coisa, mas ele nem sequer me olhava. Por fim, não pude mais suportar. Voltei-me para ele e perguntei emocionada:

- Por que está me evitando? Lamenta que tenha sido você a me trazer para casa?

Ele se empertigou e me olhou, confuso.

- É isso que você pensa?
- Não sei o que pensar. Você não passou mais que dois minutos consecutivos comigo desde que chegamos. Se não me quer aqui, é só dizer.

Meus olhos ardiam, e uma lágrima saltou para o meu rosto.

Cobrindo a distância que nos separava, ele tocou meu queixo, inclinando minha cabeça de modo que eu o encarasse. Seus olhos azul-cobalto estavam cheios de emoção.

- Você acha que eu não a quero? – perguntou ele, a expressão incrédula. – Kelsey, eu quero você mais do que o ar para respirar. Eu só pensei em lhe dar espaço. Você amava Kishan. Ficou arrasada por deixá-lo para trás. Qualquer um podia ver isso.

Meus dedos deslizaram pelo pulso dele, e admiti:

– Prometi a Kishan que uma parte do meu coração será sempre dele.

Ren baixou os olhos e assentiu.

– Eu entendo.

Ele se afastou de mim, como se fosse sair.

Uma fúria justificada percorreu meu corpo.

– Alagan Dhiren Rajaram! – gritei. – Não ouse se afastar de mim!

Dando dois passos gigantescos à frente, meti o dedo em seu peito.

– Você não entende nada! – acusei. – Estou apaixonada por você há dois anos. Se ainda não percebeu isso, então não sei mais o que dizer. Eu amava Kishan, sim, mas até *ele* sabia que estava *apaixonada* por você. Além disso, era você quem estava disposto a ficar no passado com Durga. Se alguém deveria estar hesitante em relação ao nosso relacionamento, esse alguém sou eu!

Ren avançou em minha direção, e engoli em seco, recuando até bater no parapeito. Segurando-me pelos ombros, ele declarou:

– Vamos esclarecer uma coisa, Srta. Hayes. Eu não estava nem um pouco disposto a deixar você. Disse a Phet que não dava a mínima para preservar a História nem para Durga e também não ligava se ela precisava ou não de um tigre. Tudo o que eu queria era ficar com você. Se isso significava ficar no passado, então eu ficaria no passado. Se isso significava voltar para casa, então eu voltaria. Eu só serviria a Durga se você estivesse comigo. Kelsey, eu *nunca* teria deixado você vir embora.

– Ah.

Minha voz falhou.

Ren deslizou as mãos até o meu pescoço, segurando-o.

– Kelsey, minha teimosinha linda, se você está me dizendo que está pronta para ficar comigo, então saiba que eu estou mais do que pronto para ficar com você.

Ele enxugou uma lágrima do meu rosto com o polegar e me observou intensamente com seus olhos hipnóticos, à espera da minha resposta.

Ergui a mão, afastei o cabelo sedoso de sua testa e disse simplesmente:

– Ren, você é tudo que eu sempre quis.

Um sorriso suavizou seus lábios de escultura, e ele baixou a cabeça para me beijar. O beijo doce acendeu uma chama que crepitava e devorava. Fazia tanto tempo desde que tínhamos nos beijado que de repente eu não conseguia me saciar.

Correndo as mãos pelas minhas costas, ele desceu as palmas devagar pela minha cintura e sobre as curvas dos quadris, puxando-me vorazmente contra seu peito. Nossos corpos estavam colados um no outro, mas eu queria ficar ainda mais perto dele. Queria estar envolvida por ele.

Minhas mãos agarraram-lhe a cintura e, ganhando coragem, deslizei-as, subindo pela parte externa da camisa de seda. Meus dedos brincaram ao longo de seu abdômen. Ren sussurrou meu nome, e corri a palma das mãos por seu peito largo e pelos ombros, em torno do pescoço e entre os cabelos. Eu não tinha certeza se o gemido vinha dele ou de mim.

Ren subiu as mãos lentamente pelos meus braços nus, acariciando-me com a ponta dos dedos e estimulando os pontos sensíveis ao longo da minha clavícula e do pescoço. Traçou uma linha de

beijos ao longo do meu maxilar até a orelha, fazendo a pele dos meus braços se arrepiar.

Movendo-nos como se fôssemos um só corpo, nos recostamos no banco e eu me aninhei em seu peito. Minha mão estava presa pela dele, pressionada contra seu coração. Seus beijos apaixonados se suavizaram e se tornaram doces e ternos, lentos, aveludados e incrivelmente sedutores. Em cada carícia delicada, eu sentia seu amor por mim com tanta clareza quanto se pudesse ouvir seus pensamentos. Quando seus lábios encontraram minha orelha, ele murmurou palavras de carinho e promessas afetuosas, e eu me vi perdida na inebriante experiência, até que algo que ele disse me deteve.

Prendi a respiração.

– O que você disse? – perguntei.

Sua expressão era toda amor e afeto. Ele sorriu, hesitante.

– Perguntei se você quer ser a minha esposa – disse ele simplesmente.

Fitei seus olhos azul-cobalto e sorri.

– O que você faria se eu dissesse: “Se você tem que pedir, então a resposta é não”?

Seus olhos se estreitaram, brincalhões.

– Acho que eu teria que seduzir você para arrancar um sim.

– Nesse caso, minha resposta com certeza é não.

Com um brilho determinado nos olhos, ele percorreu a linha do meu maxilar com os lábios e murmurou alguns trechos da minha peça preferida.

– Pois bem, Kells, eu sou o marido que vos convém. Outro marido que não seja eu, não poderás ter nunca, pois quero Kelsey para esposa.

Fazendo um carinho em sua orelha com o nariz, sussurrei, provocante:

– Você me considera tão teimosa quanto Catarina, Petruchio?

Ele apertou minha cintura.

– Eu ainda não ouvi o seu “sim”. Isso prova que você não só é teimosa como também insensível – disse ele com um sorriso torto.

Alguns momentos e alguns beijos incrivelmente ardentes depois, ele tornou a pedir:

– Case-se comigo, Kelsey. Quero que você... – Eu assenti e senti seus lábios sorrindo de encontro ao meu pescoço. – ...seja minha mulher.

Hum-humm foi o único som que pude produzir.

– Isso não conta – protestou Ren, e se afastou para tomar minhas mãos nas dele.

– Kelsey Hayes, eu amo você. Meu lugar é ao seu lado. Há dois anos sou seu, de corpo e alma. Meu destino sempre foi você. Seja o meu refúgio, *priya*. Seja minha esposa.

Ele olhou meu rosto com seriedade, e meu coração ficou paralisado. Não estava mais na hora de brincar. Levei suas mãos aos meus lábios e beijei a palma de ambas.

– Meu coração é seu, Alagan Dhiren. Ficarei honrada em ser sua esposa.

Ele sorriu, triunfante, e meu coração pulou de alegria quando ele me pegou no colo. A felicidade de Ren me invadiu até eu rir, encantada ao saber que não havia perdido meu tigre, afinal. Construir uma vida com Ren seria uma jornada incrível, talvez até mais mágica que todas as nossas aventuras. O futuro parecia ao mesmo tempo luminoso e cheio de esperança.

Enlacei seu pescoço com os braços e, entre beijos carinhosos, ele perguntou:

– Você... quer... seu presente de aniversário agora?

– Ele pode esperar até amanhã? – indaguei, pressionando os lábios em sua testa.

Ele me puxou para mais perto, sorriu e disse:

– Com certeza.

Fiquei rindo até que ele segurou o meu rosto e levou meus lábios de volta aos seus.



Corda do Futami

Dizer que Nilima vibrou ao saber de nosso noivado seria pouco, e, à sua maneira eficiente e elegante, ela nos ajudou a organizar o casamento.

Ren me encarregou da lista de convidados, que era muito curta, considerando-se que não havia muita gente a ser convidada nem do lado do noivo nem da noiva.

Foi Nilima quem sugeriu que nos casássemos no Japão porque as principais sedes das Indústrias Rajaram ficavam lá. O Sr. Kadam fizera planos para que, após a sua morte, seus negócios fossem herdados pelo jovem neto, Dhiren Rajaram, com Nilima ficando como diretora interina até que ele terminasse a faculdade. Nosso casamento era a ocasião perfeita para apresentar Ren como o novo presidente da empresa e, em um ambiente social, conhecer aqueles que ajudavam a administrar os negócios.

Ren marcou a data do casamento para 7 de agosto. Faltavam apenas seis semanas, mas ele tinha uma explicação romântica:

– É quando as estrelas se alinham este ano.

– Você está falando do Festival das Estrelas?

Ele acariciou meu cabelo e assentiu.

– O Rei do Céu deve ter ouvido meu desejo ano passado.

– Qual deles? – provoquei. – Você pendurou centenas de desejos naquela árvore.

Inclinando-se em minha direção, ele segurou meu rosto.

– Todos eles – disse baixinho.

Depois de um beijo muito profundo, comentei:

– Se não conseguirmos providenciar tudo a tempo, o que acha de fugirmos?

Rindo, ele me abraçou apertado, e nesse momento Nilima entrou intempestivamente, os braços carregados de caixas. Ren sussurrou no meu ouvido:

– Não me tente.

Minha família adotiva voou para o Japão uma semana antes do casamento, e nós tanto celebramos nossa felicidade quanto lamentamos nossas perdas juntos. Dissemos a eles que o Sr. Kadam e Kishan haviam morrido em um acidente aéreo sobre as ilhas Andaman alguns meses antes. Sarah chorou comigo e expressou uma grande tristeza, especialmente por causa de Kishan, cuja vida mal havia começado. Balancei a cabeça, sentindo no meu coração a pontada amarga que sempre sentia

quando pensava no príncipe de olhos dourados.

Ren pegou minha mão quando terminei a história, e Sarah enxugou os olhos e sorriu para ele. Meu anel reluzente de diamante e safira cintilou à luz, chamando a atenção dela. Sarah quase engasgou diante de sua beleza. Exagerando ligeiramente, Ren criou uma história sobre tê-lo adquirido de um negociante particular, e ri enquanto ele descrevia em grande detalhe a forma e o caráter humanos do dragão dourado Jīnsèlóng.

Nervosa, girei o anel e esfreguei o ponto em que o rubi em forma de lótus de Kishan costumava ficar. Na noite anterior, Ren havia me pedido o anel de Kishan, e eu lhe entregara com relutância.

Sabendo o que eu estava pensando, Ren beijou meus dedos e deu uma piscada enquanto respondia tranquilamente as perguntas de Sarah e de Mike.

O dia 7 de agosto chegou rapidamente, e no fim daquela tarde eu me vi de pé diante de um espelho de corpo inteiro. Uma linda mulher me olhava de volta. Meus olhos castanhos cintilavam, e eu poderia ter jurado que meus pés cobertos pelos sapatos bordados com pedrarias não estavam tocando o chão.

Nilima havia feito um trabalho incrível ao escolher meu vestido de casamento. O corpete justo e bordado com contas marcava minha cintura e era um contraste perfeito para a dramática e volumosa saia de vestido de baile. Deslizei as mãos sobre o cetim cor de marfim e o forro de renda elaborada que se revelava. As bordas do decote coração e da fenda do vestido eram debruadas com rosas de seda champanhe caindo em cascatas, e apliques florais derramavam-se dos ombros para as manguinhas japonesas. Era a coisa mais linda que eu já tinha visto.

Nilima ajeitou a cauda do vestido e me ajudou a colocar nos cabelos pentes enfeitados com pérolas cor de creme e diamantes cor de champanhe. Em seguida, coloquei um par de brincos pendentes combinando, seguido pelo que Nilima chamava de tradicional pulseira escrava indiana. Uma corrente de minúsculas pérolas ligava a pesada pulseira com pedras preciosas ao anel.

Eu a havia convencido de que não precisava da *maangtika*, a joia presa no cabelo que se assenta no meio da testa. Ren e eu havíamos decidido que eu não faria a tradicional tatuagem de hena da noiva porque isso nos lembraria demais da tatuagem de Phet.

Nervosa, dei meia-volta e perguntei a Sarah:

– O que você acha?

Ela levou a mão à boca e deu um sorriso largo. Agitando as mãos sobre os olhos para não chorar, Sarah disse:

– Acho que ela está parecendo uma princesa.

– Muito apropriado então – disse Nilima.

Segurei a mão dela e olhei para os vestidos drapeados de cetim dourado de Nilima e Sarah.

– Vocês estão lindas também.

Uma leve batida na porta anunciou a chegada de Mike, que entrou na sala e me ofereceu o braço. Nilima me entregou o buquê. Era um arranjo deslumbrante de rosas cor de creme e de champanhe, gardênias, ramos de jasmim branco e lírios-de-tigre perolados com pequenas estrias pretas que me faziam lembrar a forma felina de Ren. O perfume era celestial. Sarah me soprou um beijo quando

ela e Nilima saíram para tomar seus lugares.

Mike estava bonito em seu traje de pai da noiva, mas ficava puxando um pouco a gola alta de sua túnica *sherwani*. Dando tapinhas em seu ombro, dirigi-lhe um sorriso e disse:

– Fique feliz por não estar usando 200 quilos de tecido, como eu.

Com um sorriso envergonhado, ele parou de se remexer e me envolveu num abraço.

– Obrigado por me convidar para o lugar de seu pai.

Senti a emoção crescer por trás dos meus olhos e pisquei rapidamente. Eu tinha rímel demais nos cílios para sequer pensar em chorar.

– Você tem sido um ótimo pai – repliquei.

Sem mais demora, saímos para o calçamento de pedras lisas do Templo Futami Okitama Jinja e demos início à longa caminhada até o portão do espírito com vista para o oceano. Eu esperava que em algum lugar meus pais pudessem assistir ao meu casamento com o homem que eu amava.

Também pensei em meu outro pai, o Sr. Kadam. Queria que ele estivesse ali comigo. Ele teria ficado muito orgulhoso de me levar pelo corredor e me entregar a Ren. Enquanto Mike caminhava sério ao meu lado, eu tinha certeza de que podia sentir a presença do Sr. Kadam e sua alegria por nós.

O pôr do sol estava lindo. O céu estivera coberto de nuvens por quase todo o dia, mas agora a luz incidia na água, fazendo o oceano azul-escuro brilhar como uma safira cintilante.

Quando dobramos uma esquina, vi o pequeno grupo reunido à frente: minha família; Nilima, que era minha dama de honra; Sunil, que era o padrinho de casamento de Ren e cujos olhos estavam fixos em Nilima; minha antiga parceira de *wushu*, Jennifer, que viera de surpresa e já estava chorando; e um punhado de funcionários cuidadosamente selecionados das Indústrias Rajaram. Eu lamentara muito saber que Murphy havia falecido durante os seis meses em que ficáramos fora.

Eu enviara convites para Li e Wes, e ambos tinham me mandado cartões de felicitações. Li ainda queria uma revanche com Ren quando voltássemos ao Oregon e estava namorando aqui e ali, mas ainda não encontrara ninguém que curtisse a noite do jogo.

Wes contara que finalmente havia conversado com a ex-namorada, que o perdoou por deixá-la. Ela estava casada e feliz, e a mãe dele começara a arranjar encontros às escuras para ele com todas as garotas “bom partido” do Texas.

Li e Wes eram bons rapazes, mas não faziam meu coração bater descontrolado como o homem à minha espera no fim do corredor. Tambores japoneses soaram ritmicamente enquanto eu seguia para o homem com quem iria me casar.

Naquele momento, Ren virou a cabeça em minha direção, e preendi a respiração. Ele estava lindíssimo com a tradicional túnica *sherwani* de seda cor de creme e os sapatos *mojari* bordados com pedrarias. O cabelo cacheava na nuca e caía sedutoramente sobre um dos olhos. Quando eu me aproximava, ele o jogou para trás, afastando-o do rosto, e estendeu as mãos. Os olhos azul-cobalto fixaram-se nos meus, e ele me dirigiu aquele seu sorriso torto especial. Então foi como se todos desaparecessem, e tive a sensação de estar em um sonho.

Meus dedos apertaram o buquê enquanto eu me maravilhava com o fato de que aquele príncipe indiano espetacular, nascido séculos antes, seria o meu marido. O universo me dera um presente

incrível, mais precioso que o poder do fogo ou o Lenço Divino. Eu ganhara esse homem extraordinário para amar.

Entreguei o buquê a Nilima, deslizei as mãos para as de Ren e levantei os olhos para os dele, os dois parados sob o portão do espírito do templo. Um sacerdote xintó magro e careca encontrava-se de pé numa caixa de madeira simples perto de nós. Ele estava sorrindo e me fez lembrar Phet.

Enquanto esperávamos que começasse, Ren sorriu e eu deixei escapar um suspiro de nervosismo. A brisa do oceano brincava com o tecido do meu vestido, que se movia suavemente, mas naquele momento nenhum poder, natural ou não, iria desviar nossa atenção um do outro. As mãos dele estavam quentes, e eu sentia um leve zumbido de energia circulando entre nós.

Agora eu sabia que nossa conexão sempre fora cósmica. Ren e eu estávamos destinados a ficar juntos. Seu destino sempre fora ser meu, e o meu, ser dele. Embora já não desempenhássemos os papéis da deusa e seu tigre, nosso elo permanecia. Eu não podia ler os pensamentos de Ren, mas podia sentir suas emoções – uma pontada de nervosismo, tristeza com a perda do irmão e, mais do que qualquer outra coisa, seu amor avassalador por mim e o desejo de me fazer feliz.

O sacerdote perguntou:

– Quem é responsável por esta mulher e hoje a dá em casamento?

Mike deu um passo à frente.

– Sou eu.

– O senhor aceita este jovem e acredita que ele será um marido adequado para ela?

– Ele me prometeu que irá cuidar dela como nós fazemos.

Mike e o sacerdote se cumprimentaram com uma mesura e então Mike se afastou.

O sacerdote começou a nos falar sobre seu templo e as duas rochas que se projetavam do oceano atrás dele. Uma das rochas era bem maior que a outra, e elas estavam conectadas entre si por uma espécie de corda.

– Estas pedras se chamam *Meoto Iwa*, as rochas casadas. Em sua língua, são *Amor* e *Aquela que Ele Ama*. A pedra maior é o marido da menor. Ele a toma como esposa. Elas estão unidas por uma *shimenawa*, uma corda trançada. Esta corda precisa ser fortalecida muitas vezes no ano.

Ele olhou para mim e depois para Ren, e então continuou:

– Como estão entrando no casamento, vocês também precisam fortalecer seu elo com o outro. Quando a maré está baixa, as rochas não ficam separadas. Mas, quando as ondas sobem, somente a corda as une. Se os problemas se abaterem sobre vocês, mantenham-se firmes como estas rochas e agarrem-se um ao outro por meio do elo que estão estabelecendo neste dia.

Então foi a vez dos nossos votos. Ouvi alguém fungando ali perto, e dava para saber claramente que era Jennifer, mas eu a ignorei, torcendo para conseguir me lembrar de tudo o que eu queria falar para Ren.

– Shakespeare disse que as jornadas terminam no encontro dos amantes – comecei. – Uma vez você me perguntou se nossa história era uma comédia ou uma tragédia. Tivemos nossa cota de tragédias, e há alguns lugares vazios aqui hoje, mas meu coração não está vazio. Meu coração transborda. Ele está aquecido pela sua bondade, por sua paciência e principalmente por todo o seu amor. Você tem sido um companheiro fiel, um amigo solidário e um pretendente persistente – ele

ergueu uma sobancelha e eu sorri –, e tem sido meu anjo guerreiro. Seu amor me salvou mais vezes do que posso enumerar. Espero, com o tempo, poder retribuir o favor.

Tomei fôlego e prossegui:

– Sei que cada dia que passo com você é um presente, um presente do qual prometo cuidar. Juro ser sempre sua. Meu lugar é ao seu lado e de hoje em diante pertenço a você. Se o universo tivesse me permitido dar forma ao homem dos meus sonhos, eu teria criado você.

Quando terminei, Ren apertou minhas mãos e sorriu suavemente.

– É a minha vez? – perguntou ele ao sacerdote.

– Sim, meu jovem, pode falar agora.

Em sua voz calorosa, Ren começou seus votos:

– Meu mundo era escuro e desolado quando você surgiu na minha vida, e, naquela ocasião, você me ofereceu o que pensei que fosse o mais precioso dos presentes: a esperança. Mas não demorou muito para que eu percebesse que precisava ainda mais de você. Então pedi que me amasse. Não se passou um só momento nos últimos dois anos em que eu não estivesse dominado por meus sentimentos por você.

Ele estendeu a mão e tocou meu rosto, acariciando-o com o polegar.

– Você é tudo para mim, Kelsey Hayes. Cada momento com você brilha mais que o anterior.

Ouvi o silvo do oceano no momento em que o sol começou a mergulhar abaixo do horizonte. Os raios cálidos do sol se pondo tocaram o lindo rosto de Ren quando ele selou suavemente seus votos com um poema.

EU PROMETO

*Prometo me manter fiel a teu lado.
Juro superar falhas; meu caráter aperfeiçoar.
Comprometo-me a merecer-te.*

*Declaro que tu és o meu sonho, meu desejo mais ardente.
Ofereço minha riqueza passada e promessas futuras.
Juro merecer tua confiança.*

*Empenho o fogo de minh'alma e a força de meu corpo.
Professo que estou para sempre ligado ao teu coração.
Proclamo que sou teu.*

– Meu coração não está mais enjaulado, *iadala*, pois você me libertou. Percorri uma estrada longa e solitária até encontrar você e quero que saiba que eu passaria por tudo de novo uma dezena de vezes desde que soubesse que você estaria à minha espera no fim.

Meus olhos se encheram de lágrimas, e Ren recolheu uma quando ela caía de um cílio. Seu sorriso afetuoso me encheu de felicidade. Eu não pensei que a cerimônia de nosso casamento pudesse ser

mais perfeita. E então Ren abriu uma caixa de joias.

Dois fios de minúsculas contas se enroscavam em ouro e azul. Pequenas flores de diamantes e safiras corriam ao longo da corrente e do centro pendia um lótus de diamantes com o miolo de rubi. Apertei os dedos trêmulos sobre os lábios ao reconhecer o anel de Kishan retrabalhado em um novo formato.

Ren me fez virar e então seus dedos quentes roçaram meu pescoço enquanto ele prendia o fecho e explicava:

– Este colar é chamado de *Mangalsutra*. A tradição de um noivo dar esse símbolo à noiva no dia do casamento remonta a vários séculos. Antigamente, era um simples bracelete que indicava a invasores que aquela mulher pertencia a outro e estava, portanto, sob a proteção de um homem. Mais tarde, o colar se tornou o sinal de que um homem e uma mulher estavam comprometidos, à semelhança de um anel de noivado. É o sinal de um vínculo inseparável entre um homem e sua mulher.

Eu me virei para ele, e, enquanto tocava as contas nas extremidades, ele falou baixinho:

– Olhos-de-tigre azuis e dourados para lembrar o que se encontrou. – Seu dedo desceu até o rubi no lótus ao centro. – Um lótus de diamante e rubi vermelho para lembrar o que se perdeu. – Ele deslizou dois dedos pela extensão da corrente sobre as dezenas de minúsculas flores azuis. – E flores de safira que simbolizam o que será.

Ren tomou minhas mãos e deu um passo em minha direção.

– Hoje eu dou este símbolo precioso à pessoa mais preciosa para mim, como sinal de minha devoção e de meu amor. Você é minha *mere jaan*, minha vida, Kelsey Hayes.

Algumas lágrimas finas escorreram pelo meu rosto, mas Ren enxugou-as delicadamente, seu toque leve como a brisa. Então ele fez um gesto com a cabeça para o sacerdote, que disse:

– Como esses dois jovens juraram suas vidas e amor um pelo outro, com todos vocês como testemunhas, oficializaremos agora sua união.

Ele entoou uma canção, acompanhado pelos tambores e flautas até que a música parou abruptamente. Com um sorriso de dentes separados, ele ergueu os olhos para nós e disse:

– Este portão tori representa uma travessia do plano terreno para o espiritual. Quando tomar a mão de sua noiva e passar para o outro lado, estarão começando uma nova vida juntos. Antes, vocês eram dois e agora serão um, para sempre conectados por um elo indissolúvel.

Confiante, Ren segurou minhas mãos.

– Está pronta?

Inclinei-me para ele com um sorriso e sussurrei:

– O que você faria se eu dissesse não?

Ele abaixou a cabeça, aproximando-a de meu ouvido.

– Tenho um remédio pronto para o caso de você se mostrar uma noiva relutante.

Com um brilho divertido nos olhos, ele rapidamente se inclinou e, antes que eu pudesse murmurar qualquer protesto, me tomou nos braços, com o vestido de 200 quilos e tudo.

Rindo, afastei o cabelo da frente dos olhos dele e envolvi-lhe o pescoço com os braços enquanto nossa plateia dava vivas.

– Posso beijá-la agora? – perguntou Ren.

– Acho bom, tigre – repliquei.

Com um beijo demorado, Ren transpôs o portão tori me carregando e girou comigo em um círculo acompanhado por entusiasmados músicos japoneses. Ele me colocou no chão e deslizou as mãos pelos meus braços. Estava prestes a sussurrar mais alguma coisa quando Sunil bateu em suas costas e todos nos cercaram com votos de felicidades.

Depois dos animados cumprimentos da família e dos amigos e de tirar algumas fotos antes que o sol se pusesse por completo, Nilima pôs-se a andar de um lado para outro, chamando todos para a recepção.

Ren me beijou intensamente até eu protestar:

– Você está estragando minha maquiagem.

Ele estreitou os olhos, brincalhão.

– Isso está me parecendo um desafio.

Levantei a volumosa saia e disparei na direção da limusine que nos esperava. Sobre o ombro, gritei:

– Vai ter que me pegar primeiro, tigre! Talvez fosse melhor você caçar macacos.

Gritei ao ouvir um rugido bem atrás de mim e ser de repente erguida no ar. Depois de me colocar na limusine, Ren encostou o rosto no meu.

– Captei o seu cheiro, Sra. Rajaram, e nunca mais vai escapar das minhas garras.

– Assim espero.

Ri quando Ren me arrebatou num beijo apaixonado que, apesar de meus protestos em relação ao cabelo e à maquiagem, não terminou até estarmos a meio caminho da recepção.

– Comecei com um tigre e terminei com um marido – declarei enquanto Ren me envolvia num abraço.

Ele beijou meu nariz.

– E eu comecei com nada e terminei com tudo. Eu amo você, Kelsey Hayes Rajaram.

Sorri, amando cada sílaba daquelas três palavrinhas.



Nova geração

Ren conduzia o McLaren conversível, um presente que o Sr. Kadam me dera de aniversário, ao longo da estrada ladeada por árvores e que levava à linda casa em South Salem, onde tínhamos morado tantos meses atrás. Ren havia mandado buscar o carro de navio e comprado uma significativa extensão de terras nas colinas arborizadas circundantes, com a intenção de construir uma casa naquela que ambos considerávamos a nossa montanha. Estávamos finalmente começando uma nova vida juntos e, de certa forma, voltando à nossa antiga vida no Oregon.

Saltando do carro na entrada da garagem, sorri, desfrutando o aroma de pinheiros e de chuva que eu tanto amava. Tinha acabado de apanhar uma bolsa do banco traseiro quando Ren a retirou do meu ombro e me pegou no colo.

– Você não ia me negar a oportunidade de entrar em casa carregando você, ia? – disse ele, me beijando docemente.

Acaricieei o cabelo em sua nuca e sorri.

– Apesar do que você pensa, não é meu hábito negar os seus pedidos.

Enquanto se dirigia à porta da frente de nossa casa, Ren foi listando todas as coisas que eu havia lhe negado desde que nos conhecemos, parando apenas quando coleí meus lábios aos dele.

– Gosto da maneira como você muda de assunto – murmurou ele, por fim. – Sinta-se à vontade para encerrar todas as nossas divergências dessa maneira.

Ri e enrosquei os braços em seu pescoço.

– Vou me lembrar disso. Sabe, você não precisa me levar no colo. Sua superforça agora se foi, e não quero ser a causa da dor nas costas do meu marido.

Ele estreitou os olhos, brincalhão.

– Não tem nada de errado com minhas costas, *hridaya patni*, e embora eu possa não ter mais a força de um tigre, ainda tenho a habilidade de agarrar as mulheres obstinadas que cruzam o meu caminho.

– Isso é uma ameaça ou uma promessa?

Ren destrancou a porta, entrou e a fechou com o pé. Então pôs-se a cumprir sua promessa. Protestei brevemente, dizendo que nossas malas ainda estavam do lado de fora, mas seus dedos já haviam desfeito minhas tranças e, depois de um minuto, eu já não estava nem aí para as malas.

Então nos separamos quando a campainha da porta soou. Lá fora, nos degraus da entrada, estava um carteiro com um pacote.

– Posso ajudá-lo? – perguntou Ren.

– Entrega para o senhor – disse o homem, passando o pacote às mãos de Ren.

Com um aceno da cabeça e um sorriso de despedida, Ren fechou a porta e rasgou o papel que envolvia o misterioso pacote. Ali dentro encontrava-se uma caixa de madeira pesada.

– O que é? – perguntei.

– Não sei – disse Ren enquanto abria o fecho com um clique.

Ele ergueu a tampa polida, revelando um pergaminho perfeitamente guardado em um estojo de vidro.

– É o Pergaminho da Sabedoria – sussurrei. – O mestre do oceano disse que não o devíamos ler até que o quinto sacrifício tivesse sido feito. Como ele chegou aqui?

– Não sei. Pensei que estivesse no cofre.

Peguei o pacote.

– Ren, não tem nenhuma etiqueta de envio.

Então nos entreolhamos e eu me levantei de um salto e corri até a porta da frente, escancarando-a. O carteiro descia lentamente a colina.

– Espere! – gritei.

Ren e eu saímos correndo, parando abruptamente quando o homem se deteve e se virou. O mensageiro sorriu. Então ele juntou as mãos e inclinou a cabeça. O ar em torno dele começou a espiralar, e seu chapéu desapareceu, deixando à mostra uma cabeça careca e uma coroa de cabelos grisalhos e crespos. Seu uniforme azul e as botas se transformaram em um traje de tecido rústico e sandálias.

Arquejei e dei um passo à frente.

– Phet? – perguntei, séria.

O homem sorriu. Uma lágrima escorreu pelo seu rosto, e a magia que girava em torno dele se intensificou, obscurecendo sua imagem.

– Phet! – exclamei.

Estendi a mão para ele, mas seu corpo foi desvanecendo até desaparecer por completo.

Mais uma vez, fiquei atordoada. Se aquele era Phet e ele viera até ali nos dar uma mensagem, eu queria muito saber o que era tão importante.

– Eu não imaginei isso, imaginei? Era Phet mesmo, não era? – perguntei, já voltando para a casa.

– Sim – confirmou Ren, indo atrás de mim.

Embora tenha parado no carro para pegar a colcha de minha avó e nossas malas, ele rapidamente me alcançou na porta da frente e ambos entramos apressados em casa, indo direto para o Pergaminho.

O tubo de vidro parecia ter sido criado em torno do documento ali dentro. Não havia como abri-lo.

– Vou ter que quebrá-lo – disse Ren. – Afaste-se um pouco.

Recuei uns dois passos quando ele apertou o cilindro. Ouviu-se um estalo e o tilintar de vidro quebrado, e então Ren tinha o Pergaminho na mão. Uma pesada insígnia de cera o selava.

Ren correu os dedos sobre a marca.

– É o selo da minha família... a casa de Rajaram... – disse ele, animado.

Com cuidado, Ren rompeu o selo e espalhou as páginas antigas na bancada da cozinha. As espessas folhas de pergaminho cobertas com a escrita sânscrita rapidamente começaram a amarelar nas bordas.

Alisei o papel para Ren enquanto ele corria a ponta do dedo de leve sobre as palavras.

– Kelsey, isto é uma carta de Kishan.

– O que diz? – perguntei, ansiosa.

Ren e Kelsey,

Deço desculpas por me corresponder de maneira tão extravagante, mas não podia correr o risco de vocês lerem isto antes de certos acontecimentos terem sido postos em ação, e eu queria dissipar quaisquer preocupações que vocês dois pudessem alimentar em relação à minha decisão de permanecer no passado.

Depois que vocês partiram, Anamika e eu passamos muitos anos servindo pessoas de diferentes países. Construímos uma casa no alto entre as nuvens, na encosta rochosa do monte Kailash, e usamos o poder dos presentes de Durga para fornecer alimento, roupa e cura pelo mundo inteiro.

Nossa casa era considerada solo sagrado para muitas religiões, e peregrinações eram feitas até o pé da montanha para venerar a deusa Durga. Os povos da Ásia prosperaram sob as mãos dela. Durga inspirou artistas, poetas, reforma política, religião e harmonia social.

Anamika e eu estabelecemos um vínculo de amizade e respeito que levou ao amor. Eu me orgulho de servir como seu companheiro, e fui abençoado por ela ter concordado em ser minha esposa. Levamos uma vida muito longa e feliz, e teria sido errado de minha parte deixá-los pensando que fiquei infeliz ou desapontado com a escolha que fiz. Demorei algum tempo para aprender a viver sem você, Kelsey, e admito que houve muitas ocasiões em que amaldiçoei minha decisão de ficar para trás, mas o destino cuidou bem de mim, e tenho uma família e uma vida que me enriqueceram e me tornaram um homem melhor.

Kelsey, uma parte do meu coração ainda pertence a você. Cuidei com carinho dela durante todos esses séculos. Você foi o anjo que me salvou de uma vida desperdiçada, e sua influência me impactou de formas que você nem imagina. O afeto, a bondade e o amor que ofereceu quando decidiu salvar dois tigres perdidos mudaram o curso da minha vida. Um final feliz foi prometido, e um final feliz foi entregue. Todos os dias meu coração se enche de gratidão por você.

Ren, perdoe-me o ciúme e a impetuosidade da minha juventude. Todo o bem que faço no mundo, qualquer progresso que eu tenha alcançado como homem, deve-se ao fato de eu poder ter olhado para meu irmão e seguido seu exemplo. Por mais insignificante que pareça o que vou dizer agora, acredite: você teria sido um rei excelente.

Se existe alguma coisa que lamento, é não poder atravessar os longos séculos com vocês. Sinto falta dos dois, mas sei que a vida de ambos será plena e rica, pois espiei o que está por vir. Perdoem minha interferência, mas era algo que eu precisava fazer. A pergunta que muitas vezes me atormentou foi respondida.

Ele é seu, irmão.

Que o amor de vocês continue a crescer e que encontrem alegria na vida que estão construindo juntos. Valorizem o tempo com a família, pois os dias passam muito rápido.

Talvez, em outro tempo e outro lugar, voltemos a nos encontrar.

— Kishan

Enxuguei as lágrimas dos olhos.

– O tempo inteiro era uma carta dele. Que pena que não a abrimos antes.

Ren cobriu minha mão com a dele.

– Se tivéssemos feito isso, o curso da vida de todos nós teria sido mudado. O destino se cumpriu da maneira como deveria ser.

Assenti, tomada pela emoção. Ren me abraçou e enterrei o rosto em seu peito, pensando no irmão que deixamos para trás.

– Ren? – murmurei de encontro à sua camisa. – O que Kishan quis dizer com “Ele é seu”?

Hesitando brevemente, Ren suspirou e depositou um beijo em meu cabelo.

– Quando Lokesh a levou do iate, Kishan e eu saímos à sua procura. Lembra-se?

Fiz que sim com a cabeça.

– Vocês estavam de moto.

– Isso. No caminho, quando íamos resgatá-la, Kishan me contou que tivera uma visão de você com um bebê.

– Foi a visão dele no Bosque dos Sonhos – expliquei.

– O que ele não lhe contou foi que mentiu para você sobre não ter visto os olhos do bebê. Na visão, seu filho tinha olhos dourados. Ele também a ouviu dizer o nome dele. Você o chamou de Anik Kishan Rajaram.

Ofeguei baixinho.

– Kishan... ele deve ter pensado que o bebê era dele.

– Pensou. Quando concordou em ficar para trás, acreditava que o bebê de olhos dourados nunca nasceria.

– Então a mensagem dele...

– A mensagem dele significa que o pai do bebê de olhos dourados, o homem que ele viu com você no Bosque dos Sonhos, sou eu. – Ren encostou a testa na minha. – Esse tempo todo acreditei que houvesse roubado o lugar dele de direito. Que o destino de Kishan era ficar com você, quando na verdade o bebê sempre foi meu. *Seu* destino sempre foi ser minha.

– Ele nunca me contou – sussurrei, triste. – Por que não contou?

Ren ergueu a cabeça.

– Ele queria que você escolhesse, Kelsey. Queria que a decisão fosse sua.

Após uma pausa, a dúvida encheu os olhos de Ren.

– Você se arrepende, Kelsey? De ter me escolhido?

Segurei seu rosto entre minhas mãos e o forcei a me olhar.

– Nunca. Alagan Dhiren Rajaram, jamais me arrependerei de ter escolhido você. Mas...

– Mas? – sussurrou ele.

– Mas todos os dias me arrependo de ter deixado Kishan para trás. Ele está sempre nos meus pensamentos.

– Nos meus também – confessou Ren. – Kishan se sacrificou para que eu pudesse ter o que sempre quis. Pelo menos agora sabemos que ele encontrou certa felicidade.

Ficamos abraçados por muito tempo, até que perguntei:

– E, por falar em felicidade, quanto tempo você acha que Sunil vai levar para conquistar Nilima?

Ren sorriu.

– Pode demorar um pouco.

– Ela é um tanto teimosa – comentei.

– Teimosia é uma característica da família.

Ren riu quando soquei seu braço, e seus olhos cintilaram com um brilho familiar. Com um grito, tentei me desvencilhar enquanto Ren pegava minha colcha e me enrolava com ela.

Ele me beijou profundamente e, comigo em seu colo, afundamos em nossa poltrona favorita.

– Você não pode escapar das minhas garras, Sra. Rajaram – disse ele bruscamente.

Pus os braços em seu pescoço e o puxei para mais perto de mim, os lábios quase colados aos meus.

– E nunca vou querer escapar – sussurrei, confiante em minha escolha.

Eu sabia agora que meu futuro sempre fora com Ren.

O destino me escolhera...

Para *ajudá-lo*...

Para *salvá-lo*...

Para *amá-lo*.

E eu passaria o resto da minha vida fazendo exatamente isso.

AGRADECIMENTOS

Concluir um livro dá uma sensação de euforia. Imagino que seja semelhante à emoção que se sente ao alcançar o topo de uma montanha ou de cruzar a linha de chegada de uma maratona – a completa exaustão encontra um profundo senso de satisfação. De vez em quando, ao fazer a retrospectiva de minha jornada literária, fico maravilhada com a distância a que cheguei e me pergunto como consegui isso.

Mas também me lembro de que não escalei essa montanha sozinha. Tive companheiros nessa maratona. Minha família sempre foi uma fonte de força. Meus irmãos e irmãs e seus cônjuges são incansáveis em seu apoio e estímulo.

Ao criar *O destino do tigre*, gostaria de agradecer especialmente a meu irmão caçula, Jared, por repassar pacientemente todas as minhas cenas de batalha. Ele encena cada uma delas, o que é muito importante para que saiam bem-feitas, e me faz rir quando a tensão toma conta da minha vida.

Também sou profundamente grata à sua mulher, Suki, que administra todos os meus sorteios de brindes e concursos. Ela está sempre disponível e tem muita paciência ao me ensinar como melhorar minhas habilidades na mídia social. Obrigada à minha irmã, Tonnie, por assumir o rolo compressor que é minha correspondência de fãs para que eu tenha mais tempo para escrever.

Mãe e Pai, vocês dois são o máximo. Neste último ano minha mãe pintou, colou, amarrou, costurou, deu brilho e coloriu mais coisas do que eu poderia usar ou doar. Ela é incrível e seus talentos sempre me deixam admirada. Meu pai organiza todas as minhas viagens particulares. Eu digo: “Pai, preciso de um hotel em Timbuktu”, e lá vai ele, correndo, providenciar.

Um obrigada especial a Alex Glass, meu agente que ajudou a tornar possível meu sonho de ser escritora, e a Raffi Kryszek, que fez da compra dos direitos de filmagem de meus livros um emocionante passeio de montanha-russa.

Na editora, Sterling, eu gostaria de agradecer a Judi Powers, Katie Connors, Meaghan Finnerty, Katrina Damkoehler, Mary Hern, Fred Pagan e especialmente à minha editora, Cindy Loh.

Fui negligente ao deixar de agradecer a Cliff Nielson, que cria minha capas brilhantes. Seu trabalho é incrível!

Sudha Seshadri tem sido uma guia e conselheira maravilhosa em tudo o que diz respeito à Índia. Ela está comigo desde o início da série, sempre disposta a emprestar sua mão de especialista quando preciso dela.

Também gostaria de expressar meu apreço pelos fãs. Vocês são todos maravilhosos! Vocês me enviam poemas, desenhos, presentes e mensagens especiais que me fazem ganhar o dia. Também tuítam, blogam, curtem, compartilham e me seguem por toda parte com muitos de vocês interagindo comigo diariamente. Vocês são uns amores e é um prazer encontrá-los on-line e nos

meus eventos. Envio energia positiva para vocês todos os dias e adoro suas camisetas customizadas. Seu apoio significa tudo para mim.

E, por fim, gostaria de agradecer meu marido, Brad, que vê o melhor e o pior de mim. Os tigres praticamente tomaram conta de sua vida, mas ele curte cada minuto. É maravilhoso ter um homem tão bom ao meu lado – alguém que me acompanha nesta jornada e me ajuda nos trechos mais árduos. Eu não poderia desejar companhia melhor.

CONHEÇA MAIS TÍTULOS DA
EDITORARQUEIRO



O NOME DO VENTO

Patrick Rothfuss

(série *A Crônica do Matador do Rei*, vol.1)

Ninguém sabe ao certo quem é o herói ou o vilão desse fascinante universo criado por Patrick Rothfuss. Na realidade, essas duas figuras se concentram em Kote, um homem enigmático que se esconde sob a identidade de proprietário da hospedaria Marco do Percurso.

Da infância numa trupe de artistas itinerantes, passando pelos anos vividos numa cidade hostil e pelo esforço para ingressar na escola de magia, *O nome do vento* acompanha a trajetória de Kote e as duas forças que movem sua vida: o desejo de aprender o mistério por trás da arte de nomear as coisas e a necessidade de reunir informações sobre o Chandriano – os lendários demônios que assassinaram sua família no passado.

Quando esses seres do mal reaparecem na cidade, um cronista suspeita de que o misterioso Kote seja o personagem principal de diversas histórias que rondam a região e decide aproximar-se dele para descobrir a verdade.

Pouco a pouco, a história de Kote vai sendo revelada, assim como sua multifacetada personalidade – notório mago, esmerado ladrão, amante viril, herói salvador, músico magistral, assassino infame.

Nessa provocante narrativa, o leitor é transportado para um mundo fantástico, repleto de mitos e seres fabulosos, heróis e vilões, ladrões e trovadores, amor e ódio, paixão e vingança.

Mais do que a trama bem construída e os personagens cativantes, o que torna *O nome do vento* uma obra tão especial – que levou Patrick Rothfuss ao topo da lista de mais vendidos do *The New York Times* – é sua capacidade de encantar leitores de todas as idades.



ÁGUA PARA ELEFANTES

Sara Gruen

Desde que perdeu a esposa, Jacob Jankowski vive numa casa de repouso, cercado por senhoras simpáticas, enfermeiras solícitas e fantasmas do passado. Durante 70 anos Jacob guardou um segredo: nunca falou a ninguém sobre o período de sua juventude em que trabalhou no circo. Até agora.

Aos 23 anos, Jacob era um estudante de veterinária, mas teve sua vida transformada após a morte de seus pais num acidente de carro. Órfão, sem dinheiro e sem ter para onde ir, ele deixa a faculdade antes de fazer as provas finais e, desesperado, acaba pulando em um trem em movimento, o Esquadrão Voador do circo Irmãos Benzini, o Maior Espetáculo da Terra.

Admitido para cuidar dos animais, Jacob sofrerá nas mãos de Tio Al, o empresário tirano do circo, e de August, o ora encantador, ora intratável chefe do setor dos animais.

É também sob as lonas que ele se apaixona duas vezes: primeiro por Marlena, a bela estrela do número dos cavalos e esposa de August; e depois por Rosie, a elefanta aparentemente estúpida que deveria ser a salvação do circo.

Água para elefantes é tão envolvente que seus personagens continuam vivos muito depois de termos virado a última página. Sara Gruen nos transporta a um mundo misterioso e encantador, construído com tamanha riqueza de detalhes que é quase possível respirar sua atmosfera.



COMO SE LIVRAR DE UM VAMPIRO APAIXONADO

Beth Fantaskey

Jessica Packwood levava uma vida tranquila no interior da Pensilvânia e esperava ansiosamente pelo início do último ano escolar. Seus planos eram se formar e conseguir uma bolsa de estudos para a faculdade, ganhar a olimpíada de matemática e namorar seu colega Jake Zinn.

Mas aí um novo aluno esquisitão (e muito gato) chamado Lucius Vladescu aparece do nada, dizendo que Jessica pertence à realeza vampírica e lhe foi prometida em casamento para selar a união entre os clãs mais poderosos dos vampiros. E de repente Jessica percebe que sua vida está prestes a virar de pernas para o ar.

Para completar, Lucius fica hospedado na casa dela e faz de tudo para conquistá-la e atrapalhar seu flerte com Jake. Com a desculpa de que está fazendo intercâmbio, ele gruda em Jessica na escola e humilha todos os outros alunos da aula de literatura. O romeno esnobe e perfeitinho tira a garota do sério, mas logo começa a se encantar pelo estilo de vida local e a rever seus conceitos.

Jessica, por sua vez, vivencia uma importante autodescoberta e sofre uma transformação física e psicológica, fazendo as pazes com o seu passado e chegando a uma encruzilhada: ela deve ignorar o pacto de casamento e tocar sua vida simples ao lado da família e do namoradinho do colégio ou se abrir para uma experiência surreal e se unir a Lucius por toda a eternidade?

Em seu livro de estreia, Beth Fantaskey mesclou humor, fantasia, romance e terror para criar uma história surpreendente. Repleto de tiradas sarcásticas, diálogos divertidos e personagens complexos, *Como se livrar de um vampiro apaixonado* apresenta uma nova forma de enxergar os mortos-vivos mais atraentes da literatura mundial.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA
EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim e Cilada, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter: @editoraarqueiro

EDITORA ARQUEIRO

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br